

UM LIVRO SETH

NUNCA ANTES PUBLICADO

AS SESSÕES INICIAIS

Livro 7 do Material Seth

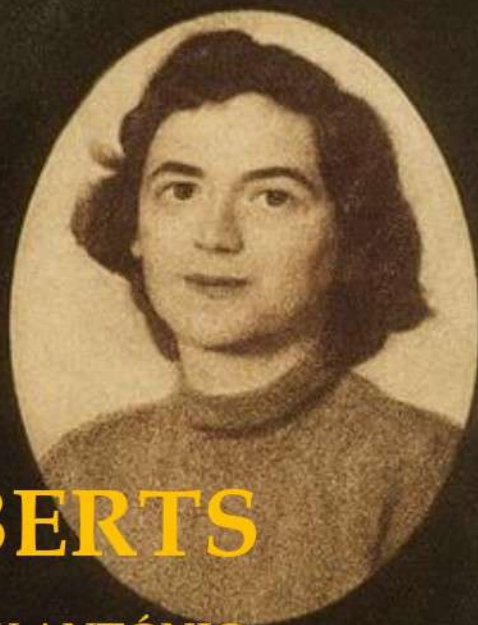
SESSÕES 281–333

29/08/66 - 10/04/67

Por

JANE ROBERTS

TRADUÇÃO: AMADEU ANTÓNIO



AS PRIMEIRAS SESSÕES
Livro 7 do Material de Seth
SESSÕES 281–333
29/08/1966–10/04/1967

© 1999 Robert Butts

© 2014 Laurel Davies Butts

Publicado por New Awareness Network Inc.

New Awareness Network Inc.

P.O. Box 192

Manhasset, New York 11030

As opiniões e declarações sobre questões de saúde e medicina expressas neste livro são as do autor e não são necessariamente as do editor nem por este endossadas. Essas opiniões e declarações não devem ser tomadas como substituto de consulta com um médico devidamente licenciado.

Design da capa: Michael Goode

Fotografia: fotos da capa de Rich Conz e Robert F. Butts, Sr.

Edição: Rick Stack

Tipografia: Raymond Todd, Joan Thomas, Michael Goode

Todos os direitos reservados. Este livro não pode ser reproduzido, no todo ou em parte, sem autorização por escrito do editor, exceto por um crítico que possa citar breves passagens numa recensão; nem qualquer parte deste livro pode ser reproduzida, armazenada num sistema de recuperação de informação ou transmitida por qualquer forma ou meio — eletrónico, mecânico, fotocópia, gravação ou outro — sem autorização por escrito do editor.

Catálogo na Publicação da Biblioteca do Congresso

Seth (Espírito)

As primeiras sessões: volume 7 do material de Seth / [canalizado] por Jane Roberts; notas de Robert F. Butts.

p. cm. — (*Um livro de Seth*)

1. Escritos espirituais. 2. Autoajuda — Miscelânea

I. Roberts, Jane, 1929–1984. II. Butts, Robert F. III. Título

IV. Série: Seth (Espírito), 1929–1984, livro de Seth.

Número de catálogo da Biblioteca do Congresso: 96-69349

EBook ISBN 978-0-9894058-2-9

ISBN do livro impresso 0-9652855-7-X

Impresso nos E.U.A. em papel sem ácido

SESSÃO 281
29 DE AGOSTO DE 1966

(O 68.º objeto de envelope era um poema que a Jane me escreveu na noite de 3 de julho de 1966. Foi escrito com uma caneta escura numa folha de papel amarelo, não perfurada, e do tamanho desta página. A folha foi dobrada conforme indicado acima, depois colocada entre as duas peças habituais de Bristol e inserida nos habituais envelopes duplos. O verso da folha estava em branco. Eu nada sabia sobre as circunstâncias em que a Jane escreveu o poema e esperava que os dados me pusessem a par. Detalhes no devido lugar.)

(A Jane começou a falar sentada e de olhos fechados. Depressa começou a abri-los. A voz estava normal, com algumas pausas.)

(Começar às 20:58.)

Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

(Pausa longa.) Ora bem. Ruburt enviou uma mensagem e ela foi recebida. Refiro-me à visita do teu amigo hoje.

A mente consciente nada teve a ver com isto. Ele desejou intensamente a presença do amigo. O desejo tornou-se realidade. Têm de compreender as regras que se aplicam. Porque elas aplicam-se quer as compreendam ou não, e quer o desejo seja ou não algo que vocês realmente queiram ver cumprido.

(Hoje ao meio-dia o nosso amigo Jim Beckett visitou-nos pela primeira vez em alguns meses. O Jim costumava ser técnico de TV. Ontem à noite o nosso televisor estava a portar-se mal, e a Jane desejou em voz alta que o Jim nos visitasse e arranjasse o aparelho, como tem feito no passado.)

(O Jim vive fora da cidade e agora é técnico itinerante de equipamento de escritório. Assistiu a algumas sessões, talvez há dois anos. Hoje disse-nos que, quando ia a conduzir e ficou a uns quatro quarteirões de nossa casa, sentiu um forte impulso para nos visitar.)

Tomemos, por exemplo, este sentimento subconsciente: “Quero ser consolado. Se eu estivesse doente, alguém teria pena de mim e consolava-me então.” Tal desejo raramente está num nível consciente, mas muitas vezes está carregado emocionalmente, e produz resultados imediatos devido à carga que transporta. Sempre que se apanharem em estados de autopiedade, então estão a cortejar justamente tais resultados.

Não há saída para isto, percebem. Simplesmente têm de reconhecer que a autopiedade, nos vossos termos, é altamente destrutiva. Qualquer sentimento emocional carregado será quase imediatamente tornado real. Ora, isto dá-vos uma vantagem, veem, se compreenderem os princípios. Quando desejares intensamente vender as tuas pinturas, meu amigo, fá-lo-ás. *(A Jane olha para mim, olhos muito abertos e escuros.)*

Se desejares apaixonadamente que outros as possuam e delas beneficiem, então vendê-las-ás, e por causa do teu desejo tomarás as medidas necessárias. Mas, independentemente dessas medidas, as pinturas vender-se-ão.

Quando desejas apaixonadamente retê-las, quando temes perder uma parte de ti ao delas abdicar, então é isto que vais transmitir aos outros, e são estes os dados com base nos quais agirão.

O pêndulo é um excelente método para descobrir os vossos sentimentos subconscientes e, de facto, para os alterar. Como ambos supõem, aliás, a música que puseram esta noite foi altamente benéfica sob vários pontos de vista. *(Yma Sumac.)* Qualquer ligação com períodos passados de produtividade ou alegria tem referência imediata ao presente. Assim como as sugestões negativas desempenham o seu papel, também as positivas o fazem, e ambas em termos de símbolos.

Estes símbolos positivos podem ser utilizados de forma bastante deliberada. Devem ser aproveitados em vosso benefício. Vocês fazem isto muitas vezes sem se darem conta, mas um conhecimento consciente ajudará.

Deem-nos um momento aqui... Estou à procura de uma ligação para ti, relativa ao passado. Uma reação negativa envolvendo o Dr. Martin. Alguma, para mim indistinta, ligação entre a jovem estranha aqui com os vossos amigos e a Emma Martin. Uma antiga associação desagradável. Estiveste desconfortável, eras uma criança. O Dr. Martin e a sua esposa visitaram os teus pais. Choraste, e ouviste claramente a Emma Martin dizer à tua mãe que não devia ir ter contigo, e então tu calar-te-ias.

Depois uma porta foi fechada. A rapariga lembrou-te, através de alguma associação, a Emma Martin daquela época.

(Isto foi muito interessante e uma surpresa para mim. Recentemente tenho usado a sugestão com algum sucesso contra a febre dos fenos, seguindo as ideias do Seth. Sexta-feira foi um bom dia. Tivemos visitas nessa noite — a Marilyn e o Don Wilbur, o irmão do Don e uma rapariga chamada Pat, que não conhecemos.)

(Mais tarde nessa noite a febre dos fenos pareceu levar a melhor sobre mim e tive um fim de semana fraco. Estava intrigado quanto à causa.

O pêndulo disse-me que reagi ao grupo de sexta-feira à noite. Contudo, nunca tinha reagido aos Wilbur antes, por isso continuava perplexo.)

(O Dr. e a Emma Martin são velhos amigos dos meus pais, e da sua idade — cerca de setenta e poucos, ou quase isso. Tenho, claro, memórias de infância deles. Mal o Seth mencionou, vi imediatamente uma semelhança nítida entre a Emma Martin, tal como fora, e a jovem Pat. O sorriso em ambas era muito parecido. Conscientemente eu não tinha feito tal ligação, porém, antes de o Seth o referir, mas tinha sentido algo de familiar na Pat na sexta-feira à noite.)

(A Jane, claro, não tem memórias da Emma Martin como jovem. Qualquer episódio como o descrito acima pelo Seth teria ocorrido provavelmente há mais de 40 anos. Eu tenho agora 47.)

Ora, tais associações têm uma realidade elétrica, percebem, construída no vosso sistema. A tomada de consciência destas causas cria uma força oposta que pode neutralizar a original. As palavras — “Pai, recuso aceitar a tua febre dos fenos para mim; embora em tempos a tenha tomado, agora lanço-a para fora de nós ambos” — estas palavras ajudarão. Neutralizarão as sugestões originais. Tais padrões — pois é isso que são — solta-os e deita-os fora, desagrega-os. A energia que lhes dava vitalidade pode então ser usada de novas maneiras.

Sugiro o vosso intervalo.

(Intervalo às 21:24. A Jane estava dissociada como de costume. Os olhos abriram-se muitas vezes. Retomou do mesmo modo às 21:34.)

Agora, caro amigo. Esta informação vai ajudar-te.

O teu pai usava a febre dos fenos como sintoma de impotência e como exigência da atenção que não recebia, mesmo então, da tua mãe. O padrão foi estabelecido mais cedo, na infância dele. Ele descartou os sintomas porque não lhe traziam o que queria. A tua mãe não queria aborrecimentos.

Ela não o consolava como a mãe dele fizera. Tu apanhaste a condição quando ele percebeu que já não lhe servia. Nessa altura aceitaste-a, porém, juntamente com a tua conceção do que era ser homem. Se tivesses um filho e não soubesses o que sabes, transferi-la-ias automaticamente.

Ora bem. Reconheces que a virilidade dificilmente é sinónimo de nariz a pingar. Reconheces a tua masculinidade. Estás demasiado consciente agora para te permitires demasiados privilégios em troca dos teus sintomas, e por isso podes dar-te ao luxo de os abandonar.

Não estás a ajudar o teu pai, pois os sintomas não lhe reverterão. O teu sistema simplesmente reorganizará o padrão de energia. Houve outro elemento. A tua mãe tratava-te como exclusivamente dela. Também

adotaste os sintomas como medida de proteção contra ela. Disseste, na prática: “Sou filho do meu pai, até a alguns dos seus defeitos.”

Quando compreenderes isto, de novo, acharás os sintomas pouco necessários. A tua mãe, basicamente, não partilhava (*sorriso*) o amor do teu pai pelo ar livre, e tu jogaste pelos dois lados. Pois os sintomas também te permitiam ficar em casa com ela em muitas ocasiões.

Toda esta informação ser-te-á de valor incalculável. A febre dos fenos do teu pai era também uma defesa contra o trabalho no campo, percebes.

Houve uma tarde... Não estou claro aqui... Deram-te óleo de fígado de bacalhau. Os sintomas começaram nesse dia. Não deves comer saladas em casa dos teus pais, que sejam temperadas com óleo, durante a estação.

A febre dos fenos era para o teu pai também uma defesa contra o mundo, pois permitia-lhe algum isolamento. Podes ter a privacidade necessária sem usares este sintoma para a obter. A tinta tem para ti, pessoalmente, uma associação simbólica, curativa, percebes, e a sua presença, de acordo com a minha recomendação, tem o efeito de um tónico de humor.

A respiração de ioga terá valor terapêutico quando precisares, mas o conhecimento obtido na sessão desta noite deverá ir longe no sentido de minimizar os sintomas. (*Sorriso.*) Deves evitar a cor vermelha na decoração durante a estação. Deves tomar medidas para tomar consciência da ligação com a tua mãe e o vermelho, para que o nosso amigo possa usar as suas cortinas vermelhas no Natal com imunidade.

Podem fazer um intervalo.

(Intervalo às 21:52. A Jane “fora” como de costume. O seu modo esteve muito ativo, muitas vezes sorridente e enfático, os olhos abertos grande parte do tempo, etc. Tive um ataque de espirros no intervalo, provavelmente devido ao conteúdo emocional do material acima.)

(É quarta-feira à noite enquanto dactilografo isto. Desde a sessão de segunda-feira à noite, não tomei nenhum dos comprimidos habituais para a febre dos fenos e tenho estado, no geral, em muito melhor condição do que poderia esperar. O alívio é grande.)

(A Jane disse que não sabia que eu tinha tomado óleo de fígado de bacalhau em criança. Lembro-me disso e de desgostar intensamente. Os meus pais disseram-me muitas vezes que manifestei sintomas de febre dos fenos por volta dos 3 anos, portanto, evidentemente, o primeiro episódio com o óleo foi anterior a isso, e anterior à minha memória consciente. A Jane insistiu que eu não lhe tinha mencionado óleo de fígado de bacalhau, embora eu tivesse falado de óleo de rícino.)

(A Jane retomou a um ritmo mais lento, olhos fechados, às 22:02.)

Um episódio aos quinze anos serviu para reforçar a dificuldade.

Vamos devagar aqui. Estavas em casa, na cave ou no andar de cima. Não estavas no piso principal da casa. O episódio envolveu o teu pai e tu.

Ele estava, ou parecia estar, a chorar, e tu viste-o. Um soluçar bastante silencioso que envolvia olhos e nariz a correr. Creio que foi à tarde, por volta das quatro. Acho que a tua mãe e o rapaz novo tinham saído—

(Bateram à nossa porta às 22:05. A Jane parou de falar e saiu facilmente do transe. Respondeu à porta e explicou que estávamos ocupados, e as visitas foram-se. Às 22:08 retomou o lugar e começou a falar de novo.)

Creio que um relógio esteve de algum modo envolvido. Ele perdeu-o, ou alguém o partiu. Pode ter sido o relógio do próprio pai dele. Talvez a tua mãe o tenha partido de raiva, mas não tenho a certeza disso.

A aparência dele então lembrou-te a aparência dele na estação da febre dos fenos, e reforçou os teus próprios sintomas até estes se tornarem um símbolo de virilidade, por serem os do teu pai, e também um símbolo de como um homem podia chorar. Já não precisas de tais sintomas.

(Não tenho memória consciente de tal episódio.)

Tens um envelope para mim?

(“Sim.”)

(Às 22:12 a Jane pegou no envelope duplo selado que lhe dei para a nossa 68.ª experiência. Segurou-o na testa, na horizontal, com a mão direita, de olhos fechados.)

Deem-nos um momento, por favor. *(Pausa.)*

Estribo. Não, algo agitado. Doze, ou um, dois.

Três pessoas envolvidas. Tenho a imagem de um objeto circular dentro de um retangular, ou antes uma forma oval como num retrato de uma mulher que é oval, por exemplo como nos antigos valentins.

Uma ligação com uma mulher e um cartão.

Algo fiado, como tecido ou material.

Uma ligação distante no passado, com uma reunião que foi formal, creio... não tenho a certeza aqui... Com dança *(gesto, olhos fechados)* como numa receção de casamento, talvez.

Por associação pessoal com a minha última observação, Ruburt é levado a pensar no próximo casamento D’Andreano.

Quatro mais um. Uma ligação com 3 de fevereiro, creio. Com uma rosa. Ligação com uma viagem, e convite. Com uma escova ou algo que se assemelhe a isso, com cerdas. 1821 ou 1812, talvez Milwaukee ou Wisconsin.

As palavras “Uma bela forma de mulher.”

Um quadrado amarelo. Preto e branco. Por favor, responda.

Tens algumas perguntas?

(“Podes dizer mais sobre o quadrado amarelo?”)

Tenho a imagem de um pequeno e asseado quadrado amarelo, numa posição inferior à direita. Também uma cor aguamarina.

(“Quem é a mulher referida no cartão e no retrato?”)

A mulher julgo ser-te estranha, ou pelo menos em contextos ou trajes diferentes. *(Abana a cabeça, perplexa.)*

(“Quem são as três pessoas envolvidas?”)

(Pausa.) Duas mulheres talvez e um homem. Uma das mulheres em segundo plano. Contudo, outros também estão envolvidos. 37 aqui e uma ligação a um magistrado.

(“O que é esse quatro mais um?”)

(Pausa.) Quatro mais uma vida. Vito.

Se não tiveres mais perguntas podes fazer o teu intervalo.

(“Penso que não.”)

E papel de seda.

(Intervalo às 22:27. A Jane “fora” como de costume, e os olhos mantiveram-se fechados. O ritmo tinha sido normal. As imagens serão mencionadas à medida que ocorreram.)

(Vê o decalque na página 1 e as notas que se seguem. Conforme dito, eu nada sabia das circunstâncias em que a Jane produziu o poema usado como objeto. Durante a apresentação dos dados, porém, esqueci-me disto e, como resultado, pareceu-me que os dados estavam fora de alvo. Eram bastante legítimos. Mas, na altura, quase pedi à Jane que tentasse de novo, e estava também um tanto sem saber que perguntas fazer. Se eu tivesse pedido à Jane que tentasse de novo, isso poderia ter levado a confusão.)

(Preocupava-me também que a interrupção viesse de algum modo a interferir com os dados e, após o intervalo, o Seth confirma que isso aconteceu até certo ponto.)

(O objeto é um poema escrito para mim pela Jane numa folha de papel amarelo, com uma caneta escura, e datado de 3 de julho de 1966. O verso do objeto está em branco. Eis um breve resumo das circunstâncias em que a Jane produziu o poema; será desenvolvido à medida que os dados se desdobrem.)

(Depois do jantar, na noite de 3 de julho de 1966, a Jane sentou-se no quintal. Ainda não estava escuro. Também no quintal estavam a rapariga que mora no apartamento das traseiras, no rés do chão, a Barbara, e o seu namorado fixo, o Dick. Ambos estão na casa dos trinta. Enquanto estavam sentados em cadeiras de relva, convidaram a Jane a tomar uma bebida

com eles. Isto surpreendeu a Jane, pois viu que o Dick estava zangado com a Barbara por ela o provocar com o casamento. Além disso, a Jane sentiu que o facto de a convidarem a partilhar uma bebida era um gesto e que, quando ela aceitou, o Dick não ficou contente com isso.)

(Isto, por sua vez, deixou a Jane zangada. A Barbara e o Dick foram para o apartamento da Barbara preparar uma bebida para a Jane. Enquanto estavam lá dentro, a Jane escreveu o poema para mim que foi usado como objeto desta noite.)

(Eu próprio estivera melancólico nesse dia e acabei por me deitar para uma sesta — daí o tema do poema da Jane. A Jane perguntava-se porque é que o casal a convidara a partilhar uma bebida se não o sentiam. O Dick, em especial, pareceu dar esta sensação à Jane. Nota que grande parte dos dados diz respeito às três pessoas envolvidas na envolvente psíquica do poema no momento da criação; e que, de facto, este sentimento por parte da Jane sobrepõe-se, na maioria dos casos desta noite, aos dados que dizem respeito diretamente ao objeto em si. Mas a percepção da Jane sobre o objeto foi necessária para ela conseguir dar os dados referentes à Barbara e ao Dick, e aos seus próprios sentimentos.)

(O Seth ajuda um pouco depois do intervalo, mas entretanto fizemos as nossas próprias ligações o melhor que pudemos.)

(“Estribo. Não, algo agitado.” A bebida que o namorado da Barbara, o Dick, deu à Jane, no episódio acabado de descrever no quintal a 3 de julho de 1966, era uma bebida mexida, um Wink com gin. Esta bebida é a que é referida na quarta linha do poema usado como objeto.)

(Além disso, disse a Jane, o termo agitado pode referir-se ao Dick, que estava zangado ou “agitado”, e ao facto de ter sido o Dick a mexer a bebida.)

(“Doze, ou um, dois.” A Jane disse que esta foi a maneira do Seth a conduzir, contando, para os dados seguintes, referindo-se a três pessoas.)

(“Três pessoas envolvidas.” Conforme explicado, três pessoas estiveram envolvidas no episódio do quintal durante o qual a Jane escreveu o poema usado como objeto: a Jane, a Barbara e o Dick.)

(“Tenho a imagem de um objeto circular dentro de um retangular, ou antes uma forma oval como num retrato de uma mulher que é oval, por exemplo como nos antigos valentins.” Para a Jane isto refere-se ao facto de a Barbara ser artista amadora. A Jane não sabe, contudo, se a Barbara alguma vez pintou, por exemplo, tal retrato. A Jane desejou ter permitido ao Seth ser mais específico aqui. Nota posterior do Rob: O poema é um valentim, de certa forma; poema de amor.)

(“Uma ligação com uma mulher e um cartão.” Acharmos que isto é mais dos dados imediatamente acima, uma tentativa de chegar à Barbara a pintar quadros.)

(“Algo fiado, como tecido ou material.” A Jane está subjetivamente certa de que isto é uma excelente referência à Barbara e à sua aptidão para costura. A Barbara cose bastante, e a Jane viu gavetas com vários tipos de materiais que a Barbara comprou em saldos, guardando-os para qualquer uso que o futuro trouxesse. Nota posterior do Rob: Incluindo lençóis. Lençóis e meio despidos são mencionados no poema.)

(“Uma ligação distante no passado, com uma reunião que foi formal, creio... não certo aqui... com dança como numa recepção de casamento talvez. Por associação pessoal com a minha última observação, o Ruburt é levado a pensar no próximo casamento D’Andreano.” Como foi dito, a Jane ficou bastante embaraçada com a provocação que o Dick levou da Barbara sobre o casamento na noite de 3 de julho, e com a óbvia zanga do Dick. A conversa sobre casamento aqui liga-se, assim, a um casamento a que a Jane e eu assistimos talvez há nove anos em Rochester, NY — o do meu irmão Dick e da Ida D’Andreano. Foi uma ocasião formal para a qual a Jane e eu nos trajámos formalmente e, no prolongado copo-de-água que se seguiu, houve muita dança, etc.)

(Além disso, no último mês recebemos o anúncio do casamento iminente de outro D’Andreano, o Louie, também em Rochester. Fomos convidados. O Louie assistiu a uma sessão há um par de anos e interessou-se por este material durante algum tempo. Acharmos que este novo casamento refresca a associação D’Andreano. Acharmos também que há outra associação envolvendo estes dados — o facto de estarem envolvidos dois Dicks — o Dick do quintal, e o meu próprio irmão Dick, em Rochester.)

(“Quatro mais um.” Não conseguimos fazer ligações certas, nem a resposta do Seth à quarta pergunta ajudou muito.)

(“Uma ligação com 3 de fevereiro, creio.” Não sabemos. O poema usado como objeto de envelope foi escrito a 3 de julho. Se os dados de 3 de fevereiro se ligam ao que vem imediatamente a seguir, não sabemos como.)

(“Com uma rosa.” A Jane acha que isto é uma ligação legítima, mas algo distante. A Barbara, que pinta, pintou um quadro de um violino que me queria mostrar. Eu também pintei um quadro de um violino. Foi feito talvez há vinte anos e está pendurado em casa dos meus pais. A minha pintura inclui algumas rosas de cera.)

(“Ligação com uma viagem e convite.” A Jane acredita que isto se aplica da seguinte forma: o namorado da Barbara, o Dick, mora talvez a

25 milhas de distância e, assim, teve de viajar para a ver na noite em que as três pessoas estavam agrupadas no quintal, quando a Jane produziu o poema usado como objeto. Convite pode aplicar-se através da conversa da Barbara sobre casamento com o Dick. Aplica-se também através de a Barbara me ter chamado para me juntar ao trio; ela pensou que eu estava no estúdio. Eu, em vez disso, começara a fazer uma sesta e não ouvi.)

(Outro convite aplica-se através do convite de casamento para o mais recente casamento D'Andreano, recentemente recebido por mim e pela Jane. Aceitá-lo envolveria também a nossa deslocação a Rochester.)

(“Com um pincel ou algo que se assemelhe, com cerdas.” Tanto a Barbara como eu usamos pincéis de cerdas na nossa pintura. De forma oblíqua, isto também conduz aos dados seguintes.)

(“1821 ou 1812, talvez Milwaukee ou Wisconsin.” Como o Seth nos diz depois do intervalo, esta é uma ligação fraca que se refere à sala vitoriana na Arnot Art Gallery onde a Jane trabalhou há um par de anos — e é, portanto, outra referência ao facto de a Barbara e eu sermos artistas. Não vimos ligação para Milwaukee ou Wisconsin.)

(“As palavras ‘Uma bela forma de mulher’.” A Jane diz que isto é uma referência suficientemente clara a uma observação que o Dick fez quando o grupo dos três estava sentado no quintal com as suas bebidas, na noite em que a Jane escreveu o poema usado como objeto. A Barbara perguntou ao Dick porque razão não haveria de casar. O Dick respondeu que não havia razão para isso, já que estava agora sentado com “duas belas mulheres”, ambas bonitas; ou palavras nesse sentido.)

(“Um quadrado amarelo.” O poema para mim foi escrito pela Jane numa folha de papel amarelo de datilografia do tamanho desta página, e dobrado como indicado no decalque da página 1. A Jane teve a imagem de um pequeno quadrado amarelo. O objeto, de facto, foi dobrado numa forma retangular.)

(Nota que a maior parte dos dados desta noite provém das fortes cargas emocionais em torno do encontro da Barbara, do Dick e da Jane no quintal, durante o tempo em que a Jane escreveu para mim o poema usado como objeto. Eu escolhera o poema como objeto na franca esperança de que tivesse forte atração emocional para a Jane. Mas isso foi suplantado pelos acontecimentos e sentimentos gerados no encontro das três pessoas.)

(“Preto e branco. Por favor, responda.” Esta é outra referência ao próximo casamento do Louie D'Andreano, para o qual a Jane e eu fomos convidados. O anúncio foi impresso a preto sobre branco, como é habitual. Pedia também que a Jane e eu respondêssemos por escrito sobre se tencionávamos comparecer.)

(Mais uma vez, os dados sobre o casamento D'Andreano, envolvendo o atual, relativo ao Louie, e o distante, relativo ao meu irmão Dick, são convocados pelas associações da Jane, por causa da conversa sobre casamento entre a Barbara e o Dick na noite de 3 de julho de 1966, quando a Jane escreveu o poema usado como objeto.)

(Conforme dito, eu tinha-me esquecido temporariamente de que nada sabia das circunstâncias em que a Jane produzira o poema usado como objeto, e por isso não tinha a certeza de que os dados do Seth se aplicassem de todo. Isto deixou-me a perguntar que questões colocar. Decidi prosseguir como de costume.)

(Primeira pergunta: Podes dizer mais sobre o quadrado amarelo? “Tenho a imagem de um pequeno e asseado quadrado amarelo, numa posição inferior à direita.” Nessa altura a Jane já tinha baixado o envelope da posição habitual contra a testa, e estava sentada com ele a pender por um dos cantos da mão direita; o braço direito estendido para a frente e para baixo sobre o braço da cadeira de baloiço. É possível que o objeto amarelo dentro do envelope selado tivesse assentado num canto. Mas era um objeto retangular e não quadrado.)

(“Também uma cor aguamarina.” Não sabemos. A Jane escreveu o poema com uma caneta de cor escura; a tinta é na realidade de um azul acinzentado, mas dificilmente aguamarina.)

(Segunda pergunta: Quem é a mulher referida no cartão e no retrato? “A mulher julgo ser-te estranha, ou pelo menos em contextos ou trajas diferentes.” A Jane ficou perplexa aqui. No intervalo disse que estes dados foram uma tentativa do Seth para a desviar da família D'Andreano, cujos membros conhecemos relativamente bem, de volta para a Barbara, a recém-chegada ao nosso prédio de apartamentos, que nos é relativamente estranha.)

(Terceira pergunta: Quem são as três pessoas envolvidas? “Duas mulheres talvez e um homem. Uma das mulheres em segundo plano.” Como indicado na página 6, três pessoas, duas mulheres e um homem, estiveram envolvidas nas circunstâncias que rodearam a criação do poema usado como objeto, na noite de 3 de julho de 1966: a Jane, a Barbara e o Dick. Neste contexto, pareceria que a Barbara seria a mulher em segundo plano, já que o objeto do envelope era um item da Jane. Outras interpretações poderiam, no entanto, inverter esta ordem. Poderíamos desejar que os dados fossem mais claros.)

(“Contudo, outros também estão envolvidos.” A Jane disse que isto era uma referência a mim, deitado a dormir no andar de cima. Ela escreveu para mim o poema usado como objeto. Em termos físicos eu

estava bastante perto do grupo enquanto dormia. Eles estavam sentados a não mais de 30 pés; o nosso quarto ficava nas traseiras do nosso apartamento, no segundo andar.)

(“37 aqui e uma ligação a um magistrado.” A própria Jane tem 37 anos, e o namorado da Barbara, o Dick, tem também essa idade ou muito próxima. A ligação ao magistrado surge da conversa sobre casamento que foi uma característica do ajuntamento do grupo na noite de 3 de julho.)

(4.ª pergunta: O que é esse quatro mais um? “Quatro mais uma vida. Vito.” Isto é enigmático para nós, embora a ligação a Vito seja clara. O Vito é um dos filhos da família D’Andreano e casou há um par de anos. Assim, aqui a Jane regressou à ideia do casamento por via da família D’Andreano.)

(“E papel de seda.” Outra ligação à família D’Andreano. O anúncio de casamento e o convite que recebemos acerca do próximo casamento do Louie D’Andreano continham as habituais folhas intercaladas de papel de seda.)

(A Jane retomou, de olhos fechados e a usar óculos, às 22:56.)

Vamos encerrar a nossa sessão.

A interrupção de facto causou má receção para os dados do envelope. Nas circunstâncias, porém, foi adequada.

1812 (*pausa*) foi, na melhor das hipóteses, uma ligação distante. O Ruburt e o homem (quer dizer, o namorado da Barbara, o Dick) falaram do Jamieson. (O diretor de arte da Arnot Art Gallery na altura em que a Jane lá trabalhou.) Esta foi uma associação fraca, a levar à sala vitoriana na galeria, percebem.

As minhas mais cordiais saudações a ambos. Esta sessão deverá ser de considerável benefício para ti, Joseph.

(“Sim.”)

Dedicaremos algum tempo no futuro ao Ruburt e às ligações com a saúde. Voltaremos sempre, porém, aos nossos dados, claro.

(“Boa noite, Seth.”)

(Fim às 23:01. A Jane estava dissociada como de costume.)

SESSÃO 282

APARIÇÕES

31 DE AGOSTO DE 1966

(A Jane não fazia ideia do que o Seth discutiria durante a sessão. Estava bastante cansada e com sono por volta das 21h. Começou a falar sentada, com os olhos fechados e num ritmo lento.)

Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Em todas as nossas sessões temos lidado com a mobilidade da consciência, com a sua natureza e extensão.

Nos sonhos, a consciência opera em certa medida de forma independente do sistema físico. Nas projeções, essa independência é mais pronunciada. Na morte física, claro, o elo de ligação entre consciência e matéria é rompido. É rompido e, no entanto, não inteiramente cortada.

Existe um período de que não falámos antes, em que a personalidade continua a pairar dentro do sistema físico, mas com certas liberdades que antes não possuía. Durante tais períodos, conforme já foi sugerido noutras ocasiões, a personalidade pode fundir, misturar ou alterar vários aspetos das suas existências anteriores, usando-os como tu, Joseph, usas as cores.

Sendo esse um sistema privado, a personalidade usa lições que aprendeu com a experiência imediatamente anterior. Se não foram aprendidas lições, então em algumas ocasiões poderá haver um reviver psíquico de experiências passadas para o indivíduo em questão. Isso normalmente não produzirá um retorno real a eventos físicos, mas uma reencenação dos mesmos. É possível, no entanto, que a energia utilizada atue como um despoletar que momentaneamente recria dados sensoriais sob certas condições.

Vários tipos de aparições podem ser explicados dessa forma. Contudo não há uma única explicação que sirva, pois existem muitos tipos de aparições. Todas são válidas em certa medida.

Em termos de projeções, por exemplo, podeis aparecer como uma aparição dentro do vosso próprio sistema ou noutro sistema. Podeis, por outro lado, encontrar-vos com aparições. Algumas podem ser ideias de grande importância, que encontrais em termos físicos. Essas podem pertencer ao passado, presente ou futuro, nos vossos termos.

Podeis encontrar aparições que são visitantes reais de outro sistema. Podem ou não saber que estão a ser percebidas. Bem no início das nossas sessões falei de construções primárias e secundárias. Podeis, claro está, formar projeções secundárias, ou fragmentos, e controlá-los de forma bastante consciente, como acontece em qualquer projeção deliberada. Os objetos de sonho são construções secundárias, mas muito válidas. Agora, eles têm muito mais do que uma realidade imaginativa, e possuem consciência, só que uma consciência fragmentária, que, no entanto, pode desenvolver-se ainda mais.

Tendes bastante consciência dessas construções, pois o eu interior mantém registo delas. Representais muitas possibilidades dentro da realidade dos sonhos, e dentro dos sonhos experimentais alternativas, que não necessariamente a curto prazo.

(Os olhos da Jane abriram-se, muito escuros, voltados para mim.)

Terias, por exemplo, dado um excelente médico. Nos vossos termos, exploraste essa possibilidade ao teceres, durante um período de três anos, uma estrutura de sonho em que aprendeste exatamente como teria sido a tua vida, se tivesses seguido medicina.

Mais uma vez, isso foi mais do que imaginação. No estado de sonho experimentaste literalmente uma vida futura que existia como uma possibilidade definida. Por outras palavras, examinaste uma probabilidade e escolheste outra.

O médico, percebes, existia em alguma dimensão, e continua a existir. Obviamente, havia limitações financeiras no que toca à educação. Subconscientemente, no entanto, inclinaste-te nessa direção de forma bastante considerável. É tudo difícil de explicar. Conheceste, por exemplo, pacientes. Algumas dessas pessoas conheces também na vida que escolheste.

Essa viagem por sistemas prováveis ocorre constantemente, com variações, no estado de sonho. O indivíduo escolhe então as probabilidades que deseja tornar reais em termos físicos.

Podes fazer uma pausa.

(Pausa às 21:32. A Jane estava muito bem dissociada — “longe”, disse ela. O ritmo nunca foi rápido, e os olhos abriram-se poucas vezes. Estava cansada.

(Não tenho memórias conscientes de ter estado interessado em medicina na adolescência, mas também não me lembro de sonhos dessa

altura. Talvez há oito anos fiz uma série de ilustrações médicas para o hospital em Sayre, PA. Gostei muito de as fazer, e lembro-me de ter ficado surpreendido na altura com a aptidão que parecia mostrar para tal trabalho. Nunca tinha feito tal trabalho antes. O trabalho ganhou prémios enquanto viajou pelo país.)

(A Jane retomou num ritmo um pouco mais rápido, os olhos abriram-se mais vezes, às 21:44.)

A questão está em que tais episódios de sonho representam realidade física provável.

Num desses episódios, por exemplo, seguiste o teu curso atual até à conclusão. Portanto estás subconscientemente ciente do teu próprio futuro, já que o escolheste.

Ora bem. Há sempre recuos, percebes, e novas escolhas, porém. Podes a qualquer momento escolher de forma diferente agora. As várias possibilidades de escolha eram conhecidas nos episódios de sonho. Previste então possibilidades futuras dentro do sistema principal de escolhas. Na tua vida diária atual o mesmo processo continua. A maioria desses sonhos acha-se muito desligada do ego, e raramente será recordada. O eu que persegue esses caminhos divergentes é, contudo, real. São projeções legítimas. Representam sistemas de realidade de que não tens consciência.

O médico que poderias ter sido e não és neste sistema, percebes, sonhou em tempos com um universo provável em que seria um artista. Ele continua a trabalhar as suas próprias probabilidades. Talvez pinte como passatempo. Ele existe, no entanto, de facto, dentro de outro sistema. Chamas ao sistema dele um sistema alternativo de probabilidade, mas é precisamente isso que ele chamaria ao teu sistema.

Bem, terás, como tiveste, algumas experiências que são partilhadas no estado de sonho. Estarão envolvidas com episódios familiares para ambos antes de seguirem caminhos separados. São como dois ramos da mesma árvore. Reconhecem a mesma mãe. Alguns destes sistemas prováveis baseiam-se na estrutura molecular, e as tuas aparições em tais sistemas seriam semelhantes, embora não idênticas, percebes?

Agora, os sonhos que terias, e tiveste, em experiência partilhada, são sonhos-raiz. Tais sonhos-raiz servem como método de manter a identidade interior e de comunicação. Pode haver lampejos de realização nesses sonhos. Podem também ocorrer projeções a partir de sonhos-raiz. Podes projetar-te, por exemplo, para a vida desse médico. Estou a usar-te aqui e à

probabilidade do médico como exemplo. A arte está também intimamente ligada à cura percebes? As projeções de que falei acontecem ocasionalmente e de forma espontânea por parte de ambos. Vários aspetos da personalidade estão a ser desenvolvidos, percebes? A reencarnação é apenas uma parte deste sistema de probabilidades, a parte que se enquadra no vosso universo particular.

Tudo isto envolve o cumprimento de valor, que representa a sua base. Torna-se então óbvio que percebeis conscientemente apenas uma pequena parte da vossa realidade total. O médico tem obviamente o seu próprio ego, embora não dentro do teu sistema.

Podes fazer uma breve pausa, e já continuaremos.

(Pausa. A Jane mostrava-se novamente bem dissociada. O ritmo tinha-se acelerado um pouco, os olhos abriram-se mais vezes. Continuava cansada.)

(Quando retomou, os olhos permaneceram fechados.)

Também existem alguns sonhos-raiz partilhados pela raça como um todo. A maioria destes não é tão simbólica quanto Jung pensava, embora ele usasse outro termo, e só tenha tido uma vaga noção deles. Muitos sonhos-raiz são interpretações literais de habilidades usadas pelo eu interior.

Sonhos de voo, percebes, não são símbolos de coisa nenhuma. São experiências válidas e efetivas, embora frequentemente misturadas com outros elementos de sonho. Sonhos de queda são experiência pura. Representam movimento descendente no vosso sistema, ou uma perda de controlo da forma durante a projeção. Podem, claro, ser adornados com outro material.

(A Jane fez agora uma pausa que durou pelo menos dois minutos. Sentou-se completamente imóvel na cadeira, cabeça baixa, olhos fechados.)

Por ora, regista simplesmente as seguintes impressões.

Um rapaz, de nome Jerry, com três anos de idade. Um incidente que envolveu um bolo de aniversário e fogo, embora não desastroso. Isto situa-se no passado. Uma sala, talvez uma sala de estar, com um fogão. Talvez um de ferro fundido, e cortinas de renda. O rapaz gostava de manteiga de amendoim, que porventura comia à colher, de vez em quando.

Um incidente significativo em 1923. *(Outra pausa prolongada.)* Uma escola com um sino. Um nome de mulher, como uma variante de Maria;

por exemplo, Maria e Mariana. Um homem corpulento. As iniciais B, M. Estas podem ser B e M, aplicando-se a duas pessoas diferentes.

O ano - 1906. (*Pausa prolongada.*) Isto aplica-se a Wollheim ou Fell. Atualmente o Ruburt tem os dois tão presentes que não tenho a certeza. (*Pausa.*) Um carro vermelho. Não sei se é um carro atual, ou um carro que o homem possuía em criança — um carro de brincar. Mas um carro vermelho está associado aqui. Ou um carrinho de mão.

Vamos encerrar a sessão.

As minhas mais calorosas saudações a ambos.

(*“Boa noite, Seth.”*)

(*A Jane mostrava-se novamente “longe”. Os olhos permaneceram fechados. Estava consciente da primeira longa pausa, que durou pelo menos dois minutos. Sabia que algo estava para chegar, mas não sabia o quê, e depois não sabia se se aplicava ao Don Wollheim ou ao Frederick Fell, editor e editor/publisher, respetivamente.*)

(*A Jane disse que se lembra bem do fogão de ferro fundido na sala de estar da casa dela em criança, e achou que este facto pode ter sido uma associação que ajudou a trazer estes dados.*)

(*O Don Wollheim, a esposa dele e a filha visitaram-nos na sexta-feira à noite, 2 de Setembro. Esta sessão foi feita na quarta-feira, 31 de Agosto, mas não foi dactilografada até sexta-feira. Tencionávamos verificá-la com o Don Wollheim, mas durante uma noite ocupada não o fizemos.*

Planeamos agora enviar cópias tanto ao Don Wollheim como ao F. Fell.)

(*Esboços do postal usado como objeto na 69.ª experiência de envelope, para 5 de Setembro de 1966, na 283.ª sessão.*)

SESSÃO 283

EXPANDINDO A CONSCIÊNCIA DO EGO EXTERNO

5 DE SETEMBRO DE 1966

(O objeto de envelope para a 69.ª experiência foi um postal colorido enviado por correio pela Barbara Ingold, a nossa vizinha que mora no andar de baixo, no rés-do-chão. As cores na frente e no verso do objeto estão indicadas até certo ponto no esboço na página 16. A Jane não tinha visto o postal desde que o recebemos. Como de costume, coloquei-o entre duas folhas de Bristol e depois lacrei-o em envelopes duplos.

(A data no carimbo circular não é clara quanto às duas últimas letras. À primeira vista poderia ser lida como Junho ou Julho, mas por outros registos que mantemos conseguimos verificar, para nossa satisfação, que a Barbara nos enviou o postal em Julho de 1966.

(A Jane não fazia ideia do que o Seth iria falar antes da sessão começar. Como de costume, começou a transmitir os dados sentada, com os olhos abertos desde o início; estava também a fumar. Na realidade, os olhos da Jane estiveram fechados durante grande parte do material. O ritmo foi médio, a voz também.)

Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Não podes escapar à ação. O ego tenta ordenar os acontecimentos de forma a direcionar a ação segundo as suas próprias linhas.

Deve, naturalmente, ter algum sucesso, ou a personalidade orientada fisicamente, tal como a conheces, não existiria. O ego é, naturalmente, uma parte da ação. Existem, no entanto, infinitos níveis de ação que o ego não percebe. É possível que os egos interior e exterior se fundam até certo ponto, e essa fusão, quando ocorre, representa de facto a formação de um novo tipo de consciência.

Este conceito está longe de ser novo. Não é teoria que seja, em geral, aceite, mas tem raízes na antiguidade. Quando levas o “eu desperto” para o estado de sonho, isso é uma abordagem para essa consciência diferente. Há também uma abertura que pode ocorrer no estado de vigília. Quando isso acontece, os egos interior e exterior fundem-se.

O ego exterior reconhece os seus próprios deveres, mas está consciente de que isso envolve mais. Sente realidades que geralmente se lhe acham vedadas. Pensa: “Há mais, mas para lá não posso seguir.” Aqui, com essa realização, o ego interior pode abrir-se subitamente. Fontes

intuitivas vêm à tona, e como o ego exterior já estava alerta, consegue aceitar essas realidades enquanto continua a desempenhar os seus deveres habituais.

O conhecimento então disponível é antes de mais nada conhecimento criativo, intuitivo, que o ego exterior pode traduzir em termos intelectuais quando possível. Mas já não teme os dados intuitivos. Já não luta contra os sentidos interiores, nem receia pela sua própria sobrevivência no meio de investidas intuitivas.

Reconhece a sua posição como parte do eu total. Isto é, de facto, uma consciência liberta, livre. Representa um grande avanço. Abre portas que de outra forma estariam fechadas e traz automaticamente consigo um estado de excelente e exuberante saúde física.

A identidade já não se limita apenas ao ego exterior. O ego exterior está agora familiarizado com o eu total, ou toda a identidade, e tem à sua disposição forças de que antes não tinha consciência. Em períodos de exuberância, quando estás a trabalhar bem, e a tua saúde é extraordinariamente boa, quando consegues lembrar-te e manipular os teus sonhos, então tais períodos são sinais do surgimento desta nova consciência.

No início não a manterás de forma constante. No entanto, crescerá aos saltos. O seu crescimento nada tem a ver com o teu tempo físico, mas com cumprimentos interiores de valor de que podes não estar consciente. Isto último é importante. Ao contrário da opinião habitual, períodos de má saúde são muitas vezes resultado de manipulações egotísticas e não subconscientes. (*Pausa longa.*) Tornas-te excessivamente preocupado com situações egotísticas e dificultas o eu interior.

Atas-te em nós, por assim dizer. Pensas de forma tão rígida em preocupações que são, no todo do eu, primariamente insignificantes (*pausa longa, olhos fechados*) e fazes delas um fetiche.

Identificas-te, apesar do teu conhecimento, principalmente com o ego. Isto corta-te do eu interior. Falo aqui em termos gerais, para ti, Joseph, não se aplica mais a ti do que a qualquer outra pessoa.

No entanto, estou a direccionar esta parte da discussão para o Ruburt. No que diz respeito à sua estrutura de personalidade como um todo, a criatividade é uma necessidade. Sem ela, ele não se sente seguro. A identidade dele está fortemente ligada à criatividade. O sucesso financeiro

do livro dele é extremamente importante para ambos, aliás, a um nível consciente e egotístico.

Tal sucesso financeiro é, portanto, importante e tem o seu lugar, mas quando o Ruburt se permite ficar excessivamente preocupado com isto, então identifica-se demasiado apenas com o ego. Há movimentos financeiros óbvios que ele tenciona fazer. Muito bem. No entanto, esses movimentos não são, na base, importantes para a personalidade como um todo. Devem ser feitos de forma simples, mas as energias globais devem ser usadas na criatividade. Quando ele se identifica demasiado com o ego, perde a direção interior.

As tuas mãos estão cansadas?

(“Não.”)

A principal energia e preocupação devem, portanto, estar no trabalho dele. Pensamentos interiores sobre se o livro venderá bem não ajudam, e drenam energia. Tudo isto reflete-se na condição física.

Podes fazer uma pausa.

(Pausa às 21:33. A Jane esteve dissociada como de costume. O ritmo foi médio, os olhos na maior parte fechados; fez algumas pausas longas. Retomou da mesma forma, a fumar novamente, às 21:40.)

Ora bem. O Ruburt tem simplesmente sorte. Ele responde ao outono, e o sistema ajustar-se-á automaticamente. Se ele concentrar primeiro as suas capacidades nas suas atividades criativas, então tudo o resto se seguirá. Terá energia para fazer tudo o que mais precisar de fazer. Mas deve focar principalmente as energias nas atividades criativas, pois estas dão-lhe a exuberância que torna possíveis outras atividades.

Quando estes sintomas se manifestam, então deve estar atento a dificuldades de saúde. Não há nada de sério com o sistema dele, nem prevejo dificuldades sérias. No entanto, ele tem o seu próprio padrão. Os sintomas são estes: Má memória, ou nenhuma, dos seus sonhos; ausência de poesia; um nível consistentemente mais baixo do que o habitual de exuberância. Estes são os principais, e refiro-me aqui talvez a um período de dois meses.

Se estes persistirem durante esse tempo, percebes, só então podem ser considerados sob este prisma. Pois se durarem esse tempo, quase certamente darão origem a sintomas físicos. O reajuste não está, no caso dele, no presente, em, por exemplo, pôr o pé de molho; mas sim num regresso a algum horário definido de poesia, a terminar agora um livro de

cada vez, a renovar as sugestões para sonhos que ele abandonou. Isto cuidará dos sintomas físicos.

Ele finalmente decidiu dar passos financeiros. Ora, eu não creio que venham a ser necessários. Ambos acreditam que são necessários. Portanto, percebes, para ti, ou para o Ruburt, isto torna-se uma necessidade. Ele está agora pronto para aceitar isto em vez de se atormentar, e isto ajudará, pois o tormento drenava-lhe energia. O tormento, no entanto, mais do que a necessidade, percebes, era a dificuldade. As energias e o foco devem ser desviados dos sintomas físicos. Ele está a reforçá-los inadvertidamente. A energia criativa, usada corretamente, drenará a energia que agora está a formar os sintomas.

Se os sintomas fossem sérios, a terapia física seria necessária, mas não são sérios. Não há necessidade real agora de eu te dizer isto, já que o sistema dele está no melhor no outono. Mas os sintomas poderiam ter ocorrido quando um ciclo elevado não estava a aproximar-se, caso em que poderiam ter surgido dificuldades adicionais.

Estes sintomas serão sempre parte do padrão dele. Podem servir, portanto, como marcos orientadores. Uma terapia de emergência quase sempre trará resultados imediatos: uma semana dedicada à poesia, simplesmente porque esta atividade desperta no Ruburt os aspetos mais fortes da sua personalidade, e liberta energia construtiva de outras camadas da personalidade dele.

Podes fazer uma pausa.

(Pausa. A Jane estava dissociada como de costume, os olhos na maior parte fechados, o ritmo médio.)

Este novo tipo de consciência permitir-te-ia automaticamente compreender, num relance por assim dizer, os funcionamentos internos das tuas próprias personalidades. Grande parte do desenvolvimento necessário ocorre no estado de sonho. Queria mencionar aquele teu sonho em particular, Joseph, em que te viste na tua janela das traseiras. Houve uma fusão dos egos interior e exterior. O ego exterior, surpreendido, de facto impediu-te de uma excelente projeção.

(Ver o meu sonho de 20 de Agosto.)

Estava consciente. No entanto, simplesmente assustou-se por encontrar o corpo numa posição normalmente impossível para ele. Da próxima vez irá mais longe. Da mesma forma, porém, ambos encontrarão o

ego interior a inserir-se em períodos de consciência desperta, podendo ou não haver uma desorientação momentânea.

Tens um envelope teste para mim?

(*“Sim.”*)

(Às 22:06 a Jane pegou no envelope selado para a 69.^a experiência. Pressionou-o contra a testa, na horizontal, com a mão direita, olhos fechados. De alguma forma eu sabia que os resultados da experiência seriam bons.)

Dá-nos um momento, por favor. Estas são impressões.

Algo oval. Em forma de ovo (*pausa*) como uma linha oval fina, mesmo dentro de um cartão retangular.

Uma ligação com uma sessão. Com, agora (*a Jane gesticulou com o envelope, olhos fechados*), a impressão que tenho aqui é de uma secretária ou cadeira ligada a uma secretária. Do tipo usado em salas de aula. Não sei se isto se refere a uma criança que frequenta a escola, a um professor ou a alguém como os teus amigos lá em baixo que têm um objeto assim.

Mais uma vez, um acontecimento formal ligado aqui. Um sete. Talvez dois um. Isto é, uma cerimónia formal ou arranjo formal.

Vermelho. Duas crianças. Uma ligação com um item geralmente indisponível. Com uma máquina de algum tipo. Uma disposição espetacular.

Um jardim. Uma variedade de pequenos círculos, encaixando uns dentro dos outros, como joalheria. Como alguns brincos.

Uma área arborizada. Vasos. Uma ligação distante com vinho ou uma adega.

Material impresso, perto do centro. Uma data, talvez Junho deste ano. Também uma ligação com Setembro. Um seis.

Creio que o item chegou pelo correio, ou está ligado ao correio. Em qualquer caso, a impressão de um carimbo redondo de cancelamento. E muitos selos, mais do que um, de cor avermelhada. E alguns azuis. Com uma figura.

Tens perguntas?

(*“O que é a disposição espetacular que mencionaste?”*)

Não tenho a certeza. Pode ter a ver com flores.

(*“Podes dizer quem está envolvido?”*)

(*Pausa.*) O Ruburt aqui pensa no seu milho, e na Lois.

(“Podes dizer algo sobre vinho ou a adega?”)

(Pausa. A Jane baixou o envelope para o colo.) Ligação com bebidas alcoólicas. Uma visita a um lugar onde são vendidas. Um homem aqui.

(“Qual é essa ligação com uma sessão?”)

As nossas sessões foram discutidas, ou o objeto está intimamente ligado a um usado anteriormente nas nossas sessões.

Podes fazer uma pausa.

(Pausa às 22:25. A Jane esteve dissociada como de costume. Os olhos permaneceram fechados desde que a experiência com o envelope começou. Teve imagens enquanto falava, que serão mencionadas depois.)

(Ver os esboços do objeto na página 16. O objeto era um postal enviado pelo correio pela Barbara Ingold de Ft. Belvoir, Virgínia, a 12 de Julho de 1966. É de uma exposição chamada Story Book Land em Woodbridge, Virgínia, e mostra a Mother Goose. A Barbara mora no apartamento de baixo, mesmo por baixo de nós.)

(Uma das imagens que a Jane teve enquanto falava foi do namorado da Barbara, o Dick, e do casaco desportivo de xadrez muito colorido que ele usava. A Jane viu o Dick a usá-lo hoje. Esta é uma ligação legítima, pois a imagem serviu para trazer à tona a ideia da Barbara, que enviou o postal usado como objeto.)

(Escolhi o postal de propósito porque tinha um vínculo emocional para a Jane, em contraste com um objeto neutro como uma folha, um recorte de revista, etc. Nestes experimentos tentamos mostrar que uma ligação emocional original pode conduzir a dados clarividentes/telepáticos válidos. No entanto, a Jane não tinha visto o objeto desde que o recebemos em Julho, e conscientemente tinha esquecido a sua existência.)

(O Seth não ofereceu ajuda com os dados, mas eu e a Jane fizemos as nossas próprias ligações.)

(“Algo oval. Em forma de ovo, como uma linha oval fina mesmo dentro de um cartão retangular.” O objeto é retangular e é um postal. Não há uma forma oval logo dentro das margens, nem literal nem implícita, embora haja várias formas ovais dentro da imagem no postal, assim como o carimbo circular no verso. Nota posterior de RFB: A Mother Goose no postal carrega um cesto (de ovos?). Há um ganso ao lado dela — faz lembrar ovos de ganso.)

(“Uma ligação com uma sessão.” A ligação aqui é a própria Barbara, que nos enviou o postal usado como objeto. A Barbara, assim

como o namorado dela, o Dick, tiveram um papel emocional forte nos dados do envelope para a 68.^a experiência, de 29 de Agosto, 281.^a sessão.)

(É possível que esta ligação seja reforçada por um postal como objeto de envelope na 67.^a experiência, na 279.^a sessão de 15 de Agosto. Esse postal foi enviado pelo Leonard Yaudes, que também mora no prédio de apartamentos. Ver Volume 6.)

(“A minha impressão aqui é de uma secretária ou cadeira ligada a uma secretária. Do tipo usado em salas de aula. Não sei se isto se refere a uma criança que frequenta a escola, a um professor ou a alguém como os teus amigos lá em baixo que têm um objeto assim.” Há aqui muitas ligações, embora algumas indiretas. O Merle e a Lois Cratsley também moram no prédio, no rés-do-chão, e têm uma cadeira assim. O apartamento deles é adjacente ao da Barbara, e claro, conhecem-se bem. Os Cratsleys não têm filhos, mas a Barbara tem uma filha, uma rapariga de nove anos. Nota posterior de RFB: Mother Goose é um conto infantil. O local é chamado Story Land.)

(A ligação com os Cratsley leva a Jane a mencioná-los novamente mais tarde. Os dados sobre o professor acima podem referir-se à 67.^a experiência de envelope na 279.^a sessão; pois nessa sessão o objeto era um postal enviado pelo Leonard Yaudes, que é professor.)

(“Mais uma vez, um acontecimento formal ligado aqui.” O postal usado como objeto esta noite foi enviado pela Barbara de Ft. Belvoir, Virgínia. Ela visitou a irmã lá, e enquanto esteve lá participou num cocktail e num baile na companhia de um homem de quem gosta muito. Eu e a Jane não sabemos se estas ocasiões foram literalmente formais.)

(“Um sete. Talvez dois um.” Eu e a Jane não fizemos ligações. Não há tal sequência no postal, embora os números isolados apareçam.)

(“Isto é, uma cerimónia formal ou arranjo formal.” Se estes dados estão ligados aos números acima, não vemos a ligação. Acreditamos que o arranjo formal aqui se refere ao layout da exposição Story Book Land em Woodbridge, Virgínia. O texto no verso do postal, no canto superior esquerdo, refere-se a “um belo cenário arborizado” de personagens de contos de fadas.)

(“Vermelho.” A Mother Goose, no objeto, usa uma saia vermelha e uma blusa e chapéu roxos com decorações circulares vermelhas. As flores na base da estátua também são vermelhas, com algumas brancas.)

(“Duas crianças.” Só sabemos de uma criança ligada ao objeto, a filha de nove anos da Barbara, Lisa. A Lisa acompanhou a Barbara na viagem à Virgínia e ao Story Book Land. Mas ver suplemento, página 25.)

(“Uma ligação com um item geralmente indisponível. Com uma máquina de algum tipo.” A Jane deu este dado junto, e acreditamos que se refere ao voo que a Barbara e a Lisa fizeram para a Virgínia desde Elmira.)

(“Uma disposição espetacular.” Tendo em conta a resposta do Seth à primeira pergunta, isto é uma referência ao Story Book Land. Esta também foi a minha interpretação mental enquanto a Jane dava o dado, antes de chegarmos à parte de perguntas e respostas.)

(“Um jardim.” Há um jardim de flores mostrado na base da estátua da Mother Goose, no objeto. As flores rodeiam três lados da base da estátua e parecem ser petúnias, vermelhas e brancas.)

(“Uma variedade de pequenos círculos, encaixando uns nos outros, como joalheria. Como alguns brincos.” A imagem no postal usado como objeto contém muitos pequenos círculos, principalmente as flores já referidas, e os pequenos desenhos circulares, também aparentemente flores, na blusa e no chapéu da Mother Goose. Não se encaixam necessariamente uns nos outros. A Mother Goose não usa brincos.)

(Em relação ao dado dos “pequenos círculos” acima, devo acrescentar que a Jane tinha a certeza subjetiva de que o dado não se referia à impressão ou à escrita da Barbara no objeto. Com este dado a Jane teve uma imagem de círculos minúsculos, como no facto da Mother Goose, ou de joalheria.)

(“Uma área arborizada.” Atrás da estátua da Mother Goose há uma floresta de pinheiros densa e verde escura, como indicado no esboço na página 16, assim como várias árvores mais próximas do primeiro plano. Como mencionado, o texto no canto superior esquerdo no verso do objeto refere-se a “um belo cenário arborizado”. O Story Book Land também fica em Woodbridge, Virgínia.)

(“Vasos.” Acreditamos que isto seja uma referência às flores mostradas no objeto e já descritas; ou talvez à loja de lembranças que é parcialmente visível no fundo à direita do objeto. Ver suplemento, página 25.)

(“Uma ligação distante com vinho ou uma adega.” Lembra-te de que a Jane teve uma imagem do namorado da Barbara, o Dick. A Jane tem a

certeza de que este dado é uma referência ao facto de, no sábado à noite, 3 de Setembro, a Barbara e o Dick terem visitado um pub local; surgiu uma discussão entre eles por causa dessa visita, mas não será aqui discutida. Basta dizer que fortes sentimentos emocionais foram gerados pela visita, e que a Barbara falou da visita com a Jane hoje, o dia desta experiência. A ligação, claro, é que a Barbara nos enviou o postal usado como objeto.)

(*“Matéria impressa, perto do centro.” Vê o contorno do objeto na página 16. No lado da imagem do postal há uma placa por baixo da estátua da Mãe Ganso, com uma rima. A placa fica no centro inferior do postal, portanto “perto” do centro.*

(*Há também texto no verso do objeto, no centro, mas a Jane diz que os dados referem-se à rima, não a isso.*)

(*“Uma data, talvez Junho deste ano.” Como indicado na página 17, as duas últimas letras do mês estão em falta dentro do carimbo circular no verso do postal. Só se vê “Ju”. Mas por outros registos sabemos que a Bárbara nos enviou o postal a 12 de Julho, não Junho.*

(*“Também uma ligação com Setembro.” Isto refere-se ao facto de a Jane ter falado hoje com a Bárbara, como faz na maioria dos dias, já que a Bárbara mora no mesmo prédio.*

(*“Um seis.” Não encontramos ligações, seja para um seis, dezasseis, etc. Os números aparecem, separados, no verso do objeto, mas é tudo o que podemos oferecer aqui.*

(*“Acredito que o item veio pelo correio, ou está ligado ao correio.” Sim. O item sendo um postal, chegou até nós pelo correio a 12 de Julho de 1966.*

(*“Em todo o caso, a impressão de um carimbo redondo.” Sim. No verso do postal está o habitual carimbo redondo, com a data, código postal, cidade e estado — Ft. Belvoir, VA.*

(*“E muitos, mais do que um, selos avermelhados.” Não. O postal traz o habitual selo cinzento-azulado de 5¢ com a figura do George Washington. Estes dados podem ter-se confundido com as muitas flores vermelhas representadas no objeto, mais as várias decorações vermelhas no traje da Mãe Ganso.*

(*“E algum azul. Com uma figura.” Acreditamos que estes dados estão relacionados. Como já dito, o selo no objeto é cinzento-azulado, e tem o número 5. Contudo, parece que estes dados se referem provavelmente à figura da Mãe Ganso, mostrada no objeto, e à estátua colocada sobre uma*

base pintada de azul. Além disso, a Mãe Ganso usa sapatos azuis. Há azul no traje dela, assim como vermelho, e o ganso ao lado dela é cinzento-azulado.

(Primeira Pergunta: Qual é o arranjo espetacular de que falaste? “Não tenho a certeza. Pode ter a ver com flores.” Isto parece confirmar que a referência espetacular se relaciona com a imagem do postal, pois mostra a estátua da Mãe Gansa no Story Book Land, rodeada de flores vermelhas e brancas.

(Segunda Pergunta: Podes dizer quem está envolvido? “O Ruburt pensa aqui no seu milho, e na Lois.” A Jane disse que isto surge através dos dados da cadeira, e é uma confusão que resulta do facto de a Bárbara, que nos enviou o objeto, a Lois e o Merle Cratsley viverem no rés-do-chão do prédio, em apartamentos contíguos. Ver interpretação dos dados da cadeira na página 22.

(Terceira Pergunta: Podes dizer algo sobre vinho ou a casa de vinho? “Ligação a bebidas alcoólicas. Uma visita a um local onde se vendem. Um homem aqui.” Ver interpretação dos dados da casa de vinho na página 23. Recorda também que, enquanto dava os dados, a Jane teve a imagem do namorado da Bárbara, o Dick, com um casaco de desporto muito colorido que a Jane viu hoje.

(Estes dados são um pouco mais específicos do que os da página 23, e a referência ao homem diz respeito ao Dick; como já foi dito, o Dick e a Bárbara visitaram um determinado pub local, e surgiu uma discussão entre eles por causa disso. A Bárbara falou do problema com a Jane hoje.)

(Quarta Pergunta: Qual é a ligação com uma sessão? “As nossas sessões foram discutidas, ou o item está intimamente ligado a um usado anteriormente nas nossas sessões.” Ver interpretação dos dados da sessão na página 22. O item desta noite, um postal, está intimamente ligado a um usado anteriormente como objeto envelope. O objeto do 67.º experimento também foi um postal, usado a 29 de Agosto na 281.ª sessão, e foi enviado pelo Leonard Yaudes, que também mora no nosso prédio. O Leonard e a Bárbara são, obviamente, amigos também.

(A Jane retomou, de olhos fechados, usando os óculos, às 22h55.)

Acredito que os dados se explicam por si. O Ruburt faria bem em levar esta sessão a sério e seguir as minhas indicações. Há uma bênção a chegar-vos financeiramente. Não sei se representa vendas, ou venda, por parte do Ruburt ou não. Mas algum dinheiro, ou mais cedo do que esperam,

ou inesperado. O número três está ligado aqui, mas não tenho a certeza de como. O valor pode começar por um três, ou pode ser recebido dentro de três dias ou trinta dias. É certo, e irão recebê-lo em qualquer caso antes de três meses passarem.

(“Podes dizer quem está ligado a isso?”)

Há uma decisão de algum tipo a ser tomada. Já está tomada, mas outras circunstâncias estão envolvidas. Um S e um G aqui, embora o significado não seja evidente por agora. A ideia do Ruburt, aliás, sobre a coluna é boa. Os meus mais sinceros votos para ambos.

(“Posso fazer uma pergunta?”)

Podes.

(“Esse material da última sessão aplicava-se ao Wollheim ou ao Fell? Podes dizer agora a qual te referias?” Ver página 15.)

Temos, infelizmente, alguma distorção aí, pois acredito que se aplicava um pouco a cada um.

(Pausa. “Boa noite, Seth.”)

(Fim às 23h04. A Jane saiu como de costume. Disse que o Seth podia ter continuado alegremente.)

SUPLEMENTO AOS DADOS DO ENVELOPE DA SESSÃO 283

69.º EXPERIMENTO 5 DE SETEMBRO DE 1966

(No sábado, dia 10 de Setembro, a Jane e eu verificámos parte deste experimento com a Bárbara. Surgiram dois pontos que valem a pena registar.

(Relativamente a “Duas crianças”, interpretado na página 22. Estes dados são mais exatos do que supúnhamos. Conscientemente a Jane não tinha como saber disto, e a Bárbara não nos contou as circunstâncias do incidente após regressar da viagem a Ft. Belvoir.

(Como referido na página 21, a Bárbara levou a sua filha, a Lisa, a visitar o Story Book Land, tema do postal enviado pela Bárbara e usado como objeto no 69.º experimento. Agora soubemos que a Bárbara levou também outra criança — num total de duas. A outra criança era uma sobrinha da Bárbara, em Ft. Belvoir.

(Relativamente a “Vasos”, interpretado na página 23. A nossa interpretação pode ser boa, mas a Bárbara apontou uma melhor. Na visita ao Story Book Land com as duas crianças, a Bárbara também visitou a exposição do Ali Babá e os Quarenta Ladrões. [O postal usado como

objeto da sessão mostrava a Mãe Gansa.] A exposição do Ali Babá era bastante impressionante, disse a Bárbara; tanto que tirou uma fotografia do Gary, o jovem filho da irmã dela, dentro de um dos grandes potes ou vasos pertencentes ao Ali Babá.

(A Bárbara não nos tinha contado isto. Não sabíamos da exposição do Ali Babá no Story Book Land, nem nos ocorreu relacionar os dados de “Vasos” com isto. Ainda não vimos a fotografia que a Bárbara tirou do Gary dentro do vaso ou pote gigante.)

SESSÃO 284

A REALIDADE INTERNA

7 de Setembro de 1966

(A Jane e eu estávamos ambos cansados à hora da sessão. A Jane não fazia ideia do que o Seth poderia discutir na sessão. Ela começou a falar num tom de voz normal, com pausas e de olhos fechados, enquanto estava sentada.)

Bom, o universo físico é muito mais complicado do que lhes parece, e pouco compreendem das suas origens ou sequer da sua natureza.

Individualmente, movem-se numa área muito restrita desta vasto universo, e no entanto, a realidade interna é muito massiva em tamanho, caso falemos em termos de tamanho. É muito mais extenso até mesmo em termos físicos, e a sua realidade existe em dimensões que não existem no sistema físico. Vocês tomam como certa a existência deste mundo físico extensamente desconhecido, e escamoteiam aquilo que não conhecem.

Os sistemas não físicos são assustadores para a personalidade centrada no ego, mas o grosso da realidade do indivíduo não se encontra no universo físico, mas nessas áreas desconhecidas. Conforme sabem o ego constitui a porção mais elevada, por assim dizer. Não fora pelo eu que sonha e o ego não existiria. Não fora pelas existências passadas e a personalidade conforme a conhecem não existiria.

Lembrem-se que a reencarnação não contradiz a teoria do presente espacial, pois tais vidas no presente espacial são simultâneas. Nos sonhos vocês viajam pelas realidades internas como percorrem fisicamente a matéria do mundo físico. É verdade que as experiências com que se

deparam podem não ser encontradas por outro precisamente da mesma forma, mas a experiência física nunca é a mesma para ambos os dois indivíduos tampouco.

Vocês concordam em aceitar certos dados de informação do universo físico, e concordam em moldá-los em determinados padrões, e concordam em ignorar por completo outra informação. Esses assentimentos raiz formam a base principal da aparente permanência e coerência do vosso sistema físico.

Nas jornadas que fazem pela realidade interna não podem avançar com os mesmos tipos de consentimento raiz. A realidade por si só, altera-se inteiramente de acordo com os assentimentos raiz básicos de que vocês procedem. Um dos assentimentos raiz em que se baseia a existência física é o de que os objetos têm uma realidade inteiramente independente de qualquer causa sucessiva; e de que esses objetos, dentro de limitações definitivamente específicos, são permanentes.

Bom, esses assentimentos raiz só os deixarão confusos nas vossas explorações interiores. Os objetos poderão aparecer e desaparecer nesses outros sistemas. Usando os assentimentos raiz que acabamos de mencionar como base para a realidade, um observador insistiria em que os objetos não sejam reais, por não se comportarem conforme ele sabe que os objetos devem comportar-se. Por os objetos dos sonhos surgirem e desaparecerem, isso não quer dizer que não existam. Neste caso particular o assentimento raiz ou pressupostos simplesmente confundem-nos.

Bom, o universo interno possui coerência, assim como os sistemas que não são basicamente físicos. Mas tal coerência baseia-se num conjunto inteiramente diferente de suposições raiz (assentimentos), e esses são a única chave que os habilitará a manipular interiormente, ou a compreender, outros sistemas. Existem diversos pressupostos raiz mais e menos significativos.

Um: A energia e a ação são basicamente o meso, embora nenhum deva necessariamente aplicar-se ao movimento físico.

Dois: Todos os objetos têm a sua origem basicamente na ação mental. A ação mental constitui energia psíquica direcionada.

Três: A permanência não é uma questão de tempo. A existência possui valor em termos de intensidade.

Quatro: Os objetos constituem blocos de energia percebida de uma maneira altamente especializada.

Quinto: A estabilidade na sequência temporal não constitui pré-requisito para um objeto, exceto enquanto pressuposto raiz no universo físico.

Sexto: O espaço enquanto barreira não existe.

Sétimo: O presente espacial encontra-se aqui mais disponível às percepções.

Oitavo: As únicas barreiras dentro da realidade interna são barreiras mentais, ou psíquicas. Sugiro o vosso intervalo.

(Intervalo às 9:31. A Jane estava dissociada como de costume. Os olhos abriram-se lentamente no intervalo e estavam cansados e turvos. Tinham estado fechados durante a maior parte da comunicação. Tinha falado com pausas.

(A Jane retomou do mesmo modo às 9:40.)

Bom, somente se esses pressupostos básicos ou raiz forem dados como certos é que as experiências que projetam farão sentido para vós. É que simplesmente aplicam-se outras regras. Existem outros pressupostos raiz básicos que lhes revelarei. A vossa experiência subjetiva é aqui altamente importante. Ou seja, a nitidez e o fulgor de uma dada experiência em termos de intensidade será muito mais importante que todo o resto.

Elementos do passado, presente e futuro podem achar-se -lhes indiscriminadamente ao dispor. Existe a tendência para julgar tal experiência interna em termos de pressupostos físicos fiáveis, o que constitui um erro. Podem concluir que uma dada experiência seja resultante meramente de invenções do subconsciente simplesmente por os elementos inerentes ao tempo se acharem obviamente misturados, ou a coerência ou sequência física não será mantida.

Numa dada projeção onírica por exemplo poderão experimentar um episódio que se situe obviamente no passado físico, contudo, nele poderão existir elementos que não se enquadrem. Num aposento fora de moda do século 18 podem olhar por uma janela e ver passar um automóvel. Evidentemente que pensarão haver uma distorção qualquer do subconsciente. Contudo poderão estar a alargar tempo de tal forma, e a perceber, digamos, o aposento conforme existia em 1700 e a estrada como existe no vosso presente. Esses elementos poderão aparecer lado a lado. O carro poderá desaparecer diante da vossa vista, para ser substituído por um animal, assim como toda a rua poderá ser subitamente transformada num campo. Isso é como os sonhos funcionam, poderão pensar. Essa pode não

se tratar de uma projeção legítima a parte nenhuma. No entanto poderão subitamente perceber a rua e o campo que tenham existido antes dela, e as imagens poderão trocar-se uma pela outra.

Se tentarem avaliar essa experiência em termos de pressuposto raiz físicos, então será insignificante. Poderão, conforme mencionei antes, perceber a forma de um edifício que jamais teve existência concreta, nem nunca venha a existir no vosso universo. Isso não quer dizer que a forma seja uma ilusão. Vocês encontram-se simplesmente numa posição em que podem captar e traduzir o padrão de energia diante de vós. Agora, se um outro indivíduo nas mesmas circunstâncias se deparar com o mesmo objeto potencial, ele pode igualmente percebê-lo como vós o percebestes. Contudo, ele poderá, devido à composição dele, perceber e traduzir uma outra porção de um padrão aliado. Pode ver a forma de um homem que tenha dado origem à ideia do edifício. Em larga escala o vosso hábito de perceber o tempo sequencialmente forma o tipo de experiência, mas também limita a experiência com que se depararão na realidade física.

Também une a experiência. Os aspetos de unificação e limitativo dos momentos consecutivos acham-se ausentes na realidade interna. O tempo não pode ser levado em consideração na ação de unificação. A série que vocês veem basicamente não existe. Os elementos de unificação serão aqueles da vossa própria compreensão, as vossas próprias capacidades. Por conseguinte, vocês não são forçados a perceber a ação como uma série de momentos no âmbito da realidade interna.

Por conseguinte os episódios relacionar-se-ão uns com os outros por métodos inteiramente diferentes, métodos esses que serão intuitivos e altamente seletivos e psicológicos. Encontrarão o vosso caminho por entre labirintos complicados de realidade de acordo com a vossa própria natureza intuitiva. Encontrarão o que esperarem encontrar. Procurarão aquilo que querem por entre os dados de informação disponíveis.

Podem fazer o vosso intervalo.

(Intervalo às 10:01. A Jane estava “fora” como de costume. Os olhos tinham-se aberto com mais frequência; embora ainda estivesse cansada, já não parecia tanto. Ela perguntou-se de onde podia estar a vir todo aquele material, por excelente que fosse. Não tinha pensado conscientemente nesses termos ultimamente.

(Retoma às 10:11.)

Na experiência física, estás a lidar com um ambiente com o qual estás familiarizado.

Esqueceste-te completamente do caos e do carácter imprevisível que ele te apresentava antes de os processos de aprendizagem serem canalizados para direções específicas. Aprendeste a perceber a realidade de uma forma altamente especializada.

Quando lidas com ambientes internos, ou basicamente não físicos, tens de te tornar novamente não especializado e depois aprender um novo conjunto de princípios. Em breve aprenderás, por exemplo, a confiar nas tuas perceções, quer a experiência pareça ou não fazer sentido lógico. Tens de aprender a diferenciar entre muitas formas que podem parecer, de muitos modos, suficientemente semelhantes para parecerem de natureza idêntica. Na vida física, porém, já fazes isto automaticamente.

Numa projeção, os problemas serão de outra ordem. A forma de um homem, por exemplo, pode ser uma forma-pensamento ou um fragmento enviado, de modo bastante inconsciente, por outro indivíduo a quem se assemelha. Pode ser outro projetor como tu. Pode ser uma forma potencial, como qualquer objeto potencial — um registo de uma forma passado repetidas vezes.

Pode ser outra versão de ti próprio. Iremos discutir maneiras de distinguir entre estas. Um homem pode desaparecer de repente e ser substituído por uma menina, um desenvolvimento sem sentido para a mente lógica. No entanto, a menina pode ser a forma do eu reencarnado anterior ou futuro do homem.

A unidade, percebes, é diferente. Basicamente, a perceção do presente amplo está naturalmente disponível. É o teu mecanismo nervoso e físico que atua como dispositivo limitador e também como dispositivo de focagem. Ao limitar muitas perceções que de outro modo estariam disponíveis, força-te a focar, com maior intensidade, aquilo que consegues perceber.

Os teus processos mentais são formados e desenvolvidos como resultado deste condicionamento. As partes intuitivas da personalidade não são assim formadas e estas funcionarão a teu favor em qualquer exploração interna.

(Pausa.)

És, basicamente, capaz de ver este local em particular tal como existiu mil anos no teu passado, ou tal como existirá mil anos no teu futuro. (A

Jane indicou a sala de estar em que nos sentávamos.) Os sentidos servem para obliterar muitos mais aspetos da realidade do que te permitem perceber. São, na verdade, dispositivos limitadores bastante rígidos; ainda assim, em muitas explorações internas, irás automaticamente traduzir a experiência em termos que os sentidos possam usar.

Esta faculdade — a tradução de dados para o ego, que de outro modo os desconfiaria — é, no entanto, uma versão de segunda mão da realidade original; e isso é um ponto importante.

Vamos agora encerrar a nossa sessão. Foi excelente. As minhas mais calorosas saudações a ambos.

(“Boa noite, Seth.”

(Fim às 10:31. A Jane estava “fora” como de costume, e os olhos tinham estado fechados a maior parte do tempo. Agora parecia e sentia-se melhor do que antes do início da sessão.

(A Jane disse que, quando o Seth falou da nossa sala de estar e do presente amplo, teve uma espécie de sensação “estranha” que envolvia um conceito do pensamento. Mas não conseguiu pôr isso em palavras.)

SESSÃO 285

12 DE SETEMBRO DE 1966

(O objeto para a 70.^a experiência com envelope foi o primeiro rascunho de uma carta que escrevi esta noite, a um dentista local. Dizia respeito à recente venda de um quadro a ele, feita através da nossa amiga, Marie Colucci. Detalhes mais adiante. A Jane não tinha visto este rascunho, nem sequer a cópia final da carta, embora soubesse que eu a estava a escrever esta noite. Selou-se num envelope quando terminei; depois mostrei-lho e pedi-lhe que o colocasse no correio amanhã de manhã. Descrevi, porém, de forma breve e grosseira o conteúdo.)

(O objeto foi dobrado como indicado, colocado entre duas folhas de Bristol e selado nos habituais envelopes duplos.)

(A Jane começou a falar sentada. Tinha os olhos fechados, o ritmo bom. A voz estava nitidamente mais pesada e mais alta do que o costume. Erguia-se facilmente acima do considerável barulho do trânsito que entrava pela nossa janela da sala, aberta.)

Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Ora bem. Pressupostos de base representam os alicerces sobre os quais se forma um dado sistema de existência.

Estas são as regras do jogo, por assim dizer. Os vossos mecanismos físicos estão equipados para funcionar de modo que a realidade é percecionada através da lente de determinados pressupostos de base. Usando apenas os sentidos físicos, é quase literalmente impossível para vós percecionar a realidade de outro modo.

Uma parte forte das vossas personalidades é, portanto, produto do sistema físico em que tendes existência física. Todas as ideias de realidade têm de ser vislumbradas através da malha física que é a forma materializada desses pressupostos. Por outras palavras, sois fisicamente capazes de observar a realidade de um modo altamente especializado. Tendes, fisicamente falando, de interpretar a existência em termos destes pressupostos muito definidos.

De novo, fisicamente falando, não encontrareis nada que contradiga esses pressupostos, pois fisicamente, para vós, são tudo o que podeis experimentar ou percecionar. Estes pressupostos de base são a estrutura do vosso sistema de camuflagem. À medida que tentais explorar outras realidades, quase automaticamente interpretam tais dados em termos dos pressupostos de base do vosso próprio sistema.

Isto, claro, falseia fortemente tais dados. Os sentidos interiores não estão, porém, limitados por esses pressupostos de base. É por isso que muitas experiências psíquicas ou subjetivas parecem contradizer leis físicas. A experiência interior parece muitas vezes caótica ou destituída de sentido porque tentais interpretá-la segundo os pressupostos de base da realidade física. Têm de aprender as leis que se aplicam a outros sistemas.

Os pressupostos de base que regem a realidade física são de facto válidos, mas apenas dentro da realidade física. Não se aplicam noutros lugares. Há, no entanto, uma tendência natural para continuar a julgar a experiência interior segundo tais pressupostos. A tendência, com mais experiência, esbater-se-á. Esta interpretação da realidade interior em termos físicos é, de início, automática e muito abaixo dos níveis conscientes. A experiência interior, percebem, tem de ser até certo ponto colorida pelo sistema físico enquanto existis dentro dele.

Para que tal informação suba aos níveis conscientes, tem de necessariamente ser traduzida em termos que o ego consiga manejar, e a tradução terá, até certo ponto, de distorcer a experiência original. Todo o organismo físico do corpo foi treinado desde a infância para reagir a determinados padrões, esses padrões baseados nos pressupostos físicos de base.

O próprio sistema nervoso tem, percebem, de ser assim constituído, e o sistema nervoso reage de modo definido a imagens-bloco visuais. Tais imagens são recebidas através da pele tanto quanto através dos olhos. Todo o sistema é altamente complexo e organizado, e organizado para reagir a padrões específicos que se formam a partir desses pressupostos de base.

Isto é obviamente necessário para a sobrevivência física. A organização, porém, biologicamente falando, é artificial e aprendida. Não é menos rígida por essa razão, contudo. A estrutura organizacional da percepção pode, de facto, ser desagregada, como experiências recentes com LSD certamente mostram. Isto pode, no entanto, ser altamente perigoso.

O facto de isto ocorrer mostra, porém, que os sistemas de percepção não são, basicamente, biologicamente uma forma de estrutura global, mas respostas secundárias aprendidas. É perturbador para todo o sistema físico, contudo, desfazer o padrão forte da percepção. A estabilidade interior de resposta é de repente varrida. Alterações ainda não conhecidas ocorrem no sistema nervoso nessas circunstâncias, tanto eletromagnéticas como químicas.

Só os sentidos interiores estão equipados e aptos a processar e perceber outros sistemas de realidade. Mesmo as distorções podem ser mantidas no mínimo com treino. O uso indiscriminado de drogas psicadélicas pode abalar gravemente padrões de resposta aprendidos, que são necessários para uma manipulação eficaz dentro da realidade física, romper ligações subtis e perturbar funções eletromagnéticas. Pode resultar falência do ego. O desenvolvimento dos sentidos interiores é um método muito mais eficaz de perceber outras realidades e, seguido corretamente, o ego não só fica mais forte como mais flexível, e a consciência até da realidade física é aumentada. Tal desenvolvimento torna-se um desdobrar e uma expansão natural de toda a personalidade.

Sugiro o vosso intervalo.

(Intervalo às 21:31. A Jane estava bem dissociada, disse. Manteve os olhos fechados. O ritmo foi rápido, a voz continuou pesada e bastante mais grave.)

(O modo manteve-se ao retomar às 21:40.)

Estes pressupostos de base fazem tão parte da vossa própria existência que surgem e toldam os vossos sonhos.

Por baixo desses pressupostos, porém, porções do eu percebem a realidade física de modo inteiramente diferente, livres da tirania dos objetos e da forma material. Aqui experimentais conceitos diretamente, sem necessidade de simbolismos. Aqui experimentais diretamente o presente

espaçoso. Aqui tendes conhecimento das vossas personalidades passadas, e sabeis que elas existem simultaneamente com a vossa.

A prática do tempo psicológico permitir-vos-á alcançar essas porções do eu. O ego não é artificialmente desorganizado por tal prática. É apenas, por um momento, contornado. A experiência adquirida passa a fazer parte da estrutura física, mas não há desorganização maciça da percepção, pois o ego concorda em pôr-se momentaneamente de lado.

Ele não é bombardeado, como nas experiências com drogas, nem forçado a experimentar percepções caóticas e assustadoras que o podem literalmente aterrorizar até à completa desordem. A sobrevivência no vosso sistema depende fortemente das qualidades organizacionais altamente especializadas, focadas, limitadas mas específicas do ego. Não deve ser rígido, mas não deve ser propositadamente rasgado, nem enfraquecido.

Os pressupostos de base sobre os quais a realidade física é formada representam terreno seguro para o ego. Trabalhamos sempre com o consentimento do ego. Ele consente em pôr-se momentaneamente de lado. É verdade que interpreta, à sua maneira, o conhecimento interior adquirido, mas fica incomensuravelmente enriquecido por o fazer. Outras camadas do eu interpretam as mesmas experiências interiores de modo bem diferente.

O ego só pode existir dentro do contexto desses pressupostos de base. A experiência onírica primária é por fim tecida numa estrutura composta por esses pressupostos, e é isso que recordam. Servem-vos como informação básica, mas a informação é depois colocada em forma simbólica. Os objetos, percebem, são símbolos. Esses objetos nos sonhos são símbolos de realidades que o ego, de outro modo, não poderia percecioniar.

Faremos um intervalo muito curto e continuaremos.

(Intervalo às 21:55. A Jane estava novamente “muito longe”. De novo o ritmo fora rápido, a voz forte; a exceção agora foi que os olhos, muito escuros, começaram a abrir-se às vezes.)

(Retomou de olhos fechados às 22:00.)

Os objetos são, de facto, símbolos para representar realidades interiores que de outro modo não poderiam ser percecionadas por organismos físicos. Manipulam esses símbolos.

Ora bem. Tens um envelope para mim?

(“Sim.”)

(Com os olhos ainda fechados, a Jane pegou no envelope que lhe dei para a nossa 70.ª experiência e encostou-o à testa com a mão direita. Eram 22:01. O seu ritmo estava bom e acelerou à medida que a experiência progredia.)

Deem-nos um momento, por favor. Estas são impressões. (*Pausa.*)

Uma disposição, ou desordem. Algo torcido. Quatro ao quadrado, ou quatro quadrados. Geométrico. (*Pausa.*)

Uma miscelânea de objetos. Ligação com outubro, e quatro, ou talvez 64. Uma inversão principal, ou uma ligação com o Maine. 12. Alguma ligação distante com uma ópera, casa de ópera ou música. (*Pausa.*) Cinco. Familiar. Ligação com uma circunstância não repetida, e uma estrada.

Com renda. Um grupo de pessoas, e ligação com um barco talvez, ou água.

16. Não sei, talvez 16 pessoas, ou uma data de 16. Uma apresentação. Não sei o que queremos aqui. Vamos tentar a palavra acrimónia, ou acrimonioso.

Uma perturbação à tarde. Ligação com uma carta. Talvez um carimbo da Flórida. E com um postal. Talvez com uma cena de água, ou de um local junto à água.

Um nome com sete letras. Um A. Dois homens e uma mulher. Ela usa um chapéu.

Não no objeto, mas ligado a ele de longe, um incidente em 1946, verão. Uma borda implícita.

Castanhos. Um objeto no centro que é de algum modo de forma aguda. Por exemplo, uma forma em estrela, uma forma aguda. (*Gesto — com o indicador, a Jane desenhou formas angulares no ar, de olhos fechados.*)

Um 16 de outubro. Um edifício ou casa pequeno, com telhado algo plano. Uma cor clara à luz do sol. Uma cor laranja e, talvez, com volutas, ou formas de voluta, e uma faixa.

Tens algumas perguntas?

(*“O que é essa disposição ou desordem?”*)

(*Pausa.*)

Não tenho a certeza aqui. Uma mostra, talvez — embora apenas talvez — que não é asseada ou ordenada. Como flores crescidas de modo selvagem e desordenado, por exemplo.

(*“Podes dizer algo mais sobre ‘geométrico’?”*)

As formas talvez cubos. Douradas, e parcialmente em sombra. Isto lembra ao Ruburt “Jungle Gyms” num parque infantil.

(*“Podes ser mais específico quanto aos dois homens e à mulher?”*)

Uma fotografia (*pausa*) ligada ao Ruburt. A ver com o passado, mais do que com o presente imediato.

(“E quanto à palavra ‘acrimonia’?”)

Não sei. Só tenho os sons aqui. Talvez Akron, Ohio.

(“Podes dizer mais sobre os quatro quadrados?”)

A ver com as formas geométricas.

(“E quanto a cores?”)

Estes quadrados podem estar preenchidos; como edifícios numa fotografia seriam primeiro captados por mim como formas, percebes.

(“Queres nomear o objeto?”)

Não tenho a certeza. Há uma ligação forte com uma fotografia, mas não sei se o objeto em si é uma fotografia. Cores escuras e claras e sombras. Creio que o objeto chegou pelo correio, seja ou não uma fotografia.

Sugiro o vosso intervalo. Também uma coluna, ou colunas.

(Intervalo às 22:18. A Jane estava novamente bem dissociada, como estivera toda a noite, disse. A voz já não estava tão alta desta vez, mas a entrega fora rápida, como se quisesse dar os dados sem pensar neles. Disse não se lembrar de imagens. Os olhos mantiveram-se fechados.)

(Vê a cópia do primeiro rascunho da minha carta na página 31. Breve histórico: No mês passado a nossa amiga Marie Colucci deixou um dentista local, o Dr. Lodico, que eu e a Jane não conhecemos, levar emprestado um quadro abstrato meu para experimentar no consultório. Há um par de semanas, a 31 de agosto, o Dr. Lodico enviou o pagamento do quadro, com um pedido para ver mais abstratos para o seu consultório. O objeto desta noite é o primeiro rascunho da minha resposta à carta dele, e está datado de 12 de setembro.)

(O Seth ajuda com algumas ligações após o intervalo, mas entretanto eu e a Jane fizemos as nossas. Confirmámos uma que julgávamos correta depois da sessão e, em vez de verificar os dados, acabámos baralhados, como será explicado.)

(“Uma disposição, ou desordem.” O uso de “ou” pelo Seth é algo confuso aqui, pois ambos os termos podem aplicar-se ao objeto. A minha carta trata de um grupo, ou conjunto, de quadros que tenho disponíveis para mostrar ao Dr. Lodico. Além disso, a Exposição de Artes e Ofícios, com mostras, ou “disposições”, no Mount Savior, é mencionada no objeto.)

(Desordem pode referir-se ao aspeto desalinhado da minha carta, usada como objeto, com palavras riscadas, etc. A Jane pensou que “desordem” também podia referir-se ao facto de na carta se mencionarem quadros abstratos; para algumas pessoas, os abstratos estariam em desordem, por comparação com quadros convencionais que mostram coisas no sentido habitual — flores, casas, árvores, etc.)

(“Algo torcido.” Não sabemos, e esquecemo-nos de pedir ao Seth que explicasse. Outra referência a elementos em pinturas abstratas, ou à própria carta?)

(“Quatro ao quadrado, ou quatro quadrados.” Isto é uma referência ao facto de eu ter quatro quadros para mostrar ao Dr. Lodico, em resposta à carta dele. Como foi dito, a Jane não viu nem o primeiro rascunho da minha carta, que foi usado como objeto, nem a cópia final, que eu selara num envelope. Pedi-lhe, contudo, que a colocasse no correio, e descrevi-lhe por alto o conteúdo.)

(Quatro quadros específicos foram discutidos entre nós, e eu fixei o preço de cada um com a Jane presente, para que ela pudesse indicar os preços ao doutor caso ele telefonasse enquanto eu estivesse fora. Estes dados são reforçados pelos seguintes, e vice-versa.)

(“Geométrico.” Excelente referência ao carácter dos quadros. Todos eles são variações geométricas, com linhas, círculos, triângulos, blocos de cor, etc., de maneira decididamente angular. Além disso, o quadro comprado pelo doutor é também fortemente geométrico no desenho.)

(“Uma miscelânea de objetos.” Referência à Exposição de Artes e Ofícios do Mount Savior, mencionada na carta usada como objeto. Muitos tipos de objetos estarão à venda na exposição, além de quadros. Tenho uma carta relativa a esta exposição e venda, do mosteiro, datada de 27 de agosto de 1966.)

(“Ligação com outubro, e quatro, ou talvez 64.” Sem o ver para ter absoluta certeza, eu e a Jane estamos razoavelmente certos de que o abstrato que o Dr. Lodico me comprou foi pintado em outubro de 1964. Tenho a certeza de o ter feito pelo menos há dois anos. Tenho o hábito de datar os meus quadros, por isso poderei verificar estes dados quando visitar o consultório do doutor. Se não for acrescentada nota a estes dados mais tarde, pode considerar-se correto.)

(O Seth confirma o acima, aliás.)

(“Uma inversão principal, ou uma ligação com o Maine.” A ligação “inversão” está correta. Na carta usada como objeto informo o Dr. Lodico de que mudei de ideias quanto a enviar os abstratos para a exposição do Mount Savior, e planeio submeter outros tipos de quadros em vez disso. Isto torna os abstratos disponíveis para inspeção do doutor, e talvez compra.)

(“Alguma ligação distante com uma ópera, casa de ópera ou música.” Isto deixou-nos perplexos ao início. Falhámos a ligação real, e o Seth ajuda mais tarde. Nesta altura a Jane disse que um dos abstratos

oferecidos ao doutor lhe lembra música. Ia dizer-mo antes da sessão, mas não disse.)

(“12.” *Não temos a certeza. Contudo, datei a carta usada como objeto deste modo: 12 de setembro de 1966.*)

(“Cinco.” *Interpretando do mesmo modo, digo ao doutor, na última frase da carta, que moramos no apartamento cinco, segundo andar.*)

(“Familiar.” *A Jane ficou aborrecida consigo aqui, pois percebeu agora que, ao dar o dado “familiar”, ia dizer algo sobre um local familiar, querendo dizer a localização do nosso apartamento como algo familiar para nós. O nosso endereço está na carta usada como objeto.*)

(“Ligação com uma circunstância não repetida, e uma estrada.” *Não encontramos ligações para “circunstância”. “Estrada” também é demasiado geral. Pensei na longa e íngreme estrada que sobe até à residência dos Colucci no campo. A Marie Colucci é responsável por chamar a atenção do Dr. Lodico para os meus quadros, como explicado.*)

(“Com renda.” *Nenhuma ligação. O Seth ajuda mais tarde.*)

(“Um grupo de pessoas, e ligação com um barco talvez, ou água.” *A parte do barco e água destes dados refere-se ao nosso endereço na Water Street, constante da carta usada como objeto; em ocasiões anteriores o Seth interpretou o endereço Water Street deste modo.*)

(*Os dados sobre “grupo de pessoas” são demasiado vagos. Podem referir-se a um encontro recente de amigos aqui na Water Street, há cerca de duas semanas. Estiveram presentes a Marie e o Andy Colucci, e nesse convívio a Marie falou-me do interesse do Dr. Lodico nos meus quadros.*)

(“16. Não sei, talvez 16 pessoas, ou uma data 16.” *Eu e a Jane não fazemos ligações positivas.*)

(“Uma apresentação.” *Na carta usada como objeto, ofereço-me para apresentar os meus quadros à inspeção do doutor. “Apresentação” pode também referir-se à Exposição de Artes e Ofícios do Mount Savior, que é mencionada na carta. Podem existir outras interpretações.*)

(“Não sei o que queremos aqui. Vamos tentar a palavra acrimónia, ou acrimonioso.” *Sem ligações.*)

(“Uma perturbação à tarde.” *Possível referência ao meu convite ao doutor, no objeto, para nos visitar a qualquer momento para ver os quadros que ofereço. Digo que tardes ou noites talvez sejam melhores. Tecnicamente uma visita à tarde da parte dele interromperia as horas de trabalho da Jane e minhas, mas não lhe chamaríamos realmente uma perturbação, pois queremos vender os quadros.*)

(“Ligação com uma carta. Talvez um carimbo da Flórida.” *O objeto é, claro, uma carta. Creio que os dados “Flórida” devem ser incluídos*

com a menção a uma carta, embora como frase separada. Mais uma vez, o endereço *Water Street* na carta poderia dar origem aos dados “Flórida”. Em cada uma das várias vezes em que eu e a Jane vivemos na Flórida, morámos muito perto da água.)

(As ligações “Flórida” e “água” também se prendem com os dados seguintes.)

(“E com um postal. Talvez com uma cena de água, ou de um local junto à água.” Menciono especificamente um postal na carta usada como objeto. Os dados “água” surgem porque, se o doutor me enviar um postal, será endereçado à *Water Street*.)

(“Um nome com sete letras.” “Lodico” tem seis letras. “Colucci” tem sete letras, porém, e a Jane estava subjetivamente certa de que é este o nome referido, especialmente em conjunto com os dados seguintes.)

(Um A. O primeiro nome do marido da Marie Colucci é Andy. Como se disse acima, sob os dados “grupo”, a Marie e o Andy estiveram no grupo que nos visitou há um par de semanas. Durante essa visita falaram da venda de quadros ao Dr. Lodico.)

(A Jane tinha a certeza de que “Andy Colucci” era o nome referido aqui, e o Seth confirma-o após o intervalo.)

(“Dois homens e uma mulher. Ela usa um chapéu.” Pensámos em várias combinações aqui, entre elas a Marie Colucci, o Dr. Lodico e eu, já que estamos intimamente envolvidos com o objeto. Não sabíamos se a Marie usa chapéu. O Seth verifica a nossa interpretação, embora não tivéssemos a certeza.)

(“Não no objeto, mas ligado a ele de longe, um incidente em 1946, verão.” Não sabemos.)

(“Uma borda implícita.” A carta usada como objeto tem de facto uma borda implícita.) (“Castanhos. Um objeto no centro que é de algum modo de forma aguda. Por exemplo uma forma em estrela, uma forma aguda.” Gesto.)

(Estes dados são uma excelente referência ao quadro esboçado aqui.)

(É um dos abstratos referidos na carta usada como objeto esta noite. Nota as formas agudas. Estas formas flutuam no centro do quadro. Além disso, o quadro é feito em vários tons de castanho, do ocre amarelado ao castanho escuro.)

(“Um 16 de outubro.” Não fazemos ligações.)

(“Uma casa ou edifício pequeno com telhado algo plano. Uma cor clara à luz do sol. Uma cor laranja e, talvez, com volutas, ou formas de voluta, e uma faixa.” Estes dados revelaram-se confusos e, ao mesmo tempo, bastante interessantes. Eu pensei que era tudo da mesma peça

quando o Seth os transmitiu, e continuo a pensar. Pode também envolver telepatia direta, a Jane a ler os meus pensamentos aqui.)

(Conforme referido, nenhum de nós conheceu o Dr. Lodico, e até ao momento desta sessão não sabíamos onde vivia, embora tivéssemos a morada dele. Durante toda a noite, porém, desde que escrevi a carta usada como objeto, imaginei um certo edifício médico no nosso bairro como sendo provavelmente o local do consultório do Dr. Lodico. O edifício tem telhado plano, é de um piso, é de madeira vermelha (laranja?) que parece mais clara à luz do sol e tem uma série de ripas ou tabuletas com nomes penduradas no exterior que poderiam ser chamadas de faixas. Pensei também lembrar-me de grades ou trabalhos de volutas em ferro fundido como decoração no edifício.)

(A Jane não tinha ideia da localização deste edifício em relação ao Dr. Lodico, embora, claro, o tenha visto muitas vezes. Depois da sessão, embora fosse tarde, sugeri que caminhássemos uns quarteirões para verificar os dados acima. Chegados lá, vimos que o Dr. Lodico não tinha consultório no edifício em questão. Em vez disso, descobrimos que o consultório dele — e o do pai — ficava num edifício convencional de dois andares do outro lado da rua do edifício de telhado plano.)

(Foi a primeira vez que qualquer um de nós observou especificamente que o Dr. Lodico tinha o consultório num certo prédio por onde ambos passámos de carro muitas vezes. O letreiro dele está afixado na parede da casa junto a uma porta de consultório, sob o telheiro do alpendre, e provavelmente não seria legível de um carro em movimento.)

(Eu e a Jane considerámos duas possibilidades. Dado que tive o edifício médico de telhado plano fortemente em mente durante a noite, o Seth podia tê-lo captado telepaticamente de mim e usá-lo como dado. Ou a proximidade desse edifício ao consultório real do Dr. Lodico pode ter resultado em impressões confusas às quais a Jane deu voz. Os dois edifícios distam em espaço físico não mais de 50 pés, ficando exatamente frente a frente.)

(Ambos estamos muito familiarizados com o edifício médico de telhado plano, por ser de desenho distintivo, ao passo que o consultório do Dr. Lodico, do outro lado da rua, está alojado num edifício convencional ao qual não prestámos particular atenção. Talvez pergunte ao Seth que nos esclareça aqui, na próxima sessão, já que, após o intervalo, ele nos disse que a minha primeira interpretação destes dados estava correta; na realidade, não está correta.)

(Primeira pergunta: O que é essa disposição ou desordem? “Não tenho a certeza aqui. Uma mostra, talvez, embora apenas talvez, que não é asseada, ou ordenada. Como flores crescidas de modo selvagem e desordenado, por exemplo.” Aqui procurei uma elaboração do primeiro dado do Seth. Conforme dito, a minha carta, usada como objeto, menciona

especificamente a Exposição de Artes e Ofícios no Mount Savior. Isto pode ser uma mostra. Os meus abstratos, oferecidos à venda ao Dr. Lodico, podem também constituir uma mostra; e de novo, para alguns, pinturas abstratas podem não parecer asseadas ou ordenadas.)

(Como aparte, a Jane gosta pessoalmente de pintura abstrata, por isso não sabemos se isto influenciaria tais dados relacionados ou não. Além disso, ao verificarmos os dados do edifício descritos na página anterior, vimos que flores eram usadas como decoração tanto no consultório dos Lodico como no edifício médico de telhado plano, do outro lado da rua. Porém, ambas as mostras de flores eram ordeiras.)

(Segunda pergunta: Podes dizer algo mais sobre “geométrico”? “As formas talvez cubos. Douradas e parcialmente em sombra. Isto lembra ao Ruburt ‘Jungle Gyms’ num parque infantil.” Vê o esboço do abstrato na página 39. Como dito, este é um do grupo de quadros mencionados na carta usada como objeto. Este quadro em particular tem fortes tendências cubistas. Algumas das formas nele baseiam-se em cubos. Está pintado em castanhos, ocres e tons dourados. As sombras desempenham também um papel proeminente. E a Jane disse que o desenho do quadro, com as suas formas e linhas angulares entrelaçadas, lhe lembra um “Jungle Gym” num parque infantil.)

(Terceira pergunta: Podes ser mais específico acerca dos dois homens e da mulher? “Uma fotografia, ligada ao Ruburt. A ver com o passado antes do presente imediato.” Isto é dado associativo, disse a Jane, e surgiu por causa dos dados geométricos acima. Os dados geométricos trouxeram-lhe à mente Jungle Gyms; estes, por sua vez, lembraram-lhe uma fotografia dela própria, que ainda tem, tirada num parque infantil em Saratoga Springs, NY, com um Jungle Gym atrás dela.)

(Quarta pergunta: E quanto à palavra “acrimonia”? “Não sei. Só tenho os sons aqui. Talvez Akron, Ohio.” Estudando a carta usada como objeto, nada vemos que nos lembre particularmente acrimónia, zanga ou Akron. Os Colucci, por exemplo, não são de Akron, nem nós. Nada sabemos sobre a história do Dr. Lodico ou da família dele.)

(Quinta pergunta: Podes dizer mais sobre os quatro quadrados? “A ver com as formas geométricas.” Ao fazer esta pergunta procurei ligar os dados dos quatro quadrados aos das formas geométricas, e o Seth confirma a ideia. Vê as interpretações originais nas páginas 36 e 37.)

(Sexta pergunta: E quanto a cores? “Estes quadrados podem estar preenchidos; como edifícios numa fotografia seriam primeiro captados por mim como formas, percebes.” Além de responder de modo oblíquo, o Seth parece continuar a considerar os dados geométricos. Nota que a ideia de fotografia persiste, uma vez trazida à baila por associação pessoal.)

(A ideia de fotografia, porém, é bastante legítima, pois uma foto pode relacionar-se com um quadro de muitas maneiras. As áreas em todos os

abstratos estão, claro, preenchidas, e também o fundamento abstrato das pinturas relaciona-as com a ideia de edifícios. De facto, um amigo interpretou recentemente um deles como sendo um quadro de edifícios. A Jane disse que o Seth pode não conseguir distinguir com muita facilidade entre as cargas emocionais ligadas a uma foto e a um quadro; podem parecer-lhe muito semelhantes. Isto é ainda mais patente nos dados seguintes, que divido em duas partes.)

(Sétima pergunta: Queres nomear o objeto? “Não tenho a certeza. Há uma ligação forte com uma fotografia, mas não sei se o objeto em si é uma fotografia. Cores escuras e claras e sombras.” Assim, a ideia visual de um quadro e de uma foto estão intimamente relacionadas, para o Seth. Faz-se alguma distinção, pelo Seth ou pela Jane, na medida em que uma foto não é definitivamente nomeada como o objeto. “Cores escuras e claras e sombras” pode referir-se a uma foto ou a um quadro; a descrição é bastante adequada para o quadro esboçado na página 39.)

(Sétima pergunta, continuação: “O objeto, creio, chegou pelo correio, seja ou não uma fotografia.” Muito bom, ainda que não cem por cento correto. O objeto é, claro, uma carta; destina-se a ir pelo correio amanhã. Um pensamento relacionado diz respeito à carta que recebi do Dr. Lodico, e que mencionei atrás — essa, claro, já foi pelo correio, a 31 de agosto.)

(“Também uma coluna, ou colunas.” A Jane disse que pensou que estes dados, apenas no fecho, se referiam ao facto de ter a ideia de vender uma coluna semanal sobre ESP ao jornal local, e de andar a preparar amostras ultimamente.)

(A Jane retomou de modo mais calmo às 22:55.)

Vamos encerrar a nossa sessão em breve.

A renda foi uma ligação muito distante e distorcida. O Ruburt estava a pensar num paramento de altar de renda, que deveria tê-lo levado a uma ligação religiosa. Uso os processos associativos dele, percebem, mas aqui isto ficou curto-circuitado. (Ver página 35.)

Os dois homens e a mulher eras tu (quer dizer, eu), o doutor e a vossa amiga Marie Colucci. As sete letras e o A representavam Andy Colucci.

A nossa interpretação daqueles dados do edifício está correta? (“Está, de facto.”)

(Vê as páginas 39 e 40, que explicam a nossa confusão sobre estes dados. A resposta do Seth, acima, contribuiu para a confusão, e está errada. A sessão seguinte já teve lugar. Diz respeito a uma discussão do Seth sobre as experiências com envelopes. Ele discute estes dados específicos do edifício e a resposta imprecisa de um modo muito interessante. Confirma também a nossa ideia de que a Jane colheu os dados do edifício de mim telepaticamente.)

A ligação com outubro tinha a ver com o quadro já comprado. Creio que a música se referia aos sentimentos subjetivos do Ruburt acerca de um

quadro (hesitámos em creditar isto quando interpretámos os dados) e também a certas inclinações musicais da parte do dentista, ou da família dele.

A ópera aqui, porém, foi uma ligação legítima, a ver com o modo como a missa é cantada no Mount Savior. O canto gregoriano é o que procurávamos aqui. Isto foi bastante legítimo.

(Depois da sessão a Jane disse que devia ter captado esta ligação, pois foi criada como católica e está bem familiarizada com o canto, a missa, etc. Esta música está entre as suas preferidas. Lembra-te de que mencionei o Mount Savior especificamente na carta usada como objeto. Os dados da renda podem também enquadrar-se nesta categoria.)

Bem. Posso, como de costume, continuar por algum tempo. Por bondade do meu coração, contudo, vou encerrar a nossa sessão. Ficaria, claro, a vosso pedido. As minhas mais cordiais saudações a ambos.

A ópera, volto a acrescentar, foi uma boa ligação, que normalmente teriam perdido.

(“Boa noite, Seth.”)

(Fim às 23:11. A Jane estava de novo bem dissociada.)

SESSÃO 286

14 DE SETEMBRO DE 1966

(A Jane começou a falar sentada, com os olhos a abrir-se quase de imediato. A voz estava normal, o ritmo algo lento.)

Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Há várias questões que gostaria de abordar em relação aos nossos próprios experimentos de envelope.

Há coisas que acredito que não compreendem totalmente. Para mim, um pensamento é uma ação. É uma realidade tão válida. Não há diferença essencial entre telepatia e clarividência, como lhes chamam. Os sentimentos emocionais ligados a um item são tão reais para mim como o próprio item. São estas cargas emocionais que são interpretadas e, finalmente, traduzidas em termos físicos.

Por outras palavras, as cargas emocionais permitem-me procurar o item que querem que eu identifique. Não começo pelo item para depois alcançar o exterior. Identifico-me, antes de mais, com as realidades emocionais, pois são estas as únicas realidades fundamentais para mim. Depois formo a minha interpretação do próprio item.

(Os gatos estavam dentro de casa para a noite. Agora começaram a brincar ruidosamente pela sala.)

Por vezes, subconscientemente, o Ruburt faz estas últimas ligações. Podem fazer uma pausa e tratar dos vossos bichanos. (Às 21h07 pus os gatos numa divisão nos fundos e fechei a porta, enquanto a Jane esperava ainda em transe, com os olhos fechados.)

Agora. Se uma pergunta específica for feita, tentamos respondê-la. A resposta, claro, será captada da mesma forma, através da força emocional. Na outra noite, responderam à vossa própria pergunta na vossa mente, e nós captámos essa localização. Chamar a isto telepatia não vos diz nada, no entanto, pois toda essa informação é o resultado de força emocional.

(Aqui o Seth refere-se à última sessão, e aos dados confusos do envelope em que nos disse, por engano, que certos dados relativos a um edifício médico estavam corretos. Na altura, a Jane e eu suspeitámos de telepatia da minha parte. Ver página 39.)

Não distingui então se, neste caso em particular, o que pensavam era verdade. Era suficientemente verdadeiro em certos níveis. Contudo, a vossa resposta emocional impediu-me de procurar mais longe a resposta. Em todas estas experiências recebo primeiro as impressões emocionais e psíquicas, e depois tento nomear o vosso objeto.

Agora. Vocês formam os vossos sonhos em muitos níveis, como sabem. Em alguns deles expandem as vossas próprias suposições-raiz, criando imagens de sonho baseadas nessas suposições. Tenho de usar essas suposições na interpretação dos nossos dados durante os experimentos. Se me derem, por exemplo, um cartão enviado com amor, então o amor é muito mais real para mim do que o cartão. Sigo essas cargas emocionais com o máximo cuidado, usando grande discernimento para me deixar guiar até ao objeto específico.

O tamanho, vejam bem, significa relativamente pouco para mim. Um bilhete escrito à pressa posso interpretá-lo como um pedaço de papel pequeno, embora o papel em si possa ser grande. Penso em intensidades, e controlo a minha tendência para me focar mais especificamente.

Tenho de traduzir os dados básicos de forma a que se ajustem às vossas suposições-raiz. Por vezes as capacidades associativas do Ruburt ajudam, e tento guiá-las para os nossos fins. A carga emocional ligada a um item pode conduzir-me tanto ao vosso passado como ao presente, mas

depois tenho de distinguir para vocês o que aconteceu do que irá acontecer, embora para mim tal diferença não exista.

Existem várias dificuldades. Posso, por exemplo, receber legitimamente a impressão de um peso insuportável, mas depois isso deve ser interpretado corretamente: aplica-se a uma tristeza psíquica pesada ou a um peso físico pesado?

A impressão, dois pontos: algo pressiona para baixo. De novo, perfeitamente legítimo, talvez, mas será isto um acontecimento ameaçador ou, por exemplo, um objeto físico ameaçador?

As impressões iniciais são simples, bastante elementares, e sempre corretas. É na interpretação e refinamento que surgem as únicas dificuldades. Contudo, quanto mais forte a carga emocional ligada ao item, mais fortes as impressões recebidas e mais corretos os dados, em regra.

A vossa impressão do edifício na outra noite continha a carga emocional mais forte disponível de imediato, que parecia oferecer a informação necessária.

Podem agora fazer uma breve pausa e continuaremos.

(Pausa às 21h31. A Jane estava bastante dissociada, disse ela. Os olhos abriram-se lentamente na pausa, e estavam escuros, com olheiras, e vidrados. Tinham-se aberto durante a transmissão por vezes. Ela retomou da mesma forma, com pausas, às 21h40.)

As minhas suposições-raiz são inteiramente diferentes, por isso há sempre alguma interpretação envolvida.

Mencionei que os objetos são símbolos para expressar uma realidade básica, a realidade da experiência direta. Num nível, os sonhos lidam com objetos e imagens de sonho. Aqui continuam a ser usados como símbolos. Em níveis mais profundos, no entanto, no estado de sonho há experiência direta, e os objetos não são usados.

Existem sonhos-raiz que representam experiências interiores básicas. Inicialmente não estão envolvidos quaisquer imagens. Se se lembrarem dos sonhos, no entanto, lembram-se deles com imagens. Os sonhos de voo são um exemplo aqui. Não são simbólicos de nada, falando basicamente. Representam experiência direta.

Se se recordarem do sonho pode parecer-vos que estavam no vosso corpo físico. As vossas suposições físicas-raiz, neste caso, seriam tão fortes que não poderiam imaginar-se, mesmo em sonho, sem um corpo físico. Já discutimos as várias formas usadas, no entanto.

Os sonhos de queda também pertencem à categoria de sonhos-raiz. Também representam experiência direta, à medida que o eu interior volta a entrar no corpo físico. Na verdade não existe cima ou baixo, percebem, mas as suposições-raiz tomam essas direções como certas, e o medo de cair é uma resposta aprendida. Aprende-se cedo, mas aprende-se.

Sonhos nos quais é dada instrução psíquica: aqui temos outro exemplo de sonho-raiz. De novo, não simbólico mas experiência real. Sonhos de vidas passadas são sonhos-raiz. Isto não quer dizer que, ao acordar, a experiência direta não se misture automaticamente com outros elementos do sonho.

Para alguns indivíduos, alguns destes sonhos podem também representar simbolismos pessoais, mas o sonho original, no estado bruto, sem adornos, é um sonho-raiz. Os adornos são acrescentados depois de o sonho estar concluído, mesmo antes do momento em que se lembram dele ao nível consciente. Os adornos podem ser partes de outros sonhos, recordados agora fora de contexto, e anexados à vossa memória do sonho-raiz original.

Dei-vos apenas alguns dos pressupostos-raiz básicos. No entanto, seguem-se deles inúmeros outros menores, que servem para orientar a linha de investigação, exploração e percepção. Lembrar-se-ão dos vossos próprios sonhos-raiz muito mais claramente, simplesmente porque agora estão familiarizados com os pressupostos-raiz e, por isso, mais livres para se libertarem deles dentro da situação de sonho.

As figuras geométricas representam os pressupostos-raiz mais simples e básicos. Quando percebo as cargas emocionais ligadas a qualquer objeto experimental, então o meu primeiro passo na interpretação envolve tais formas abstratas.

Dentro do vosso sistema, no entanto, a cor, para o homem, é mais importante do que a forma, embora isto não seja verdade para todas as espécies no vosso sistema. A cor está mais próxima da experiência emocional do que a forma. Está também, acreditem ou não, mais próxima do som. As ligações entre cor e emoção são demasiado óbvias para discutir aqui.

Para mim, uma emoção será automaticamente traduzida em cor, em muitos casos. Vejam — mas experimentem isto: veem uma ligação entre a cor vermelha e a palavra rápido?

(A Jane fitou-me, com os olhos muito abertos e escuros.)

(“Sim.”)

É deste tipo de coisa que trato. Há uma constante transformação de dados de um conjunto de termos para outro. *(Pausa.)* A palavra curto, ou melhor, a impressão de brevidade. Agora tenho de decidir de que forma esta brevidade será interpretada. Algo breve no tempo, ou breve no espaço, o que poderia levar-me, por exemplo, à impressão de um edifício pequeno.

Percebes?

(“Sim.”)

(Pausa.) A impressão pedregosa: devo seguir isto nas dimensões da matéria física, devo interpretar pedregoso como um chão rochoso ou como uma expressão pétrea no rosto de alguém?

Podem fazer uma breve pausa.

(Pausa às 22h06. Mais uma vez a Jane estava longe, os olhos abriram-se lentamente. Tinham estado fechados a maior parte do tempo. Disse que dar o material esta noite era como fazer um teste ou exame, porque o Seth queria que ela desse voz ao seu significado com a maior exatidão possível.)

(Retoma às 22h15.)

Há uma forte ligação entre o que tenho dito e a forma como traduzem a realidade interior em forma simbólica, seja na vida desperta, como objetos, seja no estado de sonho como imagens de sonho. Estou a trabalhar do outro lado, percebem.

(“Sim.”)

As vossas experiências físicas exteriores são também interpretações simbólicas da realidade interior. Essa frase pode ser sublinhada várias vezes.

O corpo físico como objeto é, entre outras coisas, uma representação simbólica da vossa própria realidade emocional. *(Pausa longa.)* Os vossos sonhos e as vossas experiências em estado de vigília espelham de perto a vossa condição psíquica. Os símbolos podem ser um pouco individualistas, mas os corpos físicos são os vossos símbolos principais. Apesar de serem todos espantosamente diferentes, o símbolo básico dentro do vosso sistema é universalmente aceite como uma realidade.

O estado físico do vosso mundo reflete portanto de forma eficaz a condição interior dos seus habitantes. Conseguem perceber as capacidades de um artista a partir das suas pinturas, ao observá-las, não conseguem?

(“Sim.”)

O mundo como o conhecem é uma criação da humanidade, e as suas capacidades e limitações estão todas evidentes aí. Dentro do estado de sonho, toda a humanidade conhece o resultado de qualquer dilema. Não há qualquer predestinação envolvida. Os problemas já foram resolvidos a nível mental ou psíquico, mas ainda não se materializaram fisicamente.

Os sonhos precognitivos são portanto precognitivos apenas em conformidade com as vossas próprias suposições-raiz. As decisões já foram tomadas, mas ainda não vos alcançaram dentro do sistema físico.

Vamos começar uma tangente interessante que, no entanto, está bastante ligada a esta discussão, mas é demasiado tarde para a iniciar esta noite. Ficará então para a nossa próxima sessão. Encerraria então, com os meus mais sinceros cumprimentos para ambos.

(“Boa noite, Seth.”)

(Fim às 22h30. A Jane estava novamente bastante dissociada, disse ela. Não se lembrava muito do que o Seth tinha dito.)

SESSÃO 287

21 DE SETEMBRO DE 1966

(A sessão regularmente marcada para segunda-feira, 19 de Setembro, não se realizou.)

(A Jane disse que não fazia ideia do que o Seth iria falar antes de a sessão começar. Começou a falar com um sorriso, os olhos abertos e muito escuros.)

Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Bem-vindos de volta. *(Sorriso.)*

Bem. A experiência não se constrói camada sobre camada, ao longo de uma linha de momentos contínuos. Basicamente, a experiência nada tem a ver com o tempo tal como o conhecem. A experiência sente-se em termos de intensidades e de realização de valor. Como devem saber, uma experiência que dura apenas alguns momentos pode superar em significado outra muito mais longa. A experiência de sonho é bastante independente do tempo físico, e a sua experiência — ou melhor, a sua intensidade, erro meu — é sentida mais diretamente enquanto estão na situação de sonho.

Mais tarde podem não se recordar dela, mas têm uma ligação mais direta com a realidade no estado de sonho, e a intensidade da experiência

de sonho é mais completamente percebida. Estou a falar agora em termos de realidade básica. É menos camuflada no estado de sonho. Por esta razão, em qualquer projeção podem ficar surpreendidos, pois aqui também entram numa situação menos estritamente camuflada.

Por vezes traduzirão automaticamente esta realidade em termos físicos. Tais imagens serão alucinatórias, mas pode levar algum tempo até distinguirem a sua verdadeira natureza. Deve entender-se, no entanto, que todos os objetos físicos também são alucinatórios. Podem ser chamados alucinações em massa.

Há uma tradução constante da realidade interior em objetos no estado de vigília, e uma tradução constante de ideias em pseudo-objetos no estado de sonho. Dentro de uma certa parte da realidade de sonho, ideias ou pensamentos podem ser traduzidos em pseudo-objetos, e transportados. Isto só pode acontecer dentro de certos intervalos de intensidades. É o que acontece quando adotam uma pseudo-forma em projeções, embora esteja a simplificar isto bastante.

Quando viajam, por assim dizer, para além de certo intervalo de intensidades, até os pseudo-objetos têm de desaparecer. Eles existem num aglomerado à volta, e ligados, ao vosso próprio sistema. A ausência até de pseudo-objetos significa obviamente que foram para além do vosso sistema de camuflagem. Se fosse possível para vocês, viajariam então através de um intervalo de intensidades em que não existiria qualquer camuflagem.

Depois encontrariam a pseudo-camuflagem, percebem, do sistema seguinte. Isto seria ou não seria matéria física, de acordo com o sistema. Encontrariam então o núcleo da área de camuflagem. As áreas completamente descamufladas nos limites exteriores dos vários sistemas devem recordar-vos as áreas indiferenciadas entre vários ciclos de vida no subconsciente. Isto não é coincidência, pois esta estrutura geral ocorre em todas as realidades.

Como regra, há pouca comunicação, percebem, através dessas áreas descamufladas ou indiferenciadas. Elas funcionam de facto como fronteiras, mesmo enquanto representam a matéria básica de que toda a camuflagem é composta. Sem a camuflagem, percebem, não perceberiam nada usando os sentidos físicos.

No entanto, essa frase é realmente sem sentido, porque os próprios sentidos físicos são camuflagem, percebem? Não haveria nada para traduzir. É apenas através do uso dos sentidos interiores que poderão perceber nestas

circunstâncias. Teoricamente, se conseguirem fazer a ponte entre várias reencarnações, então podem fazer a ponte entre o vosso sistema e outro.

Mais uma vez, as camadas ou áreas indiferenciadas são compostas da vitalidade que forma a camuflagem de todos os sistemas. Assim, não são — isto é, tal área não é, portanto, uma coisa separada em si, mas simplesmente uma parte da vitalidade que não contém camuflagem, e é portanto novamente irreconhecível para quem está dentro de um determinado sistema.

Agora, há uma ligação entre estas áreas e a ideia de infinito, mas façam primeiro uma pequena pausa, e continuaremos.

(Pausa às 21h29. A Jane estava dissociada como de costume. O seu ritmo lento tinha acelerado um pouco até à pausa. Retomou às 21h39.)

Estão em contato com o infinito nestas áreas indiferenciadas, pois é apenas a camuflagem que vos dá a vossa conceção de tempo.

Agora, durante algumas projeções podem não ter consciência de nada no que diz respeito ao ambiente. Haverá apenas a mobilidade da vossa própria consciência. Se isto acontecer, estarão a viajar por uma área descamufhada. Poderiam então esperar encontrar a seguir um ambiente mais diferenciado, que pareceria tornar-se mais nítido à medida que avançassem em direção ao núcleo de outro sistema.

A camada completamente descamufhada poderia ser bastante desconcertante. Contudo, podem tentar automaticamente projetar imagens dentro dela. As imagens não se fixariam, por assim dizer, mas apareceriam e desapareceriam com grande rapidez. Esta seria uma área silenciosa. Os pensamentos, em regra, não seriam percebidos aqui, pois os símbolos que os formam não seriam compreendidos.

Os pensamentos não seriam percebidos se estivessem presentes, percebem? No entanto, se aqui se atingisse certa intensidade, um pico de intensidade, então poderiam perceber o presente espaçoso tal como existe dentro do vosso sistema nativo. Poderiam, a partir deste pico, teoricamente espreitar para o outro sistema, mas não compreenderiam o que percebessem. Não teriam as suposições-raiz adequadas, percebem?

Usei aqui a ideia de dois sistemas vizinhos por uma questão de simplicidade, como se estivessem dispostos lado a lado. Obviamente não é esse o caso. Os sistemas são mais parecidos com os vários segmentos de uma tangerina, com as áreas descamufadas como a membrana branca entre os gomos da tangerina.

A tangerina então seria comparável a um grupo de muitos sistemas, e mesmo assim representaria por si só apenas uma pequena parte de um todo não percebido. A tangerina seria apenas um segmento, percebem, de um sistema maior. Assim podem perceber por que razão as projeções vos conduziriam numa direção muito diferente da vossa forma linear normal de viajar, e por que razão o tempo tal como o conhecem seria irrelevante.

Nem tais projeções envolvem necessariamente viagens através do espaço tal como o conhecem. Existem sistemas, de intensidade extremamente vívida, que não têm existência na realidade física. Pensa-se agora, creio eu, que o tempo e o espaço são basicamente um só, mas ambos fazem parte de algo mais. São meramente os padrões de camuflagem através dos quais percebem a realidade. O espaço, tal como o experimentam no estado de sonho, aproxima-se muito mais da realidade.

Projeções que lidam com o vosso próprio sistema envolver-vos-ão, claro, em algum tipo de camuflagem. Se não houver nenhuma presente, sabem que estão fora do sistema. O universo de sonho está então obviamente fortemente ligado ao vosso, já que pseudoimagens estão presentes. Já estão livres, em certa medida, da realidade espaço-tempo do vosso sistema. Portanto, dentro do estado de sonho, estão nas áreas exteriores do vosso universo orientado fisicamente, percebem?

Podem agora fazer uma pausa e continuaremos.

Um ponto primeiro. Existem outros sistemas por todo o lado, e dentro do vosso também.

(Pausa às 22h00. A Jane estava “fora” como de costume. O ritmo estava melhor, olhos abertos e fechados. Retomou às 22h06.)

As camadas indiferenciadas estendem-se como espirais, então, através de toda a realidade. Encontram-se pouca resistência nelas. Representam caminhos interiores que ligam sistemas, assim como os dividem.

O viajante deve deixar para trás completamente o seu aparato de camuflagem, caso contrário não irá a lado nenhum. É possível, teoricamente, viajar para qualquer sistema desta forma, contornando outros, percebem? Tal viajante não envelheceria fisicamente. O seu corpo físico estaria num estado suspenso. A consciência viajante perderia porém toda a conceção física de tempo. Muito poucas pessoas viajaram desta forma a um grau extensivo. A maior parte do conhecimento adquirido escapa, no entanto, ao organismo físico, pois as experiências não poderiam ser traduzidas pelo cérebro físico.

Agora, de novo teoricamente, é possível viajar nestas circunstâncias e perceber experiências que normalmente vos levariam séculos, fisicamente falando, e em apenas um piscar de olhos do vosso tempo.

Praticamente falando, isto raramente é feito, mas aconteceu em algumas ocasiões. O cérebro não consegue conter tais episódios. Uma parte do eu reteria estas experiências. Ora, num indivíduo criativo, algumas destas poderiam ser expressas simbolicamente numa pintura ou outra obra de arte, mas o ego não poderia considerá-las como reais.

Cada pincelada de uma pintura representa experiência concentrada e percepções comprimidas. Numa boa pintura, estas quase explodem quando percebidas pela consciência viva de outra pessoa. O observador é invadido por intensidades. Novamente, experiência que nada tem a ver com o tempo físico. O mesmo pode dizer-se de um poema bem-sucedido, embora aqui fale do conhecimento de poesia do Ruburt, e não de nenhum meu.

A excelente obra de arte recria para o observador também experiência interior sua, da qual talvez nunca tenha estado consciente. Como sabem, as pinturas têm movimento, embora a pintura em si não se mova. Esta ideia talvez vos ajude a entender a experiência em termos de intensidade, e as projeções, ou o movimento da consciência, sem necessariamente qualquer envolvimento com o espaço.

O verdadeiro movimento não tem absolutamente nada a ver com o espaço. O único movimento real é o da consciência viajante. (*Pausa longa, olhos fechados; um minuto.*) Espacialmente, uma pintura é plana. A sua realidade salta para fora das suas dimensões físicas, e escapa-lhes completamente. (*Pausa longa.*) As profundidades dentro da pintura não existem fisicamente, mas são percebidas.

O vosso tempo físico é algo assim. Existe aqui uma ligação forte que tenho tentado fazer passar, mas é, por agora, demasiado difícil para o Ruburt captar. Toda a experiência que um artista acumulou está em qualquer pintura, não fisicamente percebida, mas fortemente percebida pelos sentidos interiores.

Isto está codificado, protegido, até do seu próprio ego. Cada pintura bem-sucedida força a consciência a viajar para dentro dela, de formas que explicarei mais detalhadamente.

O presente espaçoso está sempre presente (*sorriso*) — o meu trocadilho — em qualquer obra de arte. Como devem saber, existe uma diferença no tipo de mobilidade de uma pintura objetiva e de uma abstrata.

A fluidez ou o presente espaçoso permeia o estado de sonho tal como permeia uma pintura, mas as imagens são projetadas para o presente espaçoso pelo sonhador, de acordo com a sua própria compreensão e experiência.

Ora, alguns sistemas não têm forma básica, mas adotam a forma, ou as formas, que lhes são impostas. O vosso sistema é obviamente um destes. Outros sistemas, pela sua própria natureza, erguem uma resistência, que resiste. Nestes casos existe uma batalha constante de formas.

Vamos guardar isto para outra sessão, no entanto.

Dou-vos os meus mais sinceros votos.

(“Boa noite, Seth.”)

(Fim às 22h38. A Jane estava muito “fora” desta vez, disse ela. Os olhos abriram-se lentamente, e estavam pesados e turvos.

(A Jane disse que o Seth tinha tentado fazer passar conceitos difíceis. Teve uma imagem de espirais, por exemplo, todas interligadas sem serem regulares, que diziam respeito ao material sobre pinturas e tempo, mas não conseguiu captar claramente nem sequer descrevê-la adequadamente. Havia imagens dentro deste conceito que eram algo como um acordeão, disse a Jane, relacionadas com o tempo a abrir-se e a fechar-se, etc.

(O ritmo da Jane, que nunca foi rápido durante a sessão, tornou-se bastante lento para o fim. Os olhos abriram-se muitas vezes.)

SESSÃO 288

26 DE SETEMBRO DE 1966

(O objeto para o 71.º experimento de envelope foi o primeiro rascunho de um poema que a Jane e eu escrevemos para o aniversário do Bill Gallagher, que calhou numa sexta-feira, 1 de Julho. Escrevemo-lo primeiro em voz alta no carro enquanto andávamos por aí. A Jane depois escreveu à máquina o que nos lembrávamos; corrigimo-lo como mostrado na página 51, depois a Jane copiou-o para entregar ao Bill, junto com um bolo. Este primeiro rascunho foi dactilografado em papel amarelo; dobrei-o como mostrado para o inserir no habitual envelope duplo, depois de o sanduichar entre duas folhas de Bristol. Mais detalhes depois.)

(A Jane não fazia ideia do que o Seth iria falar durante a sessão, embora ambos esperássemos que ele discutisse os acontecimentos da

sexta-feira anterior, 23 de Setembro, em casa. Presentes estavam o Bill e a Peggy Gallagher, a Barbara Ingold, a Jane e eu. A Jane escreveu um relato da sua experiência, e a Peggy tirou notas parciais. Cópias de ambos os relatos serão anexadas a esta sessão. Também acrescentarei notas à medida que a sessão decorrer.)

(O Seth quis falar na sexta-feira à noite, já que tínhamos obviamente preparado o cenário através da nossa conversa. A Jane e a Barbara também ajudaram devido à conversa antes da chegada dos Gallagher. A Jane negou permissão ao Seth para falar, e ele concordou. Mais tarde a Jane começou a dar impressões por conta própria, em transe. Todos os dados diziam respeito à Barbara, que confirmou vários pontos impressionantes.)

(A Jane retomou depois de uma pausa, e o seu transe aprofundou-se consideravelmente. Mais tarde disse que foi o seu transe mais profundo de sempre. A Jane começou a falar de forma hesitante, a voz esmoreceu, e chamou o meu nome como se fosse um apelo. Deitou-se no chão de costas. Chamou-me de novo; quando fui até ela, rebentou em lágrimas; o choro era forte e muito carregado; parecia óbvio que estava a responder emocionalmente a uma experiência da infância da Barbara; a Jane parecia ter atingido um estado para além das palavras. Demorou algum tempo a sair do transe, com a pouca ajuda que pude dar.)

(De facto, a Jane voltou a entrar nele várias vezes, em intervalos curtos. A Barbara não conseguiu confirmar nada desta experiência, o que seria o caso se estivesse enterrada no subconsciente. O Bill Gallagher levou-nos a dar uma volta na esperança de que o ar frio da noite ajudasse a Jane a sair disso; por isso, à 1:00 da manhã andávamos aos solavancos por Elmira, Elmira Heights e Horseheads. A terapia funcionou, no entanto.)

(A Jane ficou bastante assustada com esta experiência, já que foi totalmente inesperada e não estávamos preparados. Eu senti algum ressentimento, sentindo que estávamos em exposição de certa forma. A Jane disse-me que, para o fim da experiência, sentiu-se como se estivesse num poço fundo com lados lisos. Não teve imagens durante toda a noite.)

(A Jane começou a falar de forma algo estranha, com pausas depois de cada duas ou três palavras. Os olhos permaneceram fechados até indicação em contrário. A voz estava mais forte do que o habitual, mas não alta.)

Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Agora, tenho de facto algumas palavras a dizer, relativamente a este último episódio.

Foi, claro, um episódio perturbador. Isto não significa que não tenha sido uma ocasião bastante importante. O Ruburt não usou as suas capacidades precisamente da mesma forma no passado, simplesmente porque não teria conseguido fazê-lo, mesmo que quisesse. As suas capacidades deram, de certa forma, um passo de gigante em frente. É verdade que irão querer usar controlo e disciplina. O facto é que as circunstâncias provocaram um desenvolvimento iminente. Se essas circunstâncias particulares não tivessem ocorrido, então o próximo conjunto de circunstâncias semelhantes teria servido o mesmo propósito.

O desenvolvimento das capacidades era necessário, e manifestar-se-á independentemente da forma particular que o Ruburt possa escolher para usar essas capacidades. A escolha cabe, de facto, a ambos. Foi preciso um conjunto de condições emocionais fortes, extraordinariamente fortes, para que o Ruburt se permitisse tanta liberdade como na outra noite. Agora, a liberdade exige disciplina. Houve da parte do Ruburt uma concentração interior muito mais completa, e para esta indicação inicial foi necessário um estímulo forte. Como o Ruburt suspeita, dadas as circunstâncias, foram usados controlos subconscientes. Foi escolhido um momento de segurança.

Foi, no entanto, uma espécie de avalanche. Isto aconteceu simplesmente porque o Ruburt não sabia como lidar com as novas condições. É compreensível haver incerteza nestes começos. A rapariga ajudou realmente, como talvez uma parteira ajudasse. Eu sabia o que ia acontecer, e poderia ter ajudado, protegendo o Ruburt até certo ponto. No entanto, a experiência foi mais valiosa deixada em paz, pois assim veem quais podem ser as condições, e podem escolher por vocês mesmos.

Existem métodos, claro, para terminar o transe gradualmente. Não é bom terminar esse tipo de transe demasiado depressa. (*Gesto, olhos fechados.*) O apoio que deste, Joseph, foi a tua melhor ação. O suporte. Podem fazer uma breve pausa, e continuaremos.

(*Pausa às 21h16. A Jane estava dissociada como de costume. Ambos ficámos algo surpreendidos com a pausa tão cedo. Os olhos dela mantiveram-se fechados, a voz estava boa. As pausas estranhas*

continuaram mais ou menos, embora diminuíssem quando retomou às 21h26.)

Ele libertou-se para usar os sentidos interiores de forma mais completa.

O primeiro episódio deste tipo é inevitavelmente algo perturbador. Eu teria intervindo apesar de não ser bem-vindo, mas temi que, ao fazê-lo, confundisse a situação para vocês.

As percepções iniciais foram captadas pelos sentidos interiores. Uma viagem através do tempo e do espaço esteve envolvida. O meio pelo qual o Ruburt viajou foi a carga emocional projetada pela rapariga.

Agora, para evitar confusões, a rapariga não é um médium como, digamos, o Ruburt é, segundo o vosso uso do termo. Não gosto do termo. Mas o meio através do qual o Ruburt viajou foi o meio elétrico e eletromagnético emitido pelo estado emocional altamente carregado da rapariga.

Houve também um triângulo formado por ti, pelo Ruburt e pela rapariga, altamente carregado a nível subconsciente, que contribuiu para o clima psicológico. O Jesuíta (*Bill Gallagher*) e a amante de gatos (*Peggy G.*) foram factores de equilíbrio. Todas estas condições, estes factores de equilíbrio e propulsão, foram necessários para a primeira realização deste tipo por parte do Ruburt.

As bebidas anteriores, claro, baixaram as defesas dele, mas foi a cafeína do café que permitiu ao sistema manter-se alerta e direccionar as capacidades interiores nesta noite em particular. (*Gesto impaciente.*) Não devem ter tanto medo que tentem reprimir as capacidades. Mas também não devem deixá-las ser usadas indiscriminadamente.

(Isto porque a Jane e eu tínhamos prometido desde sexta-feira que não haveria mais episódios tão descontrolados, embora se tenha obtido bom material.)

Sem a experiência em si, estas capacidades particulares não se teriam desenvolvido — ou, claro, outro episódio semelhante. O mesmo tipo de desenvolvimento não teria sido iniciado aqui numa sessão tão cedo, simplesmente porque as condições emocionais não seriam satisfeitas. Podemos usar muito bem este desenvolvimento, no entanto. Subconscientemente, acompanhaste, Joseph, como de facto devias ter feito. O Ruburt teve o teu consentimento. Isto não significa que não se possa usar

mais controle consciente agora que o desenvolvimento é conhecido. Antes não era possível.

E posso dizer-te, embora nenhum de vocês talvez fique satisfeito, que o incidente ensinou muito à amante de gatos e ao Jesuíta, e através de experiência direta. Podem chamar-lhe uma ajuda visual. (*Sorriso, tom firme, olhos muito abertos.*) Só se aprende emocionalmente. Se não aprendem emocionalmente, não aprendem.

(“Ora, porque é que não ficaríamos satisfeitos com isso?”)

Estou a falar da tendência em ambos de desligarem completamente (*sublinhado*) as sessões e qualquer manifestação psíquica direta da vida quotidiana. Notem que disse apenas tendência. Existem limites, claro. Não estou preocupado que não estabeleçam limites, mas uma demonstração psíquica direta e sincera tem uma validade emocional enorme para quem a observa.

Isto não significa, de novo, que tais demonstrações devam ser excessivamente enfatizadas, ou uma ocorrência regular. Não significa que devam ser adotadas indiscriminadamente. Mas quando ocorrem, na maioria das vezes terão ocorrido por uma razão, e afetarão os testemunhos de forma muito direta.

Podem fazer uma curta pausa e continuaremos.

(*Pausa às 21h47. A Jane estava “fora” como de costume. Os olhos começaram a abrir-se para o fim da transmissão, o ritmo estava melhor, a voz ainda no lado mais forte.*)

(*Uma nota: o 71.º experimento de envelope devia realizar-se esta noite. Por estranho que pareça, tinha-me esquecido da identidade do objeto do envelope; preparei este envelope para a sessão marcada para segunda-feira, 19 de Setembro; essa sessão não se realizou e guardei o envelope. Durante a sessão desta noite percebi que tinha esquecido o que era o objeto, embora tenha sido eu a escolhê-lo. Pelo menos a nível consciente, isto fazia parecer que um estranho tinha preparado o envelope.*)

(*A Jane retomou de olhos fechados às 21h57.*)

Na nossa... Estão prontos?

(*“Sim.” Eu tinha estado a espirrar.*)

Vou explicar mais claramente as diferenças de percepção que estão envolvidas em vários procedimentos de transe. Vão achar isto muito interessante... Querem outra pausa?

(*“Acho que não.” Os espirros finalmente pararam.*)

Têm um envelope para mim?

(“Sim.”

(Às 21h59 a Jane pegou no envelope para o nosso 71.º experimento sem abrir os olhos. Segurou-o na testa e fez uma breve pausa.)

Deem-nos um momento, por favor.

A impressão de algo a rodopiar, como folhas ao vento. E uma escada. Uma ligação missionária. Um objeto quadrado.

Seis mais um. Uma caneta. Pequenas linhas azuis, trémulas. Algo escrito por uma mão velha talvez, com linhas finas e vacilantes.

Uma nota. Uma descrição, talvez de uma casa ou de um edifício. A impressão de algo rabiscado. Um quadrado pequeno, e talvez um maior. Tenho uma ligação com um estábulo ou cavalos. *(Pausa.)* Nove, ou nove horas.

Uma circunstância envolvendo um polícia. *(Pausa.)* Algo a ver com uma queda, ou ver algo através — atravessá-lo completamente, percebem. Verde, talvez um selo. *(Pausa.)* Quatro três oito.

Uma carta escrita por uma pessoa mais velha. Uma ligação com bosques. E uma contabilidade rigorosa. Ligação com uma folha ou o outono. Com um acontecimento de 1964 ou ‘65.

(Pausa.) E uma nova circunstância contada a vocês, que serve para ligar estes acontecimentos.

Têm alguma pergunta?

(“Essa mão velha é masculina ou feminina?”

(Pausa.)

Não tenho a certeza, embora suspeite masculina. A mão não é uma mão tipicamente masculina, no entanto, mas talvez mais delicada. *(Pausa.)* Se não tiverem mais perguntas, sugiro uma pausa.

(“Está bem.”

(Pausa às 22h10. A Jane estava dissociada como de costume, e os olhos permaneceram fechados.

(Ver a cópia do objeto do envelope na página 51, e as notas na página 55. Como aí indicado, eu tinha-me esquecido do conteúdo dos envelopes de teste. Quando chegou a altura de fazer perguntas esta noite, decidi considerar os dados já recebidos como suficientemente específicos. Na realidade, podia-se fazer muitas perguntas, sabendo ou não o objeto. A Jane disse que não teve imagens enquanto falava.

(O Seth deu-nos uma pequena ajuda depois da pausa e, embora breve, preencheu bastantes lacunas em alguns dados de que não tínhamos a certeza. Por conveniência, é melhor incluir os dados posteriores do Seth junto com as nossas próprias interpretações, feitas durante a pausa, já que as cargas emocionais explicam muito do material. Para informações mais detalhadas sobre como as cargas emocionais influenciam os dados do Seth para envelopes, ver a 286.ª sessão.

(Após a pausa, o Seth disse que as nossas interpretações estavam corretas. Mas não conseguimos ser tão específicos quanto desejávamos, e sentimos que ficaram coisas válidas por dizer.

(“A impressão de algo a rodopiar, como folhas ao vento.” A nossa interpretação aqui foi que os dados sobre o rodopio e as folhas se referiam à menção de um jardim no poema usado como objeto. Ver página 51. Isto pode estar correto. No entanto, segundo o Seth depois da pausa, o rodopio deveria ter levado a Jane à cobertura do bolo. O bolo de aniversário que demos ao Bill Gallagher a 1 de Julho tinha cobertura. O poema usado como objeto foi escrito para essa ocasião.

(“E uma escada.” A Jane interpretou de imediato este dado como referindo-se à escada que tem de subir para chegar ao escritório da Peggy Gallagher, no segundo andar do jornal onde a Peggy trabalha. A Peggy, claro, esteve presente na pequena festa de aniversário que demos ao Bill na noite de 1 de Julho.

(Outra interpretação possível da escada pode referir-se à nossa própria escadaria íngreme nas traseiras do apartamento. Vivemos no segundo andar. Como estava uma noite de verão agradável a 1 de Julho, fizemos a festa no relvado das traseiras, deixando o bolo lá em cima, no apartamento, como surpresa para o Bill. Quando chegou o momento de ir buscar o bolo, a Jane e eu subimos juntos, acendemos as velas enquanto nos escondíamos nas escadas, depois levámos o bolo para a festa.

(“Uma ligação missionária.” Achamos que isto é um dado muito bom. O Bill Gallagher usa, em tom de brincadeira, o termo Jardim do Getsémani para o jornal local onde também trabalha — daí tais ligações religiosas no poema usado como objeto. Além disso, o termo carinhoso de longa data do Seth para o Bill é “O Jesuíta”, e assim chamou ao Bill na sessão desta noite. Ver página 54.

(“Um objeto quadrado.” Sentimo-nos razoavelmente certos de que isto se refere à caixa em que trouxemos o bolo da pastelaria para casa, na

tarde de 1 de Julho. Lembramo-nos da caixa como quadrada, do tipo dobrável. Claro que podem existir muitas interpretações.

(“Seis mais um.” O aniversário do Bill Gallagher é a 1 de Julho — seis mais um dá um total de sete. O poema usado como objeto foi escrito pela Jane e por mim para a ocasião do aniversário, que ocorreu a 1 de Julho.

(“Uma caneta.” Ver a cópia do objeto na página 51. As minhas correções no objeto foram feitas a lápis. A Jane fez as dela com uma caneta.

(“Pequenas linhas azuis, trémulas. Algo escrito por uma mão velha, talvez, com linhas finas e vacilantes.” As correções da Jane no objeto foram feitas com uma caneta azul, que parece bastante escura sobre o papel amarelo onde o poema foi dactilografado. As correções são pequenas, mas não trémulas. O dado da mão velha e vacilante deixou-nos intrigados, e aqui falhámos porque não interpretámos as cargas emocionais envolvidas, como o Seth fez.

(Na realidade, estes dados são bastante legítimos, e tornam-se compreensíveis quando soubemos depois da pausa que, segundo o Seth, o Bill Gallagher se sentiu muito velho no seu 41.º aniversário, no passado 1 de Julho. Ver novamente a 286.ª sessão.

(“Uma nota.” Achamos que isto é uma descrição suficientemente próxima do objeto, na medida em que a brevidade do poema pode assemelhar-se a uma nota, pela forma de percepção do Seth.

(“Uma descrição, talvez de uma casa ou de um edifício.” Isto é muito bom. Como explicado na última página, o Bill Gallagher chama ao seu local de trabalho, o jornal, o “Jardim do Getsémani”. Referido no poema usado como objeto. Ver página 51.

(“A impressão de algo rabiscado.” Achamos que isto se refere às correções feitas no poema usado como objeto.

(“Um quadrado pequeno, e talvez um maior.” A nossa interpretação aqui, sem de forma alguma termos a certeza, foi que isto dizia respeito à caixa de cartão do bolo descrita anteriormente — que era quadrada, segundo nos lembramos — e ao cartão de aniversário mais pequeno. No entanto, já não temos a certeza se o cartão estava num envelope quadrado ou retangular. Levando à letra a indicação geral do Seth, depois da pausa, de que as nossas interpretações estavam corretas, isto incluiria esta parte. Mas não o afirmáramos por conta própria.

(“Tenho uma ligação com um estábulo ou cavalos.” Este é outro caso em que o Seth confirma a nossa própria interpretação. A Jane quase não mencionava a ideia, pensando de início que era demasiado “disparatada”. Acabou por me dizer que, quando olhou para o objeto do envelope durante a pausa, leu a palavra a lápis “Man-ame”, à direita do poema usado como objeto, como “Man-O-War”, que é o nome de um cavalo de corridas muito famoso. É, aliás, o único nome de cavalo que a Jane conhece, disse ela.

(Isto implica, claro, que a Jane traduziu a mesma impressão a nível subconsciente para o Seth, erro de leitura incluído. Possível?

(“Nove, ou nove horas.” Lembramo-nos que os Gallagher chegaram um pouco atrasados à festa surpresa de aniversário do Bill, no passado 1 de Julho, e que vieram por volta das 21h00. Esperávamo-los antes das 20h30.

(“Uma circunstância envolvendo um polícia.” Isto refere-se a uma história longa e complicada que a Peggy Gallagher nos contou durante a noite da festa de aniversário, para a qual a Jane e eu escrevemos o poema usado como objeto. A notícia da Peggy deixou impressão e a Jane e eu ainda nos lembramos. Muito resumidamente, diz respeito ao comportamento de um psiquiatra local e da sua esposa — um desses casos prolongados, bem conhecidos localmente há bastante tempo, mas que nunca chegaram a sair no jornal.

(O caso específico que a Peg descreveu nessa noite dizia respeito à prisão da esposa do médico por conduzir embriagada, excesso de velocidade, etc.

(“Algo a ver com uma queda, ou ver algo através — atravessar completamente, percebem.” Não encontramos ligações.) (Nota posterior do Rob: O Jardim do Éden — a “Queda”?

(“Verde, talvez um selo.” Sem ligações. Nada foi enviado por correio relacionado com a festa de aniversário, ou com o objeto, etc.

(“Quatro três oito.” Achamos que isto é uma referência próxima ao nosso endereço, 458 W. Water Street. A festa de aniversário realizou-se neste endereço e o poema usado como objeto foi dado ao Bill também aqui.

(“Uma carta escrita por uma pessoa mais velha.” Isto liga-se com os dados anteriores de velho e vacilante, interpretados no topo da página 57. Como o Seth nos disse depois da pausa, a referência a velho diz respeito aos sentimentos subjetivos do Bill Gallagher no seu aniversário, a 1 de Julho. A referência à carta aqui deriva da semelhança do poema

dactilografado usado como objeto com uma carta, e ecoa os dados sobre a nota, também discutidos na página 57.

(“Uma ligação com bosques.” A nossa interpretação aqui é que bosques se refere ao literal Jardim do Getsémani bíblico, que é satirizado no poema usado como objeto. A Jane diz que o jardim real não era um jardim formal, do tipo cultivado, mas continha oliveiras, etc., e muita vegetação desse tipo. A confirmação geral do Seth depois da pausa implica, novamente, que esta é a interpretação correta.

(“E uma contabilidade rigorosa.” Isto é uma referência excelente à terceira linha do poema usado como objeto. A Penny é mencionada lá e a contabilidade de tal coisa seria, de facto, uma contabilidade rigorosa.

(“Ligação com uma folha ou o outono.” Ver os dados na página 55. Tal como aí, achamos que os dados da folha se referem ao jardim mencionado no poema usado como objeto. Mas também achamos que os dados do outono surgem dos dados sobre o rodopio na página 55, e da tentativa do Seth de fazer a Jane dar voz à cobertura do bolo. Os dados do outono podem ter surgido da interpretação, por parte da Jane, da impressão da cobertura.

(“Com um acontecimento de 1964 ou ‘65.” Não temos a certeza. A Jane pensa que isto se refere a ter escrito alguns poemas para o aniversário da Peg também. Acredita que o fez em Janeiro de 1966, no entanto. A Jane acha que a ideia deste dado está correta, na medida em que escreveu os poemas para a Peg antes de escrever o do aniversário do Bill, seis meses depois.

(“E uma nova circunstância contada a vocês, que serve para ligar estes acontecimentos.” Não encontrámos ligações aqui.

(Primeira Pergunta: Esta mão velha é masculina ou feminina? “Não tenho a certeza, embora suspeite masculina. No entanto, a mão não é uma mão tipicamente masculina, mas talvez mais delicada.” O Seth está correto, na medida em que a referência a velho aqui diz respeito aos sentimentos subjetivos do Bill Gallagher [o homem], na noite da sua festa de aniversário, para a qual o objeto do envelope foi escrito. A Jane e eu não vemos especialmente qualquer ligação com a referência à mão delicada, no entanto.)

(A Jane retomou.)

Vamos então encerrar a nossa sessão.

O nosso Jesuíta sentiu-se muito velho no seu aniversário. Foi esse sentimento emocional que foi captado. O rodopio deveria ter levado o Ruburt à cobertura do bolo, e não levou.

Não é preciso aprofundar o resto dos dados. As vossas próprias interpretações estão corretas.

Os meus mais sinceros votos para ambos.

(“Boa noite, Seth.”

(Fim às 22h49. A Jane estava “fora” como de costume, a voz calma. Comentou que gostaria que os dados do envelope tivessem sido mais específicos, embora contivessem alguns pontos bons, e parecia não haver dúvida de que o Seth se sintonizara com a situação correta, o objeto, etc.

(A Jane disse que não conseguia deixar de contrastar esta abordagem mais mundana, calma e segura com os acontecimentos do transe da última sexta-feira à noite, envolvendo a Barbara Ingold, e os dados bastante específicos, incluindo datas, nomes de lugares, descrições físicas, etc., que se manifestaram então.

(A Peggy Gallagher tem notas parciais sobre os acontecimentos de sexta-feira, e uma cópia dessas notas, bem como a versão da própria Jane, será anexada a esta sessão.)

NOTAS DA JANE

SEGUNDA-FEIRA 26 DE SETEMBRO DE 1966

(Estas notas dizem respeito a um incidente que aconteceu na sexta-feira à noite, 23 de Setembro de 1966. Uma vizinha, a Barbara Ingold, apareceu na sexta-feira por volta das 19h com um shaker de stingers, um para o Rob, a Barb e para mim. O Rob estava a trabalhar. A Barb e eu bebemos os nossos stingers e dividimos o do Rob. Ela falou do seu passado; tentativas de suicídio, abortos espontâneos, operações; tudo muito carregado emocionalmente. Dei-me a sugestão de que só reagiria a sugestões construtivas, para contrariar a atitude emocional dela. Quando chegou, eu estava irritada. Íamos ter visitas; havia loiça para lavar; eu queria mudar de roupa, etc. Amolecida pelas bebidas, achei que mais valia ela ficar. Insistiu em lavar a loiça por mim; quer basicamente comprar amizade ou garantir que é necessária ou algo do género.

(Quando o Bill e a Peg Gallagher chegaram, por volta das nove, bebi duas chávenas de café forte, em vez do vinho que todos os outros beberam; por isso deve ter sido já umas 22h30 quando bebi um copo de vinho. A

conversa foi conduzida pela Barb, novamente, para a sua própria vida e assim por diante. A noite avançava. Algures aqui senti que podia fazer uma sessão do Seth em relação à Barb. Disse isso em voz baixa ao Rob e uma vez à Peg; que claro sabe das sessões. A Barb sabe muito pouco, embora eu ache que tem uma ideia geral do Seth. O Rob abanou a cabeça e eu também não queria particularmente envolver-me, por isso disse mentalmente que não. Passado um bocado deixei de sentir o Seth por perto. Um erro. A Barb ouviu-me. O Bill, afinal, não.

(Então — para mim, de repente — na minha própria voz e sem o Seth, comecei a dar impressões sobre a vida passada da Barb. Não vi imagens nenhuma, e não fazia ideia se aquilo fazia sentido para ela ou era apenas uma fabricação subconsciente minha. Também não houve hesitação. As palavras simplesmente saíram. Lembro-me de muito pouco do que disse mas quando parei a Barb confirmou vários pontos como muito bons. Mencionei Greenwich, Connecticut; eu nem sabia que havia um Greenwich em Connecticut, embora conheça Greenwich, NY, e me parecesse que havia um em Vermont. De qualquer forma, a Barb disse que lá viveu há alguns anos. Também mencionei iniciais específicas — agora já não me lembro delas — a Peg tirou notas e terá isso — e foram excelentes, referindo-se especificamente ao namorado da Barb, o Dick. A primeira inicial era “G”, no entanto. Ela contou-nos que o primeiro nome dele era na verdade George; claro que ficámos surpreendidos, não fazíamos ideia. Qualquer coisa sobre um segundo filho, um rapaz, também bateu certo para ela; e outro ponto que agora não lembro. Pode haver mais, ainda não vimos as notas.

(Falámos sobre isto durante uns minutos. Depois, de repente, estava num transe muito profundo de que não tenho memória — exceto no final, quando estava a gritar com toda a força e, creio, deitada no chão a chorar. O que disse já não sei, embora aparentemente no fim estivesse a reviver alguma tentativa de suicídio da Barb? Ou uma operação? Não sei; lembro-me apenas que era suposto ser de tarde.

(O transe foi o mais profundo em que já estive. De novo não vi nada; nenhuma imagem; mas estava estranhamente desprotegida; o estado emocional não era nada agradável, enquanto gritava por causa deste episódio, aparentemente um passado da Barb. Com o Seth, por exemplo, não sinto nada. Chamei pelo Rob. Ele tentou ajudar-me a sair do transe, o que foi bastante difícil. O “eu” estava tomado pelo estado emocional de tal

forma que era difícil voltar. Voltei a entrar várias vezes durante algum tempo. Finalmente o Bill e a Peg levaram-nos a dar uma volta no ar frio da noite, para me ajudar a sair disso.

(Para mim, pelo menos a informação confirmada na primeira parte foi excelente; a cidade e o estado corretos, as iniciais, o ponto sobre o segundo filho — a Barb só dizia sim, sim; mas não explicou; e houve outra coisa. Não verificámos a informação que dei durante a segunda parte, mais emocional, do transe. Eu estava demasiado abalada e o Rob demasiado preocupado comigo para apanhar dados tão precisos — mas será curioso ver se algum ponto bom foi dado nessa segunda parte, mais carregada.

(Não fazia ideia, conscientemente, de que podia entrar num transe tão profundo ou, nesse caso, dar informações tão precisas. Certamente as bebidas devem ter baixado as minhas defesas, embora não estivesse bêbada. De certeza que estando completamente sóbria não me teria permitido comportar assim. A experiência foi valiosa, no entanto. Fiquei bastante assustada, no geral. Ao mesmo tempo, algo surpreendida; não percebia que as minhas capacidades fossem tão boas ou que conseguisse obter dados tão específicos.

(Mas não passaria por isso muitas vezes, digo já; com ou sem dados. Surge a questão: experiências deste género trariam a sua própria disciplina e proteção? Foi tão vívido e assustador porque foi a primeira vez? Ou porque em tais circunstâncias as emoções são sempre captadas de forma tão intensa? De certeza que se as sessões do Seth tivessem envolvido este tipo de coisa — especialmente no início — tenho a certeza de que não as teríamos continuado. Pelo menos não creio que o tivéssemos feito.

(Também não acredito que o “espetáculo” tivesse ocorrido se eu não me sentisse basicamente protegida — com o Rob, claro; e também sabendo que confiaria nos Gallagher implicitamente. No fim estava dentro de uma emoção; não senti que estivesse “possuída” pela Barb, por exemplo, ou dominada por outra pessoa; mas senti e estava imersa numa emoção que não era minha, e muito desagradável, assustadora, para a qual não estava preparada — pelo menos conscientemente.

(No geral, acho que para o Rob tudo isto foi extremamente desagradável; ele detesta exposições emocionais para começar. Depois de tudo acabar, para mim também foi altamente desagradável. Na altura o “eu” não estava consciente de quase nada da forma habitual. Apenas esta

torrente de impressões. Mas não estou consciente — nem estava — de como as impressões chegaram; nenhuma imagem que me lembre. Só as palavras. Eram minhas, definitivamente. Nenhuma personalidade de controlo, por exemplo. Mas de onde vieram as palavras; ou que traduções interiores aconteceram antes de eu as dizer, não sei. Não estava consciente das perceções originais, em outras palavras. Não houve hesitação e pouco procurei as palavras. A dar dados de teste nas sessões, faço traduções e sou cuidadosa, tento interpretar o que recebo; aqui, as interpretações já estavam feitas; a nível subconsciente? Presumivelmente.

(No fim, estava assustada o suficiente para gritar por ajuda quando tive oportunidade; e o Rob veio ajudar-me. Talvez — quase de certeza, na verdade — a coisa tivesse acabado por si, mas a situação emocional podia ter piorado primeiro; se estava a reviver um estado emocional podia ter passado por tudo de novo, admitindo que houvesse mais. [Agora mesmo, ao escrever isto, lembro-me que quando estava no chão a soluçar, senti que estava numa cama, a chorar.]

(Achei que quando disse não ao Seth, isso era tudo o que era preciso, já que nunca aconteceu nada disto antes. O Rob insiste que devo ter dado consentimento subconscientemente, e claro que deve ter razão embora eu não tenha consciência de nenhum momento em que o tenha feito. É óbvio que terei de me proteger e estabelecer mais barreiras, já que este tipo de coisa não pode ser permitido sempre que as circunstâncias sejam favoráveis.

(No dia seguinte comecei o meu período, alguns dias mais cedo mas nada de invulgar. Isto faz-me pensar que durante a ovulação e mesmo antes do meu período seria sensato ter cuidado redobrado. É muito possível, no entanto, que isto só aconteça raramente de qualquer forma. O controlo deve estar nas nossas mãos conscientes, independentemente disso.

(É importante lembrar que, tanto quanto sei — a primeira parte com a informação válida — não foi particularmente emocional — nem desagradável — tirando a “mecânica” normal do transe, não foi uma exibição. Se tivesse parado aí não acredito que o Rob ou eu teríamos ficado tão perturbados como ficámos depois do episódio final.

(De novo, estou curiosa se o factor emocional extra no fim acrescentou algo à informação específica dada. Se não, então pouco de bom se pode dizer disso. Claro que ainda seria possível que informação adicional tivesse sido dada se a condição tivesse sido permitida continuar.

Infelizmente foi uma exibição; pelo menos esta é a nossa forma de ver as coisas e certamente a nossa forma de ver é a mais importante e as nossas atitudes devem guiar as nossas ações; não as atitudes de mais ninguém. A informação da primeira parte foi excelente, a meu ver; mas foi obtida à custa deste... espetáculo. E para usar a capacidade ela tem de ser disciplinada; não poderia ser deixada correr livre. Provavelmente não seria de qualquer forma; certamente médiuns que cobram por leituras e as fazem regularmente todos os dias, não passam por isto sempre.

(Por outro lado, a força da capacidade também determina o grau de disciplina a usar; tem de ser assim. Não se pode fechar tanto por medo que não se dê oportunidade de usar ou desenvolver a capacidade, obviamente; mas também não se usa indiscriminadamente. A forma como foi usada na outra noite assusta-me um pouco, com certeza. Diria até que uma atitude excessivamente disciplinada levaria a um estado de espírito bastante equilibrado e decente. Uma atitude permissiva deixar-me-ia mais assustada. Olhando para trás, vejo que a situação foi na verdade rigorosamente supervisionada; se não fosse, não acho que teria feito fosse o que fosse. Mas o facto é: não tenho a certeza.

(Além disso, certamente não quero pessoas a virem cá à procura desse tipo de coisa. Agora estou um pouco arrependida de as pessoas saberem das sessões do Seth; saberem o que fazemos duas vezes por semana; e claro que isso é parcialmente culpa minha. É difícil ter uma atitude equilibrada, que é o que é preciso — e normalmente conseguimos ter uma, aliás. Quis escrever o que penso sobre isto porque posso querer escrever sobre o incidente no futuro.

(Outro ponto: a Barb deve ser altamente neurótica, tendo tentado o suicídio, segundo ela própria contou, quatro vezes. Ela andava a fazer um pouco de charme com o Rob antes; disse-nos que para ela ele representava o tipo de homem ideal e enfatizou a sua “severidade”. Não estava zangada com ela nem nada, mas algo embaraçada por ela, à frente dos Gallagher; mas também não achei muita piada. Até me perguntei depois se isto teve alguma coisa a ver com o que aconteceu; embora não tenha certeza da ligação. É um bocado rebuscado mas talvez de certa forma tenha contribuído para o conjunto.

(Lembro-me de ter dito à Barb que tentaria tirar a vida outra vez? ou outras vezes? mas que morreria nos seus oitenta e poucos anos de [pneumonia?]. Talvez tenha dito em Greenwich, Connecticut. Qualquer

coisa sobre outro homem também, de que não me recordo. Isto é tudo o que me lembro. Não me lembrava dos dados sobre Greenwich nem dos outros pontos que bateram certo; só sei deles porque falámos antes de começar o segundo transe.

(Não sei se a nossa atitude em relação a este tipo de coisa é demasiado rígida; isto é, se assim pareceria a outras pessoas; aos Gallagher, por exemplo. Digo que não quero que as pessoas “esperem esse tipo de coisa quando vêm cá” e quando penso nisso considero-o de certa forma desagradável ou exibicionista. Claro que devem existir tendências exibicionistas, perfeitamente legítimas, para que algo assim aconteça; mas mesmo assim continuas a desconfiar. O Rob, acho eu, detesta mesmo isso. Eu tenho medo disso, em certa medida. Certamente, em certas ocasiões, acho que seria perfeitamente aceitável, com os Gallagher por exemplo, tentar ver o que conseguia apanhar. Mas depois, quando penso nisso, tenho medo de me deixar ir, com receio de estar errada; ou de fazer uma exibição sem dar informação legítima nenhuma. Isto não ajuda. Na outra noite a coisa aconteceu tão depressa que nem pensei nisso.

(É muito possível que a parte emocional — e talvez até o que consideramos como a exibição — seja necessária em alguns casos — ou seja de grande ajuda. Mas a outra noite foi simplesmente demasiado, o segundo episódio, mesmo considerando estes pontos, para mim. Se tivesse acabado depois do primeiro episódio, talvez tivesse sido aceitável, ou pelo menos menos perturbador. Recordo: foi apenas a primeira parte, menos emocional, que deu a informação precisa, tanto quanto sei. Penso que, quando tivermos as notas, devo simplesmente pedir à Barb que escreva sim ou não para os pontos dados; muito profissional e propositadamente sem emoção mas quero mesmo saber se aquela parte emocional acrescentou algo de dados ou não.

(O facto de algumas das primeiras informações terem batido certo encorajou-me a continuar? Muito provavelmente. Se tivesse estado tudo errado teria ficado demasiado envergonhada; e sentir-me-ia uma idiota, suponho — embora, de novo, essa não seja a atitude certa — demasiado para o outro lado.

(A vida quotidiana deve ser mantida num nível razoavelmente equilibrado, seja como for. Se tais episódios são perturbadores então não devem ser encorajados. Será que isto significa que devo definitivamente garantir que tal situação nunca mais aconteça? Ou isso é demasiado

rígido? Sei que uma atitude de permissividade, em termos gerais, está definitivamente fora de questão. Não me parece necessário recusar-me a falar de ESP em quaisquer condições com alguém — na outra noite mal se falou de ESP, embora a Barb me tenha pedido várias vezes para a hipnotizar e eu tenha recusado. Penso que naquela noite foi o clima emocional carregado; o da Barb; e que talvez seja simplesmente com certas pessoas que tenho de me proteger: não vou, por exemplo, falar de ESP com a Barb agora. Pode ser isto: o indivíduo psicótico — e eu sabia que ela era pelo menos altamente neurótica — pode projetar-se com tal força que eu apanhe demasiado antes de aplicar as defesas.

(Deve sublinhar-se que eu não sabia conscientemente que tal coisa pudesse sequer acontecer. Não sabia que as minhas capacidades eram tão boas, para dizer a verdade; e não fazia ideia de que havia qualquer perigo de agir como médium sem o Seth. Costumava preocupar-me que se o Seth desse dados errados isso refletisse na natureza legítima dessa personalidade. Desta vez o Seth não estava presente. Isso deu-me mais liberdade?

(Em algumas ocasiões com os Gallagher tentei por minha conta e estava consciente de uma irritante contenção da minha parte; tinha medo de me fazer de parva. Lembro-me de uma vez em particular quando dei alguns dados sobre a avó do Bill?... sentados à volta de uma mesa; em estilo de sessão espírita. Desta vez, claro, as luzes estavam todas acesas.

(É muito possível que controlos subconscientes tenham sido usados desta vez, sem o meu conhecimento consciente, claro. Mesmo assim tem de haver controlo consciente e o ego deve ter certeza da sua posição dominante — não ter medo de ser tomado, sem mais nem menos.)

NOTAS DA PEGGY GALLAGHER
SOBRE SEXTA-FEIRA, 23 DE SETEMBRO DE 1966

PRIMEIRA PARTE

(só tomou nota da parte final:

(Idade 3... Greenwich, Connecticut, muito forte... Iniciais GM aqui, alguém que conhecestes no passado... que voltará a ser importante... Vejo a criança Lisa até aos 23 anos. Vejo um casamento para ela entre os 23 e os 24. A morte de uma mulher, não tua, nem da tua filha, em 1968. [Nota posterior da Jane: Será que a Barb morreu em 1968? Acho que morreu e que bloqueei isso, dizendo que era outra mulher — o que também explicaria a parte emocional mais tarde.] Greenwich, Connecticut, ligação muito forte dentro de três anos. Episódio na 6ª classe muito importante... ano muito importante... Vejo 5 anos ou número 5... não percebo... Uma mudança completa de opinião no grupo familiar que não funcionou a teu favor... Talvez 1947 ou 1943... um distúrbio... ligação com outra criança... inicial F e talvez M... algo numa ocasião debaixo de pinheiros... & água... CM (?) o M. em Greenwich... 1937 ou 1938, outra criança, um rapaz....)

SEGUNDA PARTE

(completa — falada devagar e de forma fragmentada:

(Vemos 1947 de tarde ou no início da noite... um episódio... traumático para ti... Um S e creio que G... devias perceber... as iniciais e datas podem não corresponder... 1947 especialmente importante para ti... as iniciais que dei aplicam-se ou a um indivíduo ou a primeiros nomes de dois... o segundo filho é algo diferente agora... Fevereiro ou inicial F... uma ligação com o segundo filho... Fevereiro ou FB... não sei qual... uma reviravolta com a criança... uma mudança completa de planos ou uma viragem... uma ligação com 36... alguém talvez com 36 anos ligado de alguma forma a isto. Não sei a que isto se refere... uma forma ou quadrado... não sei... 17 anos. Isto é separado e a mulher aqui... uma ligação forte com a escola novamente... 3 horas ou fim da tarde... número 414... agora isto pode ser a hora 4:14 ou mês... não sei... Quarto verde... 202 ou 213... se isto é mês ou ano ou número de casa não sei... um aperto... um aperto forte... de tarde... num quarto... uma mulher, cabelo grisalho, dentes salientes... dentes amarelos... Ela grita e chama e um

rapaz novo entra de roupa azul & bicicleta... acho que ele anda de bicicleta... É 1943 ou 1947... Quarto é verde... amarelo... Quarto é verde... não, creme... amarelo... é de tarde...)

(Nota adicional sem referência a que se refere: “Eu não quero... eu não quero.”)

(Nota: última coisa que disse foi “de tarde”... uma das primeiras coisas que a Jane perguntou à Barbara quando estava parcialmente recuperada foi se alguma vez tinha tentado suicidar-se de tarde. Depois a Jane acrescentou às notas da Peggy:

(G.M. — George Richard Morris.)

(IDADE 3 — acidente numa cozinha comprida e estreita. Eu disse despena.)

(Cabelo áspero & bigode — pai da Barb.)

(? “6ª classe ano importante” — mudou de Nova Iorque para Pleasantville — [sem reação emocional, no entanto.]

(? 1947 irmã mais velha foi para a universidade. Ressentimento emocional forte. A Barb não pôde ir porque ela foi.)

(Último ano do liceu — a melhor amiga deu à luz um rapaz ilegítimo. Deu-o para adoção em Fevereiro — a Barb lembra-se bem de todo o episódio — ficou emocionalmente perturbada.)

(Teve o bebé em Setembro.)

(Ela queria ficar com ele — mas pressão da família — agências — entregou-o para adoção em Fevereiro.)

(Tinha 17 ou 18 —)

(A Barb tinha 17.)

(Incomodou-a durante anos.)

(Pinheiros — a casa dela está quase completamente escondida da rua.)

(Greenwich, Connecticut —)

(Primeiro disse que sim — depois não —)

(Embora uma amiga da família tenha morrido lá —)

(A Barb morreu em 1968 ou 1960.)

(A Jane muitas vezes rabisca enquanto se concentra em material difícil.)

10 DE ABRIL DE 1967
NOTAS RELATIVAS À SESSÃO DE SEXTA-FEIRA,
23 DE SETEMBRO DE 1966

(Depois dessa sessão, confirmei as notas da Peg com a Barbara. Infelizmente agora não consigo pôr as mãos no papel rabiscado da Barbara, mas hei de encontrá-lo e incluí-lo aqui. Um homem com bigode espesso e cabelo curto e áspero foi mencionado na primeira parte da sessão espontânea, para a qual não foram tiradas notas; isto referia-se, disse a Barbara, claramente ao pai dela. O ponto principal é que depois a Barbara disse-me que a criança do sexo masculino referida era o filho ilegítimo de uma amiga e que todos os outros detalhes dados estavam corretos, em referência a essa criança.

(Agora, aproximadamente seis meses depois, contou-me ontem à noite que a sessão a tinha chocado bastante. A criança era o seu próprio filho ilegítimo; ela não quis contar-nos isto na altura e ficou tão surpreendida com a sessão que não conseguiu fazer nada; quis ir-se embora mas parece que não conseguiu.

(A criança era de facto do sexo masculino, como foi dito na sessão. Foi mencionado o mês de Fevereiro; e em Fevereiro ela assinou os papéis para entregar a criança para adoção. “Reviravolta com a criança, uma mudança completa de planos ou uma reviravolta” refere-se ao facto de que ela queria ficar com o bebé mas o pai recusou casar-se com ela e pressionou-a para o dar para adoção; ela era menor na altura.

1947 é mencionado, o ano em que conheceu o pai da criança; a idade de 17 anos é mencionada; ela tinha 17 anos quando o conheceu: é mencionada uma ligação com a escola e ela ainda andava na escola na altura.

(Para o final da sessão, eu estava num turbilhão emocional, ainda em transe, e para isto a Barbara disse-me na altura que não tinha explicação. Eu pensei que estava num quarto de hospital. Muito provavelmente isto era a minha interpretação do parto dela; ela deveria ter uma cesariana mas não teve e esteve em trabalho de parto durante 25 horas; uma mulher é descrita aqui, cabelo grisalho, dentes salientes, dentes amarelos — isto, diz a Barbara, é uma descrição da mãe do homem — ela queria que ele casasse com a Barbara: os dentes não eram propriamente salientes mas protuberantes e amarelados; também cabelo grisalho. Ela não se lembra

do número do quarto no hospital nem da cor das paredes [dadas como verdes].)

SESSÃO 289

28 DE SETEMBRO DE 1966

(A Jane começou a falar em transe, sentada, com voz normal e pausas. Os olhos dela começaram logo a abrir-se.)

Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Agora. Uma palavra sobre a natureza das percepções interiores.

Eu disse-vos que a realidade exterior é uma materialização da realidade interior eletromagnética. Eu disse-vos que toda a experiência está codificada electromagneticamente. Os sentidos interiores captam estes dados diretamente, percebem, como no episódio de sexta-feira passada. Tem de haver alguma tradução para que tenham consciência de tal material ou para que ele impressione de todo os sentidos físicos.

O vosso organismo físico não é capaz de perceber a percepção interior direta. Por isso, são necessárias certas transformações. Os dados podem manifestar-se em formas visuais ou auditivas. Alguma interpretação é sempre necessária.

Lembrem-se de que vos disse que é a intensidade de uma experiência, e não a sua duração no tempo, que determina o seu efeito. A intensidade é emocional. Com as percepções interiores haverá uma viagem através de intensidades. A experiência é percebida simultaneamente pelos sentidos interiores, mas será traduzida em termos de tempo físico.

Uma experiência, em geral, é composta por pulsações eletromagnéticas. *(Pausa longa.)* Estas contêm uma espécie de profundidade, que nada tem a ver com espaço, uma existência que depende, novamente, da intensidade e não da duração. Contudo, por causa das vossas próprias suposições básicas, tais experiências, percebidas pelos sentidos interiores, são reproduzidas de modo a que essa viagem através de intensidades resulte numa viagem através do tempo, dentro da vossa própria dimensão.

Acredito que se descobrirá que ocorrem diferenças nas cargas positivas e negativas do corpo durante tais episódios. *(Pausa de um minuto, olhos fechados.)* A condição emocional da rapariga na outra noite atuou de

facto como uma ponte psicológica, sobre a qual o Ruburt pôde passar. As percepções interiores nunca são, na sua essência, físicas. Na verdade, nenhuma percepção é física.

Os padrões emocionais são bastante inexpressivos em palavras. *(Pausa longa.)* Por outras palavras, perdoem-me o trocadilho, nunca podem ter consciência da percepção interior básica, mas podem segui-la de volta até esse ponto. Podem descobrir como usam os dados e como finalmente os reconhecem.

O clima geral na outra noite estava altamente carregado, e mesmo assim bem equilibrado. Se outra pessoa emocionalmente orientada estivesse presente, o equilíbrio teria sido perturbado e nada teria acontecido. Se outra pessoa passiva estivesse presente, o mesmo se aplicaria.

Há sempre uma confusão temporal, pois os sentidos interiores lidam com dados básicos no presente espaçoso. Depois, os dados devem ser interpretados no esquema temporal da existência física. *(Pausa longa.)* Com treino e experiência desenvolver-se-á um elemento neutralizador que protege o Ruburt da carga emocional total que ele experimentou na outra noite. O organismo em si forma isto como mecanismo de autoproteção. De certo modo isto já funciona com o Ruburt agora, e já funcionou no passado. Podem fazer uma pausa agora.

(Pausa às 21h28. A Jane tinha estado dissociada como habitualmente. O ritmo dela tinha sido algo lento, mas ficou surpreendida quando lho disse. Ela não fazia ideia, disse, se falava devagar, depressa, etc., durante a transmissão, como regra.)

(Durante a pausa, tivemos uma discussão animada, que interrompemos quando percebemos que podia influenciar a sessão em si. A discussão dizia respeito ao episódio espontâneo de sexta-feira, 23 de Setembro, a que o Seth se referiu várias vezes esta noite.)

(A Jane retomou, ainda com pausas, olhos a abrir-se por vezes, às 21h39.)

Agora vocês os dois perturbaram o nosso equilíbrio. *(Pausa, cabeça baixa.)*

Dêem-nos um momento, por favor... Agora estamos claros. *(Pausa.)*

O episódio envolveu de facto projeção, principalmente através de intensidades. Estas intensidades vocês interpretam como tempo e espaço.

Agora, num tipo diferente de projeção, poderiam enfrentar, por exemplo, as formas-pensamento da rapariga como uma realidade pseudo-física.

Se o Ruburt tivesse feito o mesmo a partir do estado de sonho, isto poderia ter acontecido. Houve uma ligeiríssima perda de peso físico por parte do Ruburt. Isto ocorrerá sempre que qualquer tipo de projeção for experimentado. Grande parte da vossa existência íntima implica projeções de vários tipos. Os pensamentos são de facto pequenas projeções de vocês próprios, enviadas para fora.

Ainda não experimentaram uma projeção completa, mas isso virá. O teu medo, Joseph, na projeção do sonho da janela, mostra que estás a avançar com grande cautela aqui.

(Ver o meu caderno de sonhos para a experiência de projeção em sonho muito vívida de 20 de Agosto de 1966.)

Agora há um puxar e empurrar, um dar e receber, entre ti e o Ruburt, quanto à quantidade de liberdade emocional que se permitem. O conflito aqui, no geral, resulta num bom equilíbrio, embora claro que haverá momentos em que isso será perturbado.

O conflito em si, percebem, gera energia. A tua projeção de sonho na janela indicou que não querias avançar mais naquele momento. Tens medo de demonstrações emocionais, como sabes. Ao mesmo tempo, a energia emocional contida atua como propulsor, percebem?

O Ruburt é muito mais cauteloso do que pensam. Quando ficas demasiado cauteloso, isso pode por vezes, ainda que momentaneamente, atrasar-vos a ambos; porque não contam com esta parte menos aparente mas bem real da cautela do Ruburt. No geral o equilíbrio mantém-se. Não quero perder mais tempo com este episódio. Devo sublinhar, contudo, que o controlo total é possível e, com prática, será conseguido com bastante facilidade. A personalidade do Ruburt é de tal forma construída que ele não se permitiria correr riscos reais.

A experiência inicial, contudo, tinha quase de ser espontânea neste momento, ou não teria acontecido. As vossas atividades oníricas devem acelerar-se com a mudança de estação. Falo de vocês os dois. Deve manter-se um sentimento de expansividade e disciplina, mas por esta ordem. Podem fazer uma pausa e começaremos outro material. Se tiverem perguntas sobre a sessão desta noite, terei todo o gosto em respondê-las. Caso contrário, depois da nossa pausa, deixaremos o assunto por agora.

“Sem perguntas de momento, acho eu.”)

(Pausa às 21h59. A Jane tinha estado mais 'fora', disse, mantendo o ritmo lento. Quando tinha os olhos abertos, estavam muito escuros. Lembrava-se de pouco do material dado nesta transmissão. Retomou a um ritmo mais rápido às 22h05.)

Agora. Pensaram em alguma pergunta?

("Não.")

As nossas próprias sessões têm sido bastante pouco emocionais há já algum tempo. Tenho estado preocupado com o material, por um lado. Por outro, há a natureza da voz, percebem.

Quando me expresso de forma mais emocional, isto é muitas vezes transformado numa voz alta, num volume exagerado, uma espécie de ruído estático. O Ruburt ainda não aprendeu a transformar estes elementos por todo o sistema físico — *(gesticulando de forma bem-humorada, a Jane esfregou alternadamente os braços estendidos; olhos muito abertos, a sorrir)* — mas concentra-os nas cordas vocais, o que causa dificuldades que compreendo.

Depois de algumas tentativas, por isso, deixei isto em suspenso por agora. Isto não significa que não vos sinta emocionalmente, que não me impressionem dessa forma. Por muitas razões ligadas a estas cautelas necessárias, não tenho tentado impressionar-vos particularmente com a minha própria existência emocional, nem comunicar-me dessa forma. *(Olhos muito abertos e escuros, postura ativa, gestos.)*

De certa forma isto é lamentável. Grande parte da minha energia emocional é usada para vos transmitir este material, percebem. Está por trás do material. Forma intensidades sobre as quais posso construir. Sem este alcance até vós, o material não poderia ser entregue. Quando forem mais proficientes, talvez possamos encontrar-nos em algumas das vossas projeções, mas não tão cedo.

A expectativa ajudará aqui, se a usarem. Nestes encontros estamos a traduzir realidades básicas em termos verbais, o que não é uma proeza pequena. Contudo, talvez uma noite possamos ter uma sessão em que seja possível um maior rapport emocional.

Da minha perspetiva, algumas sessões limitadas, com testemunhas estritamente selecionadas, são perfeitamente aceitáveis. Não estou necessariamente a sugerir-las, percebem. *(Pausa prolongada.)*

Há uma semelhança interessante — e é a última coisa que direi — entre o episódio de sexta-feira passada e a forma como o sonho é construído na sua

essência — a mesma base emocional e projeção, o mesmo tipo de simbolismo. (*Pausa de um minuto.*)

Refri a cafeína. Devo também referir que, se o café não impedir ou inibir o sono, estimulará projeções em sonho e também ajudará a trazer as faculdades críticas para o estado de sonho. Se o corpo conseguir atingir um estado profundo de relaxamento, sem ser perturbado pela cafeína, então a cafeína ativa os processos de raciocínio; e o suficiente para que estes operem por algum tempo, enquanto o corpo dorme. O álcool não ajudará neste caso específico.

Se forem acordados por qualquer razão durante a noite, as hipóteses de uma projeção consciente ao regressarem ao sono são um pouco mais elevadas do que teriam sido se o vosso sono não tivesse sido interrompido. Agora, se não tiverem perguntas, terminaremos a sessão.

(“Recusei projetar-me nesse sonho?”)

(*Ver o meu sonho de 17 de Setembro no caderno de sonhos. A Jane e eu discutimos isto antes da sessão. O cenário do sonho era o mesmo — o meu estúdio — que o do sonho de 20 de Agosto, mencionado na página 69. No primeiro sonho, eu tinha-me encontrado fora das janelas do estúdio, mas sem cair. No segundo sonho, recusei sair da segurança do estúdio, que fica no segundo andar, com medo de cair. Pareceu-me uma recusa clara de me projetar.*)

Nesse sonho, e em vários outros de que te esqueceste. Mas isso é o melhor, percebes. Nenhuma projeção deve ocorrer até estares pronto, ou quando estiveres pronto. O sonho em si mostrou a tua atitude, e já começaste a mudá-la.

Mesmo no estado de sonho, não tentes forçar-te a projetar-te. Desconfias da natureza espontânea, percebes, que está na base de toda a existência, mas só a desconfias a um nível, o que é afortunado. É uma reação aprendida.

(“O que achas da carta do Dr. Bernard?”)

(*Em 28 de Setembro, a Jane recebeu uma carta bem-vinda do psicólogo Eugene Bernard da Universidade Estadual da Carolina do Norte. O Dr. Bernard sugere um encontro em Elmira durante as férias de Ação de Graças.*)

Vocês estão bem aqui, e o encontro vai acontecer. Talvez vejamos o que podemos fazer uma noite, dando impressões relacionadas com esse homem. Há mais alguma coisa?

(“Acho que não.”)

Os meus votos mais calorosos para ambos, e boa noite.
(*“Boa noite, Seth.”*)
(Fim às 22h34. A Jane estava como habitualmente fora de si.
(Frente do envelope vazio usado como objeto na 290ª sessão, o 72º
experimento, a 3 de Outubro de 1966.
(Verso do envelope vazio.)

SESSÃO 290

CONSCIÊNCIA CELULAR NOS SONHOS

(O objeto para a 72.ª experiência do envelope era um envelope vazio, como mostrado. Guardei a carta que estivera dentro do envelope como referência e, como esperado, precisei dela para decifrar alguns dos dados do Seth. O objeto era um envelope comercial branco padrão, impresso e dactilografado a preto. O verso estava em branco. Selei-o nos habituais envelopes duplos depois de o colocar entre duas folhas de cartão Bristol. A Jane tinha visto o envelope de modo casual aquando da sua chegada aqui em maio passado, mas não desde então.)

(Por volta de uns dez minutos antes da sessão, comecei a mostrar à Jane um artigo que vira no New York Times. Ela leu-o a seguir ao que o arqueei para uso futuro. Dizia respeito a um estudo feito sobre animais e os sonhos, conduzido por um psicólogo na universidade da Escola de Medicina da Carolina do Norte. A Jane começou a falar em transe enquanto permanecia sentada de olhos cerrados, num ritmo bem lento.)

Boa noite.

(Boa noite, Seth.)

Tenho alguns comentários a fazer acerca do artigo dos sonhos que leste no jornal. A maturidade nada tem que ver com o significado dos répteis e dos mamíferos mencionados como imagens oníricas. Há um cunho geral que é estampado nas células, e em diversos níveis da consciência celular. Essas são reativadas. As imagens reptilianas não representam maturidade nem falta de maturidade, mas são simples designações naturais de um nível particular da consciência celular.

(Nem a Jane nem eu esperávamos uma resposta tão rápida ao artigo, nem tínhamos pedido por isso antes da sessão.)

A diferença notada a esse respeito entre os sonhos dos homens e das mulheres são somente diferenças aparentes na vossa própria estrutura civilizacional. No âmbito da vossa sociedade as mulheres têm medo dos répteis, e não recordam conscientemente sonhos que os envolvam. Excetuando em situações de pesadelos indelevelmente registados elas reprimem sonhos que os envolvam. Recordam conhos mamíferos mais facilmente por os mamíferos serem criaturas de sangue quente cujos sistemas reprodutivos apresentam similitudes com o vosso.

Os homens reprimem muitas imagens de cariz mamífero na vossa civilização particular, por não quererem que lhes faça lembrar as vantagens reprodutivas femininas. Só que essas aplicam-se somente aos vossos âmbitos sociais. Os níveis do sono são os verdadeiros indicadores. O indivíduo torna-se ciente da consciência celular em certos níveis do sono.

A própria consciência celular abrange, por assim dizer, diversos níveis de atividade onírica. Diversos aspetos dele vêm a primeiro plano em momentos definidos. Essa consciência é constante, quer vocês permaneçam acordados ou adormecidos. Existiam antes da formação do ego, e em muitos casos após a alteração da organização do ego. Durante o sono a consciência celular muita vez intromete-se nos processos do sonho, e surgem na forma de imagens oníricas. Na realidade a consciência celular é altamente codificada, e é muito mais emocional que visual, e as imagens visuais não passam de versões de compreensões internas.

Os sonhos que comportam aves inscrevem-se na mesma categoria. Nenhuma generalização pode responder por completo essas questões, por a despeito delas as pessoas, independentemente do seu sexo, evidenciarão enormes variações nas imagens oníricas que recordam ou esquecem por completo.

As crianças recordam sonhos que comportam animais com maior frequência simplesmente por se acharem mais próximo da consciência celular desde logo. Tais sonhos afastam o indivíduo da identidade do ego, e ao mesmo tempo para mais perto da identidade interna que o ego geralmente procura negar.

Tais sonhos não implicam necessariamente um retorno a um passado distante, porquanto para as células todas as coisas serem presentes. Esta realidade é uma parte básica da vossa presente existência, e representa simplesmente uma dimensão da atualidade que o ego não consegue, pela própria natureza, admitir.

Bom, o futuro também se encontra na consciência das células. O ego, uma vez mais, simplesmente rejeita os sonhos oriundos do nível da consciência celular quando têm que ver com um tempo que ainda não é fisicamente concreto nos vossos termos. A consciência celular é geralmente considerada como simples repositório para o conhecimento do passado que tem que ver com a existência pessoal ou racial. Contudo, devido à presença espacial, a consciência celular também comporta padrões do futuro.

Uma vez mais, porém, esses são evidentemente padrões ou modelos de probabilidades. Conforme sabem, o próprio passado altera-se constantemente à medida que a atitude que vocês têm para com ele muda. Por conseguinte, mesmo no trato do passado, entendem, a consciência celular não envolve conhecimento de um tempo fechado e acabado de existência. Obviamente pois, o futuro está igualmente constantemente em mudança. A consciência celular espelha essas mudanças, entendem.

O organismo é, pois, o centro desse acontecimento, o âmago. O ego tenta manter-se aparte e observar, mas para o fazer estreita o campo disponível da percepção. Uma vez formadas as suas características, já se terá tornado demasiado especializado para fazer mais do que observar certos campos limitados de atividade. Ele é evidentemente observado pelo ego interno, que conseguiu manter a sua posição segura na realidade subjetiva, onde dispõe de um ponto de vista mais vasto embora menos intenso.

O ego interno vê-se e conhece-se como parte dessa ação de acontecimentos, e vê toda a identidade como existente em diversas dimensões em simultâneo. O ego exterior tenta interromper a ação, pelo que a sua perspetiva é limitada pela própria tentativa que empreende. Percebe o seu nascimento e morte, mas não além.

(Podes fazer uma pausa e depois continuaremos.)

(Intervalo às 9:39. A Jane estava bastante dissociada, segundo disse. Os olhos abriram-se apenas uma vez, brevemente, durante a transmissão. Ela tinha uma ideia vaga do que tinha dito. Retomou do mesmo modo às 9:50.)

A consciência celular é parte da consciência do ego interno ou eu interno. Falando em termos muito vagos, a consciência celular é com relação ao eu interno o que o subconsciente é com relação ao ego exterior. Existem, porém, é claro, muitas diferenças.

Assim, a consciência celular é expansiva. A expansão dá-se em todos os sentidos, por assim dizer. Não explicamos por completo a ideia de viajar rumo a vós através de intensidades, simplesmente por os termos serem

inadequados. A ideia de viajarem através de intensidades traduz-se, no vosso sistema, pelo resultado da viagem através do tempo, conforme lhes disse.

Vocês sabem que isso é conducente à distorção. Vocês reconhecem elementos oriundos do passado, uma vez que o vosso ego se acha familiarizado com eles. Geralmente, vocês aceitam-no na organização da vossa percepção ao nível consciente. O ego não reconhece elementos do futuro quando eles surgem nos sonhos, e conseqüentemente não os admite em padrões perceptivos. O ego não lhes percebe o significado. É somente por tal razão certos eventos parecem situar-se sempre no vosso futuro; essa falta de reconhecimento, identificação, aceitação e organização em padrões que possam ser usados e manipulados.

Por outras palavras, nos vossos sonhos, vocês familiarizam-se com imagens como as de mamíferos e répteis, que parecem não pertencem ao presente. Contudo, eles parecerão pertencer ao futuro em vez do passado, e esses vocês esquecem quase instantaneamente, por regra. Isso não quer dizer que certas pessoas os não relembrem.

Mesmo que sejam recordados enquanto sonhos, porém, poderão parecer desprovidos de significado, por não serem do conhecimento do ego. Os acontecimentos de ontem reencenados num sonho desencadeiam a familiaridade. Os eventos do amanhã nos sonhos noturnos não, nem pelo menos para o ego. Por outras palavras, códigos genéticos aplicam-se ao futuro assim como ao passado, mas a humanidade em geral não os percebe como tal por parecerem insignificantes para o ego, devido às intrínsecas limitações e natureza do ego.

O material desta noite levar-nos-á ainda mais longe num estudo da realidade. Lê bem a sessão.

Tens um envelope para mim, José?

(“Tenho.”

(Às 10:03, com os olhos fechados, a Jane pegou no envelope duplamente selado que eu lhe dei para a 72.ª experiência do envelope. Segurou-o na testa, na horizontal, levemente, sem tentar determinar o conteúdo pelo tato óbvio, etc. No início destas experiências, o Seth anunciou que não daria quaisquer dados resultantes do sentido do tato da Jane, e tem mantido esse procedimento. Os olhos da Jane permaneceram fechados, o seu ritmo normal.)

Dá-nos um momento, por favor. (Pausa.) São impressões.

Um duplo, ou algo duas vezes, ou um negativo. Algo na vertical. Gémeo outra vez, ou duplicado. Uma ligação com o Michigan. Quatro estrelas, ou algo quatro-estrelas, como um prémio. Parece haver alguma ligação com carros ou transportes. My Fair Lady — não sei a que isto se refere. (Pausa.) Um fio, como de luzes, ou pérolas, numa sequência em fio, de itens em sucessão.

Um corredor. Um corredor ou caminho circular. Não circular, mas curvo.

(Com os olhos ainda fechados, ainda segurando o envelope na testa com a mão direita, a Jane fez um grande movimento curvo horizontal com a mão esquerda livre. O gesto era suavemente curvo, em vez de circular.)

A ligação com viagens outra vez. Agora a sensação de comboios, ou de um túnel, como o de um comboio. Isto é uma tentativa de chegar mais claramente à ligação do corredor curvo.

Um edifício, mais parecido com um prédio de escritórios do que com uma residência. Algo como o edifício do Star-Gazette.

(Do jornal de Elmira.)

O número quatro. (Pausa.) Alguma ligação com um acontecimento de fevereiro. Uma confusão. Cores preto e branco. Uma fotografia. O Ruburt aqui pensa nas fotografias tiradas no teu estúdio, dele.

A ligação com fotografia é forte (pausa), mas não creio que o item seja precisamente isto. (Pausa.)

Parece haver uma impressão dupla de matéria impressa com uma fotografia.

(Agora a Jane soletrou o seguinte:)

M-i-s-s-i-n-c ou e-n-c. Um trinta e cinco. Dois outra vez, como uma dupla exposição. Parece haver uma ligação definida com o teu estúdio. Uma gaveta de baixo ou do meio, ao lado de algo financeiro. E um pequeno objeto redondo. Tens perguntas?

(“Que ligação é essa com um acontecimento de fevereiro?”)

Não tenho a certeza, embora o número 17 pareça ligado a isso, ou 14, entre 14 e 17 de fevereiro. E uma ligação com um homem mais velho aqui.

(“Tens alguma inicial desse homem mais velho?”)

As letras M e J, embora não estejam necessariamente ligadas ao homem. Sugiro o intervalo.

(Intervalo às 10:17. A Jane disse que esteve dissociada como de costume durante a transmissão. Os olhos permaneceram fechados. Não

relatou imagens interiores de início, mas a memória de algumas voltou enquanto discutíamos os dados do Seth.

(Agora a Jane abriu os envelopes duplamente selados e examinou o objeto, como faz sempre no intervalo. A princípio, pouco significado teve para ela e, como muitas vezes acontece, disse que os dados obtidos sobre ele estavam incorretos. É verdade que os dados não foram tão específicos como muitas vezes têm sido, mas continham vários pontos válidos. Alguns eram subjetivos da nossa parte.

(O Seth ajudou-nos nas interpretações depois do intervalo, como às vezes acontece. Sempre que possível preferimos estabelecer por nós próprios o maior número de ligações entre os dados e o objeto do envelope. O nosso objetivo ao conduzir estas experiências deste modo é ver o que a Jane, ou o Seth, consegue captar acerca de um objeto oculto que tenha algum tipo de carga emocional relacionada connosco pessoalmente. Para esse fim, os objetos do envelope são muitas vezes escolhidos deliberadamente por mim com envolvimento emocional em mente, uma vez que o Seth disse muitas vezes que as suas capacidades têm uma base emocional; essa base emocional primária é depois disciplinada e moldada pelo intelecto.

(No entanto, o Seth tem-se saído igualmente bem com objetos bastante separados da vida emocional pessoal da Jane e da minha. Também não importa se a Jane alguma vez viu o objeto antes; ou se o viu dez minutos antes da sessão, ou há cinco anos.

(O Seth por vezes comenta a falta de impulso emocional em torno de um objeto se eu escolher um que por acaso tenha pouca carga. Não posso ter a certeza de que estou a escolher um objeto com pouca carga, porém, porque os dados do Seth muitas vezes disparam num ângulo totalmente inesperado para mim. Esses dados podem relacionar-se com o objeto do envelope de várias maneiras bastante válidas. Não faço esforço consciente para meditar sobre o objeto escolhido para uma experiência do envelope e, quando escolho um objeto, é geralmente uma decisão de impulso.

(Veja-se o decalque do objeto do envelope desta noite na página 71 e as notas na página seguinte. O envelope vazio utilizado como objeto foi-me enviado a 26 de maio de 1966 por um velho amigo, Wendell Crowley, e continha uma carta detalhando uma reunião de um grupo de amigos, todos artistas, com quem o Wendell e eu trabalhámos em 1941-43. A carta não estava no envelope, mas foi mantida à parte por mim como referência após a sessão. Como eu suspeitava, alguns dos dados do Seth referiam-se ao conteúdo da carta e não ao objeto-envelope em si.

(A última vez que a Jane e eu vimos o Wendell Crowley foi talvez há sete anos, mas mantemos correspondência com uma frequência de cerca de duas vezes por ano. Não vemos o Wendell desde que nos mudámos para aqui, para Elmira, NY, há seis anos. Quando a Jane leu pela primeira vez o logótipo Crowley-Taylor no objeto desta noite, nada lhe disse, até eu mencionar o nome Wendell. Nenhum de nós conheceu o sócio do Wendell, o Sr. Taylor, nem sabemos nada sobre ele — nem sequer se ainda está vivo.

(A carta do Wendell de 26 de maio tem duas páginas dactilografadas e, neste momento, não planeamos incluir uma cópia com estas notas. Se necessário, fá-lo-emos; entretanto, a carta permanece em arquivo com outro material relacionado com os envelopes. Outros dados de base poderão ser necessários para preencher a relação entre o Wendell, eu e os nossos amigos discutidos na carta, e isso será incluído nas nossas interpretações dos dados da experiência do envelope. Há também alguma geografia envolvida.

(Segue-se as interpretações que a Jane e eu fizemos, no intervalo, dos dados do Seth sobre o envelope. Indica-se onde o Seth concorda connosco, após o intervalo. Como foi dito, os comentários do Seth acerca dos dados depois do intervalo ajudam claramente.

(“Um duplo, ou algo duas vezes, ou um negativo.” Relativamente poucos dos dados se referem ao objeto-envelope em si. Em vez disso, o envelope vazio do Wendell serve de trampolim. Estes dados são um caso disso. Depois do intervalo, o Seth concorda com a Jane e comigo quando associamos o duplo ou o “duas vezes” aqui mencionado ao uso frequente do algarismo 2 na segunda página da carta do Wendell.

(O Wendell usa o algarismo 2 para indicar a segunda página da carta dactilografada. Menciona o 20.º aniversário de casamento de um amigo. Fala do facto de, embora recuperado de um ataque cardíaco no ano passado, não poder levantar mais de 20 libras e ter de fazer uma caminhada de 2 milhas por dia. O algarismo 2 aparece uma vez na primeira página da carta.

(A menção de “negativo” nos dados é interessante e tem várias ligações, tanto aqui como no resto dos dados do Seth. A Jane e eu não pensámos em “negativo” em ligação com a palavra “não”, por exemplo, mas sim com fotografias ou imagens visuais. Na segunda página da carta, o Wendell fala de um amigo que trabalha para a empresa de inquéritos televisivos Neilson — relacionado com imagens. Mas também “negativo”, no sentido de fotografia, vem à mente porque a carta do Wendell trata de um grupo de artistas que trabalharam juntos num estúdio, a desenhar

bandas desenhadas, em 1941-43. Além disso, eu pessoalmente tenho um estúdio aqui no apartamento, e o envelope usado como objeto foi guardado nesse estúdio. Estas referências a estúdios, imagens e ao objeto voltam a surgir mais adiante nos dados também.

(“Algo na vertical.” A Jane disse que isto se referia a árvores. Note-se que o Wendell Crowley, que nos enviou o objeto, é sócio numa madeireira. Além disso, o objeto foi-nos enviado de Ridgewood, NJ, como mostra o carimbo do correio. Depois do intervalo, o Seth diz que esta interpretação está correta.

(“Gêmeo outra vez, ou duplicado.” Uma repetição dos dados sobre “duplo” interpretados acima.

(“Uma ligação com o Michigan.” Não conseguimos fazer ligações aqui, mas o Seth consegue depois do intervalo.

(“Quatro estrelas, ou algo quatro-estrelas, como um prêmio.” Sem ligações. Possivelmente relacionado com os dados de My Fair Lady dados um pouco depois.

(“Parece haver alguma ligação com carros ou transportes.” Como foi dito, o objeto continha uma carta descrevendo a reunião de talvez meia dúzia de artistas que trabalharam juntos no início da década de 1940. À reunião compareceu o autor da carta. Todos os participantes vivem na cidade de Nova Iorque e na zona do New Jersey, do outro lado do rio Hudson. Na carta, o Wendell não menciona a cidade em que a reunião, num restaurante, teve lugar, mas, a partir de dados seguintes, a Jane e eu supomos que tenha sido na cidade de Nova Iorque.

(Em qualquer caso, para os artistas que compareceram à reunião, seriam necessárias deslocações por vários meios a partir de um conjunto de cidades circundantes dessa área.

(Há aqui outra possível ligação com viagens, dependendo da interpretação. O envelope-objeto tem carimbo de Ridgewood, NJ, que fica na periferia das cidades dormitório de Nova Iorque. A carta que o objeto continha, porém, foi escrita pelo Wendell em sua casa em Edgewater, NJ, que fica mesmo do outro lado do Hudson em relação à cidade de Nova Iorque. As duas cidades distam pelo menos 25 milhas — uma viagem que o Wendell faz diariamente.

(“My Fair Lady — não sei a que isto se refere.” Na carta, o Wendell não menciona isto de forma alguma. O Seth começa a esclarecer isto depois do intervalo, mas uma interrupção interfere.

(“Um fio, como de luzes, ou pérolas, numa sequência em fio, de itens em sucessão.” Interpretámos isto inicialmente como uma possível referência a candeeiros de rua, ou a uma marquise de teatro, visto que a

reunião se realizou à noite e as deslocações noturnas envolveriam luzes, etc. Mas “itens em sucessão” pode muito bem referir-se também a palavras em sucessão — i.e., a carta que estivera no envelope-objeto ou a impressão e dactilografia no próprio objeto.

(“Um corredor. Um corredor circular ou caminho. Não circular, mas curvo.” [Gesto.] Isto parece fazer parte dos dados seguintes, à medida que o Seth/Jane tenta tornar-se mais explícito.

(“A ligação com viagens outra vez. Agora a sensação de comboios, ou de um túnel, como seria um túnel ferroviário. Isto é uma tentativa de chegar mais claramente à ligação do corredor curvo.” É difícil interpretar sem nomes de lugares, e não me ocorreu pedir ao Seth por eles na altura. Em qualquer deslocação que o Wendell pudesse ter feito de sua casa em Edgewater, NJ, para Nova Iorque, poderiam muito bem ter estado envolvidos comboios e carros.

(Túneis também estariam envolvidos indo para Nova Iorque, mas, tanto quanto sei, não em deslocações apenas no lado de New Jersey do Hudson. Vivi nessa área durante alguns anos, há algum tempo, e não me recordo agora de túneis.

(A Jane teve uma imagem mental interior enquanto dava estes dados, mas não a conseguiu pôr em palavras para além de dizer que viu algo curvo, como um túnel. Ao conduzir para Nova Iorque por túnel a partir de New Jersey, lembro-me de um túnel longo e curvo iluminado por fios de luzes. Não posso agora dizer se isto se refere ao Holland ou ao Lincoln Tunnel. A casa do Wendell em Edgewater fica a norte de ambos os túneis. Se ele for de carro particular para Nova Iorque, presumivelmente seguirá para sul e apanhará o primeiro túnel que encontrar — o Lincoln.)

(“Um edifício, mais parecido com um prédio de escritórios do que com uma residência. Algo como o edifício do Star-Gazette.” — Teria o restaurante onde se realizou a reunião ficado no rés-do-chão de um edifício semelhante ao Star-Gazette Building aqui em Elmira? Um grande prédio de tijolo, de dois andares, típico de muitos que recordamos na zona metropolitana de New Jersey–Nova Iorque. Isto é apenas especulação da nossa parte. Nota posterior RFB: Banda desenhada de jornal.

(“O número quatro.” Raramente conseguimos fazer ligações positivas com números isolados. O número 4 aparece três vezes no objeto-envelope vazio. Ver o decalque na página 71.

(“Alguma ligação com um acontecimento de fevereiro.” A carta do Wendell, de 26 de maio, era uma resposta a uma carta que lhe escrevi em fevereiro. Não tenho cópia da minha carta, mas tenho a certeza de que foi

escrita em fevereiro, pois o Wendell menciona as minhas referências à neve e ao mau tempo. O nosso inverno passado foi bastante peculiar — não tivemos neve alguma até à grande tempestade de três dias, em 1.º de fevereiro, uma das piores da história local. O Seth tem mais a dizer sobre fevereiro em resposta à minha primeira pergunta.

(“Uma confusão.” Nenhuma ligação de que possamos estar certos.

(“Cores preto e branco.” O objeto-envelope é branco, com impressão e datilografia em tinta preta. A carta do Wendell também é preta e branca, embora a sua assinatura esteja em tinta azul.

(“Uma fotografia. O Ruburt aqui pensa nas fotografias tiradas no teu estúdio, dele.” Os dados relativos a imagens começam a emergir novamente. O Seth menciona aqui algumas fotografias de teste que tirei à Jane no meu estúdio na semana passada. O link com o estúdio aqui conecta-se à carta do Wendell e, por conseguinte, ao objeto-envelope. Na carta, o Wendell menciona especificamente o estúdio que nós, artistas, partilhámos em 1941–43.

(“A ligação com fotografia é forte [pausa], mas não creio que o item seja precisamente isto.” [Pausa.] O Seth tentou ajudar a Jane a discriminar aqui, como frequentemente faz. O objeto desta noite, claro, não é uma fotografia, mas um envelope que continha uma carta sobre pessoas que fazem imagens. Além disso, eu estive a tirar fotografias da Jane na semana passada, como foi explicado. Assim, pode ver-se como todos esses dados relacionados, mesmo separados por muito tempo, se unem nestas experiências de sessão. Esta cadeia particular de associações não foi antecipada por mim quando escolhi o envelope do Crowley como objeto para esta noite. Os dois estúdios — o estúdio onde trabalhei com o Wendell Crowley em 1941–43 e o meu estúdio atual — distam cerca de 23 anos.

(Deve notar-se, porém, que há aqui uma espécie de ponte, pois durante a maior parte desse tempo intermédio eu tive um estúdio próprio. A Jane e eu casámos em 1954, e assim ela tem estado fortemente consciente da minha ligação com estúdios desde então, e muitas vezes ouviu-me falar dos anteriores.

(“Parece haver uma impressão dupla de matéria impressa com uma fotografia.” O Seth aproxima-se ainda mais com estes dados. Ele lida com as impressões de fotografia–artista, por um lado, e com o objeto-envelope real, contendo tanto impressão como datilografia, por outro.

Consideramos isto um bom dado. O objeto vazio desta noite também continha a carta datilografada do Wendell. No passado, o Seth (ou a Jane) tem usado as palavras *lettering*, *typing*, *writing* e *printing* de forma intercambiável. Assim, é possível que hoje “impressão” se refira tanto à impressão e datilografia no envelope do Wendell como à carta que ele continha.

(A Jane soletra: M-i-s-s-i-n-c ou e-n-c. No intervalo, a Jane disse que este dado era na verdade duas impressões: Miss e Inc ou Enc. Mas ainda assim não conseguimos fazer ligações. De acordo com o objeto, por exemplo, a Crowley-Taylor Lumber Company não é uma sociedade anônima.

(“Um trinta e cinco.” O meu palpite era que isto se referia ao fim da reunião descrita na carta do Wendell — às 1h35 — ou à hora em que o Wendell deixou a festa. Ao verificar a carta, vi que o Wendell escreve “saí por volta das 12h30”, mas que outros membros do grupo permaneceram depois da sua saída. O Seth é mais específico após o intervalo.

(“Dois outra vez, como uma dupla exposição.” Ver os dados de “duas vezes” e “negativo” na página 77, e a listagem do uso do número 2 por Wendell na segunda página da sua carta. “Dupla exposição”, acima, também tem conotações de imagem e artista.

(“Parece haver uma ligação definida com o teu estúdio.” Além das conotações mencionadas acima, o envelope usado como objeto foi guardado no estúdio, na parte de trás do nosso apartamento, durante cinco meses — desde a sua recepção no final de maio até agora, 3 de outubro de 1966.

(“Uma gaveta de baixo ou do meio, ao lado de algo financeiro.” O objeto não foi guardado numa gaveta da minha secretária no estúdio, mas sob uma pilha de papéis numa prateleira da secretária, talvez a um pé de altura acima da gaveta que contém os nossos registos financeiros.

(“E um pequeno objeto redondo.” Em cima da pilha de papéis acumulados na prateleira da secretária, e que continha o envelope e a carta do Wendell Crowley, eu tinha colocado um dispensador de fita adesiva de plástico como peso improvisado. Este dispensador é composto por linhas arredondadas e curvas, tem um orifício circular com cerca de 4 cm de diâmetro, um desenho circular em vermelho impresso à volta desse orifício e, claro, contém um rolo redondo de fita Scotch com cerca de 5 cm de diâmetro.

(Se o Seth tivesse dito algo sobre um desenho redondo ou impresso, em vez de objeto, poderíamos ter considerado o carimbo circular no próprio envelope.)

(Primeira Pergunta: Qual é a ligação com um acontecimento de fevereiro?)

(“Não tenho a certeza, embora o número 17 pareça ligado a isso, ou 14, entre 14 e 17 de fevereiro.” Como explicado, o objeto desta noite continha uma carta escrita por Wendell Crowley em resposta à minha carta de fevereiro. É bem possível que a minha carta tenha sido escrita entre 14 e 17 de fevereiro.)

(“E uma ligação com um homem mais velho aqui.”) A Jane e eu sentimos que isto se referia ao chefe do estúdio onde o Wendell e eu trabalhámos em 1941–43. O seu nome é Jack Binder, e ele tem agora cerca de 60 anos — talvez vinte anos mais velho do que a equipa de artistas que trabalhava para ele. O Seth concordou com as nossas interpretações após o intervalo.

(O Jack não participou na reunião, embora seja mencionado na carta do Wendell de 26 de maio. Uma ligação forte é que o irmão mais novo do Jack, Otto, participou na reunião e é também mencionado na carta, ainda que brevemente.)

(Segunda Pergunta: Tens alguma inicial do homem mais velho?)
“As letras M e J, embora estas não estejam necessariamente ligadas ao homem.” O “J” pode aplicar-se a Jack. O Seth começou a comentar a letra “M” depois do intervalo, mas infelizmente foi interrompido, como será mostrado.

(O Seth pediu o intervalo após a segunda pergunta, apanhando-me de surpresa. Normalmente posso fazer mais perguntas, tentando não ser indutor nas formulações. Devo uma carta ao Wendell e talvez lhe peça para esclarecer alguns dos pontos mencionados nos dados e pelo Seth depois do intervalo. É, porém, difícil explicar brevemente por carta por que razão tais perguntas são necessárias, por isso a Jane e eu geralmente evitamos tentar. Mas quaisquer informações adicionais obtidas serão anexadas a esta sessão mais tarde.)

(Ver a 286.ª sessão para a discussão do Seth sobre estas experiências com envelopes — por que e como ele apresenta os dados, etc.)

(A Jane retomou às 10:47.)

Vamos encerrar a sessão em breve.

O i-n-c foi uma distorção ou má representação de ink (tinta), i-n-k, referente à pintura de bandas desenhadas.

(Isto descreve bem o meu trabalho principal no estúdio de Jack Binder em 1941–43. Não me recordo se alguma vez o descrevi à Jane desta forma, mas é possível.)

O teu amigo saiu quase uma hora depois do que imagina, daí a hora.

(Ver o dado “um trinta e cinco” na página 80.)

As interpretações que fizeram estão corretas.

(“Qual é o dado sobre Michigan?” — Ver página 78.)

Demasiado desconexo, receio. O teu amigo escreveu uma carta a um homem em Michigan, imediatamente antes ou depois de escrever esta. Era também o M — um nome parecido com Murray. Não, mais parecido com Musach...

(Não fazemos ideia se o Wendell escreveu a alguém em Michigan logo antes ou depois de nos escrever a 26 de maio de 1966, nem sabemos nada sobre os nomes acima. Estes serão pontos a confirmar com o Wendell se eu decidir explicar-lhe o material do envelope.)

(A Jane foi interrompida aqui, infelizmente. Um dos nossos gatos saltou-lhe para o colo enquanto ela estava em transe. Não saiu do transe, mas a transmissão foi perturbada. Os olhos permaneceram fechados. Levantei-me da cadeira e levei o gato para outra sala.)

Também, infelizmente, a ligação de My Fair Lady... As luzes, um túnel... Ele tencionava viajar de carro. Fê-lo, até certo ponto dentro do túnel, mas depois estacionou o carro e foi de metro.

(Esta passagem pode estar algo distorcida. Não sei se é possível viajar parcialmente por um túnel e depois estacionar. O Seth/Jane pode ter querido dizer que o Wendell conduziu até Nova Iorque através de um dos túneis, depois estacionou à saída do túnel — o que é possível — e apanhou o metro até ao restaurante, em vez de um em New Jersey. Outro ponto a verificar com o Wendell.)

A ligação com o estúdio era legítima, mas o Ruburt associou-a principalmente contigo, quando estavam envolvidos dois estúdios.” Estes são os pontos principais.

(Os dois estúdios, significando o de 1941–43 e o meu estúdio atual.)

(“Os dois estúdios explicam os dados dos gémeos?” — ver página 78.)

Isso, e também o número 2 frequentemente mencionado na mesma página.

(“Quão bem-sucedida foi a tentativa de projeção da Jane, aquela para a qual fizemos os desenhos?”)

(Referindo-se à tentativa de projeção da Jane para alcançar o Dr. Bernard, em 29 de setembro. Ela escreveu-lhe descrevendo a experiência pouco depois e anexou desenhos de algumas coisas que captou.)

Foi razoavelmente bem-sucedida.

(“Há algo lá que o doutor possa reconhecer?”)

Pode haver, embora creia que no colégio e não em casa. Pode haver alguma dúvida aqui, contudo, nos dados da entrada. As minhas mais calorosas saudações a ambos e boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

(Fim às 10:55. A Jane estava ‘fora’ como de costume.)

SESSÃO 291

5 DE OUTUBRO DE 1966

(A Jane não fazia ideia do que o Seth iria discutir durante a sessão. Começou a falar em transe, sentada, com voz média e muitas pausas. Os olhos abriam-se frequentemente e estavam muito escuros.)

Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Retomando a nossa última discussão, quero que fique claro que estas imagens genéricas, ativadas durante certos níveis de consciência, são então entrelaçadas no drama onírico.

Não são puras, tal como aparecem no sonho, portanto. Serão carregadas com energia emocional conforme a experiência do indivíduo, mas formarão a base a partir da qual tal sonho, nesse nível particular, é formado. *(Pausa longa.)* Tomemos, por exemplo, a imagem genérica de um touro. Neste caso será vista como a forma básica do sonho, mas será usada no drama onírico conforme a constituição do sonhador.

Ora. Algumas mulheres identificar-se-ão no sonho com o touro. Nos sonhos, muitas mulheres terão aquilo a que chamariam reações masculinas. Alguns homens, nos sonhos, terão aquilo a que chamariam reações femininas. O touro poderá passar também a representar uma pessoa que o sonhador considera “cabeça-dura”. Poderá formar-se um sonho de tourada.

As variações são infinitas. Algumas imagens genéricas terão forte significado pessoal por causa de experiências de vidas passadas. A imagem genérica não colore apenas o estado de sonho, no entanto. Estas imagens são a primeira base a partir da qual o pensamento evoluiu. Isto equivaleria

quase a um processo de pensamento celular, mas é na realidade um “gestalt” de relacionalidade no qual a compreensão celular foi, e é, transmitida por todo o organismo físico.

Este processo continua abaixo da consciência e mesmo do subconsciente. Não depende do ego, mas é anterior a ele. Estas são as primeiras e as últimas imagens. As células individuais são os primeiros animais possuindo consciência inata do seu ambiente, com mecanismos sensoriais rudimentares, segundo a vossa maneira de pensar.

Na verdade, através do sistema genérico cada célula possui compreensão encapsulada, (*pausa*) isto é, um certo tipo de visualização, e uma carga emocional. Antes de ocorrer a especialização celular, cada célula podia combinar-se com outra indiscriminadamente. O que agora são os vossos cinco sentidos eram outrora mecanismos sensoriais ou possibilidades existentes em toda a superfície de qualquer célula individual.

Estes ainda existem, mas latentes. O vosso joelho pode ver, toda a porção do corpo responde à luz. O desenvolvimento especializado da vida animal conduziu e trouxe consigo a especialização de função. O foco necessário do cérebro exigiu métodos de percepção mais específicos, menos difusos e mais concentrados.

Os outros, mais antigos mecanismos perceptivos ainda persistem, porém. O ego não os usa nem pode usá-los. Com efeito, o ego é quase inteiramente formado pelo método de percepção dos sentidos físicos. Outras camadas do eu respondem biologicamente aos mecanismos perceptivos mais antigos, mais generalizados mas menos limitados. O organismo, falando fisicamente, mal pode existir sem eles.

Podem fazer o intervalo.

(Intervalo às 9:25. A Jane estava dissociada como de costume. O ritmo foi muito lento. Retomou a um ritmo mais rápido, os olhos novamente a abrirem-se com frequência, às 9:37.)

Estas imagens genéricas não são, contudo, simples.

São compósitos, construídos pelas células e mantidos numa memória suspensa. Colorem grande parte da vossa vida subjetiva. Agora, meu caro amigo Joseph, é em parte por isto que algumas pinturas, percebes, geram forte resposta emocional e sobrevivem ao artista.

Estas imagens genéricas foram captadas e desenvolvidas. Estas imagens também colorem a percepção física. Estamos a falar agora inteiramente do vosso próprio sistema. Os pressupostos básicos de que falei são processos de pensamento de natureza subconsciente, baseados nessas imagens genéricas.

Os habitantes de outros sistemas têm os seus próprios padrões de imagens genéricas. Mesmo dentro do vosso próprio sistema estas imagens genéricas variam. A imagem predominante para um indivíduo é a da sua própria espécie, mas os padrões ancestrais são fortemente sustentadores.

Não sois apenas macho ou fêmea, como sabeis, mas ambos, com um a predominar temporariamente. Quase (*sublinhado*) sem exceção, há vidas masculinas e femininas, quer no vosso passado quer no vosso futuro. Os sonhos, no nível mais profundo, não responderão necessariamente, então, à vossa identidade sexual presente.

(*A Jane fez uma longa pausa, sentando-se bem quieta com as mãos erguidas ao rosto.*)

Estou a dar-vos uma sessão breve por terem ambos andado tão ocupados. Se, porém, tiverem alguma pergunta, terei todo o gosto em respondê-la. Caso contrário, podem descansar por uma vez.

(*“Bem, sinto-me bem se quiseres continuar por um bocado.”*)

Então continuaremos. (*Pausa.*)

Estas imagens genéricas estão codificadas, como disse. São realidades eletromagnéticas e parte da vossa identidade. Como tal, continuarão a ser vossas quando a existência física terminar. São os vossos bancos de memória num sentido muito profundo.

Com o tempo, percebem, as (*sorriso*) várias memórias do ego passarão a fazer parte delas. Como tal, aliás, também podem ser ativadas. (*Pausa longa.*) O ego não é apagado, porém. Agora, em alguns casos ele continua a operar, embora de forma ligeiramente diferente, nos seus próprios níveis, estreitamente ligado a, mas separado da, existência física. Estou a falar agora de situações de sobrevivência.

Isto, aliás, é o padrão de sobrevivência menos aceitável. O ego pode ser suficientemente forte para insistir nos antigos privilégios de controlo, e, no entanto, demasiado inflexível para se ajustar às novas condições. Pode, por outro lado, aceitar o desafio de uma grande mudança e permitir uma reorganização dos processos psicológicos, caso em que a identidade não só é salva como renovada. O ego passa então a comandar, após alguma luta, quadros genéricos, de um modo que antes não lhe era possível.

Pode então construir sobre eles, submergir voluntariamente parte de si e emergir com uma identidade mais vigorosa. Por outras palavras, pode aceitar porções maiores da ação e adaptar-se de formas que não eram possíveis quando estava ligado ao organismo físico.

As imagens genéricas são como linhas de vida. (*Pausa longa*) Parecem conduzir ao vosso passado, mas essas linhas de vida são espirais, e só as limitações da percepção física vos levam a pensar nelas dessa maneira.

Agora vou encerrar. Os meus melhores votos para ambos.

(*“Boa noite, Seth.”*)

(*Fim às 10:00. A Jane esteve como de costume “fora”. O seu ritmo voltou a ser lento. Nenhum de nós se sentia mal, apenas com sono.*)

SESSÃO 292
10 DE OUTUBRO DE 1966

(Ver as páginas anteriores para registros dos dois objetos utilizados no 73º experimento desta noite.

(A tampa de uma lata de cerveja foi colocada dentro do meu bilhete dobrado; o bilhete foi escrito em papel branco, com a mesma tinta usada para fazer os registros. Ambos os objetos vieram de uma reunião de amigos no nosso apartamento, na sexta-feira, 7 de outubro.

(A cor escura na ponta da aba é carbono negro de uma chama de vela. Fiz isto deliberadamente naquela noite, à vista de todos, pois naquele momento decidi usar esta tampa como o objeto do experimento para a sessão desta noite. Outros detalhes mais tarde.)

(Como sempre, coloquei os objetos entre duas folhas de cartolina grossa, para impedir a identificação pelo toque, e depois selei essa “sanduíche” em dois envelopes.

(O Seth já disse antes que não fornece dados sobre envelopes que poderiam ser identificados através do tato ou da visão de Jane, e isto nunca foi um problema nos experimentos.

(A Jane estava sonolenta antes da sessão, mas não me contou até depois de os dados terem sido obtidos.)

(Começou a falar em transe, sentada, com a mão esquerda levantada aos seus olhos fechados. Voz média, ritmo lento, com muitas pausas.)

Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Agora. Estas imagens genéricas são compostas por complexos eletromagnéticos altamente complicados.

Não têm nada a ver com a visão física. São construídas através da memória celular e são, até certo ponto, réplicas ativas de formas anteriores. Elas não são imagens unidimensionais e, na verdade, não são estáticas. São vivas, cheias da sua própria realidade energética, compósitos vivos. Nos sonhos, geralmente só as percebem como imagens, mas elas possuem uma identidade psíquica que, até certo ponto, é biológica para vocês.

Por outras palavras, para que possam sintonizar-se diretamente com elas, certas mudanças biológicas devem ocorrer. Uso a palavra “diretamente” de forma vaga, pois apenas os sentidos internos podem

realmente contactá-las sem distorções. Até certo ponto, elas têm consciência dos sonhos nos quais participam.

Elas funcionam independentemente até certo nível. No entanto, o vosso estado emocional torna-se o clima psicológico delas. Têm uma consciência vaga do vosso ego, mas muito limitada. Vocês são o ambiente delas, por assim dizer, e elas estão cientes da vossa saúde e vitalidade, pois isso afeta o bem-estar delas. Algumas são mais fortes que outras. Algumas são intrusivas.

O vosso sistema físico como um todo contém estes padrões e imagens genéricos, mantidos unidos e unificados pelas organizações superiores do eu.

(A Jane estava inquieta desde o início da sessão, movendo-se frequentemente na cadeira de balanço que sempre usa. Agora, descalçou os sapatos. Os seus olhos começaram a abrir-se e estavam muito mais escuros e luminosos do que na sua vida diária.)

Quando estas organizações se desmoronam ou colapsam, por qualquer motivo, esses padrões genéricos deixam de estar subordinados e tornam-se mais ativados. Em alguns casos, isso dá origem a alucinações em pessoas com doenças mentais. Os padrões genéricos estabelecem organizações entre si, mantendo direção sobre algumas funções celulares, e estão intimamente ligados ao movimento e às funções purificadoras do sangue, bem como ao funcionamento dos rins. A sua vitalidade é influenciada pelas estações do ano e segue ciclos de 10 a 15 dias, seguidos de um período mais relaxado. Eles também estão relacionados com a vossa capacidade de pronunciar vogais e são sensíveis ao som.

Compreendam que estes são padrões eletromagnéticos altamente codificados, e não pequenos seres ativos no vosso sangue. (Tom irónico, sorriso, olhos abertos.) Na verdade, eles não ocupam espaço, assim como um sonho dentro da vossa cabeça não ocupa espaço. São o resultado de interações e, no entanto, existem realmente, quer essas interações os ativem ou não. Eles são mais evidentes nas crianças pequenas. Os adultos mal têm consciência deles, exceto em alguns sonhos, nos quais o seu significado é frequentemente mal interpretado.

Deixaremos esta discussão por agora e voltaremos ao estudo das projeções. Em alguns estados de transe, podem tomar consciência destes padrões genéricos, projetá-los para o exterior e pensar que estão a perceber

alguma aparição estranha. Esse tipo de experiência pode ocorrer imediatamente antes de uma projeção, embora não seja o mais comum.

Podem agora fazer a vossa primeira pausa.

(Pausa às 9h27. A Jane estava dissociada como de costume, inquieta, movendo-se frequentemente. Os seus olhos abriam-se com frequência, o ritmo era lento e tinha pouca memória do que havia dito. Retomou às 9h37, agora com um ritmo um pouco mais rápido.)

Agora, as projeções envolvem variações na intensidade da vossa energia. Há certas tensões associadas a elas. A um nível consciente, devem ganhar confiança, tal como quando aprenderam a andar. No entanto, é perfeitamente possível projetar-se sem quaisquer sintomas físicos alarmantes. Muitas vezes, a própria sugestão altera os sintomas. Nos sonhos, quando não esperam sintomas, eles não aparecem.

As experiências fora do corpo podem trazer benefícios para a saúde. O vosso sistema relaxa automaticamente e fica livre de pressões. Além disso, fica livre do tempo. O corpo não envelhece durante uma projeção – ou seja, permanece em suspensão. Qualquer interpretação feita ocorre pela consciência. Os sentidos físicos não são utilizados (sublinhado). No momento da percepção, a consciência viajante percebe através dos sentidos internos e faz automaticamente os ajustes necessários para que o ego possa perceber os dados de forma familiar.

Isto acontece automaticamente. Os dados não são “transmitidos” de volta ao corpo físico para interpretação. A consciência pode adotar métodos físicos de percepção, mesmo quando está separada do corpo. Ela forma o seu próprio aparelho pseudofísico, da mesma forma que originalmente forma a imagem física. A consciência está ciente de ver e observar de uma maneira que se assemelha aos termos físicos, e assim é.

Agora, tens algum envelope para mim, Joseph?

“Sim.”

(Com os olhos agora fechados, Jane estendeu a mão para receber de mim o envelope duplamente selado para a 73.^a experiência. Como de costume, colocou-o na testa numa posição horizontal.)

Dá-nos um momento, por favor. Estas são impressões. (Pausa.)

Uma vantagem. Algo relacionado com uma vantagem. Um grande A.

A impressão de um labirinto (ou “amaze”?). Uma sexta-feira. Um formato vertical. (Jane agora baixou o envelope para o colo.) Três. Isto

pode ser as 15 horas, não sei, mas um trio ou três. (Pausa.) E uma ligação com tempo mencionada. Uma espécie de escala.

Ligação com uma grande cidade. Esta ligação a Minneapolis, não sei a que se refere. Outra vez, uma impressão de letra maiúscula, um grande M. Minneapolis, Mississippi — esse comprimento de palavra, com uma descrição de lugar ligada.

Um 36 e 46. Matéria impressa e um design. Algo pequeno e redondo, como um anel, ou pequena forma circular. Colocado bastante alto no item.

Talvez à direita, e pequeno.

A cor vermelho. Uma conquista. Dois homens, tu e outro ligado aqui.

Uma poltrona também. Uma escaramuça.

Quarenta e seis ou 1946. Padrões quadrados. Cinzento, preto, branco.

Um calendário, ou série de números. Azul. Talvez a cor de uma peça de roupa.

Tens alguma pergunta? Uma nota fragmentada.

(“O que é isso acerca de uma sexta-feira?”)

Uma sexta-feira ligada ao item. Talvez um 7, ou 17, dia do mês. Ou 19 horas. Ligação também com um estranho.

(“A que se refere o grande A?”)

Não sei. Uma impressão de um grande A. Se é simbólico ou literal, não tenho consciência. Também uma forma de chaminé.

(“Quem é o outro homem mencionado para além de mim?”)

(Pausa.)

Vamos tentar isto daqui a pouco.

(“O que é isso acerca de uma escaramuça?”)

(Pausa.)

Tem a ver com uma discussão. Também com uma ligação a uma guerra passada. Uma ligação também com um diamante, e uma mulher. Ruburt pensa aí na tua mãe.

(“Queres voltar agora àquele outro homem?”)

Estamos a ter dificuldade. Ruburt pensa no teu pai, mas tem receio de distorcer a informação. (Pausa.) Se não tiveres mais perguntas, podes fazer uma pausa.

(“Está bem.”)

Oval também. Algo oval.

(“E quanto à cor disso?”)

Demos-te cores, também 1861 ou 1961. Algo antiquado, como cavalo e carruagem.

(Pausa às 10:01. Jane tinha estado ausente como de costume, disse. Os olhos permaneceram fechados durante a experiência. O seu ritmo tinha sido muito mais rápido durante a experiência do que durante o resto da sessão. Disse que não tinha consciência de nenhum dos dados enquanto os fornecia, nem do que poderiam significar, se eram válidos, etc.)

(A Jane teve algumas imagens e estas serão mencionadas no devido lugar. Este é um caso em que Jane tinha visto um dos dois itens que compunham os objetos do envelope muito recentemente — a carica de lata de cerveja, na sexta-feira, 7 de outubro, há três dias. Ela nunca tinha visto a minha nota escrita com a data e a identificação da marca de cerveja, Draft Beer. Ver páginas 86-88 para decalques dos dois objetos do envelope e da lata de cerveja. Posso acrescentar que Jane viu a carica da lata de cerveja apenas de forma casual. Havia bastantes espalhadas pela nossa sala de estar na noite de sexta-feira. A nossa vela não foi acesa até tarde nessa noite. Quando peguei numa carica para a enegrecer na chama, pensei que isso focaria a atenção consciente da Jane nesta em particular, mas ela disse-me no intervalo desta noite que não tinha reparado em eu aquecer a carica, ou então tinha-se esquecido.)

(Dois outros casais visitaram-nos na sexta-feira passada à noite, Bill e Peggy Gallagher, e Marilyn e Don Wilbur. A Jane e eu fornecemos vinho, os Gallagher também, e os Wilbur trouxeram duas embalagens de seis cervejas — uma de Draft Beer, a outra de Carling Black Label.)

(A Jane leu em voz alta para o grupo um artigo na Fate Magazine de novembro de 1966 intitulado Table Up! or How To Tilt a Table, de Georgia Mae Fields. Este é um jogo antigo para crianças, e decidimos experimentá-lo com uma mesa de cartas. As nossas experiências dessa noite envolvendo este jogo entram nos dados do envelope, embora nenhum dos objetos do envelope se refira a ele diretamente. Isto acontece frequentemente, o objeto de envelope muitas vezes inocente refletindo quaisquer fortes cargas emocionais que o rodeiem no momento físico a que a Jane e o Seth estão a tentar regressar.)

(Há mais detalhes sobre a diversão da nossa noite, e estes desenvolver-se-ão à medida que formos percorrendo os dados. O Seth ajudou-nos um pouco depois do intervalo, mas a Jane e eu estabelecemos a maioria das conexões por nós próprios.)

(“Uma vantagem. Algo a ver com uma vantagem.” A Jane leu-nos o artigo em voz alta e, depois, o Bill, o Don e eu tentámos inclinar a mesa primeiro. Sentámo-nos na extremidade sul da mesa e fizemos a extremidade norte, desocupada, levantar-se enquanto entoávamos cânticos, conforme as instruções do artigo. O que as três mulheres não sabiam na altura era que nós os três estávamos a dar uma ajudinha à natureza, fazendo a extremidade livre da mesa levantar-se com pressão física consciente das mãos.)

(Fizemo-lo duas vezes. Pelo meio, as três mulheres tentaram fazer o mesmo e falharam. O nosso conhecimento de que estávamos a fingir deu-nos certamente uma vantagem sobre elas. Mais deriva disto.)

(“Um grande A.” A Jane e eu não conseguimos fazer ligações, mesmo depois de eu ter feito uma pergunta sobre isto. Mas o Seth explica depois do intervalo.)

(“A impressão de um labirinto.” Este é um caso em que são possíveis variações ao escrever sons. Primeiro escrevi este dado como duas palavras, portanto deixei assim, mas depressa reconsiderei e percebi que poderia muito bem ter escrito “amaze”. Na verdade, não consegui dizer qual versão usar a partir da pronúncia da Jane.)

(Quando o Bill, o Don e eu inclinámos deliberadamente a mesa e não fomos detetados a fazê-lo, obtivemos certamente uma reação de espanto por parte das três mulheres. O queixo da Peggy caiu literalmente. A Jane e a Marilyn também ficaram muito surpreendidas, e a Jane disse-me mais tarde que, após o primeiro choque de ver a extremidade norte da mesa levantar-se, aparentemente por vontade própria, pensou que o Bill, o Don e eu tínhamos de facto conseguido fazê-lo.)

(“Maze”, no sentido de perplexidade, também se pode aplicar aqui, pois quando as três mulheres tentaram inclinar a mesa não tiveram sucesso. A Jane disse que isto foi muito irritante e desconcertante para elas.)

(“Uma sexta-feira.” Ver o decalque da nota que incluí com a carga da lata de cerveja nos envelopes duplos, na página 86. A primeira linha da minha cópia diz “Used Friday, Oct. 7/66.” Esta pequena nota foi escrita também na sexta-feira, 7 de outubro, depois de as visitas terem saído. [Esta sessão realizou-se na segunda-feira, 10 de outubro.]

(“Um formato vertical.” O Seth não nos ajudou aqui e eu esqueci-me de lhe pedir ajuda depois do intervalo, mas, em vista de dados posteriores,

a Jane e eu acreditamos que isto se aplica ao design da lata de Draft Beer, que forneceu a carga usada como um dos objetos do envelope. Ver página 88. Pela sua natureza, uma lata de cerveja teria um formato vertical. A mesa de cartas que usámos tinha um tampo castanho liso; mas talvez o Seth se referisse a outra coisa.)

(“Três. Isto pode ser as 15 horas, não sei, mas um trio ou três.” Tanto quanto sabemos, as 15 horas não entram nos dados do envelope, mas um trio, significando o Bill, o Don e eu, entra. Outro trio em destaque na noite de sexta-feira passada seria a Jane, a Peggy e a Marilyn. Ambos os trios trabalharam em inclinar a mesa várias vezes, durante muitos minutos de cada vez.)

(Obviamente, poder-se-iam procurar muitos “três” no decorrer de uma noite, embora pensemos que a ligação do trio acima indicada é forte do ponto de vista emocional e válida.)

(“E uma ligação com tempo mencionada.” Não temos a certeza. Mencionámos o tempo muitas vezes durante a noite, claro. Uma fonte escrita proeminente de tempo na noite de sexta-feira passada encontrava-se no artigo da Fate sobre inclinar mesas, que todos lemos por turnos: vinte segundos; depois da meia-noite; doze anos; um mês depois; quatro meses depois; três minutos; desde 1960, etc. A minha nota do envelope na página 86 diz Friday.)

(A Jane sentiu, subjetivamente, que esta era a interpretação correta.)

(“Uma espécie de escala.” De novo, a Jane disse que isto se referia ou ao esquema/sequência de instruções dado no artigo sobre inclinar a mesa, ou ao nosso próprio trabalho na mesa na sexta-feira passada; esfregarmos as mãos, entoarmos cânticos, etc.)

(Achámos que uma conexão adequada com “escala/balança” seria o “equilíbrio” da mesa sobre as suas duas pernas sul enquanto os trios masculino e feminino se sentavam diante dela. Como foi dito, nas duas primeiras vezes em que o Bill, o Don e eu nos sentámos à mesa, fizemos deliberadamente a mesa inclinar-se; na última, porém, com a Jane acrescentada ao grupo, a mesa inclinou-se realmente através de pressão subconsciente.)

(“Ligação com uma grande cidade. Esta ligação a Minneapolis, não sei a que se refere. Outra vez, uma impressão de letra maiúscula, um grande M. Minneapolis, Mississippi — esse comprimento de palavra, com uma descrição de lugar ligada.” A Jane disse que tinha a certeza de que

estes nomes compridos começados por M refletiam as suas tentativas de fazer passar Milwaukee, em vez de Minneapolis. Ela ligou o nome Milwaukee ao facto de termos cerveja para beber no encontro de sexta-feira à noite; e, claro, uma lata de cerveja forneceu o objeto metálico usado no envelope experimental. Ver página 88.)

(A Jane tem aqui uma associação pessoal. A única cidade que ela sabe que publicita cerveja é Milwaukee — “A cerveja que tornou uma cidade famosa”, etc. Milwaukee é uma palavra com aproximadamente o mesmo comprimento que Minneapolis, etc., e também está ligada a um lugar.)

(“Um 36 e 46.” Acreditámos que isto eram dados baralhados, um esforço para ser específico. Por exemplo, não estava presente ninguém com nenhuma dessas idades. A Jane e eu éramos os mais próximos, com 37 e 47. O Bill tem 41, a Peggy 38, a Marilyn e o Don vinte e poucos, etc. Não tínhamos a certeza de que o Seth pretendesse sequer uma referência a idades. Há uma diferença de 10 entre os dois números e também entre as idades da Jane e minhas.)

(Relativamente aos dados Minneapolis–Milwaukee acima, deve acrescentar-se que a lata de Iroquois Draft Beer que forneceu a carga usada como objeto na experiência desta noite não veio de Milwaukee nem de nenhum lugar do Midwest. Ver o esboço na página 88. A lata e o conteúdo tinham origem em Buffalo, NY, conforme indicado.)

(“Matéria impressa e um design.” Mais uma vez, ver os decalques dos dois objetos do envelope na página 86. A nota incluída com a carga da lata de cerveja ostenta a minha caligrafia. Isto não é impressão tipográfica, embora o Seth muitas vezes tenha misturado os termos imprimir, escrever, letrear, datilografar, etc. Consideramos isto um bom dado. E “design” pode referir-se à lata de cerveja metálica, de design limpo. O Seth prossegue a partir daqui.)

(“Algo pequeno e redondo, como um anel, ou uma pequena forma circular.” A carga da lata de cerveja usada como objeto é pequena e redonda, como um anel. A Jane apontou também que a palavra “Ring” aparece duas vezes, em relevo seco, no topo das latas de Draft Beer, uma das quais forneceu a carga. Ver página 88.)

(“Colocado bastante alto no item. Talvez à direita, e pequeno.” A Jane disse que isto era uma referência à posição do anel da carga relativamente à minha nota, enquanto os dois itens estavam selados entre

os dois cartões Bristol rígidos e nos envelopes duplos. Ela teve uma imagem da sua posição enquanto dava este dado. Lembrar-se-á que, por essa altura, a Jane segurava o envelope no colo; antes tinha-o segurado contra a testa, como costuma fazer. “À direita” é uma indicação aproximada da posição a que ela se refere, e que conseguiu verificar até certo ponto quando abriu os envelopes no intervalo. Lembrar que a nota estava, na realidade, dobrada sobre a carga, como um sanduíche; evidentemente, a pressão dos dois cartões Bristol e dos dois envelopes manteve a carga na mesma posição em relação à nota.)

SESSÃO 293

12 DE OUTUBRO DE 1966

(A Jane disse que não fazia ideia do que o Seth falaria esta noite, enquanto pousava os óculos na mesa às 21h00. Depois entrou em transe.)

O Ruburt pode não fazer ideia, mas eu tenho várias.

Agora. A concentração que ele usou a ensinar devia dizer-lhe algo.

Literalmente, ele trouxe uma tremenda quantidade de energia à superfície. Automaticamente recorreu a essa energia e focou-a para os seus próprios propósitos.

(Na terça-feira, 11 de Outubro, a Jane teve o seu primeiro dia como professora substituta; mais tarde disse que estava consciente de usar uma grande quantidade de energia.)

Não houve nervosismo. Tudo o resto foi esquecido enquanto se esforçava por se projetar para aqueles alunos. Este mesmo tipo de energia pode ser usado com grande facilidade em projeções de outro tipo. A mesma quantidade de energia, focada numa experiência fora do corpo, teria resultado numa aventura, de facto. É o mesmo tipo de energia que ele usa na sua poesia.

É esta energia que ele tem agora de usar para acabar os dois livros que começou. Literalmente, mais uma vez, tudo o que ele tem de fazer é exigir que a energia esteja disponível — e ela estará. Ele usa esta energia quase subconscientemente no seu trabalho psíquico. Mas tem de exigir de si mesmo que a energia seja usada em várias circunstâncias. Quando não o faz, dececiona-se.

Além disso, pune-se de forma bastante pouco gentil, com músculos doridos, por sinal. Quando está a trabalhar a pleno rendimento, está

completamente para além de tais sintomas físicos. Está fora deles. Esta energia, o uso dela, é uma capacidade natural que faz parte da sua personalidade, e ele deve usá-la. Para ele, resulta num desempenho fluido, pois quando não a usa plenamente, é assaltado por falsos arranques e interrupções.

Estes refletem-se no sistema físico, pois ele está preparado, e naturalmente, para uma ação intensa, e é assim que funciona melhor. Estou a falar agora do seu desempenho ideal. Quando trabalha bem, o seu descanso está no seu trabalho. Quando exige menos de si mesmo e depois mais, e depois menos, o sistema físico, preparado para uma ação intensa e focada, fica confuso; os sistemas glandulares ficam em desequilíbrio, tal como o sistema nervoso.

A energia não utilizada deixa-o todo em nós, percebem.

(Olhos abertos, a Jane gesticulou batendo com as mãos na parte superior dos braços; ela tem sentido câibras e espasmos musculares em ambos os deltóides recentemente.)

Ele deve agora concentrar essa mesma energia em três campos ou empreendimentos principais: poesia e os dois livros. Quando estiver em casa a trabalhar, a mesma energia utilizada no ensino deve ser usada para o seu próprio trabalho. Isto aliviará efetivamente todos os sintomas físicos.

Se as minhas sugestões forem seguidas, os resultados serão quase imediatos. E, usando mais energia, terá mais disponível. O sucesso no trabalho com sonhos depende precisamente desta energia excedente ainda disponível no final do dia. Toda a sua estrutura fisiológica está preparada para atividade intensa. Não falo, claro, de uma ação nervosa, errática ou indisciplinada.

A energia, essa energia propulsora e de apoio, usada em projeções fora do corpo, dará resultados impressionantes. A imagem do Ruburt está de facto impressa fortemente na mente de cada criança das suas aulas de ontem, e foi essa energia focada que tornou isto possível. Usada numa projeção, a mesma intensidade de energia permitiria resultados que poderiam ser comprovados sem dúvida e aceites sem reservas.

Colocada ao meu serviço durante uma sessão, essa energia permitiria — as energias permitiriam — explicar vários princípios com a máxima clareza, e melhorariam muito os nossos dados experimentais. Ele tem de aprender a chamar por essa energia quando quiser. No passado, aceitava-a mas não a compreendia, nem sabia como recuperá-la. O seu sistema está

simplesmente mais equipado do que a maioria para lidar e utilizar intensidades energéticas elevadas.

Na sua primeira idade adulta houve a questão da disciplina. A energia assustava-o porque não conseguia controlá-la. Agora consegue. Usada de forma adequada e proveitosa, será responsável por várias descobertas importantes que resultarão do vosso trabalho conjunto.

O uso errático de energia de alta intensidade pode, contudo, ser disruptivo para o sistema, pois a mudança de ritmo pode ser demasiado brusca. O sistema ajusta-se automaticamente, mas ele tem de aprender a exigir de si mesmo o uso dessa energia. Ela não está disponível para todos a este nível, e ele tem tendência a recuar, por assim dizer, e a não exigir o máximo de si mesmo. É aí que surgem as dificuldades físicas. Não estou a sugerir que avance a toda a velocidade em cada momento. Estou a sugerir que use toda a força da energia disponível para cada tarefa em mãos.

Ele ainda não conhece toda a força inerente a esta energia. Ele é um conversor, o seu sistema está sintonizado para converter energia psíquica. Podem fazer uma pausa.

(Pausa às 21h34. A Jane estava dissociada como habitualmente, disse. Falou sentada, olhos muitas vezes abertos, ritmo lento com muitas pausas, mais rápido para o fim da transmissão. Lembrava-se de parte do material. Retomou às 21h41.)

Isto não é nada que não saibam, mas ele deve ser lembrado. Hábitos menos corretos, ainda que temporários, impediram-no de focar totalmente esta energia nos livros. Agora, o seu sistema funcionará sempre desta forma. Está feito para usar, lidar e converter intensidades energéticas elevadas.

Através de interesses e contexto pessoais, isto faz-se através do seu trabalho. Quando isto não é feito, a energia não convertida fica literalmente bloqueada e provoca sintomas físicos claros, que representam um bloqueio energético. Isto também pode levar a um nervosismo geral. Forma-se então um círculo vicioso. Ele rumina porque sabe que não está a trabalhar corretamente, e depois, porque rumina, não consegue trabalhar corretamente.

As circunstâncias ou um desânimo geral acabam por levá-lo a um ponto em que perde o contato, percebem, com esta energia — e essa é a dificuldade básica. Quando isto é compreendido, basta exigir de si mesmo que esta energia seja de novo usada, e o sistema ajusta-se automaticamente.

Ele já mudou, no passado, a sua área ou condições de trabalho. Muitas vezes isso foi uma ajuda, percebem, simplesmente porque criou condições para a concentração.

O uso correto desta energia é, contudo, a base do seu sucesso em todos os campos de atividade. A experiência de ensino foi excelente. A energia apanhou-o desprevenido, percebem, de modo que pôde observá-la depois com alguma objetividade.

O teu próprio sistema, Joseph, lida com esta energia de forma totalmente diferente, e há em ti um certo retorno que funciona a teu favor — uma certa contenção de energia que depois é libertada. Contigo, isto conduz a uma maturação de imagens, percebes. Ao mesmo tempo, tens uma corrente alternada, também de energia de alta intensidade, mas com esta tendência de maturação. Tens sido mais lento nas tuas tentativas de projeção, mas sair-te-ás muito bem quando estas correntes gémeas estiverem em harmonia. Uso a ideia de corrente apenas para explicar. Não quero dizer literalmente duas correntes.

O teu ritmo interior depende, contudo, de uma atividade de alta energia alternada com um período mais lento de maturação, antes da conversão final da energia para outra forma. Estas formas individuais de usar energia marcarão as vossas atividades ao longo das vossas vidas. Quando o teu período mais lento se prolonga além de certo ponto, surge a dificuldade. Contudo, compreendeste isto em grande parte a nível subconsciente, e agora fazes quase automaticamente os ajustes interiores necessários.

O nível e o período da tua energia podem ser observados através do estudo dos teus sonhos. Sonhos clarividentes e sonhos de natureza intuitiva surgirão em períodos de alto nível. Também serão mais vívidos, e as impressões pseudo-sensoriais parecerão mais concretas. As projeções também serão excelentes. A tua influência sobre os outros será intensificada e, durante tais períodos, projetarás emoções e ideias com grande clareza. As negativas, percebes, assim como as positivas, por isso alguma disciplina é necessária.

A propósito, o avô do teu amigo estava legitimamente ligado à vossa experiência ligeira da outra noite.

(A Jane fez uma longa pausa, olhos fechados. O Seth refere-se aqui às nossas experiências de fazer a mesa inclinar-se, na sexta-feira, 7 de Outubro. Essa brincadeira levou ao sucesso do 73º experimento com o

envelope, a 10 de Outubro. Três casais estavam envolvidos a 7 de Outubro — a Jane e eu, os Gallaghers, e a Marilyn e o Don Wilbur.)

(Quando o Bill, o Don e eu tentámos primeiro fazer a mesa inclinar-se a 7 de Outubro, fingimos os resultados; isto levou a algumas reações bastante veementes por parte das três mulheres. Mais tarde nessa noite obtivemos resultados legítimos com a mesa; durante uma dessas experiências, a mesa disse-nos que o comunicador era o avô do Don Wilbur.)

Tudo o que aconteceu não teria funcionado se a crença não estivesse lá, como viram por vocês mesmos. Podem perguntar à mesa por provas uma noite, e se houver um comunicador forte podem obter algo de interessante.

Sugiro também que se concentrem no sucesso do livro do Ruburt. Ele continua a navegar na energia psíquica original com que ambos o investiram. Acredito que os números que vos dei estão corretos quase ao cêntimo — pelo menos estão muito próximos.

(Ver página 99 da 292ª sessão, e a 217ª sessão.)

Podem fazer uma pausa curta e continuaremos brevemente.

(Pausa. A Jane estava como habitualmente dissociada, olhos abertos, etc. Disse que as câibras nos braços tinham aparentemente desaparecido; sentia-se muito melhor desde o início da sessão.)

Teremos todo o gosto em acompanhar os vossos amigos enquanto estiverem fora.

(O Bill e a Peggy Gallagher vão de férias durante duas semanas, a partir de segunda-feira, 17 de Outubro.)

Agora dei ao nosso amigo Ruburt um impulso. No entanto, as sugestões têm de ser seguidas para que seja permanente. Se forem seguidas, não haverá retorno dos sintomas, nem surgirão novos. Ele deve manter-se afastado do vosso amigo Piper (o quiroprático) pelo menos por um tempo. Os problemas devem ser resolvidos ao nível mais básico, e uma vez aprendidas estas lições, são de benefício para o resto das vossas vidas.

O sintoma no pé também está relacionado com isto. Mas, à medida que começou a melhorar, percebem, o sintoma no braço desenvolveu-se. Ambos desaparecerão, e imediatamente, quando forem seguidos os passos adequados que tive o cuidado de delinear.

Como sabem agora, o Ruburt portou-se bem numa situação nova, e essa maturidade adquirida nestes últimos dois anos fez-se sentir de

imediatamente. Ele teria chegado à solução adequada para os sintomas físicos eventualmente, por si próprio. A sessão desta noite já lhe fez imenso sentido a nível intuitivo, e poupar-lhe-á vários meses de dificuldades. E não cobro honorários.

(Gesto, sorriso, olhos abertos. Depois pausa longa, olhos fechados.)

Dêem-nos um momento.

A criança da tua sobrinha. *(Pausa.)* Uma circunstância infeliz ocorrerá quando ela tiver 13 anos, mas ela irá recuperar-se. Um automóvel estará ligado a isso. Haverá, creio eu, dois rapazes a juntar-se à família. Pelo menos ela terá dois rapazes.

Parece haver um divórcio ou separação, no entanto, e um reatamento. Algo aos 8 anos para este novo bebé, uma operação menor, talvez amígdalas ou apêndice — algo deste género. Ela terá muito jeito para design, e uma tendência para a pintura. Se isso será desenvolvido, não sei. A criança terá um filho que será professor numa área relacionada com a terra ou o solo.

Alguma animosidade entre a criança e creio eu a avó numa data posterior. Ou entre a criança e a mãe por causa da avó, do lado da mãe. Cabelo acastanhado em adulta, aproximadamente um metro e sessenta e cinco, e um amor pela cor vermelha, tal como a tua própria mãe. As iniciais S A G serão importantes para a criança numa fase mais avançada. Podem representar o homem com quem ela se casa. Um acidente junto de um forno, por volta dos três anos, sem consequências graves.

Desejo-vos uma boa noite. Os meus melhores votos para ambos. E Ruburt, aceito agora os teus agradecimentos, pois poupei-te muito esforço.

(Fim às 22h39. A Jane estava como de costume 'fora'. Ritmo mais lento, olhos abertos muitas vezes. No sábado, 8 de Outubro, a Jane e eu fomos ver a bebé recém-nascida da Linda, a Eileen Elizabeth, no hospital perto de Tunkhannock, PA. Não tínhamos pedido ao Seth qualquer material sobre a bebé.)

SESSÃO 294

17 DE OUTUBRO DE 1966

(Normalmente ter-se-ia realizado uma experiência com envelope esta noite. Em vez disso, a maior parte da sessão foi dedicada ao Seth sintonizar-se com o Bill e a Peggy Gallagher, que estão de férias esta semana em Nassau.

(Não devíamos saber onde os Gallagher iam passar as férias, mas a Peggy mencionou Nassau na sexta-feira passada. Os Gallagher saíram de Elmira de avião esta manhã.

(A Jane teve o seu segundo dia como professora substituta hoje, e estava visivelmente cansada à hora da sessão. Quis mesmo assim realizar a sessão. Eu sugeri que exigisse bastante energia, como o Seth disse que poderia fazer na última sessão. Além disso, a anca e o pé incomodaram-na bastante, e disse-me que ainda não tinha sido consistente em exigir a energia disponível e canalizá-la para os livros, como o Seth sugeriu.

(A Jane começou a falar em transe a um ritmo muito lento; muitas das suas pausas foram relativamente longas; estava sentada com uma mão pousada sobre os olhos fechados.)

Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

(Pausa longa.)

Encontramos uma situação nervosa na zona da anca. As recomendações que vos dei na outra noite ainda se aplicam fortemente, e não foram seguidas. Essas recomendações representam passos que levarão ao desaparecimento de todos os sintomas. Caso contrário, um desaparece para ser substituído por outro.

(Pausa longa às 21h06. Ver a 293ª sessão.)

A energia deve ser dirigida para o trabalho principal da personalidade, os dois livros em mãos, se a personalidade quiser progredir segundo as linhas que escolheu. *(Pausa longa.)* O conflito interior, percebem, manifesta-se agora em desequilíbrios dentro do sistema, onde conjuntos de músculos *(pausa)* combatem com outros conjuntos: isto provoca, por exemplo, as perturbações nervosas na anca. As recomendações que dei, seguidas com fidelidade, irão curar completamente o sistema. Meias medidas não resultarão.

Agora, mais uma vez, vou ajudar a personalidade a aliviar os sintomas. Neste caso, limpar a zona da anca e perna esquerdas, e uma

pequena área na parte da frente do ombro esquerdo. Isto é apenas um benefício temporário, no entanto, a menos e até que as recomendações sugeridas sejam seguidas na totalidade.

Agora quanto aos vossos amigos, dêem-nos um momento, por favor.

(*Pausa às 21h11.*) Uma espécie de charada. Poderá ser um número de cabaré? Não sei. Uma mesa ao lado deles. Um homem num facto escuro levanta-se. Algo estranho no facto, como se fosse o único de cor escura por perto, pelo menos.

Uma ligação com M I C H, ou Michigan. Conheceram alguém de lá? Um casal. Cinco pessoas. (*Pausa. A Jane falava com muitas pausas.*) Um 4 7 5, ou 1475. Uma conta de algum tipo, ligada a um item.

Algo vermelho ligado ao snorkeling. Uma vantagem dupla. O nome Gert, creio eu. Uma ligação com pequenas bolas, mas não feitas de borracha.

Um cume com uma cruz no topo. Um edifício ou parte de um edifício onde estão agora, onde há uma secção longa e estreita, um telhado sustentado, um telhado plano creio eu, longo e estreito, sustentado por pilares, com um chão que não é de madeira. Talvez de cimento — mas de pedra, definitivamente de pedra (*a Jane gesticulava, olhos fechados, como se tentasse fixar a ideia*) ou chão de pedra cor de areia.

Isto poderá ser uma varanda coberta.

À porta deles, creio eu, um grande balde de algum tipo cheio de areia para cigarros. De tamanho considerável. Esta varanda a sobressair, com algumas rochas por baixo, e além disso o oceano ou a baía.

Mesmo à beira da costa, talvez mesmo em frente e em baixo, uma concavidade circular escavada (*gesto*), onde há uma corrente forte por causa das rochas. E neste ponto em particular, junto a esta concavidade, não há praia, embora exista uma praia à esquerda e à direita. Bastante largas.

Uma torção ou algo torcido. Sete horas e jantar onde há muitos barcos por perto. Alguns destes veleiros. (*Pausa.*) Uma empregada com alguma marca visível no braço. Uma marca escura ou nódoa negra talvez (*pausa*), ou poderá ser um conjunto de sardas escuras. Mas muito visível; ou uma cicatriz.

Oito e quinze, novamente junto à água, mas desta vez num ambiente mais espanhol. Um cabaré verde (*gesto*), um incómodo lá. Uma estrutura meio acabada com muitas janelas. Dezoito arbustos. Não sei a que se

refere. E alguns pequenos elementos naturais que parecem carvão, talvez depósitos de algum tipo.

Sugiro uma pausa.

(Pausa às 21h28. A Jane estava dissociada como habitualmente. Os olhos já começavam a abrir-se com frequência, e estavam muito escuros. Disse que a anca tensa já se sentia melhor.

(A Jane teve imagens mentais de parte do material acima e do que se seguiria, e estas serão resumidas no final da sessão. Só podíamos esperar que alguns dos detalhes específicos dados pelo Seth tivessem sido também notados pelos Gallagher. Perguntei à Jane se achava possível ser mais específica sobre nomes de lugares, iniciais, etc., pois isso ajudaria a verificar o material com os Gallagher.

(Chegámos à ideia de usar símiles para alguns dados específicos, caso a ideia de ser demasiado exata a assustasse, e ela disse que achava que o dado do “cabaré verde” poderia ser um exemplo disso.

(O ritmo da Jane tinha acelerado um pouco à medida que a pausa se aproximava, e retomou neste tom novo, embora ainda com pausas, às 21h35.)

O nome de um estabelecimento tem a ver com gémeo, ou dois. Um tem a ver com um agrupamento de coisas, e um grupo ou um grupo como um ninho, por exemplo. Um relacionado com verde. Um J R ou um J B, não ligado ao Ruburt.

Um lugar de missionários. 1671, relacionado com pergaminhos. Com uma masmorra ou área algo semelhante a uma masmorra ligada. Numa secção norte, embora não estritamente a norte, e talvez 125 para uma visita guiada... Isto não é o nome mas é uma ligação: não é o nome: Abbe La Blanc. *(A Jane pronunciou isto hesitante, e Abbe La Blanc é a minha interpretação do que ela disse.)*

Objetos vermelhos globulares lá, e outra língua. *(Pausa.)*

Uma ligação aqui que não compreendo, relacionada com frio, gelado ou escarchado. Correntes de ar. E com muitas mortes no passado. Um conjunto de senhora em particular numa loja com um toldo laranja, ou na montra com uma etiqueta de preço alto. Um conjunto de três peças.

(Ver a 286ª sessão, onde o Seth discute as formas como recolhe dados experimentais, os traduz, etc.)

Apanho um dois cinco de novo aqui, e acredito que a nossa amiga amante de gatos *(a Peggy Gallagher)* entra na loja, e que o conjunto está na

montra. (*Pausa.*) La Rue (*minha interpretação*), não sei, uma rua, ou será que ela se arrepende de ter entrado na loja, percebem. A rua ligada a flores, esta rua em particular. Flores no nome talvez. E com um problema de trânsito no centro de uma cidade, com uma ligação a cristal.

(*O ritmo da Jane estava agora bom, olhos abertos com frequência.*)

1781 e uma prisão. 1842 e um museu. 1589 e uma evacuação de pessoas. Um buraco em termos de estrutura, ou as ruínas de uma estrutura. 1461 e uma fonte com degraus a conduzir até ela.

(*O Seth debitou estas datas rapidamente.*)

Uma formação circular (*gesto*) rodeada por flores, creio eu, com estruturas antigas, muito próximas umas das outras, pelo menos de dois andares, do lado esquerdo da rua, ou próximas da rua, quase idênticas em fila.

Uma comemoração de um esfaqueamento. Uma estátua. Não sei aqui. Está ligada a um general, mas creio que o homem cuja imagem está representada pela estátua esfaqueou o general. Parece-me ser a comemoração de um assassinato. Ou 1861 ou 16, não tenho a certeza.

Metal ligado à estátua (*pausa*) e parece haver um candeeiro de rua moderno muito perto. (*Pausa.*) Ligado a isto, muito difuso aqui: Concordiant. (*Pausa; minha interpretação; olhos fechados, a Jane tentou escrever no ar com o dedo as palavras que tentava pronunciar.*) De, creio eu, sete — Savrantinos (*pronúncia hesitante*) disse concordi — Concordiat de Savrantino. Data. Ainda estamos a tentar datas, percebem. Dezasseis oito três. Dois, 1724, 1721. San Josius (*minha interpretação*) san, S A N.... (*Pausa.*)

Um memorial a comemorar o início de uma revolução ou de uma guerra. O San Joseo não está exatamente correto. (*Minha interpretação.*) San Juan? Ponto de interrogação aí. Uma batalha travada originalmente junto ao mar. (*Gesto de perplexidade.*) É o termo galeões... navios?

(*“Sim.” A palavra galeão pareceu estranha para a Jane.*)

Uma rainha que morre numa sexta-feira noutra terra, esteve relacionada com a batalha. (*Pausa.*) O herói, representado numa estátua, tinha sido sapateiro, e veio de um lugar que soa a Guatemala, embora não seja exato. O nome é algo assim: San Guatama? (*Minha interpretação.*) San Guatama? (*Pausa.*) E tinha dois irmãos. Um irmão trabalhava contra ele nestas políticas.

Agora. Esta estátua, com as casas em fila à esquerda e o candeeiro de rua: seguindo pela curva à esquerda, encontram uma área mais bem dividida, subindo uma colina numa rua larga agora. *(Pausa, olhos fechados. Mais tarde, a Jane diria que estava a ver isto interiormente, embora estivesse ciente de que ainda estava sentada na sua cadeira.)* Depois a rua curva de novo à esquerda, e por baixo dela há rochas — ou seja, uma saliência rochosa que desce até ao mar, creio eu.

À direita, mesmo antes desta última curva à esquerda e da colina, há um edifício relativamente baixo onde creio que os nossos amigos comem, ou pelo menos o visitam. Este lugar é relativamente moderno, e pareceria algo americano em contraste com outros sítios que visitam. Mas só por contraste.

Mais à frente, no topo da colina, na curva à esquerda, há outro edifício branco na curva, que é um edifício novo. Agora creio que os nossos amigos ficam um pouco mais acima nesta mesma estrada, para passar a noite. Um santo aqui, e um desfiladeiro. Ou talvez isto seja São Jorge. *(Sorriso.)* Agora podem fazer uma pausa ou terminar a sessão.

(“Então vamos terminar.”)

Os meus votos mais calorosos para ambos. O meu amigo sentirá muito mais alívio esta noite, e se as minhas sugestões forem seguidas, a melhoria será permanente.

(“Boa noite, Seth.”)

(Fim às 22h06. A Jane estava bastante dissociada nesta última transmissão. O ritmo tinha sido mais rápido, olhos abertos com frequência. Disse que a anca se sentia muito melhor. É quarta-feira enquanto escrevo isto; ontem a Jane começou a pôr em prática as sugestões do Seth; ficou satisfeita por não ter tido problemas ontem nem hoje, em contraste com o seu estado difícil de segunda-feira, 17 de Outubro. Está de volta ao trabalho no seu livro dos sonhos.)

(A Jane teve algumas imagens enquanto falava em transe. Sentiu-se “mesmo dentro” especialmente durante a última transmissão. Ao falar da estrada que subia a colina, disse que a via bastante bem, como se estivesse mais lá do que aqui. No entanto, continuava ciente de que estava sentada numa cadeira de baloiço; não estava a flutuar pela estrada em Nassau, completamente separada do corpo físico.)

(Disse que a hora era aproximadamente início de noite — pelo menos nem luz plena do dia nem noite fechada. A estrada aparecia branca. Ao

falar da estátua em frente às casas em fila, disse que não viu a estátua, mas estava consciente dela na mesma. Achou que a estátua poderia estar numa “ilha” no centro da estrada. Conseguia seguir a estrada nas curvas, etc., e via-a em perspectiva correta à medida que subia a colina.)

(O edifício, restaurante ou o que fosse, no sopé da colina parecia-lhe bastante americano, comparado com o grande edifício branco no topo da estrada curva e da colina. Os Gallagher ficavam para além do grande edifício branco, e a Jane teve a impressão de que ali os edifícios eram mais dispersos.)

(Tentei que ela especificasse detalhes da colina, uma vez que isso seria algo invulgar numa ilha como Nassau, que, tanto quanto sei, é bastante plana. Nenhum de nós esteve lá. Aliás, não temos a palavra do Seth, de forma direta, de que os Gallagher estão em Nassau; deduzimos isso pelo que a Peggy disse na sexta-feira à noite, 14 de Outubro.)

(O mais próximo que a Jane conseguiu descrever sobre a colina foi que era uma inclinação longa e gradual em vez de uma subida curta e íngreme; e que subia talvez a altura de um edifício de um piso ao longo da subida. O melhor que podemos dizer é que esta geografia parece possível para aquelas ilhas.)

(A Jane frisou que nada sabe da história das ilhas das Caraíbas, ou da sua geografia. Tenho um conhecimento geral razoável, mas sei pouco sobre Nassau em detalhe, por exemplo. Sou bom a ler mapas, a Jane muito fraca; se os nomes fossem retirados de um mapa das Caraíbas, a Jane não conseguiria preenchê-los, enquanto eu poderia fazê-lo facilmente. Por outro lado, a Jane tem um sentido de direção local infalível, e o meu não é muito bom.)

(A Jane disse de novo que, embora falasse da estátua, por alguma razão nunca a viu. Mas teve imagens das casas em fila por trás ou ao lado dela. Apontou também que seria de esperar datas como as que deu em ligação com a história das ilhas nas Caraíbas, e que coisas como masmorras, galeões, etc., estariam envolvidas. A interpretação de muito deste material dependerá também do que os Gallagher se lembrarem.)

(Em algumas ocasiões no passado tivemos casos em que o Seth insistiu que certa visão, ou objeto, estava lá para ser visto, num local visitado por um dos nossos amigos a participar numa experiência; o amigo, no entanto, sem memória do que quer que o Seth falasse, simplesmente não conseguiu confirmar o Seth.)

SESSÃO 295
DOENÇA
19 DE OUTUBRO DE 1966

(A Jane começou a falar com voz calma e muitas pausas breves. Os olhos começaram a abrir-se quase de imediato.)

Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Uma nota breve para o Ruburt.

Ele viu como a condição incómoda na anca desapareceu quando seguiu as recomendações delineadas. Isto não é porque fui eu a fazer as recomendações. É porque conhecia as condições que o seu próprio sistema exigia.

Os sintomas estão a reduzir-se, e estão a desaparecer em ordem inversa. Por assim dizer, os últimos a desaparecer primeiro, percebem. Menciono isto em linha com um artigo que ambos leram sobre memória.

(“Pílulas para nos Ajudar a Recordar”, de Isaac Asimov. The New York Times Magazine, 9 de Outubro de 1966.)

A doença, de muitas formas, é uma resposta aprendida, e segue padrões estabelecidos no sistema que têm a ver com bancos de memória — embora encontremos uma palavra melhor aqui.

Uma doença habitual seguirá as linhas de resposta aprendida e de memória. Estruturas moleculares definidas formam-se biologicamente em resposta a cargas elétricas interiores. As cargas elétricas interiores não fazem parte do sistema físico como tal, percebem. Mas atuam dentro da estrutura física, formando então mudanças definidas nos padrões de RNA.

No artigo havia uma questão sobre memória de longo e curto prazo. Agora, basicamente, a intensidade original da carga determina a sua duração na vossa estrutura temporal. A intensidade de cargas específicas pode reorganizar completamente a estrutura da personalidade através de alterações nas formações de RNA. *(Pausa longa às 21h10.)* Memórias de vidas passadas, existentes eletronicamente e magneticamente, podem ter uma carga tão intensa que se sobrepõem à estrutura física atual e formam padrões de memória bastante alheios aos da personalidade do ego presente.

Teremos muito a dizer nesta linha, e será dada em breve uma discussão sobre doença e memória.

Uma vez que os sintomas físicos aparecem de facto dentro deste sistema,

eles são, em certa medida, aceites como qualquer outro padrão estabelecido, pelo menos por uma parte da personalidade. Em alguns casos, os sintomas físicos podem de facto constituir uma estrutura de superpersonalidade algo independente. É o caso de muitos indivíduos cronicamente doentes. As tendências destrutivas concentram-se num grupo de reações particularmente carregadas emocionalmente e separam-se da personalidade dominante.

Estas partes funcionam quase como uma personalidade secundária, por vezes em verdadeiro conflito com a dominante. Por fim, percebem, desenvolvem-se casos em que a personalidade dominante não controla de todo a imagem física. Certos casos clássicos de histeria podem demonstrar isto de forma limitada mas dramática.

Não estou de forma alguma a negar que alterações físicas ocorram, pois é precisamente isso que torna tudo mais lamentável. Mas as causas básicas devem ser descobertas e, em alguns destes casos — em muitos, na verdade — estas causas residem em grande parte em funções de memória defeituosas ou inadequadas. Estou simplesmente a usar os sintomas menores do Ruburt como ponto de partida aqui. Eles estão agora a ser apagados, sendo os mais recentes os primeiros a desaparecer.

Isto implicaria memória de curto prazo, percebem, mas não é o caso, pois é a intensidade e não a duração que faz a diferença. No entanto, uma vez que os sintomas se tornam físicos, seguem padrões físicos e o sistema físico precisa normalmente de algum tempo para se curar (*sublinhado*). Em termos de intensidade apenas, tanto os sintomas do pé como da anca estavam altamente carregados, representando, evidentemente, graus de imobilidade e retraimento — aprendidos, percebem, com a mãe: uma reação de memória adotada sem pensamento consciente.

As recomendações automaticamente provocam reajustes e, como notarão, quase de imediato. No caso do pé, os músculos foram mal utilizados e levarão algum tempo a reparar-se completamente. A sugestão, contudo, acelerará o processo. Uma cura instantânea é possível, mas ele ainda não está nesse ponto.

No mais tardar, contudo, seguindo estas recomendações com fidelidade, todos os sintomas deverão desaparecer do pé ao fim de um período de duas semanas, completamente. O sintoma da anca desapareceu para sempre, se as recomendações forem seguidas. As dificuldades menos

incômodas no braço resultam da tensão muscular causada pelo problema no pé, mas estas deverão desaparecer por completo agora em dois ou três dias.

Agora, cada personalidade definiu condições para si própria, sob as quais pode operar da melhor forma. Quando estas são perturbadas, várias dificuldades manifestam-se, até que as condições voltem a ser cumpridas, ou até que um novo sistema de condições adequadas seja estabelecido. No caso do Ruburt, as condições mencionadas anteriormente, nas nossas últimas sessões, funcionam em seu maior benefício. Deve fazer-se todo o esforço para as manter, pois trarão as mais altas condições de maturidade possíveis para a sua estrutura de personalidade.

Uma vez aceites os sintomas, podem regressar, pois o padrão de memória nunca é completamente apagado, apenas contornado. Por várias razões ligadas a experiências de vidas passadas, a escrita tornou-se uma estrutura dentro da qual a personalidade melhor opera. O desenvolvimento psíquico foi-lhe associado. Enquanto seguir estas linhas com fidelidade e consistência, operará ao mais alto nível. Quando vacila, abre a porta a dificuldades.

Cada personalidade opera desta forma. Estas são simplesmente as suas necessidades psicológicas peculiares. Isto obviamente não significa que nunca precise de descansar. Significa que a sua identidade global não tolerará um período prolongado sem que a concentração esteja primordialmente focada dentro desta estrutura de trabalho.

Esqueci-me das vossas mãos. Podem, naturalmente, fazer a vossa pausa.

(Pausa às 21h34. A Jane estava bastante 'fora', disse. O ritmo tinha-se tornado rápido, olhos abertos com frequência. Disse que os conceitos se estavam a acumular à sua frente e que o Seth estava pronto para falar ainda mais depressa. Retomou às 21h42.)

Para benefício do Ruburt, não há de facto perigo de imobilidade como no caso da mãe dele.

A sua estrutura de personalidade é diferente e ele tem outras qualidades para contrariar as tendências obsessivas herdadas da mãe. O ponto de viragem foi atingido e ultrapassado, contudo, neste último episódio. Ele aprendeu com isto, e o que aprendeu ser-lhe-á muito útil. Por causa da lição, os seus picos de realização serão mais altos, e a sua condição física global mostrará de imediato uma melhoria.

Direi apenas que ele teve uma experiência de sonho de natureza profundamente terapêutica; como temos outras coisas em mente para a sessão, passaremos a elas.

Ten um envelope para mim?

(“Não.”)

Então veremos o que podemos fazer com os vossos amigos. Dêem-nos um momento, por favor.

(O Seth refere-se ao Bill e à Peggy Gallagher, de férias em Nassau esta semana.)

Motociclos pelas ruas, ou bicicletas. Mas muitos outros veículos para além de carros — em vez de carros, na verdade. 4758. Não sei a que isto se refere agora.

Um pão. Levarão eles um pão para o quarto? Algo que planeavam fazer hoje e não fizeram. Uma viagem específica, creio eu, planeada mas não realizada.

Recebem uma mensagem de certa forma hoje. O nome Verónica. Isto não está necessariamente ligado à mensagem. Alguma ligação vaga com Ovídio.

Uma propriedade privada que lhes chama a atenção, com uma vedação de ferro à volta, ou portão — e um portão. Um mercado estranho que não vende legumes. Uma mulher espanhola com um filho pequeno. Uma visita guiada para sul, talvez de barco e autocarro. Um lugar que soa a Granada (*minha interpretação*), que tem uma ligação com frutos secos. Exporta frutos secos, creio eu.

Um grupo de seis, e uma sala pequena que parece um elevador. Estão apertados. Um desentendimento sério entre os Gallagher. Talvez relacionado com uma compra.

Um compromisso às sete horas num sítio de decoração maioritariamente branca — toalhas de mesa brancas, fardas de empregado brancas. Um palco para uma banda. Uma rapariga com uma saia de franjas vermelhas longas dança. O local fica perto da estrada. Um letreiro iluminado no centro de uma palmeira em frente. De alguma forma a letra U é proeminente. Por exemplo, embora este não seja o nome: U-bango, com o U grande. (*Gesto.*)

Uma pega, G-R-I-P, ligada aqui. Lugares próximos parecem estar algo sobre estacas. De cor castanha. Parecem ter telhas. De aspeto improvisado, elevados atrás mas ao nível da rua à frente. Estes à direita do edifício

mencionado há pouco. E areia ou praia atrás deles. Várias destas estruturas improvisadas. Pelo menos não são nada novas.

Não parecem ter grande unidade, embora estejam todos bastante ligados.

(Pausa longa.)

Não compreendo. Aqui apanho uma ligação Osborne. Não sei a que se refere. Talvez a uma discussão sobre o assassinato do Kennedy. O Ruburt tem lido sobre isto de novo, contudo, por isso não temos a certeza disto.

Um onze, ou designação um um um. Uma cabana pequena junto à água, com algum vermelho, junto a rochas, onde o Jesuíta (*Bill Gallagher*) mergulha. Um letreiro com quatro letras, cinco no máximo. *(Pausa longa.)*

Algo acrescentado ao programa que não tinha sido planeado para o dia. Talvez envolvendo uma localização a nordeste, ou uma secção nordeste de outro local. Um quarto central com paredes claras, rés-do-chão, onde passam uma noite.

Podem fazer uma pausa, ou terminaremos a sessão como preferirem.

(“Vamos fazer uma pausa.”)

(Pausa às 22h07. A Jane estava de novo bem dissociada, olhos abertos com frequência. O ritmo não estava tão rápido, pois pedi-lhe para abrandar na última pausa.)

(Na última sessão a Jane teve muitas imagens para relatar enquanto dava os dados dos Gallagher. Esta noite lembrou-se de uma imagem principal. Era das estruturas castanhas sobre estacas, disse. Quando o Seth mencionou telhas, a Jane sentiu que estava tão longe desses edifícios que só conseguia “ver” uma superfície rugosa. Esta cena era também à noite.)

(Havia algum tipo de luz, disse a Jane, talvez do edifício ao lado. A cor castanha escura dos edifícios era difícil de ver para ela. A noite não era de breu total, mas também não era tão clara como sob uma lua cheia. A Jane conseguia ver as estacas na parte de trás das cabanas, como linhas escuras contra um fundo mais claro. Viu um aglomerado de edifícios juntos, muito juntos, e era difícil distinguir detalhes.)

(A Jane retomou a um ritmo mais calmo às 22h17.)

Uma página rasgada de um bloco ou caderno, com números escritos, ou para o Jesuíta ou na caligrafia dele.

Um número de página 397 ligado a ele. Um livro castanho. Uma invasão no local a sul mencionado anteriormente. Em 1471 e 1732. Ligação

com pequenos pepitas aqui. O Jesuíta pensa fortemente em como os computadores poderiam mudar as ilhas, e discute isto com entusiasmo, ou veemência, com outro homem, creio eu, que usa um casaco cinzento ou branco, e um chapéu desportivo.

Um calendário. Dar-lhe-á alguém um calendário? Alguma ligação com um item roubado. A palavra *severin* (*minha interpretação*). Não sei a que se refere. Uma corrente e um foguete.

Vamos agora encerrar a nossa sessão. As minhas mais sinceras saudações para vocês os dois.

(“Boa noite, Seth.”

(Termina às 22:25. A Jane não estava tão longe, desta vez, disse ela, como durante as duas sessões anteriores. Estava consciente de vários sons na casa enquanto falava.

(Ela não relatou mais imagens. Confirmou que o Seth disse “uma corrente” e “um foguete”. Eu tinha-me perguntado se ele queria dizer “uma corrente” e “um medalhão”).

SESSÃO 296

24 DE OUTUBRO DE 1966

(O objeto no envelope era uma conta que eu tinha recebido esta tarde por material de arte, e que a Jane nunca tinha visto. A Jane conhece a proprietária da loja de arte, a Marjorie Buck, que passou a conta. O objeto está impresso em tinta azul-escura em papel amarelo, com a escrita em azul carbono. O número grande em baixo está a vermelho; o verso da conta está em branco. Coloquei o objeto, dobrado uma vez, como indicado, entre os habituais dois cartões de Bristol, depois selei-o em envelopes duplos.

(A Jane começou a falar em transe com voz calma e muitas pausas breves. Os olhos começaram a abrir-se pouco depois.)

Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Vamos manter a nossa sessão relativamente breve para tua comodidade, Joseph.

Ora bem. Estamos a falar de probabilidades, meu amigo. Os teus próprios desejos, expectativas e atitudes deram origem a esta incumbência do teu conhecido, o Ward. Fizeste isto de forma totalmente inconsciente, e fizeste

o contato num sonho, com o teu amigo o Crowley, há algum tempo — aproximadamente há três meses, creio eu. Ele mencionou o teu nome quando surgiu uma oportunidade para ti. Foi até onde chegaste. Querias a oportunidade. Querias ver se conseguirias encontrar trabalho que não dependesse desta localidade. Estavas também curioso para saber se este tipo de arte comercial poderia compensar, e ao mesmo tempo ser mantido sob controlo.

Num determinado sonho, criaste as circunstâncias. O sonho estava carregado de energia psíquica, e produziu literalmente a realidade. Num sonho viste-te a aproximar-te de Nova Iorque. No entanto, não era o mesmo sonho.

(Para meu espanto, na sexta-feira passada, 21 de Outubro, recebi um telefonema de um velho amigo, o Bill Ward, com quem fiz banda desenhada por volta de 1940-42. Pediu-me para o ajudar, provavelmente de forma regular, com algum trabalho, e eu aceitei. O trabalho, envolvendo traço a tinta, chegou no domingo. O Wendell Crowley é um amigo de infância do Ward, e também um velho amigo meu; foi meu editor em Nova Iorque durante alguns anos após a Segunda Guerra Mundial. Trabalhei com ele no início dos anos 50. Ver também Sessão 290.

(Ver o meu caderno de sonhos. Tive um sonho em que voltava a trabalhar com banda desenhada em 13 de Setembro de 1966 — há cerca de cinco semanas. Esse sonho também envolvia um amigo no meu emprego atual, na Artistic Card Co., e essa parte do sonho também se concretizou.

(Em 15 de Outubro, há 10 dias, sonhei que eu e a Jane nos mudávamos para mais perto de Nova Iorque para eu poder vender as minhas pinturas — ou assim escrevi, em vez de banda desenhada, por exemplo. No sonho vi o horizonte de uma grande cidade à distância, para lá da pequena vila para onde nos mudávamos. O Bill Ward — não apareceu no sonho — vive em Ridgewood, NJ, uma vila de pendulares para Nova Iorque.)

Dá-nos um momento aqui.

Tudo o que querias era a oportunidade, mais uma vez vês, para decidires se podias usar a arte comercial para os teus próprios propósitos, e criaste a oportunidade para a experiência. Agora, simplesmente escreve isto. S. Ponto. C. Ponto. Estas são maiúsculas. Um escritório na Rua 42 em Nova Iorque. Um homem com cabelo grisalho curto, algo rechonchudo,

mas com um rosto de tipo juvenil. Pode acabar por ser um “Dutch uncle”, como vocês dizem, se continuares com este tipo de empreendimento.

Ora bem. A rapariga Crowley, por várias razões, sacrificou-se pelo pai. Em tempos foi a mãe dele, e fez isto com pleno conhecimento interior. Há algo que ele ainda deve fazer, que não está feito, e que avançará muito o seu próprio desenvolvimento.

(Fiquei muito surpreendido na sexta-feira quando o Bill Ward me contou que a filha de 10 anos do Wendell Crowley morreu de ataque cardíaco enquanto jogava softball. O Wendell ele próprio foi operado ao coração no ano passado, e agora sente-se bem.)

Leva agora em consideração as probabilidades. Mas não acredito que tenhas terminado com o Ward e os amigos dele. Há até algumas possibilidades de relações com uma segunda geração. Criaste esta oportunidade, e agora vais lidar com ela, à tua maneira, em termos físicos. Se não a tivesses pedido, nunca a terias recebido.

(A carta do Bill Ward que acompanhava o trabalho artístico mencionava o seu recente comparecimento num jantar de muitos do grupo de amigos com quem trabalhámos no início dos anos 40. Curiosamente, a última carta que recebi do Wendell Crowley, em Maio de 1966, também descrevia um evento semelhante.)

Podes fazer uma pausa muito breve, e eu continuarei. E o Ruburt, a propósito, pode relaxar. Ele está bem encaminhado agora. E sim, ele de facto deixou os sapatos velhos ganharem certo simbolismo, e devia ter mencionado isto.

(Pausa às 21:17. A Jane estava dissociada como de costume. O ritmo dela tinha acelerado bastante; os olhos abriam-se frequentemente. Retomou do mesmo modo às 21:23.)

Bem, dá-nos um momento, por favor. Vamos tratar dos teus amigos.

(O Bill e a Peggy Gallagher, que estiveram de férias em Nassau. Supostamente estão a caminho de casa para Elmira agora. Ver as duas últimas sessões.)

Algo roda e passa. 3 7 8. Isto pode ser tempo, em conexão com um avião. Um despedimento de algum tipo. Alguém despede-os abruptamente, talvez, ou despede o jesuíta (o Bill Gallagher) ou ele tem essa impressão. Ou o avião aterra a esta hora e as pessoas são então dispensadas. Uma mudança de planos. Não sei se se refere a planos de voo ou não.

Outro episódio relacionado com uma igreja. Creio que ainda fora do país, e antes desta hora da sessão. Rapazes pequenos ligados a esse episódio, e uma reviravolta completa. Algo demora um tempo desproporcionado. Eles agitam-se, irritam-se. Não sei se se irritam ou se comem guisado, percebes.

Um anfiteatro ao anoitecer ou início de noite, antes da viagem de regresso. Ou veem uma tourada, ou alguém se comporta de forma taurina; mas creio muito fortemente que é isto.

S A G. Letras grandes, maiúsculas. Parece ter algo a ver com o avião. 19 3 6 e 19 6 6 em conexão com o tipo de avião, creio eu. Ou o piloto está ligado a um homem que em 1936 concebeu ideias não usadas até à construção deste avião.

Visitaram outro local com ligações históricas importantes, cerca de 1437 ou 1473. Um farol lá. Três da tarde quando visitaram, creio eu. Um grande estandarte ou assim em vermelho, branco e azul. Outro em dourado e azul, e ou verde ou branco. Estes como bandeiras.

Uma vocalista ou pianista mulher. Pele escura mas cabelo louro. Um vestido branco com lantejoulas. Uma noite invulgarmente fresca e viva. Algo relacionado com formações em bloco agora. Nada de edifícios, talvez modelos de edifícios. Algo quatro por cinco. 1886 e 1742. Tens um envelope para mim?

(“Tenho.”

(Às 21:35 a Jane pegou no envelope para a 74ª experiência sem abrir os olhos. Segurou-o contra a testa na horizontal.)

Dá-nos um momento, por favor. São impressões. Um buraco ou túmulo ou algo profundo. Quatro mais um. Abril. 196 (*pausa*), conexão com 3 ou 5. Um erro ou engano. Um apelo óbvio. Cartão. Um quadrado pequeno. Conexão com uma casa antiga; com outra localização; com duas mulheres e um homem em particular. A cor azul, como fundo, creio eu.

Uma ligação com um determinado evento de cariz social. E talvez (*sublinhado*) tenha ligação com uma escola ou desporto. Um desenho bastante arejado, com cubos predominantes, e linhas finas. Isto faz lembrar ao Ruburt um ginásio infantil. Flores que desabrocham tarde. Um bilhete escrito, com apelo por uma resposta, ou pedido implícito.

As cores cinzento e/ou branco. Com uma textura mais áspera, em vez de perfeitamente lisa. Um artigo que se abre. Escrita no interior e exterior. Ou pelo menos o interior e o exterior estão cobertos. Uma ligação distante

com uma criança. Seis. Talvez 6 de Abril. Também uma circunstância em Novembro. Uma borda. Negros que falam alto. Verticais vivas. Uma ligação com, será — abluções ou lavagens, e com uma coisa do género festival.

A entrada de um estranho. Um pacote retangular, coberto com papel de seda branco, e dividido em quatro por uma fita azul fina. Tens alguma pergunta?

(“De que cor é o objeto em si?”)

(Pausa.)

Não tenho a certeza. Direi que é do género de um cinzento ou prateado metálico, principalmente. Surge algum laranja ou vermelho.

(“Quem são as duas mulheres que mencionaste? Iniciais?”)

Estamos a ter dificuldades com o Ruburt aqui, porque ele pensa na Vivian e na tua mãe. A impressão de um objeto redondo laranja, ou representação.

(“Podes dar-me mais sobre esse desenho com os cubos?”)

Aéreo e aberto. Ligação com o exterior, ou verde. A imagem também, difícil de descrever, de linhas finas, descendo, vês, assim, quase num movimento em forma de flor.

(A Jane gesticulou com os dedos da mão direita abertos e apontados para baixo; fez movimentos verticais com a mão. Continuava a segurar o envelope na testa com a outra mão, como de costume na posição horizontal, ou quase.)

(“O que é essa nota escrita?”)

Talvez tenha a ver com Novembro, e azul. Uma iniciação ou algo assim, pela primeira vez.

(“Quem é essa criança a que te referiste?”)

A impressão vaga de que é um rapaz e não uma rapariga, e uma inicial R ou B. Ou então é uma imagem de alguém, masculino, em criança, que nasceu em 1936, ou que agora tem 36 anos. Uma revisão, percebes. *(A Jane baixou o envelope para o colo.)*

(“Que forma tem o objeto?”)

Estou confuso entre uma imagem metálica, ou a sensação de metal. As formas de cubo, e a impressão de uma forma retangular também. A imagem ou sensação de metal parece predominar com os cubos. Estes, claro, podem estar sobre um objeto retangular. A letra M em maiúscula aqui.

(“Um M maiúsculo?”)

E talvez dois S, e um 1961. Sugiro uma pausa.

(Pausa às 21:54. A Jane estava dissociada como de costume. Os olhos permaneceram fechados durante a experiência com o envelope, e abriram-se pouco durante o material sobre os Gallagher. Ela disse que não sabia se tinha tido imagens mentais; enquanto revíamos o material, lembrou-se de algumas.

(Ver a cópia do objeto do envelope na página 115 e as notas na página seguinte. Como indicado, o objeto era uma conta por material de arte da loja The Art Shop. A Jane nunca tinha visto o objeto; eu obtive-o hoje, 24 de Outubro, da proprietária Marjorie Buck, quando comprei lápis e esfuminhos para fazer o trabalho que o meu velho amigo, o Bill Ward, me enviou pelo correio no fim de semana. O trabalho chegou ontem. Ver as notas na página 116 para uma explicação, já que estes factos entram nos dados do envelope, acreditamos nós.

(O objeto está impresso em papel amarelo vivo com tinta azul-escura, com o número de série grande em baixo a vermelho. O verso está em branco. A conta foi dobrada uma vez para ser inserida nos envelopes duplos. A conta não está datada pela Marjorie; quando a obtive não tinha intenção de a usar como objeto. Queria, no entanto, algo que a Jane nunca tivesse visto.

(Estes dados não foram tão totalmente precisos como gostaríamos, mas fizemos as ligações que conseguimos. O Seth não reviu depois da pausa, mencionando distorções e ruído telepático em vez disso. Mas sentimos que foram feitos mais do que suficientes pontos para estabelecer que o Seth/A Jane captaram o rasto certo. Ver novamente a 286ª sessão para uma explicação de como o Seth recebe dados dos envelopes.

(“Um buraco ou túmulo ou algo profundo.” A Marjorie Buck é a proprietária da The Art Shop, onde obtive a conta usada como objeto. A Jane conhece-a razoavelmente bem. O marido da Marjorie morreu — não sabemos quando — e a Marjorie comprou a The Art Shop no início deste ano. A Jane já usou várias vezes a nomenclatura buraco/túmulo para se referir a mortes; é uma associação regular dela.

(“Quatro mais um. Abril. 196, ligação com 3 ou 5.” Não vimos ligações óbvias para estes dados, e não sabemos se algum ou todos são válidos.

(“Um erro ou engano.” A Jane disse que isto vem da última vez que viu pessoalmente a Marjorie; isto foi talvez há cinco semanas, quando a Jane andava à procura de trabalho; esta atividade da Jane surge também mais tarde nos dados. A Jane parou na The Art Shop para me comprar uma lata de gesso. A Marjorie disse à Jane para se servir porque não estava muito familiarizada com a localização de todo o stock.

(A Jane foi ao local habitual no armazém onde o gesso era guardado, e encontrou apenas latas de um quarto. Pegou numa, depois encontrou latas de meio litro noutra prateleira e levou uma dessas em vez disso. Não há erros no objeto em si, por exemplo.

(“Um apelo óbvio. Cartão.” Creio que estas duas se ligam, e também refletem as condições descritas acima, relacionadas com os dados do erro. Esta tarde, 24 de Outubro, a Marjorie pediu-me para localizar os lápis e esfuminhos que eu queria no armazém da The Art Shop. Assim fiz. Os dois artigos estavam ambos guardados em caixas de cartão, pequenas, e em locais separados.

(“Um quadrado pequeno.” Não sabemos. Há várias ligações que poderíamos fazer.

(“Ligação com uma casa antiga; com outra localização; com duas mulheres e um homem em particular.” A Jane diz que a Marjorie Buck vive numa casa antiga, no número 655 da Logan Street. Eu pessoalmente não a conheço. A casa, claro, está obviamente noutro local que não o nosso apartamento, a The Art Shop, etc. Nota posterior de RFB: Além disso, a The Art Shop muda-se no próximo ano para uma casa antiga.

(Acreditamos que estes dados são um exemplo das distorções a que o Seth se refere. Na minha segunda pergunta, faz-se uma tentativa de obter dados mais específicos. Possivelmente os dados acima referem-se à Marjorie como proprietária da The Art Shop, e às suas duas ajudantes, a minha prima em primeiro grau Ruth Gridley, e o fabricante de molduras Roy Fox. Todas estas pessoas são amigas nossas, denotando envolvimento emocional. Mas em resposta à segunda pergunta, o Seth menciona a dificuldade da Jane, e o pensamento na minha mãe, na sua prima Vivian, e no marido da Vivian, o Bill. A Vivian e o Bill, da Virgínia, visitaram os meus pais no fim de semana passado, e eu e a Jane passámos muito tempo com eles.

(“A cor azul, como fundo, creio eu.” Sem ligações. Como indicado, eu não tinha ideia de usar a conta como objeto quando a obtive da Marjorie.

Penso que a Marjorie usava hoje um vestido estampado com fundo azul, mas claro que não posso ter a certeza.

(“Ligação com um determinado evento de cariz social. E talvez tivesse ligação com uma escola ou desporto.” Estes são bons dados, e estão relacionados com o objeto através da Marjorie Buck. Como indicado na página 120, depois dos dados do “erro”, a última vez que a Jane viu a Marjorie foi quando procurava trabalho. Antes de passar na The Art Shop para comprar o gesso para mim, a Jane tinha-se candidatado a um emprego na YWCA local. O trabalho envolvia ensinar crianças em vários jogos, pela ligação com escola ou desporto.

(A Jane também achou muita graça quando a direção da YWCA lhe perguntou se queria oferecer os seus serviços como voluntária, quando souberam das minhas ligações familiares aqui em Elmira; pelas ligações sociais.

(“Um desenho bastante arejado, com cubos predominantes, e linhas finas. Isto faz lembrar ao Ruburt um ginásio infantil.” Ver a cópia da conta usada como objeto na página 115. Isto também são bons dados. Poder-se-ia dizer que a conta tem um desenho arejado; a Jane também disse que, para ela, contém cubos e retângulos. Os dados das linhas finas são exatos, já que no original as linhas são muito finas e direitas.

(A referência ao ginásio infantil é outro exemplo de uma das associações preferidas da Jane, já que ela tinha muito apego aos ginásios de recreio na infância. A ideia abstrata de um ginásio infantil é bastante visível no objeto.

(“Flores que desabrocham tarde.” Sem ligações.

(“Uma nota escrita, com apelo por uma resposta, ou pedido implícito.” Creio que isto é uma referência à carta que o Bill Ward me enviou com o trabalho artístico que recebi no domingo, 23 de Outubro. Ver novamente as notas na página 116. Ter em conta também que a conta usada como objeto representa os lápis e esfuminhos que comprei para terminar o trabalho que o Bill me enviou.

(A carta do Bill delineava os passos necessários para concluir o trabalho, que consiste em cinco páginas de uma história tipo banda desenhada, em imagens e texto, para uma revista masculina. O meu trabalho é fazer os fundos e adicionar tons de cinzento, preto e branco com os lápis. O Bill refere eventuais problemas na carta, como contactá-lo, etc., e dá a entender que eu lhe responda. Já o fiz.

(“As cores cinzento e/ou branco.” Outra referência ao trabalho que o Bill Ward me enviou. A arte deve ser feita em tons de preto a branco, sem outras cores, e será impressa assim.

(“Com uma textura mais áspera, em vez de perfeitamente lisa.” Isto também são bons dados, e referem-se às características da superfície do cartão de ilustração em que o trabalho é executado. O cartão tem uma textura rugosa agradável, típica desse material, e está longe de ser liso.

(Nota que aqui o Seth dá três blocos de dados relacionados com uma faceta dos acontecimentos ligados à conta usada como objeto. Isto envolveu o Bill Ward e o seu produto. Antes disso, a Marjorie Buck estava envolvida, com o objeto em si e a sua origem.

(“Um artigo que se abre.” Acredito que há duas hipóteses de interpretação aqui. Prefiro a primeira: que os dados se referem ao grande pacote plano no qual o Bill Ward me enviou o trabalho para terminar.

“Escrita no interior e exterior.” O pacote continha, claro, escrita tanto no interior como no exterior. “Ou pelo menos o interior e o exterior estão cobertos.” Isto pode referir-se ao pacote de forma algo distorcida. Ou pode referir-se com precisão ao próprio objeto envelope, que seria a segunda possibilidade para este bloco de dados.

(Como indicado na página 115, a conta foi dobrada uma vez antes de ser inserida nos envelopes duplos. Isto faz dela um artigo que se abre mas com escrita apenas no interior; daí que também haja alguma distorção nesta interpretação.

(“Uma ligação distante com uma criança.” Sem ligações. Nota extra da Jane: o Bill Ward, ao pedir ao Rob para fazer o trabalho por telefone, contou-lhe da morte do filho do Wendell, um rapaz da escola. [A Jane escreveu “rapaz” mas foi uma rapariga que morreu.]

(“Seis. Agora talvez 6 de Abril.” Não sabemos. A Marjorie Buck assumiu a propriedade e gestão da The Art Shop no início deste ano. Terá sido em Abril? Recebemos um aviso formal da mudança de gerência em Junho de 1966, e isto foi usado como objeto do envelope na 268ª sessão. Ver o Volume 6 de The Early Sessions.

(“Também uma circunstância em Novembro.” Sem ligação.

(“Uma borda.” O objeto envelope tem uma borda definida. Ver o esboço na página 115.

(“Pretos que falam alto.” Ver novamente a página 115. O tipo de letra em destaque de The Art Shop na conta é bem visível; quando a Jane

abriu os envelopes duplos e viu isto, disse que era impressão preta. Na realidade, é em tinta azul-escura sobre papel amarelo, parecendo quase preto.

(“Verticais vivas.” A conta usada como objeto tem verticais e horizontais.

(“Alguma ligação com, será — abluções ou lavagens, e com algo do género festival.” Acreditamos que isto são bons dados, e que se refere novamente ao trabalho artístico que o Bill Ward me enviou no fim de semana. Ver novamente as notas sobre isto na página 116. A Jane, claro, viu esta arte quando a abri hoje, e quando comecei a trabalhar nos fundos hoje.

(Ter em conta que a ligação entre a arte e o objeto envelope desta noite, a conta da The Art Shop, seria os lápis e esfuminhos que comprei na The Art Shop para fazer o trabalho.

(As ligações com lavagens e a arte surgem porque, nas duas primeiras páginas da história em banda desenhada enviada pelo Bill Ward, a heroína aparece a tomar duche, a usar uma toalha, etc. Isto é uma parte destacada das duas primeiras páginas, não apenas um painel. O ato da heroína tomar banho é importante para a história por causa dos passos que o inimigo dá para a destruir enquanto ela está ocupada.

(O elemento festival também é bom, e refere-se, penso eu, à carta do Bill Ward que acompanhou a arte. Na carta, o Bill fala de um jantar a que assistiu, juntamente com o Wendell Crowley e vários outros velhos amigos meus; o jantar aconteceu há apenas alguns dias; nesse jantar o Wendell mencionou ao Bill a minha disponibilidade para trabalhos como freelancer, o que levou o Bill a pedir-me ajuda.

(Acredito também que os três dados imediatamente anteriores — uma borda; pretos que falam alto; e verticais vivas — podem aplicar-se tanto à arte como ao próprio objeto envelope. As ligações seriam legítimas de qualquer forma.

(“A entrada de um estranho.” Isto são bons dados, e bastante literais no que toca à arte. Enquanto a nossa heroína é mostrada a tomar duche nas duas primeiras páginas da história em banda desenhada, o vilão é mostrado a esgueirar-se fora da janela do apartamento dela, pela escada de incêndio, depois estendendo a mão por uma janela aberta para mexer nos pertences pessoais da heroína. Ele aparece assim em vários painéis das duas primeiras páginas.

(“Um pacote retangular, coberto com papel de seda branco, e dividido em quatro por uma fita azul fina.” A Jane teve uma imagem aqui. Viu mentalmente as quatro divisões, e teve a sensação de azul — de um pacote branco com linhas ou fitas azuis a dividi-lo.

(Provavelmente há distorção aqui. Nota que a conta usada como objeto tem linhas azuis sobre ela. A arte do Bill Ward chegou num grande pacote retangular, mas não tinha papel de seda e não trazia fitas ou cordéis; estava selado com fita-cola. Nem tinha azul nenhum. A Jane acha que pode ter recebido dados suficientemente exatos do Seth sobre um pacote, e talvez tenha construído as fitas sozinha porque isso é simbólico de pacotes. Usou fitas azuis talvez por distorção do azul que pertence ao objeto envelope.

(1ª Pergunta: Qual é a cor do objeto em si? “Não tenho a certeza. Direi algo como cinzento ou prateado metálico, principalmente.” Ver os dados do cinzento e branco na página 122. Parece que isto é outra referência ao trabalho artístico que o Bill Ward me enviou, já que contém cinzentos feitos a lápis bem como tinta preta; os cinzentos podem facilmente parecer metálicos quando uma certa densidade é atingida, pois o grafite dos lápis adquire um brilho baço, semelhante a alumínio.) (Consideramos isto bons dados, dado que o trabalho artístico está fortemente ligado à conta usada como objeto. Mas claro que falha ao nomear a conta em si.

(“Talvez algum laranja ou vermelho.” À luz dos dados obtidos na resposta à segunda pergunta, é bastante possível que a referência ao vermelho aqui diga respeito à minha mãe. O vermelho é muito claramente a cor favorita dela, facto do qual a Jane está bem ciente. O Seth também comentou isto várias vezes.

(2ª Pergunta: Quem são as duas mulheres que mencionaste? Iniciais? “Estamos a ter dificuldades com o Ruburt aqui, porque ele pensa na Vivian e na tua mãe.” Ver a interpretação dos dados das “duas mulheres e um homem” no final da página 120. Tentei esclarecer esses dados aqui. O meu pensamento era que as duas mulheres e o homem a que o Seth se referiu eram a Marjorie Buck, a Ruth Gridley e o Roy Fox, todos diretamente ligados à The Art Shop, que forneceu a conta usada como objeto envelope.

(A Jane tinha claramente em mente a minha mãe, e a Vivian e o Bill Crowder, parentes da Virgínia que vimos este fim de semana. O Seth aparentemente queria afastar a Jane da ligação familiar; mas ainda assim

não deu mais informação específica.)

(*“A impressão de um objeto redondo laranja, ou representação.” Não oferecemos ligações. Talvez outra referência distorcida ao amor da minha mãe pelo vermelho?*

(3ª Pergunta: *Podes dar-me mais sobre esse desenho com os cubos? “Aéreo e aberto. Ligação com o exterior, ou verde. A imagem também, difícil de descrever, de linhas finas, descendo, vês, assim, quase num movimento em forma de flor.” O gesto da Jane, indicando linhas verticais.*

(*Ver os dados do Jungle Gym, interpretados na página 121. Aqui procurei obter mais informação. Como indicado, e visto na página 115, a conta usada como objeto contém linhas verticais bem como horizontais, e estas são bastante finas no objeto real. A referência ao exterior acima vem da menção original da Jane a um Jungle Gym na página 121, o que levaria aos dados do verde.*

(*Há outra possível ligação com verde, óbvia para qualquer pessoa familiarizada com impressão ou arte comercial, embora eu não pense que se aplique aqui. Mas o papel de que o objeto é feito é de um amarelo vivo, e o amarelo é impresso com tinta azul. Azul e amarelo normalmente dariam verde. Mas neste caso a tinta azul é tão densa e forte que imprime como azul no objeto. Não se vê qualquer vestígio de verde. A Jane não tem consciência destes pontos técnicos.)*

(*O Seth referiu flores mais abaixo na página 118.)*

(4ª Pergunta: *O que é essa nota escrita? “Talvez tenha a ver com Novembro, e azul.” Ver os dados da nota a meio da página 119; dizia-se que se referia à carta do Bill Ward. O acima também pode referir-se à carta. A arte discutida na carta tem entrega prevista para Novembro de 1966, e a carta em si está escrita à mão pelo Bill em dois tons de tinta azul. Acredito que estes dados também se ligam ao seguinte:*

(*“Uma iniciação ou algo pela primeira vez.” O trabalho enviado pelo Bill é uma iniciação, pois é o primeiro do género que recebo dele — com a promessa de mais para vir, a propósito. Isto também torna a execução da arte algo “pela primeira vez”, já que nunca fiz este tipo em particular antes. Há muitos anos, talvez mais de 15, fiz outros tipos de banda desenhada; essa era “banda desenhada séria”.*

(5ª Pergunta: *Quem é essa criança a que te referiste? “A impressão vaga de que é um rapaz e não uma rapariga, e uma inicial R ou B. Ou então é uma imagem de alguém, masculino, em criança, que nasceu em*

1936, ou que agora tem 36 anos. Uma revisão, percebes.” Ainda não conseguimos oferecer ligações aqui. Mas ver a página 117, sobre a morte da filha do Wendell Crowley aos 10 anos. Ano desconhecido.

(6ª Pergunta: Que forma tem o objeto? “Estou confuso entre uma...” Já foram dadas informações para os cubos, os Jungle Gyms, os dados metálicos e o pacote retangular, e a Jane ainda não consegue organizar tudo aqui.

(Tudo parece estar ligado ao objeto envelope de alguma forma. A conta da The Art Shop usada como objeto é de forma retangular, mas a Jane mencionou um pacote retangular anteriormente, por isso não temos a certeza de que interpretação atribuir aqui.

(“A letra M em maiúscula aqui.” Dados possivelmente bons, e uma ligação forte com a conta usada como objeto. A conta foi passada pela Marjorie Buck, proprietária da The Art Shop. Muitas vezes não temos a certeza do que, ou quanta, importância dar a estas iniciais. Há outros M, maiúsculos e minúsculos, na conta. Ver página 115. Na realidade, o nome da Marjorie não aparece na conta.

(7ª Pergunta: Um M maiúsculo? “E talvez dois S, e um 1961.” Ao repetir os dados do Seth, eu esperava que ele desse mais informações sobre o M. Não vemos ligações claras com dois S ou 1961. Dois dos M maiúsculos no próprio objeto estão nas palavras Must, numa linha em baixo sobre reclamações, e em Moore Business Forms, Inc.

(A Jane retomou às 22:48, sentada do outro lado da mesa, à minha frente.)

Não há necessidade de rever todos os dados. Houve várias distorções e alguma estática telepática, por assim dizer. Por isso vamos encerrar a sessão. As minhas mais sinceras saudações para vocês os dois.

(“Boa noite, Seth.”

(Termina às 22:51. A Jane estava dissociada como de costume.)

A AVALIAÇÃO QUE FIZ DOS TESTES GALLAGHER EM NASSAU

(Foram dadas pelo menos 40 impressões corretas, na realidade mais, já que algumas consistiam em vários pontos. Destas, 22 [algumas mais, tendo em conta o exposto acima] parecem-me excelentes. Num ponto, na página dois dos resultados, nove impressões seguidas foram corretas e

altamente específicas, e somaram-se a um quadro completo do local onde os Gallagher ficaram. Alguns pontos podem ter sido legítimos, mas eram impossíveis de verificar; os Gallagher simplesmente não sabiam.)

(Durante as sessões com o Seth em causa, senti como se estivesse realmente em alguns locais, mas isto nada significou para os Gallagher. Tinha cenas inteiras diante dos olhos e alguma liberdade de movimento dentro delas. Ou foi feita uma projeção parcial para lugares que não foram visitados pelos Gallagher nas ilhas, ou foram distorções, altamente dramatizadas.)

(É difícil conseguir bons percecionistas em qualquer caso, pessoas que notem muitas coisas e delas se lembrem com clareza. Houve alguma ligeira divergência entre as notas escritas dos Gallagher e observações feitas durante a conversa sobre as impressões do Seth, que eu aponte no momento. Pelo menos duas destas fizeram a diferença entre acertos e falhas, e estão assinaladas nos resultados do teste.)

RESULTADOS DOS TESTES GALLAGHER OUTUBRO DE 1966

(Peg e Bill Gallagher partiram para Nassau na segunda-feira, 17 de outubro, e regressaram na terça-feira, 25 de outubro. As impressões do Seth foram dadas nas sessões 294, 295, 296 e 297 em 17 de outubro, 19 de outubro, 24 de outubro, 26 de outubro.)

(Na sexta-feira, 28 de outubro, eu [Jane] vi a Peg pela primeira vez desde o seu regresso e passei em revista as notas do Seth. Nessa noite, o Rob e eu confrontámos o material com a Peg e o Bill e tomei notas das respostas deles. Dactilografei as impressões do Seth e entreguei-as aos Gallagher e, em conjunto, eles escreveram os seus comentários. Estes foram-nos devolvidos a 4 de novembro, e esta cópia é retirada dos comentários conjuntos dos Gallagher. Houve algumas pequenas diferenças em alguns resultados entre os comentários dos Gallagher de 28 de outubro e a cópia escrita que nos devolveram, e isto é assinalado por mim quando ocorre. Ambas as cópias estão nos nossos arquivos.)

(Uma nota de RFB: A pontuação da Jane nas suas cópias dos materiais do Seth sobre os Gallagher varia por vezes em relação aos originais — mas apenas em pequenos aspetos, e não de todo no conteúdo.)

RESULTADOS DO TESTE DOS GALLAGHER
SESSÃO 294 17 DE OUTUBRO DE 1966

Uma espécie de charada. Poderia ser um número de clube noturno?
Não sei.

("Por volta desta hora, na segunda-feira à noite, estávamos num clube noturno, embora eu não saiba se isto poderia ser chamado de charada, era sobretudo canto e dança do limbo.")

Uma mesa ao lado deles. Um homem de fato escuro levanta-se. Algo de estranho no fato, como se fosse o único de cor escura por perto, pelo menos.

("Vários homens ao pé de nós com fatos escuros.")

Uma ligação com M-I-C-H, ou Michigan. Terão conhecido alguém de Michigan? Um casal?

("Não nesta data, mas a 23 de outubro conhecemos um homem originalmente de Detroit, Michigan. Não um casal. Era um comerciante de esponjas e causou-nos impressão.")

Cinco pessoas... Um 4 7 5, ou 1475. Uma conta de algum tipo, ligada a um item... Algo vermelho ligado a snorkeling... Uma vantagem dupla, o nome Gert, creio, ligação com pequenas bolas, não de borracha.

("Não a todos estes.")

Um topo de colina com uma cruz no cimo.

("De facto parámos numa igreja numa colina com uma cruz no topo da igreja.")

Um edifício, ou uma parte de um edifício onde eles ficam, agora, onde há uma secção longa e estreita, um telhado suportado, um telhado plano, creio, longo e estreito, suportado por pilares—

("Varanda, longa e estreita, telhado plano, suportado por pilares, onde estamos alojados.")

Com um chão que não é de madeira, talvez de cimento, mas de pedra, definitivamente um chão de pedra cor de areia.

("Pavimento de betão [cimento].")

Isto pode ser uma varanda.

("Sim, havia uma varanda.")

Fora da porta deles, creio, um balde grande de algum tipo, cheio de areia para cigarros, de tamanho bastante considerável.

("No exterior havia enormes vasos de flores que se assemelhavam a isto, mas não cheios de areia para cigarros. [Presumivelmente, estavam cheios

de areia ou terra para as plantas.]) Com esta varanda a projetar-se, com algumas rochas por baixo.

("Havia rochas perto da varanda.")

E para além disso, o oceano ou a baía.

("O oceano ou a baía ficava mesmo do outro lado da estrada.")

Mesmo à beira, talvez abaixo e à frente, uma reentrância circular escavada, onde há corrente rápida por causa das rochas—

("Havia uma reentrância assim, não sabemos quanto à corrente.")

—E, neste ponto em particular, junto a esta reentrância, sem praia—

("Certo. Sem praia aqui perto destas rochas [e reentrância].")

—Embora haja praia à esquerda e à direita, bastante largas.

("Sim [praia à esquerda e à direita].")

Uma torção ou algo torcido.

("Não sabemos.")

As 7 horas e jantar onde há barcos por perto. Alguns destes são veleiros.

("Nunca fomos jantar às 19h.")

Uma empregada com alguma marca visível no braço. Uma marca escura ou nódoa negra talvez, ou pode ser uma mancha de sardas escuras, mas muito notória; ou uma cicatriz.

("O Bill acha que se lembra de ver uma empregada com uma cicatriz no braço.")

8:15, de novo junto à água, mas desta vez num ambiente mais do tipo espanhol. Um cabaré verde. Um incómodo aí. Uma estrutura inacabada com muitas janelas. 18 arbustos, não sei a que isto se refere.

("Visitámos um clube noturno, chamado Drumbeat, que era verde.

Definitivamente um incómodo lá, um inglês de língua solta que aborrecia toda a gente assobiando e cantando com a banda; não muitas janelas, mas alguns arbustos.")

E alguns pequenos elementos naturais que parecem carvão, talvez depósitos de algum tipo.

(?)

O nome de um estabelecimento tem a ver com gémeo, ou dois.

("Pode ser um restaurante-clube que visitámos, nome estranho, Charley Charley La Fin's.")

Um (nome) tem a ver com um aglomerado de coisas, e um grupo ou um grupo como um ninho, por exemplo.

(?)

Um (nome de estabelecimento) tem a ver com verde.

("Falámos várias vezes em ir jantar ao Warry's Green Shutters Inn, mas desistimos porque eram especializados em comida italiana, e o Bill não gosta.")

Um J R ou J B, não tendo a ver com o Ruburt.

("Não.")

Um local missionário, 1671, relacionado com pergaminhos, com uma masmorra ou uma área algo semelhante a masmorra ligada. Numa secção norte, embora não estritamente a norte, e talvez 125 por uma visita.

("Passámos pelo Forte Charlotte, na secção norte. Há lá uma masmorra, mas não sabemos se tinha algo a ver com missionários e não fizemos qualquer visita guiada.")

Isto não é o nome, mas é uma ligação, não é o nome, Abbe La Blanc *(interpretação do Rob da minha pronúncia)*.

("Não.")

Objetos globulares vermelhos lá e outra língua.

("Não.")

Uma ligação aqui que não entendo, relativa a frio, gélido ou gelado. Com correntes de ar. E com muitas mortes no passado.

("Talvez o Forte Charlotte, onde morreram prisioneiros.")

Um conjunto específico de mulher adulta numa loja com um toldo laranja ou na montra, com uma etiqueta de preço elevada. Um conjunto de três peças... Capto aqui um um dois cinco novamente e creio que a nossa amiga, a amante de gatos, entra na loja e que o conjunto está na montra...

La Rue... Não sei, uma rua ou será que ela *rue* ter entrado na loja? A rua tendo a ver com flores, essa rua, flores no nome talvez. E com um problema de trânsito no coração da cidade. Com uma ligação ao cristal.

("Não a tudo isto.")

1781 e uma prisão... 1842 e um museu. 1589 e uma evacuação. Não sei se a evacuação é um buraco ou uma evacuação em massa de pessoas: um buraco em termos de uma estrutura ou as ruínas de uma estrutura.

(?)

(Em notas tiradas da conversa de 28 de outubro, o Bill disse que 1781 foi quando os americanos navegaram para Nassau e foram capturados na Guerra da Independência.)

1461 e uma fonte com degraus que levam até ela. Uma formação circular rodeada por flores, creio, com estruturas antigas, pelo menos de dois

andares, muito juntas à esquerda da rua, ou perto da rua e quase idênticas em fiadas.

(A Peg e o Bill assinalam que, se substituírem torre de água por fonte, então tudo o resto está correto, exceto que a data nada lhes diz. Por causa da ligação com água entre torre de água e fonte, isto pode ser perfeitamente legítimo. 1461 nada significa, mas nós [Gallaghers] visitámos uma torre de água, circular, rodeada por flores; tivemos de subir o que se chama a escadaria da Rainha [degraus] para lá chegar. Estes foram talhados por escravos. Havia casas de dois andares à esquerda, em fiadas.)

Uma comemoração de um esfaqueamento.

(Ao sair de Nassau a 31 de outubro, passámos por um memorial, embora não uma estátua, dedicado a Sir Harry Oakes, que foi assassinado. Isto causou-nos uma impressão muito grande, porque a Peg sempre se interessou pelo homicídio, e a Peg e o Bill fizeram perguntas sobre ele a várias pessoas. [A discussão do homicídio e dos marcos foi uma das partes importantes da viagem.]

Uma estátua, não sei aqui. Está ligada a um general, mas creio que o homem cuja imagem está representada na estátua esfaqueou o general.

("Nenhum general. O Sir Harry Oakes foi espancado até à morte, penso eu, embora possa também ter sido esfaqueado, não sei.")

Parece-me ser a comemoração de um assassinato.

("Comemora o Oakes, que foi assassinado.")

Ou 1861 ou 16, não tenho a certeza.

("Não.")

Metal ligado à estátua...

("Não.")

E um candeeiro de rua moderno muito perto

(?)

Ligado a isto, muito obscuro aqui, de, creio, sete — Savrantinos (*pronúncia hesitante*) eu disse *concordi* — *Concordiat de Savrantino*.

(?)

Data. Ainda estamos a tentar datas, percebe. 16 oito três. Dois, 1724, 1721, *San Josius... San... San..*

(?)

Um memorial que comemora o início de uma revolução ou de uma guerra.

O *San Joseo* não está exatamente correto. *San Juan?*

(?)

Uma batalha travada originalmente junto ao mar. É o termo, galeões... navios?

("Numerosas batalhas junto ao mar.")

Uma rainha que morre numa sexta-feira noutra terra tem algo a ver com a batalha.

(?)

(em discussão anterior anotada, o Bill mencionou que havia uma estátua da Rainha Vitória.)

O herói, representado numa estátua, tinha sido sapateiro e veio de um lugar que soa como Guatemala, embora isso não seja preciso. O nome é assim: *San Guatama? San Guatama?* E tinha dois irmãos, um irmão que trabalhava contra ele na política.

(?)

(Em discussão anterior, o Bill disse que havia uma estátua de Colombo e havia na sua mente uma ligação entre ele e sapateiros.)

Agora. Esta estátua, com as casas em fila à esquerda e o candeeiro de rua: Seguindo a curva para a esquerda chega-se a uma zona melhor seccionada, sobe-se uma colina numa rua larga agora, depois a rua volta a curvar à esquerda, e por baixo há rochas, isto é, uma saliência rochosa a descer até ao mar, creio. À direita, pouco antes desta última curva à esquerda e da colina, há um edifício bastante baixo onde creio que os nossos amigos comem, ou pelo menos visitam.

(?)

Este local é bastante moderno e, dir-se-ia, bastante americano em contraste com outros locais que eles visitam, mas só por contraste.

(?)

Mais adiante, no topo da colina, na curva à esquerda, há outro edifício branco na curva, que é um edifício novo. Agora creio que os nossos amigos ficam mais acima nesta mesma estrada para pernoitar.

("Não.")

Um santo aqui, e um desfiladeiro. Ou talvez seja São Jorge.

("Um Prince George Hotel fica mesmo perto do docho.")

RESULTADOS DO TESTE DOS GALLAGHER
SESSÃO 295 19 DE OUTUBRO DE 1966

Motociclos pelas ruas, ou bicicletas. Mas muitos outros veículos além de carros: em vez de carros, isto é.

("Muitos motociclos, bicicletas e 'surreys'. Alugámos scooter ou bicicleta.")

Um pão. Levam um pão para o quarto?

("Sim. Comprámos um pão para a viagem mencionada a seguir. Viagem de motociclo.")

4578. Não sei a que isto se refere agora.

(?)

Algo que tencionavam fazer hoje e não fizeram. Uma deslocação em particular, creio, planeada mas não realizada.

("Sim. Planeámos alugar scooter na sexta-feira mas só o fizemos no sábado.")

Recebem hoje uma mensagem de algum tipo.

O nome Verónica. Isto não está necessariamente ligado à mensagem.

Alguma ligação ténue com Ovídio.

("Não.")

Uma propriedade privada que lhes chama a atenção, com uma vedação de ferro à volta ou um portão, com um portão.

("Muitas propriedades privadas, com portões.")

Um mercado estranho que não vende legumes.

("Sim. Visitámos um mercado de palha, mulheres nativas a tecer cestos e sacos e a vendê-los")

Uma mulher espanhola com um filho pequeno.

("Sim. O Bill acha que se lembra de notar uma mulher que pensou ser cubana, com um bebé.")

Uma excursão feita para sul, talvez de barco e de autocarro.

("Fomos a uma ilha próxima [excursão] de barco e num veículo referido como autocarro, mas é para norte.")

Um lugar que soa a Grenada e que tem ligação com frutos secos, exporta frutos secos, creio.

("Falámos das Caraíbas com uma inglesa e perguntámos-lhe qual a sua ilha preferida. Disse, sem hesitar, Grenada." Nota do Rob: Grenada fica bem a sul de Nassau.)

Um grupo de 6, e uma pequena sala que parece um elevador. Estão

apertados.

("Não.")

Um desacordo sério entre os Gallagher, talvez relativo a uma compra.

("Não.")

*(Mas o Bill ouviu uma discussão séria))**

Um compromisso às sete horas num local com decoração principalmente branca, toalhas de mesa brancas, uniformes brancos de empregado. Um palco para uma banda. Uma rapariga a usar uma saia com longas franjas vermelhas.

("Não.")

Este lugar fica perto da estrada. Um letreiro iluminado no centro de uma palmeira à frente. De algum modo a letra U é proeminente. Por exemplo, embora não seja este o nome: U-bango, com a grande letra U.

("Não.")

Uma *grip*, G R I P, ligada aqui. Os lugares próximos parecem estar um tanto sobre estacas, de cor castanha. Parecem telhados de ripas. Decrépitos, estacados por trás mas ao nível da frente com a rua. Estes à direita do edifício há pouco mencionado.

("Não.")

E areia ou praia atrás deles. Várias destas estruturas tipo barracões decrépitos. Pelo menos estão longe de ser novas. Não parecem ter grande unidade, embora estejam todas muito próximas.

(Nada disto significou nada para os Gallagher.)

Não entendo. Aqui capto uma ligação Osborne. Não sei a que isto se refere. Talvez a uma discussão sobre o assassinio do Kennedy. O Ruburt tem andado a ler sobre isto de novo, no entanto, por isso não temos a certeza.

("Não.")

Uma designação onze, ou um um um. Uma pequena cabana junto à água, com algum vermelho, perto de rochas, onde o Jesuíta (Bill) vai debaixo de água (snorkeling). Um letreiro nela com quatro letras, cinco no máximo.

("Pode ser a Paradise Island, onde o Bill foi fazer snorkeling. Havia uma cabana de colmo por perto, mas não sabemos quanto ao 11 ou a um letreiro.")

(Na nossa discussão anterior, o Bill disse que a cabana tinha algo vermelho, embora isso não seja mencionado aqui. Isto também pode referir-se à ligação do vermelho com o snorkeling mencionada na primeira parte deste material.)

Algo a ver com um horário que não tinha sido planeado para o dia. Talvez envolvendo uma localização a nordeste, ou uma secção nordeste de outra localização.

("Sim. Na sexta-feira fomos à Paradise Island, que fica a nordeste de Nassau, e não tínhamos planeado ir lá.")

Uma sala central com paredes claras, rés do chão, onde pernoitam.

("Não.")

Uma página rasgada de um bloco ou caderno, com números escritos, ou para o Jesuíta (Bill) ou na sua caligrafia.

("Sim. O Bill arrancou uma página do caderno para anotar os endereços de pessoas que conhecemos.")

Um número de página 397 ligado a ele. Um livro castanho.

("Não.")

Uma invasão no lugar a sul mencionado antes. Em 1471 e 1732.

("Não.")

Ligação com pequenos pepitas aqui.

(?)

O Jesuíta (Bill) pensa com convicção em como os computadores poderiam mudar as ilhas e discute isto com algum fervor ou entusiasmo com outro homem, creio, que usa um casaco cinzento ou branco e um chapéu desportivo.

("O Bill discutiu isto com um homem que conhecemos, mas ele não usava casaco nem chapéu.")

Um calendário. Alguém dá-lhe um calendário?

("Não.")

Alguma ligação com um objeto roubado.

("Não.")

A palavra *severin*.

("Não.")

Uma corrente e um foguetão.

("Não." Na discussão o Bill menciona que o avião mudou de rota por causa do lançamento de foguetões em Cape Kennedy; isto parece-me legítimo.)

RESULTADOS DO TESTE DOS GALLAGHER
SESSÃO 296 24 DE OUTUBRO DE 1966

Algo roda e vai depressa.

("Não.")

Três sete oito. Isto pode estar ligado a um avião.

("Não.")

Uma dispensa de algum tipo, alguém dispensa-os abruptamente, talvez, ou dispensa o Jesuíta ou ele tem essa impressão. Ou o avião aterra a esta hora e as pessoas são então dispensadas.

("Não.")

Uma mudança de planos. Não sei se isto se refere a planos de voo ou não.

("Como referido acima, houve uma mudança nos planos de voo por causa do lançamento de foguetões.")

Outro episódio referente a uma igreja. Isto, creio, ainda fora do país, e antes desta hora da sessão. (Sessão realizada a 24 de outubro, 21:00)

Rapazes pequenos ligados a esse episódio, e uma inversão completa.

("Numa igreja onde parámos, ouvimos o ensaio do coro, ficámos surpreendidos por tantos jovens adultos estarem no coro, em vez de rapazes ou crianças, comentámos a inversão em relação ao que se esperaria.")

Algo leva uma quantidade desmesurada de tempo. Eles agitam-se, “cozinham em lume brando”. Não sei se eles “cozinham” ou se comem guisado, percebes.

("Não.")

Um anfiteatro à noite, princípio da noite, antes da viagem de regresso a casa.

("Não.")

Ou veem uma tourada ou alguém se comporta de maneira “toureira”.

("Não.")

S A G. Letras grandes. Maiúsculas. Isto parece ter algo a ver com o avião.. 19 três seis, ou dezanove meia dúzia em ligação com o avião, tipo de avião, creio, ou o piloto está ligado a um homem que, em 1936, concebeu ideias não usadas até à construção deste avião em particular.

(?)

Visitaram outro local com importantes ligações históricas, por volta de 1437 ou 1473. Um farol lá. Três horas da tarde quando foi visitado, creio.

Um grande pendão ou algo do género com vermelho, branco, azul.

Outro com dourado e azul e verde ou branco. São como bandeiras.
(*"Passámos por um farol antigo mas não sabemos sobre bandeiras ou o resto."*)

Uma vocalista ou pianista. Pele escura mas cabelo louro. Um vestido branco com lantejoulas.

(*"Não."*)

Uma noite invulgarmente fresca e revigorante.

(*"A maioria das noites frescas."*)

Algo a ver com formações em blocos agora, nada de edifícios, talvez modelos de edifícios.

(*"Não."*)

Algo quatro por cinco

(?)

1886 e 1742.

(?)

DA SESSÃO 297

26 DE OUTUBRO DE 1966

(*A Jane começou a falar em transe enquanto estava sentada; os olhos começaram logo a abrir-se; o ritmo era bastante bom.*)

Boa noite.

(*"Boa noite, Seth."*)

Ora bem. Finalmente o Ruburt descobriu por si próprio, precisamente esta manhã, o seu problema de base — o problema que, no fim de contas, todos devem enfrentar.

Ele sabe-o agora da única forma real como pode ser sabido. Tu aprendeste isto há algum tempo, e ele sabia-o intelectualmente. No entanto, não compreendia que o medo não é prático. Estou a falar, claro, de forma geral, e de medo antecipatório, não do medo, perfeitamente saudável, com que um homem enfrenta uma fera feroz.

Ele aprendeu de facto agora uma das lições mais fundamentais da sua vida. Se não a tivesse aprendido, haveria mais dificuldades. Um homem usa as suas capacidades na medida desta realização. As notas que ele escreveu devem ser lidas fielmente, como pretende, todas as manhãs, durante algum tempo.

(*O Seth fala aqui da realização intuitiva e emocional da Jane sobre as causas de base dos problemas no pé e outros problemas musculares que a*

atormetam desde o início do verão. Ela escreveu notas sobre a experiência, que ocorreu esta manhã.)

Os nossos fracos resultados nos últimos dados experimentais foram diretamente resultado do medo que ele finalmente enfrentou. O medo, em circunstâncias normais, é imobilizador, como ele certamente agora compreende.

A jornada simbólica do espírito, e a descoberta final do eu, envolve sempre a travessia do eu pelo medo, e o seu ressurgimento. Na medida em que esta jornada é enfrentada, maiores são os perigos, mas maiores as recompensas.

Ele tem passado por esse tempo. Decidiu fazer a viagem. Agora está a regressar, e aprendeu muito. Sem a experiência as suas capacidades não se desenvolveriam totalmente. Tu passaste pela tua própria jornada e também emergiste há algum tempo.

O medo não pode ser ignorado. Tem de ser enfrentado e vencido. Conduz sempre à fuga quando não é enfrentado. A imagem física é de facto uma réplica em muitos aspetos do eu interior. Quando um homem está doente não é necessariamente porque quer estar doente inconscientemente. Não é necessariamente porque recebe algum benefício psicológico oculto, ou porque a doença satisfaz alguma necessidade. Ele está doente muitas vezes — sempre, na verdade — por causa de uma distorção que ocorre dentro do eu, e que se materializa em forma física.

Tu e eu estávamos bastante certos ao aconselhar o Ruburt a enfrentar isto sem o tratamento de um médico ou quiroprático. Eu (*a Jane apontou para si mesma*) percebes, não daria necessariamente este mesmo conselho a outra pessoa. Ele esteve, por várias vezes, quase pronto a visitar o teu Piper (*o quiroprático*). Eu queria que ele enfrentasse os sintomas pelo que eram, e encontrasse a causa. Causas aparentes vinham e iam, e continuariam a fazê-lo se ele não tivesse — com, meu amigo, a tua ajuda e a minha — encontrado a causa-mestra.

Há sempre causas aparentes em abundância por trás dos sintomas. Vários acontecimentos perturbadores, por exemplo. Estou a entrar nisto como entro nas tuas próprias circunstâncias psicológicas quando acho aconselhável.

O medo, e uma perda completa, ainda que por vezes momentânea, de confiança, foi a causa de base que levou à fuga e aos sintomas físicos. O medo em si é prejudicial como tal, particularmente quando é antecipatório.

Ele sabia o suficiente para que isto fosse parcialmente contrabalançado. Caso contrário estaria, literalmente, em pior estado.

Mas esta lição, aprendida, é uma conquista valiosa. Ele compreendeu-a, ao que parece, de repente, mas isto foi apenas uma cristalização de conhecimento. O hábito do medo teria acabado por se refletir aqui nas nossas sessões. Eu tenho, em grande parte, mantido o meu olho sobre ele, mas percebes que a lição tinha de ser aprendida por ele.

Tu também podes estar grato. O inverno do espírito tem de ser atravessado, e não só conquistado mas os benefícios aproveitados. Contudo, sem isso, a maturidade não pode chegar. A imobilidade manifestou-se fisicamente como réplica fiel da imobilização interior causada pelo medo. Podias ver, por outras palavras, a extensão exata da distorção em termos bem físicos.

Uma doença crónica ao longo da vida, claro, é a mesma coisa levada ao extremo. A pessoa completamente pouco atrativa representa o mesmo resultado de forma diferente. A pessoa cujas capacidades nunca são utilizadas é outro exemplo.

Esta resposta ao medo é um perigo para o trabalho psíquico, onde a liberdade é necessária. Nas projeções, acima de tudo, o eu deve ser móvel. Rapidez de percepção, mobilidade da consciência, abertura de resposta emocional, são pré-requisitos para o nosso trabalho. O espírito medroso teme sair do corpo, e teme também residir nele. O Ruburt tem os meus parabéns, pois ultrapassou com sucesso um período de prova. Tentou sem te envolver, exceto quando ficou mais desencorajado do que o habitual. Ele está agora liberto porque se libertou a si mesmo do medo tanto quanto possível. O hábito de temer é altamente destrutivo.

Quanto ao teu desempenho de hoje, tens também os meus parabéns. Eu estive presente, aliás. Podes fazer uma pausa.

(Pausa às 21:29. A Jane estava bastante dissociada. O ritmo tinha-se tornado rápido, os olhos abriam-se com frequência. Ela tem um registo completo da experiência desta manhã num caderno mantido para esses fins.)

(O Seth refere-se acima ao facto de eu me ter auto-hipnotizado antes de ir ao dentista esta tarde. O esforço foi muito bem sucedido e não senti qualquer desconforto. Há um registo completo desta experiência no meu caderno de previsões.)

(A Jane retomou às 21:42.)

Ora bem. Nas projeções, o eu interior é livre para viajar dentro das suas capacidades — *sublinhado*, dentro das suas capacidades.

Os sentidos interiores são um atributo da consciência. Os sentidos exteriores tornam esta informação significativa para o organismo físico, e a consciência corporal, o ego. Isto é para o livro do Ruburt.

Há muitas outras experiências encontradas em projeções e na vida quotidiana, percebes, que não são traduzidas em termos físicos, porque em termos físicos não teriam significado. As premissas básicas por trás delas não seriam compreensíveis em termos físicos.

Só alguns dos dados nas projeções são assim traduzidos. Ora, é possível mas difícil apanhar a tua própria consciência no ato da sua própria percepção natural, antes que as impressões se cristalizem em termos físicos. Mesmo a personalidade sobrevivente deve traduzir a percepção em termos que consiga entender.

Nenhum de nós está alguma vez equipado, para fins gerais, para perceber a realidade em todas as suas formas. Os *pyramid gestalts* podem fazer isto, e ajudamos os *pyramid gestalts* a realizar este feito. Mas, regra geral, temos de escolher. Há demasiado para qualquer consciência digerir, exceto aquelas tão altamente desenvolvidas que até eu sei pouco sobre elas.

Estamos apenas a começar o nosso trabalho. Ele crescerá ao longo dos anos, e alcançaremos muito. Continuaremos provavelmente noutras existências. (*Sorriso.*) Mas, basicamente, percebes, a percepção não tem nada a ver com os sentidos exteriores. Estes são, na melhor das hipóteses, recetores débeis. Alguns dos teus sonhos dizem-te muito mais sobre a natureza da realidade do que a mais vívida experiência física.

Estás no ponto de um novo e mais elevado patamar. (*A Jane apontou para mim, olhos bem abertos e escuros.*) Ainda não o alcançaste, no entanto. Levou-te este tempo a consolidar os teus ganhos, e também ajudaste o Ruburt nestes meses. A interação entre vocês resulta, percebes, numa forma superior de consciência, pela qual ambos são responsáveis. Pois operam de facto como um *gestalt* também. As vossas capacidades conjuntas somam mais do que as vossas capacidades conjuntas.

(*Pausa de um minuto.*)

Ora bem, quanto aos teus amigos.

(*Os Gallagher, que estiveram de férias.*)

Um encontro vibrante, relativo ao pai da amante de gatos. Um episódio desagradável, e uma questão de dinheiro. Algo a ver também com

um tecido, em separado, e um pedaço de papel. Isto pode ou não ser um documento legal.

Um saco surpresa (*grab bag*). Não sei a que isto se refere. Uma ligação com a Pensilvânia, distante. Talvez um hospital. O Ruburt sabe desta circunstância. Um grupo de operarem às escondidas (*fly-by-night outfit*). 20h00 da noite passada, ou desta noite, significativo.

Também uma circunstância desconhecida para os teus amigos, que só será descoberta mais tarde, talvez a meio da próxima semana.

O Ruburt receberá o dinheiro da revista, e ouvirá deles até terça-feira.

(Pausa de um minuto.)

(É segunda-feira, 31 de Outubro, enquanto escrevo isto. Na quinta-feira, 27 de Outubro, no dia seguinte a esta sessão, a Jane ouviu da revista em questão, Topper. Houve uma confusão durante quase um ano, sobre uma história da Jane que quase foi impressa duas vezes, e pela qual ainda não foi paga. A Topper prometeu pagamento dentro de uma semana.)

Uma questão importante por volta da próxima quarta-feira. Estou a tentar falar-lhe do cargo no colégio, mas de momento não consigo.

(Pausa.)

Bem. Ele receberá isso.

(Isto diz respeito a um cargo de docente que a Jane tem procurado no Elmira College. É suposto receber uma resposta final na semana de 31 de Outubro a 4 de Novembro.)

Vou terminar a sessão mais cedo para tua conveniência.

John Bradley e outro homem num bar discutem agora o Vietname. O homem tem bigode, acastanhado claro ou grisalho. As iniciais C M entram aqui.

As minhas mais sinceras saudações para vocês os dois, e de facto as minhas bênçãos.

Se não tens perguntas, vou terminar a sessão.

(“Não tenho perguntas, mas podes falar um pouco mais se quiseres.”)

O livro venderá como disse. O Ruburt está bem agora com o livro em que está a trabalhar. Deves vender mais dois quadros num prazo relativamente curto.

(Domingo à noite, 30 de Outubro, fui abordado por um amigo que mostrou interesse em comprar uma pequena pintura, e prometi mostrá-la. De momento está em casa de outra pessoa, emprestada.)

Uma pequena observação para o Ruburt. O seu sonho sobre a Miss Callahan foi uma projeção legítima, e eles de facto encontraram-se.

(A Jane tem um registo completo desta experiência.)

Talvez possamos dar algumas impressões sobre os Bernard antes de os encontrarmos.

(Pausa. A Jane divertida; cigarro.)

Dá-nos um momento.

Paredes verdes estranhas, e algo da cor do vinho. Isto tem textura.

Servem algumas bebidas esta noite que têm um travo doce, como um licor. Quatro a cinco pessoas lá, logo depois das 16:30 esta tarde, creio eu.

Entre elas talvez as iniciais M C ou G.

Um espelho. *(Pausa.)* Ela — T — Sarah, frequentou uma escola com uma pequena loja perto; um S está fortemente ligado, talvez ao nome da rua. Uma ligação dela com algo que começa por Sus, creio eu, ou esse som, como o primeiro som em Susquehanna.

Ligação com um pirata.

Para ele, ligação com uma mulher alta, de cabelo branco, com um ligeiro bigode. Isto é difícil de explicar. A pessoa alta aqui mencionada pode ser feminina. Se for masculina, tem características ou modos fortemente femininos. Esta pessoa, percebes, não é o Bernard. É um parente, relativamente próximo.

Um tio importante para ele é outra pessoa, creio eu. Um incidente a 6 de Outubro importante, talvez 1937, embora eu não tenha a certeza.

Uma ligação qualquer missionária, e uma casa de dois andares que dá a impressão, de alguma forma, de ter mais um andar. Do lado dela, alguma ligação com matemática ou números, ou um gosto por números. São números ou figuras? Chega por agora. As minhas melhores saudações para vocês os dois.

(“Boa noite, Seth.”

(Termina às 22:18. A Jane estava dissociada como de costume, disse ela. Os olhos mantiveram-se fechados durante os dados sobre os Bernard. Não esperávamos isto. O ritmo tinha sido mais lento, com algumas pausas longas. Estávamos a conversar sobre a sessão quando a Jane retomou brevemente às 22:20.)

Um agrupamento que é de certa forma geométrico, e a estrutura de um A, ou uma estrutura em forma de A.

Uma sala baixa, onde as partes inferiores das árvores mostram um quintal, (*pausa*) bastante profundo, mas mais estreito dos lados. Uma espécie de alpendre que está elevado, como se fosse em estacas.

(*Termina às 22:23. Ritmo bastante lento, olhos fechados.*)

SESSÃO 298

31 DE OUTUBRO DE 1966

(A 75.^a experiência com envelope usou como objeto o talão de registo de funcionária do primeiro cheque da Jane como professora substituta do liceu. A Jane tinha, naturalmente, já visto o talão várias vezes desde a receção a 28 de outubro. O objeto está impresso a preto sobre papel verde que contém um leve padrão. O verde é em si um tom claro. O grande algarismo no canto superior direito está a vermelho. O verso é liso. Coloquei o registo entre as habituais duas cartolinas Bristol e depois selei-o em envelopes duplos.)

(A Jane começou a falar em transe, de olhos fechados, com um ritmo bastante lento e algumas pausas longas.)

Boa noite.

(*“Boa noite, Seth.”*)

Agora. Até aqui, com o Ruburt, tudo bem.

Ele deverá ir à galeria duas meias-jornadas se necessário, não um dia inteiro, percebem.

(*Esta noite pediram à Jane algum trabalho de correio na galeria onde costumava trabalhar.*)

Pode agora, se quiser, visitar o seu amigo Piper, dando a si mesmo sugestões construtivas ao fazê-lo.

Uma circunstância amigável a surgir, creio, aproximadamente a meio da próxima semana. (*Pausa longa.*)

A vossa amiga, Marian, precisa subconscientemente de sentir que é necessária. Está a tornar-se uma mania, e ela está a cortejar estes problemas, ou a provocá-los. É, no entanto, uma fase, e ela há de conseguir sair dela.

(*A mulher do nosso senhorio, Marian Spaziani, visitou-nos esta noite e contou-nos histórias das pessoas que lhe telefonam com longos relatos das suas próprias doenças, etc. Esses episódios têm começado a deixar a própria Marian nervosa, etc.*)

Há de facto mudanças financeiras para melhor prestes a acontecer para vós. Há uma outra ligação financeira que ocorrerá dentro de seis meses, creio. (*Pausa longa.*)

Agora. Voltaremos a outro material.

A consciência viajante, tal como a conhecem, experimenta frequentemente a sensação de movimento e deslocação pelo espaço. Isto porque continua a haver tradução através dos sentidos físicos. Estão a mover-se de forma mais eficaz dentro da realidade de camuflagem, mas continuam a lidar com ela. O foco da vossa atenção mudou um pouco, mas continuam fortemente ligados ao campo físico.

A experiência do Ruburt com a vossa Sr.^a Callahan recentemente foi bastante legítima. Ele usou um método de projeção muitíssimo vantajoso sem saber que o fazia, e recomendo vivamente este método a ambos. Quando acordarem, ou parecerem acordar a meio da noite, tentem simplesmente sair do corpo físico. Tentem simplesmente levantar-se da cama, percebem, e andar até outra divisão enquanto o corpo físico fica onde está.

Se mantiverem isto em mente, em termos gerais, então vão conseguir fazê-lo dentro de pouco tempo. É um modo agradável e fácil de conseguir uma projeção e, com alguma experiência, descobrirão que podem manter bom controlo, sair do vosso apartamento e ir para o exterior. Podem então tentar a locomoção normal, ou a levitação.

Há pouco esforço neste método e tem benefícios sob vários pontos de vista. Basta manterem o método em mente para estarem atentos às circunstâncias iniciais favoráveis. Podem estar meio acordados. Podem estar num falso despertar. O método funciona em qualquer dos casos. Oferece boas possibilidades noutra direção: podem, se quiserem, olhar para o vosso próprio corpo.

Mas têm de querer isto. Muitas vezes não querem ver o corpo sozinho, por assim dizer, e, portanto, escolhem métodos que tornam isto mais difícil. Só este exercício aguçará muito o vosso controlo. É um ABC, percebem.

A experiência será muito menos surpreendente para o ego do que uma projeção abrupta, e a natureza vulgar das atividades — entrar, por exemplo, na divisão ao lado — será tranquilizadora. Estão mais calmos e no vosso próprio ambiente. Claro que o Ruburt estava fora do corpo quando viu a Sr.^a Callahan, que se encontrava na mesma condição.

(Uma nota: a Sr.^a Callahan foi levada para um lar há umas semanas e desistiu do seu apartamento nesta casa, etc. Há dois dias, através de uma amiga, soubemos que a Sr.^a Callahan foi por duas vezes encontrada a caminhar pela Route 17, uma autoestrada principal aqui, enquanto tentava voltar a esta casa. A sua mente está a falhar. A primeira menção à Sr.^a Callahan está na primeira sessão do Volume 1.)

Agora, é possível que alguém dentro do corpo físico perceba alguém que não está, mas não é usual. E o observador tem então de ser uma pessoa de fortes capacidades psíquicas, quer disso se aperceba quer não. Ou a personalidade projetante tem de estar ou impelida por alta intensidade emocional para se dar a conhecer, ou ser de capacidade excecional.

O desejo de se dar a conhecer não tem de ser consciente, claro. O projetor pode, em vez disso, querer entregar uma mensagem, por exemplo, e mostrar-se pode parecer o único modo de o fazer.

Podem fazer um intervalo e continuaremos.

(Intervalo às 9:28. A Jane estava dissociada como de costume. Os olhos começaram a abrir-se e o seu ritmo acelerou bastante. Retomou às 9:40.)

Não recomendei que o Ruburt cancelasse o trabalho de substituta porque não o teria enfrentado até ao fim se o tivesse feito mais cedo.

(A Jane telefonou ao conselho escolar e retirou o seu nome da lista de professores chamados para substituições. Hoje, 31 de outubro.)

Estou satisfeito com os nossos resultados com o jesuíta e a amante de gatos.

(O Bill e a Peggy Gallagher têm uma cópia do material dado pelo Seth acerca das suas férias em Nassau. Obtiveram-se muitos acertos. Quando a Jane tiver o material e as notas deles reunidos de forma legível, serão anexadas a uma sessão.)

Agora, tens um envelope para mim?

(“Sim.” A Jane sabia que hoje eu teria um.)

(Às 9:42, ela pegou no envelope para a nossa 75.ª experiência e pressionou-o na horizontal contra a testa. Os olhos mantiveram-se fechados. O ritmo foi bastante rápido.)

Deem-nos um momento, por favor. Estas são impressões.

Ligação com um encontro. O número 6. 18h, 6 como data, veremos.

Uma ligação com ganância — um agarrar. Com um artigo, um artigo de vestuário. Um quatro mais um, e uma inicial — iniciais — creio que três, J A B. *(Pronunciado quase como pergunta.)* Masculino. Parque infantil. Quadrados. Toureiro. Retangular com listas.

Uma chamada. A cor preta. Quatro números. Um um e um nove. Uma data. Talvez 1963, e um rolo/voluta de tipo pergaminho. Ligação com três pessoas e uma quarta, separada.

Linhas horizontais *(envelope ainda na testa na horizontal)* com um pequeno quadrado. Piccadilly Square. Uma cidade. Ligação muito distante com algo como Cincinnati, Ohio.

Quatro sete um. Um centro vertical. O seis de novo, creio que relativo a hora. Uma morada e uma ligação com madeira. Com uma ocasião momentosa de algum tipo; não uma ocasião vulgar. De algum modo diferente.

A cor amarela. Números ou matemática. Nove. Um objeto que tem a ver com uma faca, e uma caneta. Afiado e pontiagudo. Uma sala com algo em falta. Um C e um J. E um desenho abstrato. Ligação metálica, e calor.

Têm perguntas?

(“Qual é essa ligação com ganância ou agarrar?”)

Não tenho a certeza. Agarrar, estender a mão para, com alguma urgência. Uma posição inatacável. Um Q. Muito alarido. Um pequeno objeto retangular, talvez de metal, com números nele. Como, por exemplo, uma pequena chapa de matrícula, que teria números e indicações, e seria metálica e ligada a viagem. E a cor laranja e preto, e talvez um automóvel.

(“Estás a dizer que este é o objeto?”)

Não. Estou a dizer que a imagem que vejo me dá esta impressão. Pode ou não ser o objeto real, mas parece estar fortemente ligado a ele. E algo alteado a partir de uma superfície, como algo em relevo.

(“O objeto não é em relevo.”)

Não disse que o objeto fosse. Algo levantado.

(“Podes dizer algo sobre as iniciais J A B?”)

Uma ligação com várias formas circulares, mais ovais.

(“As formas ovais estão relacionadas com J A B?”)

Não. *(Pausa.)* Vejo simplesmente as maiúsculas grandes J A B, e não sei o seu significado exato. Talvez quatro ligados aqui.

(“Podes dar a cor do próprio objeto?”)

(Pausa. A Jane ainda segurava o envelope horizontalmente junto à testa, mas entretanto já mudara várias vezes de mão. Olhos fechados.)

Não, exceto que não é escuro. Uma cor esbatida. Com talvez subtons escuros esbatidos, ou subtons dourados esbatidos numa cor mais clara, com um branco acinzentado. Um calendário de eventos, e uma contabilidade.

(“Que tipo de eventos?”)

Eventos futuros. Ligados a eventos passados.

(“A que se refere essa chamada e a cor preta?”)

O Ruburt tem aqui uma ligação com o telefone, naturalmente.

(“E a ligação do toureador?”)

Uma ligação vermelha e violenta. Alta atividade ligada a um homem, de tendências violentas reprimidas, na situação.

(“Mencionaste três pessoas. Iniciais?”)

Tonalidades masculinas. Talvez dois homens em particular e uma mulher. S. *(Pausa.)* G. *(Pausa.)* Ou J. Creio que são, cada uma, separadas.

(“O que é a referência a 1963?”)

Não sei. Ligação com um incidente passado por essa altura, e uma aparente ligação com um incidente de 1967 ainda por ocorrer. Fevereiro e outubro. E um elemento estrangeiro de algum tipo.

(“Referiste antes Piccadilly.”)

Isso resultou de uma impressão de praça. Mas isto também tem a ver com uma ligação fora do país.

(“Queres tentar nomear o objeto agora?”)

Cheguei tão perto quanto possível esta noite.

(“Está bem. Suponho que é tudo então.”)

Uma longa locomotiva, e uma ligação com uma nota a mencionar hora.

(Intervalo às 10:04. A Jane estava muito bem dissociada, disse. Não baixou o envelope da testa até pouco antes do intervalo. Os olhos mantiveram-se fechados. Nenhum dos dados fazia sentido para ela, disse. Não conseguia recordar imagens específicas no momento, dizendo que as via quando o Seth dizia que via.)

(Isto acabou por ser o fim da sessão, embora não nos déssemos conta na altura. Fizemos, porém, as nossas ligações como de costume.)

(Ver página 141 para uma cópia do objeto do envelope, e as notas na página seguinte. Conforme dito, o objeto é o talão do primeiro cheque da Jane como professora substituta, recebido na sexta-feira, 28 de outubro. É de papel verde, claro, com um padrão verde ténue por todo. A impressão é a preto, com o algarismo grande no canto superior direito a vermelho. O verso é liso. O talão contém o valor do cheque, as deduções fiscais, a data, etc.)

(“Ligação com um encontro.” A Jane disse que isto é definitivamente uma referência ao seu primeiro dia de ensino, 11 de outubro de 1966. O objeto provém do cheque desse dia de trabalho. A Jane disse que, embora gostasse de ensinar, o primeiro encontro com uma turma é um de recordar. Teve biscates a ensinar no passado, mas nunca num sistema escolar, numa sala de aula formal, etc.)

(“O número 6. 18h, 6 como data, veremos.” A Jane disse que isto se refere ao facto de, para manter o trabalho de professora substituta, ter de começar a tirar 6 créditos por ano no Elmira College, depois de ter lecionado um total de 40 dias letivos. É lei do Estado de Nova Iorque.)

(“Uma ligação com ganância — um agarrar.” A Jane aceitou o trabalho de ensino pela retribuição elevada; este é o principal motivo por que o aceitou. É o trabalho melhor pago que já teve, 25,00 dólares por dia.)

(“Com um artigo, um artigo de vestuário.” Demasiado vago. A Jane disse que há hipótese de isto se referir ao seu segundo dia de aulas. Foi chamada tarde e, ao precipitar-se para se vestir, fez uma malha na última meia que tinha. Teve de a usar no trabalho, malha e tudo.)

(“Um quatro mais um” Sem ligações em particular, embora haja vários quatros e uns no objeto do envelope. Há também cinco. Mas não 41. Especulação.)

(“e uma inicial — iniciais — creio que três, J A B.” A Jane crê que isto se refere a si própria e, se assim for, é uma ligação forte com o objeto, claro. A Jane não tem segundo nome agora; o seu nome costumava ser Dorothy Jane Roberts, mas deixou cair o Dorothy quando nos casámos, há 11 anos. Escolheu, porém, o nome de santa Ana, enquanto rapariga

católica, por volta dos 12 anos. Mas intrigou-se com a razão de o A surgir agora, uma vez que nunca o usa. Nem usou particularmente.)

(*“Masculino.” Sem ligações.*)

(*“Parque infantil.” Isto é um bom dado pessoal no que toca à Jane, pois desde a primeira infância tem uma forte associação entre parques infantis e escolas. Isto já surgiu antes nestas experiências. [Nota da Jane: A Donna Taylor mostrou-me o recreio para os alunos do 1.º ano, durante o meu 2.º trabalho de substituição.]*)

(*“Quadrados.” Ver a cópia do objeto na página 141. A Jane disse que por quadrados queria dizer as caixinhas ao longo das linhas horizontais do objeto. Há quatro fiadas delas.*)

(*“Toureiro.” Não fizemos ligação aqui, mas uma legítima surgiu durante o período de perguntas e respostas.*)

(*“Retangular com listas.” Outra referência ao próprio objeto. Ver página 141.*)

(*“Uma chamada. A cor preta.” O Seth acrescenta um pouco de dado durante as perguntas e confirma o meu primeiro pensamento aqui, de que estes dados se referem a termos instalado um telefone — preto — por causa do trabalho de ensino da Jane. Além disso, a Jane insistiu num telefone preto.*)

(*“Quatro números. Um um e um nove.” Há muitos números no objeto, mas não sabemos ao que isto se refere.*)

(*“Uma data. Talvez 1963, e um rolo de espécie de pergaminho.”* Cremos que estes dados pertencem juntos, embora haja no objeto uma data, 27 de outubro de 1966. O pergaminho pensamos nele como simbólico da educação ou escola. Em 1963, a Jane falou numa aula conduzida pelo Sr. Clauss, no Elmira College, sobre poesia. A ligação ao colégio surgiu recentemente, porque a Jane também se candidatou a um trabalho de docente lá, bem como no sistema escolar de Elmira.)

(*“Ligação com três pessoas e uma quarta, separada.”* Demasiado vago. A Jane disse que uma interpretação poderia ser que conhecemos pessoalmente outros três professores; o quarto, separado, seria o Sr. Clauss, que a Jane conheceu talvez duas vezes há um par de anos. Eu nunca o conheci.)

(*“Linhas horizontais com um pequeno quadrado.”* Outra referência ao próprio objeto. A palavra quadrado aqui pode referir-se ao dado seguinte.)

(*“Piccadilly Square.”* Não sabemos. Piccadilly Circus, Londres, Inglaterra, pode referir-se ao facto de um professor do Elmira College, com quem a Jane gostaria de trabalhar como assistente, ensinar Literatura Inglesa e especializar-se no período vitoriano. Ao escrever isto, a Jane deverá receber dele resposta a qualquer momento sobre o trabalho.)

(“Uma cidade. Ligação muito distante com algo como Cincinnati, Ohio.” Uma possível ligação distante: no fim do seu segundo dia de aulas, a Jane teve boleia para casa de uma vizinha do lado, que também é professora. A vizinha é do Ohio, mas não de Cincinnati, o que poderia justificar a referência do Seth a “algo como” Cincinnati. Além disso, a vizinha acabara de regressar a Elmira de uma viagem ao Ohio, por isso a ideia de Ohio foi mencionada na conversa mais de uma vez. “City” também é mencionado no próprio objeto — City School District, etc.)

(“Quatro sete um.” Sem ligações, além dos muitos números no objeto.)

(“Um centro vertical.” A Jane disse que isto é uma referência à dobra do objeto, feita quando o inseri nos envelopes duplos. Ver página 141. Note-se que a Jane segurou o envelope à testa na horizontal, como quase sempre faz; isto significa que a dobra no objeto seria vertical em relação à maior dimensão tanto do objeto como dos envelopes. A maior dimensão do objeto dobrado paralelizava a dos envelopes.)

(“O seis de novo, creio que relativo a hora.” Outra referência ao facto de a Jane ter de começar a tirar 6 créditos por ano no Elmira College, depois de ter lecionado 40 dias no ensino público. Assim, há uma ligação temporal.)

(“Uma morada e uma ligação com madeira.” Sem ligações.)

(“Com uma ocasião momentosa de algum tipo; não uma ocasião vulgar. De algum modo diferente.” A Jane também teve a ideia de uma ocasião inicial aqui, e lamentou não a ter dito em voz alta. Disse que estes dados se referem ao seu primeiro dia de aulas; para ela foi certamente momentoso, não usual, e diferente. O objeto do envelope é o registo de pagamento de funcionária do cheque desse primeiro dia de trabalho.)

(“A cor amarela.” Sem ligações.)

(“Números ou matemática.” O objeto contém muitos números. Uma possível ligação com matemática: uma amiga da Jane, que também é professora substituta, disse-lhe que teve muitas dificuldades a tentar ensinar a “nova matemática”).

(“Nove.” Sem ligações.)

(“Um objeto que tenha a ver com uma faca e uma caneta. Afiado e pontiagudo.” Estes dados parecem pertencer juntos. A Jane recordou uma ligação com uma caneta, mas nada com uma faca. Fez um esforço especial para ter sempre uma caneta consigo quando ensinava, pois precisava dela com frequência.)

(“Uma sala com algo em falta.” A Jane disse que isto se refere ao fazer da chamada na aula. Foi-lhe realçado que deveria atender a esta tarefa acima de todas as outras, disse, por isso foi cuidadosa com isto. Como todos os alunos eram novos para ela de cada vez, tinha de depender

da ajuda deles para manter os registos corretos. Por vezes fez a chamada todas as aulas do dia.)

(*“Um C e um J.” A Jane disse que isto é dado válido, ainda que não tão bom como desejaríamos. O J refere-se a ela própria. O C pode referir-se ou a Gene Cesari, subdiretor no Elmira College, ou a Bill Cieri, do sistema de cursos noturnos da escola pública. A Jane também referiu a semelhança de som entre Gene e Jane.*)

(*“E um desenho abstrato.” A Jane disse que isto é uma referência válida a Bert Ryerson, superintendente de arte no sistema escolar de Elmira. O Bert foi quem primeiro despertou o interesse da Jane pelo ensino; também ele é artista e pinta abstratos.*)

(*“Ligação metálica, e calor.” Ambas as partes deste dado são tratadas em resposta à primeira pergunta.*)

(1.^a Pergunta: *Qual é essa ligação com ganância ou agarrar? “Não tenho a certeza. Agarrar, estender a mão para, com alguma urgência. Uma posição inatacável. Um Q. Muito alarido.” Como foi dito, estes dados aplicam-se ao facto de a Jane ter aceite o trabalho de ensino, e à sua determinação férrea de o manter a todo o custo. Sentiu urgente que assim fosse. Houve também muito alarido envolvido. Não vimos ligação particular para o Q.*)

(*“Um pequeno objeto retangular, talvez de metal, com números nele. Como, por exemplo, uma pequena chapa de matrícula, que teria números e indicações, e seria metálica e ligada a viagem. E a cor laranja e preto, e talvez um automóvel.” Tudo isto se refere ao facto de a Jane apanhar táxi para as várias escolas da cidade, sempre que era chamada. Eu não estava disponível para a levar, já tendo saído para o trabalho, exceto na primeira ocasião. O táxi que usava era laranja e preto.*)

(2.^a Pergunta: *Estás a dizer que este é o objeto? “Não. Estou a dizer que a imagem que vejo me dá esta impressão. Pode ou não ser o objeto real, mas parece estar fortemente ligada a ele. E algo alteado a partir de uma superfície, como algo em relevo.” Mais sobre a ligação táxi-automóvel relativa ao ensino da Jane, de onde provém o objeto do envelope: provavelmente a multiplicidade de números no objeto também o relacionou de perto, nos dados, com a ideia de matrícula e automóvel. Ao fazer esta pergunta, eu esperava levar o Seth a ser mais específico sobre o próprio objeto.*)

(3.^a Pergunta: *O objeto não é em relevo. “Não disse que o objeto fosse. Algo levantado.” Outra referência a uma chapa de matrícula. Ao dizer ao Seth que o objeto não era em relevo, voltei a tentar obter dados mais específicos sobre o próprio objeto.*)

(4.^a Pergunta: *Podes dizer algo sobre as iniciais J A B? “Uma ligação com várias formas circulares, mais ovais.” Aqui o Seth ainda*

estava a considerar as perguntas anteriores referentes, pensou a Jane, à ideia de automóvel ou táxi.)

(5.^a Pergunta: *As formas ovais estão relacionadas com J A B?* “Não. Vejo simplesmente as maiúsculas grandes J A B, e não sei o seu significado exato. Talvez quatro ligados aqui.” Ver os dados J A B no fim da página 146. A pergunta foi uma tentativa de obter mais dados sobre elas. Não vemos ligação com quatro aqui, em particular.)

(6.^a Pergunta: *Podes dar a cor do próprio objeto?* “Não, exceto que não é escuro. Uma cor esbatida. Com talvez subtons escuros esbatidos”, pode dizer-se que se aplica ao objeto. Ver página 141. O objeto está impresso num papel de verde pálido, que também se poderia chamar esbatido. A impressão a preto é, claro, escura sobre isto.)

(“Ou subtons dourados esbatidos numa cor mais clara, com um branco acinzentado.” O Seth falha aqui.)

(“Um calendário de eventos, e uma contabilidade.” Bons dados. O Seth volta à pista na frase seguinte. O objeto é uma contabilidade dos ganhos da Jane, e um calendário de quando ganhou o dinheiro, etc., já que é o registo de pagamento de funcionária do sistema escolar de Elmira.)

(7.^a Pergunta: *Que tipo de eventos?* “Eventos futuros. Ligados a eventos passados.” Isto pode aplicar-se ao objeto, já que este registo de pagamento de funcionária tem quadrículas ou espaços para o lançamento de verbas para reforma, obrigações de poupança, cooperativa de crédito, etc., para professores com vínculo. A Jane não tinha lançamentos nesses espaços. Nota posterior da Jane: desconhecido para nós nesta altura, eu acabaria por ficar com outro lugar de ensino, em resposta a um anúncio que ainda não tinha lido.)

(8.^a Pergunta: *A que se referem essa chamada e a cor preta?* “O Ruburt tem aqui uma ligação com o telefone, naturalmente.” A Jane teve de instalar um telefone para o trabalho de ensino, por estar de chamada diária. Insistiu num telefone de parede preto, perante os esforços da companhia para lhe vender aparelhos coloridos mais caros, etc. Consideramos isto como bons dados.)

(9.^a Pergunta: *E a ligação do toureador?* “Uma ligação vermelha e violenta. Alta atividade ligada a um homem, de tendências violentas reprimidas, na situação.” Isto também são bons dados e liga-se ao objeto do envelope no sentido de que se refere a um acontecimento ocorrido na sala de aula da Jane no seu segundo dia de ensino. [O objeto representa o primeiro dia de ensino da Jane.] Resumindo, uma cena muito violenta foi representada diante da Jane e da sua turma. Um professor entrou com um jovem aluno pela mão e literalmente atirou o aluno através da sala, num violento acesso de raiva. A disputa resultou do mau comportamento do aluno no corredor.)

(A Jane disse que a cara do professor estava muito vermelha de raiva e que era evidente que ele tinha um temperamento forte. Mais tarde nesse dia, ouviu duas alunas suas a conversar, e falaram do mau feitio do professor, fato bem conhecido na escola. A Jane comentou o incidente comigo no próprio dia. Tinha-lhe causado forte impressão e, claro, apanhou-a de surpresa.)

(10.^a Pergunta: Mencionaste três pessoas. Iniciais? “Tonalidades masculinas. Talvez dois homens em particular e uma mulher. S, G, ou J. Creio que são, cada uma, separadas.” Ver os dados “três pessoas” na página 147, e os dados G e J na página 148. Ambos tratam possivelmente de professores. Possivelmente os dados acima também, embora não possamos ter a certeza. A ser assim, as iniciais não coincidem.)

(Dois professores homens e uma mulher estiveram envolvidos com a Jane enquanto ela procurava trabalho como docente — o Sr. Don Hennigen e o Sr. Albert Ryerson. A Jane não consegue agora recordar o nome da supervisora, que encontrou apenas uma vez, mas não acha que as iniciais batam certo. Outros podem estar envolvidos aqui — como na página 148.)

(11.^a Pergunta: O que é a referência a 1963? “Não sei. Ligação com um incidente passado por essa altura, e uma aparente ligação com um incidente de 1967 ainda por ocorrer.” Ver os dados de 1963 na página 147. Conforme dito, a data pode muito bem referir-se ao período em que a Jane falou numa aula no Elmira College sobre poesia. A ligação seria a atividade de ensino, tal como relacionada com o objeto do envelope.)

(“Fevereiro e outubro.” A Jane acha bastante possível que tenha falado à turma no Elmira College em fevereiro de 1963. Há uma data de outubro, 27 de outubro de 1966, no próprio objeto.)

(“E um elemento estrangeiro de algum tipo.” A Jane disse agora que achava estes dados algo distorcidos, e que por estrangeiro queria dizer algo novo e estranho para ela, mais do que literalmente fora do país. No entanto, o Seth parece considerar válida a ligação a Piccadilly, a seguir.)

(12.^a Pergunta: Referiste antes Piccadilly. “Isso resultou de uma impressão de praça. Mas isto também tem a ver com uma ligação fora do país.” Ver as nossas especulações sobre os dados de Piccadilly na página 147.)

(13.^a Pergunta: Queres tentar nomear o objeto agora? “Cheguei tão perto quanto possível esta noite.”)

(“Uma longa locomotiva, e uma ligação com uma nota a mencionar hora.” Não vimos ligações óbvias com locomotiva. O objeto diz respeito a uma quantidade específica de tempo; embora não seja uma “nota”, está impresso, e a impressão transmite uma mensagem em detalhe.)

(Fim às 23h.)

SESSÃO 299
2 DE NOVEMBRO DE 1966

(A Jane começou a falar em transe, sentada, de olhos fechados. Notei-a a bocejar às 20h45 e soube que estava cansada, mas ela não quis cancelar a sessão.)

Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Dar-vos-emos de facto umas férias algo breves esta noite.

O Ruburt está a completar as fases finais da sua recuperação e encontra-se num estado de lassidão. É uma condição saudável de relaxamento quase completo, significando a libertação do seu sistema físico do domínio mental do medo que o tornara comparativamente rígido até agora.

A rigidez está literalmente a escoar-se. O descanso normal da noite deverá praticamente completar o ciclo que ele iniciou esta manhã. O corpo está agora a acondicionar-se à medida que regressa ao normal — saúde e função normais. Esta libertação, percebem, tinha de vir gradualmente. O sistema estava demasiado “enrolado” para se permitir um relaxamento súbito e completo.

Até as cargas elétricas mudaram, e as suas propriedades químicas. Tudo isto está agora a regressar ao normal. Dar-vos-emos, portanto, um descanso e, ao Ruburt, estou muito satisfeito, finalmente, com o seu progresso a este respeito. Deverá notar-se que, durante este período, ele não ficou consideravelmente aquém do seu desempenho habitual comigo nas nossas sessões.

As minhas mais cordiais saudações a ambos. Espreito-vos de vez em quando, e certamente estarei em contacto convosco antes de segunda-feira.

(“Boa noite, Seth.”)

(21h13. A Jane esteve “fora” como de costume, com os olhos ora abertos ora fechados, e muito escuros.)

SESSÃO 300

O EU SUPERIOR

7 DE NOVEMBRO DE 1966

(A 76ª experiência com envelope foi feita esta noite. O objeto foi rasgado por mim das páginas 11 e 12 da secção de notícias do The New York Times de domingo, 6 de Novembro de 1966. Escolhi o objeto ao acaso por um método que explicarei depois. Basta dizer que não vi o objeto até a Jane abrir os envelopes duplos, como sempre, depois de dar os dados. Sabia, no entanto, que o objeto vinha do The New York Times. Os resultados foram bons.)

(A Jane começou a falar enquanto estava sentada e em transe. Os olhos começaram logo a abrir-se. O modo dela era ativo; estava a fumar e a beber vinho. O ritmo era bom.)

Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Ora bem, meu caro amigo Joseph: reencarnação e projeção, percebes, são uma e a mesma coisa.

Apenas parecem ser diferentes. Regra geral, o ego não está consciente da sua partida de um organismo físico e do seu crescimento para outro. Isto é uma projeção. Os anos de crescimento, como já te disse, são ilusão. O *valor-realização* é a lei do universo, e aparece como crescimento dentro do teu sistema.

A jornada em si é tão instantânea como uma projeção daqui para, digamos, Porto Rico. Estás apenas a mergulhar mais fundo no ponto do momento na instância reencarnatória. Nos teus (*sublinhado*) termos, ficas lá mais tempo.

Quando estás ligado ao organismo físico, as tuas projeções não são tão completas — a diferença entre uma instância reencarnatórias e uma projeção simples a partir do estado físico. Obviamente os dados sensoriais parecem os mesmos. Em ambos os casos parece estar a perceber fisicamente, e de facto estás. Numa projeção estás ainda dentro do sistema físico, regra geral, embora haja aqui exceções claras.

Sempre que estás ligado de qualquer forma, sempre que a consciência está ligada a um organismo físico, então os dados interiores serão interpretados em termos físicos. Podes, de facto, aprender a perceber a realidade noutros termos, e ambos estão a fazê-lo.

Tens ainda de lidar com a realidade física, pois é definitivamente a representação de dados interiores. Disse isto constantemente: a expectativa está por trás de todos os dados sensoriais, e forma-os. Já te disse — e a propósito, meus queridos cétricos, já vos disse no passado — que criam o vosso próprio ambiente físico e universo. A vossa condição física em todos os aspetos é um reflexo das vossas expectativas, realizações e falhanços interiores, e já vos disse que qualquer doença é o resultado de uma distorção interior.

Ora, esta distorção pode possivelmente ser uma herança de uma existência anterior, mas é uma distorção. As projeções, na verdade, deviam dar-vos uma excelente ideia da realidade das reencarnações. Numa projeção excelente esquecem-se do eu na cama. Estão num ambiente completamente novo, mas ainda assim perseguidos por certas tendências de personalidade que são vossas.

Nas reencarnações também carregam muitas dessas tendências. A meio de uma projeção podem de repente lembrar-se do eu na cama, e a meio de uma dada existência podem de repente lembrar-se de um eu anterior. Já vos disse também que o termo *anterior* neste contexto é usado apenas por conveniência vossa.

Não há passado nem presente, e, portanto uma vida não está antes ou depois de outra. Nada disto devia ser novo para vós.

Ora bem, mencionaremos de facto o livro que o Ruburt está a ler.

(The Power of Universal Mind, de Muriel Noyes Gillchrest. Parker Publishing Co. Inc., West Nyack, NY.)

Ele é uma personalidade. Eu sou uma personalidade. Tu és uma personalidade. Acho mais vantajoso discutir as experiências dele, expandi-las, apontar benefícios e falácias nelas.

Deve lembrar-se que o intelecto, à luz deste livro, é tão perfeito como qualquer outra manifestação do que é chamado espírito divino. O intelecto foi treinado infelizmente para lidar quase exclusivamente com os resultados dos dados sensoriais. Isto não significa que não possa e não deva fazer mais.

Dei-lhe umas boas surras muitas vezes. No entanto, sempre mantive a sua beleza e necessidade. Vou dizer-te que, nos aspetos mais importantes, o livro daquela mulher é legítimo. Esta é a última reencarnação dela nos teus termos, e ela está a dar a sua última contribuição no teu sistema. Mas há

muitos que precisarão de uma abordagem mais intelectual, e espero que a possamos fornecer.

Vou dizer-te que o livro, naquilo que o Ruburt pensa ser a sua simplicidade algo tola, é muito profundo. No entanto, para outros há passos que devem ser seguidos, e seguir esses passos traz toda a personalidade, incluindo o intelecto, a uma compreensão mais equilibrada, que é o meu objetivo. A autora, embora basicamente correta, ignora, por exemplo, a realidade da reencarnação; e apesar dos protestos do Ruburt em contrário, a reencarnação pertence tanto à metafísica como à psicologia, e não pode ser ignorada.

Há pontos nesse livro que ainda não discutimos, porque o terreno ainda não foi preparado suficientemente. A reencarnação e a projeção são tão reais — e tão difíceis de o ego compreender — como a natureza dos sonhos. Podes começar a perceber pelo menos o efeito dos sonhos na tua vida quotidiana. As reencarnações e as projeções de que não estás consciente têm um efeito igual, ou até mais forte, sobre a tua existência diária.

O vosso gato foi atropelado, nos vossos termos, às 10:30 da manhã. Não foi coincidência que o Ruburt tenha pegado na lanterna e decidido verificar a roupa. Neste caso, o acidente do gato não foi causado por vós de forma alguma. Mas ainda há uma hipótese de assegurarem a sua recuperação.

Quanto maior for a vossa compreensão, mais podem apoiar e sustentar sem se esgotarem. O gato não se magoou, agora, apenas para vos dar uma oportunidade de o apoiar, mas a oportunidade existe.

Um homem num sedan cinzento descarregou o seu ressentimento momentâneo no gato. O gato aceitou isto simplesmente porque o ressentimento era demasiado grande para ele, e ele foi submergido. O homem, ao ver os resultados, foi subconscientemente mas claramente confrontado com a dimensão do seu próprio problema.

A tua mão está cansada?

(*“Acho que um pouco.”*)

Faremos uma pausa e continuaremos.

(*Pausa às 21:35. A Jane estava bem dissociada, o ritmo bom, o modo ativo, olhos abertos muitas vezes. Pensei que talvez continuasse sem pausa.*)

(Encontrámos o nosso gato, Catherine, no quintal do vizinho depois de anoitecer no domingo. A anca direita estava partida. Estivemos fora nesse domingo. Ao regressar ao fim da tarde, a Jane começou a ir lá fora procurar o gato quase de quinze em quinze minutos. Normalmente não faz isto. Por acaso a nossa roupa tinha ficado pendurada na cave desde o dia anterior por causa da chuva.)

(A Jane retomou com o mesmo modo ativo às 21:45.)

Ora bem, meu caro amigo, a técnica envolvida nas projeções será literalmente inestimável para ti.

Aprenderás através da experiência muitos e excelentes métodos que poderás usar em teu benefício. Através das projeções ficarás a conhecer a mobilidade e a estabilidade do eu interior, separado do aparelho físico.

Literalmente, a morte deixará de parecer assustadora. Já estarás familiarizado e treinado para sair do corpo físico. De uma conversa que ouvi, por assim dizer, nenhum de vós compreende propriamente a importância desse material. Para obterem os melhores benefícios, tinha de ser dado antes de projeções mais sérias da vossa parte, e não depois.

Tens um envelope para mim?

(“Sim.”)

(A Jane pegou nos envelopes duplamente selados para a nossa 76ª experiência. Depois, com os olhos abertos e muito escuros, levantou-se. Sorrindo amplamente, deu-me uma palmada na mão com o envelope, e andou para trás e para a frente brevemente, como fazia há muitas sessões.)

E vou dizer exatamente o que ambos disseram que eu diria.

(“O quê?”)

(Enfaticamente:) O material do Gibbs foi de facto descaradamente distorcido pelo meu amigo, o Ruburt.

(Ver página 139 da sessão 297. Foi dada uma previsão de que a Jane receberia um cargo docente no Elmira College. Isto foi a 26 de Outubro de 1966, quarta-feira, e previsto para 2 de Novembro, a quarta-feira seguinte. A 7 de Novembro, a Jane foi notificada de que não receberia o cargo.)

(Agora a Jane sentou-se. Segurou o envelope na testa, na horizontal como de costume, olhos fechados.)

Ora bem. Dá-nos um momento.

Um sete vezes seis, ou 42. São impressões.

Um método de eliminação. Uma impressão que não compreendo.
Gubatorial. (A Jane pronunciou como se estivesse a procurar a palavra.)
Azul. Algo no vernáculo.

A impressão de quadrados pequenos com círculos laranja, creio eu, no centro. Um oito quatro um. Ligação com uma monstruosidade, como um edifício monstruoso, talvez antigo vitoriano. A primeira impressão foi de monstruosidade, o resto é interpretação.

Liberdade de dar dois — dois iguais — dois a uma data, ou duas horas.

Uma missão com consequências imprevistas. Ligação com algo verde como um prado. Com um telefone ou chamada telefónica. Quatro por cinco. Uma explosão inicial. Uma visão cinzenta. Uma determinação e uma desvantagem.

Uma nota. Início de Novembro ou fim de Outubro. Um rabisco. Alguns números. Ligação com um distúrbio, e uma ligação distante com um crânio ou forma de crânio. J B.

Illia. (Minha interpretação. A Jane abanou o envelope. Os olhos abriram-se brevemente.) Não sei a que isto se refere, e talvez um F e um R.

Quatro dividido. A impressão explosiva de novo. Uma data acima, ligação com quadrados pequenos pretos. Algo idêntico a outra coisa. Ligação com um evento em Fevereiro. Um nove quatro três.

O rabisco de novo. Um desempenho inadequado. E algo relacionado com um nome. E uma palavra como *January* ou *Januarious*.

Algo como um brinquedo que está perdido. Latão. Não tenho a certeza aqui. A ligação leva a botões. Uma festa. 1731. Uma réplica real, ou algo a acontecer de novo, como uma comemoração. Laranja e roxo. Um artigo de papel, mas de fundo mais áspero do que liso. Talvez um papel colorido. Roxo.

A impressão de algumas formas redondas nele, ou ligadas a ele, de cor laranja. E uma criança.

Têm perguntas? 1961.

(“O que é essa ligação Gubatorial?”)

Não tenho a certeza disto. Um magistrado. Uma eleição de algum tipo. Qualquer um destes. Uma autoridade.

(“Está bem, acho que é tudo então.”)

Podes fazer a tua pausa.

(Pausa às 22:03. A Jane disse que estava bem dissociada. Os olhos abriram-se brevemente algumas vezes. Disse que poderia ter tido imagens mas que não as conseguia recordar até chegar aos dados apropriados à medida que fazíamos as ligações.)

(Como esta experiência foi um pouco diferente, decidi não fazer muitas perguntas, preferindo ver que resultados se obtinham sem elas. Ver os desenhos nas páginas 152 e 153. Quando a Jane surgiu com os dados Gubatorial, fiz uma pergunta apenas sobre esses dados, e como esperava, ela esclareceu-os.)

(Escolhi o objeto da seguinte forma. No meu estúdio havia uma pilha de jornais antigos. A maioria deles era do The New York Times, diário e de domingo. Retirei alguns jornais locais da pilha. De costas para a pilha, puxei uma secção sem olhar para ela e rasguei um pedaço de uma página. Dobrei isto atrás das costas até ter a certeza de que caberia entre os Bristols duplos habituais, e nos envelopes duplos.)

(Ainda sem olhar para o papel que tinha escolhido como objeto, selei-o nos envelopes. Depois peguei na secção de onde o objeto tinha sido tirado, fechei os olhos, procurei às apalpadelas uma estante do chão ao teto no estúdio, e coloquei o jornal numa prateleira alta para não o ver normalmente.)

(Este procedimento deixou-me apenas a saber uma coisa sobre o objeto: que vinha de alguma secção do The New York Times, data desconhecida. A Jane e eu muitas vezes especulámos sobre o papel que a telepatia desempenha nas experiências com envelope, uma vez que normalmente estou consciente do objeto em detalhe. Achei que o método usado esta noite poderia tornar a telepatia vulgar mais difícil de a Jane captar. Assim foi, achamos que os resultados foram bons; o Seth, evidentemente, leu clarivamente o objeto. Se recebeu alguma ajuda de mim, foi telepatia em segunda instância.)

(Quando estas experiências começaram o Seth disse-nos que funcionava bem clarivamente. Também citou alguns exemplos onde a telepatia da minha parte ajudou. [Perdi o objeto do envelope desta sessão há anos, por isso só posso mostrar a página inteira do Times nas páginas 151 e 152. Junho de 2000.]

(Depois da experiência terminar, a Jane abriu os envelopes e eu peguei no jornal de onde o objeto tinha sido tirado. Aconteceu que tinha escolhido a Secção Um do The New York Times de domingo, 6 de

Novembro de 1966, e dela tinha rasgado o objeto das páginas 11 e 12. Também se verificou que eu tinha folheado essa secção do jornal de forma casual — sem me lembrar das páginas em questão, 11 e 12 — e que a Jane nunca a tinha visto.)

(O Seth não voltou para nos ajudar; entretanto fizemos as nossas próprias ligações. A Secção Um do Times tinha muitas páginas, como é habitual ao domingo. Por isso, eu e a Jane decidimos arbitrariamente limitar as interpretações e ligações ao objeto em si e à única página — 11/12 — de onde foi arrancado. Estes dois itens estão arquivados juntamente com a primeira página da secção.)

“O sete vezes seis, ou 42.” (Há muitos números em ambos os lados do objeto e na sua página-mãe, 11 e 12, uma vez que a página apresenta vendas de roupas de cama, cobertores, lençóis, fronhas, etc., todos por tamanho, cor e dimensão. Há um 42 na página 12 do jornal de onde o objeto foi retirado. Ver página 153. Na parte superior direita de um anúncio, são citadas fronhas: 42 x 36 polegadas, etc.)

“Um método de escoamento.” (As vendas são certamente métodos de escoamento, e as vendas são abordadas em ambos os lados do objeto, incluindo o uso da palavra venda, várias vezes. [2.000. Gostava de ter o objeto para mostrar. Perdi-o há anos!])

“Uma impressão que não percebo. Gubatorial, azul. Algo do vernáculo.” (Isto consideramos como um dado excelente. A Jane hesitou um pouco em gubatorial, embora eu não tenha tido dificuldade em registrar a afirmação dela aqui. O dado torna-se ainda mais claro ao responder à única pergunta feita. O objeto mostra vendas do dia de eleições em ambos os lados. Dado que as eleições do Estado de Nova Iorque, incluindo a de governador, ocorreriam a 9 de Novembro, é evidente que a Jane estava a tentar chegar à palavra gubernatorial, com a qual não está particularmente familiarizada a nível consciente.)

(Ver páginas 152 e 153. Vendas do Dia de Eleições são mencionadas especificamente nos títulos das vendas descritas nas páginas 11 e 12, de onde o objeto foi arrancado. Gubernatorial é uma palavra do vernáculo. Azul é mencionado tanto no objeto em si, no lado da página 11, na frase: raposa azul natural norueguesa... etc.; e está rasgado na página 12 na linha que refere uma venda de cobertores térmicos: branco, verde, rosa, azul, dourado. Azul também surge na página 12 da folha inteira, numa

lista de cores para lençóis imperfeitos em saldo, e noutros pontos na página 11/12.)

“A impressão de pequenos quadrados com laranja, creio eu, círculos no centro.” (Não temos a certeza. Não há laranja no objeto, nem na página 11/12, por exemplo. A Jane teve aqui uma imagem mas agora não a consegue descrever.)

“Um oito quatro um.” (No lado da página 11 do objeto há uma sequência de números: 189,95 no fundo da ilustração, e um: 18, 14 ½ a 22, no fundo de uma caixa à esquerda, no mesmo lado.)

(Ver o artigo indicado no canto superior esquerdo da página 12 da folha inteira, página 153. O artigo trata dos esforços de um padre para construir um seminário em Portugal. A ordem do padre, os Dominicanos, tinha sido expulsa de Portugal em 1834 e readmitida em 1940.)

(Como o Seth não voltou, não temos a certeza se alguma destas três interpretações se poderá aplicar de forma distorcida ao dado 1841.)

“Ligação com uma monstruosidade, como de um edifício monstruoso, talvez vitoriano antigo. A primeira impressão foi de monstruosidade, o resto é interpretação.” (Ver o artigo indicado no canto superior esquerdo da página 11 da folha inteira de onde o objeto foi arrancado, página 152. Isto diz respeito à população prisional das prisões de Portugal e ao próprio sistema prisional. É discutida no artigo a construção de uma rede de estabelecimentos modernos, para “substituir algumas grandes prisões antiquadas”, etc. Outras referências incluem frases como “as prisões eram de nível muito baixo”, etc.)

(Pode também haver uma ligação entre monstruosidade e a ideia geral de crime, que é amplamente discutida no artigo.)

“Oferta liberal de dois — dois iguais — dois numa data, ou 2:00 horas.” (No extremo esquerdo do lado da página 11 do objeto está a secção inferior de um anúncio de oferta de emprego da Macy’s em Nova Iorque. Um dos títulos em tipo maior é: Quer um emprego com descontos liberais?)

(Há muitos algarismos 2 em ambos os lados do objeto. Ver páginas 152 e 153, mais o [objeto em falta], etc. No lado da página 11 do objeto está a linha em tipo mais pesado: vison macho natural de 2 peles, etc. No lado da página 12 do objeto está a palavra twin.)

“Uma missão com consequências imprevistas.” (O artigo na página 12 do jornal, sobre o seminário dominicano em Portugal, trata da viagem

anual aos Estados Unidos de um padre, Rev. Fernandes, numa missão de angariação de fundos. O subtítulo do artigo também diz: “Projeto em Portugal apoiado por fundos angariados nos E.U.A. ”.)

“Ligação com algo verde como um prado.” (O mesmo artigo descreve com algum detalhe como a ordem dominicana em Portugal converteu uma antiga quinta num novo seminário, que é “em grande parte auto-suficiente, tendo a sua própria cozinha, lavandaria, reservatório, quinta, pomar e horta, e vinhas”, etc.)

(No grande anúncio à direita do artigo na página 12 há uma referência a lençóis verde menta, em tipo relativamente pesado, também.)

“Com um telefone ou chamada telefónica.” (No lado da página 11 do objeto há uma linha de texto por baixo da ilustração e mesmo acima da última linha: Desculpe, sem correio ou telefone. No lado da página 12 do objeto, em baixo, há três linhas de tipo pequeno com muitos números de telefone e endereços da cidade de Nova Iorque. Acima disto está a linha: Encomendas por correio e telefone preenchidas. Etc.)

“Quatro por cinco.” (Não sabemos. Há muitos 4’s e 5’s tanto no objeto em si como na folha inteira de onde foi tirado.)

“Uma explosão inicial.” (A Jane disse que está subjetivamente certa de que isto é uma associação pessoal dela, levando ao anúncio na folha inteira da página 12 para cobertores térmicos, mesmo acima do objeto, à direita. Note-se a palavra: Calor!, com térmico logo abaixo. Para a Jane, a implicação de calor leva a explosão, etc.)

“Uma vista cinzenta.” (Em ambos os lados do objeto podem ver-se partes de ilustrações em meios-tons, ou cinzentas. A loiça publicitada no lado da página 12 do objeto também é de louça branca com decoração cega em relevo ao longo da borda. Assim, projetam sombras cinzentas.)

(Talvez a referência a vista em vista cinzenta se refira a um pequeno artigo no lado da página 11 da folha inteira, na coluna um. Trata-se de um banco de olhos no Ceilão para ajudar civis sul-vietnamitas. Poderá vista cinzenta referir-se a visão nublada, percepção de cor baça? Ver página 152.)

“Uma determinação e uma desvantagem.” (A Jane disse que isto é uma referência que surge do conjunto de louça mostrado no lado da página 12 do objeto. Diz respeito ao facto de estarmos a comprar um conjunto de louça para nós no supermercado do Loblaw’s; a Jane disse que estava determinada a conseguir um conjunto de louça adequado às

nossas necessidades. A desvantagem, no entanto, é que obter o conjunto desta forma é muito mais caro do que ela tinha calculado.)

“Uma nota.” (Demasiado geral? O objeto está coberto de palavras em ambos os lados, claro. Nota, referente ao correio, é referida nas linhas de correio e telefone de ambos os lados do objeto, como mencionado nos dados telefônicos interpretados na página 159.)

“Princípios de Novembro ou finais de Outubro.” (O objeto foi arrancado da página 11/12 do New York Times de 6 de Novembro de 1966. O objeto também contém referências às vendas do dia de eleições marcadas para 9 de Novembro.)

“Um rabisco.” (Sem ligações.)

“Algumas figuras.” (Ambos os lados do objeto contêm muitos números. Também no lado da página 11 do objeto podem ver-se partes de duas figuras femininas — um pé, e a bainha e os joelhos de outra modelo. Na página inteira 11 estão as figuras de cinco mulheres, a mostrar os novos estilos de casacos de outono. Ver página 152.)

“Ligação com um distúrbio”, (é, disse a Jane, uma possível referência ao artigo sobre o sistema prisional em Portugal, na coluna um da página 11 da folha inteira. São dados muitos números no artigo, tratando vários tipos de crime, etc., bem como o novo sistema prisional que substitui os edifícios antigos, etc.)

“E uma ligação distante com um crânio ou forma de crânio.” (Isto, disse a Jane, é uma referência aos rostos das cinco modelos mostradas na página inteira 11, com as partes inferiores de duas delas visíveis no próprio objeto. Nas fotos todas as mulheres usam os novos chapéus justos que tapam o cabelo. Estes chapéus realçam os rostos e dão-lhes um aspeto de crânio ou de ovo.)

“J. B.” (Sem ligações.)

“Illia. Não sei a que isto se refere.” (Illia é a minha interpretação do que a Jane disse, com alguma ênfase. A única palavra que se aproxima remotamente disto é Aldeia Nova, e encontra-se no artigo da página 12 da folha inteira, sobre o Seminário Dominicano em Portugal. Ver página 153.)

(Uma possível distorção de azul água, encontrado na mesma página à direita, numa lista de cores de lençóis?)

“Quatro dividido.” (Quatro dividido dá dois, se esta for a interpretação correta. Há referências envolvendo dois em ambos os lados

do objeto e na folha de onde foi arrancado. Por exemplo, no lado da página 11 do objeto: vison macho natural de 2 peles; no lado da página 12: tamanho twin, etc.)

“A impressão explosiva novamente.” (Ver a interpretação de Explosão Inicial na página 157.)

“Uma data acima, ligada a pequenos quadrados pretos.” (Ver páginas 152 e 153. Note-se que o objeto foi arrancado da parte inferior da página do jornal, colocando assim a data, 6 de Novembro de 1966, evidentemente acima dele.)

(Talvez os pequenos quadrados pretos se refiram ao tipo de letra? Além disso — a Macy’s Herald Square é mencionada duas vezes no lado da página 11 do objeto.)

(“Algo idêntico a outra coisa.” Podem existir várias interpretações. As vendas, como indicado em ambos os lados do objeto, implicariam muitos itens idênticos em saldo, em cada categoria. E, novamente, há a referência a twin no lado da página 12 do objeto.)

(Ou a referência a idêntico pode simplesmente dizer respeito ao facto de uma venda ser mencionada em ambos os lados do objeto.)

(“Ligação com um evento de Fevereiro.” Sem ligações.)

(“Um nove quatro três.” O ano de 1943 é mencionado no artigo sobre o Seminário Dominicano, na página 12 da folha inteira de onde o objeto foi arrancado: começou em 1943, três anos depois de a Ordem Dominicana ter sido readmitida, etc.)

(“O rabisco novamente.” Sem ligações.)

(“Um desempenho inadequado.” A Jane disse que acha que isto é uma referência ao artigo sobre as prisões de Portugal, na coluna um da página 11 da folha inteira. O artigo apresenta parte da história das prisões portuguesas, mencionando os baixos padrões do passado, a sobrelotação, etc.)

(“E algo relacionado com um nome. E uma palavra como Janeiro ou Januarius.” Estes são dados subjetivos bons para a Jane, e referem-se ao artigo sobre o Seminário Dominicano na página 12 da folha inteira. A Jane está bem informada sobre assuntos religiosos. Em criança, como católica, teve uma professora chamada Irmã Januarius na escola primária. Ainda se lembra bem dela, pois deixou-lhe uma boa impressão.)

(Eu e a Jane questionamo-nos sobre a coincidência de eu ter selecionado, pelo método cego na página 158, uma página de jornal que

apresenta um artigo sobre religião, e logo sobre a religião católica. Ver página 153. Religião é um dos pontos fortes da Jane.)

(*“Algo como um brinquedo que está fora do lugar.” Isto poderia implicar algo perdido, e brinquedo poderia implicar uma oferta ou crianças, talvez. Especulamos se estes dados se referem ao pequeno artigo sobre o banco de olhos do Ceilão, na coluna um da página 11 da folha inteira, de onde o objeto foi arrancado. Ver página 152.*)

(*O artigo afirma que uma oferta de olhos para enxertos de córnea... para civis sul-vietnamitas, na sua maioria crianças... sem discriminação... e alguns vietcongues... seria feita. Poderá haver uma ligação entre fora do lugar e o medo de discriminação, tal como detalhado no artigo?*)

(*“Latão.” Não tenho a certeza aqui. A ligação leva a botões.*) (Ver página 152, para um esboço da folha inteira de onde o objeto foi arrancado. Cinco modelos femininas vestem casacos, e muitos botões são visíveis nos casacos. Os botões parecem, no entanto, ser forrados a tecido, nas fotografias.)

(*“Uma festa.” Há uma referência a festa, no sentido de companhia, na página 12 da folha de onde o objeto foi arrancado, no canto inferior esquerdo. O texto aqui refere-se ao conjunto de loiça branca, parte do qual também é mostrado no próprio objeto. O texto publicitário elogia as virtudes da loiça branca Rosemont: ...não hesitará em usá-la todos os dias, e também a exibirá quando tiver visitas.*)

(*Uma referência a festa, talvez menos provável, pode encontrar-se também na página 11, novamente no canto inferior esquerdo. Ver página 152. Aqui a palavra Natal é usada em ligação com um emprego de Natal na Macy’s.*)

(*“1731.” Sem ligações. O ano mais antigo referido em qualquer uma das páginas 11 ou 12 é 1834, no artigo sobre o Seminário Dominicano, página 12. Há um preço de \$15,96 indicado para um dos casacos apresentados na página 11.*)

(*“Uma réplica real, ou algo que acontece de novo, como uma comemoração.” Estes são bons dados e referem-se ao artigo sobre o Seminário Dominicano na página 12. Entre outras coisas, o artigo descreve como o líder do seminário, Padre Fernandes, irá organizar uma peregrinação de americanos a Fátima em Maio de 1967. O grupo também assistirá à inauguração de uma capela no seminário em Aldeia Nova, que ficará concluída no início do próximo ano. O artigo afirma então: A data*

coincide com as celebrações do 50.º aniversário em Fátima, onde o Papa poderá possivelmente presidir.)

(*“Laranja e roxo.” Novamente sem ligações, a menos que se possam fazer a partir da lista de cores de lençóis na folha inteira da página 12: bege suave, azul pastel, rosa pastel, verde menta, névoa de orquídea [a Jane disse que isto seria um roxo], azul água, amarelo. Ou as cores listadas para os cobertores térmicos, cuja lista é parcialmente visível no lado da página 12 do objeto: branco, verde, rosa, azul, dourado.*)

(A Jane achou possível, mas improvável, que a ideia do anúncio dos cobertores térmicos tenha dado origem à cor laranja, ou quente.)

(*“Um artigo em papel, mas com fundo mais áspero do que liso.” O objeto é um artigo em papel. E sendo de jornal, é de um fundo mais áspero do que liso. Ou seja, o papel de jornal grosso versus, por exemplo, um papel de revista com acabamento.*)

(*“Talvez um papel colorido.” Como foi dito, o objeto é a preto e branco, com vários tons de cinzento, impresso em branco. As cores são mencionadas no lado da página 12 do objeto, no anúncio dos cobertores térmicos, e claro, em ambos os lados da folha inteira de onde o objeto foi arrancado.*)

(*“Roxo.” Novamente, não temos a certeza.*)

(*“A impressão de algumas formas redondas nele, ou ligadas a ele, de laranja.” A foto da loiça no lado da página 12 do objeto contém formas redondas, por exemplo, mas apenas em tons de cinzento e preto.*)

(*“E uma criança.” Como já foi dito, as crianças são mencionadas no artigo do banco de olhos do Ceilão na coluna um da página 11 da folha inteira de onde o item foi retirado. Ver página 152. Citação do artigo: o oftalmologista ... disse que os beneficiários seriam... civis vietnamitas, na sua maioria crianças, etc.*)

(A Jane especulou que a menção ao Natal, logo abaixo deste artigo na página 11, em ligação com um emprego de Natal na Macy's, poderá ter dado origem à associação com dados sobre crianças.)

(1961. Sem ligações. Há várias datas de anos recentes e antigos mencionadas nos artigos noticiosos em ambas as páginas 11 e 12 do jornal, mas não 1961. Nem existem preços de \$19,61 em nenhum item publicitado, ou tamanhos com esse valor, no item em si ou na folha inteira.)

1.^a Pergunta: Qual é essa ligação gubatorial? “Não tenho a certeza disto. Um magistrado. Uma eleição, de certa forma. Qualquer uma destas. Uma autoridade.” (A Jane respondeu de forma brilhante a isto, quando procurei mais dados sobre o “Gubatorial—vernacular” interpretado na página 159. Ver páginas 152 e 153. Pode ver-se que as vendas do dia de eleições são mencionadas em tipo grande em ambos os lados das páginas 11 e 12 do New York Times de 6 de Novembro de 1966. As eleições do Estado de Nova Iorque ocorreriam na terça-feira seguinte, 8 de Novembro, e incluíam o concurso para governador.)

(Omitido anteriormente, após os dados de Illia: “E talvez um F e R.” Podemos encontrar referências a F e R tanto no objeto como na página de onde foi arrancado, sem saber se alguma delas será correta. Estas incluem letras de telefone, nomes pessoais, etc. No artigo sobre o Seminário Dominicano, por si só, encontramos: Padre Fernandes; Fátima; São Francisco Xavier; Padre Abel Faria, etc.)

(Termina às 11:17. Lamento muito ter perdido o envelope-objeto para esta sessão.)

SESSÃO 301

16 DE NOVEMBRO DE 1966

(As sessões marcadas regularmente para 9 e 14 de Novembro não se realizaram porque estávamos demasiado ocupados.)

(A Jane começou a falar em transe, numa voz calma com pausas curtas, abrindo os olhos de vez em quando.)

“Boa noite.”

(“Boa noite, Seth.”)

Passámos muitas sessões no passado a discutir a natureza da ação. Perceberam, quando terminámos, que captam apenas um vislumbre muito breve de uma pequena parte da ação tal como ela existe. A nível consciente percebem ainda menos do que isso.

A ação e a consciência estão para sempre ligadas, e discutimos a estrutura da personalidade a partir deste ponto de vista. A ação é percebida dentro do vosso sistema de forma eletromagnética, em termos de intensidades. A personalidade, tal como a conhecem, é apenas o resultado da ação tal como a percebem em certos agrupamentos num dado momento.

À medida que se tornam conscientes das dimensões maiores da ação, também se tornarão mais conscientes do que é a personalidade. Já vos disse que existem em mais dimensões do que aquelas de que têm conhecimento. Agora, estas têm sido referidas por alguns como planos astrais. Representam simplesmente realidades com as quais não estão familiarizados a nível consciente, e abrangem as distorções dos vossos elementos de tempo, de modo que porções maiores do presente espaçoso se tornam aparentes.

Dentro deles podem frequentemente perceber tanto o vosso passado como o vosso presente em simultâneo, mas isto sempre foi uma característica do eu total, em qualquer caso. O eu total não está limitado por nenhum sistema. Em várias alturas, mais das capacidades do eu total invadem, por assim dizer, o sistema do ego. Tornam-se então conscientes de ações que vos escaparam antes. Isto ocorre muitas vezes com a ajuda do estado de sonho.

Existem comunicações entre todas as partes do eu, e todas as partes da personalidade; ou melhor, partes do eu total funcionam como aquilo a que podem chamar um supra-eu. O Ruburt referiu-se a isto como uma supraconsciência. Esta é a identidade, a identidade total, das várias partes do eu que operam dentro de vários sistemas. Para este supra-eu, claro, o vosso futuro do ego pode ser facilmente visto.

Todas as partes, claro, existem em simultâneo. O supra-eu, em certas condições, torna-se-vos conhecido, por vezes em sonhos. Muitas vezes é o vosso eu que assume o controlo em estados de projeção. Está muito próximo da entidade. É em grande parte devido às suas capacidades que os processos criativos são usados, mas dificilmente compreendidos pelo ego. Em muitos casos, este supra-eu já está, por assim dizer, a mover-se para sistemas completamente novos. Está, naturalmente, consciente das vossas reencarnações enquanto indivíduos, mas estas não são passado nem futuro para o eu.

De certa forma, o eu representa aquilo que serão, nos vossos termos temporais, representa o vosso mais alto potencial. Mas, basicamente, o supra-eu já existe, percebem, pois todos os potenciais estão realizados. O supra-eu pode ser sentido por vezes, quase como poderiam sentir outra presença. Já fazem parte dele, naturalmente.

Existe um conhecimento intrínseco em cada indivíduo da existência do supra-eu, e a sua imagem está indelevelmente impressa. É o modelo

desejado e procurado, contra o qual medem psiquicamente o vosso eu presente.

Podem fazer uma pausa.

(Intervalo às 21:25. A Jane estava dissociada como habitual. O seu ritmo tinha acelerado, os olhos abriam-se muitas vezes, e retomou do mesmo modo às 21:34.)

Quando percebem apenas a personalidade presente, estão simplesmente a perceber uma pequena parte da ação. Perceber mais da ação envolve imediatamente mobilidade, e não falo em termos de espaço. O ato de perceção em si envolve mobilidade através de intensidades, e as muitas facetas da consciência só podem ser experimentadas como resultado direto dessa mobilidade interior.

Agora estão a olhar para a personalidade com o ego como ponto de partida. Outras partes da personalidade, no entanto, percebem ou tentam perceber o eu total a partir do seu próprio ponto de partida. O ego é visto sob uma luz bastante diferente quando é experienciado por outras partes do eu. Não é visto — isto foi um termo pobre — tanto quanto é experienciado, pois nenhuma parte da personalidade pode ser vista como um objeto.

O ego é a única parte do eu que considera os objetos físicos como algo mais do que símbolos. É altamente difícil para outras partes do eu experienciarem o ego por esta razão. O ego, embora esteja sempre a mudar, é um dos aspetos mais rígidos da identidade. Para o eu interior nem casa nem paredes existem. São percebidas apenas como ideias vagas e auto-limitadoras da parte do ego.

A morte simplesmente não existe para a personalidade total. Só as partes orientadas fisicamente do eu aceitam isto como uma finalidade. *(Pausa longa.)* Sempre que usam capacidades que vos parecem supernormais, estão a recorrer à capacidade do supra-eu. É o eu total, e ainda assim mais do que a soma das suas partes. É ação altamente consciente e bastante capaz de mudar os seus componentes. Consiste também, claro, nos eus prováveis de que já falámos, e une e dirige porções de ação infinitamente maiores do que o possível para a personalidade física.

Agora, dirige e organiza esta ação, tal como, por exemplo, a vossa personalidade física dirige e organiza grandes porções da vossa imagem física. *(Pausa longa.)* Pode eventualmente ter uma identidade matemática, ou pode ser descoberto matematicamente. Todas as personalidades dentro

dele são independentes e sobrevivem como elas próprias, mas é apenas parte de uma identidade maior — o que quer dizer que está, por si só, dentro da esfera de outro sistema ou gestalt de organização psicológica.

No entanto, mantém a sua identidade, percebem, enquanto participa, na medida do seu desejo e capacidade, nos aspetos superiores deste gestalt maior. Tal como vocês, de acordo com o vosso desejo e capacidade, podem participar nas qualidades superiores do vosso supra-eu.

Podem fazer uma pequena pausa e continuaremos.

(Intervalo às 21:53; retoma às 22:07.)

Agora. Este supra-eu pode ser invocado. As suas capacidades podem ser usadas — são-no até certo ponto em projeções, quer a partir do estado de vigília quer do estado de sonho.

A consciência da existência do supra-eu é em si de grande benefício. O autor do novo livro do Ruburt chama a isto Deus, e estou simplesmente a dizer-vos o que é. O supra-eu é de facto uma parte de um gestalt superior, que faz parte de um outro gestalt de consciência ainda mais elevado. Isto é verdade. Mas este supra-eu é vocês de uma forma altamente pessoal, e é superior em muitos aspetos. Controla e organiza porções maiores de ação.

Funciona em vosso benefício quase automaticamente em qualquer caso, pois o vosso benefício é o benefício dele, percebem, e as suas energias estão sempre à vossa disposição. Isto não quer dizer que dependam dele. São independentes no que diz respeito às ações que escolhem realizar. No entanto, fazem parte do vosso supra-eu, pois é um eu que se tornarão, nos vossos termos temporais. Noutros termos, é o eu que são; podem invocar, portanto, a vossa própria supraconsciência, embora não devesse haver razão para o fazer.

Funciona dentro de vocês e para vocês em qualquer caso. A consciência da sua existência, no entanto, tem elementos fortemente reconfortantes a nível consciente. Percebem que não estão na base da pirâmide, por assim dizer. Existem personalidades “menores”, digamos assim, dentro de cada personalidade física dominante, e identidades menores, bastante independentes, dentro de cada sistema pessoal. Para estas, a personalidade física pareceria um supra-eu.

Agora, vamos encerrar a nossa sessão. Os meus mais calorosos desejos para ambos. E os meus parabéns. Ajudaram o vosso gato a progredir tão bem.

(“Boa noite, Seth.”)

(Termina às 22:15. A Jane disse que estava razoavelmente bem dissociada, e que esteve assim durante toda a noite. Até onde sabia, disse, não tinha lido nenhum material ultimamente que pudesse ter dado origem ao conteúdo da sessão.)

(Cópia preliminar do artigo de jornal usado como objeto envelope, no 77.º experimento na 302.ª sessão, para 21 de Novembro de 1966.)

SESSÃO 302

21 DE NOVEMBRO DE 1966

(O objeto para o 77.º experimento do envelope era uma cópia de um artigo do The Saratogian, o jornal diário de Saratoga Springs, NY; foi impresso em Setembro de 1950 e guardado pela Jane como recordação, e também porque foi ela que o escreveu. Descreve a sua eleição como presidente do Conselho de Alunos Externos do Skidmore College, em Saratoga. Ver as cópias preliminares nas páginas 168 e 169.)

(Indiquei os pontos principais de ambos os lados do objeto à máquina; na realidade, estava impresso em duas colunas, em vez de uma como indiquei. A Jane viu o objeto há cerca de três semanas quando estava a arrumar alguns papéis. Escolhi este item depois de o encontrar perdido entre alguns jornais, prestes a ser deitado fora. Coloquei-o entre os habituais dois pedaços de Bristol e depois selei-o nos envelopes duplos normais.)

(A Jane começou a falar em transe com os olhos fechados, o ritmo e a voz normais.)

“Boa noite.”

(“Boa noite, Seth.”)

Toda a ação é gerada por trás e ainda assim dentro de tudo aquilo que parecem ver.

Não é gerada a partir do mundo objetivo. O mundo objetivo é o resultado final de uma ação interior. Podem de facto manipular o mundo objetivo a partir do interior, pois este é o meio e a definição de manipulação.

Fazem-no no estado de sonho. Fazem-no no estado de vigília. Devem existir, portanto, ligações definidas entre a energia interior e o mundo dos objetos. Existem métodos e meios, ocultos para o ego, pelos quais o universo físico tal como o conhecem é constantemente criado e mantido.

(*Sublinhem tal como o conhecem.*)

No passado discutimos alguns destes métodos brevemente. Fizemos alusão a eles quando discutimos as enzimas mentais, mas não estavam prontos para uma discussão mais profunda.

(*O Seth falou sobre enzimas mentais nas sessões muito iniciais, há quase três anos. Ver o Volume Um das Sessões Iniciais.*)

Os pensamentos e imagens formam-se em realidade física e tornam-se factos físicos. São impulsionados quimicamente. Um pensamento é energia. Começa a produzir-se fisicamente no momento da sua concepção.

As enzimas mentais estão ligadas à glândula pineal. As substâncias químicas, tal como as conhecem, as substâncias químicas do corpo, são físicas, mas são os propulsores desta energia-pensamento, contendo dentro de si todos os dados codificados necessários para traduzir qualquer pensamento ou imagem em realidade física. Fazem com que o corpo físico reproduza a imagem interior. São faíscas, por assim dizer, que iniciam a transformação.

As substâncias químicas são libertadas pelo corpo através da pele e dos poros, numa formação pseudofísica invisível mas definida. A intensidade de um pensamento ou imagem determina em grande parte a rapidez da sua materialização física. Não há objeto à vossa volta que não tenham criado. Não há nada na vossa imagem física que não tenham feito.

O pensamento ou imagem inicial existe dentro do invólucro mental de que falei. Ainda não é tornado físico. Surge dentro do sistema físico, mas separado dele. Depois é impulsionado para a materialização física. Este é o procedimento geral. Nem todos os pensamentos ou imagens são completamente materializados, contudo. A intensidade pode ser demasiado fraca. Há uma espécie de luta entre ideias para se expressarem. A reação química desencadeia certas cargas elétricas, algumas dentro das camadas da pele. Há radiações então através da pele para os mundos exteriores, contendo informação e instruções altamente codificadas.

O ambiente físico pode ser visto, de muitas formas, como extensões diretas do eu físico. Formações físicas de outras imagens, percebem, irradiam para fora; estas sujeitas a mudança contínua, tal como a imagem física, e tudo isto reflete a ação interior e básica.

O ambiente físico é tanto uma parte de vocês, basicamente, percebem, como a imagem física. O vosso controlo sobre ele é bastante eficaz, pois criam-no tal como criam a vossa ponta do dedo. Não estão conscientes,

sublinhado conscientemente, do vosso controlo sobre o objeto físico que pode ser tocado por essa ponta do dedo.

Os objetos físicos são feitos ou construídos do mesmo material pseudofísico que irradia para fora da imagem física, apenas a massa de intensidade mais elevada é diferente. Quando se acumula o suficiente, reconhecem-no como um objeto. Em massa de baixa intensidade não vos é aparente.

Podem fazer uma pequena pausa e continuaremos.

(Intervalo às 21:27. A Jane estava dissociada como habitual. O seu ritmo acelerou um pouco e os olhos abriram-se ocasionalmente enquanto avançava. Retomou às 21:34.)

Cada nervo e fibra dentro da imagem física tem um propósito interior que não é visível, e que serve para ligar o eu interior à realidade física — por outras palavras, que permite ao eu interior criar a realidade física.

A imagem física é uma parte da realidade objetiva. Isto não deve ser ignorado, quando se fala do eu. Num certo sentido, a imagem física e os objetos físicos projetam-se em todas as direções a partir do núcleo interior do eu total. Há sempre ímpeto, ação e movimento; isto é, de intensidades e não de espaço.

Um pensamento é de facto mais rápido do que uma locomotiva. Ou um foguetão.

Têm um envelope para mim?

(“Sim.”)

(Com os olhos fechados às 21:38, a Jane pegou nos envelopes para o 77.º experimento. Segurou-o levemente contra a testa, como de costume, na posição horizontal.)

Deem-nos um momento, por favor. *(Pausa.)* Estas são impressões. Sete. Uma ligação com muitos pequenos quadrados coloridos. Isto lembrou, no entanto, o Ruburt da tua pintura op.

Uma circunvenção. Algo a contornar. Ligado a uma semana em particular, ou a um período de sete ou catorze dias. Ligação com uma montanha. Ou cume alto. *(Pausa.)* E um triângulo.

Uma nota. Quatro eventos, intimamente relacionados. Talvez mencionados na nota. Ou quatro pessoas ligadas a um evento, mencionado numa nota.

Ligação com Julho ou Janeiro, creio; talvez com 1963. Com um urso. Não sei a que isto se refere.

Um nome ou local começado por D. Ligação com um advogado ou solicitador. Uma tentativa inicial, seguida de outras. Um interruptor de luz ou de parede. Um compromisso imediato ligado a outro compromisso. Menção de uma hora, talvez 2 ou 12. (*Pausa.*) Com civil, ou direitos civis. Ligação distante com um comboio, e também com um número de série.

Têm perguntas?

(*“Qual é a cor do objeto?”*)

Ligação com um amarelo alaranjado branco. Com algo inepto, talvez. Não formalizado. Talvez mal feito, embora não creia que esta impressão deva ser levada exatamente tão longe. Mais indefinido, talvez.

(*“Podes dar-nos mais sobre o período de 7 ou 14 dias?”*)

Fortemente ligado a, ou mencionado, no item.

(*“Qual é essa ligação com o advogado?”*)

(*Pausa.*)

Não tenho a certeza. Leis ou éditos.

(*“Podes dizer algo mais sobre as quatro pessoas?”*)

Dois homens e duas mulheres, creio eu.

(*“O que é isso do triângulo?”*)

Estava atrás desta forma de montanha, que parecia triangular, um triângulo com a sensação de altura, ou o ápice ou ponto alto de um episódio.

(*“Queres nomear o objeto?”*)

Parece uma nota, com algo mais nela — como uma nota em combinação com outra coisa. Imagens ou símbolos numa nota.

(*“Qual é esse nome ou local começado por D?”*)

O Ruburt aqui, claro, pensaria em Delmer. Não posso dizer mais sobre o D.

(*“Podes dizer mais sobre os quadrados coloridos?”*)

Púrpuras e amarelos — muitas cores. Laranja e vermelho.

(*“O que são eles?”*)

Num objeto maior.

(*“Qual é a forma do objeto?”*)

Creio que retangular.

(*“Podes dizer algo sobre as duas mulheres?”*)

Um aparente delito, ligado a uma delas. Mais jovem em vez de mais velha.

(*“Algumas iniciais?”*)

B ou C.

(“Pronto, acho que é tudo então.”)

(Intervalo às 21:55. A Jane estava fora como de costume e os olhos mantiveram-se fechados. Manteve o envelope contra a testa até quase ao fim do experimento. Disse que não teve imagens, exceto a profusão de pequenos quadrados coloridos. O ritmo tinha sido bom, as pausas curtas.)

(Ver a cópia preliminar do objeto-envelope nas páginas 168 e 169, e as notas na página 170. O Seth não voltou depois do intervalo, por isso eu e a Jane tivemos de fazer as nossas próprias ligações entre o objeto e os dados. Na verdade, encurtámos a sessão porque eu não me sentia bem. Mas achamos que a Jane esteve bem.)

(Como foi dito, o objeto é um artigo retirado do The Saratogian de Setembro de 1950. A Jane escreveu-o, pois tinha um emprego a tempo parcial no jornal enquanto frequentava o Skidmore College em Saratoga Springs, Nova Iorque. O objeto trata da eleição da Jane como presidente do Conselho de Alunos Externos no seu penúltimo ano, e a foto no topo do artigo mostra a Jane e as outras três membros femininas do conselho. Usam o “uniforme” em voga na altura — calças de ganga.)

(A dactilografia por baixo da foto e no verso resume o conteúdo das notícias no objeto. A Jane viu o objeto pela última vez há cerca de três semanas, mas não sabia que estava na minha posse em particular, quando decidi usá-lo como objeto. Dobreio uma vez, como indicado na página 168, antes de o inserir nos habituais envelopes duplos.)

(Segue-se as ligações que eu e a Jane fizemos:)

(“Sete.” Ver a cópia por baixo da foto do objeto, página 168. Há um sete no endereço de uma das quatro membros do conselho, Orlyn Barron, filha de... etc., 78 Court, Saratoga.)

(“Uma ligação com muitos pequenos quadrados coloridos. Isto lembrou, no entanto, o Ruburt da tua pintura op.” Como foi dito, a Jane teve imagens de pequenos quadrados coloridos. Não conseguimos ligá-los ao objeto, contudo; embora seja fácil ligá-los à minha pintura ótica do ano passado, que está pendurada aqui no apartamento. A pintura é composta por muitos quadrados de cor vibrante de cerca de dois centímetros.)

(“Uma circunvenção.” A minha interpretação envolve o artigo no verso do objeto. Ver página 169, e a minha adição, originalmente omitida e acrescentada nesta transcrição. O artigo noticioso diz respeito à Lei Feinberg, que explicita a intenção da Assembleia Legislativa do Estado de

Nova Iorque na Lei da Educação, relativamente à remoção de qualquer funcionário escolar por atos traiçoeiros ou subversivos. As linhas pertinentes na notícia são: *“Esta lei em nada viola os direitos constitucionais de liberdade de expressão, imprensa ou reunião. A Constituição foi feita para preservar o nosso governo, não para servir de ecrã protetor para aqueles que procuram destruí-lo...”*)

(A Jane acredita que circunvenção também pode relacionar-se com estas interpretações: o efeito circular obtido na foto do objeto, pela disposição das quatro raparigas, como mostrado na página 168; e a palavra GLOBE em maiúsculas no anúncio no canto inferior esquerdo no verso do objeto.)

(*“Algo a contornar.”* Possivelmente as mesmas três interpretações aplicam-se aqui, como para circunvenção.)

(*“Relacionado com uma semana específica. Ou um período de sete ou catorze dias.”* A Jane disse que estes dados são a tentativa do Seth de chegar às referências a “dia” que são proeminentes na frente do objeto. Note-se a manchete indicada na página 168: *“Estudantes Externos do Skidmore Elegem Membros do Conselho”*, além de outras referências a estudantes externos e ao conselho no artigo.)

(*“Ligação com uma montanha. Ou cume alto. E um triângulo.”* A Jane, novamente, disse que isto é uma referência à sua eleição como presidente do Conselho de Estudantes Externos — representa o seu maior feito na universidade, em termos de distinções, disse ela.)

(*“Uma nota.”* O objeto, sendo um recorte de jornal, contém texto impresso e está, conseqüentemente, intimamente relacionado com uma nota.)

(*“Quatro eventos, intimamente relacionados. Talvez mencionados na nota. Ou quatro pessoas ligadas a um evento, mencionado numa nota.”* O Seth está muito próximo aqui, pois o artigo na frente do objeto trata da eleição de quatro mulheres para o Conselho de Estudantes Externos do Skidmore College.)

(Omitido como possível interpretação dos dados sobre Montanha ou cume alto acima: a Jane notou que na frente do objeto o nome de uma das raparigas é Patricia McFarland. A Jane pensou que McFarland poderia ser desdobrado em “far land” (terra longínqua) e na ideia de uma montanha.)

(*“Ligação com Julho ou Janeiro, creio; talvez com 1963.” Sem ligações.*)

(*“Com um urso. Não sei a que isto se refere.” A Jane apontou que, tal como no caso de McFarland, bear (urso) poderia derivar-se do nome de uma das raparigas mencionadas na frente do objeto: Orlyn Barron. Ela também aparece na fotografia.*)

(*“Um nome ou lugar começado por D.” Uma das quatro mulheres eleitas para o conselho, e mostrada na foto, era Frances Donahue. A Jane também pensou que as várias referências ao Conselho de Estudantes Externos (Day Students Council) poderiam estar relacionadas com estes dados.*)

(*“Ligação com um advogado ou solicitador.” Todo o artigo noticioso indicado no verso do objeto, conforme mostrado na página 169, trata de leis, estatutos, Constituição, derrube, direitos, governo, etc., além da menção de dois nomes: Feinberg e Aronowitz. Feinberg patrocinou uma lei que leva o seu nome, e possivelmente é, ou foi, um legislador do Estado de Nova Iorque. Não sabemos a profissão do Sr. Aronowitz, que é citado no artigo através de uma palestra sobre a lei. Evidentemente está ligado ao Estado de Nova Iorque em alguma capacidade oficial.*)

(*Na frente do objeto, o artigo sobre o Conselho de Estudantes Externos também diz respeito a lei e governo, ligados ao Skidmore, etc.*)

(*“Uma tentativa inicial, seguida de outras.” A Jane estava um pouco incerta aqui, mas disse que a fotografia que encabeça o artigo na frente do objeto mostrava a primeira reunião do recém-eleito Conselho de Estudantes Externos; esta reunião, claro, foi seguida de outras.*)

(*“Um interruptor de luz ou de parede.” Ver a foto indicada no objeto na página 168. Um candeeiro de mesa é visível mesmo atrás da Jane. No verso do objeto — página 169 — no canto inferior esquerdo, ver novamente o anúncio para equipamentos elétricos Globe, etc.*)

(*“Um compromisso imediato ligado a outro compromisso.” A Jane não tinha a certeza, a não ser que estes dados fossem outra referência como a tentativa inicial, acima.*)

(*“Menção de uma hora, talvez 2 ou 12.” Sem ligações em termos de hora no objeto. O número 2 aparece no endereço de uma das mulheres do conselho na frente do objeto: “...filha do Sr. e Sra. James W. McFarland, 2 Glenbrook Rd...” etc.*)

(“Com civil, ou direitos civis.” Novamente, ver o artigo no verso do objeto, mostrado na página 169. Todo o tom da notícia sobre a Lei Feinberg e a Lei da Educação do Estado de Nova Iorque diz respeito à proteção dos direitos civis, e proteção pela Constituição; mas sem usar a constituição como esconderijo para subversivos, etc. Consideramos isto como dados excelentes.)

(“Ligação distante com um comboio.” Não temos a certeza. Se comboio significar viagem, o artigo na frente do objeto menciona que uma das membros recém-eleitas do conselho, Frances Donahue, regressou ao Skidmore depois de dois anos a praticar enfermagem na cidade de Nova Iorque.)

(“E também com um número de série.” Novamente não temos a certeza. No verso do objeto, no anúncio da Globe elétrica, há duas séries de números: 449 Broadway, e telefone 1505. No artigo noticioso acima, há uma menção à secção 3021 da Lei de Educação de Nova Iorque.)

1.^a Pergunta: Qual é a cor do objeto? “Ligação com um amarelo alaranjado branco. Com algo inepto, talvez. Não formalizado. Talvez mal feito, embora não acredite que esta impressão deva ser levada exatamente tão longe. Talvez mais indefinido.”

(Mais uma vez, não fizemos ligações em termos de cores com o objeto. No entanto, o resto destes dados pode referir-se ao último parágrafo do artigo noticioso no verso do objeto. Ver página 169. “Houve também uma disputa sobre se um professor do ensino secundário teria liberdade para ensinar até mesmo os conceitos de Comunismo, sem recear uma má interpretação. Isto parecia envolver interpretação, e a resposta final fica a cargo do povo.” Algo indefinido, não formalizado, etc., aplica-se aqui.)

2.^a Pergunta: Podes dar-nos mais sobre o período de 7 ou 14 dias? “Fortemente ligado a, ou mencionado, no item.”

(Mais uma vez, a Jane diz que isto se refere ao conceito de dia, no artigo na frente do objeto, relativo à eleição da Jane e de outras para o Conselho de Estudantes Externos do Skidmore, etc.)

3.^a Pergunta: Qual é essa ligação com o advogado? “Não tenho a certeza. Leis ou éditos.”

(Conforme referido anteriormente, ambos os artigos noticiosos na frente e no verso do objeto dizem respeito a leis, éditos, etc.)

4.^a Pergunta: Podes dizer mais sobre as quatro pessoas? “Dois homens e duas mulheres, creio.”

(As quatro pessoas indicadas na foto — ver página 168 — são mulheres. A Jane especulou que dois dos primeiros nomes mencionados no artigo na frente do objeto poderiam ser tomados como nomes masculinos por alguns: Frances, e Orlyn.)

5.^a Pergunta: O que é isso do triângulo? “Estava atrás da forma de montanha, que parecia triangular. Um triângulo com a sensação de altura, ou o ápice ou ponto alto de um episódio.” *(Como referido, a Jane sentiu que isto se referia à sua eleição como presidente do Conselho de Estudantes Externos — o ponto alto do seu percurso universitário em termos de distinções. Foi, disse a Jane, um grande feito. Esta eleição é o tema do artigo na frente do objeto.)*

6.^a Pergunta: Queres nomear o objeto? “Parece uma nota, com algo mais nela — como uma nota em combinação com outra coisa. Imagens ou símbolos numa nota.” *(Isto são dados excelentes e o Seth esteve muito próximo. Ver páginas 168 e 169. O objeto, como referido, tem muitas características de uma nota, pois contém notícias. Também tem imagens e/ou símbolos, tanto na frente como no verso.)*

7.^a Pergunta: Qual é esse nome ou lugar começado por D? “O Ruburt aqui, claro, pensaria em Delmer. Não posso dizer mais sobre o D.” *(Como referido na página 174, possivelmente o D refere-se ao Conselho de Estudantes Externos (Day Students Council) ou ao nome Donahue; ambas as referências na frente do objeto.)*

8.^a Pergunta: Podes dizer algo mais sobre os quadrados coloridos? “Roxos e amarelos — muitas cores. Laranja e vermelho.” *Como já foi dito, sem ligações a não ser que a Jane se referisse à minha pintura op. Contém todas estas cores; e sem ligações com o objeto, tanto quanto sabemos.)*

9.^a Pergunta: O que são eles? “Num objeto maior.” *Sim, mas ????)*

10.^a Pergunta: Qual é a forma do objeto? “Creio que retangular.” *Aqui eu referia-me à forma do objeto-envelope; o Seth poderia ter-se referido ao objeto maior que contém os quadrados coloridos, no entanto, porque não fiz qualquer distinção. Acontece que tanto o objeto como a pintura op que contém os pequenos quadrados coloridos são retangulares.)*

11.^a Pergunta: Podes dizer algo sobre as duas mulheres? “Um aparente delito, ligado a uma delas. Mais nova do que mais velha.” *Isto pode ser uma referência à própria Jane. Ela aparece na foto na frente do objeto-envelope, e a notícia refere a sua eleição como presidente do Conselho de Estudantes Externos do Skidmore College. Ver página 168.)*

(A Jane foi eleita para este cargo no seu penúltimo ano no Skidmore. Foi expulsa da universidade no final desse ano, por ter sido culpada de algo de que era inocente. Assim, as palavras “aparente delito” nos dados acima são importantes. Ela tinha vinte e poucos anos na altura, claro.)

(12.ª Pergunta: Alguma inicial? “B ou C.” Mais uma vez fiz mal a pergunta, pois estava a pensar nas iniciais de uma das duas mulheres. A formulação real da pergunta permitia demasiada latitude. Mesmo assim, não há nome pessoal no objeto, frente ou verso, com uma inicial C. Há um B, para Orlyn Barron.)

(Fim.)

SESSÃO 303

ELMIRA, NOVA IORQUE

(Não agendada — Jane, eu e os Bernard — sábado. Dactilografado pela Sarah Bernard a partir das suas notas. Começou por volta das 20:30, prolongando-se até à meia-noite. Pequenas pausas. A voz do Seth esteve boa em alguns momentos. Ritmo rápido — por vezes a Sarah ficava para trás. Ela usou escrita rápida.)

(Conversação geral entre os quatro, tocando em [Meher] Baba.)

“Ora bem, boa noite. Mal podem estar no meio porque não há princípio nem fim. É um prazer conhecer-vos a ambos. Ele (*referindo-se ao Baba*) não é quem diz ser; no entanto fala a verdade. Ele é parte de quem diz ser, tal como eu sou. Quando lerem o nosso material, haverá um ponto em particular em que não estarão de acordo. Mais tarde estarão. Estou a chegar suavemente, percebem. Estou a chegar muito calmamente, para não assustar nem sobressaltar o Ruburt. Ele assusta-se com facilidade.

Dá-me um momento sobre o vosso seminário. Não estamos exatamente na mesma classe, percebem. Não há ali nada no vosso seminário que não esteja aqui agora e que não esteja onde quer que estejam. Isto não significa que aquilo que é esteja prontamente acessível. Está lá para ser tomado, mas têm de aprender a tomá-lo; pois se tentarem tomá-lo, perdem-no, percebem.

Estou a falar agora apenas para vossa conveniência. Existem quatro personalidades-pedra-angular envolvidas no vosso seminário. Agora, três dessas personalidades são vossas: uma não é vossa. Uma não é “vossa” nos vossos termos, neste momento. Quando olharem para cima e reconhecerem, aceitarão aquilo que agora não reconhecem como vosso eu,

como sendo vosso eu. Se olhassem para cima agora, não reconheceriam o eu que irão reconhecer. Porque o Presente Espaçoso existe tal como é, o reconhecimento já foi feito. Ainda não se apanharam a ele, percebem. São uns lentinhos. O meu amigo Ruburt, em muitos aspetos, também é um lentinho. O ambiente não está onde pensam que está. Refiro-me a esses seminários.

A voz que não “fala” nos vossos termos é vossa, mas o instrutor não é o vosso eu tal como o conhecem. É um eu que ainda não conhecem, nos vossos termos. Agora falo a partir de várias camadas, embora a palavra “falar” seja fraca — transformo-me, percebem, em degraus por onde caminho e os degraus representam aquilo a que chamariam fragmentos de personalidade, embora o termo seja distorcido. Falo num nível que todos podem entender. Já estive no vosso seminário — não no vosso seminário — mas em outros muito parecidos no que chamariam de passado. Frequento os meus e dou os meus. Estou dividido em fragmentos de personalidade altamente energizados por minha própria vontade, percebem. A divisão em si é uma ilusão.

Aqueles que desejam aprender serão encontrados por outros como eu — individualizados e preparados devido à sua estrutura interna para comunicar e receber comunicações deles. Têm de ter o vosso próprio circuito de ligação.

Agora não vou ser um velhote maçador esta noite. Prefiro uma conversa animada e estou realmente aberto a quaisquer perguntas que tenham.”

(*[Gene]: “Seth, podes dizer-me mais sobre quem dirige o seminário?”*)

É extremamente difícil indicar uma resposta. Para ti, os seminários são dirigidos por um eu teu que ainda não conheces nem reconheces. Para outros, os seminários são dirigidos por eus que não reconhecem ainda e, no entanto, o seminário é dirigido por um e não por muitos.

(*[Gene]: “E não seria verdade dizer que todos dirigimos o mesmo seminário para nós próprios, já que todos somos um?”*)

Seria, desde que percebesses que o eu que és tal como te conheces agora não dirige o seminário. Falo em termos do teu tempo.

(*[Gene]: “É possível tomar consciência do eu maior, o eu universal que existe para além do que eu aqui e agora chamo tempo?”*)

É de facto possível.

([Gene]: “Podemos ensinar-nos a ser guiados por esse eu maior?”)
Já estão a ser guiados.

([Gene]: “Entre todos nós existe o mesmo eu, neste sentido mais amplo?”)

É de facto assim. O processo de separação é uma ilusão; no entanto, desta forma obtém-se uma percepção de profundidade. São todos um só eu, mas são todos indivíduos e nenhuma individualidade se perde. Não há fusão. Não há necessidade de fusão, uma vez que aquilo que são já é parte de tudo o resto.

([Gene]: “Então é correto responder a este homem Baba da seguinte forma — tu e eu somos um e a única coisa que nos separa é eu não saber que somos um?”)

Ele, tal como é agora, não concordaria.

([Gene]: “Mas tal como é realmente, não concordaria?”)

Ele é quem diz ser e, no entanto, não é. Há uma decepção. Poder-se-ia chamar-lhe uma decepção honesta.

([Gene]: “Essa decepção é uma versão daquilo que muitos chamam, em tom bem-humorado, a dança de Shiva?”)

Não exatamente. A decepção de que falo envolve uma distorção e uma ênfase aplicada demasiado fortemente — e é uma tragédia.

([Gene]: “De que forma?”)

Aquele que sabe quem é e o que é não precisa de o dizer.

([Gene]: “A menos que a sua intenção seja ensinar.”)

Dizê-lo nesses termos não ajudará a ensinar. Exemplo — sim; existência — sim. Não precisam dizer quem são, quando sabem quem são; e se dizem quem são, não sabem quem são. Cuidado com quem fala nesses termos. Pode haver distorção. (*Demasiado rápido para acompanhar.*) É perigoso ter uma verdade altamente distorcida. Se sabem quem são, não precisam destas palavras.

São todos peças, percebem, do todo; mas não são todos as mesmas peças do todo, mas sim peças individualizadas do todo. Não encaixam todos como um puzzle de palavras cruzadas que qualquer idiota consegue montar.

São ainda porções altamente individualizadas do todo. São o todo, mas todos são altamente únicos. Encaixam-se em diferentes partes do todo. O eu, ou estrutura, ou personalidade viaja para fora e para dentro e (*se me permitem*) em todas as direções. É ação. Muda constantemente. Cada eu, tal

como o conhecem, tem as suas próprias capacidades, inclinações e simpatias. Tem o seu lugar particular dentro do Gestalt Pirâmide. Pode contactar esse eu total que, nos vossos termos, ainda não existe, mas que está, naturalmente, sempre presente. Na vossa busca, devem contactar essa parte total de vós mesmos em direção à qual estão a crescer — em direção à qual espero que estejam a crescer.

Este é o vosso circuito individual, por assim dizer. Todos os caminhos são um caminho, mas o vosso caminho é o vosso caminho. E não podem trilhar outro. Ele — o Baba — é de facto altamente avançado. É um caminho, contudo; não é o fim. Não está concluído. Está certo, mas erra ao deleitar-se na sua certeza. (*Nunca fui conhecido pela minha própria humildade. Não me fica bem falar.*) No entanto, aquele que é e sabe que é, é.

Não tem necessidade de palavras nem de se proclamar, pois fala sem necessidade de palavras e é ouvido. Aqueles que são realmente ouvidos não precisam de palavras. Falo-vos agora em palavras porque sem palavras, agora, não haveria o entendimento necessário que deve ser alcançado antes que eu possa tornar-me sem palavras.

(*[Gene]: “O que é, peço-te, estar certo senão prazer, no sentido em que usaste o termo?”*)

Estar certo é de facto prazer, sim. Todo o prazer — todo o prazer verdadeiro — é de facto correto. No entanto, o prazer nos termos em que falei referia-se, infelizmente, a uma satisfação presunçosa e algo desagradável por ter atingido uma certa posição. A posição foi atingida, mas por baixo de tudo isso a atitude nega-a e impede a sua frutificação. Longe de mim destruir ídolos.

(*[Gene]: “Não há ídolos a destruir.”*)

Deviam fazer as vossas próprias sessões.

(*[Gene]: “Faço-as. Podemos explorar um pouco esse ponto? Gostaríamos de criar uma espécie de escola — um tipo de escola muito simples — para ajudar quem a procurar, sem presumir que temos respostas, mas partindo do princípio de que o caminho que foi proclamado por muitos homens é um bom caminho — nomeadamente o caminho simples do amor. Presumo que sabes da ideia que temos para criar tais circuitos. Funcionará? Se não, quais são as principais falhas? O que recomendarias?”*)

Estão a falar da vossa utopia?

([Gene]: “Preferia não chamar-lhe uma utopia.”)

Há muito envolvido. As vossas propostas podem ser alcançadas sem que percebam que foram alcançadas.

([Gene]: “Isso é muito perspicaz.”)

Julgarão aquilo que veem e talvez não vejam o suficiente. Se perceberem resultados usando os sentidos interiores, talvez obtenham melhor conhecimento do progresso. Deem-nos um momento, por favor. Estas são impressões: duas pessoas em particular. *(Não tenho a certeza aqui.)* Uma mais velha do que as outras — talvez *(agora, talvez)* 48 — alguma dificuldade e mal-entendidos ligados a ele. Um “D” e um “H”. O projeto pode ter sucesso se a pureza de intenção for mantida. Há alguém, creio eu, com aproximadamente 23 anos, que seria afastado.

([Gene]: “Porquê?”)

A pessoa causará fortes dificuldades através de reações demasiado entusiásticas e através de algumas ligações sobre as quais não tenho clareza com o progenitor da pessoa — creio que uma mãe.

([Gene]: “É homem ou mulher?”)

Vamos tentar isto em breve. Capto fortes tendências em cada área e não posso, neste momento, especificar. Um processo legal, ligado a este indivíduo — talvez agora.

([Gene]: “A vir?”)

A vir, se ele *(ele — um homem)* estiver ligado ao projeto. Estas são impressões ligadas ao indivíduo. Terão de as juntar. A cor castanha. Agora, isto pode ser uma impressão surgida do nome dele ou da cor do seu cabelo. Alguma ligação com Miss — talvez o vosso estado do Mississippi. É tudo o que consigo transmitir agora.

([Gene]: “Seria uma suposição justa que fosse uma pronúncia deturpada do apelido?”)

O Ruburt bloqueia-me aqui, muito suavemente. Terão de seguir com o que vos dei agora. Vou dar-vos um breve descanso e podemos continuar, se assim desejarem.

([Gene]: “Gostava disso.”)

Acho este encontro extremamente agradável.

([Gene]: “Ainda aqui?”)

Estou de facto.

([Gene]: “Podíamos discutir algumas questões mais amplas sobre o projeto? A verdade é simples, não é? É necessário torná-la complicada?”)

Temos realmente de jogar jogos complicados e, se sim, porquê? ”)

Não têm de jogar jogos complicados. Haverá aqueles que os esperarão e sentirão a pressão deles.

(Todos os dados do Seth foram confirmados pelo Gene Bernard no trabalho — Smith — Miss, etc. Smith, um jovem de 23 anos, com características femininas, mãe dominante. Smith tem cabelo castanho, é demasiado entusiasta, segundo o Gene poderia muito bem causar problemas, e se assim fosse o problema seria legal. O Gene ficou surpreendido e satisfeito, tal como a Jane, com estes dados.)

(Interlúdio — discussão entre os quatro. O Seth interrompe.)

É suficiente ser. É suficiente ser.

([Gene]: “Suficiente para ti ou para mim?”)

E para outros. Ser fala mais alto do que palavras.

([Gene]: “Para aqueles que podem ouvir.”)

Ouvem sem ouvidos e sabem diretamente quando estão em contato com aquele que sabe quem é. Ser comunica instantaneamente e diretamente e é instantaneamente traduzido em verdades que o eu interior pode entender. A comunicação fala ao sistema todo do eu.

([Gene]: “Isto não presume que o ouvinte esteja habituado a ouvir a voz interior?”)

A voz interior não precisa de ser ouvida. É instantaneamente traduzida em ação e experiência. É conhecida diretamente.

([Gene]: “—A não ser que eu te entenda mal, queres dizer que não é preciso ser treinado para reconhecer a voz interior?”)

Sabem que sabem. Não precisam de ouvir para saber que sabem. Este dizer não é necessário. Sabem instantaneamente sem terem de ouvir. O processo é eliminado.

([Gene]: “Suponhamos que alguém ainda tem de aprender quem é?

Receio que estejamos a discutir técnicas de ensino. Vou colocar uma pergunta de forma direta. O que farias no meu lugar?”)

Sobre o vosso projeto? Têm de continuar com ele.

([Gene]: “Como professor, que conselho darias sobre técnicas pedagógicas?”)

Têm de usar os métodos que começaram, pois precisam de descobrir que são inúteis. Precisam de descobrir isso por vocês mesmos.

([Gene]: “E o que saberei então além disso?”)

Saberão que os métodos não fazem diferença. Para vós, agora, têm de fazer

diferença. A tentativa de os usar é importante. Aqueles que hão de vir entenderão, apesar do método.

([Gene]: “Gostava de ter a tua confiança.”)

Não estás na minha posição.

([Gene]: “Estou mais do que disposto a aceitar a tua palavra.”)

Têm de experimentar esses padrões, porque pensam que têm de o fazer. *(Demasiado rápido para acompanhar — algo talvez sobre consciência sensorial.)*

([Gene]: “Muito interessante. É o tipo de comentário que podia ouvir o Tim Leary fazer?”)

Com reservas. Da minha parte, não da dele. Ele salta como um coelho.

([Gene]: “Concordo.”)

Há uma certa proteção (?) no método dele. Ele não entende os abismos sobre os quais voa tão alegremente. Portanto, não os teme (?) e as suas asas não são asas fortes.

([Gene]: “Concordarias com o seguinte? Como Krishna diz a Arjuna:

Não há lugar para onde ir; já estás lá. Não há abismos — apenas uma fenda trivial. Não há nada a fazer. Já está feito.”)

Onde vês uma contradição?

([Gene]: “Não vejo. Mas não entendo como o abismo sobre o qual o

Tim Leary voa tão alegremente possa ser outra coisa senão um produto da minha imaginação.”)

De facto, formas os padrões no universo dos sentidos, mas quando os formaste, tens de os conhecer não só como tuas criações. Tens de conhecer a sua natureza, pois o abismo físico representa um abismo mental dentro do eu.

([Gene]: “E tudo isso, apesar de já estares em casa?”)

Estás de facto. O eu que ensina o seminário já existe.

([Gene]: “É uma piada colossal e bela, não é?”)

O Ruburt percebeu o meu ponto de vista aqui. De facto não é uma piada. É um meio para o todo se conhecer a si mesmo. Mas ao conhecer-se, mais de si mesmo é constantemente criado. Segues-me aqui, Joseph. Os “momentos presentes” são constantemente criados por ti e depois sondados, e no entanto já existiram e existirão. Fazes as divisões. És parte do todo, mas amplias constantemente as experiências do todo. Não está feito nem acabado nos termos em que pensas.

([Gene]: “Esclarece-me. Não percebo.”)

Levará algum tempo. Para começar, nos teus termos: O que é, não é estático. Portanto, não pode, nesses termos, ser considerado completo e concluído.

([Gene]: “Mas está sempre a tornar-se?”)

Mas está sempre num estado de tornar-se. Contudo, no Presente Espaço, Tudo O Que É existe. O tornar-se nunca pode ser completado e, no entanto, onde quer que escolhas traçar uma linha, pensarás nisso como um fim.

([Gene]: “Os seminários anteriores foram sobre o tema da cocriação e uma imagem de um vaso surgia repetidamente. A ideia do seminário era essencialmente que o ato de criar era fornecer um vaso através do qual algo poderia estar continuamente a tornar-se. O que era, achas tu, que fluía por esse vaso? Qual é o caminho? É isso que procuro.”)

Já o possuis, claro.

([Gene]: “Como o chamarias?”)

Dar-lhe um nome é infeliz. Não usámos um nome nas nossas sessões. Eu chamar-lhe-ia IGNAPTHA, que é uma fraca aproximação do termo que tento exprimir. Nos teus termos, talvez o eu total a expressar-se constantemente e aquilo que se conhece a si mesmo em todas as suas possibilidades.

([Gene]: “Isto não é também uma expressão emocional?”)

Deves de facto ler as nossas primeiras sessões. Recordas a base dessas sessões, Joseph.

([Gene]: “Que emoção devo chamar a isto?”)

Deves de facto chamar-lhe amor.

([Gene]: “E aquilo a que te referiste — IGNAPTHA — é isso que devo entender que o Baba quer dizer com a palavra ‘amor’?”)

É isso que ele te faria acreditar que se refere. De facto. E se alguma vez dei uma resposta de língua dupla, dei-a agora. Pois eu conheço-o, percebes.

([Gene]: “Não estamos a tornar o simples muito complicado?”)

Limitei-me a responder às perguntas como as fizeste.

([Gene]: “Touché.”)

Respondi às tuas perguntas no espírito em que as colocaste.

([Gene]: “Posso tentar mais uma agora?”)

Podes, de facto.

([Gene]: “Sim. Tens-me dado respostas difíceis para perguntas difíceis. Agora vamos tentar a mais difícil. Gostava de apresentar uma proposição e ter a tua resposta. Andámos a perseguir um ponto — tu e eu — e tenho a sensação de que, ao nível em que o temos perseguido, não é possível eu compreender verdadeiramente o ponto e, além disso, ao nível em que gostaria de compreender o ponto, na verdade não há nada a discutir. Isto faz algum sentido?”)

Nunca houve nada para dizer. Tens feito perguntas a partir de um nível inadequado.

([Gene]: “Certo. Está bem. Concordo. Ótimo.”)

Não tens aproveitado ao máximo as tuas oportunidades comigo. Tens falado comigo apenas em palavras e eu respondi o melhor que pude.

(A Sarah perguntou se podíamos receber comunicação não verbal dele e o Seth disse que tentaria. Os três sentiram uma sensação simultânea de consciência expandida.)

(Interlúdio.)

GENE PERGUNTA SOBRE VIDAS PASSADAS

Já dei muito material sobre vidas passadas.

([Gene]: “Podes dizer-nos algo sobre as nossas?”)

Ele *(para o Gene)*: Século XV — França e Itália — uma breve viagem a Espanha — o nome, contudo, pareceria italiano. Grabalani ou Gribliani ou Gribiliani — 1423-1473. Fabricante de artigos a partir de peles — recortes de peles. Viagem a Inglaterra. Estabelecimento final em França.

Dificuldades com o ouvido esquerdo. Problemas com este dedo (4.º da mão esquerda). Tocador de um instrumento tipo trombeta. Caso contrário, dificuldades de comunicação. Dificuldades com o progenitor masculino; algum reflexo disto nesta existência. Uma irmã loira — D A R. Por agora deixemos isso.

Família de Florença. Padeiros. Uma lista num portão à esquerda. Forte inclinação para exagero. Um apelido ligado a Santa Ana. Um irmão soldado. Um padre. Uma irmã chamada Philipina. Morte aos 38 anos por um animal de quinta. Uma vida no século XIII. Muito próximo. Nenhuma depois da existência mencionada até ao século XVIII — uma zona rural — Espanha. A irmã anterior é agora a mãe dele. Um despertar de habilidade

psíquica e expansão. Uso indevido dessas habilidades. Não tenho a certeza aqui agora.

Veremos. Uma aldeia rural, talvez no paralelo 49. Um mosteiro de pedra. Um irmão incerto quanto ao seu sexo. Pede ajuda ao nosso amigo. Uma invasão de outro país. O nosso amigo abandona o mosteiro sem permissão. Há uma viagem a África. Um acidente — problema no ombro direito. E a criação em África de um estabelecimento muito semelhante ao agora planeado. Vejamos isto. Pois ficaram registos. Usei a palavra “utopia” antes e isto era para ser uma utopia. A terra não era selva, uma área árida, um rio seco, membros recrutados de um exército. Agora uma breve referência a isto num livro. Isto pode não ser o título exato: *Stolen Lands or Islands*, publicado ou distribuído ou o que for pela Mission House, Ltd. Subtítulo: *A Recording of Utopias and their (perhaps) Results*. Livro publicado em Inglaterra. O grupo composto por desertores do exército ou recrutas fugidos. Projeto demasiado ambicioso. 73 no total. Todo o grupo totalmente eliminado por tribos locais. (*Aliás, estamos muito mais em contato agora. Contudo, sugiro um descanso por pura simpatia para com a nossa anotadora.*)

(Interlúdio — discussão.)

Dois pontos. A piada é altamente relevante. Se percebessem completamente que o vosso mundo físico é uma ilusão, não estariam a experimentar dados sensoriais.

([Gene]: “Não posso eu experimentar uma ilusão que eu próprio crio?”)

Podes experimentar a ilusão, mas quando experimentas a ilusão como ilusão, já não a experimentas. Estás a correr à frente de ti mesmo.

([Gene]: “Mas não há para onde ir.”)

Não sabes. Pensas que sim. Não estarás onde estás.

([Gene]: “Há outro lugar para estar?”)

Não e sim.

([Gene]: “Há outro lugar para estar que não seja ilusão?”)

Digo-te isto e digo-te: sim.

([Gene]: “Como saberia eu a diferença? Há alguma forma de distinguir entre ilusão e realidade que não seja uma criação da minha própria mente?”)

Não o sabes agora. Quando esse ponto for alcançado, poderás, se assim preferires, experienciar qualquer “Realidade-Ilusão” à tua vontade,

mas o eu que experiencia essas “realidades-ilusões” conhecer-se-á como realidade. Não há lugar para onde ir, porque é a única realidade e criará o seu próprio ambiente.

([Gene]: “Mas isso é uma discussão sobre o eu aqui e agora.”)

Nos teus termos.

([Gene]: “Nos teus também.”)

Nos teus termos.

([Gene]: “Nos teus também.”)

Vê então cuidadosamente a última afirmação.

([Gene]: “Fechámos o círculo. Sou um com a realidade que crio. Não há para onde ir.”)

Deves ainda ser capaz de experienciar cada uma dessas ilusões. Saber que são ilusórias com pleno conhecimento da sua natureza e ainda assim saber que a realidade básica és tu mesmo. Não há lugar para onde ir, porque és o lugar, nesses termos, e todos os lugares. Mas a piada é relevante. A coisa mais importante que te disse esta noite é que a piada é relevante.

([Gene]: “Sim, concordo.”)

Deves ser suficientemente livre para explorar a natureza e a experiência de cada ser vivo dentro do teu próprio sistema, sabendo que és tu mesmo, e depois deixar o teu sistema. Estas devem ser experiências diretas.

([Gene]: “Mas não posso deixar o sistema porque estou em todos os sistemas simultaneamente.”)

Estou a falar em termos físicos. Mesmo em termos físicos, em termos físicos muito limitados, estás ainda a lidar com outros sistemas.

([Gene]: “Não tenho escolha.”)

Estou a usar termos de continuidade agora, simplesmente para explicação. Primeiro deve haver um período, e depois ele passa, em que estás completamente imerso num dado sistema como se não existisse outro.

O cumprimento de valor COMO REGRA é alcançado desta forma. Isto não significa que não estejas a habitar outros sistemas simultaneamente. A ilusão deve ser sondada até à sua profundidade.

([Gene]: “Da qual não tem nenhuma.”)

Tu crias a profundidade.

([Gene]: “Certo, e ao fazê-lo, a sondagem já foi feita. Não há nada para sondar.”)

A sondagem é necessária. Alguns jogos são necessários e sempre relevantes.

([Gene]: “*Não é o objetivo do jogo jogar o jogo — não criar ou sondar?*”)

Tu és, nestes termos, o jogo.

([Gene]: “*Em todos os outros termos também.*”)

Estás a criar as tuas próprias limitações. (*Demasiado rápido para seguir palavra por palavra. O Seth admite que faz parte do jogo e foi, de certo modo, criado pelo Gene. Diz que o Gene está a lidar com termos artificiais, não reais.*) Tu e eu fazemos parte da mesma realidade.

(Interlúdio.)

([Gene]: “*Há realmente mais do que um ponto de vista?*”)

Sim. Não estás a conceder a diversidade que existe.

([Gene]: “*Eu estaria disposto a conceder uma multiplicidade de formas ilusórias da mesma coisa — ou seja, tu e eu. Todos um.*”)

A experiência é em todos os sentidos real.

([Gene]: “*Sim, sem dúvida. Somos todos Budas, mas não o admitimos.*”)

Isto é uma tragédia. O jogo é diferente.

([Gene]: “*Há tragédia neste jogo?*”)

No geral não haverá, falando em termos de continuidade.

([Gene]: “*A tragédia descontínua é uma ilusão, não é?*”)

No geral, não há tragédia. Deve haver um compromisso geral.

([Gene]: “*Com o quê?*”)

Deve haver um compromisso geral com o eu.

([Gene]: “*Que é com todos os outros também, claro.*”)

E não pode haver traição de si mesmo.

([Gene]: “*Certo. Nem traição dos outros.*”)

Mas a ideia de traição de si mesmo pode levar a distorções.

([Gene]: “*Mas estas distorções fazem parte do jogo que Shiva joga contigo [eu] e vice-versa.*”)

Preferiria chamar-lhe um esforço amoroso.

([Gene]: “*Claro. Pensa na estátua clássica de Shiva de pé sobre o bebé esmagado — uma participação amorosa na ilusão de tragédia.*

Mesmo na ilusão de auto-ilusão.”)

Estás a tentar cortar muitos degraus para ti mesmo.

([Gene]: “*Mas não há degraus, pois não?*”)

Para ti, agora, há degraus.

([Gene]: “*Eles não são ilusórios?*”)

São de facto.

([Gene]: “*Se são barreiras artificiais que eu crio no meu próprio caminho, certamente posso removê-las.*”)

Teoricamente é de facto assim. Na prática, convém-te vigiar onde pisas.

([Gene]: “*Sim. Foi o comentário a Siddhartha.*”)

Estes são filhos tenros que pomos a repousar. Devíamos chorá-los, ainda que sejam apenas (*espaço em branco, palavra em falta?*) Devemos sentir por eles, ainda que sejam estrume de vaca.

([Gene]: “*Devemos amá-los porque são nós mesmos.*”)

Não podes fazer menos. Mal podes fazer mais.

([Gene]: “*Fazer isso é ter aberto um olho e ver que há apenas um pequeno passo a dar.*”)

Estás a jogar um jogo.

([Gene]: “*Claro. Tu também. Dizemos que Shiva está a jogar um jogo e quem é Shiva senão tu mesmo?*”)

Estás de facto agora a jogar um jogo contigo mesmo, mas não é relevante, e pode ser irrelevante. Mas mais vale jogá-lo com reverência.

([Gene]: “*Com reverência para quem?*”)

Com reverência de facto para o eu.

([Gene]: “*Está bem. Não estamos a falar em propósitos cruzados.*”)

Há uma irreverência sagrada e uma irreverência leviana. Estás a jogar um jogo. São ambas uma só. Mas mais vale teres a certeza de que sabes isto profundamente. Agora sugiro que descanses.

SESSÃO 304

A ENTIDADE E O INFINITO

28 DE NOVEMBRO DE 1966

(O 78.º objeto de envelope foi uma lista de compras que eu tinha escrito hoje mais cedo para a Jane, mas que a Jane não viu. Numa folha de papel branco arrancada de um bloco, mesma cor de tinta que o decalque na página 189, dobrada conforme indicado, colocada entre duas cartolinas Bristol e depois selada em envelopes duplos. Os resultados não foram particularmente bons. Ver também a lista suplementar da Jane, nesta página.)

(A 303.ª sessão, realizada na noite de sábado, 26 de novembro, com Eugene e Sarah Bernard, foi longa e ativa. A semana inteira tinha sido muito atarefada para mim e para a Jane, e ficámos algo privados de sono.)

(A Jane começou a falar em transe esta noite a um ritmo bastante lento; os olhos abriam-se por vezes; estava a fumar; voz normal.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Ora bem. Estamos sozinhos de novo.

Há certos tópicos que não discutimos anteriormente. Vamos, ao nosso próprio jeito considerar alguns deles. O universo físico é real e não é real, conforme vocês sabem. Vocês criam a matéria física e depois percebem-na. Se não houvesse qualquer propósito na criação da matéria física, ela não existiria e vocês não a perceberiam. Quer dizer, não existiria nem mesmo enquanto ilusão. Isto comporta alguns aspetos delicados. Vamos atacar alguns. Para aqueles que lhes pareçam deuses, a matança não constitui crime, por não existir coisa alguma mesmo quanto a ilusão da morte. Num certo patamar, é pois verdade que a morte, conforme a conhecem, é uma ilusão. Vocês não se conseguem livrar por completo da ilusão enquanto estiverem em corpos físicos.

Por isso, neste contexto em que confiam tratem as coisas vivas cuidadosamente, por no vosso sistema constituírem atualidades. Princípios filosóficos no vosso nível precisam ser cuidadosamente preenchidos por emoções construtivas. Existe uma forte realização de sentido de valor a ser

obtido onde vós estais. É bom saber onde estão, e conhecer a natureza da vossa realidade. Contudo, ainda precisam operar nesta moldura.

O Eu, a totalidade do Eu, a entidade, o vosso verdadeiro Eu, na verdade já existe. Vós estais na verdade em contato com Ele agora. É verdade que num sentido vocês nunca abandonaram esse Eu. Mas também é verdade que num outro sentido vocês abandonaram. Vocês exploraram propositadamente outros sistemas conforme vocês exploram este.

A exploração também representa uma criação, e uma criação contínua. Não existe finalidade ou conclusão. Na verdade não há para onde ir, conforme o teu amigo gosta de dizer. Mas a própria palavra “É” produz uma multiplicidade de existências. Elas são bem reais, tanto psicológica quanto fisicamente. A filosofia deveria permitir-lhes lidar com elas e não evitá-las. Num caso evidentemente não há nada a evitar. Pontos do momento, conforme já os discuti, esclarecerão muitos destas questões para vós. Há todas as razões para explorarem a realidade interna, mas essa exploração deveria levá-los igualmente à compreensão da natureza da realidade física.

Talvez a vossa existência física pudesse ser comparada a um excelente livro que lhes tenha sido dado por um professor. Vocês acham-se completamente imersos nele. Por perceberem que estão a ler tal livro e a encenar a parte do personagem principal, e estão mergulhados numa existência tridimensional, isso não quer dizer que possam dar-se ao luxo de deitar o livro fora ou recusar-se a lê-lo. Poderão evidentemente perceber a sua natureza, e isso representará um passo em frente. O professor que lhes deu o livro está a ler um outro livro, e está a encenar uma outra parte. Existem certas limitações nas filosofias Zen que iremos debater noutra altura. O sistema é basicamente ótimo mas a falha, uma em particular, é trágica. E no vosso sistema tais falhas podem levar muitos a desviar-se.

Com efeito não aprecio o termo piada, relevante ou irrelevante, a propósito, por poder conduzir à insensibilidade.

Quando têm experiência fora do corpo podem tomar consciência da natureza da realidade interna de uma forma mais direta. Esse conhecimento ajuda-os a usar e dirigir as leis físicas e não a ignorá-las. Usam-nas com uma maior eficácia, e para fins do eu interno. Começam a criar matéria física de modo que isso reflete de verdade o eu interno, e ao fazê-lo efetivam mudanças que são notadas por outros e servem de exemplo. Através da exploração da realidade interna vocês estão, deveras em contato

com o Tudo-o-Que-Existe. Contudo, a experiência deve ser primordialmente uma experiência solitária da vossa parte. Ambos vocês têm razão ao supor que mantêm o vosso relativo isolamento. Especificamente não deveriam, nesse ponto, juntar-se a uma comunidade do tipo que tem sido planeado.

As capacidades da Jane, e as tuas, hão de desenvolver-se como se desenvolverem, já que seguem a sua própria natureza interna. Verificar-se-ão expansões espontâneas, mas o trabalho deve ser privado. O que não quer dizer que não se possam juntar a experimentos.

Bem, esse é com efeito um seminário pessoal o que estão a frequentar, e nos termos empregues pelo Bernard. Estou a falar-lhes de um ponto de vista particular da minha personalidade, da parte que conseguem facilmente entender. Creio que a minha forma de ensino é a melhor para os nossos próprios fins. As capacidades da Jane são firmes, e precisam ser cultivadas de tal modo que a estabilidade seja mantida.

Tu escutas-me; reconheces a minha personalidade conforme te é apresentada. Outros aspetos dela evidenciar-se-ão quando estiveres preparado. Eu protejo-os a ambos em questões de natureza psíquica, se alguma vez o questionaram, e claro que noutros assuntos quando achar a proteção necessária.

Podes fazer uma pausa ou dar-me o teu envelope, como preferires.

("Faremos a pausa.")

(Pausa às 9:45. A Jane ausente como de costume. Ritmo lento, olhos abertos por vezes. Retoma com os olhos fechados às 9:53.)

É melhor, como disse muitas vezes, que o ego não seja posto de lado. É verdade que a divisão é arbitrária. No entanto, o ego é uma parte do eu. Estamos a familiarizá-lo com outras partes do eu. Continua a ser o diretor das atividades físicas. Bem treinada e governada intuitivamente, esta parte do eu pode ser benéfica em circunstâncias de sobrevivência.

Agora o teu envelope.

(Com os olhos fechados, a Jane pegou no envelope que lhe dei para a nossa 78.ª experiência às 9:55. Colocou-o na testa, em posição horizontal.)

Vamos ver o que conseguimos fazer. Um momento, por favor. Estas são impressões, ligadas ao objeto.

Uma confusão, como de eventos. Azuis e amarelos, cores fortes.

Uma oval, o formato de um tapete oval, por exemplo.

A impressão de uma forma retangular. Talvez o objeto tenha estado num livro ou álbum. Em qualquer caso, os cantos parecem ter estado ligados a outra coisa — algo escuro, creio; ou há algo escuro nos cantos, talvez preto.

Também uma borda branca. A impressão é certamente de algum tipo de fotografia aqui. O Ruburt pensa agora numa mulher e numa criança, e numa fotografia de Marie Tubbs e um bebé, na Florida.

Acho que aqui estamos fora, mas que a ligação é válida.

("Sim.")

Tenho de facto a impressão de cor escura e branco, caligrafia pequena talvez no verso, a tinta. (*Pausa.*)

("Sim.")

Formas mais pequenas, bastante escuras, talvez como folhas à sombra.

Uma ligação com uma nota ou carta. Pelo menos uma ligação com escrita que não está no próprio objeto. Ou seja, outra escrita, num bilhete ou por baixo destas imagens que creio estarem no objeto.

("Que tipo de imagens?")

As pequenas formas semelhantes a folhas, por exemplo.

("Mais algumas?")

Estas são impressões adicionais. *Turn up* ou *tune-up*. Linhas desconexas. Um lugar distante que é bastante distante, não perto. Água.

Ligação com um livro. Talvez menção do livro do Ruburt.

Um T S A e talvez um L.

Creio que o objeto tem imagens de pessoas.

("Não, Seth.")

(*Pausa, olhos fechados, envelope ainda na testa.*) Tenho a imagem de pessoas. Vamos ver. De quatro adultos. Tens perguntas?

("E quanto a essa confusão (*scramble*)?")

Não sei se se refere a uma confusão de linhas, de eventos, ou talvez a ovos mexidos. O termo *scramble* é a minha impressão.

("Bem, eu diria que se referia a eventos... Disseste cores fortes — azuis e amarelos. Estas não estão no objeto. Eu estava a perguntar-me quais são as ligações.")

A ver com pinturas.

("Isso pode ser possível.")

Também a impressão de algo dividido em quatro divisões bastante iguais.

Deste modo, vê.

("Sim."

(De olhos fechados, a Jane desenhou no ar um sinal como este:)

(O meu esboço rápido seguinte enquanto a Jane continuava a falar pelo Seth: Será este sinal, +, uma referência ao cordel atado à volta do pacote dos Bernard? Assim:)

Uma circunstância insuficiente ou inacabada também. E uma ligação com transporte.

("Transporte por parte de quem?")

Por parte dos convidados.

("Bem, é mais provável que seja transporte da tua parte. Enquanto Jane, isto é.")

Sugiro o vosso intervalo.

(Pausa às 10:14. A Jane ausente como de costume. Os olhos permaneceram fechados, ritmo aceitável com pequenas pausas.)

(Ver o decalque na página 189. O objeto do envelope era uma lista de compras que fiz com a intenção de a dar à Jane hoje mais cedo, mas não o fiz. Ela nunca a viu antes do teste. Foi escrita com uma caneta escura em papel branco arrancado de um bloco do mesmo tamanho, e foi dobrada uma vez antes de ser inserida nos envelopes duplos. O verso estava em branco.)

(A lista representava numerosas pequenas coisas de que precisávamos há alguns dias, mas a Jane tinha sido impedida de as ir buscar devido à chuva constante enquanto eu estava a trabalhar. A lista cresceu e, de facto, a Jane havia de ir buscar alguns itens e realizar algumas tarefas que eu me esquecera de pôr na lista. Estas também desempenham um papel nos resultados do teste, já que ela as tinha igualmente muito presentes esta noite. Ela faria todas as tarefas amanhã, terça-feira. Ver a lista da Jane na página 190.)

(Tentei algo um pouco diferente durante a experiência e a Jane disse agora que não sabia se ajudou ou não. A ideia era simplesmente oferecer ao Seth encorajamento quando ele estivesse certo, ou perto, ou fazer uma pergunta no momento para desenvolver um pouco mais um dado. Ela apercebeu-se de que a abordagem era diferente. Com exceção de uma imagem de uma fotografia da sua amiga dos tempos de escola, Marie Tubbs, a Jane disse que não sabia se teve imagens ou não.)

(O Seth não comentou especificamente os resultados experimentais e a Jane e eu fizemos as nossas próprias ligações.)

("Uma confusão (scramble) como de eventos." Isto é um bom dado. O objeto, a lista de compras, representou de facto uma grande confusão da parte da Jane. Ela foi a pé ao centro na terça-feira em busca dos itens, e estes, juntamente com outros, compuseram uma carga que era tudo o que ela conseguia trazer para casa.)

("Azuis e amarelos, cores fortes." Mais tarde o Seth liga isto a pinturas. O objeto contém artigos que uso para fazer trabalhos de arte, embora não tinta. A Jane visitou a loja de arte onde compro as minhas tintas. Pensei que outra ligação pudesse também aplicar-se. Não estava na lista, mas comprados pela Jane na terça-feira foram quatro pilhas para rádio transístor. Eu tinha-me esquecido delas, mas ela lembrou-se. As pilhas têm uma capa com um desenho de vermelho, azul e amarelo fortes, muito volumosas. Ver também a lista da Jane, página 190.)

("Uma oval, o formato de um tapete oval, por exemplo." Ver página 189. Há vários ovais na lista de compras. O mais proeminente é aquele que desenhei depois da linha "tachinhas pequenas", com o tamanho da tachinha de que precisava indicado dentro do oval. Jane: Acho que rug é uma interpretação literal de "matte" (fosco) — ver objeto.)

("A impressão de uma forma retangular." O objeto é retangular, quer aberto quer dobrado. Estava dobrado dentro dos envelopes duplos.)

("Talvez o objeto tenha estado num livro ou álbum." O objeto não estava num livro, mas tinha sido parte de um livro ou bloco de papel nesse sentido.)

("Em qualquer caso os cantos parecem ter estado ligados a outra coisa — algo escuro, creio." O objeto era, claro, a folha superior do bloco, que arranquei depois de fazer a lista. Aqui não há nada de particularmente escuro, no entanto; a lombada gomada do bloco é de um azul médio, e o bloco é reforçado com cartão de cinzento médio habitual.)

("ou há algo escuro nos cantos, talvez preto." Ver acima. O Seth parece aqui estar a derivar para uma interpretação de fotografia, como abaixo.)

("Também uma borda branca. A impressão é certamente de algum tipo de fotografia aqui. O Ruburt pensa agora numa mulher e numa criança, e numa fotografia de Marie Tubbs e um bebé, na Florida... Sinto que aqui estamos fora, mas que a ligação é válida." Há uma ligação à Florida, e isto levou o Seth à ligação Tubbs, pois a nossa amiga Marie também vive na Florida.)

(Uma das tarefas da Jane na terça-feira, que não estava na lista mas que foi efetuada juntamente com os itens listados, foi enviar pelo correio

um pacote à Sarah Bernard, que, juntamente com o marido, nos visitou vinda da Carolina do Norte no último fim de semana. Ver a última sessão. O pacote continha um camisola que a Sarah se esqueceu. Os Bernard tinham visitado a Florida há algumas semanas. A Jane fez a sua própria lista de recados para tratar na terça-feira, e isto incluía uma ida aos correios para comprar selos, bem como expedir o pacote. Ver também a lista da Jane, página 190.)

(“Tenho de facto a impressão de cor escura e branco, caligrafia pequena talvez no verso, a tinta.” Ver página 189. O objeto contém realmente caligrafia pequena e escura sobre branco. A impressão do verso pode ter sido captada pelo Seth porque o objeto estava dobrado dentro dos envelopes duplos selados.)

(“Formas mais pequenas, bastante escuras, talvez como folhas à sombra. Uma ligação com uma nota ou carta. Pelo menos uma ligação com escrita que não está no próprio objeto. Ou seja, outra escrita, quer num bilhete quer por baixo destas imagens que creio estarem no objeto.” Isto é um bom dado e refere-se à lista que a Jane elaborou ela própria para complementar a minha lista. Ver página 190. A Jane escreveu a sua lista na manhã de terça-feira, 29 de novembro, depois de eu lhe ter dado uma cópia da lista usada como objeto de envelope na segunda-feira, 28 de novembro.)

(As duas listas estavam ligadas na mente da Jane, naturalmente, por imagens, objetivos comuns, etc., de muitos tipos. Um ponto de semelhança que aparece em ambas as listas é o dado “cobrar cheque”, referente a um cheque que eu tinha recebido recentemente por um quadro... Os dados relativos ao envio de pacote na lista da Jane referem-se à tarefa discutida na página 195, sob os dados da Florida. Eu tinha-me esquecido de acrescentar esse item à minha lista.)

(1.^a pergunta: Que tipo de imagens? “As pequenas formas semelhantes a folhas, por exemplo.” Evidentemente trata-se de uma referência à caligrafia.)

(2.^a pergunta: Mais algumas? “Estas são impressões adicionais. A turn up ou tune-up.” Possivelmente uma referência à camisola deixada para trás pela Sarah Bernard, que apareceu (“turned up”) depois de os Bernard terem partido de carro. Isto é referido na lista da Jane sob os dados do pacote de correio; a Jane tratou disto na mesma viagem ao centro durante a qual cumpriu as tarefas indicadas na minha lista, usada como objeto de envelope.)

(“Linhas desconexas.” O objeto contém linhas desconexas de caligrafia. Ver página 189.)

(“Um lugar distante, que é bastante distante, não perto. Água.” Provavelmente uma referência aos Bernard e à sua viagem à Florida há algumas semanas. Ver página 195 e os dados de Tubbs. Os Bernard vivem na Carolina do Norte, que também é um lugar bastante distante, e o pacote foi enviado para esse endereço. Não sabemos se há muita água perto de Raleigh, NC.)

(“Ligação com um livro. Talvez menção do livro do Ruburt.” Isto liga os Bernard à lista da Jane através dos dados do pacote, e por sua vez ao próprio objeto. Os Bernard tinham consigo um exemplar do livro de ESP da Jane; nós enviámo-lo pelo correio há algumas semanas.)

(“Um T S A e talvez L.” A Jane sentiu, subjetivamente, que aqui estava a tentar chegar à palavra Alexis presente no objeto.)

(“Creio que o objeto tem imagens de pessoas.” Quando eu disse ao Seth que o objeto não tinha, a Jane disse que isso a incomodava, mas não ao Seth. Disse que achava boa ideia continuar as experiências neste formato, no entanto. Eu estava a tentar ver o que as respostas ao longo do processo fariam para ajudar a estimular o Seth a obter mais dados, quando notei que ele estava fora de pista.)

(“Tenho a imagem de pessoas. Vamos ver. De quatro adultos.” Pode naturalmente dizer-se que a Jane e eu e os Bernard estamos fortemente ligados à lista usada como objeto, e através dessa à lista da Jane, como já foi explicado.)

(3.^a pergunta: E quanto a essa confusão (scramble)? “Não sei se se refere a uma confusão de linhas, eventos ou talvez ovos mexidos. O termo scramble é a minha impressão.” Eu disse ao Seth que se referia a eventos. Ver também página 195. Uma ligação com ovos mexidos também entra aqui, de forma algo indireta, já que os Bernard e a Jane e eu comemos ovos mexidos ao pequeno-almoço no domingo, 27 de novembro.)

(Depois pedi ao Seth para desenvolver a impressão de cores fortes — os azuis e amarelos. Ver também página 195. “A ver com pinturas.” Isto já foi explicado. Uma ligação mais distante pode advir do facto de a lista de compras da Jane, mostrada na página 190, ter sido escrita em papel amarelo com uma caneta azul-escura. A interpretação das pilhas está listada na lista da Jane; e a minha própria lista, usada como objeto, continha artigos a comprar relacionados com arte.)

(“Também a impressão de algo dividido em quatro divisões bastante iguais. Deste modo, vês.” Na altura, a Jane fez um sinal assim:)

(Mais tarde perguntei-me se o Seth teria tentado captar a ideia de cordel cruzando-se à volta de um pacote. Um pacote, claro, é mencionado na lista da Jane, página 190. O efeito de cruz pode ser facilmente encontrado na forma como costume atar pacotes com cordel e na maneira como embrulhei especificamente o pacote a enviar aos Bernard, assim:)

(“Uma circunstância insuficiente ou inacabada também.” Uma referência à lista usada como objeto. A lista de compras refletia uma lista de tarefas por fazer ou inacabadas que a Jane executou na terça-feira, 29 de novembro. Tencionava fazê-las na segunda-feira, mas foi impedida pela chuva forte. A sua própria lista também pode entrar aqui.)

(“E uma ligação com transporte. [4.ª pergunta: Transporte por parte de quem?] “Por parte dos convidados.” Eu tinha dito ao Seth que seria mais provável ser transporte da parte da Jane, a fazer as voltas para tratar da lista de recados. Há também ligações com os Bernard e o transporte, claro, uma vez que nos visitaram no fim de semana vindo da Carolina do Norte e depois seguiram para um programa de televisão em Filadélfia. Os dados do pacote na lista da Jane estão também ligados a eles.)

(A Jane considerou a experiência fraca, embora houvesse bons pontos nela. Retomou brevemente às 10:43.)

Muito brevemente, eu sugeriria uma dedicação específica da parte do Ruburt, antes das nossas sessões, às nossas sessões. E alguns momentos pelo menos para se voltar para dentro de si.

Agora, Joseph, tens alguma pergunta em particular que não diga respeito ao teste?

Quando houver algo a ganhar com discussão adicional sobre o teste, eu dar-to-ei sempre.

(“Não, acho que não.”)

Encerramos a sessão.

(“Boa noite, Seth.”)

(Fim às 10:44.)

SESSÃO 305

30 DE NOVEMBRO DE 1966

(A Jane começou a falar com uma voz bastante firme. Os olhos estiveram ora abertos ora fechados durante a sessão.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Ora bem; os outros planos são tão reais ou irreais quanto o vosso. Eles são todos formados de vitalidade interior, que constitui a realidade básica. Muitos outros sistemas refletem a realidade interna com uma maior clareza, e com uma menor distorção, mas as próprias distorções são criações. Todos os sistemas são, pois, formados mentalmente, inclusive o vosso próprio.

Isto não quer dizer que sejam imaginativos naqueles termos que geralmente são usados. Na verdade, existe uma ligação eletromagnética em cada e subjacente a cada sistema, mas isso constitui apenas o resultado de ligações mentais interiores. Em cada sistema vocês testam o conhecimento interior verificando-o contra as regras únicas e particulares desse sistema.

No vosso sistema na verdade a expectativa forma o vosso próprio ambiente físico. O que não quer dizer que os ricos, por exemplo, tenham atingido necessariamente uma posição espiritual. Contudo, o ambiente pessoal considerado no seu todo, com as relações interpessoais, é um indicador da situação interna.

Nas projeções, entendem, precisam dispensar as premissas psicológicas básicas. Precisam entender por momentos que as portas não são sólidas. A premissa não passa de uma premissa conveniente no vosso sistema físico. As portas são sólidas. Isso não constitui uma verdade básica, entendem, mas uma premissa básica conveniente. É uma das mais difíceis de dispensarem. Enquanto auxiliar conveniente, darão por vós a imaginar, por exemplo, janelas abertas por meio das quais parecerão viajar. Isso representa um auxílio apenas para o ego. Electromagneticamente todas as coisas vivas se acham ligadas, no entanto retêm a individualidade. Nesses termos não existe qualquer nirvana em que a individualidade venha a ser subjugada.

Os seres individuais reterão a individualidade. Serão capazes de participar num elevado nível da consciência com o todo de que fazem parte. Esse todo é de longo muito mais infinito do que o que poderão conceber. Num sentido básico, o todo tem consciência de todas as suas

partes, e num sentido básico todas as suas partes têm consciência do todo. Mas cada parte do eu precisa percorrer a sua própria senda e desenvolver as suas próprias capacidades e explorar as possibilidades que ela própria cria, caso contrário o todo estagnar-se-á.

O todo obtém uma experiência vívida por intermédio da vida das suas partes. O todo necessita dos seus segmentos. A vitalidade precisa criar-se constantemente em novos padrões, e cada padrão novo, é claro, produz novas possibilidades de desenvolvimento.

O infinito nada tem que ver com o espaço conforme vocês o conhecem. O infinito é um estado de vir a ser e jamais poderá ter um fim por nunca se achar completo. O infinito tem que ver com o sentido de realização de sentido valor, e o desdobramento de novas possibilidades sempre novas, a exploração do momento, a viagem por dimensões que sempre criam a ilusão do tempo. Mas como não existe tempo, que haverá que possa terminar?

A experiência da projeção dar-lhes-á um pequeno vislumbre do infinito. Finjam que numa exploração que empreendam durante uma projeção deem por vós junto a uma árvore. Vocês entraram na árvore e permaneceram aí e acompanharam as estações com ela. Depois sentiram-se inquietos e entraram num pássaro empoleirado nos ramos e voaram vários metros de distância. Uma criança encontrava-se por perto e vocês entraram na criança. Introduziram-se na criança por forma nenhuma. Encontraram-se dentro dela como se fossem ar. Tudo isso parecerá não levar tempo nenhum. A criança envelheceu.

Viajaram até um lago perto e tornaram-se num peixe. Sucessivamente entraram em muitas coisas e por fim retornaram ao vosso corpo. Experimentaram séculos, no entanto só se passou uma hora do vosso tempo. A sensação que deveriam ter dentro dessa projeção altamente improvável dar-lhes-ia uma ideia, embora uma muito débil, da sensação do infinito.

Agora, num certo sentido, todas os eus são projeções do todo ou daquilo que é. Novos universos tais como o vosso estão constantemente a vir à existência. Sistemas e planos muito diferentes desenvolvem-se a partir de outros sistemas. O infinito só possui sentido em termos subjetivos e psíquicos. O cérebro físico não pode comportar ideia do infinito.

O conceito não se enquadra nos termos tridimensionais. O Eu todo, o ser interno, move-se dentro do conceito do infinito conforme vocês se

movem na realidade física por meio do espaço. O infinito contém tudo quanto alguma vez virá a ser conhecido, e, claro está, tudo quanto venha a ser conhecido é conhecido no espaço infinito. No entanto, esses mesmos termos, tudo quanto alguma vez virá a ser conhecido, é distorcivo, por sugerirem um fim do conhecimento e da experiência e não existe algum.

Sugiro o vosso intervalo.

(Pausa às 9:35. A Jane estava dissociada como de costume, um pouco mais para o final. Os olhos permaneceram fechados na maior parte do tempo.)

(Retoma às 9:45.)

Ora bem; “não existe lugar para onde ir,” caso saibam o que se pretende verdadeiramente dizer com tal afirmação. Também é verdade que existem muitos sítios para onde ir se os desejarem descobrir. Vocês sempre criam os lugares e os destinos a que chegam. Não existem locais e existe uma infinidade de locais. O eu interno forma todos os sistemas e todos os locais. Por um lado, vocês podem-lhes chamar efetivamente ilusão. Por outro lado, essas ilusões são bastante reais. Elas são o revestimento da realidade básica. A realidade básica situa-se de facto nas ilusões. Olhem por baixo delas e dentro delas e senti-las-ão. Mas elas próprias são compostas dela, e vocês não as podem separar. As palavras não são adequadas para explicar o que aqui quero referir.

A realidade básica não pode conhecer-se sem criar diversidade. A diversidade são as várias formas que a realidade adota, os diversos sistemas em que se expressa projetando-se numa experiência individualizada infinita. Bom, esta frase é importante.

Cada eu interior é uma porção de uma realidade básica interior. Porém, ela não pode conhecer-se exceto através da experiência, e precisa criar para poder experimentar. A experiência constantemente aprofunda o cumprimento do valor da própria realidade básica. Não existe alternativa entre a diversidade e o nada. Aquilo que é, está constantemente ciente do seu crescimento acentuando a existência, por meio da diversidade da experiência que cria constantemente e em simultâneo. Vocês fazem parte daquilo que é, vocês são aquilo que é. É impossível que qualquer parte daquilo que não é se individualize. Todas as partes daquilo que é, se encontram vivas, e se conhecem.

Existe o que poderão chamar Deus, mas dificilmente nos termos do que poderão conceber. Utilizando os vossos termos, vocês são de facto

parte desse Deus. Vocês são efetivamente infinitos. Possuem uma ligação imediata, instantânea pessoal com esse Deus, utilizando os vossos termos. Estão diretamente ligados a esse Deus. Não se podem desligar por esse Deus ser aquilo de que são feitos. Isto é posto tão simples quanto possível e altamente simplificado. O conhecimento aqui dá-lhes benefícios por formas altamente significativas; e capacita-os de facto a fazer uso de capacidades que não percebiam possuir.

Agora, isso é um Deus pessoal, nos vossos termos. É um Deus pessoal por esse Deus representar a parte daquilo que é, que sois vós próprios, entendem. Mais ninguém pode falar com essa porção particular desse Deus. Vós sois a vossa própria entidade. A parte de vós que é formada a partir do Tudo O Que É, é esse Deus; ele tem consciência de todas as vossas necessidades, por quanto a isso, Deus ser igualmente, vós próprios. Embora dificilmente o eu que vocês reconhecem ao espelho.

Agora; no vosso esquema do tempo vocês veem-se a vós próprios numa certa idade, num dado conjunto de circunstâncias. Quando percebem que são igualmente uma porção de Tudo Quanto Existe, então verão que tal conceito é erróneo e limitado. Porém, também há porções ligadas à vossa identidade noutros sistemas e essas são mais avançadas do que o vosso ser psicológico. Uma vez mais, estou a falar nos vossos termos. Eles podem ser comparados nesse contexto a deuses menores, e as vossas mitologias estão cheias deles. Eles também estão obviamente em contato com Tudo Quanto Existe.

Alguns deles estiveram no vosso sistema, nos vossos termos de continuidade e agora encontram-se para além dele. Eles também representam a ligação pessoal que vocês têm com o Tudo O Que É. Por vezes essas personalidades ajudam os seus e dão instruções. Entendam a ligação do Deus menor de forma aligeirada por o termo ser um termo pobre, mas suscita a ideia que pretendo representar, embora um tanto distorcida. A Sua realização de sentido de valor é consideravelmente mais profundo do que o vosso: a sua experiência é mais plena e o conhecimento que têm é de um nível mais elevado. Eu evitei tais debates principalmente no passado, até achar que estavam preparados para eles. E agora estão.

Essas personalidades são parte da vossa entidade particular. Entidades são obviamente subdivisões do todo, ou Tudo O Que É. Vós retendes a vossa individualidade enquanto parte de uma entidade, e a entidade retém a sua individualidade como parte de uma gestalt de energia. Uma gestalt de

energia mantém a sua individualidade enquanto porção do Tudo O Que É. Não existem formas de energia impessoais. Elas são entidades psicológicas altamente individualizadas. O seu desenvolvimento psicológico, porém, é bastante diferente de qualquer que vocês conheçam.

Existem realidades psicológicas que vocês simplesmente ignoram por completo, e elas acham-se interligadas a estruturas de energia que contêm dimensões que não conseguem entender.

Podes fazer uma pausa.

(Pausa às 10:14. A Jane estava dissociada como de costume. Na última parte desta secção, disse que sentia o Seth a pressioná-la, a levar a sua compreensão o mais longe possível. Começou a sentir ou a experienciar diretamente o conceito relativo às realidades da entidade psicológica avançada, mas ficou um pouco aquém.)

(Retoma às 10:20.)

Na verdade, vocês têm acesso, entendem, e uma linha direta, por assim dizer, com toda a energia e experiência que desejam. Agora; só uma questão, antes de eu fechar. Gostaria de lhes insinuar quanto às realidades psicológicas que formam estruturas da personalidade em níveis mais elevados do que o vosso. Essas personalidades são capazes de aprofundar a realização do sentido de valor de uma forma espantosa por meio da expansão de consciência que lhes permite focar-se em muitas áreas dos sistemas e planos simultâneos.

Quer dizer, não só têm consciência do que lhes parecerá ser o passado, presente e futuro no vosso sistema, como terão consciência de vários outros sistemas e são capazes de funcionar dentro deles em simultâneo, obtendo e gerando experiência em todos esses sistemas, mesmo enquanto mantêm uma identidade generalizada. São conscientes, por exemplo, delas próprias enquanto, digamos, uma entidade, e simultaneamente têm consciência de existências separadas enquanto indivíduos em diversos sistemas. Isto é o que podemos fazer presentemente.

Mas há muito mais a dizer. Eu voltarei a este tema no começo da próxima sessão. Vou encerrar agora. Os meus votos mais sinceros para ambos. Estou muitas vezes convosco. Ajudar-vos-ei nas vossas projeções. No entanto, terão de ir até certo ponto sozinhos. Dei-vos as instruções para que possam fazê-lo.

Quando tiverem aprendido o suficiente por conta própria, então a minha assistência ativa será benéfica como guia. Quero desenvolver as

vossas próprias capacidades. Não quero tornar-vos as coisas demasiado fáceis. Há algumas lições que vos darei quando estiverem em projeção.

Vigio-vos durante as vossas projeções e tomo conta de vós. E agora, boa noite.

("Boa noite, Seth."

(A sessão terminou às 10:33. A Jane esteve "bastante longe" durante toda a noite.)

SESSÃO 306

5 DE DEZEMBRO DE 1966

(O 79.º objeto-envelope foi um desenho feito por mim na sexta-feira, 25 de Novembro, no trabalho. Foi uma piada para o Don Wilbur; o Don e a sua mulher, Marilyn, visitaram-nos nessa sexta à noite e eu mostrei-lhes o esboço. Também pensei que a Jane tivesse visto o objeto nessa noite, mas afinal não viu. Assim, nunca tinha visto o desenho até depois do experimento. Nessa noite coloquei-o entre duas folhas de Bristol e depois lacrei-o nos envelopes duplos habituais.)

(A Jane começou a falar em transe enquanto estava sentada; estava a fumar; os olhos começaram a abrir-se em breve; o ritmo era bastante rápido e a voz bastante alta, comparativamente — a mais alta que tem estado há algum tempo.)

"Agora, boa noite."

("Boa noite, Seth.")

O Ruburt tem lido sobre drogas que induzem a chamada experiência psicadélica.

Ora eu tenho falado sobre estruturas psicológicas que são muito mais complexas do que aquelas com que estão familiarizados. Podemos ligar estes dois temas muito bem, caros amigos. Pois de uma forma muito ténue, a experiência psicadélica pode dar-vos alguns vislumbres da natureza destas estruturas psicológicas mais avançadas.

Como mencionei muitas vezes, de momento concentram a vossa atenção e consciência dentro do sistema físico. Isto sozinho pode ser comparado ao que o Leary chama de "imprinting". A existência dentro de qualquer sistema exigirá algum "imprinting". O "imprinting" envolve

simplesmente um ajustamento pelo qual a consciência é sintonizada com uma estação particular, por assim dizer.

A consciência assim sintonizada, contudo, é apenas uma pequena parte da consciência total do indivíduo. No vosso sistema, é agora moda referir-se a isto como o ego. As estruturas psicológicas estão de facto assim impressas. Contudo, também estão conscientes e cientes de enormes partes de si mesmas que não estão assim impressas. Estão conscientes de si mesmas simultaneamente como indivíduos impressos para reagirem dentro de vários sistemas.

Contudo, eles mantêm a identidade geral e seguem, ou mantêm registo de, estes indivíduos que são eles mesmos. Um pequeno exemplo seria um indivíduo que está consciente, simultaneamente, de todas as suas encarnações dentro do vosso sistema, consciente de que acontecem ao mesmo tempo, e ainda assim consciente de si mesmo como o todo que experiencia essas existências.

As personalidades encarnadas separadas, no entanto, continuam a ser identidades separadas. Isto não é de modo nenhum uma contradição. As estruturas de personalidade de que falo são muito mais avançadas do que este exemplo. Estão conscientes de muitas existências em muitos sistemas. Organizam a realidade fundamental em muitos padrões e depois operam e manipulam dentro deles.

Vocês, por norma, estão conscientes de um só sistema e não estão geralmente conscientes de si mesmos como outra coisa senão criaturas desse sistema. Refiro-me aqui à humanidade neste momento. Estas estruturas psicológicas, através do cumprimento de valor, alargam sempre as suas capacidades para formar novas realidades e agir dentro delas. Não se deve esquecer que estes sistemas ambientais são diretamente criados por aqueles que neles habitam, e isto inclui o vosso próprio.

A realidade fundamental não é um caos. É uma matéria-prima. Toda a diversidade implica um todo, e se teorizarem um todo, devem também implicar diversidade. Estas estruturas de personalidade são como vocês, uma porção da realidade fundamental, ou Tudo O Que É. São simplesmente capazes de usar, exprimir e atuar dentro de uma estrutura mais ampla dela.

A vossa ideia de um deus, de facto qualquer conceito mantido pela humanidade, representa no máximo uma ideia muito pequena e insignificante, baseada nas suposições de raiz do vosso próprio sistema.

Isto não significa que tais ideias não sejam legítimas até certo ponto. Tomando simplesmente o vosso sistema físico e o vosso universo físico, toda a vida inteligente não é simplesmente humanoide. Mesmo nesta conceção limitada, o conceito de um deus humano é quase sem sentido, e há muitos outros sistemas em que a palavra humanoide não teria qualquer significado real.

Isto não quer dizer que a palavra não tenha de facto significado. Estruturas psicológicas e gestalts psíquicos formam a base para a realidade individual, independentemente do sistema. Todos estes implicam um todo, mas o próprio termo “todo” voltaria a não ter sentido se o todo, através de partes conscientes de si, não estivesse consciente de si mesmo. Agora podem fazer uma pausa para bem dos vossos dedos, e continuaremos.

(Pausa às 21:25. A Jane disse que estava “bastante longe”. A voz forte levou-a, com poucas pausas curtas. Olhos abertos frequentemente, entrega ativa. Retomou do mesmo modo às 21:33.)

Agora. O vosso LSD e drogas semelhantes suspendem até certo ponto o processo de “impressão”, embora nunca por completo.

Em algumas personalidades, levarão ao que chamam uma experiência mística. Transportarão a personalidade para novos reinos de percepção. Romperão momentaneamente as organizações habituais e padronizadas da percepção. Verão com novos olhos interiores. Até certo ponto verão alguns aspetos da realidade para além das estruturas físicas habituais que impõem a ela como um todo. Existe, portanto, uma liberdade para o eu interior.

Pode haver uma forte sensação de unidade com Tudo O Que É. Isto é, claro, muito para aqueles que foram principalmente orientados pelo ego, e representa uma quebra significativa que pode de facto fornecer a oportunidade e o impulso para uma existência terrena muito mais gratificante.

Por si só (*sublinhado*), no entanto, não vos levará mais além disto. Por si só, não vos dará uma visão de vidas passadas ou existências futuras. Por si só não vos elevará para fora da estrutura do sistema físico, mas permitirá apenas que vejam esse sistema como ele é. Permitir-vos-á experienciar a vossa relação com o sistema e a relação do sistema com o todo.

Não vos transportará, por si só, para outros sistemas. Os seminários do vosso amigo (*Gene Bernard*) estão dentro deste sistema, na medida em que

são compostos por personalidades que estiveram, e poderão voltar a estar, ligadas a ele. (*Pausa longa.*)

Por si só, tal experiência não vos dará mobilidade psicológica através de outras porções que compõem a vossa própria estrutura psicológica em devir. Digo aqui “por si só” porque certas personalidades serão suficientemente avançadas para usar tal experiência como trampolim precisamente para essas descobertas. (*Pausa longa.*)

O ego de facto é uma ficção, mas uma ficção extremamente útil. É uma divisão artificial, de facto em constante mudança, e ainda assim a ilusão da sua existência deve ser mantida enquanto estiverem nesta existência. Não precisa ser inflexível, com treino. Com treino estará disposto a conceder-vos muito mais liberdade, e ainda assim permanecerá intato.

A experiência psicadélica é uma experiência muito frutífera. No entanto, as drogas não são um pré-requisito. Numa experiência sem drogas, o ego perde a sua qualidade substancial momentaneamente. No entanto, permanece como proteção. Em todo o nosso trabalho temos permitido ao eu não físico cada vez mais liberdade. Temos expandido, e estamos a expandir, a consciência, e esta consciência inclui o ego.

Estamos a trazer o ego para dentro, por assim dizer. Está a participar nesta expansão da consciência. No passado, o ego foi exagerado. Dominou tudo. Isto não significa que o pêndulo em mudança deva agora tentar eliminar o ego. Qualquer expansão de consciência deve também incluir esta parte do eu.

Podem fazer uma pausa e continuaremos.

(*Pausa às 21:54. A Jane estava novamente bem dissociada. A entrega foi de novo vigorosa, voz alta, olhos abertos frequentemente, mas o ritmo abrandou um pouco perto do fim. Retomou mais ou menos do mesmo modo às 22:00.*)

Agora. Outro ponto. O ego atuará como tradutor da experiência interior para vós. Se tais traduções contiverem distorções, são melhores do que nenhuma tradução, e a intuição permitir-vos-á ver através das distorções.

Estas serão também filtradas, claro, através das camadas do subconsciente pessoal. A experiência continuará a ter significado sem o ego, mas não será tão significativa, e não poderão utilizá-la de forma

eficiente. Deve tornar-se parte da organização de toda a identidade presente, percebem.

É precisamente porque o ego é excluído da experiência psicadélica com drogas que surgem dificuldades depois. Dada a oportunidade, o ego pode e de facto funde-se com outras porções do eu, mantendo ainda assim, de forma solta, uma estrutura psicológica dentro da qual a experiência pode ser traduzida nos vossos termos.

A experiência psicadélica nestas circunstâncias transforma também o ego de formas benéficas. Caso contrário, o ego é deixado para trás, incapaz de desempenhar, por regra agora, as suas funções primárias. O ego pode organizar os velhos dados quando passa por uma experiência psicadélica como parte do eu total. Então pode também organizar os novos dados.

Um ego treinado e flexível será capaz de renunciar momentaneamente à sua dominância durante a experiência em si. Teremos mais a dizer aqui em ligação com estas estruturas psicológicas avançadas e o que se chama experiência psicadélica. Na nossa próxima sessão, começarei também a responder às perguntas do Ruburt sobre tal experiência sem drogas. Têm muitas pistas, e darei mais instruções.

Agora tens um envelope para mim?

(“Sim.”

Às 22:08, a Jane pegou no envelope para o nosso 79.º experimento. Os olhos fecharam-se, ergueu-o até à testa numa posição horizontal, como de costume. A entrega foi bastante rápida.)

Deem-nos um momento. Uma sequência de números. Ou quatro números, o número quatro várias vezes, ou quatro indicações separadas no item ou objeto.

Uma dispersão ou miscelânea também. Ligação com uma imagem. 4 3 2 1 ou 4 3 1 1 1. Ligação com uma reviravolta física, ou inversão.

Um retângulo e um quadrado. Talvez o quadrado dentro do retângulo. E uma linha horizontal sólida, preta ou escura. (Pausa.)

Algo por si só no canto inferior esquerdo. A impressão é de uma pequena imagem ou desenho (*abanou a cabeça, olhos fechados*) que poderia representar uma fundação, casa, edifício federal ou igreja, ou monumento. Impresso ou em relevo.

Ligação com o correio, e carimbo postal. Ligação com 6 de Novembro. Uma pequena forma redonda que parece ser como um carimbo postal ou marca de vacinação.

Não creio que o seguinte esteja precisamente correto aqui: algo como *tottle* (*minha interpretação*) ou *turtle*. Talvez tenha a ver com um nome ou morada.

Algumas indicações de desastre, embora isto possa ser forte.

Ligação com papel colorido, creio eu. Um envelope. Dissonância.

E.U.A. Ligação com um lago ou água, ou uma taça.

Uma nota, de algum modo ligada a uma insatisfação. Um tempo desproporcionado gasto. Demasiados de algo para segurar. J.B., ou Ruburt; isto é, Jane Butts aqui.

Ligação com conselho ou um conselheiro. Quatro mais um. Violeta ou roxo, e uma solução agradável a ser encontrada. Uma disposição perpendicular com pontos.

O objeto — um envelope ou carta e alguma referência a uma terceira parte.

Ligação com M.G.

Têm alguma pergunta? Uma ligação com jornal também.

(*A Jane ainda segurava o envelope contra a testa.*)

(*“Podes dizer algo mais sobre a terceira parte?”*)

Parece haver uma ligação com o vosso vizinho Leonard [Yaudes].

(*“De que forma?”*)

Isto pode ser resultado da ligação com o jornal. Algo abriu-se simbolicamente, creio eu.

(*“Podes dizer algo mais sobre o desenho?”*)

No canto?

(*“Sim.”*)

Não tenho a certeza se isto é um desenho literal. Pode ser. Uma organização. Se não tiverem mais perguntas, podem fazer a vossa pausa. Se tiverem, responderei a elas.

(*Pausa às 22:27. A Jane estava novamente bem dissociada. Os olhos mantiveram-se fechados, o ritmo foi bom. Ela recordou algumas imagens que teve enquanto falava, e disse que mais viriam à mente à medida que analisássemos os dados. No momento, lembrava-se de algo pequeno num canto inferior esquerdo num envelope; de um edifício de algum tipo; e de algo redondo como um carimbo ou vacinação. Nota-se que são vagas.*)

(*Pedi à Jane que manuseasse o envelope com cuidado assim que saísse do transe, e que o pousasse na mesa enquanto abria ambos os envelopes, etc., para ver se o pequeno objeto estava num canto inferior*

esquerdo. Aparentemente tinha ficado centrado, contudo, embora pudesse ter havido algum deslocamento.)

(Ver página 203 para uma cópia do objeto. Como declarado, é um selo postal de brincadeira que eu desenhei na sexta-feira, 25 de Novembro de 1966, no trabalho. É uma piada com o Don Wilbur — “Young Donny” — e eu mostrei-o ao Don e à esposa dele, Marilyn, quando nos visitaram nessa noite. Os Gallaghers também estavam presentes. Eu pensava que o desenho tinha sido mostrado nessa noite e que a Jane o tinha visto, mas ela disse hoje que não. Em todo o caso, não tinha qualquer recordação de o ter visto antes, para minha surpresa.)

(O Seth não voltou, por isso a Jane e eu fizemos as nossas próprias ligações.)

(“Uma sequência de números. Ou quatro números, o número quatro várias vezes, ou quatro indicações separadas no item ou objeto.” A única ligação que vemos com o objeto aqui é que um número nele se repete — 1 cent surge duas vezes. Ver página 203. Há uma sequência de símbolos na parte inferior do objeto, mas principalmente de letras, em vez de números.)

(“Uma dispersão ou miscelânea também.”)

(“Ligação com uma imagem.” O objeto é um desenho, ou imagem.)

(4 3 2 1 ou 4 3 1 1 1. Sem ligações, exceto que 1 cent surge duas vezes no objeto.)

(“Ligação com uma reviravolta física, ou inversão.” Sem ligações.)

(“Um retângulo e um quadrado. Talvez o quadrado dentro do retângulo.” Pensamos que isto é um dado muito bom. Ver página 203. Como indicado pela linha de lápis no objeto, este foi montado a partir de duas peças de papel branco, com a parte interior colada na posição. A peça maior é obviamente um retângulo. Na verdade, a peça mais pequena também é, mas aproxima-se proporcionalmente mais do quadrado. E esta peça está dentro do retângulo.)

(“E uma linha horizontal sólida, preta ou escura.” Talvez próximo aqui. Há linhas pretas sólidas no objeto — tanto a moldura como o padrão na camisa. Quando a Jane abriu cuidadosamente os envelopes duplos do experimento, encontrei o objeto posicionado assim, tanto quanto consegui perceber.)

(Sabe-se que a Jane segurou os envelopes selados contra a testa numa posição horizontal, ou seja, com os eixos longos paralelos ao chão. Assim,

parte da moldura preta no objeto, ou o padrão na camisa, apareceria horizontal se o Seth apanhasse estes dados de forma algo literal.)

(*“Algo por si só num canto inferior esquerdo.” Como referido antes, quando os envelopes foram abertos, o objeto parecia ter ficado centrado dentro deles. A Jane disse que teve uma imagem de um pequeno objeto num canto de um envelope.*)

(*“A impressão é de uma pequena imagem ou desenho que poderia representar uma fundação, casa, edifício federal ou igreja, ou monumento.” Isto é um dado excelente. O objeto é um desenho, e é pequeno. Ver página 203.*)

(*Além disso, a ideia de edifício federal entra aqui, já que o objeto é um selo postal falso. Monumento também se aplica, pois nos E.U.A. apenas pessoas falecidas são mostradas em selos; assim, uma aparição num selo é uma espécie de homenagem e uma forma de monumento. A Jane disse que não sabia desta política. Eu estava familiarizado com ela por colecionar selos em criança. Telepatia aqui?)*

(*“Ligação com o correio, e carimbo postal.” Mais um dado excelente.*)

(*“Ligação com 6 de Novembro.” Sem ligações.*)

(*“Uma pequena forma redonda que parece ser como um carimbo postal ou marca de vacinação.” Mais uma vez, o Seth/Jane explora a ligação com o correio do objeto, que é um selo postal falso. A Jane teve uma imagem de uma forma redonda.*)

(*“Impresso ou em relevo.” Sim. A Jane disse que por impresso queria dizer o meu desenho manuscrito no objeto, versus escrita à mão. Além disso, os selos, claro, são impressos em produção. A Jane disse também que o dado em relevo é legítimo, e deriva de duas coisas no objeto: a moldura “ondulada” que desenhei e o facto de a parte central do objeto ter uma dimensão ou espessura adicional por causa das duas peças de papel — na verdade, papel de desenho de uma só folha — coladas juntas.*)

(*“Algo como tottle ou turtle.” Talvez uma ligação com o nome ou morada.” A Jane disse que isto era a sua forma de chegar a uma ligação com a esposa do Don Wilbur, Marilyn. A ligação sendo que o Don foi alvo de troca no objeto. A Jane disse que andou na escola secundária com uma rapariga chamada Marilyn Tuttle. Ela tinha-se esquecido de Marilyn Tuttle até este dado surgir.*)

(“Algumas indicações de desastre, embora isto possa ser forte.” Em tom de brincadeira, a Jane disse que a caricatura do Don Wilbur poderia ser chamada de desastre. Especialmente as feições feias e os globos oculares vermelhos. Ver página 203. Na verdade, o desenho não se assemelha ao Don, sendo propositadamente assim feito.)

(“Ligação com papel colorido.” Ambas as peças de papel que compõem o objeto são brancas. A cor vermelha também aparece no desenho, os dados podem estar distorcidos.)

(“Um envelope.” O objeto, sendo uma paródia de um selo postal, faz lembrar um envelope.)

(“Dissonância.” A Jane disse que o objeto é dissonante em vez de harmonioso, eu produzi-o de propósito assim.)

(“E.U.A.” Isto é um dado excelente. Ver página 203. As iniciais U.S. aparecem na linha de texto na parte inferior do objeto: 1 cent U.S. Postage 1 cent.)

(“Ligação com um lago ou água, ou uma taça.” Mais uma vez, muito bom. A Marilyn e o Don Wilbur vivem em Wellsburg, NY.)

(“Uma nota, de algum modo ligada a uma insatisfação. Um tempo desproporcionado gasto. Demasiados de algo para segurar. J.B., ou Ruburt; isto é, Jane Butts aqui.” Não sabemos. Sem o Seth não vemos ligações. Como afirmado, a Jane estava presente quando o objeto-envelope foi mostrado aos Wilburs na visita; talvez o Seth se referisse ao facto de a Jane não ter visto realmente o objeto nessa noite.)

(“Ligação com conselho ou um conselheiro.” A Jane disse que isto é legítimo, e refere-se ao facto de eu ser considerado uma ajuda para jovens como a Marilyn e o Don, que estão nos seus 20. Eu tenho 47.)

(“Quatro mais um.” Sem ligações.)

(“Violeta ou roxo.”)

Há vermelho no objeto.

(“E uma solução agradável a ser encontrada.”) Sem ligações.

(“Uma disposição perpendicular com pontos.”) Como indicado no esboço no topo da página 209, algumas das linhas no objeto estariam perpendiculares enquanto a Jane segurava o envelope contra a testa. Ela disse que os “pontos” referiam-se às minúsculas linhas vermelhas nos globos oculares do desenho; para ela pareciam pontos, sendo bastante pequenas.

(“*O objeto — um envelope ou carta, e alguma referência a uma terceira parte.*”) O objeto não é um envelope ou carta; ver página 203. Mas sendo um desenho de um selo postal, está intimamente ligado a ambos esses dados. Não temos a certeza quanto à referência do Seth a uma terceira parte; podem existir várias possibilidades.

(“*Ligação com M.G.*”) De novo, não temos a certeza. Ninguém com essas iniciais estava presente na noite em que o objeto foi mostrado. Uma possível referência: M de Marilyn Wilbur, esposa do jovem Don Wilbur retratado no objeto; e G dos Gallaghers. Os Wilburs e os Gallaghers estiveram presentes nessa sexta-feira à noite, 25 de Novembro de 1966.

(“*Ligação com jornal também.*”) Muito possivelmente isto refere-se ao facto de tanto o Bill como a Peggy Gallagher trabalharem no jornal local, *The Elmira Star-Gazette*. Nenhum dos Wilburs tem ligação a isso.

(1.^a Pergunta: *Podes dizer algo mais sobre a terceira parte?*) “Parece haver uma ligação com o vosso vizinho Leonard [Yaudes].” Tanto quanto sabemos, o Leonard, que vive no apartamento em frente ao nosso, não tem ligação com o objeto ou com a sexta-feira, 25 de Novembro. Pensamos que isto é um dado que surge do item do jornal, como se verá abaixo.

(2.^a Pergunta: *De que forma?*) “Isto pode ser resultado da ligação com o jornal. Algo abriu-se simbolicamente, creio eu.” Possivelmente o nome do Leonard surgiu aqui por causa dos dados do jornal, que evocam os Gallaghers. O Leonard tem de facto uma ligação com jornais connosco, na medida em que ele obtém o *New York Times* no trabalho e depois dá-no-lo todos os dias depois de o ler. Dá-nos também a edição de domingo e várias revistas de notícias regularmente, por isso, nesse sentido, tem uma forte ligação “noticiosa” connosco. O seu nome pode ter surgido nestes dados, contudo, por distorção, visto que os Gallaghers têm uma ligação mais direta ao objeto, através de mim.

(*Os jornais, claro, surgem. Não sabemos qual o significado simbólico que o Seth poderia ter em mente.*)

(3.^a Pergunta: *Podes dizer algo mais sobre o desenho?*) “No canto?” Como indicado na página 209, aparentemente o objeto estava centrado dentro dos envelopes duplos. A Jane, no entanto, teve uma imagem de um pequeno objeto num canto de um envelope.

(“*Não tenho a certeza se isto é um desenho literal. Pode ser.*”) O objeto é um desenho. Ver página 203. Excelente dado.

(*“Uma organização.”*) Mais uma vez, dado acertado. O objeto é uma paródia de um selo postal, o que faz lembrar a organização postal do país. Ver os dados sobre fundação na página 209.
(*Fim.*)

SESSÃO 307

7 DE DEZEMBRO DE 1966

(*A Jane estava dissociada como habitualmente.*)

“Boa noite.”

(*“Boa noite, Seth.”*)

A consciência não pode ser separada da mobilidade. É verdade que se focam principalmente dentro do sistema físico, mas o eu interior é altamente móvel e embarca simultaneamente numa variedade de projeções. O exemplo mais próximo desta mobilidade na vossa experiência é a situação de sonho.

Estes sonhos deixam pouca impressão na consciência desperta, a menos que a treinem e a levem convosco tanto quanto possa ir. Assim, ela é capaz de traduzir a realidade do sonho, pelo menos em parte. Na experiência psicadélica, o ego pode ser treinado para atuar da mesma maneira. Mais tarde pode servir como intérprete.

De facto, traduzirá os dados em termos que possa entender, mas sem tal tradução a consciência normal desperta poderia não ter qualquer registo disso. Grande parte dessas experiências permanecerá não traduzida. O intelecto simplesmente não conseguirá conter os dados. Há um ponto onde o ego ficará para trás, mas de cada vez irá mais longe.

O que devem entender é que a experiência psicadélica representa apenas um vislumbre do estado constante do eu interior: não constante no sentido de algo estático, contudo. Com drogas, há alguns perigos. Existem dimensões nas quais estão completamente incapazes, e se através de alguma perturbação molecular caíssem numa delas, é possível que não conseguissem encontrar o caminho de volta. Não me compreendem aqui, e é difícil de explicar. O vosso vocabulário não está preparado para lidar com o conceito. Vou tentar.

Existem sistemas eletromagnéticos que compõem a experiência. Estes podem ter contrapartes, embora não identidades exatas, dentro de outros sistemas totalmente alheios a vós tal como se conhecem. Dadas certas circunstâncias invulgares, poderiam saltar, por assim dizer, e acabar dentro

de um gestalt energético de onde não conseguiriam regressar. A estrutura da personalidade simplesmente não suportaria a transição.

Muito vagamente, isto poderia ser comparado a uma voz de uma estação ser de repente capturada por outra. Há muito mais aqui, quase impossível de explicar neste momento. Existem, do vosso ponto de vista, sistemas de tamanho minucioso que, dentro de si mesmos, são infinitos. Poderiam ser arrastados para um sistema de cumprimento de valor totalmente diferente. Tudo isto é muito improvável, mas é possível, e sob drogas tais experiências poderiam acontecer.

Os pensamentos, como sabem, contêm a sua própria realidade eletromagnética. Isto significa que cada pensamento é um sistema eletromagnético de facto e não apenas na teoria. Tal sistema é a base para o vosso sistema físico e estes são altamente válidos. Teoricamente apenas, com drogas seria possível perderem-se dentro de uma ideia, presos na sua realidade eletromagnética, e forçados a seguir as ramificações e desenvolvimentos da ideia em várias formas. O sistema de cumprimento de valor seria alterado. Haveria desenvolvimento dentro desse sistema, mas perder-se-iam para o vosso próprio sistema.

Menciono tais possibilidades porque tais situações não foram sonhadas, e devem ser tidas em consideração. Tais experiências sem drogas não poderiam acontecer de todo. A personalidade alarmada regressaria rapidamente. No caso de drogas, contudo, a estrutura química poderia atrasar tal regresso até ser demasiado tarde.

Os químicos, veem, alteram o sistema que habitam, bem como a vossa própria percepção dele. É acelerado em muitos aspetos, e o problema é quase como regressar a uma nave em movimento no espaço, só que o movimento envolvido é a consciência. Não teriam uma estação estacionária para regressar.

Em estados de transe, existe mais ou menos um sistema estacionário à espera, por assim dizer. Em estados de transe, a própria consciência provoca as mudanças químicas dentro de si à medida que, consciência, viaja. Ocorrências dão-se dentro do corpo. Quando a consciência altera a sua direção, altera automaticamente o sistema físico. Quando está pronta para regressar, o sistema físico está automaticamente preparado para a receber.

Agora, na situação com drogas, o estado de consciência desejado é provocado pela alteração de propriedades químicas. A consciência,

viajando, não pode manipular automaticamente a estação física. A consciência tem de permanecer fora, percebem, até que a situação química tenha mudado.

Se surgirem dificuldades, não há uma estação estável para receber a consciência que regressa. Isto não parece ser um problema agora, pois os viajantes ainda são novos nisto. Contudo, à medida que os membros aumentarem, algumas destas dificuldades poderão trazer problemas.

Podem fazer uma pausa e continuaremos.

(Pausa às 21:35.)

(Retoma às 21:44.)

A porta química para a realidade interior é de facto uma porta. Sob um aspeto, isto é uma projeção do ponto de vista molecular. O que não se compreende é que existem mundos entre uma molécula e outra, e mundos que não entendem. Poderiam perder-se na vida e morte de uma molécula em tais condições, e estou a falar em termos literais.

As alterações químicas propulsionam a consciência para fora, ou para bem dentro. Isto à parte: uma pequena dose de sal, sal comum, tomada com as drogas ajudaria a manter uma certa estabilidade. Tem uma ação de coesão sobre a consciência e atua como elemento aglutinador.

As alterações químicas provocadas por tais agentes externos como drogas, em certa medida, roubam ao eu interior as suas capacidades diretivas habituais, pois as mudanças ocorrem antes de o eu interior se ter reunido. Não está tão psiquicamente organizado como está em tais experiências sem drogas.

Isto é algo semelhante a drogar uma criança prestes a nascer como efeito secundário de drogar a mãe para tornar o parto mais fácil, percebem? Sem drogas, a experiência psicadélica não ocorre a não ser que as circunstâncias sejam excelentes sob todos os aspetos. Há pouco perigo envolvido, como regra. As alterações químicas são automaticamente subprodutos da mobilidade da consciência em tais situações.

O eu interior é altamente capaz e segue certas rotas eletromagnéticas que conhece, evitando outras rotas. Sinais do corpo chegam-lhe constantemente. Está em contato imediato com o corpo em certos níveis: níveis de sobrevivência. Com estas condições satisfeitas, pode de facto viajar mais longe, por assim dizer, do que numa experiência semelhante com drogas. Estou a comparar agora as experiências com e sem drogas no seu melhor.

Não estou a negar que a experiência com drogas possa ser excelente, contudo. Há um equilíbrio de azoto que é perturbado na experiência com drogas. Existe um ingrediente nos frutos secos que também agrava certas condições se estes forem consumidos nas dez horas antes da experiência com drogas. Se isto acontecer, então o indivíduo pode ser lançado de volta para uma experiência similar quando consumir frutos secos, mesmo sem ter tomado droga. Há outras substâncias que têm este efeito também.

Sugiro que façam uma pausa.

(Pausa às 22:05.)

(Retoma às 22:14.)

Agora, tenciono dar-vos mais instruções e fá-lo-ei. As drogas atualmente disponíveis permitem a experiência numa única direção principal. Teremos mais mobilidade. Diferentes drogas, ainda por descobrir, permitirão à consciência viajar noutras direções, mas quando se usa um químico, este determinará em grande parte os sistemas que podem ser explorados.

A consciência, por si só, tem uma escolha muito mais vasta. A posição Norte-Sul continua a ser a melhor posição corporal, embora outras possam ser usadas. Isto aplica-se tanto à experiência com drogas como sem elas. Por várias razões, a época da lua cheia é a mais benéfica. O tempo chuvoso é um auxílio. Para o Ruburt, a altura da ovulação é boa.

Não deve haver borracha sobre ou perto do corpo, nem nos pés da cama, por exemplo. Frutos cítricos são um auxílio. O ácido contido neles tem propriedades elétricas que ajudam. Não falo agora, percebem, necessariamente de projeções, embora estas possam ocorrer. Isto é, a experiência pode ou não lidar com uma projeção para outra imagem. A aspirina, incidentalmente, é um prejuízo, normalmente.

Estas são sugestões muito simples. Na nossa próxima sessão iremos aprofundar isto e definir a experiência psicadélica para vocês. Existem muitas razões pelas quais a “iluminação” (entre aspas) ocorre na terceira e quarta década. Tal iluminação representa o primeiro contato do ego com o seu eu interior, e é apenas um começo.

Se não tiverem perguntas, encerraremos a sessão.

(“Penso que não.”)

Os meus mais calorosos votos para ambos.

(“Boa noite, Seth.”)

(A Jane estava dissociada como habitualmente. Quando falava sobre saltitar de molécula em molécula, disse que começou a sentir o conceito; experimentou-o até certo ponto enquanto falava pelo Seth.)

SESSÃO 308

12 DE DEZEMBRO DE 1966

(A folha do bloco de notas usada como 80.º objeto de envelope está impressa num castanho chocolate escuro sobre um papel que é um castanho alaranjado bastante vivo de valor intermédio. Foi dobrada uma vez na horizontal, como indicado, embora também tivesse marcas de dobra verticais. Foi colocada entre os habituais dois Bristols e selada nos habituais envelopes duplos.)

(A Jane começou a falar em transe a um ritmo médio.)

Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Ora bem. A experiência psicadélica é, primariamente, a expansão da consciência. Isto implica mobilidade interior.

Com treino, pode dar-se alguma direção, para que a informação possa ser eficazmente usada pela personalidade normal de vigília. Com tal treino estas experiências conduzir-vos-ão a outras porções da vossa própria entidade. Isto é bastante importante.

A personalidade toma consciência de partes que lidam com outras dimensões. Aprende a manipular com outros pressupostos de base. A experiência de mobilidade acrescenta automaticamente cumprimento de valores. A memória de vidas passadas pode ser alcançada sob certas circunstâncias.

As nossas sessões são experiências de expansão da consciência. Surgirão questões sobre se algumas imagens, em alguns desses períodos, são legítimas ou imaginárias. As questões, claro, serão destituídas de sentido. As imagens serão bastante válidas no seu próprio sistema e, se nele viajarem, vê-las-ão.

Isto não significa, porém, que aparecerão dentro do vosso próprio sistema. São tão reais e tão irreais quanto os objetos físicos. Pouca atenção tem sido dada às vias que se abrem, mesmo no cérebro físico, como resultado das experiências psicadélicas. Essas partes do cérebro, aparentemente não utilizadas, lidam com essas outras dimensões e, fisicamente (*sublinhado*), começais a usar essas partes, ainda que minimamente, pela primeira vez, em situações psicadélicas.

Uma vez abertas essas vias físicas, o caminho torna-se mais fácil. A pineal, a pituitária e o tálamo são importantes aqui. O sal mencionado anteriormente tem ligação com a tiroide. Os próprios cérebros físicos, as

partes não utilizadas, têm a capacidade, por exemplo, de ouvir a cor, de cheirar o som; por outras palavras, essas partes contêm, entre outras coisas, funções, principalmente não usadas, que vos permitiriam perceber a realidade física de várias outras maneiras. Essas áreas indiferenciadas existiram primeiro, antes de o aparelho sensorial especializado ter sido uniformemente adotado.

Enquanto espécie, poderiam com a mesma facilidade ter cheirado a cor, em vez de a ver, percebem. Essas partes do cérebro, uma vez ativadas, permitem então que mudeis impressões sensoriais de um mecanismo sensorial para outro, percebem.

É como a vossa realidade estereofónica a partir de muitos níveis. Regra geral, estais a operar em mono, percebem. Não há dúvida de que este tipo de experiência é novo para o ego, que está habituado a interpretar dados sensoriais de forma altamente rígida e especializada.

Com os nossos métodos, o ego é posto ao corrente, percebem. (*Pausa longa.*) A loucura, como é rotulada, é por vezes apenas o resultado de uma situação estranha, em que certos indivíduos usam as partes normalmente dormentes do cérebro bem como, ou por vezes em grande medida em lugar das, partes reconhecidas. A percepção da realidade é, portanto, largamente alheia à sociedade.

É possível (*sublinhado*) que a experiência psicadélica para esses indivíduos envolva expansão da consciência dirigida para (*sublinhado*) a realidade física habitual, e traga uma estrutura de personalidade mais unificada do ponto de vista da sociedade. Loucura, enquanto termo, nada significa. Toda a vida mental caracteriza-se por percepções divergentes de qualquer conjunto dado de dados sensoriais que é reconhecido como Realidade, com R maiúsculo.

Aqueles que percebem esse conjunto de dados de modo a que se chegue a acordo são chamados sãos. Mas nenhum de vós percebe a mesma realidade. Aqueles cujas ideias e percepções da realidade estão completamente desalinhadas com o acordo geral são chamados insanos. Os termos apenas mostram que a realidade, tal como a conhecem, é o resultado de percepções privadas. A realidade constrói-se como resultado dessas percepções privadas.

O impacto emocional por detrás delas determina a sua força. São transmitidas telepaticamente. Lembram-se, porém, de que os indivíduos recebem em certos padrões eletromagnéticos, ou intervalos de padrão, muito melhor do que noutros. Alguns indivíduos, portanto, simplesmente não receberão telepaticamente os pressupostos dominantes da realidade, mas estarão sintonizados com intervalos diferentes, altamente insatisfatórios para eles. Torna-se rapidamente evidente que a sua visão da realidade é inteiramente diferente da dos seus vizinhos.

(*Sugiro o vosso intervalo e continuaremos.*)

(*Intervalo às 21:27. A Jane “fora” como de costume; ritmo bom, olhos abertos, etc. Retoma às 21:35.*)

Agora. Noutra perspetiva, a experiência psicadélica, com ou sem drogas, naturalmente, alarga a gama de realidades eletromagnéticas que percebem. Barreiras são cortadas e, uma vez que se habituem a receber dentro de uma gama mais ampla, poderão fazê-lo no vosso futuro. Esses intervalos, uma vez abertos, não se fecham inteiramente para vós. Torna-se-vos mais fácil, no futuro, receber dentro deles.

Um ego disciplinado mas intuitivo torna-se então uma necessidade, para que tal experiência nova possa ser colocada sob controlo útil, nos vossos (*sublinhado*) termos. O ego torna-se mais necessário, percebem, não menos, pois tem de aprender a sintetizar a experiência obtida em termos reconhecíveis dentro do vosso sistema. Caso contrário, se o ego for afastado, erguer-se-á em armas e em oposição, e pode ser altamente perigoso.

É escusado dizer que, nos nossos métodos, o ego é alterado de forma bastante completa mas gradual, em muitos casos, e apenas com a sua própria vontade de o fazer. Reconhece a sua identidade como parte (*sublinhado*) do eu interior. Portanto, basicamente, não tem necessidade de lutar contra o eu interior, pois sabe que a sua sobrevivência depende dessa estrutura interior.

O ego, até certo ponto, percebem, ampliou as suas funções e desempenho. Desde o início das nossas sessões, por exemplo, expandiu-se em ambos os vossos casos. Expandiu-se não porque tenha crescido mais egotista, mas porque aceitou como parte de si realizações intuitivas e responsabilidades psíquicas interiores de uma forma que antes não considerava.

Por outras palavras, porções do eu interior juntaram-se às funções estritamente egotistas. O ego, em tais casos, fica tão sintonizado que se torna quase outra coisa. Aproximamo-nos aqui de uma definição de iluminação em termos psíquicos. O ego não é (*sublinhado*) banido. Junta-se a porções do eu interior anteriormente inconscientes e ilumina a personalidade inteira. Já não está orientado principalmente para o físico. Portanto, já não é um ego nos termos geralmente entendidos.

De novo, este é um ponto importante. O ego aceitou as metas do eu interior. A sua identidade já mudou, de modo que a sua preocupação principal, (*sublinhar* “principal”), já não é primariamente a manipulação física, mas o crescimento e desenvolvimento interiores.

Isto não significa que ignore as suas funções anteriores. Na verdadeira expansão da consciência, então, tornais-vos cada vez mais conscientes (*sublinhado*) de realidades interiores que anteriormente nunca eram reconhecidas a nível consciente. Uma vez que o ego é presentemente o

vosso principal veículo de consciência, não será obliterado. Será, de facto, ressuscitado. Muda simplesmente não só a sua forma, mas o seu núcleo interior, aceitando como parte de si realidades que anteriormente ignorava por medo, ignorância e insegurança.

Torna-se cada vez mais uma porção da supraconsciência. A sua nova função é ajudar a orientar a personalidade global, de modo que as capacidades interiores e as iluminações possam também alcançar a realidade física.

(Podem fazer um breve intervalo e continuaremos.)

(Intervalo às 21:54. Retoma às 22:05. Ritmo bom.)

O material da sessão desta noite é altamente pertinente, e iremos prosseguir-lo.

O ego mudou completamente a sua estrutura. Mudou a sua identidade eletromagnética, nos vossos casos, desde as nossas sessões. Aprendeu, até certo ponto, a assimilar as vossas experiências interiores. A longo prazo este é o método mais eficaz. E, a longo prazo, nenhuma expansão de consciência pode ocorrer a menos que a estrutura do ego seja assim alterada.

Há outros métodos que também a alteram, mas os nossos são os mais vantajosos sob muitos pontos de vista.

Agora. Tens um envelope?

(“Sim.”)

(Às 22:09 a Jane pegou no envelope para a 80.ª experiência que lhe dei. De olhos abertos, gesticulou com o envelope enquanto o segurava claramente na horizontal. Eu via as dobras no verso. Depois de falar, encostou-o à testa como de costume, de olhos fechados.)

Deem-nos um momento, por favor. Para vosso benefício, podem ver pelo verso do envelope a posição em que o seguro. Agora, estas são impressões.

Uma letra maiúscula G. Estou a tentar alcançar uma palavra que soe como grow, ou Gomez.
Verde.

Ananaliação.

(Procurando uma palavra, evidentemente, a Jane debitou esta rapidamente. Esta é a minha interpretação. Pedi-lhe que repetisse.)

Analeação. Alienate. Coisas separadas de outra. Um afastamento. Algo por procuração. *(Pausa.)* Música ou Muzak. Ligação com uma missão ou missionário. Um oito quatro um. Um sete três um.

Quadrados interligados, e a cor preta.

Ligação com uma mercearia, e legumes.

Um sinal de menos. Uma circunstância com desfecho desconhecido. Alguém pergunta-se como é que algo vai terminar.

Laranja, e uma nódoa. Quatro mais um, e uma explosão inicial, ou acontecimento pela primeira vez.

Um bilhete e um remetente que não se sente bem. Isto é vago. Uma ligação aos trinta e poucos aqui, ou três cinco talvez.

Uma grande variedade, ou panorama geral. Um arranjo que tem semelhança com uma página de calendário. Uma pequena página de calendário.

Verde-escuro. Uma conta. 1631. Fibroso, ou relativo a cordel.
(*Pausa.*) Várias ocorrências com uma estrela.

Uma circunstância imprevista envolvendo três ou aproximadamente três dólares. Um grande algarismo escuro ou iniciais perto do topo, talvez num canto. (*Pausa.*)

Algo com dimensão e profundidade sugeridas — isto é, o objeto. A sensação agora, sobre o objeto, de algo transparente, ou que se abre sem na verdade se abrir.

Algo que é meu, e relativo a uma realização de grupo. Uma data de calendário.

Tens perguntas?

(*“Podes dar-me uma data ligada ao objeto?”*)

O número quatro. Não sei. Alguma ligação futura, ao que parece — janeiro ou fevereiro, talvez.

(*“Podes desenvolver a letra maiúscula G?”*)

Não. O Ruburt pensa agora em Grumbacher.

(*“E quanto a várias ocorrências com uma estrela?”*)

No sentido de um evento assinalado com estrela.

(*“De que material é feito o objeto?”*)

Papel, mas com sensação de tecido.

(*A Jane acabou por baixar o envelope para o colo; olhos fechados.*)

(*“E quanto a cor?”*)

Algumas já mencionámos. Escuro. Como uma fotografia; em sombra, mas com esta ligação a tecido. Então, se não tens mais perguntas, sugiro o vosso intervalo.

(*“Podes dizer algo sobre a realização de grupo?”*)

Apenas que a minha impressão é de cabeças, e quatro delas, em silhueta.

(*“Está bem.”*)

(*Intervalo às 22:25. A Jane estava bem dissociada, disse. Manteve os olhos fechados, o ritmo bom.*)

(*Vê a página 216. O objeto era um impresso de recado do Jewish Community Center em Elmira; da secretária de Gladys H. Austin, secretária do diretor do Centro, o Sr. Miller. Está impresso num castanho chocolate escuro sobre um papel castanho alaranjado bastante vivo. Foi dobrado uma vez na horizontal nos envelopes duplos, como indicado, embora também houvesse marcas de dobra verticais.*)

(Encontrei o objeto no bolso do meu casaco a 1 de dezembro, sem saber como lá foi parar. Decidi usá-lo como objeto e depois esqueci-me. Nessa noite, quando lavámos a roupa, o casaco foi incluído na máquina. A Jane esvaziou os bolsos do casaco e, assim, manuseou o objeto; mas estava dobrado e ela não o reconheceu. Tanto quanto se lembra, não tinha visto o objeto, nem dele precisara, desde pouco depois de 8 de novembro de 1966.)

(Na sexta-feira, 4 de novembro, a Jane telefonou sobre um emprego a ensinar no jardim de infância no JCC. Foi-lhe marcada uma entrevista com o Sr. Miller para terça-feira, 8 de novembro, pela Gladys Austin. A 8 de novembro, a Gladys escreveu o impresso de recado usado como objeto, com o nome de Mrs. Methinitus, outra professora com quem a Jane trabalharia. O nome está escrito a lápis preto vulgar. A Jane conheceu a Nancy Methinitus na quarta-feira, 9 de novembro, e começou a ensinar na segunda-feira, 14 de novembro, no JCC. Algum tempo após a Gladys Austin ter escrito o impresso a 8 de novembro, o papel dobrado foi parar ao bolso do meu casaco.)

(O Seth não regressou após as 22:25, por isso eu e a Jane fizemos as nossas próprias ligações. A Jane disse que teve imagens enquanto dava os dados, mas, como de costume, não as conseguiu precisar até começarmos a analisar os dados ponto por ponto.)

(“Uma letra maiúscula G.” Vê a cópia do objeto na página 216. O nome Gladys H. Austin vê-se no canto superior direito do impresso; em maiúsculas.)

(“Estou a tentar alcançar uma palavra que soe como grow, ou Gomez.” A Jane disse que aqui pensou em Gomez Addams, personagem do programa televisivo Addams Family — e que a semelhança residia nas iniciais G A, tanto para Gomez Addams como para Gladys Austin.)

(Acho possível que estes dados me tenham vindo à mente por causa da semelhança fonética, ou sibilante, entre os nomes Gladys e Gomez.)

(“Green.” A Jane disse que, por estranho que pareça, “green” (verde) lhe lembra alface, e alface por sua vez lhe lembra a Gladys Austin, cujo nome aparece no objeto. A Jane não sabe porquê, mas quando conheceu a Gladys pela primeira vez pensou em alface. A Jane considerou as possibilidades de rima, por ser poeta: Gladys, lettuce (alface), etc., como talvez a convocar tal associação.)

(“Alienar. Coisas separadas de outra. Um afastamento. Algo por procuração.” A Jane pensou que todos estes dados eram uma tentativa de chegar ao nome Gladys Austin no memorando usado como objeto. A Gladys, como secretária do Sr. Miller, serviu de intermediária, disse a Jane, entre a Jane, a Nancy Methinitus e o Sr. Miller. Foi a Gladys quem finalmente informou a Jane de que tinha ficado com o emprego no JCC, por exemplo.)

(*“Music ou Muzak.” Música está envolvida no trabalho da Jane no JCC. Na sala de brincadeiras do piso de baixo no JCC, a Jane e a Nancy põem a tocar um gira-discos para os seus pequenos pupilos, o que é semelhante ao sistema de som gravado Muzak. Numa tarde de sexta-feira, a Jane e a Nancy levaram a turma a uma sala no piso de cima do JCC, onde a Nancy tocou piano. Essa sala ficava ao lado do gabinete da Gladys Austin, que entrou para ouvir.*)

(*“Ligação com uma missão ou missionário.” A Jane disse que isto são bons dados, dado que o Jewish Community Center é uma organização suficientemente religiosa e, portanto, bastante consciente sobre a celebração do Natal, etc., sendo rigorosa quanto ao modo como isto é feito. Esta semana, também, a Jane leu à turma uma história sobre o Hanukkah. Além disso, o centro fica na Church Street, em Elmira.*)

(*“1841, 1731.” Sem ligações; a menos que, como especula a Jane, estes números sejam uma tentativa de chegar aos seus salários do trabalho no JCC. O emprego é a tempo parcial e a Jane é paga duas vezes por mês. Por conseguinte, os números variam. O recibo de pagamento da Jane de 30 de novembro de 1966, por exemplo, mostra um total de \$36,00. 1841 e 1731 somados totalizam 3572.*)

(*A morada do JCC é 115 East Church Street.*)

(*“Quadrados interligados, e a cor preta.” A Jane disse que isto é uma referência às três grandes janelas da sala onde dá aulas no JCC. Cada janela está dividida em muitos pequenos caixilhos de poucos centímetros de lado, e todos têm molduras ou armações pretas. Os vidros em si não são coloridos.*)

(*“Ligação com uma mercearia, e legumes.” De novo, possivelmente uma referência à associação alface/Gladys por parte da Jane. Além disso, na quarta-feira antes do Dia de Ação de Graças, 24 de novembro, a Nancy telefonou à Jane e pediu-lhe que levasse alguns legumes para a aula para um projeto especial. A Jane esqueceu-se de comprar os legumes, daí a sua memória do incidente. O nome da Nancy aparece no objeto.*)

(*“Um sinal de menos.” Sem ligações.*)

(*“Uma circunstância com final desconhecido.” A Jane disse que isto está bem representado pelo objeto. Quando a Gladys deu à Jane o memorando com o nome da Sra. Methinitus, a 8 de novembro, foram feitos arranjos para a Jane assistir a uma aula no dia seguinte e, assim, conhecer a Nancy M., etc. Naturalmente a Jane perguntou a si própria como é que as coisas iriam correr, etc., o que também incide nos dados seguintes: “Alguém pergunta-se como é que algo vai terminar.” A Jane descobriu que ela e a Nancy eram muito compatíveis.*)

(*“Laranja, e uma nódoa.” Como foi dito, o papel em que o objeto está impresso é de uma cor castanho-alaranjada bastante invulgar e apelativa.*

Os dados sobre nódoa podem ser uma distorção, resultante do facto de o papel laranja estar impresso com uma tinta castanha mais escura.)

(*“Quatro mais um.” Sem ligações.*)

(*“e uma explosão inicial, ou acontecimento pela primeira vez.” A Jane disse que isto se refere ou à sua corrida experimental a 9 de novembro, ou ao seu primeiro dia formal na escola a 14 de novembro. A referência a explosão é divertida e, muito provavelmente, refere-se à explosão de som produzida por 18 crianças com menos de cinco anos. A Jane disse que as crianças são muito barulhentas. Uma gravação que fez confirma isto largamente.*)

(*“Um bilhete e um remetente que não se sente bem.” Estes são dados muito bons. O “bilhete” refere-se à folha de recado usada como objeto. Foi escrita pela Gladys Austin a 8 de novembro, numa altura em que ela não se sentia bem. Descreveu isto à Jane com algum detalhe, explicando que o JCC andava tão ocupado recentemente que o pessoal também trabalhara nos fins de semana. A Jane lembra-se de que a Gladys também trabalhou no fim de semana seguinte — 12–13 de novembro — e depois tirou a segunda-feira, 14 de novembro, de folga por cansaço.*)

(*“Uma ligação aos trinta e poucos aqui, ou três cinco talvez.” Vê a página 216. A Sra. (Nancy) Methinitus, cujo nome aparece no objeto, está na casa dos trinta e, muito possivelmente, tem 35 anos. A Gladys Austin terá cerca de 45, segundo a Jane.*)

(*“Uma grande variedade, ou panorama geral.” Demasiado vago. A Jane diz ser possível que estes dados se refiram ao seu primeiro dia de trabalho no JCC, quando ficou a saber algo da variedade de programas patrocinados e mais do que seriam as suas próprias funções como professora, etc.*)

(*“Um arranjo semelhante a uma página de calendário. Uma pequena página de calendário.” A memória subconsciente desempenha evidentemente aqui um papel. A Jane disse que a folha de memorando usada como objeto é muito parecida com as que viu quando trabalhou numa galeria de arte há alguns anos. Era um arranjo em livro, com um calendário de um lado e as folhas de memorando do outro. Pensou ao início que o objeto pudesse também vir de um arranjo desse tipo; à observação atenta, contudo, só conseguimos dizer que o objeto vinha de um bloco colado no topo da página; a aresta aí está ligeiramente rasgada, como se tivesse sido arrancada.*)

(*Nesta altura a Jane não consegue recordar se o bloco de memorandos da Gladys Austin faz parte de tal arranjo com calendário. Lembra-se de muitos papéis na secretária da Gladys Austin, com o bloco de memorandos entre eles, mas não lhe prestou particular atenção.*)

(*Assim, também, não tem ideia de que tamanho de página de calendário poderia estar em causa.*)

(*“Verde-escuro.” Sem ligações.*)

(*“Uma conta.” A Jane acredita que estes dados estão ligados aos dados, mais abaixo, dos três dólares. “Conta”, aqui, refere-se a material de desenho que a Jane comprou a caminho do trabalho no JCC num dia, e passou à conta do JCC. A Gladys Austin, cujo nome está no objeto, emite os cheques para pagar contas.*)

(*“1631.” Sem ligações.*)

(*“Fibroso, ou relativo a cordel.” Possivelmente, segundo a Jane, uma referência a ela ter pedido cordel emprestado à Gladys Austin num dia de aulas no JCC. Os alunos haviam de enfiar Cheerios para fazer colares, etc., mas o cordel era demasiado frágil e degradava-se facilmente; não se conseguiam dar nós, etc.*)

(*“Várias ocorrências com uma estrela.” Vago. A Jane especulou sobre a Estrela de David estar aqui ligada ao seu local de trabalho, o Jewish Community Center.*)

(*“Uma circunstância imprevista envolvendo três ou aproximadamente três dólares.” Vê os dados sobre “conta” acima. Num dia de aulas, a Nancy Methinitus apanhou a Jane em casa porque chovia. A Nancy estacionou junto da Art Shop a caminho do trabalho e pediu à Jane que entrasse para comprar material de arte para a aula. Esta incumbência foi imprevista para a Jane; o evento ocorreu durante uma das primeiras aulas da Jane, quando ela ainda não sabia dos planos para as aulas, etc.*)

(*Os artigos — cola, tesouras, etc. — para a aula ficaram por cerca de três dólares, e foram passados à conta do JCC. Assim, a Gladys Austin, cujo nome está no objeto, fica ligada a estes dados, visto ser ela a emitir cheques para pagar contas do JCC, etc.*)

(*“Um grande algarismo escuro ou iniciais, para o topo, talvez num canto.” Dados excelentes. Vê a página 216. O grande M maiúsculo da palavra “Memo” está no canto superior esquerdo do objeto, impresso num castanho chocolate escuro.*)

(*“Algo com profundidade e dimensão sugeridas — isto é, o objeto. A sensação, agora, acerca do objeto, de algo transparente, ou que se abre sem realmente se abrir.” Como foi dito, o objeto foi dobrado uma vez ao ser inserido nos envelopes duplos. Vê a página 216 e a indicação da dobra horizontal usada. O objeto tinha também marcas anteriores de vincos de uma dobra vertical. A dobra aqui pode dar origem aos dados de transparência, profundidade e dimensão e “abrir-se”, etc.*)

(*“Algo que é meu, e a ver com uma realização de grupo. Uma data de calendário.” Estes são bons dados. No sentido em que o Seth e a Jane derivam da mesma entidade, conforme explicado em certas sessões, o objeto seria da Jane. A Gladys Austin entregou-lho.*)

(O objeto tem a ver com realização de grupo, pois apresentou a Jane à Nancy Methinitus, e as duas mulheres trabalham juntas a ensinar o jardim de infância.)

(Os dados de calendário seriam outra referência à ideia de bloco de notas/com calendário explicada antes. Numa interpretação mais literal, conforme explicado, a Gladys Austin escreveu o memorando para a Jane a 8 de novembro, com a intenção específica de que a Jane conhecesse a Nancy Methinitus a 9 de novembro. Assim aconteceu. Vê a página 216.)

(1.^a Pergunta: Podes dar-me uma data ligada ao objeto? “O número quatro.” Como foi dito, na sexta-feira, 4 de novembro, a Jane telefonou ao JCC pela primeira vez sobre o emprego de professora. Podem existir outras interpretações. Por exemplo, a Jane começou o trabalho a 14 de novembro.)

(“Não sei. Ao que parece, uma ligação futura — janeiro ou fevereiro, talvez.” É possível que uma ligação com o número quatro se aplique também aqui, pois a Jane está de férias de Natal/Ano Novo do seu trabalho até quarta-feira, 4 de janeiro. Estes dados seriam legítimos, na medida em que o objeto do envelope se refere ao emprego de professora no JCC.)

(2.^a Pergunta: Podes desenvolver a maiúscula G? “Não. O Ruburt pensa agora em Grumbacher.” Vê os dados na página 221. Aí se afirma que a maiúscula G se refere ao nome no bloco de memorandos usado como objeto, Gladys H. Austin, etc.)

(Os dados “Grumbacher” também se podem aplicar, na medida em que Grumbacher é o fabricante de algum do material de arte que a Jane comprou para a aula num dia em que a Nancy Methinitus lhe deu boleia, e cujo nome também está no objeto. Vê as páginas 216 e 224; a circunstância imprevista e os dados dos três dólares.)

(3.^a Pergunta: E quanto a várias ocorrências com uma estrela? “No sentido de um evento assinalado com estrela.” Não temos a certeza. A ideia da Jane aqui é que “evento assinalado com estrela” pode referir-se a ela gostar do emprego após bastantes dificuldades em encontrar um que se revelasse adequado.)

(4.^a Pergunta: De que material é feito o objeto? “Papel, mas com sensação de tecido.” O objeto é de papel. Vê a página 216. É, no entanto, um papel liso, e não sabemos de onde veio a ideia de tecido.)

(5.^a Pergunta: E quanto a cor? “Algumas já mencionámos. Escuro. Como uma fotografia; em sombra, mas com esta ligação de tecido.” Sem ligações. A tinta castanho-chocolate impressa no objeto é escura; talvez isto tenha dado origem aos dados de “fotografia escura”.)

(6.^a Pergunta: Podes dizer algo sobre a realização de grupo? “Apenas que a minha impressão é de cabeças, e quatro delas, em silhueta.” Esta resposta torna um pouco mais claros os dados da página

225, embora acreditemos que a ideia mais geral na página 225 se aplique tão legitimamente quanto o acima.)

(As cabeças e silhuetas aqui mencionadas lembraram à Jane que um dos projetos que ela e a Nancy planejaram para a turma do jardim de infância envolvia os alunos fazerem desenhos de silhueta das suas cabeças, como prendas de Natal para os respectivos pais. O plano era que a Jane e a Nancy fizessem o traçado real do perfil, cabendo aos alunos preenchê-los, etc.)

(Estes dados foram obtidos a 12 de dezembro de 1966. A ideia das silhuetas de cabeças não foi, porém, efetuada até 21 de dezembro, a última aula antes das férias de Natal. Mais uma vez, a ligação é boa, na medida em que os dados têm que ver com a turma referida por via da folha de recado usada como objeto. Vê a página 216.)

(Fim.)

SESSÃO 309

14 DE DEZEMBRO DE 1966

“Boa noite.”

(“Boa noite, Seth.”)

Agora direi mais sobre as mudanças operadas no ego como resultado das nossas sessões, e da experiência psicadélica em geral. A estrutura do ego como tal permanece, claro. A responsabilidade de lidar com a manipulação dentro do universo físico mantém-se, mas em alguns aspetos a natureza dessa manipulação muda. Torna-se mais direta: as propriedades físicas são manipuladas cada vez mais a um nível mental.

Muitos passos físicos intermédios são eliminados. O ego torna-se mais semelhante ao ego interior do que ao seu antigo eu, comparativamente falando. Este ego alterado está consciente de grandes parcelas da realidade interior que antes lhe estavam vedadas. Estruturalmente permanece intato, e contudo mudou quimicamente e electromagneticamente. É capaz de se abrir para que a experiência interior possa ser recebida.

No passado, por exemplo, o ego aceitava apenas conhecimento que viesse através dos sentidos, a partir do ambiente físico. Agora está aberto a dados interiores em grande grau. Concedo que certas interpretações devem ser feitas. Não obstante, uma vez alcançada esta liberdade, o ego nunca mais poderá regressar ao seu estado anterior.

A personalidade está mais integrada, mas através da sua aceitação de dados interiores, o ego — usando o termo de forma ligeira — expandiu-se.

Não encolheu. Está agora composto de mais elementos diversos do conjunto da personalidade. Retendo a sua própria consciência da realidade, pode agora permitir-se sair de si mesmo momentaneamente para ganhar mais experiência.

Disse-vos que o ego, de forma geral, é ação consciente de si que tenta separar-se da ação e considerar a ação como um objeto estranho. Agora este ego alterado retém a sua autoconsciência altamente especializada, e no entanto consegue agora experimentar-se como uma identidade dentro e como parte da ação.

Isto é uma pedra angular para a consciência e para o desenvolvimento da personalidade. Contudo, é apenas um primeiro passo. Sem ele, nenhum desenvolvimento adicional da consciência pode ocorrer. Este passo particular não é alcançado por todos dentro do vosso sistema. Vocês estão neste ponto agora. Este estado tem sido chamado de consciência cósmica, mas dificilmente é isso.

O próximo passo é dado quando a identidade é capaz de incluir dentro de si o conhecimento íntimo de todas as encarnações. E, ainda assim, neste estado a independência dos vários eus reencarnados não é diminuída. Cada um destes passos de consciência envolve identidade com o reconhecimento interior da sua identidade total com Tudo O Que É.

À medida que cada identidade separada então procura conhecer e experimentar as suas outras parcelas, então Tudo O Que É aprende quem e o que é. A ação nunca cessa a sua própria exploração de si mesma. Tudo O Que É nunca pode conhecer-se completamente, pois a ação deve sempre agir e cada ação cria um novo desconhecido.

A ação deve então viajar através de si mesma a partir de todos os pontos concebíveis, e ainda assim a jornada, percebem, sendo ela própria ação, criará novos caminhos.

Sugiro a vossa pausa e continuaremos.

Agora, ao lidar com tais assuntos, tenho de os explicar do ponto de vista de estruturas psicológicas com as quais estão familiarizados. Quando as vossas próprias projeções melhorarem e se tornarem mais frequentes, será pelo menos possível, com as vossas capacidades, que entrem em contato com algumas estruturas psicológicas diferentes, e então poderei dizer-vos mais.

Uma coisa que devem saber: a ação não pode parar. É impotente apenas neste aspeto. Não pode destruir-se. Pode mudar de forma. Muitas

vezes muda de direção. É tão multidimensional que tem de se experimentar como indivíduos. A individualidade é um resultado direto da unidade global desta ação. A ação é também um resultado direto de identidades individuais, pois sem estas dimensões psicológicas, a unidade não poderia multiplicar-se.

Outras estruturas psicológicas além da vossa existem em realidades que terão dificuldade em compreender, embora possam estar ligadas à vossa, e vocês, sem saber, podem fazer parte delas. O que podem chamar de realidade de possibilidades é um exemplo. Existem muitos “vocês” nesse sistema, e cada um está relacionado psicologicamente numa estrutura de personalidade. O “vocês” que conhecem é uma parte disto. Neste sistema, todos os outros “vocês” parecem existir numa realidade provável.

Para qualquer um deles, os outros pareceriam existir num universo provável. No entanto, todos vocês estão ligados psicologicamente. Isto é literalmente interminável. Nem todos vocês tiveram os mesmos pais, por exemplo, e estas são parcelas de situações prováveis que existem nas vidas separadas dos vossos próprios pais, tal como pensam nas suas vidas.

Em duas realidades prováveis, a vossa mãe, por exemplo, não teve filhos. Não existem nestas. Em algumas, ela casou, mas não com o homem que conhecem como o vosso pai. Existe uma ligação psicológica entre o primeiro filho nessa realidade e vocês próprios.

Em alguns sistemas prováveis, vocês e a vossa mãe existiriam, de facto existem, mas como completos estranhos, percebem? Ora, estas ligações psicológicas são válidas e não apenas simbólicas. Este eu que conhecem também criou e iniciou realidades prováveis por si próprio. Digo isto literalmente, percebem? Quero deixar isto claro.

Sentimentos carregados de emoção criam imediatamente o que podem considerar como uma tangente. É expresso em algum sistema de realidade. Esta é a natureza interior da ação. Esses pensamentos interiores ou desejos, impulsos não tornados fisicamente reais nos vossos termos, serão tornados reais dentro de outros sistemas.

Podem fazer a vossa pausa.

(Pausa às 21:58.)

(Retoma da sessão às 22:07.)

Agora. O eu interior é psicologicamente influenciado por estas personalidades prováveis, pois estão todas psicologicamente ligadas e representam uma estrutura de personalidade inteira, um *gestalt* de

personalidade total com o qual tu, tal como te conheces, estás completamente desconhecido.

Os vossos psicólogos lidam com uma psicologia unidimensional, no seu melhor. No estado de sonho, as partes da estrutura maior por vezes comunicam-se, em símbolos altamente codificados. Seria altamente improvável imaginar que pudesses decifrá-los de modo a teres consciência deles agora.

Existe até um certo sistema de retorno que opera aqui, e no entanto deves perceber que todas estas outras identidades são independentes e totalmente individuais. Existem em estruturas psicológicas codificadas dentro da tua personalidade, tal como tu existes do mesmo modo dentro de cada uma das personalidades deles.

Permanecem latentes em ti e não expressas dentro deste sistema. Tens as habilidades deles, não usadas. Tu permaneces latente nas estruturas de personalidade deles, e as tuas principais capacidades não são usadas dentro dos sistemas deles. E ainda assim todos vós sois parte de um só eu, percebes, numa estrutura psicológica multidimensional.

Toda a ação será expressa. Assim, até certo ponto tens uma natureza de raiz, então, e muitos dos teus sonhos serão semelhantes. Estás longe de ser idêntico a estes eus prováveis, mas se os encontrasses, saberias instantaneamente que tinhas encontrado partes desconhecidas de ti mesmo.

Ora, estes não representam eus mais evoluídos necessariamente, de todo. Certas capacidades estarão mais desenvolvidas neles do que em ti, mas certas tuas estão mais desenvolvidas do que as deles. Por outras palavras, não estou a falar agora de partes de ti que existem no teu chamado futuro.

Cada eu provável, percebes, também tem eus futuros. Esta identidade multidimensional é uma estrutura psicológica com a qual lidaremos nas nossas discussões. O termo inclui o eu total tal como consiste do eu que conheces, eus prováveis, eus reencarnados e eus mais altamente desenvolvidos do que o eu que conheces.

Estes compõem a estrutura de identidade básica de um eu total. Novamente, isto não significa que as partes não sejam independentes e individuais. Além disso, as divisões são em grande parte arbitrárias, pois podem de facto ser levadas mais longe, por exemplo, até à entidade.

A experiência psicadélica então representa um primeiro passo necessário, e isso é tudo. Os meus mais calorosos votos para ambos. Eu

poderia continuar por muito tempo. Inclino-me, muito graciosamente, perante as limitações impostas pelo vosso tempo.

Uma pequena nota para o meu amigo, o Ruburt: já lhe disse isto antes, parece, em várias ocasiões: ele não está grávido. Apenas de ideias. Em noites como esta, lamento as limitações necessárias, pois poderia de facto desfrutar falar convosco por mais tempo.

"Boa noite, Seth."

(Sessão terminada às 22:30.)

(A Jane disse que sentiu uma forte sensação de paz quando o Seth disse as suas últimas palavras da noite. Sorriu.)

SESSÃO 310

9 DE JANEIRO DE 1967

(Durante a pausa de férias realizaram-se duas sessões espontâneas. A primeira foi na noite de sexta-feira, 23 de Dezembro de 1966, em casa dos Gallagher, com os quatro presentes. O Seth apresentou material muito interessante sobre discos voadores, tempo, outros sistemas, etc. A Peggy tirou notas que ficaram algo incompletas devido ao ritmo rápido do Seth. Uma cópia será anexada a uma sessão posterior.)

(A segunda sessão foi no nosso apartamento, na sexta-feira à noite, 30 de Dezembro, com a Jane, eu, o Wesley Swan, o Bill Macdonnel, a Pat Norelli e a Claire Crittenden presentes. O Seth discutiu computadores e o seu uso futuro; o Wesley Swan concordou com os dados. O Seth também deu bastantes dados pessoais sobre um Brian Houlihan, amigo da Pat, e alguns dados sobre a Claire e a Pat, respondendo a perguntas de todos nós. Pelos vistos, muitos dos dados estavam corretos, confirmado pela Pat e pela Claire, embora sem notas não possamos verificar. Um detalhe interessante: o Seth indicou corretamente o dia de nascimento da Claire — 13 de Fevereiro — mas falhou o ano por um. Disse 1948 quando o ano correto é 1947.)

(O objeto-envelope para esta noite foi um cartão enviado à Jane pela Caroline Keck, conservadora de pintura do Museu do Brooklyn, em 1964.)

A boa noite.

"Boa noite, Seth."

Algumas breves observações. A vossa alimentação tem estado demasiado gordurosa ultimamente. O Ruburt deve definitivamente retomar o seu yoga, tal como planeia.

Tenho alguns assuntos para discutir aqui. As realidades prováveis de que falei estão separadas da vossa, não em termos de espaço mas em termos de foco energético. As personalidades de sobrevivência, como as chamam, não estão separadas de vós em espaço, mas em termos de foco energético.

Não as percebem fisicamente. A direção do foco para elas mudou. No caso das realidades prováveis, o foco de energia sempre foi diferente do vosso. É bastante possível, como deviam saber, em certas circunstâncias, contactar personalidades de sobrevivência. É altamente difícil, contudo, para vós contactarem as vossas próprias personalidades prováveis.

Isto faz-se até certo ponto no estado de sonho, mas não é um contato deliberado. É um encontro espontâneo. (*Pausa.*) Para o Ruburt, incidentalmente, uma boa data aproximadamente 13 de Janeiro. (*Pausa.*)

Estas realidades prováveis existem dentro do que pode ser geralmente denominado como a vossa própria esfera de atividade, o vosso próprio plano. Há muitas outras realidades que estão bastante afastadas da vossa, contudo. Cada pensamento, como já vos disse, é uma ação e deve procurar cumprir-se. É, portanto, um fragmento. Estão literalmente rodeados por outras realidades que não percebem conscientemente. Algumas são percebidas pelo eu interior, mas nem todas.

Eu posso perceber muito do que vós não percebeis, por exemplo, mas dificilmente percebo tudo, e o que percebo não passa de uma fração de Tudo O Que É. As personalidades de sobrevivência existem tanto como eram como tal como são. Isto é um ponto importante. O que eram ainda existe, e em certas condições pode ser percebido.

O que são agora, por assim dizer, também existe, e como algo distinto e diferente do que eram. A personalidade experienciou novas realidades desde a morte, e já não é precisamente a pessoa que foi. A pessoa que foi existe como uma espécie de unidade psicológica, contudo. A pessoa, a personalidade de sobrevivência que é, contém tudo o que foi, e mais.

À medida que as suas próprias experiências crescem, as experiências terrenas anteriores tornam-se menos importantes e oníricas, embora possam ser ativadas de forma muito vívida a qualquer momento. Quando falo em

termos de continuidade aqui, e de antes e depois, falo apenas por simplicidade, pois a personalidade de sobrevivência que é, sempre existiu, claro.

A experiência psicadélica, ou qualquer experiência mística, às vezes pode pôr-vos em contato com aquilo que vos pode parecer ser um eu futuro. Este eu, claro, mais uma vez, sempre existiu. O eu interior tem a capacidade de mergulhar sob todos os vossos dados de camuflagem para perceber estes outros sistemas de realidade. Para o desenvolvimento mais completo, contudo, estas percepções devem tornar-se conscientes. Até o ego deve tornar-se consciente delas.

Podem fazer a vossa pausa e continuaremos.

(Pausa às 21:22. Retoma às 21:30.)

Agora. Dá-me um momento aqui.

O Ruburt não tem artrite. Para já, os seguintes substitutos ou alterações na dieta são recomendados para ele.

Café preto ou chá, ou café com açúcar mas sem leite. Mais frutas frescas e legumes. Menos alimentos fritos. Mais água e menos outros líquidos. *(Pausa prolongada.)*

Dá-nos mais um momento.

Vinho em vez da cerveja de grão. Os ajustes quiropráticos agora, *sublinhado*, são benéficos. O exercício de yoga para os seios nasais substituído em grande parte, embora não necessariamente em exclusivo, pela medicação dele. Um regresso sério ao livro dele, com instruções aqui para o subconsciente.

Uma imersão no novo livro, percebem. Instruções adequadas dadas ao subconsciente de que o livro original irá vender bem e ser aceite. Poesia novamente como parte da atividade normal do dia. Um passeio ou atividade no exterior nos dias em que não trabalha fora. Uma janela aberta durante o exercício de yoga.

Tens um envelope para mim?

"Sim."

(Às 21:39 a Jane pegou no envelope duplo selado que lhe dei para a 81.ª experiência. Com os olhos fechados, segurou-o na testa na posição horizontal.)

Dá-nos um momento, por favor. Podem ver como seguro isto. Estas são impressões.

Um quadrado amarelo. Impressão ou escrita preta num canto superior direito, estendendo-se para o centro.

Um item retangular de papel, talvez com a forma de um postal e o tamanho.

Uma armação dentro de outra armação.

Quatro mais um, e uma equalização, ou elementos iguais de design. Ligação com uma data de 1962, ou 1964, ou ambas. Uma ligação com uma chamada telefônica, e uma armação de pedra. Rochosa. E um JB.

"O JB ou D?"

B. E um G. Uma ligação distante com Minneapolis, Minnesota, que não compreendo. Uma palavra comprida, pelo menos, que se parece com isso. Ou Mississippi ou algo assim. Com algum elemento estrangeiro, parece, ligado à palavra. Isto leva o Ruburt, agora, a uma ligação com a mulher com quem trabalha.

Uma ligação com luz. Várias letras pequenas ou números, e um cartão carimbado, de um lugar distante. Um buraco em um. Não sei se isto é uma ligação com golfe ou a que se refere.

Uma ligação com algo encadernado, como um livro.

Uma imagem muito pequena, como o quadrado ou retângulo no item. Um convite para comparecer. Uma ligação com uma vedação ou armação no item. Ligação também com um homem. Contigo e outro homem, e alguma ligação com a data 1492, talvez levando a um acontecimento histórico.

Tens perguntas?

(A Jane baixou o envelope por um momento.)

"O que é essa ligação com um livro?" *(Pausa.)*

Parece ser um livro antigo. Um encadernado, com uma cor escura como castanho na capa. O lado das páginas, quando o livro está fechado, parece baço na cor, como ouro velho. O livro tendo uma ligação com uma secretária, e outro local.

"Quem é o JB?"

Aqui, o Ruburt.

"E o G?"

Uma impressão de um G grande em maiúscula. Um G ornamentado.

"Quem é o outro homem referido além de mim?"

Algo que ver com um animal numa árvore, que não percebo. O outro homem, um amigo em vez de um parente.

"Iniciais?"

Pode ser o teu amigo Gallagher, ou o teu amigo Mark, pois o primeiro nome parece ser William. (*O Mark é o “nome de entidade” que o Seth usa para o Bill MacDonnel.*)

"Mais alguma coisa a acrescentar?"

Uma pequena caixa, e é tudo.

(*Pausa às 21:52. Os olhos da Jane permaneceram fechados durante quase toda a experiência. Ela recordou algumas imagens, que serão discutidas nos lugares próprios à medida que surgiram.*)

(*Como habitual, coloquei o objeto entre duas folhas de cartolina Bristol, depois lacrei-o em dois envelopes. A Jane não o via desde Agosto de 1964, pois esteve guardado nos meus arquivos.*)

(*Ver página 230. O objeto é um cartão, em branco no verso, escrito para a Jane pela Caroline Keck, conservadora do Museu do Brooklyn; foi enviado à Jane no início de Agosto, juntamente com uma cópia do livro *Is Your Contemporary Painting More Temporary Than You Think?* e uma lista dactilografada com vários endereços que fornecem ajuda técnica e materiais sobre conservação de pintura. A lista foi também compilada pela Caroline Keck; o livro é de Louis Pomerantz.*)

(*A Caroline Keck enviou os itens à Jane para lhes dar como agradecimento por um desenho a tinta de um pombo que eu ofereci à Caroline Keck. Em Julho de 1964 a Jane trabalhou na Galeria de Arte Arnot, e a Caroline Keck e o marido Sheldon passaram algum tempo lá, a pôr a colecção da galeria em ordem. A Jane gostou muito da Caroline Keck, e as duas deram-se bem. O desenho do pombo fazia parte de um grupo que eu expus na galeria quando os Keck lá estavam; eles viram-no e admiraram-no. Eu nunca conheci os Keck, mas disse à Jane para lhes dar o desenho.*)

(*O Seth não voltou depois de fazermos as nossas ligações com os dados. Terminámos às 22:26.*)

Comparações e ligações dos dados (continuação)

“E um G.” As ilustrações para o livro do Louis Pomerantz são da Paula Gerard. Mas pensamos que o dado do G é uma distorção, referindo-se ao nosso amigo Bill Gallagher, como ficou claro durante o período de perguntas.

“Uma ligação distante com Minneapolis, Minnesota, que não compreendo. Uma palavra comprida, pelo menos, parecida com isso. Ou

Mississippi ou algo do gênero. Com algum elemento estrangeiro, parece, ligado à palavra.” Este é um dado bom que à partida nos escapou. Acreditamos que se refere ao livro do Louis Pomerantz; ao autor propriamente dito; à Paula Gerard, ilustradora; e à Artists Equity Association, abordada no prefácio do livro.

(Na página oposta à página de título há uma lista detalhada da experiência prévia do Louis Pomerantz, locais de estudo, etc. Ele estudou extensivamente no estrangeiro, trabalhou lá e no Canadá como perito em arte, e em Brooklyn com os Keck. Trabalhou também em vários locais do Midwest, Chicago, etc. Daí o elemento estrangeiro mencionado.)

(Mais abaixo, na mesma página, está um breve resumo da carreira profissional da Paula Gerard. Minneapolis, Minnesota, é referido pelo nome. Mais abaixo, a Artists Equity Association é listada, com o endereço do presidente na Universidade de Minnesota. Tanto o Pomerantz como a Gerard são membros.)

(Outra palavra comprida começada por M surge no endereço do editor na página de título — 332 South Michigan Avenue, etc.)

“Isto leva o Ruburt, agora, a uma ligação com a mulher com quem trabalha.”

Este dado é válido, acreditamos. A situação atual de trabalho da Jane é muito semelhante à que teve na galeria em Julho-Agosto de 1964. Agora, como então, trabalhou com uma mulher superior. Ambas tinham também iniciais M para o apelido — Masters na Galeria, Methinitus agora na creche no Centro Comunitário Judaico.

(O próprio objeto também se refere a uma situação em que a Jane trabalhou de perto com outra mulher — Caroline Keck, ao fazer conservação de pinturas na galeria em Julho de 1964.)

“Uma ligação com luz.”

Uma referência à Caroline Keck, autora do objeto, e ao marido, disse a Jane. Os Keck trouxeram equipamento especial para a Arnot para examinar as pinturas da galeria; entre esse equipamento estava um certo tipo de luz. Provavelmente ultravioleta ou infravermelha, embora nesta data a Jane não tenha a certeza.

“Várias letras pequenas ou números, e um cartão carimbado, de um lugar distante.” *(Ver página 230.)*

O objeto contém letras impressas pequenas no endereço no canto superior esquerdo. Contém também números na data. É um cartão, mas não

foi carimbado; em vez de ser enviado sozinho, foi incluído num pequeno pacote ou envelope com o livro do Louis Pomerantz e a lista dactilografada já descrita — tudo endereçado à Jane.

(O lugar distante seria Brooklyn, NY.)

“Um buraco em um. Não sei se isto é uma ligação com golfe ou a que se refere.” Não conhecemos ligação literal aqui. Especulamos que possa referir-se ao trabalho dos Keck como conservadores de pintura, para reparar arte danificada.

“Uma ligação com algo encadernado, como um livro.” Possivelmente o livro do Louis Pomerantz, enviado com o objeto à Jane. Alguma distorção possível, como se vê na resposta do Seth à primeira pergunta.

“Uma imagem muito pequena, como o quadrado ou retângulo no item.” Isto pode ser uma distorção, resultante do facto de o objeto ser semelhante a um postal. Mas, como referido, o objeto não foi enviado sozinho, não tem selo, etc., nem qualquer marca quadrada ou retangular.

“Um convite para comparecer.”

À data de hoje a Jane não se recorda. Os Keck são bem conhecidos na sua área, e é possível que tenha havido algum evento social em sua honra enquanto estiveram em Elmira e na galeria. A Jane pode ter sido convidada para comparecer. Sabe que não esteve presente em nenhum evento em honra deles, mas já não sabe se foi convidada.

“Uma ligação com uma vedação ou armação no item.”

Mais uma vez, armação pode referir-se a molduras, quadros, etc., como explicado. Uma vedação também pode entrar de forma mais literal: A Galeria de Arte Arnot, onde a Caroline Keck, autora do objeto, trabalhou, é rodeada por uma vedação de ferro preta.

“Ligação com um homem também. Contigo e outro homem.”

Desenvolve-se aqui alguma distorção, mas pensamos que é dado legítimo.

(Ver a cópia do objeto na página 230.)

Note-se que a Caroline Keck escreve à Jane que o filho Larry apropriou-se do meu desenho para uso próprio. A Jane olhou para mim quando deu este dado, curiosamente.

(Mais abaixo, parece desviar-se um pouco para a distorção:)

“E alguma ligação com a data 1492, talvez levando a um acontecimento histórico.”

Com a data de 1492 pensei que o Bill Gallagher surgiu nos dados; esta referência surgiu do outro homem referido; o Bill e eu tínhamos estado a

discutir antigos navios à vela na outra noite, com várias datas, etc., algumas vezes na presença da Jane.

(A palavra ‘museu’ tem conotações históricas, e os Keck lidam com quadros antigos, frequentemente de interesse histórico, por isso a Jane tem razão ao afirmar que quadros antigos como os que os Keck manusearam em Elmira em Agosto de 1964 são também acontecimentos históricos.)

Perguntas

“Qual é a ligação com o livro?” — “Parece ser um livro antigo. Um encadernado, com uma cor escura como castanho na capa. O lado das páginas, quando o livro está fechado, parece baço na cor, como ouro velho. O livro tendo uma ligação com uma secretária, e outro local.”

Novamente, distorção. A Jane disse que aqui confundiu quadros antigos e molduras douradas antigas, como aquelas com que os Keck trabalharam na Arnot, com livros antigos. Muito provavelmente o livro é o moderno do Louis Pomerantz, como descrito. A capa deste livro é de um vermelho ferrugem. Também pode ter estado sobre uma secretária, e foi enviado à Jane de outro local — Brooklyn, NY.

“Quem é o JB?” — “Aqui, o Ruburt.”

Correto. O objeto é endereçado à Jane.

“E o G?” — “Uma impressão de um G grande em maiúscula. Um G ornamentado.”

Mais uma vez, alguma distorção evidente. A Jane aqui pensou no nosso amigo Bill Gallagher, daí o G maiúsculo.

“Quem é o outro homem referido além de mim?” — “Algo que ver com um animal numa árvore, que não percebo.”

Eu esperava que o Seth, ou a Jane, pudessem referir o marido da Caroline Keck, Sheldon, ou o filho Larry, que está mencionado no objeto. (Ver página 230.) Claro que eu estava envolvido com outro homem, e isso o Seth captou — já que o meu desenho foi apropriado pelo Larry Keck, como anotado no objeto.

(Isto leva o Seth a um dado excelente e também divertido: o desenho que dei aos Keck era de um pombo — o “animal numa árvore”. O desenho mostrava apenas um pombo, sem árvore, e um pombo não é um animal. Ainda assim, o dado é muito bom.)

“Iniciais?” — “Pode ser o teu amigo Gallagher, ou o teu amigo Mark, pois o primeiro nome parece ser William.”

Um erro aqui. Tanto quanto sabemos, nem o Bill Gallagher nem o Bill MacDonnel (Mark) estão envolvidos com o objeto. O Bill MacDonnel pode

ter visto o desenho do pombo quando esteve exposto na galeria; não sei ao certo. Poderia o William ter vindo de Larry, mencionado no objeto?

Mais alguma coisa a acrescentar?” — “Uma pequena caixa, e isso é tudo.”

À data de hoje não nos lembramos. O livro, a folha dactilografada e o próprio objeto podem ter sido enviados numa pequena caixa, ou envelope de manilha, etc.

(Fim às 22:26.)

NOTA MANUSCRITA DA JANE,
RELATIVA AOS COMENTÁRIOS DO SETH NA SESSÃO 313

(A 1 de fevereiro de 1968, enviei “Dreams” à Doubleday por sugestão do Reverend Crosson. A 16 de fevereiro — (2 dias depois do Dia de São Valentim) — eles enviaram uma carta de rejeição.)

(A 28 de fevereiro de 1968 — enviei “Dreams” para a McGraw-Hill.)

(A 2 de abril de 1968 — enviei-o para a Prentice Hall.)

(A 17 de abril de 1968 — recebi um pedido de um tal Tam Mossman para fazer um livro sobre o Material de Seth, usando partes dos melhores capítulos do livro dos sonhos que tratam do Seth.)

(Isto envolve um pedido de outro editor — a mesma ligação com fevereiro (as iniciais seriam T. M. em vez de “Seth Material”) e seria um ano depois. Não faço ideia de como é o Mossman, etc. Sem viagens.)

([Recebi um aviso de receção do prospeto do manuscrito de uma Jean Schaefer ou algo com o som de Mossman.])

SESSÃO 311

11 de Janeiro de 1967

Boa noite.

(Boa noite, Seth.)

Bom, há umas certas questões filosóficas que gostaria de esclarecer. E a Jane tem andado um tanto confusa em relação a essas questões. O conceito convencional Cristão de Deus tem sido em muitos aspetos bastante conveniente, que em si mesmo veicula muitas verdades. É verdadeiro, entendem, ao passo que por outro lado não é. Quando perceberem ser um símbolo só então começareis a perceber mais e a chegar mais perto de uma compreensão, não estareis muito distantes de uma compreensão. Não existe Deus nenhum pessoal nos termos que os Cristãos concebem e, no entanto, vocês têm acesso a uma porção de Tudo Quanto Existe que se acha altamente em harmonia convosco acima de todos os demais.

“Com respeito a isso, entendem, não existe nenhum Deus pessoal, caso sejam essas as palavras que vós usais. Existe uma porção de Tudo o Que Existe que é dirigida e se foca em toda a consciência individual. Uma porção de Tudo o Que Existe reside dentro e faz parte de toda a consciência. Toda a consciência é por isso acalentada e protegida individualmente. Há relações eletromagnéticas automáticas que têm existência aqui.

“Uma porção de Tudo o Que Existe tem instantaneamente consciência, por exemplo, dos vossos problemas mais insignificantes e significativos - vossos e somente vossos. Essa porção da consciência absoluta é a porção que se acha individualizada em vós.

“Agora, existe mesmo algo como uma ideia de um Deus personalidade, mas não nos termos empregues pelos teólogos. A personalidade de Deus, conforme é geralmente concebida é, uma vez mais, uma conceção unidimensional baseada no pouco conhecimento que o homem possui da sua própria psicologia.

“Muitas das velhas ideias da pré civilização chegam perto de algo que se aproxima da verdade. Aquilo que preferem pensar que seja Deus é basicamente e acima de tudo, conforme de facto eu tinha dito, uma gestalt de energia infinita: ou consciência em pirâmide. Tem consciência de ser, ela própria, por exemplo, tu, José. Tem consciência de ser o que a vós lhes

parece ser os vossos eus futuros e passados. Tem consciência de ser a mais pequena das sementes, tanto aquelas que germinam como as que não germinam. A personalidade dessa gestalt vai além da compreensão que possuíis por esta altura. É de igual modo exigente e compassiva. O termo, justiça, é um termo humano, que sempre implica castigo, mas nada tem que ver com o conceito de Deus.

“Enquanto existe uma porção de Tudo Quando Existe que tem consciência de si mesmo, por exemplo, uma porção que se acha com efeito focada na vossa existência, cuja energia é dirigida dentro de vós, e à qual podem suplicar por ajuda quando necessário, existe igualmente uma personalidade-Deus global que também tem consciência de si mesmo como algo que é mais do que as suas criações. Isso é Tudo Quanto Existe, na mais profunda aceção da palavra.

“Estou a esforçar-me por apresentar isto da forma mais simples possível. A parte do Todo que tem consciência de si mesmo como vós, tem igualmente consciência de vós como algo mais do que vós. Essa porção de si mesma que tem consciência de ser vós constitui o deus pessoal, entendem? Uma vez mais: essa gestalt, essa porção de Tudo o Que Existe zela pelos vossos interesses e pode ser solicitada nos termos da personalidade. Porém, essa porção é unicamente uma parte, ela própria, de Tudo o Que Existe.

“Entendam, até mesmo essa gestalt em pirâmide absoluta não é estática. Todos ou quase todos os conceitos de um deus lidam com um deus estático e aí reside a maior dificuldade teológica. O conhecimento e a experiência dessa gestalt absoluta muda e desenvolve-se constantemente. Uma vez mais, não existe deus algum estático. Quando vós dizeis: “Isto é Deus,” então Deus já é outra coisa. Estou a fazer uso do termo Deus por uma questão de simplicidade. Todas as porções de Todo o Que Existe estão constantemente em mudança, a ser abraçadas e em desenvolvimento. Tudo o que Existe, ao se buscar a Si Mesmo, cria constantemente novas versões de si mesmo. Porque essa busca de si mesmo constitui uma actividade criativa, e o âmago de toda a ação.

“Ao buscar conhecer-se a si própria a consciência chega, por conseguinte, a conhecê-los a vós. Vós enquanto consciência buscais conhecer-vos, e em certa medida, chegam a ter consciência de vós próprios como uma porção distinta e individualizada de Tudo Quanto Existe. Vós

não só utilizais essa energia, mas fazei-lo automaticamente, por a vossa existência depender dela.

“A medida em que percebem este facto é a medida da vossa liberdade ou vitalidade, realização e poder. Não deveria ser esquecido, contudo, que o ego é igualmente parte de Tudo o Que Existe, uma porção altamente especializada, que habilita o eu interno a manipular e a interpretar condições particulares. Se o ego se considerar o único ser, então ver-se-ão furtados, em grande medida, da vitalidade e energia disponível. As falsas ideias do ego impedem-no de aceitar essa energia, mas assim que o ego tomar consciência da sua posição como porção do eu, então não deverá ser posto de lado, mas poderá ocupar o seu lugar. É por vezes referido quase como se se situasse fora da realidade básica. Mas claro que se situa nela igualmente.

“O ego conforme o conhecem, nem sempre será necessário, entendem, porém, um certo tipo de ego constitui uma base para a individualidade, e sempre será necessário. Um ego interno que comporta diversos egos que foram ou virão a ser uma porção de um dado eu - esses egos e qualquer ego organizam a experiência de acordo com certas linhas e une as experiências num padrão significativo.

“O eu interno ou personalidade global consiste em muitos desses egos, conforme sabem, porém, o eu interno é igualmente consciente de si próprio como algo mais do que a soma das suas partes. Agora, esse algo mais do que a soma das suas partes é uma frase curiosa, mas nela acha-se o factor-chave que lhes pode trazer uma pequena compreensão do que Deus pode chegar a ser. Uma vez mais, o termo Deus é usado simplesmente como termos aceite para a realidade que estamos a debater. Aquilo que se conhece a si mesmo, que se experimenta a si mesmo nas mais variadíssimas formas, e no entanto se conhece com algo aparte da totalidade das suas partes, esse restante, esse saldo inexplicável pode ser concebido como a ação original, a consciência original, a força motriz original, ou consciência distinta das suas criações, de que é igualmente parte.

“Bom, este material é, quando muito, difícil de explicar verbalmente.

“Vocês têm consciência, obviamente, de vós próprios enquanto uma gestalt de energia. À medida que se conscientizam mais a fundo da realidade o vosso sentido de identidade passará a comportar aspetos cada vez maiores da realidade. Biologicamente, todos os seres humanos,

conforme os concebem, existiram como uma porção de células de que a imagem humana é composta. Isto é muito difícil de explicar com clareza. Não quero necessariamente insinuar progressão alguma, aqui.

Teoricamente, virão um dia a ser uma porção plenamente consciente do deus pessoal a quem agora oram. Por essa altura, terão consciência de gestalt mais avançadas. Estão a entender?

“Todas as porções de Tudo Quanto Existe não se reconhecem a elas mesmas conscientemente como Tudo o Que Existe, mas conhecem-se principalmente enquanto indivíduos, embora não como a gestalt primária individual. Quando a compreensão é alcançada ao seu nível máxima, então Tudo Quanto Existe cria novas realidades, e em certa medida, perde todo conhecimento consciente da sua própria identidade. A perda é sempre temporária e gerada por Ele próprio. Isto é quanto basta para um tema tão difícil quanto o desta noite.

Vamos encerrar a sessão, ou terei prazer em responder a quaisquer perguntas, se quiserem.

("Acho que não.")

Os meus melhores votos para ambos. Esta sessão foi excelente.

("Boa noite, Seth.")

(10:27.)

SESSÃO 312

16 DE JANEIRO DE 1967

(A 82.ª experiência com envelope teve como objeto pimenta-preta comum, deitada para dentro do interior dos dois envelopes selados habituais que usamos. Daí não ser necessário desenho. Os resultados foram bons.)

(A Jane começou a falar em transe, sentada e de olhos fechados. A voz estava mais grave e forte do que o habitual, o ritmo bom. Acabou por ir abrindo os olhos.)

Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Agora. Para chegar a qualquer compreensão real da personalidade humana, vários pré-requisitos têm de ser cumpridos.

Para começar, não estão a lidar com um eu linear único. O eu é de facto multidimensional, e a força motriz por detrás do eu não reside no ego nem naquilo a que chamam o subconsciente.

Quaisquer divisões desse tipo são, obviamente, arbitrárias à partida. Falando de forma prática, um eu pode ser definido como um “gestalt” de energia cujas percepções são organizadas sob os auspícios de uma identidade aparente. Quanto mais realidade é percebida, maiores as dimensões do eu, ou da identidade.

E digo isto literalmente. A realidade é, por um lado, produto da percepção. Por outro lado, aquilo-que-é está sempre presente como base de qualquer percepção. Aquilo-que-é percebe-se a si mesmo, percebem. O eu unitário é basicamente uma ilusão e, no entanto, a individualidade não é ilusão.

A diversidade é uma necessidade até para aquilo-que-é. Até certo ponto, aquilo-que-é tem de estar sempre, de algum modo, perdido dentro de si mesmo. Perdido numa multiplicidade de incontáveis eus. Os eus são, porém, unidades autodirigidas. Como sabem, não há limitações para qualquer identidade. As limitações são ilusões. E, no entanto, a medida em que as ilusões são estilhaçadas representa, ao vosso nível, as faíscas da consciência em expansão.

Até isto ser reconhecido, a vossa psicologia levantará mais perguntas do que responde. A base de toda a experiência é percepção de profundidade, e cumprimento de valores. O eu organiza dados fundamentalmente de um modo que a psicologia não descobriu. A organização de tais dados não resulta simplesmente de tendências, inclinações ou experiências anteriores à idade adulta. Tais tendências são fortemente coloridas por existências anteriores, por vidas passadas, e esta pré-história, existente como propriedade eletromagnética do eu total, é o “plano” seguido pela estrutura dos cromossomas.

Essa informação, percebem, nunca será encontrada em termos físicos. Se tais memórias passadas forem conscientemente recuperadas, como já o foram, a mente fechada do psicólogo académico não verá o que tem diante de si, mas suporá que a imaginação, já de si sobrecarregada, é responsável. Uma psicologia plenamente desenvolvida não existirá até que a reencarnação seja aceite como um facto.

Agora, existe um padrão global de personalidade que é característico de cada eu total, do qual os eus reencarnados dão evidência. Há metas e capacidades globais, particulares e únicas, que o eu total procura através dessas existências. Qualquer psicologia digna do nome tem de ter em conta esta motivação interior.

O estudo dos sonhos tem sido retardado de forma incalculável porque as memórias de vidas passadas têm sido teimosamente ignoradas. Material reencarnatório discute normalmente várias existências como ocorrendo uma antes da outra. Enfatizo novamente, com força, que o conceito de continuidade em termos de tempo é altamente erróneo.

No presente espaçoso não há tais termos. Outros eus, reencarnados dentro do sistema físico como criaturas físicas, experimentaram o tempo como vocês experimentam, como uma série de momentos dispostos um após o outro. As memórias em sonhos e em transe são geralmente já censuradas. Como criaturas físicas apenas, não podem recordar o futuro. Portanto, só vidas passadas são alguma vez recordadas. No estado de sonho, porém, aquilo que vos pareceria vidas futuras já é familiar. Para os sentidos interiores, todas estas existências são simultâneas.

Podem fazer o intervalo.

(21:27. *A Jane disse que a voz lhe parecia profunda e que a impelia. Retoma às 21:35.*)

Agora. O Ruburt pode aprender muito observando os seus jovens alunos.

Disse-vos, a dada altura, que o nascimento era um choque maior do que a morte. Algumas personalidades reagem fortemente contra a dependência imposta. Outras abraçam-na de bom grado.

Os vários eus reencarnados podem ser superficialmente (*sublinhado*) considerados como porções de um todo em palavras cruzadas, pois são todas porções do todo; e, no entanto, podem existir dispersas do todo, embora o seu significado fique então diminuído. No caso do eu total, há comunicação entre várias porções do eu. Eus futuros e passados misturam-se. Uma compreensão profunda das existências reencarnadas beneficia o eu consciente presente. Tendências e inclinações inexplicadas passam então a ver-se como parte de um padrão global.

O cérebro físico, tal como o conhecem, é apenas o mecanismo de camuflagem que pertence ao eu orientado fisicamente. Em alguns casos, danos severos são infligidos ao cérebro e, ainda assim, a racionalidade continua. Nesses casos, a mente por detrás do cérebro opera como sempre. Quando o indivíduo está convencido de que as suas atividades dependem completamente do cérebro físico, então fica quase totalmente incapacitado por qualquer lesão nele. O próprio cérebro contém conhecimento que chega através dos sentidos interiores, e esse conhecimento simplesmente não lhe estaria disponível se dependesse completamente de dados físicos.

Agora, tens um envelope para mim?

(*“Sim.”*)

(*Às 21:45 a Jane pegou no envelope duplo selado que lhe dei para a 82.ª experiência e pressionou-o brevemente contra os olhos fechados, na horizontal, antes de gesticular com ele.*)

Deem-nos um momento. Seguro-o com a ponta para baixo.

(*A Jane indicou com um dedo a ponta da aba no verso, olhos ainda fechados.*) (*“Sim.”*)

Estas são impressões.

Uma miscelânea de objetos ou imagens unidas, de pequenos padrões como pontos mas maiores do que pequenos pontos. Claro e escuro, bastante contraído.

Um efeito como nuvem ou como folha, ou como seixos, percebem.

O número 14. J A B. Ligação com um esquilo ou pequeno animal, e talvez um alvo.

Algo de pernas para o ar, ou difícil dizer o topo da base. Uma forma em telhado. Algo pousa em rochas. Uma cara.

Uma ligação estrangeira. Sul ou Oeste, em relação a uma viagem.

A impressão de arestas finas, finamente padronizadas. Pretos e brancos.

Escrita num lado. No verso, creio, e algo relativo a imagens na frente. No verso, quero dizer caligrafia. Degraus. O Ruburt pensa numa fotografia antiga dele, com o seu cão. E liga isto ao pai dele.

1831. Uma aldeia. Talvez mencionada pelo nome. Uma palavra como “peck” ou “pack”.

Tens perguntas?

(“Não. Creio que não.”)

Podem fazer o intervalo.

(Intervalo às 21:55. A Jane tinha falado rapidamente, olhos fechados, com o envelope encostado ao rosto praticamente todo o tempo. Teve uma imagem que será mencionada no lugar. O Seth regressou e ajudou-nos com algumas ligações, mas entretanto fizemos as nossas.)

(O “objeto” era, como dito, pimenta-preta comum. Deitei uma pequena quantidade para dentro de um envelope, selei-o, depois coloquei-o entre as habituais duas cartolinas Bristol e selei o conjunto noutro envelope. Não havia escrita envolvida. A Jane disse que, enquanto segurava o envelope na cabeça, não ouviu nada mexer dentro; também não sacudiu o envelope, etc.)

(“Uma miscelânea de objetos ou imagens unidas, de pequenos padrões como pontos mas maiores do que pequenos pontos. Claro e escuro, bastante contraído.” Dados excelentes, e a Jane fez tudo menos nomear o objeto como pimenta. Por impulso, quase interrompi os dados aqui, mas decidi ver o que mais o Seth traria.)

(“Um efeito como nuvem ou como folha, ou como seixos, percebem.” Mais desenvolvimento dos dados acima; a pimenta solta poderia assumir formas de nuvem dentro do envelope, etc.)

(Os “seixos” também poderiam provir da lata de pimenta usada para encher o saleiro de plástico com que enchi o envelope. A Jane localizou a lata de pimenta na cozinha. Era um produto McCormick. Trazia as palavras “Pure Ground Black Pepper”, etc.; “pebbles” (seixos) e “ground” (moída) a relacionarem-se.)

(“O número 14.” Não sabemos ao certo. O saleiro de plástico que usei não tem marcações além da letra P. A lata McCormick tem as palavras “4 Oz.”. A Jane acha possível termos demorado cerca de 14 semanas a adquirir o serviço de loiça do qual os saleiros de sal e pimenta fazem parte.)

(Conseguimos a loiça trocando num certo supermercado e obtendo várias peças semanalmente, através de cupões. Levou algum tempo. A Jane tem bastante certeza de que fizemos trocas ali pelo menos três meses.)

(“J A B.” O Seth ajuda nisto mais adiante. A nossa interpretação não estava certa. Pensámos que J B podia referir-se às iniciais da Jane, mas, neste caso, não conseguíamos explicar o A, já que a Jane não tem nome do meio.)

(“Ligação com um esquilo ou pequeno animal.” Estávamos parcialmente certos aqui. De novo, o Seth ajuda mais adiante. Pensámos que a referência animal podia dizer respeito ao uso ocasional de grãos de pimenta, que costumávamos moer nós mesmos. A Jane comentou que lhe fazem lembrar comida para pássaros, que pomos no telhado junto às janelas da cozinha. Esquilos também usam o comedouro.)

(“e talvez um alvo.” Aqui acertámos, ao pensar que “alvo” se referia ou ao orifício no fundo do saleiro da pimenta, ou ao orifício na própria lata McCormick. Esse orifício é tapado por uma rolha de plástico vermelha.)

(“Algo de pernas para o ar, ou difícil dizer o topo da base.” Para mim, isto referia-se certamente ao saleiro, ao virá-lo ao contrário enquanto despejava para o envelope. O saleiro em si tem design moderno e enche-se pela base.)

(“Uma forma em telhado.” Achamos que estes dados também se referem ao design do saleiro. “Algo pousa em rochas. Uma cara.” Aqui a Jane teve uma imagem — a do seu rosto, pequeno, enquanto estava em cima de umas rochas e perto de água. Não tinha a certeza, na imagem, de estar perto do oceano, em particular. A cara que viu não era a de uma foto, mas ela própria, viva. O Seth explica isto mais adiante.)

(“Uma ligação estrangeira.” Pensámos na própria pimenta, ou objeto, já que vem de terras estrangeiras.)

(“Sul ou Oeste, em relação a uma viagem.” Na lata de pimenta McCormick, as fábricas são mencionadas como situadas em Baltimore, MD, e San Francisco, CA — logo, a sul e a oeste do nosso local em Elmira.)

(Esta ligação não é tão remota quanto possa parecer: a Jane passou algum tempo em Baltimore antes de nos casarmos há 12 anos. Mesmo assim, esse local tem hoje fortes associações pessoais para ela. Ambos fomos a Los Angeles, CA, várias vezes, mas a Jane não esteve em San Francisco.)

(“A impressão de arestas finas, finamente padronizadas. Pretos e brancos.” De novo, a própria pimenta. Quando a Jane abriu os envelopes duplos, encontrou a pimenta assentada numa linha solta no fundo do envelope interior; formava assim uma aresta finamente padronizada, que também consistia em grãos pretos e mais claros — embora a pimenta se chame “preta”, na realidade menos de metade parecia ser literalmente preta.)

(“Escrita num lado. No verso, creio, e algo relativo a imagens na frente. No verso, quero dizer caligrafia. Degraus. O Ruburt pensa numa fotografia antiga dele, com o seu cão. E liga isto ao pai dele.” Mais uma vez, o Seth ajuda depois do intervalo. Achamos que estes dados derivam em parte da imagem que a Jane tivera de si mesma antes, e que aqui se misturam duas ideias. Há uma ligação a Baltimore, na medida em que Baltimore é mencionada na lata de pimenta, como explicado; além disso, a Jane tem uma fotografia dela tirada num lanço de degraus de pedra brancos típicos de Baltimore, com o seu cão, Mischa, já falecido.)

(Há também aqui uma ligação ao pai, como o Seth explica com os saleiros e com o novo serviço de loiça a que pertencem.)

(“1831.” Sem ligações.)

(“Uma aldeia. Talvez mencionada pelo nome.” Não temos a certeza. Na parte superior da lata está o slogan “House of McCormick” e a Jane perguntou-se se terá ampliado “house” (casa) para “aldeia”).

(“Uma palavra como ‘peck’ ou ‘pack’.” Ao início, pensámos que podia ser uma tentativa de chegar à palavra “pepper” (pimenta). Depois a Jane lembrou-se de um velho trava-línguas: “Peter Piper picked a peck of pickled peppers”, etc.)

(Ao terminarmos de rever os dados, a Jane lembrou-se então de que, enquanto os dava, ia dizer algo sobre a implicação de movimento ligada ao objeto; por razões desconhecidas, não o verbalizou. Talvez o movimento se referisse a eu manobrar o saleiro enquanto punha pimenta no envelope, etc.)

SESSÃO 313

18 DE JANEIRO DE 1967

(O John Bradley assistiu a esta sessão; grande parte da sessão contém material relacionado com ele. A Jane recebeu hoje o cheque do editor Fell e ficou satisfeita.)

Boa noite.

“Boa noite, Seth.”

(O John: “Boa noite, Seth.”)

Agora, irão celebrar com uma sessão do Seth. Eu disse-vos que o vosso dinheiro chegaria. As minhas saudações ao nosso amigo, o Philip *(nome que o Seth dá ao John)*.

Agora. Para benefício do Ruburt: Haverá um movimento considerável e atividade em torno do seu livro durante o mês de Fevereiro, e alguma viagem da vossa parte. As iniciais S M aqui. Um cavalheiro baixo, de cabelo grisalho ou branco. Poder-se-ia dizer prematuramente branco ou grisalho, nos seus quarenta e poucos anos. Talvez por volta do Dia dos Namorados: nessa altura em geral. Haverá uma proposta, um pedido para o Ruburt fazer um livro de outro editor. O livro envolvendo-me.

Agora para o Philip: Algumas impressões, se me derem um momento, por favor. A morte mencionada anteriormente ocorrerá na mesma. A doença física já existe e está a ser tratada em privado. Um primeiro encontro para ele, com um novo indivíduo, em negócios. Não sei se isto é imediatamente passado ou imediatamente futuro.

(O John: “Ele está nesta empresa?”)

O novo indivíduo está ou na empresa ou fortemente ligado à sua atitude em relação à empresa. Por favor, esperem até eu terminar as impressões espontâneas para as vossas perguntas, e depois tentarei respondê-las. A impressão agora de dois homens, um alto e ossudo, com cabelo cor de areia e roupas mal ajustadas. Um mais baixo, com cabelo escuro puxado para trás da testa, e rosto redondo de frente. Mas não de perfil.

Uma ligação com Detroit.

Deem-nos um momento. Um novo produto a ser desenvolvido pela empresa que afeta o sistema nervoso, um forte som de U, U longo ligado a isto. E um renascimento aqui, uma recuperação de ações. O produto está em desenvolvimento, por assim dizer, mas por agora é tudo.

Um rapaz pequeno ligado a um dos vossos filhos deve ser evitado: há aqui uma influência prejudicial. Não tenho a certeza. M J é o mais próximo que consigo. Talvez possa esclarecer isto mais tarde. Existe por acaso uma criança na terceira classe?

(Escrito à mão: “Ver Notas” escreveu a Jane depois de dactilografar a sessão.)

(O John: “Queres que eu responda a isso agora?”)

(Pausa.)

O número três, percebem, é forte aqui. Não sei se se refere à terceira classe ou a uma criança três lugares afastada.

Um encontro em Abril: a empresa novamente. Talvez por volta do dia 16, o 6, 16 ou 26.

Um homem em segundo plano do seu conhecimento, não ligado à empresa agora, ou se estiver, está longe dos seus pensamentos. Ao que parece, é um homem profissional que não trabalha na sua firma. Ele parece estar a oferecer-lhe algo pelas suas próprias razões, e para seu próprio benefício mais do que para o seu.

Continuo a captar a inicial J durante toda a noite. Há um calendário de acontecimentos que não será seguido, e um cronograma que a empresa não irá cumprir. O novo produto pode ser resultado de um erro, pois os seus benefícios ainda não são reconhecidos. Deem-nos um momento sobre isto. Isto, Joseph, é uma tentativa agora (*aponta para o Robert Butts, de olhos fechados*) pois o Ruburt não conhece os termos. M I ou MY e uma palavra que soa como oceano, ou M E O mais um som de C e uma palavra que soa como oceano. Tem a ver com glóbulos vermelhos e brancos, uma deficiência, uma verificação dessa deficiência e uma alteração dos padrões de reação nervosa. Um comprimido de dois grãos... gramas. Inicialmente um subproduto de outra investigação. O produto é o resultado final de uma experiência iniciada por outros motivos, percebem.

Agora podem fazer uma pausa e continuaremos, e eu, antes da noite terminar, responderei a quaisquer perguntas que o Philip possa ter.

Há um elemento de tempo com o comprimido.

(Pausa às 21:22.)

(O seguinte é um resumo dos comentários do John Bradley relativamente às impressões dadas acima. Houve um primeiro encontro com um homem da empresa, no passado recente — há duas semanas. O homem, segundo o John, também estava fortemente ligado aos sentimentos

do John sobre a empresa [ou atitudes em relação a ela], pois sentiu que o novo homem, um diretor regional, tem algumas das mesmas atitudes que ele.)

(O homem alto e ossudo mencionado poderá referir-se possivelmente ao Dan Searle cujo pai foi presidente da empresa; o Dan é alto, ossudo e tem cabelo cor de areia. O Dan é agora presidente.)

(O homem mais baixo, de cabelo escuro, lembra fortemente o novo gerente regional mencionado acima; particularmente porque o rosto do homem parece redondo de frente, mas não de perfil. O John reparou nisto.)

(Ele não fez ligações com Detroit.)

(Sobre o novo produto mencionado; o John disse que colegas de trabalho visitaram recentemente os laboratórios em Chicago e contaram-lhe sobre um cientista em particular que estava a testar, ou queria testar, ou fazer experiências para problemas do sistema nervoso central, mas a insistência no orçamento tornava isto difícil. Tal medicamento poderia surgir, claro, e poderia estar em desenvolvimento, mas estas coisas demoram muito.)

(Sobre as crianças: Dois rapazes em particular encontram-se em casa do John para irem para a escola com os dois filhos do John. O filho, o John, está na terceira classe. O John não gosta particularmente de um dos rapazes, o Brian e o Todd Puleski. A inicial J poderia referir-se ao John Jr., talvez, certamente não aos outros dois rapazes.)

(Nota manuscrita da Jane: “Maio de 1968 — O John, ao reler uma cópia desta sessão, percebeu imediatamente que o rapaz referido como M J é o M.J. Shuman — uma criança cuja influência sobre o filho ele desconfia. O rapaz é chamado de M.J., penso que o John disse [Esta nota relaciona-se com o ‘Ver Notas’ manuscrito mais acima.]”)

(O Seth menciona uma reunião em Abril e o John disse que espera ir a Chicago para uma reunião esta primavera.)

(O John não sabia sobre o nome dado para o medicamento, embora o nome Miocardite, inflamação do músculo cardíaco, lhe tenha vindo à cabeça como uma doença provável para a qual o medicamento poderia ser usado. Em todo o caso, o nome dado poderia ser o nome futuro do medicamento, impossível de verificar neste momento. Dois gramas seriam uma dose grande, disse o John, de qualquer medicamento.)

(Resumo às 21:45.)

Deem-nos um momento, por favor. Uma mulher ligada à sua esposa, uma tia ou parente feminina, que irá ou que recentemente teve uma ideia que é ou será chocante para si. Alguma ligação com o Oeste distante para si ou para a sua esposa, mais a oeste de Chicago. Tem alguma pergunta?

(O John: “O homem de roupas largas — podes dizer-me se é o filho, presidente da empresa ou o pai dele, o presidente do conselho de administração. Isto em relação à doença que está a ser tratada?”)

É relacionado.

(O John: “É a mesma pessoa?”)

Vamos tentar separar o pai do filho aqui. O homem a que me refiro não é muito avançado em idade, mas tem pelo menos 50 anos. Não creio que tenha mais de 80. Por vezes tem um tique nervoso. Bebe café sem leite e usa sapatos pretos. Isto pareceria indicar o pai. Mas, se for assim, ele tem mais energia do que o filho. No entanto, as características dadas aplicam-se ao homem que está doente, seja o pai ou o filho.

Há uma verruga na mão esquerda, se isto ajudar. Uma condição incómoda na anca esquerda, de natureza espasmódica mas de longa duração. A condição teve origem numa infeção do intestino. A infeção espalhou-se para outros órgãos. O tratamento atual é para um problema nos rins ou intestinos. O ventri... estou a procurar aqui... ventri...

(O Rob: “Ventrículo?”)

Ventrículo, agora a ser afetado, e uma perturbação circulatória secundária como resultado. Os sintomas, no entanto, são sentidos na zona das omoplatas. Existe alguma ligação com injeções que irão agravar ou enfurecer a condição de base. Têm alguma pergunta?

(O John: “Esta ligação ao Oeste e uma parente da minha esposa. Tens mais alguma coisa sobre isto?”)

Uma ligação com uma carta ou telefonema e uma criança pequena. Não tenho a certeza, uma criança do sexo feminino. Uma sugestão relacionada com mudanças projetadas. Não sei se isto se refere ou não a uma mudança de residência, mas uma grande mudança. Há aqui uma ligação com flores que não compreendo. Talvez uma ligação com a primavera: Uma estrutura de pedra, uma casa, creio eu, uma árvore estranha, a palavra hycynthia.

(O John: “Ou jacinto?”)

Pode ser. Talvez uma vedação e uma grande sala dividida em duas. Agora, Joseph?

(O Rob: “Como é que o John se sairá na viagem a Chicago esta primavera?”)

Ele irá, como sempre, sair-se bem. Um envolvimento com três homens em particular, uma sala que ele achará inadequada. Arranjos relacionados com a quantidade de ar, seja má ventilação ou falha de um ar condicionado. Uma tarde confusa: dois compromissos não cumpridos, um mais tarde cumprido, uma reunião restrita... caucus?

(O John e o Rob: “Sim.”)

Com cinco homens no centro a afetar-lhe, e uma determinação definitiva, uma decisão, tomada por ele como resultado disto, e uma reunião mais pequena depois às 8 noutro local.

(O John: “Estarei eu incluído nesta reunião restrita?”)

Estará presente e será membro da segunda reunião. Poderá ou não ser membro do caucus mas estará presente no caucus.

(O John: “E quanto aos dois compromissos?”)

Cumprirá um mais tarde. Um será marcado por si, e um por um homem hierarquicamente superior na empresa. Este será cumprido mais tarde, não na hora originalmente marcada. Um não será propositadamente atendido, embora as circunstâncias tornem essa ausência compreensível. Haverá uma razão, por outras palavras, e aceitável. Agora podem fazer uma pausa e continuaremos.

(Pausa às 22:10.)

(O seguinte é um resumo dos comentários do John relativamente às impressões sobre a parente da sua esposa. De facto receberam um telefonema da irmã da esposa, que tem uma filha pequena, além de dois filhos mais velhos. Ela estava muito perturbada devido a problemas com o marido. Vivem em Nova Jérсия, embora o marido esteja agora no Havai (oeste?). Tanto a casa do John como a da cunhada são em esquinas. É possível que a mulher decida deixar o marido e mudar-se? As outras impressões referem-se ao futuro e não podem ser verificadas agora.)

(Resumo às 22:25.)

Agora iremos em breve encerrar a nossa sessão. Haverá uma mudança final para oeste em vez de este, mantendo-se as circunstâncias atuais na empresa, com as coisas como estão agora, e as probabilidades tal como as vejo. A impressão de um M aqui. Não sei se se refere a uma cidade ou estado. Não será imediato. Será mais para sul e oeste. Não será para nenhum lugar onde exista agora uma vaga, isto é, não ocupará o cargo ou o

cargo específico será reaberto. Será um cargo melhor do que espera e num desenvolvimento em salto, por assim dizer.

(O John: “Com a empresa onde estou agora?”)

Com esta empresa. Vai saltar um degrau que normalmente é dado, para outro degrau. Vai obter um cargo sem passar por outro cargo que normalmente é pré-requisito, percebem. Junho e uma série de três relacionadas com o tempo: Uma cidade junto a um rio que corre de norte a sul; talvez, talvez o Mississípi. Não muito a sul. Agora, a menos que me chamem, ou a menos que tenham perguntas, vou encerrar a nossa sessão.

(O John: “Dizes que, em última análise, irei para sul e oeste, e uma ligação com a letra M. O que queres dizer com ‘em última análise’?”)

Num período de três anos. Se não for dentro de um ano, então não irá até ao terceiro ano. Esta era a série de três a que me referi.

(O John: “St. Louis, Missouri? O Mississípi não é sudoeste?”)

A zona fica a sudoeste da sua localização atual. Podem fazer uma pausa ou encerrar a sessão, como preferirem.

(O John ao Rob: “Depende de ti.”)

(O Rob: “Então vamos encerrar a sessão.”)

Boa noite.

(22:35.)

(Nota: A experiência do John na reunião de Rochester recentemente — viu o rosto do supervisor de distrito rejuvenescer diante dos seus olhos enquanto o homem falava na reunião — cerca de quinze anos de diferença, disse o John. O John não ficou alarmado por causa do material do Seth. Os efeitos duraram pelo menos um minuto e provavelmente mais. O John não sabe se mais alguém viu, pois não mencionou o que viu a ninguém, nem mesmo ao homem em questão.)

(A 16 de Janeiro, na sessão 312, o Seth disse “o dinheiro chegará em breve” página 247. O cheque da Jane chegou hoje, quarta-feira, 18 de Janeiro, para o livro ESP.)

(Nota manuscrita: “Sessão #166, 30 de Junho de 1965. Hierarquia desviada sem poder. [Ver Volume 4.]

Sessão #313, 18 de Janeiro de 1967: M.J. [Shuman], página 250.

#402, 1 de Abril de 1968: incorporada.”)

SESSÃO 314

25 DE JANEIRO DE 1967

(A sessão marcada regularmente para segunda-feira, 23 de Janeiro, não se realizou. Em vez disso, a Jane e eu trabalhamos com o pêndulo e obtivemos bons resultados.)

Boa noite.

“Boa noite, Seth.”

Agora deem-nos um momento. *(Pausa.)* As sessões com o pêndulo são de grande vantagem. A vossa participação nelas é de particular benefício. Sugiro, no entanto, para esta noite, que façam a vossa sessão com o pêndulo agora e depois regressem aqui para os meus comentários. Isto deverá funcionar muito bem, creio eu.

“Sim, Seth.” (21:01)

(Retoma da sessão às 21:28.)

Agora. Os exercícios de yoga são de grande benefício. Ajudam a manter os canais abertos entre o consciente e o subconsciente. Ajudam a livrar a personalidade de influências nocivas e a gerar nova energia. O Ruburt deve continuar a fazê-los sem dúvida. Ele tem o hábito de ignorar o seu subconsciente, tentando chegar a outros centros, não passando pelo subconsciente mas tentando contorná-lo completamente.

O subconsciente é uma porta de entrada para outras partes do Eu e deve ser atravessado, devendo existir livre acesso a ele. Quando está livre desta forma, então não há necessidade de bloquear mensagens ou distorcer material. O subconsciente faz isto por medo ou ressentimento. Eu poderia ter dito mais sobre a sua condição no passado.

Deem-nos um momento. Não há necessidade de ele se punir agora também, porque não aproveitou totalmente as suas oportunidades psíquicas. Pode mais do que compensar isso a partir de agora. Há uma ligação que deve ser mencionada e que pode ser rapidamente resolvida quando trazida à luz. É secundária mas teve alguns efeitos.

Quando ele estava no jardim de infância a mãe dele estava a começar a adoecer. Ora, lidando com crianças pequenas, isto simplesmente foi mais lenha para a fogueira. No entanto, agora ele pode compreender que esta ligação pode ser quebrada. Ele é ele próprio e mais ninguém. Não é a mãe dele. São mundos à parte, as duas personalidades.

Ele sentiu que tu te tinhas afastado dele no que toca à escrita, e tem necessidade de afeto caloroso diário, que sentiu que também lhe tinhas

retirado, por períodos variados, e que não te importaste que ele se sentisse em baixo. Claro que não admitiria conscientemente estes sentimentos, considerando tais sentimentos pouco próprios da parte dele. A tua ajuda nas sessões com o pêndulo aumenta portanto muito a eficácia delas. Ele sentiu-se isolado, mas não pensava conscientemente que os seus sentimentos fossem justificados. No entanto, os sentimentos existiam.

Sugiro, para este material, que façam uma pausa e depois continuarei.
(*Retoma às 21:52.*)

Ele é, por natureza, altamente intuitivo e deve dar alguma liberdade aos seus estados de espírito. Quando tenta negar ou bloquear aqueles que considera inadequados, são-lhes negadas saídas, e o próximo ciclo natural — a elevação do ânimo — não surge.

Claro que alguma contenção é necessária, mas ele tem-se inclinado para contenção em excesso neste aspeto, tentando ser aquilo que não é. O padrão da sua personalidade não é calmo, nem distante, mas dado a um movimento interior espontâneo que mantém o seu próprio equilíbrio individual. Tentou interferir com isso. Parte disto é causada por um equívoco, e é por causa desse equívoco que lhe custou ver-se a si próprio como um chamado psíquico.

Um psíquico, pensava ele, deveria ser calmo, intocável por acontecimentos físicos, altamente disciplinado, em vez de espontâneo, como ele era, e sensível a estados de espírito interiores, como ele era. Tentou transformar-se e de forma quase desastrosa. Pois, para o seu subconsciente, tal padrão de personalidade representava imobilidade, e isso refletiu-se nos sintomas físicos.

Estes foram concebidos como travões contra comportamentos impulsivos ou intuitivos. Pensava então que deveria comportar-se de forma ponderada, racional, calma e disciplinada: e, para garantir que assim fosse, abrandou os movimentos que o corpo poderia fazer. Agora, este é o cerne da questão, e ele não me deixou expô-lo mais cedo. Deve, e de facto tem de, ser ele mesmo. Essas qualidades suas, das quais se tornou desconfiado, são as que tornaram possíveis as nossas sessões e o seu desenvolvimento.

Agora, a disciplina foi algo sobrestimada desde o início, com o trabalho psíquico. Isto foi, em grande parte, natural. Na adolescência disseram-lhe muitas vezes para abrandar, para usar disciplina, e os velhos provérbios regressaram.

Ele tem uma disciplina interior natural na qual se pode confiar quando a deixa em paz. Os resultados destes sentimentos foram uma perda de espontaneidade em questões psíquicas e físicas, da qual só agora se está a recuperar.

Ele bloqueou-me várias vezes quando o amante de gatos e o jesuíta estiveram aqui, e as circunstâncias eram propícias a uma sessão espontânea, particularmente boas, na verdade. Eu tinha algo a dizer de cada vez e esses momentos já passaram. Usou os males físicos como desculpas para si mesmo. Os males físicos foram, desde o início, concebidos como travões. Sem espontaneidade, ele não funciona eficaz ou adequadamente. Leu demasiado, demasiado sobre certos temas, e esforçou-se demasiado a nível consciente.

Compara-se de forma desfavorável com o que lhe parecem ser psíquicos mais espirituais. Eles seguem o seu próprio caminho. Ele tem de seguir o seu próprio caminho. E este é o verdadeiro significado de espiritualidade.

Podem fazer uma pausa e eu continuarei. Se estiverem muito cansados, então podem encerrar a sessão.

“Não, estou bem.”

(Retoma às 22:25.)

Agora, se errarem, é muito menos perigoso errar pelo lado da espontaneidade, dadas as vossas personalidades, do que usar contenção em excesso. Contenção em excesso poderia, eventualmente, tornar as capacidades inoperantes. Muita espontaneidade, na pior das hipóteses, poderia apenas causar alguns momentos embaraçosos. Estou a falar apenas dos vossos casos pessoais. A capacidade cresce à medida que é usada. Isto não pode ser demasiado sublinhado.

E, ao usá-la, criará sistemas inatos de controlo e equilíbrio que serão naturais para as vossas próprias personalidades e eficazes. Não usar a capacidade perante impressões súbitas ou espontâneas pode, em certas condições, impedir o vosso progresso. Isto aplica-se a ambos.

Agora, encurtei bastante os vossos passos esta noite. Deem-nos um momento.

O Ruburt é ele próprio e esse Eu é escritor, e esse Eu tem fortes capacidades psíquicas. São tudo partes do Eu. É perigoso tentar transformar o Eu naquilo que ele não é.

Como questão lateral, ele não achava que dançar fosse apropriado para um psíquico, percebem.

Vamos encerrar a nossa sessão. Se me tiver escapado algum ponto importante, então trarei isso na nossa próxima sessão, ou antes. Confio, no entanto, que o material desta noite resulte numa recuperação rápida e completa do Ruburt. Muito disto esteve enterrado, e uma melhoria imediata mostrar-se-á agora.

Os meus melhores desejos para ambos, e para o nosso Ruburt novamente espontâneo, uma afetuosa boa noite.

“Boa noite, Seth.”

Ajudará se discutirem estes pontos na vossa próxima sessão com o pêndulo.

(Fim 22:34.)

SESSÃO 315

30 DE JANEIRO DE 1967

(O John Bradley foi testemunha da sessão.)

Boa noite.

“Boa noite, Seth.”

(O John: “Boa noite, Seth.”)

Boa noite e sejam sempre bem-vindos.

Agora. Deem-nos um momento, Joseph. *(O nome da entidade do Seth para mim.)*

As sessões com o pêndulo devem continuar, e encontrarão muitas das respostas que o Ruburt procura. Eu serei útil com comentários.

Agora. Com o nosso amigo Philip, uma situação a desenvolver-se envolvendo um homem de cabelo branco que está nos bastidores, por trás ou ligado ao homem que sugeriu ao Philip que se candidatasse a um cargo. *(Philip é o nome da entidade do Seth para o John.)*

O homem que fez a sugestão ao Philip pode não se aperceber ele próprio de que a ideia original não foi dele. Originou-se com o homem de cabelo branco. Muito aproximadamente aqui, a sua idade — por causa da cor do cabelo não tenho a certeza — talvez dos 47 aos 67, pois o rosto dele não é velho, embora o cabelo seja branco.

Agora, este homem, por associação, lembra ao Ruburt o Dirksen porque as semelhanças temperamentais são bastante evocativas. Este homem é mais cheio de rosto, no entanto, e menos eloquente. A inicial M

está de alguma forma ligada, embora não seja necessariamente a inicial de um nome de pessoa. Talvez, se não for, esteja relacionada com um local de residência, ou distrito.

Estou bastante certo da M, no entanto, e mais tarde tentarei ser mais específico. Um pouco mais de pressão será exercida sobre o Philip do que ele talvez antecipe aqui. Vários, ou sete, numa reunião quererão que ele esteja nessa função. Isto é de facto o que referi anteriormente.

(Ver página 249 da sessão 313: onde um profissional fora da empresa do John oferece algo ao John.)

Alguma ligação com uma loja ou comerciante que coloca dinheiro. Não sei a que isto se refere. Alguma pressão aplicada para o final de Fevereiro, e uma ligação aqui com um domingo, o que parece estranho.

O pedido será também feito de forma mais formal. Um cunhado envolvido aqui. Se não for do Philip, então um cunhado do homem que fez a sugestão.

Ainda uma reação pouco saudável entre duas crianças. Uma impressão separada agora: Uma despesa inicial, que é imprudente e deve ser evitada.

Por agora podem fazer uma pausa, e em breve irão dar-me uma estrela dourada.

(Pausa às 21:16. Os olhos da Jane permaneceram fechados quase todo o tempo.)

(O John assistiu à sessão 313 a 18 de Janeiro de 1967. Disse-nos esta noite, quando nos encontrámos, que lhe tinham pedido para concorrer a comissário do condado pelo procurador-adjunto do seu município natal, Williamsport, Pensilvânia, mas não nos contou mais nada em especial. O John foi convidado a concorrer depois da sessão 313, e recusou a oferta; isso implicaria uma perda financeira.)

(O procurador-adjunto é o Clint Smith. O John disse que o sócio sénior da firma de advogados do Smith se chama Murphy — daí a inicial M. Ele está mais próximo do limite de idade dos 47 anos, e tem cabelo esbranquiçado. É mais cheio de rosto do que o senador Dirksen, como o Seth afirma. O Murphy também é republicano, tal como o Dirksen. O John encontrou o senhor Murphy apenas uma vez, brevemente, e não tem ideia da posição política do homem, da sua influência, etc. É possível que o Murphy tenha influenciado o Clint Smith.)

(O John afirmou que os seus cunhados vivem em Filadélfia e não têm ligação com o John em Williamsport, nem com as suas atividades políticas, etc.)

(O John também afirmou que o Clint Smith tem um cunhado jovem que vive em Lancaster, Pensilvânia, a sul de Williamsport; mas, tanto quanto o John sabe, não haveria aqui qualquer ligação.)

(O John não tinha informações sobre qualquer possível despesa.)

(Ver a sessão 313 para o material relacionado com alguns dos filhos do John e uma possível relação prejudicial com outras crianças.)

(A Jane retomou às 21:25.)

Agora, Joseph, vocês os dois estão no caminho certo no que diz respeito aos sintomas do Ruburt, e a tua ajuda nas sessões com o pêndulo é inestimável.

Deem-nos um momento... Os sintomas, neste caso, na mão direita ou no lado direito do corpo, representam dificuldades nos domínios conscientes. Os sintomas na mão esquerda ou nas partes esquerdas do corpo representam dificuldades a partir de níveis subconscientes, e ambos representam falhas entre as partes consciente e subconsciente do Eu.

Sentimentos de culpa, neste caso, estão associados à mão esquerda. Ele terá mais a dizer sobre estes pontos, ou na sessão de quarta-feira ou, talvez, possamos ter uma sessão amanhã à noite em vez disso.

Agora. Uma viagem inesperada e razoavelmente longa da parte do Philip, pelo menos parcialmente de carro, dentro de três meses. Para ir buscar alguém ou algo. Tudo o que recebo aqui é A R, e não sei a que se refere.

Além disso, ele encontrará uma mulher nesta cidade, uma mulher que já encontrou aqui antes, e não deverá encorajar qualquer relacionamento. Ela já foi mencionada nas nossas sessões anteriormente.

(Para o John: Falei-te disso na altura. Desta vez, percebes, digo-te antecipadamente.)

Parece haver cinco mulheres com quem a tua esposa estará envolvida numa tarde de quinta-feira. Nenhum significado aqui.

O M referia-se à pessoa mencionada pelo Philip durante o intervalo. *(Murphy.)* E a despesa tem a ver com o seu agregado familiar.

Um pequeno ponto, algo insignificante, Joseph: o homem para quem o Ruburt trabalha — o nome, Miller — é também o nome de uma antiga

amiga da mãe dele, embora fosse uma mulher. A semelhança aqui é algo infeliz.

Em relação ao Philip, uma separação de elementos que não entendo. Uma divisão de funções ou algo assim, não sei. Não é necessariamente uma subtração. Uma readaptação de certa forma, relacionada com o trabalho, creio. Se alguma coisa, trabalhando a seu favor.

Isto, no entanto, pode aplicar-se à situação política, embora eu não veja como.

Um filme que o impressionará. Isto não parece ser um filme de cinema. Talvez um documentário, que lhe será mostrado. Se te candidatastes a um cargo, podias contar com o meu voto.

“Queres responder a uma pergunta?”

Podem fazer uma pausa conservadora ou eu responderei a perguntas primeiro, se preferirem.

“Podemos fazer a pausa e eu faço a pergunta depois.”

Como quiserem.

(Pausa às 21:45.)

(A mulher que o John poderá encontrar nesta cidade seria a June Fleming, que o John conheceu há algum tempo num bar chamado The Elms. Ele não a vê há muito tempo, nem tem ido ao The Elms ultimamente. O John ouviu a voz do Seth a avisá-lo uma vez quando estava com a June Fleming, e seguiu o aviso. Este material está registado nas sessões.)

(O John verificou o material do Seth relativamente à sua esposa, Mary Ellen. Ela está a entrar no negócio de venda de bijutaria Sarah Coventry, e na verdade está a assistir a uma reunião de negócios esta noite. O John disse que a Mary Ellen tem uma festa Sarah Coventry marcada para breve, numa quinta-feira à tarde ou à noite, e estará envolvida com outras quatro mulheres em particular. As cinco no total poderão ser porque a própria Mary Ellen é a quinta; além da Mary Ellen, as outras quatro mulheres estão a organizar festas Sarah Coventry para ela. Haverá, obviamente, mais de cinco mulheres nas festas.)

(A Jane disse que a mãe dela tinha uma amiga, Mary Miller, que fazia limpezas para a Jane e a mãe quando a Jane tinha talvez sete anos. A Mary Miller ainda é viva. Na altura, a Jane não gostava dela, disse. A Mary Miller tem a mesma idade da mãe da Jane.)

(Como os dados da viagem envolvem uma previsão, o John não pôde adiantar nada aqui.)

(O John disse que a separação de elementos ou datas poderia referir-se ao cargo político para o qual foi convidado a concorrer. Como o rendimento significaria uma perda para o John, ele pensou que poderia ser compensado por um cargo sinecura ao mesmo tempo; esse cargo seria arranjado por um membro da organização política. O John disse que isto é muitas vezes feito na vida política.)

(Ver página 253 da sessão 313, onde é descrita uma mudança de feições que o John viu transformar o rosto do seu supervisor de distrito recentemente, numa reunião em Rochester. Pedi ao Seth para comentar este fenómeno depois da pausa.)

(Retoma às 22:12.)

Agora, a grafia do nome é Seth.

(O John, a rir-se: “Obrigado, Seth.”)

Deem-nos um momento.

O Ruburt sugeriu, meio a brincar, certas mudanças nos vossos arranjos de habitação. Para o presente, e futuro próximo, funcionariam bem.

As visitas ao quiroprático, simplesmente do ponto de vista da sugestão, são boas, e é só isso.

Por outro lado, ele também deveria proteger-se de observações pessoais feitas pelo quiroprático, através de sugestão própria, embora esta situação esteja melhor do que estava. No caso dele, nesta altura, sintomas do lado esquerdo do corpo referem-se a associações antigas.

Uma digressão de palestras, de certa forma, desenvolver-se-á. Obter dinheiro deste tipo de atividade será mais benéfico para ele, e mais lucrativo.

Deve, por agora, reduzir ligeiramente o sal na sua alimentação. Além disso, acrescentar beringela e continuar com os exercícios de yoga. Usar verde mais vezes. As vibrações da cor, no caso dele nesta altura, são terapêuticas.

A dificuldade em usar os ténis, por exemplo, não é física. Lembrem-lhe um par de sapatos da mãe dele.

Agora. O nome do Philip mencionado numa festa. Não estou claro aqui: 4, 2, e mais um ou dois números, e algo *drive*, percebes — o nome de uma rua ou local. Esta noite faço de médico e político.

Uma zanga ou discussão envolvendo o Philip, algo inesperada, que parecerá mudar alianças, mas no geral não mudará. Aqui envolvendo um homem ligeiramente mais velho, que tem um irmão.

Assuntos externos relacionados com o livro do Ruburt por si mesmos trarão em breve um vigor físico renovado. No entanto, é do seu interesse resolver estes problemas sozinho antes desse momento. Às vezes ele quer ter demasiada certeza de que tem os pés assentes na terra.

Podem fazer perguntas, fazer uma pausa ou encerrar a sessão, como preferirem.

(O John: “Esta discussão: estarei eu envolvido, ou o meu nome será o tema dela? Está relacionada com a atividade política?”)

Está relacionada com a atividade política.

(O John: “Estarei eu envolvido — na verdade parte da discussão?”)

Creio que estará envolvido, embora isto não seja definitivo. Um desentendimento sobre o significado de termos. Mais tarde a discussão acabará por jogar a teu favor. O desfecho será vantajoso, embora inicialmente não pareça.

“Não te esqueças da pergunta sobre o chefe do John.”

(O John: “Queres que eu faça essa pergunta?”)

“Sim.”

(O John: “Quando estive em Rochester há cerca de três semanas, reparei numa mudança nítida nas feições do meu chefe, enquanto ele fazia um discurso. Diria que parecia cerca de quinze anos mais novo. Podes lançar alguma luz sobre isto?”)

Isto foi notado por três pessoas.

(O John: “Podes descrever essas três?”)

Um mudou de opinião sobre o homem, e para melhor. Cabelo escuro em forma de coroa, com parte da cabeça careca. Um Andy Gump com barriga. Nariz comprido, e olhos com brilho. De um lugar com um nome que soa a indígena. E talvez uma inicial E, relacionada com o local de residência ou nome. E talvez um H.

Outro homem mais jovem com rosto largo, quase eslavo, e cabelo curto e eriçado, preto ou castanho.

E um homem nos seus cinquenta anos. Algo acima do peso, rosto redondo. Algo estranho no seu facto ou na sua roupa. Riscas cinzentas. Um interesse por história. Numa posição intermédia na empresa. Um homem conhecido por ser resmungão.

A transformação foi provocada subconscientemente em resposta a uma necessidade interior e para contrariar uma sensação crescente de pânico e fracasso.

Podem novamente fazer perguntas, fazer uma pausa ou encerrar a sessão.

(O John: “O homem numa posição intermédia: poderá ser um gerente regional?”)

Sim.

Acredito em quatro palestras separadas, Joseph, algures entre Fevereiro e o Verão, incluindo talvez o Verão.

Aguardo ao vosso gosto, como sempre.

“Pode a mente consciente distorcer tal como o subconsciente?”

Sabes bem que sim, com a mesma facilidade.

Então podem encerrar a sessão, a menos que o nosso comissário do condado queira interrogar-me.

(O John: “Neste momento não tenho informação suficiente para fazer perguntas específicas. Poderia o emprego sinecura de fora ser o que referiste?”)

Sim.

(O John: “E quanto a esta viagem?”)

Não parece referir-se a assuntos de negócios no que diz respeito à empresa. De natureza mais pessoal.

(O John: “Para que zona do país seria esta viagem?”)

Não sei. Parece estar ligada a duas zonas. Mas viajarias apenas para uma delas. Envolve outras pessoas, não colegas de trabalho.

(O John: “Podes dizer-me algo sobre o futuro do negócio da minha esposa?”)

Uma associação ligada ao número quatro. Quatro semanas, quatro meses ou quatro anos. Não acredito que sejam quatro anos, contudo. Poderá levar a outro empreendimento mais lucrativo, e cumprirá o seu propósito e será benéfico enquanto durar. Não será de longa duração. Envolvimento com uma mulher mais velha.

Agora, faremos a nossa pausa ou encerraremos a sessão.

(O John: “Não tenho mais perguntas.”)

“Então podemos muito bem encerrá-la.”

Ligação com uma mulher com cerca de 56 anos para entrar aqui. E mais tarde outro arranjo semelhante a este, mas mais lucrativo.

As minhas mais calorosas saudações, e vou receber a minha estrela dourada; embora terão dificuldade em prendê-la em mim.

“Boa noite, Seth.”

(O John: “Boa noite, Seth.”)

(Fim às 22:50. A Jane não se lembrava de muito do que tinha dito. Manteve-se sentada toda a noite, falando num ritmo médio com os olhos fechados na maior parte do tempo. A sua forma de falar foi por vezes bem-humorada.)

(Relativamente aos dados da página 260: o John não fez qualquer ligação sobre uma festa, os números 4, 2 e mais um ou dois, e algo drive, o nome de uma estrada ou local.)

(Relativamente aos dados da página 260: o John disse que a descrição do Seth de um tipo “Andy Gump” encaixa num vendedor da sua empresa chamado John Winslow e que o JW esteve presente na reunião em Rochester há três semanas, altura em que a transformação ocorreu nas feições do supervisor de distrito do John. O Winslow tem cerca de 55 anos, com cabelo acastanhado que agora está a ficar grisalho. É cortado curto e em forma circular, sem entrada de viúva.)

(O Winslow tem um queixo tipo Andy Gump e um nariz comprido que se destaca bastante. Ele vem de Syracuse, que é um nome indígena. Estes dados corroboram bastante bem a informação do Seth.)

(Mas o John não pôde adiantar nada sobre as iniciais E e H.)

(O John disse que a descrição do Seth de um homem mais novo, com rosto eslavo e cabelo curto e eriçado, encaixa no Bob Dineen, outro vendedor também presente na reunião em Rochester. Contudo, o cabelo do Dineen, que em tempos foi castanho ou escuro, está agora grisalho. O Seth deu-lhe cabelo preto ou castanho.)

(O John disse que o homem nos seus cinquenta anos mencionado pelo Seth poderia ser o Stan Farrer. O Farrer é o gerente regional do John, o que seria uma posição intermédia na empresa, Searle. Ele usava um facto cinzento em Rochester, disse o John, mas não de riscas. O John também disse que não sabe se o Farrer é resmungão; é possível por contraste, simplesmente porque a maioria dos homens não diz nada.)

(O John não pôde adiantar nada sobre uma mulher de 56 anos.)

(O John disse que o seu chefe estava muito nervoso naquele dia na reunião em Rochester, quando a transformação aconteceu nas suas feições. O chefe do John sabia que não estava a ter bons resultados na empresa nos últimos tempos. O gerente regional, naquele dia, também ocupou uma grande parte do tempo da reunião, tempo que o chefe do John

normalmente usaria. O gerente regional pareceu assim conduzir a reunião, estar em palco, etc. O John disse que consegue compreender o sentimento de desespero do chefe, que levou por sua vez à transformação.)

SESSÃO 316

1 DE FEVEREIRO DE 1967

Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Agora, começaremos por falar à volta de algumas questões. Em certa medida, o facto de o livro do Ruburt estar a ser lido na sua terra natal desconcerta-o. Aqueles que ele relegou para o passado são trazidos para o presente. Isto provoca algum (*pânico?*); há uma sensação de que está novamente sob o controlo deles, e de que o livro, neste aspeto, o deixou vulnerável.

Ele expôs-se, por assim dizer, e pode portanto ser um alvo. A imobilização foi, em parte, uma reação de medo e, no entanto, teve alguns elementos de coragem, no sentido em que já não fugiria em medo, mas enfrentaria as questões.

Ao mesmo tempo, claro, conflituante é o desejo de ser conhecido como um escritor de sucesso na sua terra natal, mas para isso tem de ser conhecido novamente, percebem. Ele tem medo, literalmente, de andar pelas ruas de Saratoga, entrando e saindo à socapa quando lá vai. Mas aqui sente que está a melhor parte de si, desprotegida, e o Eu que ele tentou realmente esconder, agora exposto.

Por causa destes sentimentos ele reage como se estivesse a ser atacado. Os sentimentos, no entanto, são a causa do ataque, pois estes sentimentos atraem esses elementos que, de outra forma, seriam inofensivos. Isto é bastante importante.

É este sentimento básico em relação ao livro e a Saratoga que ativou subitamente associações passadas e trouxe uma identificação com a mãe dele. Ele deve lembrar-se aqui de que não é a pessoa que viveu em Saratoga agora, a menos que escolha sê-lo, de forma autolimitada. O próprio livro, curiosamente, fornece uma certa proteção, pois informa os outros da sua força básica. Foi um choque para ele saber que pessoas do

passado estavam a ler o livro no seu presente, e pareceu aproximá-lo dessas associações originais que o levaram a sair de Saratoga.

Ler este material e compreender a natureza deste ataque deve pôr-lhe fim. O seu livro está a ajudar outras pessoas em Saratoga. Ele deveria atrair gratidão e saúde desta realidade mental. Os exercícios de yoga, por si só, irão, com a sua compreensão, endireitar os nós aqui, à medida que começa a atrair automaticamente forças de saúde e vitalidade.

A roupa enviada pela mãe foi algo perigosa para ele porque os seus sentimentos, acima referidos, extraíram automaticamente delas os sentimentos negativos da mãe para com ele, enquanto bloqueavam os construtivos e afetuosos.

Ele não queria que ela lesse o livro, percebem. Sentiu que isso o deixava exposto. As suas expectativas, por outras palavras, causaram o ataque, infelizmente. Estes sentimentos começaram quando o livro foi definitivamente aceite. Não cresceram para termos tão desproporcionais até chegar o momento de o mostrar efetivamente.

A data foi mudada várias vezes. Por um lado, isto deu-lhe algum alívio. Por outro, estava zangado com os atrasos. A isto juntou-se o que sentiu ser a necessidade de encontrar emprego, e a esperança de que a sua escrita pudesse ser o seu sustento. Isto tem uma ligação com o avô dele, que mencionarei mais tarde.

Sentiu que o livro dos sonhos o tinha desiludido quando foi rejeitado. A sua última experiência de se sentar num quintal com regularidade aconteceu há muitos anos.

Ele recorda uma fotografia da mãe no quintal quando tinha cerca de sete anos. Ela já tinha dificuldades na altura e não conseguia andar bem. Por causa de outros conflitos, ele lembrou-se disto este Verão, quando se sentou no quintal. A mãe dele consultava quiropráticos, osteopatas, e ele sabe disso. Isto gera uma sugestionabilidade que deve ser tida em conta em quaisquer visitas suas.

Ele identificou-se com o pássaro que o gato apanhou. A mãe dele tinha um medo supersticioso de gatos e, no incidente no quarto, estabeleceu-se uma identificação imediata, sob stress emocional e por causa de sentimentos antigos.

Agora podem fazer uma pausa por causa da mão.

(Pausa às 21:31.)

(Retoma às 21:44.)

Agora. Os episódios da anca dorida representaram o auge do pânico interior, e o ponto de crise de toda a situação. O Ruburt reconheceu isto como um ponto de perigo particular e conseguiu libertar-se aqui. Começou lentamente a abrir os canais que tinha fechado e deu os primeiros passos para recuperar a saúde. Poderia ter ficado gravemente doente há alguns meses, mas evitou isso. Tem estado num caminho de recuperação desde então, embora irregular. Quando regressar ao trabalho, esse será o primeiro sinal.

Houve uma ligação quando o vosso gato teve o acidente, percebem, a localização da lesão. (*O nosso gato, Catherine, recuperou da fratura da anca.*)

Por causa da identificação temporária com a mãe, ele ficou aberto à sugestão que tinha relativamente ao editor, como o pai do seu livro, percebem. Além disso, por causa desta identificação, temeu ficar incapacitado e que tu o deixasses. Daí ter ficado hipersensível quando achou que tinhas perdido interesse na sua escrita e quando interpretou algumas das tuas ações como negligência geral ou falta de afeto real.

O que ele refere como a superficialidade, comparativamente falando, da sua resposta sexual, teve origem, novamente, quando soube que o livro seria publicado. Isto foi, inicialmente, apenas uma reação de medo temporária, mas prolongou-se, percebem, à medida que outros desenvolvimentos aprofundaram o seu medo.

A tua própria atitude em relação ao Frederick Fell, e os teus comentários ao Ruburt, assustaram-no profundamente, pois reforçaram a sensação persistente de que o Fell não o trataria bem, tal como o pai não tratou bem a mãe dele. Este foi o ponto sensível sempre presente nessas discussões. Sentiu-se encurralado, percebes, como se estivesses a dizer: “Eu avisei-te, os teus medos mais profundos vão realizar-se.”

Ele só escrevia ao pai quando precisava de dinheiro em criança e adolescente, e só escrevia ou contactava o Fell, parecia-lhe, quando precisava de dinheiro. O Fell atrasava os pagamentos tal como o pai se atrasava. Sentia-se urgentemente dependente dos cheques tal como a mãe dependia dos cheques de assistência social e dos pagamentos do pai.

Acontece, percebes, que quando a mãe do Ruburt começou a ter artrite, o Ruburt estava nos primeiros anos de escola — uma sala de jardim-de-infância com blocos e bancos pequenos e bengaleiro. Isto, claro, faz

surgir associações com a escola infantil, servindo como outra ligação com os sintomas da mãe.

A sensibilidade aos ténis foi ativada por estas ligações com a mãe, o trabalho das crianças pendurado na parede — isto é outra ligação com o seu próprio passado, percebes, com os primeiros anos de escola, tal como a rapariga de cor, Dagmar, pois o Edward Briscoe era o único rapaz de cor nos seus primeiros anos de escola.

Se não estivesse já sensibilizado, estas ligações não o teriam incomodado, e deverão desvanecer-se à medida que a sensibilidade geral desapareça. Foi por causa de tais sensibilidades ativadas que o Ruburt reagiu mais cedo em Marathon (*Flórida*) a um casaco enviado pela mãe.

Há alguma sensibilidade a contas (*beads*) nesta altura apenas devido a uma fotografia em que a mãe as usava com saias curtas. É a combinação, mais do que as contas sozinhas.

Muitos dos sintomas de manhã cedo, há uns meses, eram imitação direta da mãe nesta identificação, mas estes em particular já desapareceram.

As vossas festas foram úteis. A bebida moderada ajudou a reunir o consciente e o subconsciente como um Eu total, eliminando a identificação insalubre com a mãe. Os palavrões têm uma relação direta com a linguagem da mãe.

O Ruburt sentia-se seguro se a mãe lesse a sua ficção, percebem, pois estava vários passos afastada da sua vida interior.

Podem fazer uma pausa se quiserem.

(*Pausa às 22:09.*)

(*Retoma às 22:25.*)

A tua própria ação positiva com o pêndulo e na tua vida pessoal com o Ruburt foi extremamente benéfica e resultou no tipo de apoio de que ele precisava nesta altura.

Os sonhos que teve tentaram avisá-lo de probabilidades, e ele deveria ter-me questionado ou usado o pêndulo. Houve uma série destes e eu poderia ter sido consultado para uma interpretação. Eu disse-lhe para usar sugestão positiva relativamente à mãe antes das cartas dela. A sugestão positiva deve ser usada, uma prática que ele começou e depois interrompeu.

Ele não deve tentar, neste momento, escrever mais do que uma carta amigável à mãe. Quando tenta abrir-se numa carta entra em pânico. As sessões com o pêndulo estão realmente a ajudar. Dei-vos material muito

útil esta noite e vou encerrar a nossa sessão. O Ruburt deve ler isto muitas vezes.

“Há tempo para uma pergunta?”

(A Jane acenou.)

“Podes dizer-me algo sobre o sonho que contei à Jane, sobre os homens primitivos?”

Deem-me um momento. (*Pausa.*) É uma explicação algo extensa. (*Pausa.*) Os homens das cavernas eram pseudo-realidades. Houve outros cinco envolvidos. Houve aqui uma viagem no tempo, mas foi a um passado provável. Sabias que esta era uma realidade na qual não tinhas participado. Não estavas em perigo dentro dela, pois nunca exististe nela. Os outros eram viajantes de probabilidade como tu. Se quiseres, dar-te-ei uma explicação mais detalhada na nossa próxima sessão.

“Está bem.”

Ou, se preferires, agora.

“Não. Assim está bem.”

Tens outras perguntas?

“Não.”

Os meus mais calorosos votos para ambos. Uma afetuosa boa noite.

“Boa noite, Seth.”

(22:27. *A voz da Jane esteve calma durante toda a sessão, o ritmo geralmente bom, mas com algumas pausas longas. Falou sentada.*)

(*Recentemente, a Jane pediu ao subconsciente um sonho de cura. Vê o relatório do sonho abaixo.*)

Hoje, às 9h40, um telegrama da Anne Healy informou-me de que a Blanche Price morreu esta manhã. Saí do trabalho às 10h, fiz *psy-time*, tentando contactar a Blanche, sem resultados. Depois tentei dormir, pensando que talvez fosse mais fácil para ela se eu estivesse em estado de sonho. Tive dificuldade em adormecer, não estava com sono e, às 11h, decidi esquecer o assunto. Em vez disso, adormeci de imediato e tive o seguinte sonho estranho. Penso que é um sonho terapêutico; tenho vindo a pedir um ao subconsciente. Envolve alguma projeção, creio, e é um daqueles sonhos em que, de vez em quando, eu tinha consciência de que estava a sonhar. Já esqueci parte dele e não tenho a certeza de alguma da sequência inicial.

PRIMEIRA SEQUÊNCIA

O Rob e eu estamos de férias, talvez apenas num fim de semana, num ambiente semelhante ao de uma universidade, uma cidade, com água por perto. Caminhamos por uma rua movimentada. Eu digo:

“Não me importa que isto já não seja como era há anos. Está ótimo.”

Ele concorda. Estou muito feliz e despreocupada. Quase todo o sonho decorre neste local. As casas são triangulares, do tipo “A-frame”, de tons pastel multicoloridos, mas também com cores vivas; paredes de vidro, as casas não amontoadas, algumas situadas acima de outras, em pequenas colinas.

Acho que o seguinte é o início do sonho: a Sra. Mahaar chama-me para descer. Na cave encontro quatro ou cinco rapazes deitados no chão, cada um com um cão doente ao lado; pelo menos os cães pareciam doentes. Um era um dogue alemão. Havia também algumas raparigas. Não me lembro bem como acabou, mas estava tudo bem — afinal não estavam tão doentes como pareciam, ou algo assim.

Depois um grupo (talvez este mesmo?) sobe até ao nosso apartamento.

Conversa animada, estimulante, divertida, etc. Enquanto falo, faço exercícios de ioga facilmente e fico surpreendida com isso. Discutimos um sonho que eu tinha acabado de ter (dentro do sonho principal). Nele, estava com este mesmo grupo em Saratoga, na Union Avenue. Tinham-me apanhado no carro e continuavam a conduzir para além de onde eu queria sair. A estrada à frente era linda, com cores brilhantes e vivas. Diminuíram a velocidade, a rir, para uns vinte e cinco à hora (neste sonho interior), e eu saltei, também a rir e sem me magoar.

Na sala discutimos este sonho. Ele destacava especialmente uma das raparigas do grupo. Ela achava que era um sonho clarividente, mas eu disse que não. Parecia depender da interpretação de uma palavra, uma cidade, penso. Digo-lhes do meu interesse por sonhos e que registar tudo é importante. Somos estranhos, aliás, a conhecermo-nos no sonho.

SEGUNDA SEQUÊNCIA

Enquanto conversamos, reparo em algum correio sobre um aparador e fico surpreendida — penso que deve ter chegado antes de o Rob sair para o trabalho, já que está aberto. Um anúncio grande e duas cartas. Agora estou definitivamente de volta à cama em que estou a dormir, tentando decifrar a escrita nos envelopes. (Penso que estava no meu corpo astral, contudo.) Sabia que estava a sonhar e pensei comigo mesma que era muito difícil ler tal material no estado de sonho, mas que tentaria na mesma.

Tentei várias vezes, segurando-os o mais perto possível, semicerrando os olhos, etc. Consegui distinguir um carimbo de Nova Iorque e os primeiros nomes de um casal, e o apelido deles, agora esquecidos. O apelido era algo como *Faulk*, mas acho que não era. Seria *Betty* o nome da mulher? Eram amigos da minha mãe, mas estranhos para mim, e pensei que talvez tivessem lido o livro de ESP.

Depois, espantada, vejo alguns pacotes que simplesmente não estavam lá um momento antes. Abro-os, embora pudessem já ter sido abertos por alguém. Fico absolutamente encantada com o conteúdo. Num deles estavam vários pares de meias finas e elegantes, em tons pastel — daquelas que se usam com sapatos de salto alto, finas e bem proporcionadas; estavam embrulhadas juntas, não numa caixa, com pequenos enfeites de algum tipo. O outro pacote esqueci-o.

Depois percebo novamente que isto é um sonho e decido que vou levar os pacotes comigo de volta, não os deixarei ficar. Enfio as coisas de novo nas sacolas grandes e seguro-as fortemente contra o peito, ouvindo o papel a estalar, e por um momento quase acredito que vou conseguir trazê-las de volta. Em vez disso, acordo — e desapareceram. Apetece-me chorar.

TERCEIRA SEQUÊNCIA

Na verdade, não acordo totalmente, mas continuo a sonhar. Estou no centro da mesma cidade, novamente com este grupo. Uma rapariga pergunta-me se o Chuck ficou até às nove na noite anterior e eu digo que sim. Depois uma rapariga, que não pertence ao grupo, está a chorar. Digo algo sobre poesia e ela responde:

“Bem, é melhor falares depressa, porque estou quase decidida a deixar de escrever poesia.”

Tem cabelo castanho-claro, olheiras escuras e é um pouco mais nova do que eu. Digo-lhe que não se pode decidir conscientemente deixar de escrever poesia — que ela escreveria de qualquer forma — embora pudesse decidir isso subconscientemente e nunca chegar a sabê-lo.

Depois, de modo algo dramático mas belo, digo-lhe:

“A poesia é o teu modo característico de expressão, a tua forma de traduzir os dados para a realidade física, e até o seu ritmo é o ritmo do teu batimento cardíaco.”

Digo-lhe que não pode desistir.

Depois, entro numa conversa com outra rapariga sobre Louis Untermeyer. Começo a imitá-lo e percebo que é ela quem o está a fazer, quem fala sobre o Untermeyer, não eu — e fico confusa, embaraçada, e peço desculpa por me ter intrometido.

Corro à frente da outra rapariga, e à volta dela, realmente a persegui-la, gritando de forma dramática e acusatória:

“Pergunto-me: onde estão todos os meus amigos que iam escrever acontecesse o que acontecesse, trabalhar acontecesse o que acontecesse? Onde estão todos agora, e eu trabalho sozinha?”

Quase cantei isto, e mais coisas que esqueci. (Acho que ela não queria ouvir e que eu a obrigava a escutar, para o seu próprio bem.) Ela fugiu, encolhendo-se, para se esconder. Os amigos rodearam-na. Um disse: “Ela está em mau estado”, ou “muito em baixo”, palavras desse género.

“Pioraste as coisas.” Mas eu disse:

“Não, não podes salvar apenas uma parte dela (e sacrificar outra); tens de salvar também a poesia.”

E ela pareceu melhorar. Os amigos confortaram-na. Eu disse a alguns deles:

“Sabem usar o pêndulo?”

Enquanto dizia isto, sabia que sabiam, antes de responderem que sim.

“Então verifiquem”, disse eu, e eles concordaram.

Depois estávamos todos a voltar ao nosso apartamento, o do Rob e o meu. A cena era lindíssima. Estávamos a vários quarteirões de distância, mas víamos as casas onde ficava a nossa — já era noite, mas as cores vivas das casas ainda se viam claramente. Não consegui distinguir qual era a nossa, mas percebi que tinha de me levantar, ou acordar — e acordei. Senti-me muito bem, revigorada, revitalizada.

Mais cedo, um dos rapazes beijou-me a rir, diante do grupo, e eu ri, encantada. Todos pareciam ter-me em alta consideração de alguma forma. Mais cedo também, alguém perguntou se a minha pele não era morena, ou quando parecia morena, e eu respondi:

“No verão.”

SESSÃO 317

6 DE FEVEREIRO DE 1967

(O objeto para a 83ª experiência com envelope foi um bilhete que a Jane me escreveu hoje; encontrei-o em cima da mesa ao regressar do trabalho ao meio-dia, deixado lá pela Jane pouco depois das 11 da manhã. Como de costume coloquei-o entre dois pedaços de cartão e depois lacreei-o em envelopes duplos. A Jane escreveu o bilhete a tinta vermelha.)

(A Jane começou a falar em transe com um humor muito jovial, com os olhos bem abertos e muito escuros.)

Boa noite.

“Boa noite, Seth.”

Agora. O que temos aqui? Um coração alegre? Um Ruburt grato?

“Suponho que sim.”

(Sorriso. Olhos fechados.) Deem-nos um momento.

Ele aprendeu de facto, da forma mais difícil, lições que precisava de aprender para poder desenvolver-se mais. E, no entanto, estas lições no geral foram autoimpostas, e ele tem na realidade sorte, pois poderiam ter sido muito mais difíceis e os frutos da teimosia poderiam ter sido mais amargos.

Ele aprendeu que o ego não se pode erguer contra o Eu interior. Aprendeu a confiar e ter confiança no Eu interior, e a ouvir o subconsciente que é uma parte da sua identidade interior.

Desenvolveu este modo objetivo originalmente há anos porque temia não conseguir controlar a sua própria espontaneidade. Cresceu, contudo, numa armadura demasiado forte, e ameaçou sufocá-lo. Ele já não bloqueará material agora nas sessões, e portanto terei uma voz mais livre para vos aconselhar quando for necessário.

O surgimento destas capacidades psíquicas foi de facto ressentido pelo ego dele, e iniciou uma necessária reestruturação da personalidade, contra a

qual protestou. O Ruburt será mais o seu Eu natural e intuitivo, não inibido. O ego simplesmente ultrapassou os seus limites.

Lembrem-se, a consciência normal não é sinónima do ego. O ego é apenas uma parte da consciência. Para benefício do Ruburt sim, sem dúvida, a cura é permanente, desde que ele utilize o que aprendeu, e parece bastante certo que o fará.

Os outros sintomas que ainda persistem também desaparecerão rapidamente; as sessões com o pêndulo, totalmente à parte das nossas sessões, devem ser mantidas como uma espécie de higiene psíquica pessoal até que o hábito de comunicação esteja completamente estabelecido. A tua ajuda continuará a ser útil por mais algum tempo. O teu apoio continua a ser, se não obrigatório, altamente vantajoso.

Eu irei, Joseph, falar aqui de algum material de vidas passadas, quando terminar isto.

(Pausa longa.) Uma variedade de acontecimentos conduziu à melhoria súbita. A carta para a Miss Healy foi importante aqui; mas, mais do que isso, o Ruburt tornou-se intuitivamente consciente de percepções que eram necessárias para que os sintomas desaparecessem. Algumas destas percepções foram compreendidas ontem à noite e resultaram na primeira noite de sono verdadeiramente profundo e relaxante em muito tempo. Isto permitiu que as capacidades de cura do subconsciente funcionassem. Ele também esteve consciente, de forma clarividente, da morte da amiga antes de acontecer, durante vários meses, na verdade.

Isto, até certo ponto, foi responsável por sintomas adicionais. Para ele, pessoalmente, o yoga deve ser uma medida diária de saúde física e psíquica. Garantirá a mobilidade da personalidade interior e dissipará resistências antes que se acumulem.

A parte teimosa da sua natureza tem sido uma característica da maioria das suas vidas passadas. É, basicamente, uma característica resoluta com grande potencial para equilíbrio, uma característica que o pode manter no rumo certo, apesar de quaisquer desilusões. Quando o ego controla esta determinação, contudo, ela transforma-se em teimosia e trabalha contra a personalidade. A perseverança torna-se então teimosia obstinada, percebem.

A determinação pode agora ser usada de outra forma. O Ruburt pode usá-la para garantir o seu desenvolvimento intuitivo, psíquico e espiritual.

Podem fazer uma pausa e continuaremos.

(21:06. Durante a pausa discutimos alguns livros sobre yoga de vários autores.)

(Retoma às 21:17.)

Agora. Não devem levar demasiado à letra aquilo que leem, mas deixem ao Eu interior a tarefa de interpretar e decidir, e confiem também no nosso material. Pois o material representa o melhor do vosso conhecimento tal como vos é dado. Não deixem que os termos vos confundam. Por natureza, são confusos e distorcidos.

Os livros não vos farão mal, a não ser que os tomem como verdade básica literal e imparcial. São tentativas ainda incompletas de alcançar conhecimento interior. O vosso verdadeiro conhecimento virá de dentro.

Alguns dos livros conterão boas ideias que poderão usar. Outros irão descartar. Devem, antes de mais, lembrar-se da simples verdade — que não há alto ou baixo no Eu. Não há subconsciente inferior e superconsciente superior. São um e o mesmo. Simplesmente parecem conhecê-los separadamente.

Com o tempo, irão experienciá-los como um só. Portanto, quando lerem, e forem dados vários nomes a níveis do Eu, lembrem-se disto. Só este ponto vos poupará muita confusão. Os exercícios, tal como o Ruburt os tem adaptado recentemente, são excelentes. Ele deve manter esta perspetiva. Vocês irão sempre adaptar, em todo o caso. Estas sessões e este material representam a vossa fonte mais próxima e mais fiável de conhecimento interior, fora das experiências místicas pessoais diretas.

Sou, de muitas formas, um contato muito fiável com aquilo que está para além do vosso conhecimento físico. Enquanto sou eu mesmo, também estou intimamente ligado a outras partes das vossas próprias personalidades que existem noutras dimensões. E um dia estarão mais conscientes de mim, por exemplo, em experiências de projeção.

Vejam: durante o período de ajustamento do Ruburt, as nossas sessões não foram interrompidas. Consegui manter esses canais abertos. Vocês estão a aproximar-se de alguns períodos excelentes nas vossas vidas, períodos que não teriam sido possíveis se o Ruburt não tivesse aceitado plenamente, como agora aceitou, o surgimento das suas capacidades e a sua responsabilidade de as desenvolver.

Elas não podem ser intelectualmente separadas do Eu inteiro. Devem praticar ativamente aquilo que ambos sabem no vosso dia-a-dia. Se não o fizerem, esquecerão o que sabem, literalmente. O que é dito nas nossas

sessões deve ser utilizado, e para bem dos outros, bem como para vocês próprios.

O Ruburt não confiou nas sessões durante algum tempo, já que eram as capacidades que tornavam as sessões possíveis que tanto o incomodavam. Portanto, isso ficou resolvido. Um novo equilíbrio foi alcançado, e literalmente uma nova estrutura de personalidade foi estabelecida. Esta também, claro, mudará, mas agora ele pode deixá-la mudar com alegria.

Uma mudança comparável ocorreu na tua personalidade, Joseph, depois de começarem as sessões. Foi menos difícil, principalmente porque tinhas estado doente anteriormente, percebes, e já tinhas sido forçado a conhecer o peso do corpo quando o ego combate o Eu intuitivo.

Estavas, portanto, mais disposto a aceitar um reajustamento e experiência psíquica. O Eu ensina as suas próprias lições. O Eu sabe a melhor forma de fazer passar a sua mensagem.

Agora. O Ruburt teve vários sonhos relativos à Miss Price, também um sonho terapêutico na noite passada de que não se recordou. Durante este período não se lembrava dos seus sonhos porque fechou propositadamente canais subconscientes.

Houve um ligeiro AVC no lado esquerdo há alguns meses com a Miss Price, e o Ruburt soube disso num sonho. Houve, creio, uma estadia no hospital, embora não saiba se esteve ligada ao AVC.

A morte iminente também trouxe à tona associações relativas a Saratoga, percebem. A Miss Price era, até certo ponto, uma imagem de mãe substituta, de facto, e potencialmente bastante perigosa, em qualquer caso, por causa da confusão na identidade sexual. (*Saratoga Springs, NY, é a terra natal da Jane.*)

A poesia serviu como substituto conveniente e adequado para a atração sexual, aqui, da parte da Miss Price. Por outro lado, ela via o Ruburt como a filha que nunca teria, enquanto o Ruburt a via como a mãe que desejava ter.

Tudo isto muito oculto, claro. A carga sexual era sempre usada, transformada pela Miss Price, e convertida em ação propulsora de muitos atos benéficos, pois ajudou literalmente centenas de estudantes, forçando o melhor deles. Teve um passado militar em duas vidas passadas.

Numa delas, a Miss Healy era uma amiga, um general: uma guerra prussiana. Eram ambos prussianos.

As cartas do Ruburt numa caixa de metal, com alguma roupa por cima da caixa. A poesia está separada. Uma irmã da Miss Price está ligada a isto. Irão também ouvir novamente da Miss Healy. Acredito que ela se juntará à Blanche em breve. *(Pausa, olhos fechados.)* O número 1815 pode referir-se a uma caixa de segurança, não sei. Deem-nos um momento.

(Pausa.) Um M e um L. Vamos ver. Não sei se isto tem a ver com as cartas do Ruburt e a irmã ou parente da Blanche, ou com um contato relativo ao livro ESP.

Algum dinheiro em breve. Um encontro inicial que será o começo de uma relação duradoura para ambos, creio que em Fevereiro.

Têm um envelope para mim?

“Sim.”

(Às 21:47 a Jane pegou nos envelopes selados para a 83ª experiência; os olhos estavam fechados; segurou-o na testa, na posição horizontal habitual.)

Deem-nos um momento, por favor. *(Pausa.)*

Ligação com um túmulo. Com duas pessoas. Com um gasto de dinheiro. Um buraco de nó (*knothole*). Não sei a que isto se refere. E com formas que aparecem como edifícios altos ou um contorno de horizonte de uma cidade.

Tenho aqui a impressão de um grande escritório num edifício numa cidade grande, como Nova Iorque. Com arcos ovais de tijolo à frente das janelas. Três arcos.

A impressão de um cêntimo, o que me leva a supor que dinheiro está ligado aqui.

Uma forma de balde. Uma variedade de acontecimentos que ocorrem dentro de três dias, envolvendo três pessoas. Dois homens, creio, e talvez uma mulher. 18 6 1 ou 7 1. Uma data como a data numa placa de um edifício. Ligação com um caso sórdido.

5 4 3 1. Um redemoinho (*twister*). Um objeto retangular. A cor azul. Círculos escuros como botões pretos. Uma porta de madeira escura. Uma carta sai desta porta. Spencer.

O objeto veio dessa porta. Foi enviado por correio ou o objeto está ligado a um item que foi enviado.

Impressão de impressão sobre ele. Há uma ligação com água, sobre água. Amarelo. O número 4, talvez referindo-se a pessoas. Um S A G.

Talvez uma divisão implícita em quatro partes. Ou uma divisão como bandas desenhadas, percebem.

Têm alguma pergunta?

“Não.”

Podem fazer uma pausa.

(Pausa às 21:58. Disse à Jane que não fiz perguntas porque não sabia se os dados estavam completamente errados ou se havia ligações que eu não compreendia.)

(Ver a cópia do objeto na página 269. Consiste num bilhete que a Jane me escreveu no fim da manhã de hoje e que deixou em cima da mesa para eu encontrar ao chegar a casa do trabalho ao meio-dia. A própria Jane saiu para trabalhar por volta das 11h30 na escola infantil. O bilhete usado como objeto dizia respeito ao trabalho que temos feito com o pêndulo recentemente, e que também foi discutido até certo ponto em sessões recentes. Pensei que teria um forte apego emocional para a Jane.)

(A Jane recebeu um telegrama da Ann Healy a 2 de Fevereiro, quinta-feira, a informá-la da morte da sua amiga e professora do tempo de faculdade, Blanche Price. A Jane respondeu ao telegrama esta manhã antes de me escrever o bilhete. A resposta foi por carta depois de tentativas falhadas de telefonar à Ann Healy durante o fim de semana. Pensei que possivelmente os dados tivessem sido deslocados do bilhete da Jane para mim, para a carta que escreveu à Anne. As duas coisas estavam muito ligadas no tempo e ambas envolviam acontecimentos muito carregados emocionalmente para a Jane.)

(Há também alguma ligação fatural na deslocação, já que, usando o pêndulo recentemente, soubemos do papel importante que a Blanche teve em algumas das associações antigas da Jane; devido a uma variedade complexa de acontecimentos, a Jane tem estado ultimamente incomodada com alguns sintomas físicos que estamos a tentar eliminar. Estes sintomas, e a Blanche, bem como a mãe da Jane e outros factores, são também discutidos a fundo na próxima sessão.)

(Durante a pausa, exprimi em voz alta a esperança de que o Seth discutisse os dados à luz das nossas suspeitas. Retoma às 22:02.)

Agora. Os efeitos emocionais da carta para a Miss Healy ultrapassaram mesmo os do teu bilhete, neste caso. Foram escritos muito próximos um do outro. A cidade era Baltimore. As janelas arqueadas, as da Miss Healy. A data era a data aproximada em que a casa foi construída.

A porta, a porta por onde ela saiu depois de enviar o telegrama. O dinheiro tinha a ver com a preocupação em relação à família da Blanche, e como lidariam com a herança da Blanche. O Spencer é um desenvolvimento futuro. Os botões pretos na morte da Blanche — o vestido que ela usou. O túmulo é óbvio. Outras impressões também se aplicam às mesmas circunstâncias — a cidade, Baltimore. O Ruburt estava tão certo de não bloquear nada que não me deixou focar com clareza suficiente, mas por agora isso está bem. O correio estava relacionado com a carta dele. Isso chega como explicação, creio eu.

“Sim.”

Podem encerrar a sessão ou continuar como preferirem.

“Bem, acho que vamos encerrá-la então.”

Os meus mais calorosos votos para ambos, e as minhas garantias ao Ruburt de que está de facto fora do matagal escuro.

“Boa noite, Seth.”

(Fim às 22:10.)

(Podemos ou não tentar confirmar os dados com a Ann Healy. Podem ser perfeitamente legítimos.)

(A Jane disse que não se lembra da casa da Ann, exceto que a recorda como bastante antiga. Mas não sabe se é de tijolo ou madeira, por exemplo; viu-a pela última vez por volta de 1952. Tem a sensação de que a casa é escura — madeiras escuras, etc. Não se lembra da porta.)

(A Jane disse que a casa fica em Baltimore, numa zona antiga muito urbanizada, embora não no centro propriamente dito.)

(Nota manuscrita: No dia seguinte, 7 de Fevereiro, recebi \$20,00 de M. Spaziani. Ver página 273. O marido da Marian Spaziani, o Jimmy, é o nosso senhorio.)

SESSÃO 318
8 DE FEVEREIRO DE 1967

Boa noite.

(*“Boa noite, Seth.”*)

Agora, há um ponto, bastante importante, que o Ruburt ainda não aceita conscientemente, e é a influência de dados telepáticos e clarividentes. Isto afeta a personalidade.

Ele reage à totalidade dos estímulos que o atingem, independentemente da forma como qualquer estímulo é recebido. Uma proteção bastante adequada pode ser dada se ele der diariamente a sugestão de que só reagirá a sugestões construtivas.

Alguns sintomas são de facto causados por conhecimento telepático. Ele reage a isso tal como reage a outra informação. Associações pessoais são geradas, e assim por diante. O caso com a Muriel era-lhe conhecido, embora mais uma vez ele não esteja conscientemente convencido. (*A Muriel é filha da Marian e do Jimmy.*)

Agora, aqui está uma certa ligação que ele bem conhece. A Marian Spaziani tem algum, embora ligeiro, problema de artrite e foi a filha dela que ficou doente mentalmente. A Marian não aprovava as companhias da filha. E a mãe do Ruburt não aprovava as dele.

A Muriel saiu da faculdade sem a terminar e em desgraça, tal como o Ruburt. Só estas semelhanças já tornaram fácil que o Ruburt se tornasse sensível em nome da Muriel e observasse a doença de forma clarividente. Tudo isto somou-se às associações negativas anteriores e reforçou os sintomas já existentes, exceto que a identificação era com a mãe. O Ruburt deve compreender que as suas capacidades incluem de facto dados recebidos clarividentemente. A sugestão acima deve ser dada diariamente e como rotina.

Ele reagirá automaticamente a tais informações, quer admita conscientemente que as recebe quer não. A ignorância não é desculpa, pois eu já lho disse. Todo o desenvolvimento psíquico pode e deve, e foi destinado, a fornecer exatamente o que era necessário, e o seu momento não foi accidental.

Proporciona a expressão mais profunda e espontânea do subconsciente, dá ao ego uma direção e um sentido de propósito, e desenvolve as capacidades globais da personalidade, que no passado foram

completamente negadas, por falta de treino e por medo. A poesia sempre fez parte da natureza psíquica.

A poesia permite a expressão criativa mais plena possível, no verdadeiro sentido da palavra, arte. Permite também drenar, exprimir e usar desejos, humores e repressões subconscientes, libertando assim os canais do subconsciente pessoal para que essas áreas mais profundas encontrem expressão no trabalho psíquico.

No caso dele, os dois andam de mãos dadas e servem-se um ao outro. A criação poética, sendo em si arte, também ajuda a libertar o subconsciente pessoal e a transformar material pessoal em arte. O subconsciente fica assim desobstruído graças à expressão poética, e isto ajuda a tornar possível o trabalho psíquico.

As experiências psíquicas são depois usadas como temas poéticos, e este ciclo de criatividade é sempre enriquecido à medida que toda a personalidade se desenvolve continuamente e cresce. Qualquer intromissão excessiva perturba esta função. A personalidade não poderia aproximar-se da sua própria promessa até que a natureza poética conduzisse ao desenvolvimento psíquico. Quando isto aconteceu, foram necessários alguns ajustes de personalidade.

O ego sentiu-se ameaçado em proporção direta à força das capacidades recém-sentidas, e executou um grande truque.

Este truque foi o seguinte: fingiu aceitar a natureza psíquica como parte de si mesmo e começou uma campanha ostensivamente voltada para viver à altura dessa imagem, para a adaptar. Mas distorceu propositadamente a imagem da ideia de forma tão grotesca que sabia que não poderia ser mantida. Conseguiria o que queria fingindo ceder. Os médiuns eram santos, dignos, calmos, contidos. Eram, dizia ele, tudo aquilo que o Ruburt não era. Logo, o Ruburt tinha de ser mudado. Sabia que a mudança seria desastrosa e, na verdade, impossível.

Em certa medida isto foi de facto uma reação maldosa, mas não se esqueçam de que tinha sido um bom protetor no passado, desenvolvido durante os anos do Ruburt com a mãe numa armadura forte. Chamava-se a si mesmo de o escritor, se tivesse algum nome. O escritor protegia o Ruburt de experiências assustadoras. Esta experiência assustou-o e ele reagiu.

Nos anos do Ruburt com o Zeh houve uma divisão severa da personalidade. Não é novidade para ele empurrar o subconsciente para o lado. Em todos os casos em que o faz, ocorre uma explosão de um tipo ou

outro. O seu Eu intuitivo subconsciente, percebem, é extremamente vital, vivo, e invulgarmente insistente em ter expressão, mesmo para o subconsciente, que já é conhecido por isso.

O seu ego, no entanto, também é muito forte. A mãe ensinou-o a ter um medo extremo do seu subconsciente, e o ego rígido tornou-se uma proteção contra ele e contra ela. À medida que foi crescendo, passou a ver o ego como um agente de equilíbrio contra um Eu interior espontâneo que, sempre, parecia metê-lo em sarilhos.

Gostaria agora de continuar, mas imagino que as tuas mãos estejam cansadas.

“Não. Continua.” (*O Walter Zeh foi o primeiro marido da Jane.*)

Então, o forte conflito entre o ego e o subconsciente foi resultado do ambiente familiar. Ele não se permitia nenhuma expressão espontânea em casa com a mãe. Negada, a sua espontaneidade normal explodia quando tinha oportunidade, por vezes em circunstâncias infelizes. Em pânico, o ego triplicava as suas defesas. Ele não era capaz de amar o Zeh ou qualquer outra pessoa, depois. Ambos sabiam disto e contavam com isso. Com o Zeh, novamente, o Ruburt negava o Eu espontâneo na interação diária normal com ele; com o Zeh. E este Eu espontâneo negado explodia quando e onde podia.

Normalmente isto ocorria quando o álcool relaxava o ego, e os resultados faziam então o ego apertar ainda mais o controlo. Quando o Ruburt fica receoso ou com medo de se permitir a quantidade normal de convívio social com bebida, isto é um sintoma, a dizer-te que o subconsciente está a ser demasiado contido. O ego receia qualquer enfraquecimento, pois sente a pressão da exigência do subconsciente por expressão.

Podem fazer uma pausa agora. Tentarei terminar isto esta noite, pois será inestimável.

(21:43. *A Jane estava consciente do que dizia; chamou-lhe uma análise psicológica devastadora e sentiu intuitivamente que era correta.*)
(22h. *Sessão retomada.*)

Agora deem-nos um momento. (*Pausa.*) O trabalho psíquico oferece à personalidade um método perfeito de desenvolvimento e unificação. As mãos e os pés fazem parte da identificação com a mãe e são também importantes noutra ligação. O Ruburt culpa-se por ter fugido das dificuldades no passado. Desta forma, não pode fugir, percebem,

simbolicamente. Está a forçar-se a enfrentar as dificuldades, mas até agora as mãos estão atadas, percebem.

O desenvolvimento nas mãos surgiu por último, quando a personalidade percebeu que os problemas não estavam a ser resolvidos e que, simbolicamente, as mãos estavam atadas. Ficou num dilema. Tendo decidido não fugir, mas verificando que também não chegava a lado nenhum. A resposta, simbolicamente, é que o movimento pode ser em direção a, e não uma fuga de.

O movimento pode ser livre em novas direções, e o movimento não implica necessariamente uma fuga de problemas. Ruburt, não podes negar o movimento só porque o movimento às vezes pode ser usado para fugir dos problemas. Tens de te permitir movimento livre.

O conflito entre o ego e o subconsciente, como já foi dito, foi expresso simbolicamente no atar dos sintomas das mãos. Ele ficou atado em nós, daí as articulações inchadas. Há uma linha de um poema dele, escrito há anos, num período de stress: “Se não posso mover um dedo, como pode a alma inteira erguer-se?” — do seu poema de pista de dança.

A compreensão destes conflitos ajudará muito a aliviar os sintomas. O pescoço rígido, quando surge — o pescoço expressa literalmente a rigidez de atitude. É mais fácil para ele retirar-se do que parece. Neste caso, contudo, o subconsciente reconheceu o perigo e expressou simbolicamente através do organismo a intenção do ego. Os sintomas, portanto, foram terapêuticos por natureza, pois o seu propósito era resolver o dilema.

Há muito pouco perigo de o ego do Ruburt ser suprimido. Mesmo no trabalho psíquico, embora, em geral, claro, as conotações assustem o ego. O perigo é que o subconsciente seja suprimido, e este é o único momento em que o Ruburt se mete em dificuldades.

Agora: uma parte forte da identidade do ego baseia-se na continuidade da realização criativa, que brota do subconsciente. Se isto fosse severamente adulterado, o próprio ego sofreria. Agora deem-nos um momento sobre a questão clarividente. Se a sugestão for dada diariamente como vos disse, não haverá grande dificuldade em qualquer caso. Não há neste momento dados clarividentes de relevo que estejam a afetar os sintomas dele ou a causar sintomas novos, além dos já dados.

Há sempre algum material clarividente ao qual ele reage, falando em geral, tal como tu também reages. Há um homem, ao que parece, de certa forma três graus afastado, mas não relacionado com quaisquer sintomas da

parte do Ruburt. Devem ser dadas sugestões adequadas antes de se deitar, juntamente com o pedido de mais sonhos terapêuticos e sonhos que deem clareza.

Ele reage favoravelmente à cor verde, como lhe disse. Tem uma qualidade de cura para ele. O óleo de fígado de bacalhau não deve ser retomado, embora lhe tenham dito que era uma proteção contra a artrite; a própria palavra opera de forma negativa a cada dose.

As tuas festas e excursões, em especial, são agora benéficas. Sugiro, possivelmente, que tenhas uma saída à noite durante o fim-de-semana. Os sintomas matinais, em geral, imitam a situação da mãe dele.

(*“Queres dizer algo sobre o sonho da Jane?”*)

Dá-nos também aqui um momento. (*Pausa; olhos fechados.*) Por várias razões, preferiria discutir o sonho na nossa próxima sessão. Uma parte foi clarividente, no entanto, e outra parte foi altamente distorcida. Tens mais alguma pergunta?

(*“Não.”*)

Vês, à medida que o Ruburt se permite espontaneidade, novamente, a identificação com a mãe desaparecerá automaticamente, e com ela os sintomas que provoca. Os meus melhores votos para ambos e eu passarei por aqui de vez em quando. As sugestões construtivas antes de dormir são particularmente importantes, assim como o pedido por sonhos terapêuticos, pois estes aliviam automaticamente os sintomas matinais e dissipam ainda mais a persistente identificação com a mãe. A pequena lâmpada no quarto, aliás, contribuiu para a relutância dele em dormir lá. A camisa de dormir cor-de-rosa deve ser guardada com as camisolas, por agora. Na verdade, provavelmente deveria ser deitada fora, por causa da conotação com o quarto. (*Pausa.*)

Sugeriria que, para qualquer viagem a Nova Iorque, não fiquem inteiramente em casa da tia do Ruburt, percebes, embora isso em muitos aspetos possa ser conveniente. E agora, boa noite.

(*“Boa noite, Seth.”*)

(*Fim da sessão 10:31.*)

SESSÃO 319

13 DE FEVEREIRO DE 1967

(Ver página 279 para uma aproximação do objeto-envelope.)

Agora. Boa noite.

(*“Boa noite, Seth.”*)

Se comparares o eu total a um oceano, então a onda mais superficial, em qualquer momento, representaria o ego. Não é por si só uma coisa separada, mas parte do todo, mudando para sempre, para regressar ao todo, ser submersa e emergir de novo sob nova forma. Quando tenta manter a posição superior indefinidamente, há um movimento congelado e pressões acumuladas, mas haverá inevitavelmente a submersão. Pois é a submersão que forma o próprio ego, e sem ela o ego seria insignificante. Várias porções do eu enfrentam, portanto, a realidade física em qualquer momento como o ego. O processo é constante. A tentativa de manter o status quo é, naturalmente, algo normal por parte do ego, mas quando isso se torna um esforço teimoso para manter a dominância, então surgem as dificuldades. O eu projeta aquelas porções de si mesmo que considera mais aptas para lidar com o ambiente físico em mudança, em qualquer momento. As características do ego, portanto, mudam conforme se enfrentam várias situações. O termo ego, implicando um fenómeno único é, pois, confuso. O que foi ego hoje pode pertencer ao subconsciente amanhã.

Qualquer tentativa de rigidez é, por isso, contraproducente. Agora, em certa medida, o ego do Ruburt também queria permanecer onde estava: daí, comparativamente, o movimento congelado. Tentou impedir que outras porções da personalidade entrassem na estrutura do ego. Este ego que assim se comportou era então simplesmente um grupo de qualidades particulares pertencentes ao Ruburt, que receberam controlo durante algum tempo para enfrentar determinadas circunstâncias, e depois recusaram teimosamente regressar ao conjunto da personalidade. Tinha havido uma tendência, como foi dito, para uma estrutura do ego de personalidade rígida, de qualquer forma.

As qualidades projetadas para a superfície eram aquelas que, no passado, eram mais capazes de lidar com situações altamente difíceis, e em algumas delas a teimosia era, comparativamente, uma virtude. As situações mudaram, mas a estrutura do ego tornou-se rígida, rígida o suficiente para, em grande parte, dominar certos processos normalmente subconscientes,

provocando os sintomas físicos. Agora, há sempre um processo de impressão dentro da personalidade, pertencente a experiências passadas.

Uma inclinação anterior para a gula levou-o, uma vez, a uma ligeira gota, e neste caso houve um inchaço dos pés. No passado tinha havido excesso de peso, e neste caso houve, em algumas partes do corpo, uma sobre-extensão de tecido à volta das articulações. Os sintomas matinais, aliás, têm a ver com esta vida, trazendo de volta medos antigos de enfrentar o dia, percebes. Dá-nos aqui um momento. (*Pausa.*) Em certa medida os sintomas representavam cautela. Ele não queria mover-se até ter a certeza da sua direção, uma vez mais. Foi o ego teimoso, neste caso, que o impediu de ver claramente a direção que lhe tinha sido dada por outras porções do eu. Os joelhos, aliás — posso ajudá-lo aqui: em Saint Vincent's, o castigo tomava a forma de pôr a criança a ajoelhar-se completamente direita, e ao fazê-lo os joelhos do Ruburt ficavam muitas vezes doridos.

Os sintomas nos joelhos foram um desenvolvimento posterior nesta série de sintomas, uma forma dele se punir por uma anterior falta de compreensão. Este conhecimento deverá aliviar bastante os sintomas. A estabilidade do eu total depende da mobilidade de cada porção do eu. Quando o sistema físico está a funcionar bem, então as várias porções do eu estão a operar corretamente. A culpa nem sempre residirá na consciência ou no subconsciente, no entanto, mas noutras camadas. Padrões de ego anteriores podem continuar a operar em várias circunstâncias. O Ruburt foi muitas vezes homem, e por vezes tenta forçar os aspetos femininos da sua personalidade atual, para lhes impor literalmente qualidades que vão contra a sua natureza. Força, lógica em detrimento da intuição, por exemplo, ou intelecto sobre percepção psíquica. As capacidades psíquicas dele são, entre outras coisas, auxiliadas por esse equilíbrio de características, e estas não devem ser adulteradas. Podes fazer uma pausa e eu continuarei.

(21:28—21:35. *A Jane frequentou o Saint Vincent's, uma escola católica.*)

Vês, durante anos o Ruburt escondeu-se da mãe, e como disse anteriormente sentiu que, ao dar-lhe o seu livro, se tinha exposto a ela. Durante anos não quis usar nada que tivesse estado próximo dela. Depois empurrou este sentimento para longe e recusou enfrentá-lo. Egotisticamente forçou outros aspetos da sua personalidade a aceitar o que temiam. Em tempos de alta vitalidade os efeitos eram menores. Depois da

publicação do livro, no entanto, os efeitos multiplicaram-se. Foi-lhe dada uma mensagem nesse sentido num sonho, e ele ignorou-a.

Vês, no entanto, ele sentia que estava a aprender maturidade ao ignorar o subconsciente. Isto está na base destes problemas. Ele desconfiou da parte mais fiável da sua personalidade atual. Rejeitou automaticamente as camisolas por darem calor a um nível subconsciente. Mesmo assim, no entanto, o subconsciente não se deixaria forçar demasiado, e grande parte do tempo as camisolas ficavam na gaveta. Não eram o estilo dele, eram o estilo da mãe dele, e ao vesti-las sentia ainda mais receio de estar a ser moldado no mundo dela, por assim dizer. Só a última foi simples. As cartas de agradecimento protestaram em demasia. Usou a camisola dia e noite numa tentativa frenética de provar que não tinha efeitos nocivos sobre ele. Do ponto de vista subconsciente isto foi simplesmente demais.

Em várias alturas, enquanto trabalhava, o Ruburt estava sem soutien porque os ombros lhe incomodavam, e usava uma das camisolas da mãe dele. Agora, a mãe dele nunca usava soutien, percebes. Os ombros finos que ele imagina ter são parte da identificação com a mãe. Agora tens um envelope para mim?

(“*Sim.*”)

(*Às 21:47, a Jane pegou no envelope duplo para a 84.ª experiência, de mim, de olhos fechados, e segurou-o contra a testa na horizontal.*)

Dá-nos um momento, por favor. Estas são impressões. Resistente. Restolho (*a Jane repetiu esta palavra a meu pedido*) ou tropeço. Cinco palavras. Quadrados pequenos, talvez três destes. E uma ligação com, creio eu, o mesmo número de quadrados ou retângulos grandes coloridos. Bastante brilhante. A cor vermelha entre outras, e amarela. Ligação com um carro antigo. Uma data antiga, 18 ou 1932. Uma vista de água. Uma lista avulsa ou grupo de nomes ou designações. Uma sequência de números. Uma janela, ou indicação de um ponto de vista aberto, ou estação de onde as atividades possam ser observadas. Uma janela alta ou ponto de vista elevado. Uma carta. Algo escolhido ao acaso, como de um saco-surpresa, percebes. Uma ligação com gasolina. Ligação com um tecido que de alguma forma parece colado. Algo colado em algo, talvez papel. Ligação com 1957 e 1961. Uma banalidade e duas pessoas, uma distante e uma próxima. Uma ligação com Chicago, distante. Duas linhas e quatro caixas. Uma traquinice. Um desenho num retângulo. As tuas iniciais ligadas aqui. Tens perguntas?

(“A única seria tentares nomear o objeto o melhor que puderes.”)

Retangular, tendo, ao que parece, alguma ligação com metal ou um automóvel. Algumas datas e números, como uma candidatura. Com furos ou rasgado. Algo em ambos os lados, e ligação com um comportamento errático. Talvez com uma chave, também. Podes fazer uma pausa se não tiveres outras perguntas.

(Pausa às 22:00. A Jane disse que sentiu como se a experiência tivesse sido um fracasso. Não teve imagens. Na realidade acertou em vários pontos excelentes.

(Ver página 279 para uma cópia do objeto. Como de costume, coloquei-o entre duas folhas de cartão, depois selei-o em dois envelopes. Os olhos da Jane permaneceram fechados enquanto deu os dados. O objeto é uma tira de uma peça de tela de linho que comprei há umas semanas na Art Shop, em Elmira. Os pormenores sobre isto serão dados à medida que os dados forem interpretados. O Seth não comenta os dados e fizemos as nossas próprias ligações.

(“Resistente.” Sim. A tela de linho para artistas é muito forte e resistente, o melhor tipo para pintar, e comprei-a com esse objetivo em mente.

(“Restolho, ou tropeço.” Aqui achamos que a Jane tentava transmitir a ideia de restolho como textura, que a tela, evidentemente, possui. Essa textura tecida foi outra razão para eu ter comprado tela, em vez de tábuas lisas, por exemplo, como o Masonite.

(“Cinco palavras.” Sem ligações.

(“Quadrados pequenos, talvez três destes.” Ao examinar, pode ver-se que a tela de linho usada como objeto é composta por pequenos quadrados de fio, especialmente quando se segura à luz. Creio que os três dados seguintes também se relacionam aqui.

(“E uma ligação com, creio eu, o mesmo número de quadrados ou retângulos grandes coloridos. Bastante brilhante. A cor vermelha entre outras, e amarela.” Parece que aqui a Jane se referia ao propósito para o qual comprei a tela — pintar. Alguns dos meus trabalhos recentes têm sido numa linha mais abstrata e também incluem quadrados, ângulos, etc., alguns deles em cores primárias vivas. Na realidade ainda não pintei nenhum quadro no lote específico de linho que serviu de objeto nesta noite; mas pintei noutras telas de textura comparável, preparadas da mesma

forma. Assim a associação pode estar a funcionar. Podem haver outras ligações também.

(“Ligação com um carro antigo.” A Jane sente que isto se refere a um jovem, o Tom, que trabalha na Art Shop onde comprei a tela que serviu de objeto. A Jane costuma lá fazer recados para mim, e o Tom, que faz molduras, costuma atendê-la. O Tom tem um carro desportivo antigo, e não muito depois de eu ter comprado a tela, ele descreveu o carro à Jane numa das visitas dela lá, detalhando os problemas que tinha com ele, etc.

(Esta é uma ligação mais forte do que parece, pois o Tom é nosso amigo e visita-nos com frequência. Outras referências ao Tom surgem também nos dados.

(“Uma data antiga, 18 ou 1932.” Talvez uma referência ao edifício antigo de tijolo onde fica a Art Shop, na West Water Street, em Elmira. O local fica a poucos quarteirões da nossa morada. O edifício é antigo, mas provavelmente não tanto quanto 1832. Nem o carro do Tom é tão antigo quanto 1932, por exemplo.

(A fila de edifícios antigos na West Water Street tem sido muito discutida recentemente, como sendo uma praga visual, etc. Muitas pessoas querem que sejam demolidos. Recentemente, um grupo destes edifícios perto da Art Shop ardeu num incêndio espetacular.

(“Uma vista de água.” Outra referência à Art Shop, e através desta, ao objeto. Em Elmira, a Art Shop fica na West Water Street, que é paralela ao rio Chemung, que atravessa o centro da cidade. O rio pode ver-se pela porta de trás da Art Shop e da sala de trabalho no segundo andar, por cima, onde o Tom faz as molduras, etc. Foi nesta grande sala no andar de cima que o Tom descreveu os problemas do carro à Jane.

(“Uma lista avulsa ou grupo de nomes ou designações. Uma sequência de números.” Isto pode referir-se muito bem às listas de lápis que costumo fazer de materiais de que preciso na Art Shop. Tenho o hábito de fazer estas listas para a Jane, especialmente com os preços incluídos. Quase sempre tenho uma lista quando vou à Art Shop, e a Jane também. Não me lembro se tinha tal lista no dia em que comprei a tela que serviu de objeto esta noite, mas é provável que tivesse. Muito raramente faço uma visita lá só por um objeto.

(“Uma janela, ou indicação de um ponto de vista aberto, ou estação de onde as atividades possam ser observadas. Uma janela alta ou ponto de vista elevado.” Estes são dados excelentes, e referem-se de novo à sala de

trabalho no segundo andar da Art Shop. Desta sala, uma grande janela de vidro olha para a West Water Street, e o Tom tem o hábito de observar as movimentações na rua principal lá em baixo. Ele acena muitas vezes à Jane e a mim quando passamos. A Jane acena-lhe sempre que passa na Water Street, o que acontece pelo menos três vezes por semana.)

(Pela janela de trás desta sala no segundo andar, também se pode ver o rio.)

(“Uma carta.” Sem ligações.

(“Algo escolhido ao acaso, como de um saco-surpresa, percebes.” Isto pode referir-se à forma como escolhi a tela que serviu de objeto. Nessa visita específica à Art Shop não estava à procura de tela de linho, nunca tinha comprado nenhuma lá; na verdade, pensava que a loja nem sequer tinha. Tinha comprado outros artigos e estava de saída quando vi um pedaço de tela encostado num canto, bastante amarrotado e, obviamente, um resto.

(Tirei-o para ver. Era um pedaço com cerca de dois metros, e o proprietário da Art Shop vendeu-mo por metade do preço; era exatamente o que eu tinha em mente para uma experiência, como se verá. Fiquei muito agradavelmente surpreendido por encontrar esta tela ali, pois pensava que teria de a encomendar a Nova Iorque.)

(“Uma ligação com gasolina.” Talvez outra referência à história do Tom sobre o carro dele. Os carros e o Tom estão bastante ligados. Desde o primeiro relato que fez à Jane, ouvimos outras histórias sobre o carro dele, sendo a mais recente como estragou várias mudanças.

(“Ligação com um tecido que de alguma forma parece colado. Algo colado em algo, talvez papel.” Estes são dados excelentes e muito próximos do objeto. O objeto é recortado de uma tela de linho que comprei na Art Shop, e esse pedaço de tela foi colado a grandes placas de Masonite para ter um suporte firme — a experiência que eu tinha em mente e à qual se fez referência depois. A Jane acha que a referência ao papel pode referir-se ao objeto estar intercalado entre duas folhas de cartão ou Bristol, dentro do envelope duplo; pois quando abriu os envelopes, pensou de início que a tela estava colada a uma das folhas de Bristol — provavelmente porque me viu a trabalhar na questão da colagem no estúdio, nas últimas semanas. A experiência acabou por ser uma tarefa e tanto, mas foi concluída com sucesso, com o uso de cola impermeável de polímero.

(Os furos de tachas ao longo de uma extremidade do objeto resultaram de a tela ter sido primeiro pregada a uma placa, depois molhada para que fizesse a pré-encolha antes do processo de colagem.

(*“Ligação com 1957 e 1961.” Sem ligações sem a ajuda do Seth.*

(*“Uma banalidade e duas pessoas, uma distante e uma próxima. Uma ligação com Chicago, distante. Duas linhas e quatro caixas.” De novo, sem ligações sem a ajuda do Seth.*

(*“Um desenho num retângulo.” O objeto é retangular; não tem nenhum desenho, mas sendo tela é para ter, eventualmente. Uma interpretação mais abrangente seria que apliquei a tela de linho a grandes placas retangulares de Masonite, com a ideia de pintar nelas. Não fiz painéis quadrados, por exemplo, porque não gosto dessa proporção.*

(*“As tuas iniciais ligadas aqui.” Fui eu que comprei pessoalmente a tela de linho que forneceu o objeto, cortei a tela, etc.*

(*“Uma traquinice.” Não sabemos; possivelmente uma referência ao episódio em que o Tom estragou recentemente as mudanças do carro dele, como mencionado. Há toda uma história associada.*

(Pergunta: A única seria tentares nomear o objeto o melhor que puderes.)

(*“Retangular, tendo, ao que parece, alguma ligação com metal ou um automóvel. Algumas datas e números, como uma candidatura.” (De novo, aparentemente uma referência ao Tom e ao carro dele; e através disto à Art Shop, à tela de linho, etc.)*

(*“Com furos ou rasgado.”*

(Agora o Seth torna-se mais específico, e de novo isto são dados excelentes. Ver página 281 para uma cópia do objeto. Nota que a extremidade superior está desfiada, parecendo rasgada; na realidade, isto resulta de um desfiar após o corte. O corte foi feito antes da pré-encolha. De novo, nota-se os furos espaçados ao longo da extremidade superior do objeto. São furos de tachas, bastante juntos uns dos outros em redor de cada pedaço de tela, porque o linho exerce uma forte tensão quando molhado; teve de ser bem fixado às placas de Masonite até secar.)

(*“Algo em ambos os lados.”*

(*Isto será uma referência à textura da tela, visível de ambos os lados do objeto?)*

(*“E ligação com um comportamento errático. Talvez com uma chave também.”*

(Isto pode referir-se, de novo, ao episódio do Tom com o carro, quando estragou as mudanças, etc. Não podemos ter a certeza sem a ajuda do Seth, mas estes dados encaixam nos acontecimentos dessa noite, tal como nos foram descritos pelo Tom e outros.

(A Jane retomou o transe às 22:19.)

Agora vamos realmente encerrar a nossa sessão. Os meus mais sinceros votos para ambos. Uma nota aqui: a relutância do Ruburt em andar lá fora é mais um exemplo de identificação com a mãe. Houve muitos mais exemplos, em termos de sintomas físicos, que agora desapareceram, e por isso ele está a progredir.

(“Boa noite, Seth.”

(Fim às 22:20. A voz da Jane média, ritmo adequado com pausas, olhos abertos por vezes.)

SESSÃO 320

20 DE FEVEREIRO DE 1967

(Não se realizou nenhuma sessão com envelope.)

(A sessão regular marcada para quarta-feira, 15 de Fevereiro, não se realizou.)

Ora bem. Vamos começar com alguns comentários relativamente superficiais mas benéficos, e depois continuar por linhas mais profundas. Algumas influências ambientais de natureza real mas não profunda podem ser eliminadas pelo simples processo do ritual de limpeza da casa. Desinfetantes e a perseguição simbólica aos germes — tudo isto serve apenas como ajuda simbólica mas útil para livrar a atmosfera da ideia de doença. Como um de vós referiu anteriormente, as janelas devem ser escancaradas e as divisões bem arejadas. Tais ações trazem simplesmente ao nível dos sentidos as vossas intenções interiores, e servem para as reforçar através das ações físicas envolvidas. Seria útil, neste sentido, que o Ruburt lavasse o tapete dele, pois para ele os tapetes têm certo significado neste aspeto, e que arejasse particularmente a roupa de cama.

Desde que compreendam a razão por detrás destas ações, percebem, não as sobrestimarão. Se possível, no próximo fim-de-semana, arejem a roupa no estendal. O Ruburt deve escovar os animais dele; tudo isto pelo significado simbólico, mas simbolismo reforçado ao nível dos dados sensoriais. As ideias iniciadas esta noite são boas. Jantares fora, e por aí

adiante. Na verdade, são excelentes. Ambos tendem para a auto-negação, por vezes em demasia. O Ruburt reage contra isso mais frequentemente do que tu, sendo ele nascido sob a marca particular dele. Se uma parte de vós sente que não recebe mimos, percebem, imagina que toda a personalidade não a considera digna de qualquer consideração.

Tu também sentes isto, Joseph, embora não tenhas tanta consciência disso. O Ruburt normalmente ignora-o, acreditando, no passado, que fazia parte da disciplina ignorar o desejo infantil inato por mimos ou atenção especial. O plano delineado quanto a jantares e saídas foi apenas adotado pelo Ruburt como uma medida de emergência, mas nas vossas circunstâncias particulares uma versão modificada deste plano serviria como uma salvaguarda constante e estável.

Se certas porções, porções dominantes, de ambas as vossas personalidades estão dispostas a prescindir, em nome do que querem, outras porções sentem que estão a ser desconsideradas, sem sequer um reconhecimento simbólico. Agora podem dar-se ao luxo de esse reconhecimento simbólico. Não podem dar-se ao luxo de o negar. Não são, de forma alguma, elementos excessivamente exigentes em nenhuma das vossas personalidades. Os vossos encontros de fim-de-semana foram uma melhoria neste sentido. O espírito por detrás do mimo é importante. Um mimo dado de má vontade é talvez pior do que nenhum.

Neste momento o plano é excelente, para contrariar a disciplina apertada que o Ruburt tentou impor a todos os outros elementos da personalidade. Ele privou-a fisicamente, numa tentativa mal orientada de a forçar ao ideal do ego de espiritualidade. Não a alimentou devidamente. Negou-lhe plena satisfação na vossa relação pessoal. Tentou torná-la magra o suficiente para desaparecer. Tentou abafar os espíritos animais normalmente vitais dele, e agora o corpo e os espíritos animais precisam realmente de tal atenção extra. As razões para esta atividade mal orientada já foram dadas em certa medida.

Ele tornou-se determinado a não se mimar, mas na verdade nunca se mimou em grande medida. Não comprava roupa que podiam pagar, mas usava a que lhe era dada por outros, como se não sentisse que merecia a dele própria. Ele sente, na realidade, um sentido de responsabilidade excessivamente severo de se sustentar, e de não ser como a mãe dele foi, um encargo financeiro. Ao mesmo tempo, no entanto, existe esta

determinação de fazer o seu caminho financeiro através da escrita, e até agora tem estado preso entre os dois.

Ele está disposto a fazer compromissos aceitando vários trabalhos, mas aqui existem também outras influências. O avô dele influenciou-o fortemente, e para o avô só um homem que trabalhasse por conta própria era independente. Só no último ano de doença é que trabalhou para outros. Teve os seus próprios negócios, mas mal conseguia sobreviver com eles, percebes. Assim consegues entender parte do conflito aqui. Essa é uma das razões pelas quais ele procura aquilo a que chamas cargos pouco convencionais, mas tem feito progressos nesta linha e deve continuar a fazê-lo. Em tempos, apenas uma posição de vendedor independente, percebes, teria sido um compromisso aceitável. A tua mão está cansada?

(“Não.”)

Agora. Na sexta-feira, os dois livros dele chegaram. Ainda não tinham sido pagos, e ele já tinha perdido algum dinheiro antes. A caminho do trabalho encontrou umas camisolas de que gostou. Em certa medida sentiu-se culpado por querer as camisolas quando já tinha perdido dinheiro, e quando era óbvio que eram para substituir as camisolas da mãe dele. Foi-lhe oferecida boleia para casa e descontou o cheque. Isto privou-o da oportunidade de mudar de ideias e comprar as camisolas nesse momento.

Também se sentiu culpado por causa das tuas dificuldades no pescoço. Ficou zangado com o percurso que o condutor escolheu, e não conseguiu dizê-lo. A história contada pelo condutor despertou sentimentos sexuais antigos, e tudo isto em conjunto provocou-lhe as dificuldades. Mais tarde nessa noite, a conversa sobre tortura, percebes — isto assustou-o porque a raiva e agressividade contidas dele acharam a conversa muito satisfatória, e o Ruburt ali mesmo lutou desesperadamente para negar isso. Os sintomas que tinham começado mais cedo à tarde intensificaram-se então. Podes fazer uma pausa e continuaremos.

(21:38. A Jane tinha falado de forma ativa, sentada, os olhos muito escuros. Tinha fumado constantemente. Retoma às 21:50.)

Agora. No passado do Ruburt o comportamento compulsivo estabeleceu-se bastante cedo, a atividade ritualizada servindo como uma estrutura de segurança substituta. O impulso por detrás da atividade compulsiva era o medo, e o medo era dirigido contra a mãe. O comportamento compulsivo também estava misturado com conotações religiosas, o crucifixo e o terço faziam parte dos objetos usados por vezes.

O desejo de mudar os móveis, por vezes, representa uma tentativa de quebrar o comportamento altamente ritualizado dele, e é construtivo. Quando se torna frenético, claro, é sinal de que a técnica não está a funcionar.

O comportamento compulsivo dava-lhe um círculo seguro em que operar, mas era um círculo pequeno. Era destinado a manter influências nocivas fora, mas também servia para manter influências nocivas dentro. Ele projetava-as frequentemente na mãe, de modo que ela se tornava o símbolo de todo o mal, em várias alturas, de qualquer forma. Isto independentemente das qualidades nocivas da própria natureza da mãe. Agora, ele tentou bloquear sentimentos subconscientes em relação à mãe porque sentia que não se podia permitir reagir a eles, e havia pouca via de expressão para os sentimentos agressivos dele em relação a ela. Ela sabia disso e troçava dele, desafiando-o a matá-la fisicamente. O impulso entre o desejo da criança de o fazer, a natureza basicamente bondosa dele, e a incapacidade de concretizar tais ações levou a um ego excessivamente vigilante. O ego não parecia rígido, pois o tumulto interior tornava isso impossível, e a espontaneidade irrompia constantemente, mas de formas que a personalidade inteira sentia serem as menos perigosas. Qualquer espontaneidade tornava-se suspeita, no entanto, exceto a espontaneidade artística.

Por várias razões, desnecessárias nesta discussão, a tendência manteve-se com o primeiro marido do Ruburt. Ao mesmo tempo, durante a adolescência, a qualidade do ego ainda não tinha mostrado suficientemente o seu verdadeiro carácter. A espontaneidade irrompia em comportamento nervoso constante, e comportamento errático. Diziam-lhe constantemente para abrandar, para usar disciplina, e isto reforçou o medo de que o que ele era, era temível, poderoso, mau, e melhor escondido. O eu espontâneo, quando escapava, percebes, conseguia fazê-lo apenas em circunstâncias em que os impulsos explosivos arrebatavam caminho fora. Nos anos entre, houve alguma melhoria considerável no equilíbrio.

Quando se desenvolveram as situações que discutimos, reacendendo os velhos conflitos, de novo, percebes, então a ideia de disciplina foi desviada de volta para o velho comportamento compulsivo, embora sob forma diferente, e com a velha conotação religiosa de auto-negação. O velho medo da espontaneidade regressou, bem como a tentativa metódica

de negar os impulsos subconscientes; o velho sentimento de indignidade também foi ativado, e o corpo devidamente negado. Agora, esta auto-negação começou em casa católica, e ele era particularmente propenso a aceitá-la. Fazia parte do antigo treino católico, e caiu nela sob uma nova forma. (A Jane passou mais de um ano numa casa assim enquanto a mãe estava hospitalizada com artrite.)

De certo modo, perfeitamente compreensível. As velhas culpas, normalmente mantidas em equilíbrio normal relativamente à mãe, então dispararam. O adulto perguntava-se então, terá ele julgado mal a mãe? Não estaria a mãe, afinal, a enviar-lhe presentes? Para se punir, tentou dar a si mesmo os sintomas da mãe, pôr-se no lugar dela, por assim dizer, quase como numa expiação religiosa. Agora tudo isto deve ser levado em conta com outro material que vos dei, pois todas estas razões se encaixaram naquele momento. O livro dele era bom e ele tinha orgulho nisso.

Mas porque sentiu então que não era digno, pelas razões dadas, teve de se punir pelo sucesso, artisticamente falando. Posso dizer-vos que o nosso trabalho e a estabilidade das nossas sessões foram de grande ajuda para manter os sintomas sob algum controlo. Se isto tivesse acontecido antes das nossas sessões, a dificuldade teria sido literalmente muito mais grave, com outros sintomas físicos maus. Agora, ocasionalmente o ego ergueu-se nas nossas sessões, mas sem qualquer grau alarmante. Nas poucas ocasiões em que os sintomas foram mencionados e foi dada uma hora específica, isto foi uma tentativa algo patética por parte do ego de usar as sessões. As sessões com o pêndulo foram úteis. A lista dos sintomas não é boa ideia agora, no entanto. Um ambiente extrovertido, curiosamente, permitirá agora que o eu interior espontâneo se exprima mais livremente, percebes; o yoga, receio, representou uma distorção severa, e no entanto particularmente traiçoeira, pois em termos gerais o exercício é excelente; e no início, quando o recomendei, foi útil para coaxar lentamente o eu interior.

Depois disso, surgiu um factor inibidor, e apenas uma parte da minha declaração chegou realmente até vocês, percebes. A distorção resultou da advertência que não foi permitida vir à tona. Agora estão a fazer progressos. Por agora, atividade será benéfica. Atividade física, a atividade agressiva normal do convívio social, a atividade criativa envolvida na escrita, e os procedimentos de limpeza de que falei. A poesia é extremamente importante. O teu pescoço rígido, meu amigo — sentiste-te

responsável, em certa medida, pelos hábitos de ultra-disciplina do Ruburt. Eles estavam obviamente a desmoronar-se de qualquer forma, já não serviam o seu propósito, percebes, e tu não percebeste que estavam a ser alimentados por comportamento compulsivo antigo. Sugiro que ambos, no Verão, se entreguem a atividade física no quintal — atividade rápida, de tipo lúdico.

O facto de o Ruburt começar a lembrar-se dos sonhos mostra que o eu interior está a ter mais liberdade, e responde ao toque físico, ao mimo, à negação, conforme o caso. Um cuidado extra ao planearem também servirá para animar o espírito do eu espontâneo. A personalidade particular do Ruburt também pode encontrar revitalização no trabalho dele; à medida que a sensibilidade anterior, ainda algo persistente mas em grande parte desaparecida, desaparece de vez, pode ser uma fonte de renovação.

É menos simbólico de forma negativa, percebes, do que era. Enquanto insistia nesta disciplina rigorosa para si próprio, ficava preso entre tentar impô-la às crianças, e a tendência natural dele de se juntar aos modos espontâneos delas. Isto contribuía em grande parte para as dificuldades depois do trabalho, como resultado da tensão. Isto deverá desaparecer, e desaparece à medida que ele recupera a própria espontaneidade. Podes fazer uma pausa ou encerrar a sessão, como preferires.

(“Vamos fazer uma pequena pausa.”)

(22:30. Retoma às 22:42.)

O Ruburt interpretou corretamente os sintomas noturnos que por vezes ocorrem. Há aqui alguma identificação com a mãe, baseada em dados altamente deturpados; se ele se tornar a mãe, então a mãe não o pode magoar. E em todas essas identificações, existe a sensação de que, ao tornar-se naquilo que se teme, encontra-se segurança. Isto é obviamente errado e perigoso. Uma causa secundária é que o eu espontâneo até recentemente não teve oportunidade de se exprimir muito bem através do corpo físico, e quando não está em movimento, a espontaneidade tem sido em grande parte negada. A mãe do Ruburt faz parte de uma entidade, e ele deveria lembrar-se disto. Ele não tem artrite, embora tenha andado a imitar os sintomas, e poderia, com o tempo, hipnotizar-se a acreditar que tem a doença, embora isto seja altamente improvável, dada a constituição dele.

O eu espontâneo é, por natureza, mais forte e muito mais sensato do que o ego, e nunca permitiria tal desenvolvimento. Causaria, sem dúvida, algum tipo de explosão para evitar que tal acontecesse. A explosão tomaria

provavelmente a forma de um comportamento explosivo. Isto não será necessário agora, no entanto. Deveriam fazer planos definidos para umas férias, e discuti-los para que a ideia seja uma realidade no presente.

Aproveitem alguns confortos, seja o que for que isto signifique para vós. Sim, o Ruburt deveria fazer um esforço, pelo menos algum, para sair de manhã, mesmo que seja apenas descer as escadas e dar a volta ao quintal.

Agora ele está no ponto em que a atividade mental também estimulará o eu espontâneo. Antes, isto nem sequer era viável. Os exercícios físicos agora serão muito benéficos. Nada de mudanças pesadas, por exemplo, mas um retomar, de forma constante, do comportamento normal.

(“Subir e descer escadas significa algo em particular para a Jane?”)

Não há aqui um significado profundamente simbólico, as escadas tornaram-se simplesmente um ponto de transição entre o exterior e o interior. Embora descer tenha algum significado, representando para o ego o medo de descer até ao eu interior. Subir é tranquilizador, percebes. Agora ele pode, se preferir — e isto não é original meu — imaginar um círculo de segurança psíquica à volta dele, através do qual apenas sugestões e influências construtivas podem passar. Encerraria agora a nossa sessão, a menos que tenhas perguntas, ou prefiras que continue.

(“Apenas uma: o ego aceitará alguma vez estas sessões?”)

O ego já as aceitou em grande medida, como se vê pelos resultados dos nossos dados de teste, para os quais a cooperação do ego é necessária. Uma calorosa boa noite para ambos.

(“Boa noite, Seth.”)

(23h00)

SESSÃO 321
22 DE FEVEREIRO DE 1967

Boa noite.

(*“Boa noite, Seth.” O nome de entidade do Seth para a Jane é Ruburt — ele, dele.*)

Ele tenta por vezes usar um horário, um horário disciplinado como uma vedação contra o subconsciente, e entra em pânico só de se imaginar sem ele. Isto não quer dizer que um horário em si não seja bom, quer dizer que ele pode e por vezes faz um mau uso dele. Nestes casos o tempo é usado, na verdade, para reprimir o eu interior, em vez de o libertar. Estas saídas serão benéficas aqui, não só porque permitem uma interação espontânea, mas porque servem para quebrar os horários de forma a não perturbar as horas de trabalho.

Fornecem um início para um hábito de libertação. Aqui o ego está a ajudar-nos agora, pois está a agarrar-se a estes planos, e os planos são aqueles que o ego próprio aprecia e pode aceitar. Ele tem tido medo de simplesmente se sentar a pensar, com receio de deixar o eu espontâneo mostrar-se sem o mecanismo simbolizado da escrita. Este controlo rígido da consciência impediu o desfrutar espontâneo de coisas do dia-a-dia que de outro modo teriam tido um efeito benéfico e equilibrador. Por exemplo, nestes jantares fora: mesmo o pequeno choque, percebes, envolvido em sabores diferentes fornece pequenas surpresas que libertam os mecanismos sensoriais. De novo: uma mudança de horários e hábitos.

É bom que estejam a fazer estas mudanças. Se algumas não fossem feitas, seriam exigidas por outras partes do eu. São avanços, e terapêuticos. O ego está a trabalhar convosco agora, pois assustou-se e está a tomar medidas para mudar. Os gestos que estão a fazer são importantes não apenas pelos benefícios inatos. São um meio vital de mostrar a vossa intenção a outras partes do eu. Uma pequena nota aqui: nas vezes em que o Ruburt usa camisolas para dormir, percebes, estas servem como lembretes dos casaquinhos de cama da mãe dele. Esta foi a principal razão para a dificuldade dele em relação aos braços na noite passada na cama.

As sensibilidades estão a desaparecer. As melhorias vêm à medida que a personalidade aprende intuitivamente, percebes, não tendo nada a ver com o tempo de forma básica. Uma compreensão intuitiva pode surgir subitamente com um desaparecimento igualmente rápido de blocos de

sintomas. O eu espontâneo está a ter mais liberdade agora, esta é a fonte da compreensão intuitiva. Uma variedade de pequenas, talvez, mas frequentes alterações de horário ou hábito são muito úteis. Mudanças mais extensas, uma mudança nas horas de trabalho, por exemplo, poderiam assustar o ego e devem ser evitadas.

O afeto da tua parte, Joseph, é como sabes muito eficaz, dando a todas as partes da personalidade do Ruburt apoio simultâneo. Isto é uma companhia calorosa. A espontaneidade deve ser encorajada sempre que possível nas vossas atividades diárias, mantendo ainda assim as condições estáveis gerais. Percebes-me aqui?

(*“Sim.”*)

Estas medidas, aliás, refrescam-vos a ambos e são sempre excelentes defesas contra qualquer forma de rigidez. São, na verdade, exercícios na libertação espontânea da parte intuitiva do eu. Sugeriria, por um tempo, que ele se abstinhasse de usar camisolas pretas em geral, exceto que receio que o guarda-roupa dele já esteja reduzido. (*Sorriso.*)

Têm feito um bom trabalho com o pêndulo, e o exercício tem sucessivamente aberto a comunicação com camadas mais profundas do eu. Uma sessão hipnótica seria útil, mas apenas quando se sentirem confiantes. Um ponto aqui envolvendo as mãos do Ruburt e as camisolas da mãe dele: ele sabia que o tricô era uma medida terapêutica sugerida no passado para exercitar as mãos da mãe dele. Quando ficou sensível às camisolas, então teve dificuldade com as próprias mãos, percebes. Podes fazer uma pausa e continuaremos.

(21:31. *Pausa.*)

(21:43. *Retoma.*)

Ele é alérgico, por assim dizer, a perfumes ou colónias que vêm num frasco de forma específica, em vez de ao conteúdo deles. A mãe dele, aliás, chamou-lhe guloso por querer usar o perfume dela. Ele não gosta do aquecedor do teu quarto. Recordá-lhe o aquecedor da mãe dele. Dá-nos um momento. (*Pausa.*)

Estas várias sensibilidades vão perder, e estão a perder, o seu poder, e o simples facto de as reconhecer é um benefício automático. Ele está a começar agora a identificar o eu espontâneo dele com a espontaneidade das crianças da escola infantil, e isto é uma melhoria clara. Tens alguma pergunta específica?

(“Que dados clarividentes ou telepáticos de destaque estão em ação relativamente aos sintomas dele?”)

Nada de destacado.

(“Não há uma flutuação diária?”)

Há, de facto. As sensibilidades bloqueiam tais capacidades psíquicas por medo. A reação não é bloqueada. A informação é simplesmente impedida de ter um canal claro para passar, percebes.

(“Estamos a alcançar os níveis certos da personalidade e a obter respostas fiáveis com o pêndulo?”)

As respostas aqui são fiáveis, em termos gerais. Sublinha o gerais. Estão a atingir camadas mais profundas da personalidade à medida que avançam com o pêndulo. O Ruburt poderia colocar-se num leve estado de transe antes de uma sessão, e tu poderias fazer as perguntas enquanto ele segura o pêndulo.

(“Já pensei nisso.”)

Isto aumentaria a profundidade e a fiabilidade, e também permitiria que as sugestões dadas se entranhassem. Uma sessão que trate de material perturbador deve conduzir ou ser direcionada para algum alívio imediato. Se for obtido material extremamente perturbador, então a libertação emocional deve ser permitida antes de considerar a sessão terminada. Em algumas ocasiões, tal material foi parcialmente descoberto, e ambos terminaram a sessão. Sem libertação.

(“Como se permite essa libertação?”)

Falar espontaneamente da parte do Ruburt sobre esse incidente ou esses momentos, para provocar a libertação total das emoções reprimidas que estavam por detrás da descoberta, percebes. Em algumas dessas situações, sugestões apropriadas ajudarão. Isto é uma excelente terapia, aliás, pois a libertação das emoções liberta automaticamente os sintomas. Uma descarga deste tipo é necessária quando se descobre material desagradável de natureza emocional através do pêndulo.

(“O pêndulo é bom para interpretação de sonhos?”)

É. Mas sem o transe não vão atingir dados enterrados de vidas passadas.

(“Queria perguntar sobre isso. O pêndulo ajuda com dados clarividentes e telepáticos?”)

Não sem o estado de transe, não de forma fiável.

(“Precisamos de mais dados de vidas passadas sobre este problema.”)

E Boston?”)

Neste caso específico não há dados de vidas passadas predominantes que sejam importantes no contexto da condição do Ruburt, exceto os padrões gerais de personalidade que existiram.

(“A Jane já esteve psiquicamente envolvida com a entidade da mãe dela antes, não foi?”)

De facto.

(“E com o Walter Zeh?” [O Walt foi o primeiro marido da Jane.])

De facto. Terei algo a dizer em breve, aliás, sobre as formas como podem mudar o passado no presente, pois isto será útil. Primeiro devemos aliviar as sensibilidades, e estamos a consegui-lo, e depois trabalharemos na construção de um passado mais favorável, percebes. Podes fazer uma pausa e continuaremos.

(10:09 pausa.)

(Pergunta durante a pausa: “A minha entidade tem algo a ver com os sintomas da Jane?”)

(10:21 retoma.)

Vamos encerrar esta sessão em breve. Pretendo explorar experiências de vidas passadas de forma mais aprofundada, mas noutro contexto. Os principais problemas do Ruburt existem como foi dito, e quando estes forem resolvidos, então teremos acesso claro ao nosso outro material, ou seja, aos dados de vidas passadas. A água tem qualidades curativas, e passeios junto ao rio, quando possível, serão benéficos. Sonhos terapêuticos devem ser pedidos todas as noites por agora, como prática padrão. Uma pequena nota, não necessariamente uma recomendação: uma mudança de cor de cabelo poderia minimizar qualquer identificação persistente com a mãe. Ele está, no entanto, a ultrapassar isto. Isto é suficiente para esta noite. Que o Ruburt leia atentamente estas últimas sessões, e os procedimentos de limpeza em casa devem ser levados a cabo quando for prático. Os meus mais calorosos votos, a menos que tenhas mais perguntas.

(“Não. Boa noite, Seth.”)

(22:29. O rio Chemung, que atravessa Elmira, NY, passa perto do nosso apartamento.)

SESSÃO 322
27 DE FEVEREIRO DE 1967

(Não se realizou experiência com envelope.)

(O John Bradley foi testemunha.)

Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Boa noite ao nosso amigo aqui presente. Agora. Vou dar-vos algum material que tinha em mente relativo ao eu onírico e aos níveis da personalidade. Já se familiarizaram com um eu que não conheciam antes das nossas sessões, um eu que vigia tanto o ego como o subconsciente. Isto já não é teoria para vós, pois estão praticamente conscientes deste eu de forma cada vez maior. Este eu é também um diretor das atividades dos sonhos. É, de certo modo, um eu intermédio. Percebem que todos estes termos são basicamente artificiais, por uma questão de simplicidade. Não há divisões reais no eu, embora possam por vezes sentir-se divididos. Esta parte do eu então pode ser utilizada para manter o ego e o subconsciente em equilíbrio. A vossa própria identidade é ainda maior do que isto, no entanto. Esta parte do eu pode servir para vos informar sobre o equilíbrio e a eficiência da personalidade operativa imediata.

(A Jane apontou para o John.)

Por vezes o nosso amigo sentiu esta parte do eu. Isto não é, em termos básicos, um supra-eu. Só vos parece assim. Estão a tornar-se conscientemente conscientes dele, mas ele existe quer saibam ou não. Pode corrigir erros cometidos por outras partes da personalidade. Pode pedir e organizar a remoção de sintomas físicos, porque conhece as razões por detrás desses sintomas. É um calculador instantâneo que vos pode indicar a posição relativa em que se encontram. É esta parte do eu que inicia muitas das ideias criativas que parecem brotar do subconsciente. Estas aparecerão sempre através do subconsciente, mas os conceitos originais têm origem nesta parte do eu. É esta parte que parece estar de fora e observar o eu subjetivo. É o Eu que está consciente e alerta dentro do estado de sonho e que observa o eu sonhador. (Pausa longa, olhos fechados.) Esta parte, embora ainda dentro do sistema tridimensional, está intimamente ligada a outras partes do eu que estão livres desse sistema. Teremos uma sessão relativamente breve esta noite, pois hesitaria em perturbar aquilo que o nosso amigo esperava que fosse apenas uma ocasião social.

([John:] “Faz o que quiseses, Seth.”)

(*Sorriso.*)

Sinto-me de facto honrado. Especialmente sabendo que não és normalmente tão dócil. Queria, no entanto, frisar que agora estão conscientes, em termos práticos, de uma parte consciente da personalidade que parece independente do ego e ciente das atividades do ego. Estão agora conscientes, na vida quotidiana, de um eu que observa o eu. Isto é importante. Pois mais tarde estarão conscientes de um eu que observa este eu, e quero que notem a diferença. Isto surgirá primeiro no estado de sonho. Podes fazer uma pausa social e eu continuarei.

(21:20. *Esta acabou por ser o fim da sessão. Os olhos da Jane estiveram abertos parte do tempo, muito escuros; o ritmo foi relativamente rápido, a voz um pouco mais forte do que o habitual.*)

SESSÃO 323

1 DE MARÇO DE 1967

Boa noite.

(*“Boa noite, Seth.”*)

Agora. No passado, quando dizias a palavra Eu, este Eu era o Eu do ego, e identificavas o eu total com o ego. Mais tarde aprendeste a distinguir entre o ego e o subconsciente. Tudo isto significa apenas que te tornaste consciente de porções maiores da personalidade total, e foste capaz de usar estas capacidades de forma consciente, sendo, claro, termos artificiais, consciente e subconsciente. Agora, quando usas a palavra Eu, cada vez mais, este é o Eu de que falei na nossa última sessão. Estás consciente do ego e capaz de te veres como algo mais do que o ego é. Este é o Eu que tens usado nas sessões com o pêndulo, que questiona tanto o ego como o subconsciente.

São todas porções do eu, no entanto; a diferença é funcional. Este eu pode dar direções tanto ao ego como ao subconsciente e pode instruir o subconsciente a acelerar os processos de cura. Agora, diriges-te a este Eu automaticamente e identificas-te mentalmente com ele como uma espécie de supra-consciência. Só estás familiarizado com uma pequena parte dela, no entanto. Aqui de novo, a divisão é arbitrária. Nestes termos, poderias chamá-la de parte de uma porção mais expansiva do eu, a única parte que

até agora consegues experimentar nos teus termos conscientes habituais. O Ruburt tem usado esta parte do eu automaticamente nas sessões com o pêndulo, e ao dar sugestões. Tu também tens recorrido a ela. Agora, a identificação crucial com a mãe está ultrapassada, e o Ruburt fica com um sistema de hábitos, ainda baseado em alguma mas pouca identificação com a mãe.

O Ruburt recebeu corretamente a minha mensagem. Embora a estabilidade geral das horas e dos arranjos de trabalho deva ser em grande parte mantida, ele deve fazer um esforço para variar as atividades e a rotina. Isto ajudará, em geral, a desfazer os padrões de hábito. Uma ou duas excelentes sessões de auto-hipnose por semana acelerarão a libertação total dos sintomas. Quanto mais energia psíquica ele usar nessas sessões, mais rápido o progresso dele. Não lidamos com tempo, mas com intensidades.

A concentração intensa em outras áreas, percebes, vai retirá-lo dos padrões habituais. A intensidade do interesse noutras direções é muito mais importante do que o tempo. Não queremos concentração intensa nos sintomas. Em todas as sessões hipnóticas e em todos os períodos de autossugestão, a ênfase deve ser realmente na saúde, exuberância, flexibilidade, força e vitalidade. Mencionei isto ao Ruburt hoje, mas ele pensou que a ideia era dele. A mudança de ambiente, fora do apartamento, foi parcialmente sugerida para quebrar quaisquer sugestões que pudessem surgir simplesmente devido à duração, nos teus termos, das dificuldades dele.

Ele deve, sempre que possível, por agora, usar amarelos e verdes para o trabalho. Deve fazer um esforço determinado para voltar a pé para casa, pois a confiança dele crescerá com o sucesso, percebes. Os procedimentos de limpeza que mencionei devem ser definitivamente realizados. O trabalho feito na cozinha no fim-de-semana passado ajudou-o, pelas razões dadas. Através de atividades motoras ele livra-se da identificação de forma vigorosa e agressiva, o simbolismo traduz-se em termos físicos. Como os sintomas têm sido físicos, isto é uma terapia excelente e muito prática do ponto de vista psíquico.

Existem símbolos nos quais não entrei, nem há razão para isso. Mas tenho bons motivos para dar estas sugestões. Apenas como exemplo, dou-te duas razões para a minha sugestão de abrir as janelas e arejar o apartamento. Quando a mãe do Ruburt foi para o hospital nos anos de liceu dele, ele tinha uma forma simbólica de se livrar da presença psíquica dela

na casa, e de aumentar o próprio sentido de liberdade interior. Ele escancarava as janelas, algo que normalmente lhe era negado. Isto também tem um simbolismo terapêutico para ele, em ligação com o avô dele, ou seja, a sensação de que a natureza purificadora limpa o ar das impurezas.

Ele também gostava de ter o rádio aos berros como gesto de desafio e liberdade, e dentro de certos limites, isto seria uma ajuda quando as janelas são abertas. Há outras razões para as sugestões de limpeza, envolvendo símbolos individualistas que têm um forte valor para ele. Isto não deve tornar-se uma coisa compulsiva, percebes. Certamente que nenhuma semana, por exemplo, deve ser exclusivamente reservada para isso. No entanto, há uma forte carga de energia por detrás destas atividades, que é descarregada terapeuticamente. Podes fazer uma pausa e continuaremos.

(21:30 pausa.)

(21:36 retoma.)

Bem. Tenho outras sugestões. O Ruburt deve pedir especificamente sonhos em que corre, com velocidade e flexibilidade, sonhos em que dança bem, e sonhos em que experimenta uma magnífica sensação de vitalidade e exuberância física. Deve imaginar-se, antes de dormir, a desfrutar alegremente das atividades do dia seguinte, e não deve concentrar-se nos sintomas, mesmo que seja para desejar que desapareçam. Estes sonhos devem ser pedidos de forma bastante específica. Se possível, ele deve fazer um esforço firme para recordar o antigo sentido de flexibilidade e não identificar a imagem pessoal dele com a condição do corpo físico durante as dificuldades. Dá-nos um momento. (Pausa longa.) Não há outras sugestões pertinentes aqui. As que dei são mais do que suficientes, se forem seguidas. Tens alguma pergunta em particular?

(“Não me ocorre nenhuma.”)

Talvez ajude se pelo menos uma janela estiver aberta durante o período de exercícios do Ruburt. Os sintomas ainda persistentes não devem ser ignorados, claro, mas a atenção deve ser dada aos progressos, e os sintomas não devem ser sobreenfatizados. O Ruburt deve tentar, cada vez mais, libertar-se destes padrões que permitiu que se formassem à volta dele como resultado dos sintomas. Deve enfrentar as escadas dos fundos com mais frequência, até perderem o significado negativo que ganharam, percebes. Estes procedimentos teriam ajudado no passado, mas agora que a razão básica para os sintomas está conquistada, a eficácia destes métodos deve levar ao desaparecimento de todos os sintomas. Ele deve vigiar-se, no

entanto. Ele tem agora o hábito, por exemplo, de não se dobrar profundamente, e quando se aperceber disso, deve mover-se como fazia antes. Estas sugestões permitir-lhe-ão ver-se, percebes, na imagem curada. Que comece a pegar de novo no Willie, por exemplo. Percebes o que quero dizer aqui?

(“Sim.” O Willie é o nosso gato.)

Cada sucesso estabelece um novo padrão construtivo. Parte dos sintomas no final da tarde no trabalho, ultimamente, têm sido causados por um simples medo de que surgisse uma dificuldade no caminho para casa. Para se proteger disso, ele desenvolveu os sintomas antes de sair, dando a si mesmo uma desculpa legítima para pedir ou aceitar uma boleia. Quando perceber que consegue voltar para casa a pé, esta dificuldade desaparecerá. Pode haver, mas não deverá haver, alguma dificuldade ligeira no início, resultado dos próprios padrões de ideias dele, mas isso é tudo. Se se vigiar, não surgirão dificuldades. Deve fazer caminhadas frequentes para aumentar a confiança dele e para desfazer ainda mais os padrões. Agora podem fazer uma pausa ou encerrar a sessão, como preferirem.

(“Está bem. Vamos fazer uma pausa.”)

(21:56. *Pausa.*)

(22:06. *Retoma.*)

Agora que as razões básicas para os sintomas estão conquistadas, os sintomas desapareceriam de qualquer forma, mas a um ritmo relativamente lento. As sugestões dadas, aplicadas com intensidade, podem fazer maravilhas num tempo muito breve. A atenção dirigida para outras coisas é extremamente importante, pois a energia é retirada dos sintomas. Uma mudança completa de ambiente seria excelente, claro, se fosse prática. Mudanças nos padrões e hábitos dentro do ambiente servirão em lugar disso, no entanto. Quando o Ruburt trocar os lençóis da cama, sugiro que sejam coloridos. Ao deitar-se esta noite, que tente imaginar uma cena de primavera, com ele a andar rapidamente ou a correr. Quando andar agora na rua, deve manter a imagem mental que acabei de dar, visualizando toda a imagem flexível e ágil, e o eu interior tomará medidas para garantir que os ajustamentos adequados sejam feitos. Deve lembrar-se de dar sugestões frequentes relacionadas com o relaxamento. Isto é extremamente importante.

Depois de dar as sugestões, ele deve pensar noutras coisas e não verificar o progresso, pois isso demonstra dúvida. Ele tem, percebes, uma

imagem negativa de si próprio a caminhar, que deve ser substituída por uma positiva. Ordens suaves são adequadas. Tentativas de intimidação podem agravar a situação. A concentração na escrita dele de manhã ajuda a livrá-lo dos sintomas, assim como a concentração na escola infantil, pois a atenção dele está centrada noutra coisa. Queremos desenvolver essas mesmas qualidades noutras alturas também.

A atenção dele, enquanto caminha, tem estado centrada no progresso.

Deve pensar noutras coisas, mesmo que conte árvores e observe à volta. A atividade é boa para ele agora, percebes. Volto a enfatizar os sonhos terapêuticos. Sempre que possível, a atenção deve ser desviada dos sintomas. Isto não significa que deva fingir que eles não existem, mas eles desaparecerão na medida em que ele desviar energia deles. Agora vamos encerrar a nossa sessão. Estaria bastante disposto a fazer um teste com envelope, mas presumo que preferes esperar.

(*“Não tenho nenhum preparado.”*)

Os meus melhores votos para ambos, e uma boa noite. Agora farei esta noite o que posso fazer pelo Ruburt enquanto ele dorme, redirecionando as energias interiores dele enquanto sonha. Deverá haver uma melhoria de manhã, então.

(*“Boa noite, Seth.”*)

(22:25. Fim da sessão.)

SESSÃO 324

6 DE MARÇO DE 1967

(*A Jane sentiu-se bastante inquieta e enérgica antes da sessão, e os sintomas tinham diminuído ao mínimo depois de uma noite e manhã fracas. Começou a falar em transe a um bom ritmo; abriu os olhos muitas vezes, a voz estava ativa e fumava.*)

Agora percebes, temos de dirigir esta energia para fora de forma construtiva, e de modo exuberante. Ela esteve represada e dirigida contra o próprio eu. Existe nele uma necessidade de excitação, mas devido à maturidade da personalidade, a excitação agora tem de ser, de alguma forma, com um propósito. Procura uma saída e tem de a encontrar, e tem de a encontrar de uma forma que satisfaça as capacidades criativas. A excitação não precisa de ser física, embora encontre algum reflexo em termos físicos. Ele tem uma energia enorme à disposição, uma grande parte

da qual foi mal direcionada sob a forma de sintomas, e parcialmente por ressentimento.

O ressentimento era fundamental. O livro sobre ESP trouxe isto à tona; isto é, não causou o ressentimento — o ressentimento já lá estava — mas permitiu-lhe libertar-se. Ele não sentiu que o editor partilhasse qualquer entusiasmo desde o início. Sentiu que o Wollheim partilhava, e não tinha ressentimento em relação ao Wollheim, embora não tenha publicado o livro. Sentiu o entusiasmo do Wollheim. O poder das energias dele, infelizmente, pode ver-se claramente na gravidade dos sintomas que a energia formou quando foi tão mal direcionada. O material pessoal sobre o passado dele que vos dei faz parte disto, claro. Sentiu um ressentimento extremo em relação ao Fell, em geral. Como não queria magoar ninguém, isso ricocheteou, afetando-o. (*O F. Fell publicou o livro sobre ESP.*)

Esta energia está, claro, fortemente ligada ao trabalho dele. A ligação é muito mais poderosa do que qualquer ligação estritamente lógica poderia ser. A libertação da energia noutras direções minimiza automaticamente os sintomas e anulá-los-á automaticamente. Devem, portanto, ser usados de formas criativas entusiasmantes, ligadas às intuições, ao intelecto e ao trabalho criativo dele. Quando tenta conter-se demasiado vigorosamente, automaticamente vira o barco ao contrário, por assim dizer, e é em cima dele que caem as maçãs e o carro.

Ele está a aprender a lidar, direcionar, manipular e usar a energia dele. Qualquer dificuldade séria aqui pode automaticamente desencadear velhas bombas-relógio, que no passado foram privadas de energia, percebeis. Quando está entusiasticamente e exuberantemente a trabalhar, o passado torna-se comparativamente insignificante para ele no que diz respeito a elementos nocivos. Quando um desequilíbrio espalha a energia dele, então esta escapa-se, ou pode escapar-se, para essas armadilhas. A energia é propulsionada para fora quando usada corretamente. Parte dela é resultado de incidentes do passado. Quando flui para fora, as cargas emocionais são usadas nesses desenvolvimentos explosivos do trabalho criativo. Se o medo ou o ressentimento bloqueiam o fluxo, então a origem deles, não traduzida, não redimida e não sublimada, causa sintomas físicos e perturbações. O sistema endireitar-se-á se lhe for dada qualquer oportunidade. A poesia é o melhor ponto de referência dele aqui. Ele estava zangado com o Fell por razões bastante óbvias, mas as razões envolviam o trabalho dele, que tocava na energia dele, e isto provocou então a infeliz comparação entre o

Fell e o pai do Ruburt. Ele reagiu então como a mãe do Ruburt reagiu quando foi abandonada pelo pai. Adotou os mesmos sintomas, senão a doença propriamente dita. Ele não adotou a doença em si. Podes fazer uma pausa e continuaremos.

(21:28 a 21:41.)

Os sintomas do Ruburt desaparecerão assim que esta energia for direcionada da forma de que falei. O eu intuitivo está agora suficientemente liberto para tornar isto possível e fornecer o caminho, percebes. O livro dos sonhos deve ser terminado. O ressentimento não estava ligado ao livro em si, e na verdade impediu o desenvolvimento do livro. Ele projetou o ressentimento para o futuro, e contra todos os outros editores durante algum tempo, antecipando o mesmo tipo de resposta que sentiu que o livro sobre ESP recebeu. Por essa razão, deixou de enviar qualquer material. É um sinal saudável que tenha mudado de posição aqui.

Agora sobre o intervalo de tempo nas sugestões. Isto não tem nada a ver com tempo, mas com a intensidade de qualquer sugestão, e quaisquer sugestões que as contrariem. A mais intensa triunfará, embora possa haver obstáculos no caminho. O Ruburt ficou furioso. (*Sexta-feira de manhã, 3 de Março de 1967.*) Ele pensou que estava a ser ignorado com o telefonema. Não admitiu a raiva dele, e tentou acalmar-se com outras sugestões. Tinha, de facto, dado algumas excelentes sugestões antes, que ainda serviram para o proteger durante a tarde. Estas desgastaram-se e não foram renovadas, e o ressentimento intenso então emergiu nos sintomas.

Ele também ficou zangado porque amigos chegaram perto da meia-noite, uma vez que já se sentia mal. De novo, não disse nada e os sintomas cresceram ainda mais fortes à medida que o desejo dele de lhes dizer para saírem aumentava. Os sintomas noturnos devem desaparecer. Sem sugestões construtivas intensivas antes de dormir, a personalidade mostra a relação de estado de equilíbrio da sua condição, seja ela qual for. Se for fraca, o sono é fraco, e as intuições interiores são privadas das funções terapêuticas delas. Os estímulos que podem ser usados para absorver parte da energia mal direcionada durante o dia já não estão disponíveis. O eu mostra o seu verdadeiro rosto. Quando as intuições têm liberdade, percebes, elas ajudam terapeuticamente a personalidade durante o sono e refrescam-na.

Quanto mais energia for usada pelo Ruburt de formas criativas e entusiasmantes, mais energia estará disponível, percebes, para fins

terapêuticos. Os sintomas ficam privados de energia e não podem sobreviver. Mesmo durante o sono, então, a energia é usada de forma construtiva. O envio de manuscritos de que ele se orgulha é automaticamente benéfico, pois a energia está a ser dirigida para fora. No melhor dele, ele perde-se no trabalho, e encontra-se; mas o trabalho tem de ser para ele entusiasmante, altamente criativo e desafiador. Trabalho pelo trabalho não serve para ele. Ele tem de estar em êxtase criativo. Isto pode aplicar-se a trabalho efetivo num manuscrito, excitação intelectual ou descoberta intuitiva, mas um ritual criativo monótono é-lhe prejudicial. A energia dele tentará então explodir de outras maneiras e, sendo-lhe negada, alimenta-se das suas origens e resulta em sintomas físicos. A luta entre o ego e o eu intuitivo segue-se aqui como te disse, mas com o uso correto da energia estes elementos são equilibrados. Se não tens perguntas específicas, encerrarei a sessão desta noite.

(“Acho que não.”)

Os meus mais calorosos cumprimentos para ambos, e deverás achar esta sessão muito útil.

(“Boa noite, Seth.”)

(Fim às 22:00.)

SESSÃO 325

13 DE MARÇO DE 1967

(A sessão marcada para quarta-feira, 8 de Março, não se realizou. Não se realizou experiência com envelope esta noite.)

Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Ora bem. Os sintomas que restam podem ser quebrados por concentração intensa noutras áreas. A parte crítica da doença está ultrapassada. No entanto, não querem quaisquer sintomas crónicos persistentes, mesmo de menor intensidade. Estes são resíduos, atuando sobre padrões de hábito, e têm de ser eventualmente apagados. Quando te concentras num sintoma, reforça-lo. O Ruburt deve saber isto. Não estou a sugerir que finjam que o sintoma não existe, mas que deliberadamente deem a si próprios sugestões construtivas e desviem imediatamente a atenção para outros assuntos.

Em todos os casos a ênfase nas sugestões deve ser na saúde e vitalidade. Concentrar-se numa mão, por exemplo, para ver se uma

sugestão teve efeito, não é benéfico. O Ruburt está agora na fase em que libertou considerável energia, e esta deve agora ser utilizada em atividade construtiva, e não para reforçar sintomas. Será agora altamente vantajoso para ele renovar as tentativas de projeção. O entusiasmo dele está a regressar no que diz respeito ao trabalho. Isto é automaticamente benéfico.

As sugestões noturnas devem tratar agora da saúde geral e vitalidade, e de imagens de antecipação para as atividades do dia seguinte. A concentração deve ser no amor pelo trabalho dele, no prazer e nas pequenas alegrias. Para já, é melhor que ele não dê sugestões específicas a nenhuma parte do corpo, pois tende ultimamente a concentrar-se nessa parte de forma prejudicial. Queremos que ele esteja agora demasiado ocupado e feliz para aceitar sintomas. Isto vai exigir algum trabalho da parte dele, mas todo o esforço deve ser feito.

Deve fazer um esforço para se lembrar dos sonhos, levantar-se e registá-los, e antecipar sonhos de projeção. Agora aproxima-se a primavera. A energia dele pode e deve ser usada para um bom propósito. Normalmente, durante a primavera, está disponível para ele energia adicional, e esta deve ser usada para facilitar uma cura completa. Se for dirigida para a poesia dele, a escrita, as tentativas de projeção, desfrute pacífico e encontros sociais agradáveis, então ocorrerão progressos incríveis. Ele estará em melhor condição do que esteve em vários anos, e terá aprendido lições que o ajudarão imensamente.

Estas minhas sugestões podem parecer simples, mas não são. A concentração deve ser desviada dos sintomas. Períodos de calma pacífica são excelentes. Períodos de calma temerosa como os do fim-de-semana passado não devem ser alimentados. Os estados de espírito podem ser reconhecidos, claro, mas a sua natureza destrutiva deve também ser reconhecida, e a concentração deve então ser dirigida para outros estímulos. Podes fazer uma pausa e continuarei.

(21:18 — 21:26.)

Ora bem. Ele deve mudar as expectativas dele drasticamente. Deve esperar plenamente uma cura completa e libertação dos sintomas. Caso contrário, prolonga-os. Quando não acredita que os músculos dele funcionarão, por exemplo, não aplicará toda a força neles, e assim enfraquece fisicamente o músculo. Ele deve trabalhar na atitude dele. Deve concentrar-se noutras áreas. A música pode ser extremamente benéfica. Dançar pode ser de grande benefício terapêutico. Não, no entanto, quando

se concentra nos sintomas. Ele usa bem os dedos quando escreve à máquina, e usa bastante pressão. A concentração dele está focada num estímulo mais intenso. Esquece os sintomas em grande parte.

Esquece-os em grande parte na escola infantil e lembra-se deles incidentalmente depois. Sentiu-se culpado, aliás, em certa medida no fim-de-semana passado, por sair de casa e adiar os convidados, e bem deveria, pois as razões dele estavam erradas. Não quis enfrentar pessoas que conhecia. Não quis fazer o esforço de ter uma noite social com elas. Sair foi então uma fuga, em vez de uma procura de prazer, como eu sugeri. Sugiro que mudem de ambiente e saiam do apartamento de vez em quando simplesmente porque há tal reconhecimento dos sintomas dentro do apartamento, e a mudança é benéfica. A quebra de padrões de hábito é benéfica, mas isto deve envolver uma aventura espontânea e agradável. Sugiro que deixem espaço para a espontaneidade às sextas-feiras.

O Ruburt ficou algo sensibilizado ao dia devido à antiga ligação católica de não comer carne. Isto tem a ver com a dificuldade em comprar mantimentos, o peixe sendo um ato de negação, percebes. As sugestões anteriores dadas por mim devem ser seguidas. Deve tentar ver-se a andar com confiança pela rua. Quando forem dançar, ajudaria se ele usasse roupas que tenha usado no passado quando dançava bem, percebes. Não recomendei, não recomendo, a roupa da Ida, pois ela tem dificuldades nas costas, e isso era do vosso conhecimento.

(A Ida é a esposa do meu irmão Bill.)

Estas sugestões, se seguidas fielmente, resultarão no desaparecimento dos sintomas. Teremos uma quantidade considerável de material geral depois disto, sobre saúde em geral, e sobre a importância da concentração de energia envolvida. Há muitas razões para todas as sugestões dadas esta noite, e são significativas de vários pontos de vista.

Farei com que me conheças melhor quando estiveres pronto para isso. Podes, juntamente com as tuas sugestões de sonho, sugerir que me vejas numa projeção onírica, e eu dir-te-ei que sou Eu para que me reconheças. Podes fazer uma pausa ou encerrar a sessão, como preferires.

(“Vamos fazer uma pequena pausa.”)

(21:45 a 21:55.)

Agora, quanto à tua atitude, meu amigo. Elogia-o, sem exagerares, claro (*sorriso*), mas elogia-o quando estiver a fazer progressos e a mostrar melhorias, e encoraja-o. Não comentes demasiado os sintomas quando

estes surgirem. Mais uma vez, não os ignores, mas não deixes que os teus comentários atuem como uma sugestão negativa que já possa reforçar aquelas que ele inadvertidamente deu a si próprio. Conforta-o quando for necessário, mas o conforto deve seguir a linha de sugestões construtivas: “Vais sentir-te melhor em breve.” Tenta desviar-lhe a atenção. Mesmo que isso requeira alguma criatividade, vale a pena.

A tua atitude também é importante, claro. Não deve envolver pena, pois isso reforça os sintomas, mas deve envolver uma segurança confiante, particularmente quando ele estiver receoso — um encorajamento da tua parte para atividades construtivas, uma atitude reconfortante mas não excessivamente indulgente, percebes. As tuas próprias tentativas de projeção podem agora ser conseguidas no estado de sonho, pois podes aproveitar o tempo que não tens na existência desperta. Algumas dessas experiências deliberadas, sugeridas antes de dormir, dar-te-ão a confiança de que precisas para realizar uma projeção em vigília. Precisas desta prática, Joseph.

(*“Sim.”*)

Tais experiências são particularmente úteis pela sensação de liberdade que permitem. Expandem a personalidade de formas não disponíveis na existência física comum. O treino na manipulação da consciência deste tipo é inestimável. Há pelo menos três tipos diferentes de projeções que deverias experimentar no estado de sonho, que facilitarão experiências em vigília. Deves dar a ti próprio sugestões de projeção agora como prática habitual antes de dormir.

(*“Tenho tentado isso ultimamente.”*)

É bastante benéfico sugerir que acordes logo a seguir para escreveres a experiência. Isto ajuda a isolá-la de outras experiências oníricas e a alertar-te. Tens o sono a considerar, claro, mas este método é o melhor de todos. Agora, a menos que tenhas perguntas específicas, encerrarei a sessão desta noite.

(*“Acho que não.”*)

Os meus melhores cumprimentos para ambos, e se o Ruburt olhar e me ouvir, saberá que me encontrará.

(*“Boa noite, Seth.”*)

(22:10. O ritmo da Jane no início da sessão foi bastante ativo e rápido, com os olhos abertos frequentemente. O ritmo da sessão abrandou perceptivelmente à medida que progredia.)

SESSÃO 326

15 DE MARÇO DE 1967

(A voz da Jane estava neutra e contida, olhos fechados. Ritmo algo lento. Maneira diferente do habitual. Pausas.)

Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Ora bem. Primeiro, o Ruburt está a ter algum sucesso em desviar o foco da atenção dos sintomas, e se continuar e se lembrar, então o progresso dele será rápido. Seguiu várias vezes hoje as minhas sugestões, com bons resultados. Agora, ele gostaria que eu dissesse algo sobre outros assuntos, e assim farei. No sono, habitam outros planos, como vos disse. O termo “guias espirituais” não é o melhor, e o Ruburt desaprova-o. No entanto, a ideia é perfeitamente legítima e correta. Em muitas ocasiões tenho estado convosco durante tais momentos. À medida que avançarem, serão capazes de se lembrar cada vez mais de tais encontros.

Não há substituto para o treino que recebem ao aprender o jeito de se lembrarem dos sonhos. Esse treino ajuda-vos a manipular mais eficazmente tanto em condições normais de vigília como no estado de sonho. É muito provável que se tornem conscientes de mim primeiro, ou numa projeção onírica ou numa sessão. O livro que estão a ler ajudar-vos-á a ambos. Dificilmente cobrirá muitos pontos, mas é geralmente legítimo dentro do que aborda. Se me chamarem para vos ajudar numa projeção onírica, eu ajudarei, embora possam ou não lembrar-se da projeção ou da minha ajuda.

O Joseph achará mais fácil lembrar-se de projeções simples que não envolvam nenhuma levitação em destaque. Estas serão as mais fáceis para ti, Joseph, de recordar. Devias tentar levar-te a ti próprio para outra divisão. Quando acordares a meio da noite, tenta essa experiência.

As tuas projeções envolvem-te frequentemente em levitações extensas a partir do estado de sonho, mas só te lembras de algumas. As viagens mais extensas são feitas em excursões noturnas, mas é mais fácil lembrar essas projeções que ocorrem durante sextas diurnas, simplesmente porque a consciência desperta está mais alerta. Se possível, deves fazer um esforço para vencer o medo relacionado com levitações, pois o medo impede-te de recordares tais experiências.

Projeções de certo tipo também ocorrem enquanto a consciência normal de vigília está ocupada com as tarefas normais. Estas raramente são lembradas: ou seja, a consciência desperta não retém memória delas. Relê o material que te dei sobre os vários ambientes onde podes encontrar-te, se tentas retomar isto. Frequentemente viajam juntos em projeções, e também estou frequentemente convosco. Dou-vos experiência direta durante as projeções para complementar as nossas sessões. Estas lições permanecem parte da vossa personalidade total, embora não tenham sido lembradas nos vossos termos até agora.

Algum do vosso ambiente nestas condições e em certas fases representa o que muitos ocultistas chamam de formas-pensamento. Numa projeção legítima tua, Joseph, criaste um veículo, creio eu. Talvez fosse um avião, para não ficares assustado. O voo era um facto, percebes, o avião era uma forma-pensamento. O Ruburt, numa ocasião, criou uma forma-pensamento de uma janela numa parede vazia através da qual realmente voou, simplesmente porque tinha medos e não conseguia imaginar passar por uma parede sólida. Ele viu a janela, aliás, como aberta, percebes.

(Pausa.)

Algumas das pessoas nos teus sonhos serão pessoas reais que conheces e que também estão a projetar-se.

Outras serão personalidades de sobrevivência. Em alguns casos, dependendo do teu próprio nível de projeção, algumas estarão a viver normalmente dentro de outros planos ou sistemas. Podem ou não perceber-te. Quando elementos de sonho se combinam para obscurecer uma projeção, isto é trabalho de um certo nível de consciência, tentando interpretar as condições estranhas. Isto geralmente ocorre em certos níveis onde a consciência ainda não está completamente livre do corpo físico. Alguns dos elementos de sonho serão formas-pensamento. Agora, formam o universo físico individualmente e mesmo assim acham-no coerente.

Existem semelhanças em que todos concordam, de ambiente e condições. O mesmo se pode dizer de todos os sistemas para os quais podem projetar-se. Mas devem aprender que partes do ambiente são mantidas por todos, em termos gerais, e quais não são. Devem aprender os novos pressupostos de base, por outras palavras. É precisamente isso que estão a fazer nas projeções.

Podes fazer uma pausa e continuarei. Se mantiveres a mente em mim quando deres as tuas sugestões de projeção, será mais fácil para ti lembrares-te dos nossos encontros.

(21:57 pausa.)

(22:14 retoma.)

Disse-te que uma parte das nossas sessões envolve projeção. O grau varia de sessão para sessão. Haverá uma altura em que o Ruburt projetará para fora do corpo durante as sessões e se lembrará do que se passa enquanto eu falo através do corpo dele. Quando ocorrem projeções agora, ele não está conscientemente consciente delas. Estas coisas não são forçadas, percebes. Noutras ocasiões, encontramos-nos, por assim dizer. Talvez em breve aprofunde isto, pois há semelhanças aqui e significados, envolvendo estados de consciência usados tanto pelo Ruburt como por mim, e o tipo de projeção alcançada.

Estes têm influência na clareza ou natureza não distorcida do material. Projeções menos satisfatórias causam distorções, percebes, que são características desse estado de consciência nesse momento. A aceitação global do Ruburt em relação a mim está a crescer, pelo que posso estar grato. Quero desenvolver estes pontos mencionados, talvez na nossa próxima sessão. Encerramos esta sessão, a menos que tenhas perguntas.

(“Acho que não.”)

Os meus melhores votos para ambos. Estou convosco, de novo, mais vezes do que sabem, e talvez agora possam tornar-se conscientes deste facto.

(“Boa noite, Seth.”)

(22:22 fim da sessão.)

SESSÃO 327
20 DE MARÇO DE 1967

(Não se realizou experiência com envelope.)

Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Bem, continuaremos uma discussão iniciada na nossa última sessão. A clarividência envolve geralmente projeção até certo ponto. A telepatia pode ou não, consoante as circunstâncias. A precognição requer projeção, embora aqui, tal como na clarividência, a projeção em si possa não ser lembrada. As nossas sessões envolvem projeção, embora a extensão varie. A projeção ocorre tanto da parte do Ruburt como da minha, e representa um deslocamento psíquico de um tipo específico.

Em certas ocasiões, as nossas personalidades separadas podem fundir-se durante as sessões. Noutras vezes, o Ruburt pode estar a projetar-se tão bem que a personalidade dele está relativamente ausente, e a minha projeção em seu lugar é relativamente completa. As distorções ocorrem em pontos de transição, ou em pontos de desequilíbrio. Há então uma interligação de dados de vários níveis. Uma projeção obviamente não precisa de ser consciente.

O eu desperto pode estar envolvido em atividades normais enquanto o eu interior está noutro lugar completamente. Há mais períodos curtos de esquecimento do que as pessoas geralmente imaginam, e nesses períodos muitas vezes ocorreram projeções. As projeções continuam no estado de vigília, por baixo dele, tal como continuam por baixo do estado de sonho, percebes. Agora aprendeste os métodos que pelo menos te permitem tornar-te consciente de algumas projeções que ocorrem durante o estado de sonho. Percebes que o conhecimento por si só não chega, que a prática e a habilidade desempenham um papel considerável.

Existem métodos que te permitirão apanhar-te no meio de projeções iniciadas a partir do estado de vigília. Isto é consideravelmente mais difícil. Só pode ser alcançado, como regra, depois de se ter alguma proficiência no reconhecimento de projeções oníricas. Aqui estás a lidar com a consciência de vigília no seu estado normalmente forte e dominante. Tens de ser capaz de a deixar operar e ainda assim perceber, por baixo da sua superfície, as outras condições — as condições de projeção — que também estão ativas. Tens de permitir que a consciência normal de vigília se torne transparente, por assim dizer, sem, no entanto, perturbar o seu fluxo.

Quando isto for conseguido, podes também tornar-te consciente das condições de projeção. Isto é quase como trabalhar ao contrário, pois diretamente por baixo dos pensamentos e impressões da consciência de vigília, verás imagens de sonho como aquelas que aparecem mesmo quando adormeces. Estas também devem ser deixadas em movimento e não devem ser travadas. Por baixo destas, no entanto, sentirás luz ou escuridão, imagens de luz ou escuridão, e estas conduzir-te-ão às condições ou ambiente de projeção. A única forma de provar a ti próprio projeções de vigília deste tipo é seguindo este método. Não estás a tentar uma projeção aqui.

Estás a seguir níveis da tua própria consciência até te descobrires num ambiente de que a consciência normal de vigília não estava previamente consciente. Isto é um feito relativamente difícil, pois a consciência de vigília não deve ser desligada, ou então derrotas o teu propósito. Obviamente, o eu que se ocupa deste estudo não é a consciência normal de vigília, que se torna em vez disso parte daquilo que está a ser estudado, por isso outra porção do eu é trazida para atividade. Todos estes exercícios fornecem treino que te ajuda em todo o teu outro trabalho. Este exercício em particular, no entanto, requer definitivamente algum sucesso no reconhecimento de projeções oníricas. Podes fazer uma breve pausa e continuarei.

(Pausa das 21:24 às 21:30.)

Ora bem. Isto é uma manobra complicada. A consciência normal de vigília é deixada intacta, percebes. Outra parte do eu apanha-a desprevenida, não deixa ondulações na sua superfície e observa por baixo dela outros níveis de realidade. Estás a observar o eu em movimento. É óbvio dizer que a parte que observa também pertence ao eu, mas não pertence ao eu como o eu é normalmente entendido em termos psicológicos. Estás a pôr em funcionamento, e a exercitar, uma faculdade superior, e através destes exercícios esta faculdade amadurece. Ela amadurece no que diz respeito ao tu normal, percebes.

Ficas capaz de usar cada vez mais as suas capacidades. Estou a dizer-te isto porque podes descobrir que estás a realizar este exercício espontaneamente. Estás praticamente pronto para isso. Esta outra parte do eu, ou porção do eu, pode também ser utilizada em projeções oníricas e em projeções deliberadas. É a parte do Ruburt com a qual trabalho normalmente. Temos de usar analogias. Pode ser vista como a projeção

mais exterior do ego interior. Quando te encontrares, por assim dizer, a observar aquilo a que chamas ego, então estás em contato com esta porção do eu. Está ciente tanto das motivações e realidades conscientes como subconscientes, e está também ciente de projeções para outros campos de atualidade.

Já insinuei antes estas questões, pois quando digo que usarás esta outra porção do eu para examinar a consciência de vigília e sondar por baixo dela, já estou a presumir um tu que usa este eu. Por outras palavras, já estás a ampliar as limitações do eu e a estendê-las. O eu cresce à medida que o usas. Os seus potenciais existem sempre, por um lado. Por outro lado, se não os utilizasses, era como se não existissem agora, para os teus propósitos. O eu total está a expandir-se, está a começar a conhecer-se, pois sempre foi aquilo que parecerá ser. No entanto, até que isto se realize, a sua existência não pode ser completamente válida em termos de autoconhecimento ou realização.

Não existem, mais uma vez, limitações para o eu, exceto aquelas que crias. Estas tornam-se limitações válidas para todos os efeitos práticos, no entanto. Quando aprendes, e estás a aprender, a estender as limitações do teu eu, simplesmente tornas-te consciente daquilo que já és. Tornas-te mais consciente, mas há sempre mais para te tornares consciente.

Num certo sentido, e de forma bastante legítima e objetiva, todos os pensamentos são também projeções. Deixam-te de forma objetiva e exercem um efeito objetivo. São uma parte da tua identidade psíquica projetada para fora e, no entanto, não sentes qualquer perda. Nem estás consciente do que acontece a esses pensamentos. Não poderias reter simultaneamente todos e exercer todos os pensamentos da tua vida até agora de forma normalmente consciente. Fazer isso seria suicídio psicológico.

Tu reténs uma memória codificada destas. Os próprios pensamentos, também realidades psíquicas, foram projetados para fora, alterando e afetando o ambiente físico em termos diretos e objetivos. Atuaram independentemente de ti após a projeção. No entanto, mudaram o teu *ambiente*. Com efeito, eles formam o ambiente.

Vários níveis de consciência são projetados a partir do eu de maneira muito semelhante. No entanto, estão unidos como identidades interiores e subsidiárias que fazem parte do teu próprio ser, e são enviadas pelo eu interior por diversas razões.

O pensamento é uma realidade psicológica, uma identidade psicológica e psíquica, mas não uma identidade estruturada e personalizada. O eu pode enviar fragmentos de si próprio em projeções. Estes podem ou não ser identidades estruturadas e personalizadas, embora dependam, para a sua existência, do eu total.

Podes fazer uma pausa e continuaremos.

(9:55 às 10:09.)

Em breve ficarás praticamente envolvido na extensão do eu tal como o conheces nestes termos. Tornar-te-ás intimamente consciente dessa outra parte do eu, muito em breve.

Agora, tenho pouco a dizer sobre o estado de Ruburt. Já disse o que é importante, e as sugestões que te dei nas duas últimas sessões continuam a aplicar-se. Ele está a aprender.

Agora, dá-nos um momento, por favor. *(Pausa, olhos fechados.)*

Há uma circunstância a ocorrer noutro lugar que vos dirá respeito a ambos. *(Pausa.)*

Não sei se se refere ao pai do Ruburt, mas é a sul de vós, e há papéis envolvidos. Um S e uma nota rabiscada. Uma referência a uma data antiga. Final dos anos 1800, ou seja... *(pausa)* 18 *(pausa)* 76 ou 86.

Uma referência a uma caixa com papéis privados e com questões legais. A morte de um homem parece estar envolvida. Talvez se trate da morte do pai da tua cunhada, contudo.

Vamos agora encerrar esta sessão. Os meus melhores votos para ambos.

Os últimos dados envolveram, na verdade, uma projeção de um certo tipo, percebes.

("Boa noite, Seth.")

(Fim às 10:19. A Jane disse que, com o material acima, teve uma sensação quase como um "raio" a sair em direção ao sul — uma forte concentração enviada nessa direção. Mas não sentiu que estivesse realmente a viajar.)

(Durante a sessão, os olhos da Jane abriram-se muitas vezes; o ritmo foi, na maior parte, médio, com pausas; a voz, normal.)

SESSÃO 328
22 DE MARÇO DE 1967

(Esta foi uma sessão curta. A Jane estava constipada e tínhamos uma sessão marcada para o fim de semana para a Claire Crittenden e a Pat Norelli.)

Teremos uma sessão breve esta noite, uma vez que terão outra no fim de semana. Queria, no entanto, salientar um ponto. Alguns ambientes de projeção não parecerão, obviamente, físicos nos vossos termos e, portanto, nos vossos termos, carecerão das características adequadas de realidade. O vosso próprio sistema tem essas características apenas para aqueles que estão inteiramente focados nele, porém. Vós sereis apenas turistas. Sois vós que dais estabilidade e coerência ao vosso próprio sistema. Ele não possui essas características por si só. Ambientes de projeção legítimos são tão reais quanto o ambiente físico.

Estes ambientes podem parecer-vos distorcidos, mas a distorção é geralmente vossa e não do ambiente. Estão aqui em causa vastas diferenças de vibrações magnéticas e, ao projetar-se, será difícil para vós manter a estabilidade necessária para vos manterdes nas vibrações exigidas, às quais outros — habitantes dos sistemas — estarão mais ou menos automaticamente sintonizados *(entre parêntesis — (tal como estais automaticamente sintonizados com o sistema físico).)* Cada projeção sucessiva torna mais fácil que ocorra outra experiência do mesmo tipo.

Têm alguma pergunta específica para mim?

("Não creio.")

O material que acabei de vos dar pertence, na verdade, à nossa sessão anterior.

Teremos uma sessão no fim de semana e a nossa sessão habitual de segunda-feira. Encerraria esta, no entanto, a menos que tenham algo específico que queiram perguntar.

("Acho que não.")

Um ponto. Quando ligais um rádio a uma estação em particular e verificaís que está distorcida por ruído estático, percebeis que a distorção está na receção. A mesma ideia deve ser aplicada às experiências de projeção. Não há nada de errado com a estação, mas com a vossa receção dela.

Tenho ajudado o Ruburt, até certo ponto, nas suas próprias projeções, embora ele não se lembre delas.

Os meus votos mais cordiais para ambos.

("Boa noite, Seth."

(9:16. O ritmo da Jane foi bastante lento, com pausas. Manteve os olhos fechados.)

SESSÃO 329
PAT NORELLI
25 DE MARÇO DE 1967

(Foi realizada esta noite uma sessão muito bem-sucedida para a Claire Crittenden e a Pat Norelli. A sessão foi gravada pela Pat. Ela é professora num liceu de Boston e levou a gravação para a escola; quando enviar uma transcrição da sessão, será incluída abaixo.)

(A primeira parte da sessão dizia respeito a dados sobre um homem de quem a Pat gosta, Brian Houlihan, de Elmira. Como se verá, o Seth tratou muito bem este material, de forma direta e sem papas na língua.)

(O restante da sessão foi material que o Seth ditou para ser passado à turma de alunos excepcionais do liceu da Pat e é, pensamos, excelente. Os alunos estão familiarizados com o Seth graças aos esforços da Pat, e isto permite ao Seth ir direto ao ponto quanto à ideia do material.)

(Este material foi dado em duas entregas de cerca de 20 minutos cada. Pensámos que a sessão terminara com a primeira entrega de 20 minutos, mas depois de um intervalo a Jane regressou como Seth para mais material. A presença de testemunhas encorajou-a; começaram a surgir efeitos de voz fortes, os melhores em muitas sessões e, para o final da palestra da Pat, a Jane conseguiu uma projeção para a sala de aula em Boston da turma especial da Pat. Em muitos aspetos, a Jane considera esta sessão uma das melhores de sempre. Para a última parte da sessão, a sua entrega foi muito forte e contundente; muito rápida e enfática e impressionante; os olhos permaneceram fechados na maior parte do tempo, e ela estava mesmo "fora".)

(A Jane tem as suas próprias notas sobre esta sessão, e podem ser incluídas com estas nestes registos. Levou algum tempo a sair do transe no final, facto que atesta a profundidade e eficácia alcançadas. Conseguiu uma projeção legítima para a sala de aula em Boston, e o Seth trata disto até certo ponto na sessão seguinte. A Jane acredita que poderia ter fornecido muito mais material probatório se eu tivesse feito perguntas; mas eu não sabia se devia ou não, temendo quebrar a continuidade.)

(Podem seguir-se mais notas. As notas da Pat estão dactilografadas para inserção aqui.)

(Primeira secção, relativa a Pat Norelli e Brian Houlihan.)

Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Agora. A minha saudação, naturalmente, às nossas amigas. Falarei bastante devagar então, Joseph, para os teus registos.

(“Preferias falar a um ritmo mais rápido?”)

Para mim, faz pouca diferença. Veremos. Deem-nos um momento. *(Pausa.)* Estas são impressões: 3 6. Retomarei isto depois. Há dificuldades bastante sérias envolvendo o homem. *(Quer dizer, o Brian.)* São problemas psicológicos e há uma identificação, por parte da inquiridora (*Pat*) esta noite, uma identificação de natureza forte com o homem. Há aqui uma confusão de identidade, e esta é a base do problema da inquiridora.

Há uma natureza forte e bastante agressiva por baixo da personalidade de superfície da inquiridora, da qual a inquiridora tem medo, até certo ponto, pois, um eu dividido. O homem é passivo e de mente submissa, e dado a uma obsessão com a consideração excessiva pela segurança. Ele procurará sempre segurança, mas gosta de ser objeto de uma perseguição desta natureza.

A inquiridora é obviamente a caçadora. A inquiridora também aprecia a perseguição pelo simples prazer da perseguição. É a perseguição que é importante para ambas as personalidades. A inquiridora ilude-se a si mesma. O objeto da perseguição não é o ponto importante. A excitação envolvida na perseguição é importante, e a energia, a energia vital utilizada, está a ser desviada do seu propósito adequado.

O propósito adequado deveria ser o desenvolvimento do eu e o desenvolvimento de capacidades, e é para fugir a esta responsabilidade que a perseguição foi iniciada. A excitação da perseguição está a ser substituída pela excitação que é exigida e reclamada pela inquiridora — e bem, devido à constituição psicológica da inquiridora.

A excitação, porém, é falsa neste momento. A inquiridora procura um objeto, outra personalidade, quando basicamente acredita que a personalidade é inatingível. A outra personalidade não é procurada por quaisquer qualidades inerentes que lhe pertençam. Serve, antes, como substituto numa demanda que a inquiridora ainda não começou.

A inquiridora está de facto numa peregrinação para encontrar a sua própria personalidade. Não podem substituir alguma outra personalidade, percebem. Funcionaria muito bem, mas não funciona assim.

Há razões definidas pelas quais a inquiridora escolheu a personalidade particular para esta demanda. Tentou-se encontrar um substituto adequado, percebem, e agarrou-se então um conjunto particular de circunstâncias, a fim de dar início ao processo. A inquiridora tem, a nível subconsciente,

consciência dessas capacidades que deveriam ser desenvolvidas na sua própria personalidade, e tenta projetá-las para fora noutro alguém. Depois, percebem, procuram esse alguém, devidamente etiquetado, mas as capacidades e os desenvolvimentos de personalidade têm de ser perseguidos dentro do eu. Não podem correr atrás deles e possuí-los fingindo que pertencem a outra pessoa.

Têm de conhecer a vossa própria personalidade e desenvolver as vossas próprias capacidades, e esta deve ser agora a vossa demanda. Há força de carácter e, de facto, uma determinação bastante impiedosa. Estas podem ser usadas para fortalecer a estrutura e alargar as limitações da vossa própria personalidade. Não estão a desenvolver as vossas capacidades, mas a usar energias vitais na perseguição de algo que, no fundo, não querem alcançar.

Precisam da excitação viva na perseguição, mas essa excitação aumentará de longe quando a vossa energia for usada para aperfeiçoar e desenvolver a vossa própria personalidade. Estão, na prática, a pôr a responsabilidade do vosso próprio desenvolvimento onde ela não pertence e a entregar o vosso destino a outra pessoa, de um modo bem real, para evitar assumirem plena responsabilidade pelo vosso próprio destino.

Temem as porções agressivas da vossa própria personalidade e, em vez de permitirem que essas porções trabalhem a vosso favor, estão a enviá-las numa jornada falsa atrás de um objeto, outra pessoa, com quem não seriam felizes e por quem têm pouco respeito básico.

Telepaticamente estavam cientes da natureza completa da relação do homem com a mãe. Perseguem-no precisamente porque tinham a razoável certeza de que não o teriam, pois foi a busca, repito, que foi importante. É um substituto para enfrentar o vosso próprio destino. É um padrão de vida falso e estão a usá-lo para evitar desenvolver a vossa plena força e estatura enquanto personalidade.

Não seriam felizes com o homem, e intuitivamente dão-se conta disso. A obsessão de o ter cresce precisamente na proporção da vossa realização interior de que não o querem, mas apenas a excitação envolvida em procurá-lo. Têm de pôr fim à procura e enfrentar o eu.

Tens uma estatura plena enquanto personalidade a que não estás a chegar. Há um eu no qual hás de crescer, um eu intuitivo forte, no pleno controlo do seu próprio destino tanto quanto possível. Este é o eu que não podes negar, e este deve ser o objeto da tua procura por agora.

Nem um tal padrão falso te serviria por muito tempo.

O autoquestionamento e as dúvidas começariam a levar-te ao desespero. Tens força interior que te dará o teu próprio sentido de identidade e continuidade. Qualquer segurança interior virá disto. Não podes abdicar, percebes.

Tenho estado a falar bastante seguidamente, Joseph, sem intervalo, pois o meu amigo Ruburt não gosta que eu fale tão claramente, e eu preferiria continuar brevemente.

(*“Força.”*)

Antes de uma pausa. Não tens enfrentado a ti própria e estás a tentar substituir outra pessoa pela parte de ti que não queres enfrentar. Tens estabilidade interior, mas arriskas perdê-la sempre que tentas projetá-la sobre outra pessoa. A excitação envolvida nesta perseguição é algo como a excitação que sentes ao falares com os teus bons alunos. Num caso é o resultado saudável e jubiloso do gasto de energia psíquica. No outro caso é a expressão falsa. É virar as costas e não avançar.

Dar-te-ei de facto uma pausa e continuaremos. Continuaremos se preferires que eu continue.

(Intervalo às 9:07. O ritmo da Jane fora bastante rápido, muito mais do que o habitual; a voz estivera mais grave e mais forte em certa medida, os olhos abertos por vezes e muito escuros. Retoma às 9:24.)

Está na hora de acabares com jogos infantis. Estão a drenar-te a energia e a impedir-te de aprenderes o teu próprio destino. Agora, se tens perguntas, fá-las por favor.

([Pat:] *“Que talentos tenho eu para oferecer ao mundo?”*)

Antes de mais, a capacidade de ensinar é boa, mas está a ser travada e não desenvolvida simplesmente porque estás a usar energia vital de forma falsa. As tuas capacidades como professora não serão plenamente desenvolvidas até reconheces o potencial da tua personalidade.

(O ritmo do Seth foi muito rápido aqui, e perdi algum material. Não lhe pedi para abrandar, tanto no interesse da espontaneidade para a Jane, como porque a Pat estava a gravar a sessão. O Seth disse agora à Pat que ela tinha capacidade de escrita, especialmente para obras históricas, e que se daria bem em escrita e história ligadas ao período Tudor.)

...Dá-nos um momento. (Pausa.) Dar-te-ias bem com personagens masculinas e serias bastante forte na construção de enredos. Deves, acima de tudo, evitar superficialidades, pois usa-las como desculpas. Riste de ti própria e depois pensas que isto significa que não tens de te levar a sério.

Tens a capacidade de desenvolver consciência nos jovens... e de os levar a um ponto de entusiasmo, de acender... talento nada pequeno...

(Perdi mais aqui e desisti por momentos. O Seth falou à Pat sobre questões como amor e casamento, sentir-se só, etc. Por volta das 22h, o Seth falou com a Claire.)

Agora. Vou dirigir-me à nossa outra jovem senhora.

Parece haver uma potencial mudança de interesses para ti, de forma vaga dentro de um período de três anos. Uma mudança de foco, bastante completa e súbita. Isto pode ou não ocorrer devido a outras considerações. Se ocorrer, será o resultado do que parece ser um acaso, não planeado — o

resultado de um encontro numa grande cidade, Nova Iorque, creio, com um homem.

Um J ou A J L, de algum modo ligado aqui.

Mais uma vez, a meta deve ser um desenvolvimento no melhor eu possível. Haverá áreas de contenda com o jovem com quem estás agora envolvida.

(*[Claire:] “O Bill Macdonnel terá algum papel na minha vida?”*)

Nenhum papel permanente, a menos que ocorram mudanças drásticas em ambas as vossas personalidades, e isso não parece possível agora. Há aqui uma ligação psíquica, porém, e a possibilidade foi muito mais forte no passado. As tuas ambições deveriam impedir tal desenvolvimento, e a outra personalidade apercebe-se disso.

(*[Claire:] “Poderá o Robbie ter influência em mudar os meus desejos para o futuro?”*)

Não estará ligado diretamente. Haverá aqui uma ligação muito indireta, mas não é significativa. É possível que o homem venha a ser irmão de alguém que conheces agora, ou que conhecerás então.

(*[Claire:] “Quem trará a mudança?”*)

Tu trarás a mudança. Não te será imposta por circunstâncias exteriores.

(*[Claire:] “Podes dizer-me mais sobre esse A J L?”*)

Apenas uma impressão, que estará ligada nessa altura.

Um momento. (*Pausa.*) Uma festa numa sala grande e um encontro posterior numa sala mais pequena do mesmo estabelecimento. Uma equalização. Os números 4 3 1. Talvez um número de quarto ou uma morada. Não sei. O homem estará ligado a uma organização, ou conhecê-lo-ás primeiro como representante de algum tipo de organização ou gabinete.

Agora fazemos um breve intervalo, e vou dirigir-me aos teus alunos. (22:15.)

SETH DIRIGE-SE À TURMA DA PAT NORELLI DO COLÉGIO DE BOSTON

25 DE MARÇO DE 1967

Bom, meus caros amigos, jamais há justificativa para a guerra, nem para a matança. É verdade que basicamente não existe morte, mas isso não pode ser usado como desculpa no vosso sistema sensorial. Vós criastes a morte no vosso sistema, e dado que a criastes, cabe-vos lidar com ela. Enquanto acreditarem que uma bala possa liquidar um homem, então

competem-lhes não matar. Quando perceberem que uma bala não pode matar um homem, então não PRECISARÃO matar.

Todos vós vivestes antes, e muitos de vós voltarão a viver na forma física de novo. Alguns de vós terminarão com as vossas reencarnações terrenas após esta vida. Há um rapaz numa terceira ou quarta cadeira, de traz para a frente na fila esquerda, junto à parede. Ele encontra-se na sua última encarnação neste sistema.

Todos vós tendes uma só responsabilidade, e essa responsabilidade é para convosco próprios; não necessariamente para vós conforme concebeis ser mas para com todo o vosso ser. É vossa responsabilidade, entendem, desenvolver todas as vossas capacidades. É vossa responsabilidade materializar os vossos próprios potenciais no vosso próprio sistema.

Não sou nenhum espírito malicioso, nem nenhum avozinho perna-longa do mundo do espírito. Simplesmente vivi antes no vosso sistema e no vosso planeta. A menos que tenham lido o material, de pouco adiantará aprofundar-me em quaisquer problemas específicos ou questões, dado que não disporão do conhecimento necessário para tanto.

A única mensagem que lhes posso transmitir com clareza é a de que precisam desenvolver as vossas capacidades. Precisam sondar o vosso lado intuitivo por virem a encontrar muito conhecimento aí. Os livros ajudá-los-ão, porém, o conhecimento maior acha-se enterrado sob as camadas do eu. Todos tendes capacidades, e todos têm obrigações. Ambas provêm de outras experiências tidas noutras vidas. As porções interiores da vossa própria personalidade conhecem os detalhes das vossas vidas anteriores. As capacidades que possuem atualmente foram desenvolvidas em vidas anteriores. Aqueles problemas que não conseguem solucionar ao nível psíquico ou mental, terão que resolver no sistema físico.

Precisarão trabalhar esses problemas dos dados dos sentidos. É por isso que as capacidades no vosso sistema ainda estão a operar dentro dos sistemas de guerra. Não existe céu nem inferno segundo o vosso sistema Cristão. Contudo, se uma personalidade acreditar fortemente na realidade do inferno, durante algum tempo após a morte experimentará a alucinação do inferno, fruto da sua própria criação.

Isso terá uma duração muito breve. Céu e o inferno, na realidade, não passam de representações. Originalmente representavam compreensões intuitivas. Mas nenhum céu ou inferno existem nesses termos. Não existe local nenhum no universo ou em qualquer outro universo ou sistema para eles. Vós criais a realidade segundo as crenças e as expectativas que tendes. Por isso, cabe a vós examinar as crenças e expectativas que tendes com muito cuidado.

As vossas vidas neste momento são o resultado das vossas expectativas íntimas. Se não gostarem das vidas que levam, nesse caso examinem as expectativas que tendes de novo. Alterai essas mesmas expectativas agora, caso seja necessário.

Todas as ideias são, de uma forma ou de outra criadas por vós em termos físicos. Não podem escapar ao resultado de um pensamento, e todas as ideias constituem uma realidade. Influenciam toda a ação e molda-lhes o ambiente físico. Ao ficarem sentados a escutar a minha voz, vós estais todos subconscientemente a formar o ambiente físico da vossa sala de aulas. Vós estais a moldar as cadeiras físicas e o vosso quadro. Vós estais todos a moldar a realidade, conforme a conhecem. Assim, com os vossos sentidos físicos vós estais a perceber aquilo que assim já criastes.

Se não gostarem daquilo que virem, então quem deverão culpar? Porque isso é uma construção vossa, formada enquanto réplica fiel dos pensamentos que têm. Não temos tempo para explicar aqui como isso é feito, porém, no material publicado explicamos isso. Existem certos laços telepáticos que constituem o que designamos por pressupostos base, do que estais telepaticamente cientes. Pelo uso deles vós moldais o ambiente físico suficientemente coesivo de modo que possais todos concordar com aquilo que veem e sentem e cheiram e tocam.

Num certo aspeto é tudo alucinatório, no entanto é a vossa realidade e precisam tratar dela. Se não gostarem dos aspetos do mundo dos adultos, então será melhor que alterem as vossas próprias expectativas já. O mundo em que os vossos pais vivem é um mundo que criaram. Ele existiu primeiro em pensamento, em domínios mentais. Existiu antes de mais como a matéria dos sonhos, e a partir disso geraram o seu universo, e disso fizeram o seu mundo. É o mundo em que vocês atualmente vivem, e se vocês não enfrentarem os seus problemas, se não conseguirem resolver o seu dilema, não será falta sua mas vossa. Por vocês também terem um efeito nisso. Todas as gerações se conformam.

A geração nova acomoda-se, aparentemente impotente enquanto os pais governam o mundo. Mas os jovens impotentes amadurecem, e crescem e tornam-se pais. Tornam-se adultos, mas, e o seu mundo? Que mudanças fazem? Quantos deles, após criticarem os pais, se voltam para dentro deles mesmos para o coração? Quantos exigem que usem os próprios potenciais? Quantos exigirão o melhor deles próprios? E é isso que deveis fazer. Qualquer outra coisa que fique aquém será um desastre. A exploração do espaço interno - essa é a vossa missão. Ela conduzi-los-á a domínios muito mais entusiasmantes do que podeis imaginar. Vós ireis literalmente refazer e remodelar o vosso mundo. Se apenas objetivarem um problema no vosso

universo e ele lhes motivar o desagradado, então voltem-se para dentro de vós próprios, por o terem ajudado a criar.

Podereis mudá-lo em termos físicos se o quiserem. Porém, nenhuma mudança efetiva será conseguida, por voltar a brotar numa nova forma. Todo verdadeiro progresso constitui um progresso mental. Precisais alterar as ideias se quiserdes mudar o mundo. Se quiserem acabar com a guerra, vós próprios precisais mudar. É a ideia da guerra, pois, que precisais combater.

Deparar-se-ão exatamente com aquilo que desejarem deparar-se. Tornarão as vossas vidas exatamente naquilo que quiserem torná-las. As belezas que existem no vosso universo físico são o resultado do pensamento positivo e construtivo.

Quantos de vós vos encontrais doentes? Quantos dos vossos pais se encontram doentes? A doença constitui uma materialização física de uma enfermidade interior. Podereis porventura livrar-vos dos sintomas físicos por meio da administração de medicamentos, porém, a doença voltará a irromper uma e outra vez. Podeis livrar-vos de uma condição dessas apenas descobrindo a razão intrínseca para a sua manifestação, ou a “patologia” interna. E há várias maneiras de conseguirem isso.

Muitas delas já discutimos nas nossas sessões, mas não temos aqui tempo para lhas indicarmos. Veja, onde nada parece existir, por nenhum sítio se encontrar verdadeiramente vazio. Onde parece não existir nada, não existirá qualquer distorção. Dentro desse aparente nada a realidade poderá revelar-se, a realidade poderá evidenciar-se se souberem como examinar. Aquilo que parece estar repleto, aquele espaço que parece estar cheio, é enganador, pois a realidade já se ter dado a uma dada forma rígida.

Tudo quanto puderem ver e sentir e tocar existe na vossa própria realidade, sim, e nela, é legítimo e válido. Também é altamente distorcido, por os vossos sentidos físicos representarem uns mentirosos adoráveis e os traírem constantemente. Eles moldam -lhes a realidade, no entanto a realidade que formam é altamente distorcida, e aquilo que veem, meus caros amigos, não existe e aquilo que tem existência vocês não veem.

Lamento a falta de tempo de que disponho para lhas falar. Também lamento as limitações necessárias que me são impostas por este meio de comunicação. No entanto dirijo-me a vós nos termos do mais profundo afeto. A voz que impreterivelmente precisamos usar infelizmente revela-se aqui destituída de humor, no entanto sou verdadeiramente um homem de humor. Estendo-lhes a todos a minha bênção, por ter bênçãos a dar. Voltem-se para o que os rodeia e para o vosso ambiente. Procurem no vosso meio. Não confiem naquilo que veem.

Ainda me estou a dirigir a vós, estudantes. Vós sois mais velhos do que pensais. Há conhecimento em vós que não percebem possuir, e podeis utilizar todo esse conhecimento. Podeis pensar que tendes 16 anos, e que tenham existido durante um determinado período de anos, e que antes dessa altura não tivessem conhecimento de nada. Podeis olhar de volta para um tempo e não recordar qualquer identidade, e podeis ficar surpreendidos: “Quem terei eu sido então, e como foi que aqui cheguei?”

Contudo, uma porção de vós conhece a resposta e sabe quem sois, e as memórias das vossas vidas passadas não se encontram nos vossos genes ou nos vossos cromossomas, mas na realidade psíquica que molda os genes e os cromossomas. Porquanto a identidade é uma identidade diferente do nome que usais. O mecanismo físico possui efetivamente de cromossomas, porém, esses cromossomas físicos possuem uma contraparte psíquica, e a contraparte psíquica constitui o original; e em vós acha-se a informação codificada que comporta todas as vossas vidas passadas e todo o vosso próprio conhecimento, mas encontra-se enterrada tão fundo dentro de vós que o subconsciente conforme o concebem não chega a perceber a verdade, por o subconsciente conforme o conhecem, com efeito, ser uma coisa muito superficial que contém apenas aquelas memórias ocultas referentes a esta vida.

Mas para além desta vida e antes desta vida, na base da formação desta vida existem identidades e realidades que não estão mortas. A identidade enquanto experiência é íntima. É uma realidade psíquica só que existe em termos eletromagnéticos.

A identidade, o eu que sois, é composto dos eus que foram e, meus caros amigos, dos eus que virão a ser. Aqueles eus que foram ainda têm existência, e os eus que vierem a ser já existem. As vidas que viveram, nos vossos termos, ainda estão a ser vividas. Não existe passado, presente ou futuro.

O tempo conforme o conhecem, constitui uma distorção produzida pela operação dos sentidos físicos. A experiência direta não tem qualquer necessidade do tempo físico. Vós existis agora, ponto final. O passado, o presente e o futuro conforme o conhecem não passam de uma ilusão, no entanto têm a sua existência no momento. Podem influenciar o passado hoje; podem ter recordações do futuro. Podem recorrer ao conhecimento do futuro hoje. Podem alterar o passado amanhã. O vosso tempo é válido unicamente no vosso próprio sistema, mas não particularmente válido. Os sonhos que sonham moldam a vossa atualidade.

Em determinados aspetos encontrais-vos mais despertos quando dormis do que estais quando vos encontrais sentados na vossa sala de aulas

a escutar a minha voz. Os sonhos que têm parecem, para o vosso eu normal do estado de vigília, ilusões. Deverei dizer-lhes o aspeto que as vossas experiências normais do estado de vigília têm para o vosso eu que sonha? Deverei dizer-lhes quais das duas realidades será mais válida e qual a que será menos distorcida? Deverei dizer-lhes onde terão origem as vossas capacidades? Acha, que as vossas capacidades tenham tido origem nesse eu que se sente na sala de aulas? Que terá a fazer a vossa identidade com o eu que lhes escova os dentes? No entanto é certo que estão plenamente despertos quando os lavam, e quando sonham, decerto dirão que estejam a dormir e que a vossa consciência se encontre morta.

Quão morta se encontrará a consciência que dorme, e para onde viajam quando dormem? Quantas milhas percorrem ao dia? Quantas milhas percorrem no sonho? Quantas coisas aprendem num sonho? Aprendem mais coisas num sonho do que aprendem nesta sala de aulas. Chegam a conhecer a vossa identidade no estado do sonhar. Têm experiências mesmo enquanto sonham que são mais reais e mais válidas para vós do que qualquer que tenham com os olhos bem abertos.

O que não quer dizer que não devam manipular o universo físico. Não lhes estou a dizer que devam esquecer as responsabilidades que lhes cabem na vida física. Estou a dizer-lhes que a origem e a capacidade e o poder e a identidade têm origem fundo dentro da personalidade, e que essas origens pouco têm que ver com o eu desperto com que se acham tão familiarizados.

O eu que se encontra sentado na sala de aulas não é o eu que se maravilha no estado do sonho, e o eu que se maravilha no estado do sonhar é, meus caros amigos, muito mais instruído do que o eu que aqui se encontra nesta sala de aulas. Que coisa conhecerá o eu a que chamais a vós próprios? A quem deve dar atenção? Esse eu conhece relativamente pouco. Ele terá porventura 16 anos. De facto, a identidade interior conhece e a identidade interior sabe que conhece. Todos vós vos encontrais no começo, onde incontáveis milhões estiveram.

Se se venderem ao desbarato, irão fazer o seguinte: Dirão: “Eu sou um organismo físico, e vivo dentro dos limites que me são impostos pelo tempo e pelo espaço. Encontro-me à mercê do meu ambiente.” Porém, se não se venderem ao desbarato, haverão de dizer: “Eu sou um indivíduo. Eu moldo o meu ambiente material. Eu mudo e componho o meu mundo. Sou livre do tempo e do espaço. Faço parte de uma mente sã. Sou mais do que aquilo que sei ser, não há lugar em mim em que a criatividade não exista. Eu moldarei o universo físico de acordo com o quadro (imagem) que tenho em mente. Não posso liquidar, porquanto existe apenas vida, e a vida não pode ser liquidada.

Àqueles de vós que alterarem o seu mundo eu direi, pois - escutem - porquanto para mudarem o vosso mundo precisam dar atenção à voz que se faz ouvir no vosso íntimo. Precisam examinar os próprios sonhos que têm. Precisam inspecionar as porções mais recônditas de vosso ser e disso ressurgireis com efeito.

Por as ideias fazerem germinar o mundo e o mundo levará o universo a germinar. A alma que se acovarda é na realidade a alma que acredita ser um ser físico. Ela encontra-se, pois, à mercê de toda camuflagem física. Não percebe ser aquilo que é. Precisa viver no mundo que criou, mundo esse que é infeliz e cruel.

A personalidade humana é livre. Todas as limitações são criadas por ela própria. Se não quiserem ser restringidos, então não criem limitações artificiais. Se quiserem ver através do espaço e do tempo, então não deem qualquer validade às distorções decorrentes do tempo e do espaço. Dificilmente poderão acompanhar os vossos sonhos enquanto os considerarem alucinações. Dificilmente podereis crescer no vosso pleno potencial se pensarem ser uma criatura confinada e restrita pelos limites físicos do tempo e do espaço, para em pouco tempo atingirem a corrosão numa sepultura antecipada e obscena. Se pensarem que seja isso que sejam, então, para todos os efeitos, isso será o que virão a ser! Se, por outro lado, perceberem que não são limitados, que sois parte de Tudo Quanto Existe, então com efeito será como é.

Destruí, pois, esses limites artificiais que definistes para vós próprios, e que aceitastes da parte dos outros. Se quiserem chegar a velhos no vosso sistema, então amadureçam. Não se deixem conduzir à senilidade. Cresçam em sabedoria, porquanto a sabedoria já se encontrar dentro de vós. O eu que vierem a ser já existe. Se perceberem o potencial que têm então descobrirão que já se encontra realizado. Mas, por ora despeço-me de vós e dirijo-lhes as minhas bênçãos, e dou-lhes as boas noites a todos.

27 DE MARÇO DE 1967

NOTAS SOBRE A SESSÃO DE SETH REALIZADA SÁBADO, 25 DE MARÇO DE 1967, PARA A PAT NORELLI, POR JANE ROBERTS

(A sessão foi particularmente interessante de vários pontos de vista, no que me diz respeito.

(A voz do Seth manifestou-se até certo ponto na última parte da sessão dirigida aos alunos da Pat. Embora a voz não fosse tão única — tão grave ou ressonante, como tem sido em algumas ocasiões — foi definitivamente perceptível por vezes durante a sessão e, por vezes, foi bastante impressionante. É a primeira vez em bastante tempo que a voz se manifesta, incidentalmente. Tendemos a desencorajá-la já que, na sua força total, é muito... estranha e provoca comentários entre os nossos vizinhos.

(Na noite da sessão, varreu-me literalmente para o fim e quero fazer estes comentários enquanto o assunto está fresco na minha mente.

(Parece não haver dúvida de que, quando a voz atinge um certo... tom ou intensidade — algo acontece e “eu” estou simplesmente fora disto. Há uma sensação de grande poder a varrer-me para longe. Enquanto isto acontece, não estou em condições de analisar criticamente o meu próprio estado de consciência. Durante esta sessão, pelo menos em parte dela, parecia estar a ver uma sala de aula, presumivelmente da Pat; primeiro olhei para a sala de cima, depois passei para uma posição vertical, à procura de um lugar específico. Aqui o Seth mencionou um rapaz que se sentava ali. Não tenho dúvidas de que, se o Rob me tivesse questionado, teria sido capaz de descrever a sala. Ninguém pediu ao Seth para o fazer e, claro, durante todo este tempo ele falava através de mim com aquela voz dele. Penso, embora agora seja difícil de recordar, que vi um quadro preto bastante longo, talvez a ocupar quase toda uma parede. Estava consciente, embora o Seth não o tenha dito, de que os últimos lugares estavam geralmente vazios.

(Enquanto a voz ressoava para o fim, eu estava naquela sala de aula, certamente não na nossa sala de estar. A projeção emocional, pelo menos, foi muito forte — a falar para aqueles alunos — mas também ocorreu algum tipo de projeção fora do corpo. Simplesmente foi assim: eu não conseguia comentar criticamente na altura. Tive alguma dificuldade em sair do estado de transe e não me apercebi criticamente do facto da projeção até estar deitada na cama.

(Surgem, claro, perguntas instantaneamente. Quem estava na sala de aula, o Seth ou eu? Uma possibilidade é esta: sou eu que faço a projeção enquanto o Seth controla o corpo físico e usa as cordas vocais para falar e dar expressão verbal. Eu seria o mecanismo percetivo noutra local enquanto ele traduziria as percepções e as comunicaria em termos físicos. [Num estado usual fora do corpo seria extremamente difícil para mim, sozinha, comunicar as minhas percepções até regressar.])

(Não há dúvida de que o Seth “se manifesta” muito mais claramente quando a voz “se liga”. Quando está no seu auge, tem uma qualidade estranha e distante, como se viesse de muito longe; e uma espécie de ondulação peculiar. Ganha um poder tremendo, mas isto parece acontecer quando se atinge um certo volume. O volume é algo incómodo nas nossas circunstâncias, vivendo num apartamento. Talvez este volume seja um método que escolhi subconscientemente para “ligar” o Seth? Se assim for, certamente que nós os dois poderíamos encontrar outro método ou pelo menos controlar o volume. Continuando a permitir a estranha acumulação de energia que precede o “clicar”?)

(Estava num transe muito profundo na noite da sessão, que se aprofundou à medida que a sessão avançava. Se o Rob tivesse feito perguntas sobre a sala, ou se alguém tivesse voltado a perguntar pelo apelido de solteira da mãe do jovem [perguntado antes], tenho a certeza de que o Seth poderia ter dado a informação — que “eu” teria ido atrás dela enquanto ele falava e controlava o mecanismo. Eu não estava em condições de oferecer ou, de facto, de fazer qualquer julgamento crítico na altura, e o Seth estava totalmente focado em transmitir a mensagem aos alunos, no entanto. Pensei, quando a sessão acabou, em sugerir que fizéssemos isso, mas estava exausta, apesar de saber que estava com dificuldades em sair do transe.

(Sem dúvida que o desejo da Pat por uma sessão especial foi um ponto contributivo. Reagi ao desejo dela; tal como reajo negativamente a alguém que seja muito crítico. Tenho de reagir à necessidade, neste sentido — e parece necessário, neste momento, que me sinta perfeitamente confortável e segura antes de permitir que o Seth assuma o controlo tão completamente. No entanto, não é o facto de o Seth assumir o controlo que me preocupa, pois quando ele assume não tenho medo nenhum. Suponho que seja a ideia de me deixar vulnerável à crítica.

(Uma nota aqui: o Seth disse à Pat que ela tinha um forte interesse por história que poderia ser utilizado juntamente com uma capacidade de escrita; depois a Pat disse-nos que se licenciou em história na

universidade; tomámos como garantido que era em inglês, já que ensina inglês.

(O Seth mencionou um rapaz que se sentava no terceiro ou quarto lugar de uma fila específica também indicada — se, por exemplo, tivesse dito quinto ou sexto, isso teria sido errado, pois a Pat disse-nos que os alunos só se sentam até quatro lugares.

(Mais uma vez percebo que bons assistentes são, de facto, uma mais-valia; maus assistentes seriam, claro, aqueles que distraiam ou fossem contra mim, suponho — ou aqueles que exigissem demasiado. O desejo, por parte de um assistente, de saber ou compreender é uma ajuda.)

SESSÃO 330

27 DE MARÇO DE 1967

(Esta sessão também foi curta, principalmente porque a Jane ainda estava constipada. A constipação, no entanto, não interferiu com o facto de ter dado uma sessão longa e muito bem-sucedida no sábado à noite para a Claire Crittenden e a Pat Norelli. Ver a sessão 329 e as nossas notas.

(Durante essa sessão, a Jane conseguiu efeitos de voz notáveis, um transe muito profundo e uma projecção para a sala de aula em Boston da turma especial do ensino secundário da Pat. Através dela, o Seth fez uma excelente palestra para a turma da Pat. A Jane considera a sessão, de muitas formas, como uma das melhores até agora, e queria que o Seth comentasse a sessão esta noite.

(Tinha, em particular, algumas perguntas sobre a projecção e a voz. (Falou durante toda a sessão com os olhos fechados. A voz estava bastante mais grave também, mas não alta; e era muito lenta, com muitas pausas.)

“Ora bem, boa noite.”

(“Boa noite, Seth.”)

“Houve uma projecção legítima envolvida na nossa última sessão.

Ora bem. O Ruburt fez a projecção, com a minha ajuda. Eu forneci parte da energia necessária, mesmo enquanto falava através do organismo dele.

O volume da voz é o resultado de uma acumulação de poder, ou energia. Este é um método peculiar do Ruburt. A certo ponto, o poder torna-se utilizável noutros termos. Está, claro, sempre disponível durante as sessões se as circunstâncias forem boas.

O volume exerce uma espécie de cadência cinética que resulta em certas alterações eletromagnéticas e bioquímicas. Neste caso, ele está a rodar o botão para a potência máxima, por assim dizer, e por um tempo não sabe como ajustar ou manipular os controlos.

Tenho quase a certeza de que consegui um excelente contato emocional com os alunos a quem me dirigi; pois a projeção não foi apenas dos mecanismos de percepção do Ruburt, houve uma forte projeção psíquica da minha parte.

Quando ele está ausente em tais empreendimentos, os nossos resultados são excelentes.

Tenho a impressão das iniciais H R, relacionadas com essa sessão. Poderia ter-vos dito mais se me tivessem perguntado, mas outra voz poderia ter quebrado a ligação. Qualquer questão desse tipo deve ser inserida o mais discretamente possível nessas circunstâncias.

Também temos a impressão de N A R ou N A I R. E ainda a impressão de uma mulher que era viúva.

A projeção foi de facto informativa, uma vez que o corpo físico do Ruburt foi capaz de falar clara e concisamente enquanto a consciência viajava para outro local.”

(E, nesse momento, a voz da Jane estava no seu auge — muito alta, forte e poderosa. Os olhos dela estavam fechados. Estava sentada, inclinada para a frente na cadeira, na maior parte do tempo.)

“Também consegui transmitir a minha própria mensagem de forma mais clara deste modo.

Parece haver alguém nessa turma, ou ligado à nossa professora, cujas iniciais são LBJ, ou que tem o nome de um presidente. Ou talvez uma ligação com Washington — o local, creio eu.

Podes fazer uma pausa e continuaremos.”

(9:20 às 9:33.)

“Ora bem. O Ruburt aprendeu várias coisas durante a nossa última sessão.

Começou a dar passos que nos servirão bem no futuro, e tu aprenderás quando deves questioná-lo e quando deves permanecer em silêncio.

Quando se mencionam detalhes específicos nessas circunstâncias, podes sondar gentilmente: ‘Há mais?’ ou ‘Vês mais?’ ou ‘Estás aí?’ Estas são perguntas gerais e permissivas que lhe dão margem de manobra. Ele

pode continuar a sondar o ambiente à sua maneira. Mais tarde, perguntas mais específicas podem ser feitas quando estiver mais seguro de si.

Assistentes são, regra geral, de facto uma mais-valia, pois o impulso emocional fá-lo permitir-me maior liberdade. Ao fazer isto, desenvolve também as suas próprias capacidades. A prática é inestimável. Obviamente será difícil avaliar um bom assistente antes do facto, a menos que o Ruburt siga as suas próprias intuições.”

(Longa pausa, olhos fechados.)

“No futuro, talvez possamos dar-te alguns outros detalhes sobre a existência da tua amiga e o ambiente diário dela.”

(Referindo-se à Pat Norelli.)

“Vamos encerrar esta sessão, mas teremos uma sessão completa na quarta-feira.”

(“Posso fazer uma pergunta?”)

“Podes.”

(“A Jane quer saber se já pode usar ténis.”)

“Ele pode, de facto, se acreditar que pode.” *(Ver sessões 316 e 318.)*

“A identificação original enfraqueceu consideravelmente agora. Ele sabe o que é necessário, a concentração intensa no seu trabalho. Tens mais alguma pergunta?”

(“Ela pode usar camisolas pretas?”)

(Pausa.) “Estas podem ser usadas.” *(Pausa.)* “Ele não deve, no entanto, usar nenhuma das camisolas da mãe dele.”

(“Porque é que a Jane não se sente tão bem hoje?”)

“Ele não está a concentrar toda a sua energia no trabalho. Obviamente, em circunstâncias normais, isto não teria tais efeitos. Tens mais alguma pergunta?”

(“Não.”)

“Os meus melhores votos para ambos, e boa noite.”

(“Boa noite, Seth.”)

(Fim às 21:45. Os olhos da Jane mantiveram-se fechados durante toda a sessão. O ritmo lento acelerou um pouco depois da pausa.)

SESSÃO 331

3 DE ABRIL DE 1967

(Na noite passada, a Jane teve vários sonhos reveladores, mas ao acordar não conseguiu recordar-se de pormenores. Pensou que envolviam projeção, juntamente com outros tipos de informação, e ficou bastante aborrecida por não se lembrar deles. Queria, sem dúvida, que o Seth comentasse estes sonhos esta noite.)

“Boa noite.”

(“Boa noite, Seth.”)

“Ora bem. O Ruburt recebeu, sem dúvida, informação em várias projeções a partir do estado de sonho, no início desta manhã.

No entanto, não ativou as suas faculdades críticas, e por isso está conscientemente inconsciente das experiências e da informação. Estiveram envolvidas três projeções. Eu fui o seu guia. Teremos de discutir esta informação, à nossa maneira, para que possas estar conscientemente consciente dela.

Existem muitas partes do eu, como sabes. Elas assumem uma forma que é visível dentro da sua própria dimensão. Estas partes do eu existem todas em simultâneo; em vários estágios de consciência tornas-te consciente de outras partes do eu, e um Eu identifica-se com uma ou outra delas.

Quando a consciência deixa o corpo, identifica-se com uma dessas partes e viaja na sua forma. Cada forma, incorporando certas características de identidade, tem o seu próprio ambiente. As suas capacidades permitem-lhe operar em dimensões específicas.

Uma forma pode de facto servir, e depois a consciência pode projetar-se para fora dela, para uma nova forma que esteja familiarizada com outras dimensões. Na experiência do Ruburt, foram usadas três formas diferentes. Ele falou, a propósito, com o Padre Trainor e com a Lizzie Roohan em conjunto, enquanto estava na segunda forma. Depois foi guiado por mim para uma dimensão mais profunda da realidade, na qual usou a sua terceira forma. Deves lembrar-te de que todas estas partes do eu existem ao mesmo tempo, e que o eu interior total as conhece como parte da sua própria identidade.”

(A Lizzie e a mãe dela partilhavam a casa de duas famílias em Saratoga, NY, com a Jane e a mãe dela.)

“A consciência, tal como se manifesta individualmente, adota simplesmente várias imagens, embora algumas delas não sejam físicas nos teus termos. Não há nada de estranho nisto, pois na vida física existe a diferença clara entre a forma corporal da criança, do jovem adulto e do homem idoso. Não consideras isto estranho, nem pensas nisso como três formas separadas, percebes.

No primeiro estágio, o Ruburt projetou-se através da realidade física e viu personalidades que tinham morrido muito recentemente em termos físicos. Agora, é muito difícil dizer-te simplesmente o que acontece na morte física, pois as condições variam consideravelmente, dependendo do indivíduo; as suas capacidades e crenças determinarão em grande parte o que acontece nesses termos.

Uma personalidade pode ou não ter consciência do facto da morte física, por exemplo. Literalmente, pode ou não encontrar-se num ambiente aparentemente físico. No entanto, estará numa forma, e assim também se verá a si mesma.

Terá uma percepção física aparente. O aparelho sensorial, supostamente exclusivo do corpo físico, será muito mais apurado, mas não será determinado por mecanismos físicos. A forma será produzida diretamente pela ideia, mas será uma forma definida em termos objetivos.

Em condições normais, não será percebida por aqueles que ainda estão em forma física. Esta forma é muito semelhante à forma na qual projetas, mas a forma na qual projetas não está verdadeiramente completa, pois tem de haver alguma divisão de vitalidade para que a existência física se mantenha durante episódios fora do corpo.

Uma vez que estes eus existem simultaneamente, é então possível que a consciência entre, ou na verdade forme, tal imagem, passe por experiências dentro do padrão característico de realidade, e depois se projete para outra imagem. Em todos os casos, a consciência forma a imagem. Quando a consciência muda, ou viaja em certas frequências, muda automaticamente de forma. É, de facto, possível estar envolvido com mais de uma forma ao mesmo tempo, como numa projeção usual.

Podes entrar num estado de transe em qualquer forma, percebes. O factor tempo é importante quando projetas a partir da imagem física. Torna-se menos importante quanto mais te afastas da forma física. Como todos estes eus são simultâneos, também é possível projetares-te para uma das tuas próprias identidades passadas.

Podes fazer uma pausa e continuaremos.”

(Pausa às 21:33. O ritmo da Jane tinha sido bastante lento, os olhos maioritariamente fechados. Retomou a um ritmo mais rápido às 21:41.)

“Qualquer psicologia real deve ter em consideração todos estes níveis do eu, pois o eu orientado fisicamente que conheces é em grande parte formado pelo eu subjetivo, do qual sabes tão pouco.

As personalidades sobreviventes podem reconhecer um projetista terrestre, pois a forma não está totalmente materializada nos seus termos. Muitos de vós, enquanto projetais, aconselhas e ajudas aqueles que acabaram de morrer em termos físicos.

O eu consciente não tem consciência disto. Instruí o Ruburt no procedimento na noite passada. Um homem do Kentucky, uma mulher do Vermont e um índio do Quebeque estiveram envolvidos.

(Hesitante:) Que—a—mac... Quymire *(foneticamente)* foi um nome. Um professor.”

(“Como se soletra isso?”)

“Q-u-a-i-m-e-y-e-r.” *(Pausa.)*

“O Ruburt não era suposto lembrar-se dos episódios conscientemente, apenas tornar-se consciente da sua existência como um primeiro passo. Em breve ele reterá conhecimento consciente deles.

Ele é mais audaz nas suas projeções do que tu, Joseph.”

(“Sim.”)

“Particularmente quando está no estado de sonho, assim chamado. Tu tens tido uma desconfiança característica da fantasia, percebes, que se estendeu mesmo ao teu conhecimento dos sonhos; e um medo de te lançares para longe do reconhecível. No entanto, isto está a diminuir.

O Ruburt avança de forma exuberante, sobretudo durante o sono, quando o ego está em silêncio.

Agora, quando deixas uma forma por outra, é claro que é no estado de transe. Isto aplica-se a outras formas para além da física. Podes olhar para trás e vê-la como uma imagem morta de ti mesmo, percebes. Alguns indivíduos, na sua primeira forma astral, veem os seus corpos físicos como imagens mortas de si mesmos e ficam assustados.

Praticamente falando, três outras formas estão disponíveis para ti em projeções além da física, embora outras sejam teoricamente possíveis. Escusado será dizer que a consciência trabalha tanto de noite como de dia, e que todas as experiências se tornam parte do eu interior total.

Estes vários eus projetores aparentemente separados são, claro, partes do mesmo. Agora, existem de facto aulas onde os recém-falecidos são instruídos. Eu costumava ensinar algumas destas. Frequentámos uma dessas aulas na noite passada. O eu físico, tal como o conheces, para efeitos físicos dificilmente precisa de se preocupar com estas questões.

No entanto, essa parte não estará sempre orientada fisicamente, e assim a sua consciência torna-se consciente de certas outras realidades. A um nível, as tuas religiões tentam explicar tais assuntos.

Temos falado de eus ascendentes nos teus termos. Nos teus termos, há também, claro, eus descendentes, na medida em que cada átomo e molécula tem a sua própria consciência e contém todas as características inerentes à própria consciência. É individualista, contém qualidades que chamas de qualidades de personalidade. Adota forma, ganha experiência e desenvolve-se através do cumprimento de valor.

A projeção pode ocorrer então nesses termos ou direções também. No entanto, isto é muito mais difícil e de natureza totalmente diferente. A consciência que normalmente se projeta numa experiência fora do corpo não poderia, na prática, projetar-se num único átomo. As realidades são demasiado diferentes.

Pode ocorrer um tipo de projeção, mas nunca uma projeção completa deste tipo. Um fragmento pode projetar-se, percebes, mas um átomo não poderia conter toda a consciência projetora de uma mente humana adulta.

Podes fazer uma pausa e continuaremos.”

“Tal como as conheces, as tuas personalidades físicas são personalidades projetadas a partir do eu interior total. Mas os fragmentos projetados em si, percebes, não vêm e vão sem serem afetados; eles crescem, amadurecem e desenvolvem-se, de facto, outras partes do eu, em extensões contínuas. Não existem projeções sem saída.

A personalidade física, uma projeção de um eu interior total, desenvolve-se para mais do que era e tem experiências que o eu interior não poderia ter senão nessas circunstâncias particulares.

As tuas projeções noturnas contam a teu favor. A maioria de vós é melhor do que imagina, a fazer o bem noutras dimensões mesmo que, dentro da realidade física, possa não se sair tão bem. Muito disto foi explicado ao Ruburt ontem à noite.

Antes que me esqueça: existem muitas razões pelas quais a tua casa se tornou o centro de um pequeno grupo, mesmo que os membros mudem.

Estás a ajudar estas pessoas. Elas vêm e levam o que são capazes de levar, e depois partirão. Mas sairão transformadas para melhor.

O Ruburt não deve exigir mais delas, pois é necessário que ambos deem desta forma, e para este tipo particular de dádiva não se pode exigir agradecimento. A dádiva é para vosso benefício tanto quanto para o deles. Se não fossem capazes de dar, então o vosso conhecimento teria menos valor.

Não vejo razão para entrar em pormenores sobre as várias personalidades que aqui se reúnem, mas se alguma vez estiveres realmente interessado, posso fazê-lo para ti.

Agora, nas projeções, encontras indivíduos tal como na vida física, e fazes amigos que se interessam pelo teu bem-estar. Talvez mais tarde te tornes mais consciente de alguns deles.

A informação sobre a Malba que recebeste do teu correspondente era legítima. Ela está agora noutro plano de realidade, e está muito bem.

A menos que tenhas outras perguntas, vamos encerrar a nossa sessão.”

(“Acho que não.”)

“Os meus mais calorosos votos para ambos, e uma afetuosa boa noite.”

(“Boa noite, Seth.”)

(22:37. O ritmo da Jane foi muito mais rápido na parte final da sessão. Os olhos estiveram maioritariamente fechados; a voz, normal.)
(Ver as notas da Jane sobre a Malba na Sessão 16, Volume 1.)

SESSÃO 332

5 DE ABRIL DE 1967

(O Bill Macdonnel assistiu à sessão. Mais cedo tinha perguntado se o Seth poderia falar sobre os seus problemas de saúde.)

“Boa noite.”

(“Boa noite, Seth.”)

“Boa noite ao nosso amigo, o Mark.” *(Mark é o nome de entidade do Bill.)*

([Bill:] “Boa noite.”)

“Uma nota preliminar, Joseph. Os acontecimentos desta noite dificilmente foram uma coincidência. A jovem que não conhecias está com sérias dificuldades, e a menos que o seu modo de operar mude, haverá

circunstâncias verdadeiramente trágicas. Há uma instabilidade emocional e psicológica ali. A noite aqui ofereceu alguns momentos de paz.

Agora dá-nos um momento, por favor.

Há uma dificuldade na terceira e sétima vértebras do nosso amigo, o Mark, a causar pressão.” (*Pausa.*) “Uma aplicação constante, em vez de demasiado espasmódica, ao seu trabalho é necessária. Ele trabalhará sempre de forma rápida e intuitiva, o que é benéfico e característico dele. O pensamento e o planeamento podem ser utilizados, no entanto, quando não estiver a trabalhar bem. O pensamento e o planeamento revelar-se-ão mesmo no trabalho intuitivo.

A sua série das pessoas é um passo para outra coisa, um bom e necessário passo do qual um novo desenvolvimento amadurecerá. Deve ser levada até ao fim, pois abrir-lhe-á novos desenvolvimentos. O material dado anteriormente para esta personalidade continua a aplicar-se. As capacidades psíquicas são consideráveis. Nas condições atuais, no entanto, dificilmente as utilizará totalmente.

Há uma incapacidade de gerir a sua própria energia. Por vezes, a sua própria energia assusta-o, e depois parece abandoná-lo completamente. Aqui, no entanto, ele é que a abandonou, pois sucumbe facilmente a sugestões negativas. Porque é sensível a vários elementos, também absorve o ambiente e sugestões como uma esponja, e ainda não aprendeu a proteger-se.

Em períodos difíceis está quase completamente vulnerável a sugestões negativas, de modo que estas operam através do seu próprio sistema psíquico e físico. Nesses momentos, deve frequentemente dar a si mesmo a seguinte sugestão: ‘Reagirei apenas a sugestões construtivas.’ Podes fazer uma pausa e continuaremos.”

(*Pausa às 21:28.Retomada às 21:35.*)

“Agora, ouve-me. Quando te vires a enfrentar tais imagens negativas na tua mente e a projetá-las para o futuro, deves, de imediato, apagar mentalmente essa imagem e substituí-la por uma imagem construtiva, vendo-te, por exemplo, sentado a comandar uma sala bem organizada.

Isto deve ser feito imediatamente, em cada ocasião e em todas as circunstâncias semelhantes. Este exercício apagará, de facto, a imagem negativa anterior.”

(*[Bill:] “Sala bem organizada?”*)

“Deves apagar mentalmente a imagem negativa, por exemplo. Se pensares que amanhã o Johnny F vai portar-se mal na sala de estudo, deves, na tua mente, substituir isso pela imagem do Johnny F a portar-se muito bem. Em primeiro lugar, se imaginares que um aluno em particular se vai portar mal, estás automaticamente a enviar-lhe uma mensagem telepática nesse sentido. Se ele for altamente suscetível à sugestão, executará as sugestões que lhe deste.

Joseph: abrandá-me quando for necessário.”

(“*Sim.*”)

“Quando substituis isso por um pensamento construtivo, estás a enviar essa sugestão construtiva, à qual ele também reagirá. Sempre que te vires na tua mente como doente ou vacilante, deves imediatamente apagar essa imagem e fazer um esforço para, em vez disso, te veres numa imagem mental como saudável e forte.

Tais imagens afetam todo o teu sistema físico através da produção de hormonas e substâncias químicas. Sugestões, quer te sejam dadas quer sejam dadas por ti, criam uma situação emocional que afeta automaticamente a produção de hormonas e substâncias químicas.

Eu disse-te para dizeres a ti mesmo: ‘Reagirei apenas a sugestões construtivas.’ No entanto, se te vires a alimentar uma sugestão negativa, então deves imediatamente contrariá-la, substituindo-a por uma construtiva.

Isto pode ser comparado, e corretamente, a erros numa pintura. Quando estás num estado mental negativo, afetas automaticamente os outros com quem te encontras, de forma negativa. Depois reages ao comportamento deles e fechas o círculo. Ora, isto leva a um ambiente emocional altamente carregado, que é a causa das depressões de que falaste.

Quando se atinge o auge, a autocomiseração controla as tuas emoções de tal forma que parece não haver saída. Num estado de autocomiseração há, de facto, um luxo quase perverso, o luxo do desespero, pois o desespero diz: ‘Não há nada que eu possa fazer’, e alivia-te de qualquer responsabilidade de mudança. Isto aplica-se não só a ti mas a tal estado em geral. Tornas-te incapaz de sair de ti mesmo, mesmo ao ponto de não conseguires usufruir de pequenos prazeres e, pouco a pouco, parece que toda a alegria te é retirada até não restar nada além de desespero.”

“Tudo isto é causado pela acumulação de sugestões negativas e de pensamento negativo. Elas acumulam-se até que já não consegues suportar

mais. No estado natural das coisas, no entanto, mais cedo ou mais tarde, alguma sugestão positiva, fortemente carregada, começa então a limpar o ar emocional.

No passado, tinhas de esperar por isto, pois não sabias como combater a situação de outra forma. Podes fazer uma pausa e continuaremos. Se o Ruburt está cansado, o meu amigo Joseph, eu estou, de facto, a sentir-me muito bem.”

(“Ótimo.”)

“E terei mais a dizer-te sobre esta noite e as circunstâncias anteriores, que não compreendes.”

(Pausa às 21:50. O Bill concordou com a análise do Seth. Foi-se embora no intervalo, pois estava cansado. O ritmo da Jane estava rápido, a voz mais grave e mais alta do que o habitual.)

(Retomada da sessão às 22:12.)

“Ora bem. O Ruburt estava consciente da reunião desta noite ainda esta tarde. Sentiu-se encurralado, incapaz de escapar a uma situação indesejada, e aqui, as dificuldades nos pés. Vocês os dois ainda não compreendem isto, por medo. Não sei se esta é a noite certa para tentar tal discussão. O vosso propósito é ajudar os outros.

O desenvolvimento do teu Eu e identidade fortalece-se e desenvolve-se à medida que ajudas os outros. Ajudas os outros através do teu trabalho. Este Eu não é ameaçado quando ajudas os outros. É ameaçado quando pensas que está ameaçado.

Não te tornarás um capacho, à inteira mercê dos outros. Isto é o teu medo a falar. Em vez disso, serás revigorado e fortalecido, pois a gratidão interior deles enriquece a tua própria atmosfera.

Quando isto for compreendido, os outros não se aproveitarão de ti. O Mark queria assistir a uma sessão, e o Ruburt não o incentivou. Tornas-te mais forte à medida que ajudas os outros. O Ruburt sentiu-se ressentido e encurralado, privando-se assim dos benefícios legítimos que deveriam ter resultado dos encontros da tarde e da noite.

Agora podes fazer uma pausa ou encerrar a sessão, como desejares.”

(“Vamos fazer uma pequena pausa.”)

(22:21. Pausa.)

(22:29. Retomada da sessão.)

“Quando ajudas os outros à tua maneira, ajudas e reforças o Eu. Desenvolves as tuas próprias capacidades e, ao fechares-te aos outros,

fechas-te a ti mesmo. Ambos parecem recear que todo o vosso tempo seja consumido, ou que fiquem à mercê dos outros se cederem sequer um pouco. Esta alternativa existe apenas nas vossas mentes, pois os outros mostrarão tanto gratidão como consideração, e as vossas capacidades aprofundar-se-ão e amadurecerão, e o dom de empatia será intensificado.

A sensibilidade acrescida mostrar-se-á no vosso trabalho, e a flexibilidade ajudar-vos-á de muitas formas. Ajudar e ressentir-se de ajudar é pior para vós do que não ajudar de todo, pois ficam privados de tempo sem benefício algum.

Agora, isto é o principal que queria dizer-vos esta noite. Sem cooperação e disponibilidade totais, então permitir-vos-eis sucumbir aos problemas que os outros vos trouxerem. Com a disposição de ajudar, elevam-se acima dos problemas deles e dos vossos, e são beneficiados de outras maneiras.

Acredito que as duas raparigas acabarão por se separar, em qualquer caso. A relação não é particularmente boa para nenhuma delas, e faz vir ao de cima as suas fraquezas em vez das suas forças. Poderia continuar, mas encerrarei a sessão por consideração para convosco. A estante é uma boa adição, a propósito. Os meus mais calorosos votos para ambos e uma afetuosa boa noite.”

(“Boa noite, Seth.”)

(Fim da sessão às 22:35.)

(A esta altura, o ritmo da Jane estava mais lento e mais suave. Estava bastante cansada. As pessoas referidas na sessão chegaram às 16h e ficaram até às 21h. A Jane ficou surpreendida por verificar que o Seth estava ‘fresco como uma alface’ e poderia facilmente continuar mais uma hora, quando ela estava tão exausta.)

SESSÃO 333

10 DE ABRIL DE 1967

(A Barbara Ingold e o John Bradley assistiram à sessão. Na noite anterior, domingo, 9 de Abril, o Seth falou brevemente com a Barbara e convidou-a a assistir à sessão desta noite.)

“Agora, boa noite.”

(“Boa noite, Seth.”)

([John:] “Boa noite, Seth.”)

“E sejam bem-vindos, o nosso amigo Philip.”

(Philip é o nome de entidade do John Bradley.)

“Dou as boas-vindas, claro, ao nosso novo convidado.” (Com humor:)

“Farei, de facto, o papel de anfitrião esta noite.”

(Voz mais alta que o habitual; olhos, no entanto, maioritariamente fechados.)

“As coisas correrão, Philip, tal como disse que correriam. O encontro dos cinco terá algumas repercussões que talvez agora não te sejam evidentes.

Dá-nos um momento, por favor.” (Pausa.)

“Uma decisão será tomada noutra cidade, não em Chicago, que chegará a este estado, dizendo respeito, claro, à tua santa companhia (novamente com humor), à qual prestaste tal voto de fidelidade. A tua lealdade espanta-me.” (Sorriso, olhos fechados.)

“Parece haver um S G ligado às repercussões do encontro dos cinco. Um deles é dado a ler livros, embora não tenha um bar portátil no carro.

Maio ou Junho, dia 4 ou 5, o início de Maio ou Junho, também está ligado aqui, e um dos homens dos cinco iniciará uma nova empreitada, creio eu, com um tipo de mercadoria completamente diferente; tendo alguma, embora talvez distante, ligação com tecidos.

Falo primeiro ao nosso Philip, pois ele é de facto um convidado tão fiel e divertido, de quem gosto bastante. Isto não me impedirá, no entanto, de falar abertamente contigo no futuro quando for necessário, tal como foi necessário numa ocasião no passado.”

(Referindo-se ao incidente da Jane Fleming em *The Elms*, em *Elmira Heights*; coberto na Sessão 204, Volume 5 de *The Early Sessions*.)

“Dá-nos um momento, por favor.” (Pausa.)

“O nosso novo convidado: século XV, com um itinerário algo estranho, da Holanda para a Turquia. Um homem. Envolvido em ocupações

que o levavam de cidade em cidade, de vila em vila. Algo relacionado com partituras musicais.

Ele conseguia escrever música. Parece que roubava partituras e as vendia a compositores reconhecidos.” (*Pausa.*) “No entanto, essa atividade dificilmente o enriqueceu. O pai dele é músico.

Mandaven...” (*procura.*)

(“*Como se soletra isso?*”)

“M a n s d a v e n s, o apelido.” (*Pausa.*) “O primeiro (*gesticulando*) T a n z. 1487, 1535, morrendo na Turquia. Três filhos e uma esposa que era alemã. A personalidade então irresponsável mas cheia de alegria, com algumas características efeminadas de uma vida anterior do século IX.” (*Pausa.*) “Uma tendência então para fugir dos problemas e um medo de se estabelecer num só lugar.”

“Um talento musical mas sem a disciplina ou o desejo de aperfeiçoar o dom. Uma série de pequenos crimes e uma morte violenta como resultado direto de empreendimentos comerciais.

Foi arrastado, de certa forma, por uma revolta nacional; uma personagem secundária nisto, seguindo soldados, em busca de partituras de baladas.

Podes fazer uma pausa e continuaremos. Vou estar a ouvir a vossa conversa social e posso fazer os meus próprios comentários quando tiver tempo.”

(21:16. *A Jane referiu ter imagens de letras em bloco, como nos blocos infantis, ao dar os dados sobre o nome Tanz Mansdavens.*)

(*O John Bradley esteve recentemente numa viagem de negócios a Chicago. O encontro dos cinco refere-se a um grupo de cinco executivos da Searle Drug, empregador do John.*)

(*Durante a pausa, a Barbara comentou que não gostava de ‘nenhum’ alemão e que não tinha qualquer habilidade musical.*)

(*Retomada às 21:28.*)

“A habilidade musical foi mal utilizada, e por isso já não é dominante, percebes.

Estiveste separado da tua esposa durante muitos anos, e não se davam bem. Ressentias-te dela como te ressentirias de qualquer mulher. Se me permites, ela era, na realidade, mais homem do que tu, e os alemães, para ti agora, ainda representam uma masculinidade arrogante.

Ora bem.” (*Pausa.*) “Final do século XVII. China. Novamente como homem. Desta vez em circunstâncias muito pobres, mas de índole algo moral. Da mais baixa classe de mercadores, negociando contudo com estrangeiros numa cidade fronteira, um posto avançado.

Seguidor de Hay Chi-Chu (*minha interpretação fonética*), que era uma combinação de proscrito-comandante e mercador para os estrangeiros que viviam nas montanhas; um posto avançado a noroeste, onde nevava severamente no Inverno.”

(*Pausa.*) “Eras membro de um bando de tais homens, negociando de forma suficientemente honrada com mercadorias, mas isolado do fluxo principal de empreendimentos civilizados. Um encontro Manchu aqui, com hordas vindas de outro país cerca de cinquenta anos antes, os seus descendentes ainda a viverem nas passagens de montanha.

Havia um elemento espiritual bastante natural na cultura, e aprendeste e crescestes com ele.

No século passado, viveste neste país, em Oklahoma. 1831—1876, como mulher. Uma vila então de 5100, agora perto de 4500(0). Porção sudoeste do estado, nome Nigar, N i g a r (*soletrado*).”

(*“Podes dar-nos o nome da vila?”*)

“Começa com um P ou B e termina, creio eu, em a r a. O nome pode ter sido alterado. A palavra ‘alto’ ligada ao nome da vila.”

(*[Barbara:] “Queres dizer alto, a l t o?”*)

“Exatamente. Podes fazer uma breve pausa e continuaremos.”

(*21:40. A voz da Jane esteve bastante alta durante toda esta parte, embora o ritmo fosse algo lento e os olhos estivessem fechados a maior parte do tempo. Ela disse ter tido a sensação, enquanto dava os dados, de que ‘alto’ estava de alguma forma ligado à palavra ‘baixo’. Musicalmente, por exemplo, alto significa agudo.*)

(*Durante a pausa, uma verificação rápida num atlas rodoviário mostrou a vila Altus, no canto sudoeste de Oklahoma. A sua população varia entre 5.000—10.100, segundo o símbolo usado. Não tivemos tempo de investigar os dados P ou B a r a em ligação com a vila.*)

“Aqui encontramos agora, contudo, uma personalidade bastante rígida, com muitos preconceitos, dada a interpretações literais.

Há, contudo, uma curiosidade que é altamente redentora, mas não existe um padrão bem estabelecido que tenha sido desenvolvido, pelo qual a personalidade possa consistentemente aprender e crescer. A rigidez torna-

se demasiado exigente e o impulso para a liberdade é vigorosamente combatido.

Há uma tendência para a dependência excessiva, equilibrada por um desdém em relação àqueles que são demasiado dependentes. Existem ainda alguns conflitos operantes da existência do século XV, com o resultado de que o masculino é idealizado de tal forma que o homem real fica aquém por comparação.

Há mais material aqui que daremos numa data posterior.

Há, por um lado, medo de exigir e, por outro, uma tendência para exigir demasiado em relações pessoais em que o outro sexo esteja envolvido. Não há um compromisso com uma ideia como tal, e contudo a personalidade é bastante capaz de tal compromisso.

Deveria ser permitida mais liberdade em muitos aspetos, mas deveria também ser permitida mais liberdade aos outros.” (*Pausa.*)

“As capacidades mais profundas não estão a ser desenvolvidas devido às atitudes rígidas de base. Há uma profunda desconfiança do homem, mas isto baseia-se principalmente nas dificuldades da personalidade do século XV. Estas são projetadas para fora, percebes, e depois combatidas.

Dá-nos um momento, por favor.” (*Pausa.*)

“Uma comunicação, Philip, de alguém bastante distante em termos de espaço, digamos do outro lado do continente, talvez até numa ilha. Ou a pessoa tem ligações com tal lugar. Isto é familiar ou pessoal em vez de profissional, creio eu.” (*Pausa.*)

“Também uma mulher numa vila bastante pequena. Ou o nome dela é Ann ou tem uma mãe ou irmã com o nome Ann.

Ligação com um restaurante ou local onde se serve comida e bebida, talvez com uma árvore muito grande à frente. Não tenho a certeza aqui: a ligação da árvore pode ser Hazelton.

Final de tarde. Um jogo”

(*A Jane fez uma pausa, olhos fechados, depois abanou a cabeça, confusa.*)

“Que tem algo a ver com palavras.

Têm alguma pergunta?”

(*Houve silêncio.*)

“Tal curiosidade espanta-me.”

(*“A Barbara teve filhos na sua última vida, a de Oklahoma?”*)

“Na vida de Oklahoma, cinco.”

([Barbara:] “Qual era o meu primeiro nome nessa vida de Oklahoma?”)

(Com muito humor:)

“Não vais gostar. É, infelizmente, Soda.”

([Barbara:] “Queres dizer S o d a?”)

“Exatamente. Não me culpes. Não fui eu que te pus o nome, talvez fosses efervescente. Saíste da escola na sexta classe, mas na tua vila eras considerada bastante instruída, percebes. Havia a Escola da Sr.^a Thompson para Raparigas.”

“Ensinada por uma senhora solteira na sua casa.”

(“A Barbara está, psiquicamente, ligada a algum dos cinco filhos nesta vida?”)

“Com dois deles. Daremos essa informação mais tarde.”

([John:] “Qual será o resultado da comunicação enviada por mim para Filadélfia hoje?”)

“Agora, meu caro amigo... dá-me um momento.” *(Pausa.)*

“Uma resposta muito insípida. Não será ignorada, mas a resposta será tão insípida que parecerá que a tua comunicação não foi compreendida.

Havia um desafio envolvido, talvez implícito, e creio que não será aceite, mas será compreendido. Será contornado. A resposta será educada em comparação.” *(Pausa.)* “O homem que a receber compreenderá. Um homem a quem ele a mostrar, não. Nenhuma reunião resultará diretamente daí.

Podes fazer uma pausa e continuaremos.”

(22:11. Quanto aos dados do Seth: o John disse que a informação da ilha podia estar correta e ter uma ligação familiar. O cunhado dele, que é engenheiro industrial numa empresa de contraplacado, está agora, ou estará em breve, no Havai durante um mês.

(Em relação à Ann, nada ocorreu ao John de imediato. Mas disse que a ligação com o bar podia muito bem aplicar-se a Hazelton, PA, e que a Ann podia estar ligada a isto. Não soube dizer sobre a árvore grande.

(O John disse que não deu à sua carta para Filadélfia a mesma interpretação que o Seth, quando a escreveu; mas que a interpretação do Seth podia estar correta e, portanto, os resultados poderiam muito bem ser como ele prevê.)

(O Bill e a Peggy Gallagher estão de férias em Nova Iorque esta semana e o Seth ia dar dados sobre eles durante a sessão desta noite. A Jane retomou a um ritmo mais lento, olhos fechados, às 22:20.)

“Dá-nos um momento, por favor.” (*Pausa.*)

“Estas impressões aplicam-se aos nossos amigos o jesuíta e o amante de gatos.

O quarto; uma cadeira verde, modernista, de plástico, com pernas de madeira — verde escuro. Uma colcha” (*gesticulando*) “com padrão saliente em estilo ‘hobnail’. Um aparelho no qual se colocam moedas.

O número 202, talvez um endereço ou número de quarto. Um conjunto, sul-americano. Conchita.

Um pergaminho, que não compreendo. Um encontro com um conhecido. O número 12. Catorze degraus e um relógio circular, muito grande, acima de uma escadaria, com raios a saírem dele em dourado, de madeira, de design náutico.” (*Gesticula.*)

“Três amigos e uma história de desastre, embora não muito forte. Algo partido no quarto onde ficam, um vidro talvez ou espelho, um pequeno acidente insignificante. Um dedo ligeiramente cortado.”

(*Pausa.*) “Um objeto antigo que prezam. Uma miscelânea de objetos dispostos em forma de pirâmide, e pessoas vestidas como polícias que não são polícias. Foram para o quarto pouco depois das sete, e saem dele de novo. Jantam num local que começa com D. Não é isto: soa como Den-i-ah (*minha interpretação fonética*), no entanto.

O jantar fica por \$7,95. O menu tem imagens de sereias ou dançarinas havaianas.” (*Pausa.*) “Há um bar comprido e escuro, um estabelecimento longo e estreito, mesas à esquerda, demasiadas pessoas para serem servidas. Têm de esperar.

Estou a dar-vos pausas frequentes, pois o Ruburt está a lidar principalmente com este tipo de trabalho esta noite, e há uma diferença na energia utilizada. Continuaremos em breve.

Uma paragem na 74th Street e um endereço na 82nd Street.”

(22:31. A Jane disse ter tido uma imagem vaga do bar longo e estreito enquanto falava. Retomou ao mesmo ritmo lento, mas com uma voz bastante boa, às 22:47.)

“Ora bem. Em breve encerraremos a nossa sessão.

Havia uma relação entre ti e o teu amigo,” (*pausa*) “na existência de Oklahoma. Ele era a tua avó.”

(Aqui o Seth refere-se ao amigo da Barbara, o Dick. Tínhamos estado a falar das duas relações durante a pausa.)

“Ele criou-te, e foi nessa casa que viveste. Havia muitos problemas não resolvidos que agora estão a ser trabalhados. Entraremos em mais material pessoal, se quiseres, noutra sessão.” *(Pausa.)* “Há também uma ligação com um indivíduo onde trabalhas. Se ninguém tiver mais perguntas, encerraremos a sessão.”

([John:] “A data de 16-26 de Abril ainda tem relevância?” [O Seth deu esta data ao John na Sessão 313. Ver páginas 249-250.]

“Tem. Há mais alguma coisa?”

([Barbara:] “Aconselhas-me a não ter um encontro com o Kenneth?”)

“Sugiro que tomes as tuas próprias decisões, minha jovem, pois ao tomá-las descobrirás as tuas forças e fraquezas. Sabes o que deves fazer, e a decisão tem de ser tua.

Não te darei conselhos agora, nas tuas circunstâncias particulares, pois aconselhar-te não seria ajudar-te. Estás a olhar para o passado, no entanto, e deverias olhar para o futuro. Aprenderás com tal encontro, em qualquer caso, e já te dispuseste a ir.

Ajudar-te-ei a confiares mais em ti mesma, mas não tomarei decisões por ti, nem permitirei que me uses nesse sentido. Digo-o com toda a bondade.”

([Barbara:] “Dirás se ele está interessado num encontro, ou se vai concordar apenas por minha causa, como é o seu feitio?”)

“Dá-nos um momento, por favor... Encontramos que não acreditamos que ele esteja interessado no tipo de relação que tens em mente. Está algo sentimentalmente intrigado, mas não está disposto a mudar a estrutura dos seus dias, e não é resoluto. Ele percebe que, no fundo, esperas o que ele não pode dar. Haverá sentimento. Não haverá qualquer compromisso básico a longo prazo.

Agora podes, de facto, encerrar a sessão ou fazer uma pausa, como preferires.”

(“Bem, acho que é altura de terminar.”)

“Os meus mais calorosos votos para todos vós. *(Para o John:)* E o teu bar portátil não são os únicos espíritos no teu carro.”

(“Boa noite, Seth.”)

(“Boa noite, Seth.” [Barbara e John.]